

SÉRIE COM MAIS DE 3 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

BRENT WEEKS À MARGEM DAS SOMBRAS

ANJO DA NOITE | LIVRO 2

O assassino perfeito
não tem identidade





À MARGEM
DAS
SOMBRAS





O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além,

mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



BRENT WEEKS
À MARGEM
DAS
SOMBRAS

ANJO DA NOITE | LIVRO 2



Título original: *Shadow's Edge*
Copyright © 2008 por Brent Weeks
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com a Donald Maass Literary Agency.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada,
reproduzida ou comercializada em planos de assinatura sem autorização por escrito
dos editores.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Flávia Midori e Suelen Lopes

projeto gráfico, adaptação de capa e diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Isabelle Hirtz / Inkcraft

imagem de capa: Calvin Chu

foto do autor: © Travis Johnson

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W413m

Weeks, Brent

À margem das sombras [recurso eletrônico]/ Brent Weeks; tradução de Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2017.

recurso digital (Anjo do noite; 2)

Tradução de: *Shadow's edge*

Sequência de: *Caminho das sombras*

Continua com: *Além das sombras*

Formato: ePub, Mobi e PDF

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-624-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título. III. Série.

16-36557

CDD: 813

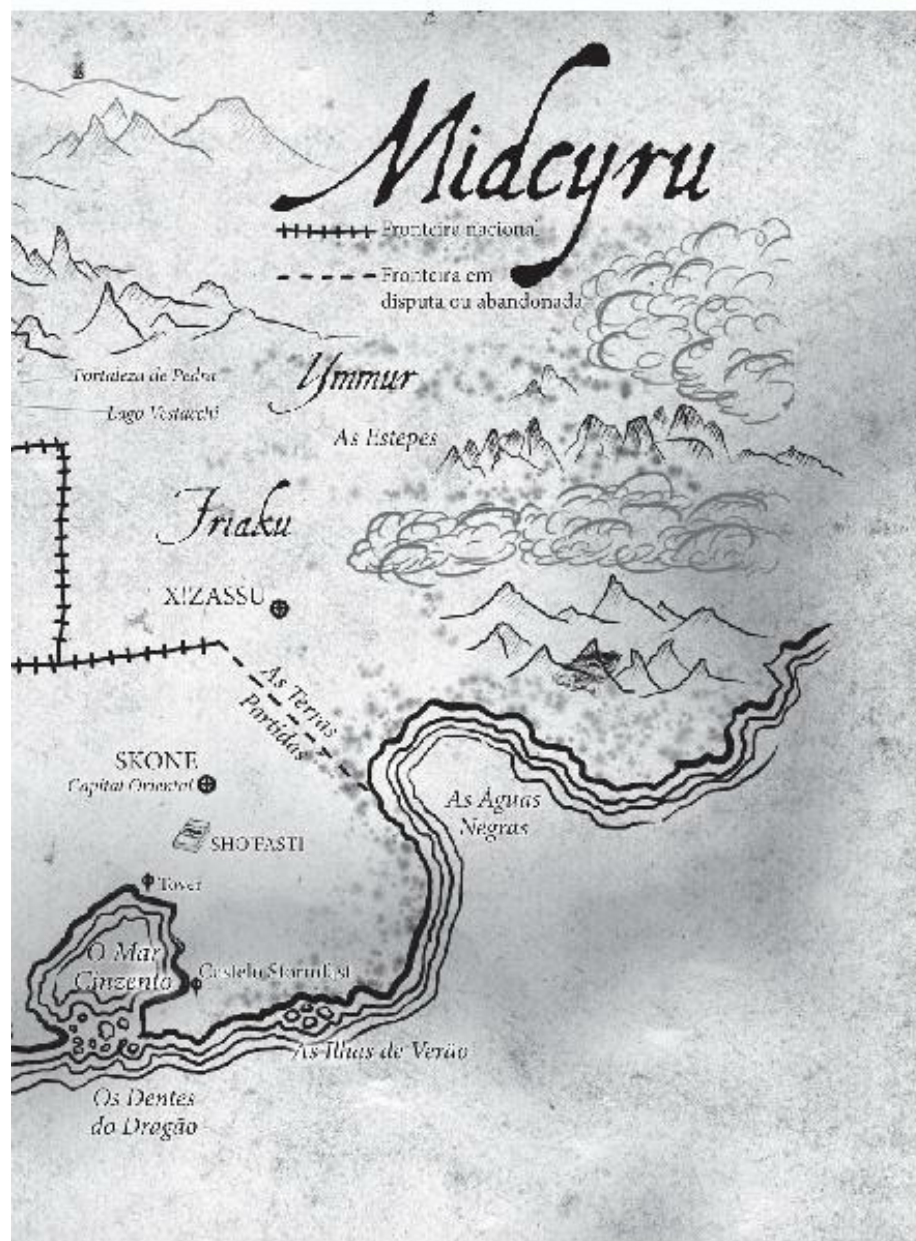
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Kristi, por nunca duvidar –
nem quando eu duvidei.*

*Para Kevin, porque o trabalho do irmão mais velho
é tornar o caçula mais forte.
Usei tudo o que me ensinou.
(Mas nunca me recuperei daquele incidente
no campinho.)*









— Temos um contrato para você – disse Mama K.

Como sempre, ela estava sentada feito uma rainha: as costas eretas, o vestido suntuoso perfeito, o cabelo penteado imaculadamente, apesar de grisalho nas raízes. Tinha olheiras profundas. Kylar supôs que nenhum dos líderes sobreviventes do Sa'kagé dormisse bem desde a invasão khalidori.

— Bom dia para a senhora também – respondeu Kylar, acomodando-se na cadeira de espaldar alto no escritório.

Mama K não se virou para encará-lo. Em vez disso, ficou olhando pela janela. A chuva da noite anterior tinha apagado parte dos incêndios, mas a fumaça continuava, banhando a cidade num alvorecer carmesim. As águas do rio Plith, que separavam as Tocas da rica região leste de Cenária, estavam vermelhas como sangue. A cor, entretanto, não era causada apenas pelo efeito do sol obscurecido pela fumaça. Desde a semana do golpe, os invasores de Khalidor tinham massacrado milhares de pessoas.

— Há um probleminha – observou Mama K. – A vítima sabe que vai acontecer.

— Ela sabe? Como descobriu?

Em geral, o Sa'kagé não era tão descuidado.

— Nós contamos.

Kylar esfregou as têmporas. Isso significava que a vítima só podia ser um homem: o conquistador de Cenária, o Deus-rei de Khalidor, Garoth Ursuul.

— Não, obrigado. Só vim pegar meu dinheiro – disse Kylar. – Meus esconderijos foram queimados. Só preciso do suficiente para subornar os guardas do portão.

Desde que era criança, ele entregava a Mama K uma parte de seus ganhos para que ela investisse. Ela devia ter o suficiente para alguns subornos.

Mama K folheou em silêncio as páginas de papel de arroz em sua mesa e entregou uma a Kylar. A princípio ele ficou pasmo com os números. Estava envolvido na importação ilegal de erva-de-arruaça e meia dúzia de outras plantas viciantes, possuía um cavalo de corrida, era sócio numa cervejaria e vários outros negócios, fazia parte de um esquema de agiotagem e era dono de cargas de sedas e pedras preciosas. Cargas legítimas, a não ser pelo fato de que o Sa'kagé pagava 20 por cento de subornos em vez dos 50 por cento de impostos. A quantidade de

informações na página era estonteante. Ele não sabia o que significava metade daquilo.

– Eu tenho uma casa? – perguntou.

– *Tinha*. Esta coluna denota mercadorias perdidas nos incêndios ou saques. – Havia marcas na margem de todas, a não ser em uma expedição de seda e uma de erva-de-arruaça. Quase tudo o que ele possuía estava perdido. – Nenhuma expedição vai retornar, já que o Deus-rei está apreendendo tudo. Claro, se ele estivesse morto...

Dava para ver onde aquilo ia parar.

– Minha parte ainda vale entre 10 e 15 mil. Vendo a você por mil. É só disso que preciso.

Ela o ignorou.

– Eles precisam de um terceiro derramador para garantir que dê certo. Cinquenta mil gunders por uma morte, Kylar. Com esse valor você pode levar Elene e Uly para qualquer lugar. Terá feito um bem ao mundo e nunca mais precisará trabalhar de novo. Um último serviço.

Ele hesitou por um instante.

– Sempre há um último serviço. Eu parei.

– É por causa de Elene, não é? – perguntou Mama K.

Kylar suspirou.

– Mama K, você acha que um homem pode mudar?

Ela o encarou com tristeza profunda.

– Não. E vai acabar odiando todos que pedirem isso.

Sem dizer uma palavra, Kylar se levantou e saiu. No corredor, encontrou Jarl. O amigo estava rindo da mesma maneira que fazia quando os dois eram garotos e ele aprontava alguma coisa. Usava o que devia ser a nova moda: uma túnica comprida com ombreiras exageradas, acompanhada por uma calça justa enfiada nas botas de cano alto. Parecia vagamente khalidori. O cabelo tinha tranças pequenas e elaboradas, entremeadas de contas de ouro que se destacavam na pele negra.

– Tenho o serviço perfeito para você – sussurrou Jarl, mas sem se preocupar com a possibilidade de alguém ouvir.

– Esse serviço inclui matar alguém?

– Mais ou menos.



– Sua Santidade, os covardes estão prontos para se redimir – anunciou o vürdmeister Neph Dada.

Ele era um velho encurvado, seu corpo repleto de manchas e veias saltadas, fedendo a morte – a qual ele mantinha afastada à custa de magia. Sua respiração vacilava devido ao esforço de subir para a plataforma no grande pátio do castelo de Cenária. Doze cordas com nós pendiam dos ombros de seu manto preto, indicando as doze shu'ras que ele havia dominado. Neph se ajoelhou com dificuldade e ofereceu um maço de palhas ao Deus-rei.

O Deus-rei Garoth Ursuul estava na plataforma inspecionando as tropas. Quase duzentos guerreiros das terras altas de Graavar, selvagens grandes, de peito amplo e olhos azuis, que usavam cabelo preto curto e bigode comprido. Dos dois lados estavam as outras tribos de elite das terras altas que dominaram o castelo. Para além deles se encontrava o resto do exército regular que havia penetrado em Cenária.

Uma névoa subia do rio Plith e deslizava por baixo dos dentes enferrujados da grade levadiça, esfriando a multidão. Os homens de Graavar foram divididos em quinze grupos de treze cada, e somente eles não tinham armas, armadura ou túnicas. Vestiam calças, os rostos pálidos suando em vez de tremer na fria manhã de outono.

Não havia comoção enquanto o Deus-rei inspecionava as tropas, mas hoje o silêncio chegava a incomodar. Garoth tinha reunido cada soldado possível e permitido que os serviçais, os nobres e as pessoas comuns de Cenária também assistissem. Meisters, com suas capas pretas e vermelhas, estavam de pé, ombro a ombro com vürdmeisters, soldados, fazendeiros, tanoeiros, nobres, trabalhadores do campo, criadas, marinheiros e espiões cenários.

O Deus-rei vestia uma ampla capa branca com acabamento em arminho, fazendo seus ombros parecerem enormes. Por baixo ficava uma túnica branca sem mangas e largas calças da mesma cor. Todo esse branco fazia sua clara tez khalidori parecer fantasmagórica e atraía atenção para o vir que brincava na sua pele. Marcas negras de energia subiam à superfície dos braços. Avolumavam-se e desciam, moviam-se para trás e para a frente, para cima e para baixo em ondas, se projetando. Garras riscavam a pele por baixo. E seu vir não estava confinado aos braços. Subia até emoldurar o rosto. Subia até a careca e furava a pele, formando uma coroa preta, espinhenta e móvel. Escorria sangue pelas laterais de seu rosto.

Para muitos cenários, era a primeira vez que viam o Deus-rei. Estavam de queixo caído. Tremiam quando seu olhar passava sobre eles. Era exatamente essa a reação que ele pretendia. Por fim, Garoth pegou as palhas de Neph Dada, jogou metade fora e ficou com doze pedaços inteiros.

– Assim Khali falará – disse com a voz robusta de poder.

Sinalizou para os homens de Graavar subirem à plataforma. Durante a libertação, eles tinham recebido a ordem de tomar o pátio, conter os nobres cenários e trucidá-los. Em vez disso, os guerreiros das terras altas haviam sido afugentados e Terah Graesin e seus nobres escaparam. Isso era inaceitável, inexplicável, não era

característico dos ferozes graavar. Garoth não entendia o que levava homens a lutar num dia e fugir no outro.

Mas entendia o que era a vergonha. Por isso, obrigou-os a limpar estábulos, esvaziar penicos e lavar pisos. Não tiveram permissão para dormir. Passaram as noites polindo as armaduras e as armas de seus superiores. Hoje iriam expiar a culpa para que, no ano seguinte, ficassem ansiosos para provar seu heroísmo. Enquanto se aproximava do primeiro grupo, com Neph ao lado, Garoth acalmou o vir das mãos. Quando os homens pegassem suas hastes de palha deviam pensar que não eram a obra da magia ou o prazer do Deus-rei que poupavam um e condenavam outro. Era o simples destino, a consequência inexorável de sua covardia.

Garoth ergueu as mãos e todos os khalidori rezaram:

– *Khali vas, Khalivos ras en me, Khali mevirtu rapt, recu virtum defite.*

Quando terminaram, o primeiro soldado se aproximou. O pobre rapaz não tinha nem 16 anos, apenas uma sombra de bigode. Parecia à beira de um colapso nervoso enquanto seu olhar ia do rosto gelado do Deus-rei para as hastes de palha. Seu peito nu brilhava devido ao suor à luz da manhã, os músculos tremiam. Tirou uma palha. Era longa.

Metade da tensão se esvaiu de seu corpo, mas apenas metade. O rapaz ao lado dele, tão parecido que devia ser seu irmão mais velho, lambeu os lábios e pegou uma palha. Era curta.

Um alívio incômodo atravessou o resto do esquadrão. Pela reação deles, as milhares de pessoas que assistiam de longe sabiam que a palha curta havia sido pega. O homem que a tirou se virou para o irmão mais novo, que desviou o olhar. O condenado fitou incrédulo o Deus-rei e lhe entregou a palha curta.

Garoth deu um passo atrás.

– Khali falou – anunciou.

Houve um ofegar coletivo e ele assentiu para o esquadrão. Eles cercaram o rapaz, todos – até o irmão –, e começaram a espancá-lo.

Teria sido mais rápido se Garoth deixasse que o esquadrão usasse armaduras, cabos de lanças ou de espadas. Mas ele achava melhor assim. Queria que o sangue respingasse na pele dos soldados. Queria que sentissem o calor do sangue do rapaz enquanto este agonizava. Que conhecessem o preço da covardia.

Os khalidori não fugiam.

O esquadrão atacou com entusiasmo. O círculo se fechou e os gritos ressoaram. Havia algo íntimo em carne nua batendo em carne nua. O rapaz desapareceu e tudo o que podia ser visto eram cotovelos subindo e desaparecendo a cada soco, pés recuando para novos chutes. Instantes depois, sangue. O rapaz havia se tornado a fraqueza deles. Era o decreto de Khali. Ele não era mais irmão ou amigo, era tudo o que tinham feito de errado.

Em dois minutos, o rapaz estava morto.

Os homens do esquadrão voltaram à posição de sentido, sujos de sangue e ofegantes pelo esforço e pela emoção. Não olharam o cadáver. Garoth examinou um de cada vez, demorando-se mais no irmão. Parado junto ao cadáver, Garoth estendeu a mão. O vir se projetou do pulso e se estendeu, agarrando a cabeça do cadáver. Depois as garras se convulsionaram e a cabeça estalou com um som molhado que deixou dezenas de cenários com ânsia de vômito.

– Seu sacrifício foi aceito. Agora vocês estão limpos – anunciou e os saudou.

Eles devolveram a saudação com orgulho e ocuparam os lugares de costume no pátio, enquanto o corpo era arrastado para longe.

Ele indicou o próximo esquadrão. A barbárie se repetiria mais catorze vezes. Ainda que a tensão continuasse atravessando cada soldado – até os que estavam livres do perigo perderiam amigos e familiares nesse processo –, Garoth perdeu o interesse.

– Neph, o que sabe sobre esse homem, esse *Anjo da Noite* que matou meu filho?



O castelo de Cenária estava longe de ser o lugar preferido de Kylar. Ele tinha se disfarçado de curtidor, com uma tintura temporária manchando-lhe as mãos e os braços até os cotovelos, uma túnica de lã suja e várias gotas de um perfume especial que seu falecido mestre Durzo Blint desenvolvera. Fedia ligeiramente menos do que um curtidor de verdade. Durzo sempre havia preferido disfarces de curtidores, criadores de porcos, mendigos e outros tipos que as pessoas respeitáveis faziam o máximo de esforço para não encontrar. O perfume só era aplicado nas vestimentas externas, de modo que, se houvesse necessidade, elas poderiam ser abandonadas. Bem, parte do fedor ainda permaneceria. Todo disfarce tinha um lado negativo. A arte era combinar os pontos negativos com o tipo de serviço.

A ponte de East Kingsbridge havia sido queimada durante o golpe e continuava fechada, ainda que os meisters tivessem consertado parte dela. Assim, Kylar atravessou a West Kingsbridge. Os guardas khalidori mal olharam para ele. Parecia que a atenção de todo mundo – até dos meisters – estava fixada numa plataforma no centro do pátio do castelo, em um grupo de homens das terras altas. Kylar ignorou o esquadrão na plataforma enquanto procurava ameaças. Ainda não tinha certeza se os meisters podiam ver seu Talento, mas suspeitava de que não. As capacidades deles pareciam mais ligadas ao olfato do que à magia – que fora o principal motivo para ele ter vindo como curtidor. Se um meister chegasse perto, Kylar esperava que os

cheiros mundanos atrapalhassem os mágicos.

Havia quatro guardas de cada lado do portão, seis em cada segmento da muralha do castelo, e talvez mil em formação no pátio, além dos cerca de duzentos guerreiros de Graavar. Na multidão, cinquenta meisters estavam postados a intervalos regulares. No centro daquilo tudo, na plataforma temporária, encontravam-se vários nobres cenários, cadáveres mutilados e o próprio Deus-rei Garoth Ursuul, falando com um vürdmeister. Era ridículo, mas, mesmo com aquele número de soldados e meisters, era provavelmente a melhor chance que um derramador teria para matar o sujeito.

Mas Kylar não estava ali para matar. Tinha vindo estudar um homem para o serviço mais estranho que já aceitara. Examinou a multidão e logo o encontrou. O barão Kirof tinha sido vassalo dos Gyre. Como seu senhor fora morto e suas terras ficavam próximas da cidade, fora um dos primeiros nobres cenários a se ajoelhar diante de Garoth Ursuul. Era um sujeito gordo com barba ruiva cortada ao estilo das terras baixas de Khalidori, grande nariz torto, queixo pequeno e enormes sobrancelhas peludas.

Kylar chegou mais perto. O barão Kirof estava suando, enxugava as palmas das mãos na túnica e parecia nervoso enquanto falava com os nobres khalidori que o acompanhavam. Kylar ia passando em volta de um homem alto e fedorento quando o sujeito subitamente deu uma cotovelada em seu plexo solar.

O golpe tirou-lhe o fôlego. Ao mesmo tempo que se curvava, o ka'kari se empoçou na sua mão e formou uma adaga.

– Se queria ver melhor, que chegasse mais cedo. Este lugar é meu! – bradou o homem.

Em seguida, cruzou os braços, enrolando as mangas para mostrar os bíceps enormes. Com esforço, Kylar fez o ka'kari voltar para dentro da pele e pediu desculpas, com os olhos baixos. O brutamontes deu um riso de desprezo e voltou a assistir à diversão.

Kylar se acomodou para uma observação decente do barão Kirof. O Deus-rei tinha passado por metade dos esquadrões e os corretores do Sa'kagé agora aceitavam apostas sobre quem morreria de cada grupo de treze. Os soldados khalidori notaram isso e não gostaram da brincadeira. Kylar se perguntou quantos morreriam naquele dia quando os soldados percorressem a cidade à noite, lamentando seus mortos e, com fúria, o modo como o Sa'kagé sujava tudo em que tocava.

Preciso sair desta maldita cidade.



O esquadrão seguinte tinha chegado ao décimo homem sem que nenhum tirasse a palha curta. Quase valia a pena prestar atenção enquanto os homens ficavam mais e mais desesperados à medida que as chances pioravam. O décimo primeiro homem, com cerca de 40 anos e todo feito de tendões e cartilagens, tirou a palha curta. Mastigou a ponta do bigode enquanto devolvia a palha ao Deus-rei, mas, fora isso, não revelou qualquer emoção.

Neph olhou para onde a duquesa Jadwin e seu marido estavam sentados na plataforma.

– Examinei a sala do trono e senti uma coisa peculiar. Todo o castelo cheira à magia que matou tantos dos nossos meisters. Mas alguns pontos na sala do trono simplesmente... não. É como se tivesse havido um incêndio numa casa, mas não existisse cheiro de fumaça em apenas um dos cômodos.

Agora o sangue jorrava e Garoth estava praticamente certo de que o sujeito devia estar morto, mas o esquadrão continuava batendo, batendo, batendo.

– Isso não combina com o que sabemos sobre o ka’kari prateado – disse Garoth.

– Não, Santidade. Creio que exista um sétimo ka’kari, secreto, que nega a magia. Acho que esse tal Anjo da Noite o possui.

Garoth pensou nisso enquanto as fileiras se formavam de novo, deixando um cadáver diante dos homens. O rosto do sujeito tinha sido completamente destruído. Fora um trabalho impressionante. Ou o esquadrão havia se esforçado muito para provar o compromisso ou não gostava do pobre coitado. Garoth assentiu, satisfeito. Estendeu de novo a garra do vir e esmagou a cabeça do cadáver.

– Seu sacrifício foi aceito. Agora vocês estão limpos.

Dois dos seus guarda-costas levaram o cadáver para a lateral da plataforma. Eles estavam empilhados ali, no meio do sangue, de modo que, mesmo que os cenários não pudessem ver a morte de cada homem, vissem a consequência.

Quando o esquadrão seguinte começou, Garoth disse:

– Um ka’kari escondido durante setecentos anos? Que capacidade ele concede? A de se esconder? De que isso serve para mim?

– Santidade, com um ka’kari assim o senhor ou um agente de confiança poderiam entrar no coração do Chantry e tirar cada tesouro que eles têm sem ser visto. É possível que seu agente entre na própria mata de Ezra e tire sete séculos de artefatos para o senhor. Não haveria mais necessidade de exércitos ou sutilezas. Num só golpe o senhor poderia agarrar toda a Midcyru pelo pescoço.

Meu agente. Sem dúvida Neph corajosamente se ofereceria para a perigosa tarefa. De qualquer modo, a simples ideia de um ka’kari assim ocupou o pensamento de Garoth durante a morte de mais um rapaz, dois homens no auge da forma e um guerreiro experiente que tinha um dos maiores prêmios por mérito que o

Deus-rei concedia. Somente esse homem tinha algo que lembrava traição nos olhos.

– Cuide disso – ordenou Garoth.

Imaginou se Khali sabia sobre esse sétimo ka’kari. Imaginou se Dorian sabia. Dorian, seu primeiro filho reconhecido. Dorian, que teria sido seu herdeiro. O profeta, o traidor. Dorian estivera ali, Garoth tinha certeza. Somente Dorian poderia ter trazido Curoch, a poderosa espada de Jorsin Alkestes. Algum mago a usou por um único instante e obliterou cinquenta meisters e três vürdmeisters, depois desapareceu. Neph estava esperando que Garoth perguntasse sobre isso, mas o Deus-rei aparentemente tinha desistido de encontrar Curoch. Dorian não era bobo. Não teria trazido Curoch para tão perto se achasse que poderia perdê-la. Como você suplanta um homem que consegue ver o futuro?

O Deus-rei franziu os olhos enquanto esmagava outra cabeça. Toda vez que fazia isso, sujava de sangue sua roupa cor de neve. Era algo deliberado, mas irritante. Não havia nada digno em ter sangue espirrado no olho.

– Seu sacrifício foi aceito – disse aos homens. – Agora vocês estão limpos.

Parou na frente da plataforma enquanto o esquadrão voltava a ocupar o lugar na formatura. Durante todo esse tempo não tinha se virado para encarar os cenários sentados na plataforma atrás dele. Agora fez isso.

O vir saltou enquanto ele se virava. Gavinhas pretas se arrastavam pelo rosto, amontoavam-se nos braços, pelas pernas e até se projetavam das pupilas. Permitiu a elas um momento para sugar a luz, de modo que o Deus-rei parecia uma estranha mancha de escuridão à luz da manhã. Em seguida, voltou ao normal. Apenas queria que os nobres o vissem.

Não havia um olho que não estivesse arregalado. Não era somente o vir ou a majestade inerente de Garoth que os deixavam pasmos. Eram os cadáveres empilhados como lenha dos dois lados e atrás dele, emoldurando-o como a uma pintura. Era o sangue e os miolos espirrados na roupa branca. Ele era espantoso em seu poder e terrível em sua majestade. Talvez, se a duquesa Trudana Jadwin sobrevivesse, ele fizesse com que ela pintasse aquela cena.

O Deus-rei olhou para os nobres. Ele se perguntou se algum já havia percebido quantos eles próprios eram: treze. Estendeu o punhado de hastes de palha para os nobres.

– Venham – disse. – Khali irá limpá-los.

Desta vez, não tinha intenção de deixar o destino decidir quem morreria. O comandante Gher olhou para o Deus-rei.

– Santidade, dever haver algum...

Ele parou. Os Deuses-reis não cometiam erros. O rosto de Gher perdeu a cor. Ele tirou uma palha comprida. A maior parte dos que estavam ali era de nobres inferiores – homens e mulheres que faziam o governo do falecido rei Aleine Gunder

IX funcionar. Todos tinham sido facilmente subvertidos. A extorsão podia ser simples demais. Mas Garoth não ganhava nada matando esses peões, ainda que tivessem fracassado com ele.

Isso o levou até Trudana Jadwin. Era a décima segunda na fila e seu marido, o último. Garoth fez uma pausa. Deixou que os dois se entreolhassem. Eles sabiam que um dos dois morreria. Tudo dependia da escolha de Trudana. O duque engolia em seco.

– De todos os nobres aqui, você, duque Jadwin, é o único que jamais esteve a meu serviço. Portanto, obviamente não fracassou comigo. Sua mulher, por outro lado, sim.

– O quê? – perguntou o duque. E olhou para Trudana.

– Não sabia que ela traía você com o príncipe? Ela o assassinou seguindo as minhas ordens.

Havia algo lindo em estar no meio do que deveria ser um momento privado. O rosto pálido de medo do duque ficou cinzento. Sem dúvida ele não percebera, como acontecia à maioria dos traídos. Garoth podia ver a compreensão batendo no coitado. Cada leve suspeita que ele havia descartado, cada desculpa ruim que tinha ouvido o golpeava.

De modo intrigante, Trudana Jadwin parecia abalada. Sua expressão não era de indignação. Ele tinha pensado que ela lhe apontaria o dedo, diria ao marido que a culpa era dele. Em vez disso, seus olhos mostravam culpa. Garoth só podia supor que o duque havia sido um marido decente e que ela soubesse disso. Ela o havia traído porque queria, e agora duas décadas de mentiras desmoronavam.

– Trudana – disse o Deus-rei antes que qualquer um dos dois pudesse falar –, você me serviu bem, mas poderia ter servido melhor. Aqui está sua recompensa e seu castigo: a palha curta está à sua esquerda.

Ela olhou nos olhos de Garoth, escurecidos pelo vir, e para as palhas. Depois, para o marido. Ela se lembraria daqueles segundos para sempre. Garoth sabia que a expressão do duque assombraria Trudana Jadwin enquanto ela vivesse. O Deus-rei não tinha dúvida do que ela escolheria, mas obviamente Trudana se achava capaz do sacrifício.

Preparando-se, ela estendeu a mão para a palha curta e parou. Olhou para o marido, desviou o olhar e tirou a palha comprida. O duque uivou. Foi lindo. O som rasgou cada coração cenário que estava no pátio. Uma reação perfeita para levar a mensagem do Deus-rei: *poderia ser você*.

Enquanto os nobres – inclusive Trudana – cercavam o duque com a morte no coração, cada um deles sentindo-se amaldiçoado por ter que participar daquilo, o duque se virou para a esposa:

– Eu amo você, Trudana. Sempre amei.

Em seguida, puxou a capa sobre o rosto e desapareceu no tumulto de carne.
O Deus-rei sorriu.



Enquanto Trudana Jadwin hesitava com relação à escolha que tinha feito, Kylar pensou que aquele seria o momento perfeito para atacar se tivesse aceitado o serviço de Mama K. Todos os olhos estavam voltados para a plataforma.

Kylar tinha se virado para o barão Kirof, estudando o choque e o horror no rosto dele, quando notou que apenas cinco guardas estavam na muralha atrás do barão. Recontou rapidamente: seis, mas um deles não era guarda... e segurava um arco e um punhado de flechas na mão.

Um estalo áspero soou no centro do pátio e Kylar vislumbrou a parte de trás da plataforma temporária se rachando e caindo. Alguma coisa flamejando em cores cintilantes voou pelo ar. Enquanto as pessoas se viravam na direção daquilo, Kylar deu as costas. A bomba de clarão explodiu, e centenas de civis e soldados gritaram, ofuscados. Agora Kylar sabia quem era o sexto homem na muralha: Jonus Severing, um derramador com cinquenta mortes no currículo. Uma flecha com ponta de ouro foi disparada contra o Deus-rei.

As mãos do Deus-rei cobriam seus olhos, enquanto escudos de energia brotavam ao seu redor. A flecha acertou um dos escudos e explodiu em chamas. Outra flecha já estava a caminho. Ela passou por um escudo, mas acertou outro. Jonus Severing disparava com velocidade espantosa. Estava usando seu Talento para segurar as flechas no ar, de modo que, assim que fazia um disparo, a próxima já chegava às pontas dos dedos. Os escudos explodiam mais depressa do que o Deus-rei podia criá-los.

Pessoas gritavam, ofuscadas. Os cinquenta meisters ao redor do pátio erguiam escudos ao redor de si mesmos, derrubando todo mundo que estivesse por perto.

O derramador escondido atrás da plataforma pulou sobre ela, do lado cego do Deus-rei. Hesitou enquanto um último escudo oscilante brotava a centímetros da pele de Garoth Ursuul. Surpreso, Kylar viu que ele não era um derramador. Era uma criança de 14 anos, o aprendiz de Jonus Severing. O garoto estava tão concentrado no Deus-rei que não se manteve abaixado. Kylar ouviu o estalo de uma corda de arco ali perto e viu o garoto cair enquanto o último escudo do Deus-rei explodia.

Pessoas corriam para o portão, pisoteando os vizinhos. Vários meisters, ainda cegos e em pânico, disparavam projéteis verdes indiscriminadamente contra a multidão e os soldados ao redor. Um guarda-costas tentou derrubar o Deus-rei para afastá-lo do perigo. Atordoadado, Garoth interpretou errado o gesto e um martelo de

vir lançou o enorme guerreiro das terras altas por entre os nobres na plataforma.

Kylar se virou para ver quem tinha matado o aprendiz do derramador. A menos de 10 passos, estava Hu Gibbet, o carnicheiro que tinha trucidado toda a família de Logan Gyre, o melhor derramador da cidade, agora que Durzo Blint estava morto.

Jonus Severing já ia fugir, sem desperdiçar um momento de angústia por seu aprendiz morto. Hu disparou uma segunda flecha e Kylar a viu cravar-se nas costas de Jonus. O derramador caiu da muralha sumindo de vista, mas Kylar não teve dúvida. Ele estava morto.

Hu Gibbet havia traído o Sa'kagé e agora tinha salvado o Deus-rei. O ka'kari estava na mão de Kylar antes mesmo que ele percebesse. *O quê? Eu não mataria o arquiteto da destruição de Cenária, mas agora vou matar um guarda-costas?* Claro, chamar Hu Gibbet de guarda-costas era como chamar um urso de “bicho fofinho”, mas o argumento permanecia. Kylar puxou o ka'kari de volta para a pele.

Abaixando-se para que Hu não visse seu rosto, juntou-se aos cenários que fugiam pelo portão do castelo.



A propriedade dos Jadwin havia sobrevivido aos incêndios que reduziram boa parte da cidade a escombros. Kylar chegou ao portão da frente, muito bem vigiado, e os guardas abriram a portinhola para ele sem dizer nada. Kylar só havia parado para tirar o disfarce de curtidor e esfregar o corpo com álcool para se livrar do cheiro. Tinha certeza de que havia chegado antes da duquesa, mas notícias ruins chegam rápido. Os guardas já usavam faixas pretas amarradas nos braços.

– É verdade? – perguntou um deles.

Kylar confirmou com a cabeça e foi para a cabana atrás da casa onde moravam os Cromwyll. Elene era a última órfã que eles haviam adotado, e todos os seus irmãos assumiram outras profissões ou foram servir em outras casas. Somente sua mãe adotiva ainda servia aos Jadwin. Desde o golpe, Kylar, Elene e Uly tinham ficado ali. Era a única opção depois da destruição dos esconderijos de Kylar. Como ele fora dado como morto, não queria ficar em nenhum dos esconderijos do Sa'kagé, onde poderia ser reconhecido. De qualquer modo, ninguém queria ficar nas ruas com os bandos de khalidori à solta.

Não havia ninguém na cabana, por isso Kylar foi até a cozinha da casa principal. Uly, de 11 anos, estava de pé numa banquetta, inclinada diante de uma bacia de água com sabão, lavando panelas. Kylar se aproximou rapidamente e pegou-a por baixo de um dos braços, girou-a enquanto ela gritava de alegria, e a recolocou no lugar.

– Está mantendo Elene longe de encrenca, como eu mandei? – perguntou à menina, com um olhar feroz.

Uly suspirou.

– Tentei, mas acho que ela não tem jeito.

Kylar gargalhou, e ela também. Uly tinha sido criada por serviçais no castelo de Cenária, acreditando que era órfã. Na verdade, ela era filha de Mama K e Durzo Blint. Durzo só ficara sabendo da existência dela nos últimos dias de vida, e Kylar havia prometido que cuidaria da menina. Depois do incômodo inicial de explicar que não era pai dela, as coisas correram melhor do que Kylar poderia ter esperado.

– Não tem jeito? Vou mostrar a você quem não tem jeito – disse uma voz.

Elene carregava um enorme caldeirão com os restos do cozido da véspera, e deixou-o ao lado da pilha de pratos de Uly.

Ela gemeu, e Elene deu uma risada maligna. Kylar se maravilhou ao reparar como havia mudado em apenas uma semana, ou talvez a mudança estivesse em como ele a via. Elene ainda tinha as cicatrizes grossas que Rato lhe dera quando era criança: um X sobre os lábios grossos, outro maior na bochecha e um crescente que ia da sobrancelha até o canto da boca. Mas Kylar mal notava isso. Agora via pele radiante, olhos brilhando de inteligência e felicidade, o riso torto, não por causa de uma cicatriz, e sim de travessura planejada. E como uma mulher podia ficar tão bem usando roupas de criada e um avental? Era um dos grandes mistérios do universo.

Elene pegou um avental no gancho e olhou para Kylar com um brilho predador nos olhos.

– Ah, não – disse Kylar.

Ela passou o avental por cima da cabeça dele e puxou-o para perto, devagar e sedutora. Estava olhando para os lábios dele e Kylar não pôde deixar de olhar para os dela, enquanto Elene os molhava com a língua.

– Acho... – disse ela em voz baixa, as mãos deslizando pela lateral do corpo.

Uly tossiu alto, mas nenhum dos dois ligou. Elene o puxou, as mãos nas costas de Kylar, na altura da cintura, a boca se inclinando para cima, o cheiro doce preenchendo as narinas dele.

–... que assim está muito melhor. – Ela apertou o nó do avental às costas dele e o soltou abruptamente, recuando para fora do alcance. – Agora você pode me ajudar. Quer cortar as batatas ou as cebolas?

Uly e ela gargalharam diante do ultraje no seu rosto.

Kylar saltou e Elene tentou se desviar, mas ele usou seu Talento para agarrá-la. Estivera treinando na semana anterior, ainda que só pudesse estender o alcance a cerca de mais ou menos um passo além dos próprios braços. Isso bastou para puxar Elene e beijá-la. Ela mal fingiu lutar antes de corresponder o beijo com igual fervor. Por um momento o mundo se contraiu até a maciez dos lábios de Elene e a sensação do corpo dela apertado contra o dele.

Uly começou a fazer sons de vômito. Kylar estendeu a mão e espirrou a água dos pratos na direção dela. Os sons de vômito foram substituídos abruptamente por um grito agudo. Elene se soltou e cobriu a boca, tentando não rir.

Kylar tinha conseguido encharcar totalmente o rosto de Uly. Ela levantou a mão e espirrou água de volta nele, e ele deixou que a água o acertasse. Esfregou o cabelo molhado dela de um modo que sabia que ela não gostava.

– Certo, metidinha, eu mereci isso. Trégua. Onde estão as batatas?

Acomodaram-se na rotina tranquila do trabalho na cozinha. Elene perguntou o que tinha visto e, apesar de Kylar verificar o tempo todo se não havia alguém escutando, ele contou tudo sobre o barão e a tentativa de assassinato do Deus-rei. Compartilhar “como foi o dia” talvez fosse a coisa mais enfadonha que um casal

poderia fazer, mas Kylar tinha se negado aos luxos tediosos do amor por tanto tempo que falar a verdade para uma pessoa com quem se importava lhe era imensuravelmente precioso. Durzo ensinara a Kylar que um derramador devia ser capaz de se afastar de tudo. Um derramador vivia sozinho.

Era por causa de momentos assim que Kylar havia saído do caminho das sombras. Tinha passado mais de metade da vida treinando incansavelmente para se tornar o matador perfeito. Agora, não queria mais matar.

– Eles precisavam de um terceiro homem para o serviço – disse Kylar. – Alguém para ficar de vigia e reserva com a faca. Nós poderíamos ter feito. A noção de tempo deles era boa demais. Bastaria um segundo que acontecesse de modo diferente e eles teriam conseguido. Se eu estivesse lá, Hu Gibbet e o Deus-rei estariam mortos. Teríamos ganhado 50 mil gunders. – Ele parou diante de um pensamento sinistro. – Gunders. Acho que não vão usar mais esse nome, agora que todos os Gunder estão mortos.

Suspirou.

– Você quer saber se fez a coisa certa – disse Elene.

– É.

– Kylar, sempre haverá pessoas tão ruins que achamos que elas merecem morrer. No castelo, quando Roth estava... machucando você, eu cheguei perto de matá-lo. Se aquilo tivesse demorado só um pouquinho mais... Não sei. O que sei é o que você me contou sobre o que as mortes causaram na sua alma. Não importa o bem que elas pareçam fazer ao mundo, elas destroem a gente. Não posso ver isso, Kylar. Gosto demais de você.

Era a única condição que Elene havia estabelecido para sair da cidade com Kylar: que ele parasse com as mortes e a violência. Ele ainda estava confuso demais. Não sabia se o jeito de Elene era o certo, mas tinha visto o suficiente para saber que o de Durzo e Mama K não era.

– Você acredita mesmo que violência atrai violência? Que menos pessoas inocentes vão morrer se eu parar de matar?

– Acredito.

– Certo – disse Kylar. – Então há um serviço que preciso fazer esta noite. Acho que podemos ir embora de manhã.



O Cu do Inferno não era lugar para um rei. Lá ficava a cadeia que os cenários chamavam de Bocarra. A entrada da Bocarra era uma visão demoníaca esculpida em vidro vulcânico. Os prisioneiros eram obrigados a descer uma rampa frequentemente escorregadia devido às bexigas afrouxadas pelo medo. No Buraco, a extremidade mais baixa da cadeia, a arte do escultor em pedra fora deixada de lado em troca dos puros temores viscerais evocados pelos espaços comprimidos, o escuro, as alturas, os uivos fantasmagóricos do vento subindo das profundezas e o conhecimento de que todo prisioneiro fora considerado indigno de uma morte limpa.

No Buraco fazia um calor implacável e o lugar fedia a enxofre e dejetos humanos em suas três formas: merda, mortos e carne suja. Só havia uma tocha, muito acima, do outro lado da grade que separava os animais humanos do resto dos prisioneiros da Bocarra.

Onze homens e uma mulher compartilhavam a prisão com Logan Gyre. Eles o odiavam por sua faca, por seu corpo poderoso e por sua fala culta. De algum modo, mesmo nesse zoológico de pesadelo composto por criaturas abomináveis e deturpadas, ele era diferente, isolado.

Logan estava sentado, encostado na parede. A prisão era circular. No meio ficava um buraco com cinco passos de largura que dava num abismo. As laterais do abismo eram perfeitamente verticais, de vidro vulcânico liso. Não havia como adivinhar a profundidade. Quando os prisioneiros chutavam seus dejetos no buraco, não ouviam nenhum som. A única coisa que escapava do Buraco era o fedor profundo de um inferno sulfúrico e os uivos intermitentes produzidos pelo vento ou pelas almas torturadas dos mortos, ou fosse lá o que fizesse aquele som capaz de destruir a sanidade.

A princípio, Logan tinha se perguntado por que seus companheiros defecavam junto à parede e só depois – se é que faziam isso – chutavam as fezes no buraco. A primeira vez que precisou se aliviar, compreendeu: você teria que ser insano para se agachar perto do Buraco. Não podia fazer nada ali que o deixasse vulnerável. Quando um preso precisava passar por outro, arrastava os pés rapidamente e com suspeitas, rosnando, sibilando e xingando num jorro que fazia as palavras perderem o significado. Empurrar outro prisioneiro era o modo mais fácil de matar.

O que tornava tudo pior era que a laje de rocha que envolvia o Buraco tinha

apenas três passos de largura e o chão era inclinado na direção do centro. Era a encosta fina e escorregadia para a morte. Logan não tinha dormido nos sete dias desde o golpe. Piscou. Sete dias. Estava começando a ficar fraco. Até mesmo Fin, que tinha pegado a maior parte da última carne, não se alimentava havia quatro dias.

– Você dá azar, Treze – disse Fin, olhando-o feroz por cima do abismo. – Eles não trazem comida desde que você chegou.

Fin era o único que o chamava de Treze. O resto tinha aceitado o nome que ele se dera num momento de loucura: Rei.

– Quer dizer, desde que você *comeu* o último guarda? – perguntou Logan. – Acha que isso pode ter algo a ver?

A fala provocou risos em todo mundo, menos em Rangido, o simplório, que apenas sorriu de forma inexpressiva através de dentes limados.

Fin não disse nada, só continuou mastigando a corda em suas mãos. Ele era o prisioneiro mais temido. Logan não o chamaria de líder porque isso implicaria uma ordem social entre os presos. Os homens eram como feras: malcuidados, a pele tão suja que ele não podia adivinhar qual seria sua cor antes da prisão, olhos tomados pela loucura, ouvidos alertas ao menor som. Todo mundo tinha sono leve. Havia *comido* dois homens no dia em que ele havia chegado.

Chegado? Eu pulei aqui dentro. Poderia ter tido uma morte boa e limpa. Agora estou aqui para sempre, ou pelo menos até me comerem. Deuses, eles vão me comer!

Foi distraído desse horror e do desespero crescente pelo movimento de alguém do outro lado do Buraco. Era Lilly. Somente ela não ficava grudada às paredes. Não ligava para o Buraco, era intrépida. Um homem estendeu a mão e agarrou seu vestido.

– Agora não, Jake – disse ela ao caolho.

Jake a segurou por mais um instante, mas ela ergueu uma sobrancelha, então ele só baixou a mão e xingou. Lilly sentou-se ao lado de Logan. Era uma mulher comum, de idade indeterminada. Poderia ter 50 anos, mas Logan supôs que estaria mais próxima dos 20: ainda tinha a maior parte dos dentes.

Não falou durante muito tempo. Depois, coçando a virilha distraidamente, disse:

– O que você vai fazer?

Sua voz era jovem.

– Vou sair e tomar meu país de volta.

– Certo. Continue com essa merda de ser rei. Faz com que eles pensem que você é maluco. Vejo você olhando em volta feito um garotinho perdido. Está vivendo com animais. Se quer continuar vivo, seja um monstro. Se deseja alguma coisa, enterre-a bem fundo. Depois faça o que tiver que fazer.

Ela deu um tapinha no joelho dele e foi até Jake. Em instantes, Jake chafurdava em cima dela. Os animais não se importaram. Nem olharam.



A loucura o estava dominando. Dorian só se mantinha na sela por instinto. O mundo exterior parecia distante, sem importância, enterrado em névoa, ao passo que as visões eram próximas, vitais, vibrantes. O jogo estava acontecendo e as peças se moviam, e a visão de Dorian se expandia como nunca antes. O Anjo da Noite voaria para Caernarvon. Seus poderes cresciam, mas ele não os usava.

O que está fazendo, garoto? Dorian se agarrou à vida dele e a acompanhou. Falara com Kylar uma vez e havia profetizado sua morte. Agora sabia por que também não tinha previsto que esse Anjo da Noite morreria e não morreria. Durzo o havia confundido. Dorian vira a vida de Durzo se cruzando com outras. Vira, mas não entendera.

Sentiu-se instigado a tentar seguir as vidas de Durzo até a primeira, quando ele recebera o ka'kari agora usado por Kylar. Ficou tentado a ver se podia encontrar a vida de Ezra, o Louco – sem dúvida uma vida assim arderia com tanto brilho que ele não poderia deixar passar. Talvez ali pudesse seguir Ezra, aprender o que ele sabia. Ezra tinha criado o ka'kari sete séculos antes, e o ka'kari tinha tornado Kylar imortal. Eram apenas três passos para chegar a um dos magos mais respeitados e vilipendiados da história. Três passos! Encontrar alguém tão famoso morto tanto tempo atrás. Era tentador, mas demoraria. Talvez meses. Mas, ah, as coisas que ele poderia aprender!

As coisas que eu poderia aprender sobre o passado enquanto o presente se despedaça. Concentre-se, Dorian! Concentre-se!

Montando de volta na vida de Kylar, Dorian a seguiu desde a juventude nas Tocas, sua amizade com Elene e Jarl, o estupro de Jarl, a mutilação de Elene, a primeira vez que Kylar matou, aos 11 anos, o aprendizado com Durzo, a instrução com Mama K, a influência do conde Drake, a amizade de Kylar com Logan, o reencontro com Elene, o roubo do ka'kari, o golpe no castelo, a morte de seu mestre e o encontro de Roth Ursuul.

Meu irmão mais novo, pensou Dorian. *Tão monstruoso quanto eu já fui.*

Concentre-se, Dorian. Imaginou ter ouvido algo, um grito, algum movimento no mundo, mas não se permitiria ser distraído de novo. Estava começando a chegar a algum lugar. Ali! Viu Kylar envenenar Mama K por justiça e lhe dar o antídoto por misericórdia.

Podia saber quais escolhas um homem fazia, mas não poderia adivinhar para

onde Kylar se voltaria no futuro. Tendo a chance de tirar a vida de sua amante ou de seu mentor, havia optado por dar a sua. O touro oferecera cada um dos chifres, e Kylar tinha saltado por cima da cabeça dele. Era este o Kylar que importava. Nesse momento, Dorian viu a alma nua de Kylar.

Agora tenho você. Agora conheço você.

Houve uma dor súbita no braço de Dorian, mas ele não soltaria o rapaz agora que segurava com firmeza. Kylar ansiava por sintetizar as realidades cruéis da rua com os impulsos piedosos com os quais o conde Drake o havia infectado. Infectado? A palavra vinha de Kylar. Assim como Durzo, às vezes ele enxergava a misericórdia como fraqueza.

Você vai ser tremendamente difícil, não vai? Dorian gargalhou enquanto olhava Kylar lidando com o incompetente Sa'kagé de Caernarvon, enquanto colhia ervas, pagava impostos, travava disputas de vontade com Elene, tentava ser um humano normal. Mas ele não estava se saindo bem, a pressão aumentava. Kylar tira seus trajes cinza de derramador, vai para os telhados – *engraçado, ele faz isso independentemente de suas escolhas até este ponto* –, e numa noite há uma batida à porta. Jarl aparece para pôr Kylar em outro dilema entre a mulher que ama e a vida que deveria odiar. Um dever de honra e traição. Kylar é sombra no crepúsculo, um colosso com um pé plantado no dia e outro na noite. Mas uma sombra é uma fera efêmera. O crepúsculo precisa se tornar noite ou clarear para o dia. Kylar abre a porta para Jarl, com os futuros se chocando...

– Maldição, Dorian!

Feir estava lhe dando um tapa. De repente, Dorian percebeu que Feir o acertara várias vezes, porque seu maxilar latejava dos dois lados. Alguma coisa errada acontecera com seu braço esquerdo. Tentou encontrar a velocidade certa do tempo.

Havia uma flecha se projetando de seu braço. Uma flecha banhada em preto, de um guerreiro khalidori das terras altas. Envenenada.

Feir lhe deu outro tapa.

– Pare! Pare! – berrou Dorian, balançando as mãos. Isso fez seu braço esquerdo doer. Gemeu e fechou os olhos com força, mas tinha retornado. Sanidade. – O que aconteceu?

– Um ataque – respondeu Feir.

– Alguns idiotas tentando levar lembrancinhas para casa – disse Solon.

As lembrancinhas, no caso, seriam as orelhas de Solon, Feir e Dorian. Um dos quatro cadáveres usava duas orelhas penduradas num colar. Pareciam frescas.

– Estão todos mortos? – perguntou Dorian.

Era hora de fazer alguma coisa com relação à flecha. Solon assentiu de um jeito infeliz e Dorian contou a história da breve batalha. O ataque acontecera enquanto Feir e Dorian estavam montando o acampamento. O sol ia descendo por entre as

montanhas Faltier e os agressores tinham vindo do monte, achando que o sol iria ofuscá-los. Dois arqueiros tentaram cobrir a aproximação de seus amigos, mas erraram as primeiras flechas.

Depois disso, o resultado fora previsível. Solon não era ruim com uma espada e Feir – que parecia uma montanha e era monstruosamente forte e rápido – era um mestre de armas brancas. Solon deixara Feir cuidar dos inimigos com espadas. Não tinha sido rápido o bastante para evitar que Dorian recebesse uma flechada, mas matara os dois arqueiros com magia. Tudo havia durado menos de dois minutos.

– Pena que são do clã Churaq – comentou Solon, cutucando um dos rapazes com tatuagens pretas. – Teriam prazer em matar os sacanas do clã Hraagl que estão vigiando as carroças khalidori que estamos seguindo.

– Achei que os Ventos Uivantes eram inexpugnáveis – observou Feir. – Como eles chegaram a este lado da fronteira?

Solon balançou a cabeça. Isso atraiu a atenção de Dorian para o cabelo dele. Como Solon tinha matado cinquenta meisters usando Curoch – e quase se matado com a pura quantidade de magia usada para isso –, seu cabelo estava ficando branco. Não um grisalho de velho, e sim um branco cor de neve que formava um contraste nítido com o rosto de um homem no auge da forma, bonito, com a pele moreno-clara dos sethi e as feições cinzeladas por uma vida militar. A princípio, Solon tinha reclamado que sua visão estava toda em cores loucas e em preto e branco devido ao uso de Curoch, mas isso parecia ter passado.

– Inexpugnável, sim – disse Solon. – Mas esses rapazes podem escalar as montanhas. Um monte deles morre no meio do caminho, ou surgem tempestades de lugar nenhum e os arrancam da pedra. Mas nada os impede se tiverem sorte e forem fortes. Não vai cuidar dessa flecha, Dorian?

Dorian era Hoth'salar, um Irmão da Cura; sua esperança de curar a própria loucura o levava a conhecer os melhores curandeiros. De repente, em volta da flecha, um líquido começou a encharcar seu braço.

– O que é isso? – questionou Feir.

– Toda a umidade do sangue que já foi envenenado. Vai grudar à flecha quando você puxá-la – disse Dorian.

– Eu?! – perguntou Feir, com a expressão melindrosa no rosto contrastando totalmente com seu corpanzil.

– Você é ridículo! – exclamou Solon. – Eu faço.

Em seguida estendeu a mão e arrancou a flecha. Dorian ofegou e Feir precisou segurá-lo. Solon olhou para a flecha. As farpas tinham sido achatadas de modo a não rasgar a carne na saída, mas a haste estava coberta com uma casca preta de sangue e do veneno transformado numa estrutura cristalina. Aquilo fizera a haste inchar até ter o triplo da grossura original.

Enquanto Dorian arfava, fluxos de magia começaram a dançar no ar feito minúsculos vaga-lumes, como uma centena de aranhas tecendo teias reluzentes, tapeçarias de luz. Essa era a parte que impressionava os outros homens. Teoricamente, qualquer mago podia se curar, mas por algum motivo isso, além de, em geral, não funcionar direito, era doloroso. Quando um mago curava outra pessoa, podia entorpecer o paciente. Quando se curava, entorpecer qualquer coisa poderia levar a erros e à morte. As magas, por outro lado, não tinham esse problema. Elas se curavam rotineiramente.

– Você é incrível – disse Solon. – Como faz isso?

– É só concentração – respondeu Dorian. – Eu treinei muito.

Ele sorriu e se sacudiu, como se jogasse fora o cansaço. Em poucos instantes, seu rosto ficou animado e presente, de um modo que vinha se tornando cada vez mais raro.

Solon ficou perplexo. A loucura de Dorian era irreversível. Aumentaria até que ele se tornasse um idiota babão dormindo ao relento ou em celeiros. Seria totalmente desconsiderado e teria apenas um ou dois momentos de lucidez por ano. Esses momentos viriam quando não houvesse ninguém por perto para ouvir o que ele tinha aprendido.

– Pare com isso – disse Dorian a Solon. – Acabei de ter uma revelação – falou com um risinho para que eles soubessem que tinha sido mesmo uma revelação. – Estamos indo na direção errada. Pelo menos você está. – Apontou para Feir. – Você precisa seguir Curoch indo para o sul, até Ceura.

– Como assim? – perguntou Feir. – Achei que *estávamos* seguindo a espada. De qualquer modo, meu lugar é com você.

– Solon, você e eu precisamos ir para o norte, para os Ventos Uivantes – disse Dorian.

– Espere aí – reagiu Feir.

Mas os olhos de Dorian tinham ficado vítreos de novo. Ele tinha ido embora.

– Maravilha – disse Feir. – Juro que ele faz isso de propósito.



4

Passava da meia-noite quando Jarl se juntou a eles na pequena cabana dos Cromwyll. Estava mais de uma hora atrasado. A mãe adotiva de Elene estava dormindo no quarto que todos compartilhavam, de modo que Kylar, Elene e Uly ocupavam a sala. Uly tinha caído no sono encostada em Kylar, mas deu um pulo e se sentou imediatamente, cheia de terror, quando Jarl entrou.

Para onde estou arrastando essa menininha?, pensou Kylar. Mas apenas a abraçou, acalmando-a.

– Desculpe – disse Jarl. – Os soldados estão castigando as Tocas em represália à tentativa de assassinato. Eu queria voltar para verificar umas coisas, mas fecharam as pontes.

Kylar notou que Jarl evitava contar os detalhes porque Uly estava na sala. Considerando como as coisas eram ruins nas Tocas antes da tentativa de assassinato, mal podia imaginar como deviam estar esta noite. Teria sido pior se o Deus-rei tivesse sido morto. Violência atrai violência.

– Isso quer dizer que o serviço foi cancelado? – perguntou, para que Elene e Uly não fizessem mais perguntas sobre as Tocas.

– Está de pé – respondeu Jarl. Em seguida entregou uma bolsa a Elene. Parecia estranhamente leve. – Tomei a liberdade de subornar os guardas do portão. O preço subiu, e garanto que amanhã vai aumentar de novo. Você tem a lista dos horários em que os guardas que subornamos estão trabalhando esta semana?

Jarl abriu um embrulho e pegou uma túnica, uma calça creme e botas pretas de cano alto.

– Memorizei – respondeu Kylar.

– Olhe – observou Elene. – Sei que Kylar está acostumado a pegar serviços em que não sabe por que está fazendo o que faz, mas *eu* preciso saber. Por que alguém está pagando 500 gunders para que ele finja morrer? É uma fortuna!

– Não para um duque khalidori – disse Jarl. – Os duques de Khalidor não são iguais aos nossos, porque a nobreza lá é sempre inferior aos meisters. Mas os meisters ainda precisam de pessoas para lidar com os camponeses e assim por diante, de modo que o duque Vargun é rico, mas precisou lutar por cada migalha de poder que possui. Ele veio a Cenária esperando subir de nível, mas o cargo que achou que ocuparia, comandando a guarda real de Cenária, foi dado a Hurin Gher,

atualmente comandante Gher.

– Como pagamento por ter levado os nobres de Cenária a uma emboscada durante o golpe. Traidor! – observou Kylar.

– Exato. O comandante Gher vai às docas uma vez por semana, de manhã, com alguns de seus homens de maior confiança para pegar dinheiro de suborno do Sa’kagé e fingir que está patrulhando. Nessa manhã ele vai ver seu rival, o duque Vargun, cometer o assassinato de um nobre cenário menos importante, o barão Kirof. O comandante Gher terá o prazer de prender o duque. Dentro de alguns dias ou semanas o barão Kirof “morto” vai aparecer. O comandante Gher cairá em desgraça por ter prendido um duque sem motivo, e provavelmente o duque Vargun ocupará o cargo dele. Várias coisas podem dar errado, motivo pelo qual Kylar vai receber 500 gunders.

– Parece complicado demais – disse Elene.

– Confie em mim – replicou Jarl. – Em se tratando de política khalidori, isso é simples.

– Como o Sa’kagé vai se aproveitar disso? – perguntou Kylar.

Jarl riu.

– Nós tentamos pegar o barão Kirof, mas parece que o duque não é idiota. Kirof já foi embora.

– O Sa’kagé sequestraria o barão Kirof? Por quê? – perguntou Elene.

– Se o Sa’kagé pegasse Kirof – respondeu Kylar –, poderia chantagear o comandante Gher. No momento em que Kirof aparecesse, o comandante Gher saberia que estaria condenado, por isso o Sa’kagé iria controlá-lo.

– Sabe – disse Elene –, às vezes tento imaginar como esta cidade seria sem o Sa’kagé, mas não consigo. Quero sair daqui, Kylar. Posso ir com você esta noite?

– Não há espaço suficiente para um adulto – respondeu Jarl por ele. – De qualquer modo, eles estarão de volta ao amanhecer. Uly? Kylar? Estão prontos?

Kylar assentiu e, séria, Uly o imitou.

Duas horas depois estavam nas docas, prontos para se separarem. Uly iria se esconder embaixo do cais, numa balsa camuflada para que se assemelhasse a um amontoado de destroços. Quando Kylar caísse na água, ela estenderia uma vara para ele agarrar e voltar à superfície. Mal haveria espaço suficiente na pequena balsa para Uly se agachar e a cabeça de Kylar emergir. Assim que ele emergisse, os “destroços” desceriam a correnteza pela distância de algumas centenas de passos até outra doca, onde eles sairiam.

– E se tudo der errado? Quer dizer, errado de verdade? – perguntou Uly.

O frio da noite tinha deixado as bochechas de Uly vermelhas. Isso a fazia parecer ainda mais nova.

– Então diga a Elene que eu sinto muito.

Kylar espanou a frente da túnica creme. Suas mãos estavam tremendo.

– Kylar, estou com medo.

– Uly – disse ele, virando-se para os grandes olhos castanhos da menina. – Eu queria dizer... quer dizer, eu quero... – Ele desviou o olhar. – Ah, eu gostaria que você não me chamasse pelo meu nome de verdade quando estamos num serviço. – Deu-lhe um tapinha na cabeça. Ela odiava isso. – Como estou?

– Igualzinho ao barão Kirof... se eu estreitar bem os olhos.

Essa última parte foi por causa do tapinha na cabeça, ele sabia.

– Já falei que você é um pé no saco? – perguntou ele.

Ela apenas riu.

Em algumas horas as docas estariam repletas de estivadores e marinheiros preparando as cargas para o sol nascente. Por enquanto, o lugar estava silencioso, a não ser pelo som das ondas. O vigia noturno da doca tinha sido subornado, mas o maior medo eram os grupos de soldados khalidori que podiam passar por ali. Felizmente parecia que nesta noite a maior parte deles estava nas Tocas.

– Bom, vejo você do outro lado – disse ele com um risinho. Era a coisa errada a falar. Os olhos de Uly se encheram de lágrimas. – Vá – disse com mais gentileza. – Vou ficar bem.

Ela foi e, quando estava segura, o rosto dele começou a tremeluzir. O rosto magro e jovem de Kylar produziu uma papada, uma barba ruiva brotou no estilo khalidori, seu nariz ficou torto e as sobrancelhas se tornaram grandes escovas grossas. *Agora* ele era o barão Kirof.

Pegou um espelho de mão e se examinou. Fez uma carranca. O nariz ilusório encolheu um pouco. Abriu a boca, sorriu, fez uma careta e piscou, vendo como o rosto se movia. Não estava bom, mas iria servir. Uly teria ajudado a ajeitar o rosto, mas quanto menos ela soubesse sobre seus talentos, melhor. Começou a andar pelo cais.

– Santos Deuses – disse o duque Tenser Vargun quando ele se aproximou. – É você?

O duque estava suando e exibia uma palidez perceptível até mesmo à luz das tochas no fim do cais.

– Duque Vargun, recebi sua mensagem – disse Kylar em voz alta, estendendo a mão e apertando o pulso do duque. Em seguida baixou o tom. – Você vai ficar bem. Só faça tudo como planejamos.

– Obrigado, barão Kirof – disse o duque, um tanto dramático. E baixou a voz de novo. – Então você é o jogador.

– Sou. Vamos tentar não me tirar do trabalho.

– Nunca matei ninguém.

– Vamos garantir que esta noite não seja a primeira vez. – Kylar olhou para a

adaga com joias no cabo, enfiada no cinto do duque. Era um objeto passado de pai para filho na família do duque, e sua perda inexplicável seria uma das provas de que o duque havia matado mesmo o barão Kirof. – Se fizer isso você vai para a prisão, e não será uma prisão boa. Podemos cancelar.

Kylar balançou as mãos enquanto falava, como o verdadeiro barão Kirof fazia quando ficava nervoso.

– Não, não. – O duque parecia tentar se convencer. – Você já fez isso antes?

– Enganar alguém fingindo ser outra pessoa? Claro. Se fingi que já fui morto? Não.

– Não se preocupe. Eu... – O olhar de Tenser foi para além de Kylar e sua voz ficou retesada de medo. – Eles chegaram.

Kylar se afastou do duque como se tivesse levado um susto.

– Isso é uma ameaça? – gritou.

Era apenas uma imitação razoável da voz do barão. O duque agarrou seu braço.

– Você vai fazer o que eu mandar!

– Ou então o quê? O Deus-rei vai ficar sabendo disso.

Agora eles tinham a atenção dos guardas.

– Você não vai contar nada!

Kylar soltou o braço.

– Você não é inteligente o bastante para ocupar o trono, duque Vargun. É um covarde e... – Ele baixou a voz. – *Uma* facada. A bexiga com sangue está bem em cima do meu coração. Eu faço todo o resto.

Kylar contorceu o rosto do barão num riso de desprezo e se virou.

O duque Vargun agarrou o braço de Kylar e puxou-o. Com um gesto violento, cravou a adaga – não na bexiga de sangue de ovelha, mas na barriga. Cravou uma vez, duas, e de novo e de novo. Cambaleando para trás, Kylar olhou para baixo. Sua túnica creme estava pingando sangue preto-avermelhado. As mãos de Tenser estavam ensanguentadas e salpicos vermelhos cobriam o azul de sua túnica.

– O que está fazendo? – ofegou Kylar, mal ouvindo o assobio na outra extremidade do cais. Cambaleou, agarrando a ponta do corrimão para se segurar.

Suando profusamente, o cabelo preto pendendo frouxo, Tenser o ignorou. Cada traço do nobre hesitante e de fala entrecortada que ele havia sido um minuto antes desaparecera. Agarrou um bocado do cabelo de Kylar. Se avançasse mais alguns centímetros, destruiria o rosto de mentira.

Enquanto passos começavam a ressoar pelo cais, o duque Vargun deixou Kylar cair de joelhos. Através dos olhos ofuscados de dor, Kylar viu o comandante Gher caminhando pelo cais, a espada na mão e dois guardas atrás. O duque Vargun passou a adaga pela garganta de Kylar, fazendo o sangue jorrar. Então, com tanta emoção quanto um lenhador cravando o machado num toco para a próxima vez que fosse

rachar lenha, o duque Vargun cravou a adaga no ombro de Kylar.

– Pare! Pare agora ou você morre! – berrou o comandante Gher.

O duque Vargun encostou uma bota de pele de bezerro no ombro de Kylar e sorriu. Com um empurrão, jogou-o do cais para o rio. A água estava tão fria que Kylar ficou entorpecido – ou talvez fosse por causa da perda de sangue. Tinha inalado o ar antes de bater na água, mas um pulmão não cooperava. Em poucos instantes, o ar borbulhou pela boca e – de modo desconcertante – pela garganta.

Houve uma agonia enquanto ele respirava a água densa e suja do Plith. Sacudiu-se debilmente, mas só por um momento. Seu corpo dolorido era apenas uma pulsação distante. Algo cutucou seu corpo e ele tentou agarrá-lo instintivamente. Deveria agarrar. Havia algo que ele deveria lembrar, sobre uma vara para puxá-lo.

Mas se sua mão ao menos se mexeu, ele não soube. O mundo não ficou preto, não se esvaiu em escuridão. Sua visão ficou branca, o cérebro esfomeado enquanto o sangue jorrava pelo pescoço. Algo o cutucou de novo. Ele desejou que aquilo parasse. A água estava quente, uma nuvem perfeita e pacífica.

O duque Tenser Vargun afastou o olhar do rio faminto e levantou as mãos. Virou-se lentamente e disse:

– Estou desarmado. Eu me rendo. – Em seguida, sorriu como se não pudesse evitar. – Boa noite, *comandante*.



Esse Deus-rei vai me esfolar ou me foder?

Vi Sovari estava sentada na câmara de recepção do lado de fora da sala do trono do castelo de Cenária, esforçando-se para ouvir o Deus-rei enquanto brincava com o guarda que não podia deixar de encará-la. Qualquer coisa que pudesse descobrir sobre o motivo para ter sido chamada poderia salvar sua vida. Seu mestre, Hu Gibbet, tinha acabado de trazer o duque Tenser Vargun – um dos nobres de Khalidor que haviam se oferecido para ajudar na assimilação de Cenária pelo império khalidori. Aparentemente o duque assassinara algum nobre cenário.

Isso devia representar um problema interessante para o rei que se considerava deus. Tenser Vargun era um vassalo de confiança, mas deixá-lo livre provocaria sérias consequências. Os nobres cenários que haviam se ajoelhado para servir a Garoth poderiam se rebelar. Os nobres cenários que estavam escondidos teriam novas provas da brutalidade khalidori para atrair mais pessoas para suas bandeiras.

Mas por que o mestre Gibbet está aqui? Hu havia exalado aquele ar de esperteza que Vi conhecia bem demais.

Cruzou as pernas para recapturar a atenção do guarda. De acordo com Hu Gibbet, isso era estratégico. O movimento das pernas atraía a atenção, virar a cabeça de lado lhe dava segurança e inclinar-se lhe permitia apreciar seu corpo. O decote tinha sua própria magia.

Usava um vestido cerúleo justo, tão fino que era levemente translúcido. Tinha deixado suas intenções claras ao mestre Piccun, de modo que o alfaiate fizera um vestido simples – praticamente sem nenhum bordado, no antigo estilo de runas khalidori na bainha e nos pulsos, uma inscrição de um antigo poema erótico. Sem renda, sem babados, apenas linhas e curvas limpas. O mestre Piccun era um mulherengo inveterado, e esse era o único vestido que ele declarara ser adequado para ser visto pelo Deus-rei.

– O sujeito tem dezenas de esposas – fungou o alfaiate. – Deixe que aquelas vacas falem com seda. Você vai cantar os tons mais doces da carne.

Se o guarda fosse como a maioria dos homens, olharia por dois ou quatro segundos, verificaria se ninguém estava notando-o encarar e depois encararia de novo. O truque era... *Agora.*

Vi levantou o rosto e o encarou justamente quando ele começava a olhar de

novo. Prendeu-o na parede com os olhos. A culpa relampejou nas feições do sujeito, e, antes que ele pudesse encobrir isso com ousadia ou desviasse o olhar, ela se levantou e foi até ele.

O guarda era khalidori, claro, por isso ela se ajustou de acordo. A noção de espaço pessoal dos khalidori não era tão ampla quanto a dos cenários. Ultrapassar o espaço pessoal dele, com todas as conotações que acompanhavam isso, implicava chegar tão perto que ele pudesse sentir não somente o seu perfume, mas também o seu hálito. Aproximou-se e o sustentou com os olhos por mais um segundo, até que ele estivesse a ponto de falar.

– Com licença – disse ela, ainda fitando-o com expressão intensa. – Posso me sentar aqui?

– Eu não estava olhando... quer dizer...

Vi ocupou a cadeira dele, a 30 centímetros da porta, os ombros inclinados para a frente, o rosto virado para cima, angelical. Usava o cabelo louro preso no alto, de modo que as tranças não obscurecessem sua visão.

Era tentador demais. Os olhos do guarda percorreram a distância mínima dos olhos dela para o decote e depois saltaram de volta na direção do rosto.

– Por favor? – disse ela com um pequeno sorriso indicando que sim, tinha visto, e não, não se importava.

Ele pigarreou.

– Eu... ah... acho que não seria problema.

Vi o esqueceu imediatamente e começou a prestar atenção.

–... não posso ir diretamente para o Buraco, isso destruiria o objetivo – disse uma voz de tenor.

Devia ser o duque Vargun. Mas ele parecia confiante.

Por que ele parecia confiante?

Vi escutou seu mestre responder, mas não compreendeu. Então o Deus-rei falou, mas ela não captou nada além de:

–... celas comuns até o julgamento. Depois o Buraco...

– Sim, Santidade – disse o duque Vargun.

A cabeça de Vi girou. Fosse lá o que estivessem planejando, o duque khalidori não tinha nada na voz que sugerisse um prisioneiro implorando clemência. Parecia um vassalo obediente, realizando algum objetivo mais elevado, como se à espera de uma recompensa.

Não teve tempo para juntar todas as informações antes que a porta se abrisse e seu mestre saísse com o duque Vargun. Contradizendo o que tinha acabado de ouvir, o duque parecia arrasado, tanto física quanto mentalmente, as roupas desalinhadas e sujas, o olhar fixo no chão.

Hu Gibbet se virou para ela enquanto passavam. O derramador tinha feições

tão delicadas que não poderia ser considerado apenas bonito. Com cabelo louro que chegava aos ombros, olhos grandes e silhueta escultural, ainda era lindo com 30 e tantos anos. Deu seu sorriso de serpente para Vi e disse:

– O Deus-rei vai recebê-la agora.

Vi sentiu um arrepio, mas se levantou e entrou na sala do trono. Naquele mesmo cômodo, o falecido rei Gunder a havia contratado para matar Kylar Stern. Assim como ela era aprendiz de Hu Gibbet, Kylar era aprendiz do outro grande derramador da cidade, Durzo Blint, que era mais respeitado, igualmente temido e menos execrado do que seu mestre. Matar Kylar seria a prova final de Vi, a última morte de seu aprendizado. Significaria libertar-se de Hu.

Ela havia feito bobagem, e mais tarde naquele dia, nesta mesma sala, alguém a quem chamavam de Anjo da Noite tinha matado trinta khalidori, cinco bruxos e o filho do Deus-rei. Ela poderia ser a única pessoa que suspeitava de que *Kylar* era o assassino. *Por Nysos! Kylar virou lenda no mesmo dia em que eu o tive sob a minha faca. Eu poderia ter acabado com uma lenda.*

Agora não havia sinal da batalha. Limparam o sangue, o fogo e a magia da sala do trono. Estava impecável. Sete colunas de cada lado sustentavam o teto abobadado, e grossas tapeçarias khalidori cobriam as paredes lutando contra o frio outonal. O Deus-rei estava sentado no trono cercado por guardas, vürdmeisters com seus mantos pretos e vermelhos, conselheiros e serviçais.

Vi tinha esperado a convocação, mas não fazia ideia do motivo de ter sido convocada. Será que o Deus-rei sabia que Kylar era o Anjo da Noite? Será que ela seria castigada por deixar que o filho do Deus-rei morresse? Será que o homem com dezenas de esposas queria trepar com outra garota bonita? Ou estaria apenas curioso para ver a única derramadora da cidade?

– Você se acha inteligente, Viridiana Sovari? – perguntou o Deus-rei.

Garoth Ursuul era mais novo do que ela havia esperado, devia ter uns 50 anos e ainda era vigoroso. Tinha os braços e o corpo fortes, era careca feito um ovo e seu olhar caiu sobre ela como uma pedra de moinho.

– Sim, Santidade. E me chame de Vi.

Ele sinalizou para ela avançar. Vi subiu os catorze degraus até ficar à frente do trono. Ele a olhou de cima a baixo, não disfarçadamente, como os homens costumavam fazer, não acalorado ou ousado. Garoth Ursuul a olhava como se ela fosse uma pilha de grãos e ele estivesse tentando avaliar o seu peso.

– Tire o vestido – disse ele.

A inflexão da voz não lhe deu nenhuma dica. Poderia ser um comentário sobre o tempo. Será que desejava que ela o seduzisse? Vi não se importava em ser comida por Garoth Ursuul, mas planejava ser péssima caso ele fizesse isso. Virar amante do Deus-rei era perigoso demais. Ela estivera aquecendo a cama de um monstro desde

a puberdade e não queria passar para outro ainda pior. Mesmo assim, deus, rei ou monstro, Garoth Ursuul não era o tipo de pessoa que devesse ser contrariada.

Assim, obedeceu. Em dois segundos o vestido do mestre Piccun deslizou para o chão. Vi não usava roupa de baixo e tinha posto perfume entre os joelhos. Era a obediência mais meticulosa. Ele não poderia censurá-la por isso, mas Vi também sabia que a nudez súbita não era nem de longe tão sedutora quanto se despir vagarosamente ou provocar com roupas íntimas feitas de renda. Que Ursuul a considerasse pouco eficaz em termos de sedução, que a considerasse uma vagabunda, que pensasse o que quisesse, desde que fizesse isso de longe. Além do mais, ela não daria a nenhum homem a satisfação de vê-la recuar. Sentiu os olhares de cada cortesão, conselheiro, vürdmeister, serviçal e guarda no salão. Não se importava. A nudez era sua armadura. Ela ofuscava os idiotas babões. Eles não podiam ver nada além disso enquanto olhassem para o seu corpo.

Garoth Ursuul a analisou de cima a baixo de novo, o olhar não se desviando nem um pouco.

– Você não seria divertida – disse o Deus-rei. – Você já é uma puta.

Por algum motivo, vindas daquele homem terrível, essas palavras se cravaram como farpas. Vi estava nua e ele havia perdido completamente o interesse. Era o que ela quisera, mas mesmo assim doía.

– Todas as mulheres são putas – disse ela. – Quer vendam os corpos, os sorrisos, o charme ou a submissão a um homem e os anos em que podem ter filhos. O mundo torna a mulher uma prostituta, mas a mulher faz seus próprios termos, Santidade.

Ele pareceu achar divertido seu fogo súbito, mas a diversão passou.

– Você acha que eu não veria o que fez com meu guarda? Acha que poderia *me* xeretar?

– Claro que fiz isso – disse Vi, mas agora sua petulância era uma farsa.

Ele me viu? Através da parede? Sabia que precisava manter a bravata, caso contrário poderia se dissolver no chão. Com o Deus-rei, se você quisesse vencer, precisaria jogar como se desprezasse a vida. Mas tinha ouvido sobre jogadores que haviam perdido.

O Deus-rei deu um risinho e seus cortesãos o acompanharam.

– Claro que fez. Gosto de você, *moulina*. Não vou matá-la hoje. Não existem muitas mulheres que topariam entrar numa disputa de mijo a distância com um rei, quanto menos com um deus.

– Não sou como as mulheres que o senhor conheceu – retrucou Vi, antes que pudesse se deter.

O sorriso dele sumiu.

– Você se dá crédito demais. Por isso vou ensiná-la a ser humilde. Mas não

hoje. Seu Sa'kagé está nos causando problemas. Vá até os seus amiguinhos do submundo e descubra quem é o verdadeiro Shinga. Descubra e mate-o.

Vi sentiu-se nua pela primeira vez. Sua armadura oscilou. Deus ou homem, Garoth Ursuul tinha uma confiança titânica. Não exibiu a menor preocupação com a hipótese de ela lhe desobedecer. Não era um blefe. Não era arrogância. Era um simples exercício das prerrogativas de um poder enorme. Agora os cortesãos a encaravam como os cachorros embaixo da mesa de um rei olhavam para um belo pedaço de carne que poderia cair no chão. Vi se perguntou se o Deus-rei iria entregá-la a algum deles – ou a todos.

– Sabe que você nasceu bruxa? – disse o Deus-rei. – Como vocês, sulistas, dizem, nasceu Talentosa. Portanto, aqui está o seu incentivo. Se matar esse Shinga, além de se tornar uma mestra derramadora, eu mesmo vou treiná-la. Vou lhe dar um poder muito além de qualquer coisa que Hu Gibbet pode imaginar. Poder sobre ele, se quiser. Mas se fracassar... – Ele deu um sorriso com os lábios apertados. – Bem, não fracasse. Agora vá.

Ela foi, com o coração martelando. O sucesso significava trair seu mundo. Trair o Sa'kagé cenário, o submundo mais temido de Midcyru! Significava matar o líder dele em troca de uma recompensa que ela não sabia se desejava. Treinar com o próprio Deus-rei? Enquanto ele falava, Vi imaginou que as palavras eram teias, atando-a cada vez mais a ele. Era quase tangível, um feitiço caindo sobre ela como uma rede, desafiando-a a lutar. Sentiu-se enjoada. A única possibilidade era a obediência. Por pior que fosse o sucesso, o fracasso não era opção. Já tinha ouvido as histórias.

– Vi! – gritou o Deus-rei.

Ela parou na metade do caminho para a porta, estremecendo quando aquele horror chamou seu nome. Mas o Deus-rei estava sorrindo. Agora o olhar dele tocava seu corpo nu como o de um homem faria. Algo saltou como uma sombra na direção dela e Vi agarrou o bolo de tecido no ar, por reflexo.

– Leve o seu vestido.



— Estou sentindo como se tivesse respirado serragem durante uma semana – disse Kylar.

– Água do rio. Cinco minutos – respondeu Uly. Concisa. Metida a besta.

Kylar lutou para abrir os olhos, mas quando fez isso continuou sem enxergar nada.

– Então você me tirou da água? Onde estamos, Uly?

– Sinta o cheiro.

Ela estava bancando a durona, o que significava que ele a havia apavorado.

É isso que as menininhas fazem?

Tinha conseguido meia respiração antes de tossir por causa do odor. Estavam na casa de barcos de Mama K, no Plith.

– Nada como o esgoto quente numa noite fria, hein? – provocou Uly.

Kylar rolou.

– Achei que era o seu bafo.

– Que tem um cheiro tão bom quanto sua aparência.

– Você deveria ter mais respeito.

– Você deveria estar morto. Durma.

Kylar riu. Isso doeu.

– Você viu a adaga?

– Que adaga?

Kylar a agarrou pela frente da túnica.

– Ah, aquela que eu tive que arrancar do seu ombro usando um pé de cabra? – perguntou ela.

Não era de espantar que o ombro dele doesse. Kylar nunca tinha visto Uly tão metida e loquaz. Se ele não tivesse cuidado, ela irromperia no choro. Uma coisa era se sentir imbecil, outra era se sentir um imbecil impotente.

– Quanto tempo eu fiquei... apagado?

– Um dia e uma noite.

Ele xingou baixinho. Era a segunda vez que Uly o via ser assassinado, o corpo mutilado. Kylar ficaria satisfeito se ela tivesse uma convicção férrea de que ele sempre voltaria. Prometera isso, mas não era possível garantir. Só sabia que tinha voltado uma vez. O Lobo, o estranho homem de olhos amarelos que havia

encontrado no lugar entre a vida e a morte, não tinha dado nenhuma garantia. De fato, desta vez Kylar não o havia encontrado. Kylar esperava lhe fazer algumas perguntas. Por exemplo, quantas vidas tinha? E se fossem só duas?

– E Elene? – perguntou.

– Foi pegar a carroça. Os guardas que Jarl subornou só estarão de serviço por mais uma hora.

Elene tinha ido sozinha pegar a carroça? Kylar se sentia cansado demais. Podia ver que Uly estava de novo à beira das lágrimas. Que tipo de homem colocava uma garotinha nessa situação? Ele não era um grande pai substituto, mas costumava pensar que era melhor do que nada.

– Você deveria dormir – disse ela, esforçando-se para ser carrancuda outra vez.

– Não deixe de... – Ele estava tão cansado que não conseguiu terminar o pensamento, quanto mais a frase.

– Vou cuidar de você, não se preocupe – garantiu Uly.

– Uly?

– O quê?

– Você fez um bom trabalho. Um ótimo trabalho. Estou lhe devendo. Obrigado. Desculpe.

Kylar quase pôde sentir o ar em volta da garota ficar quente. Gemeu. Queria dizer alguma coisa espirituosa e má, como Durzo faria, mas caiu no sono antes que pudesse encontrar as palavras certas.



Quando Kaldrosa Wyn entrou na fila nos fundos da taberna Saia-Fina ao meio-dia, já havia duzentas mulheres atrás do bordel. Duas horas depois, quando a fila começou a andar, tinha o triplo do tamanho.

As mulheres formavam o grupo mais diversificado que se poderia encontrar nas Tocas: desde ratos de guilda com apenas 10 anos, que sabiam que Mama K não iria contratá-las mas estavam desesperadas a ponto de virem de qualquer modo, até mulheres que tinham vivido no rico lado leste apenas um mês antes mas acabaram perdendo o lar nos incêndios e sendo arrebanhadas para as Tocas. Algumas delas choravam, outras apenas mostravam expressões vazias, apertando xales em volta do corpo. Algumas eram Coelhas de longa data, que riam e faziam piadas com as amigas.

Trabalhar para Mama K era o serviço mais seguro que uma prostituta podia conseguir. Elas contavam histórias de como a Senhora dos Prazeres lidava com a nova clientela khalidori. Quando os pervertidos machucavam a mulher, precisavam pagar pratas suficientes para cobrir o hematoma.

Quando a duquesa Terah Graesin levou a resistência para fora da cidade, seus seguidores incendiaram todas as lojas e casas. Milhares que haviam permanecido ficaram sem teto. Era pior ainda nas Tocas, onde os pobres estavam apinhados feito gado. Centenas e mais centenas morreram. Os incêndios arderam durante dias.

Os khalidori queriam que o lado leste ficasse produtivo o mais rápido possível. Aqueles que estavam sem teto eram considerados um estorvo, por isso os soldados os obrigaram a ir para as Tocas. Os nobres e artesãos sem posses ficaram desesperados, mas o desespero não mudava nada. Ser obrigado a ir para as Tocas era uma sentença de morte.

No mês anterior, o Deus-rei tinha permitido que seus soldados fizessem o que desejassem nas Tocas. Os homens chegavam em bandos para saciar qualquer luxúria que os motivasse. Entoando aquela maldita oração a Khali, eles estupravam, matavam, roubavam as poucas posses dos Coelhos apenas para jogá-las no rio e gargalhar. Parecia que a situação não poderia ficar pior, mas, depois da tentativa de assassinato, ficou.

Os khalidori tinham atravessado as Tocas de modo organizado, seguindo cada quarteirão sinuoso. Faziam mães escolherem quais filhos viveriam e quais seriam

decepados pelas espadas. Mulheres eram estupradas diante da família. Bruxos faziam jogos doentios explodindo partes de corpos. Quando alguém resistia, eles arrebanhavam e executavam dezenas de pessoas em público.

Havia boatos sobre haver esconderijos seguros no subterrâneo das Tocas, mas diziam que somente pessoas bem conectadas no Sa'kagé poderiam entrar lá. Todo mundo buscava lugares onde se esconder, mas os soldados vinham toda noite e às vezes de dia. Era apenas questão de tempo até que apanhassem a pessoa. A beleza tinha virado maldição. Muitas mulheres que contavam com amantes, maridos ou mesmo irmãos protetores os tinham perdido. Resistir significava a morte.

Assim, as mulheres iam para os bordéis de Mama K porque eram os únicos locais seguros nas Tocas. Se era inevitável ser estuprada, seria melhor que fossem pagas para isso. Aparentemente os bordéis continuavam fazendo bons negócios também. Alguns khalidori não gostavam dos riscos de ir para as Tocas. Outros preferiam a garantia de ter uma cama limpa e uma mulher linda.

Mas os bordéis não tinham mais muitas vagas. Kaldrosa havia esperado quanto pudera. Não deveria ser assim. Aquele vürdmeister, Neph Dada, a recrutara especificamente porque ela era uma ex-pirata sethi que tinha parado nas Tocas algum tempo antes. Fazia dez anos que não navegava – e nunca tinha sido capitã, apesar do que dissera ao vürdmeister. Mas era sethi e tinha garantido que conseguiria orientar um navio khalidori através do Arquipélago dos Contrabandistas subindo o rio Plith até o castelo. Em troca, poderia ficar com o navio.

Tinha parecido um ótimo preço para um trabalho pouco agradável. Kaldrosa Wyn não sentia lealdade com relação a Cenária, mas trabalhar para os khalidori era suficiente para fazer a pele de qualquer um se arrepiar.

Talvez eles até cumprissem com sua parte no acordo – dando-lhe aquela barca velha que não valia os pregos que a mantinham inteira. Talvez ela pudesse juntar uma tripulação para acompanhá-la também. Só que algum desgraçado tinha afundado seu navio durante a invasão.

Kaldrosa conseguira nadar até a costa, o que era mais do que poderia dizer dos duzentos guerreiros com armaduras que ela estava transportando e que agora alimentavam os peixes. Depois de quatro estupros e de Tomman ser espancado duas vezes quase até a morte, ali estava ela.

– Nome? – perguntou a garota junto à porta, segurando pena e papel.

Ela devia ter uns 18 anos, uma década mais nova do que Kaldrosa, e era estonteante: cabelo perfeito, dentes perfeitos, pernas compridas, cintura fina, lábios grossos e um cheiro doce e almiscarado que deixou Kaldrosa consciente de como devia estar fedendo. Desanimou.

– Kaldrosa Wyn.

– Ocupação ou talentos especiais?

– Pirata.

A garota ergueu os olhos.

– Sethi?

Kaldrosa confirmou com a cabeça e a garota a mandou para o andar de cima. Meia hora depois, Kaldrosa Wyn entrou num dos pequenos quartos. A mulher que estava ali também era jovem e linda. Loura, pequenina mas curvilínea, com olhos grandes e roupas incríveis.

– Sou Daydra. O que sabe fazer bem, querida?

– Içar velas.

Daydra deu um risinho, e até isso foi bonito.

– Pirata de verdade, hein?

Kaldrosa tocou suas argolas de clã, quatro aros pequenos formando um crescente que emoldurava a maçã do rosto.

– Clã Tetsu, da ilha Hokkai.

Ela indicou a corrente de capitão que usava desde que pegara o serviço para Khalidor. Optara pela corrente de prata mais fina que pudera comprar. Ia do lóbulo da orelha esquerda até a argola de clã mais baixa. Era uma corrente de capitão mercante de origem humilde. Os capitães militares e os capitães piratas mais ousados usavam correntes que iam de uma orelha à outra por trás da cabeça, de modo que havia menos chance de serem arrancadas em batalha.

– Capitã pirata, mas nunca fui apanhada. Se você for apanhada, ou vai para a forca ou eles arrancam suas argolas e a mandam para o exílio. Existe alguma discordância quanto ao que é pior.

– Por que abandonou o ofício?

– Eu me embolei com um caçador de piratas da realza sethi algumas horas antes de uma tempestade. Nós nos saímos relativamente bem, mas a tempestade nos levou para as rochas do Arquipélago dos Contrabandistas. Desde então já fiz de tudo.

Kaldrosa não mencionou que “de tudo” incluía se casar e trabalhar para Khalidor.

– Mostre os peitos.

Kaldrosa desamarrou as rendas.

– Incrível! – exclamou Daydra. – Muito bons. Acho que você vai servir.

– Sério? Mas vocês têm mulheres muito mais lindas – disse Kaldrosa.

Por mais que fosse idiotice protestar, ela não acreditava na sorte. Daydra sorriu.

– Lindas, nós temos. Toda garota de Mama K deve ser bonita, e você é. O que você tem é exotismo. Olhe só. Argolas de clã. Pele olivácea. Até seus peitos são bronzeados!

Kaldrosa agradeceu por ter sido teimosa em seu navio a ponto de ficar sem a parte de cima da roupa para fazer os soldados khalidori olharem. Isso havia lhe provocado uma queimadura de sol intensa, mas a pele tinha ficado escura e a cor ainda não havia desbotado.

– Não sei como você conseguiu se bronzear – disse Daydra –, mas vai precisar manter isso e falar como pirata. Se quiser trabalhar para Mama K, vai ser a pirata sethi. Você tem marido ou amante?

Kaldrosa hesitou.

– Marido – admitiu. – A última surra dos khalidori quase o matou.

– Se fizer isso, nunca vai tê-lo de volta. Um homem pode perdoar uma mulher que deixe de ser puta por causa dele, mas nunca vai perdoar uma que vire puta por ele.

– Vale a pena. Para salvar a vida dele, vale.

– Mais uma coisa, porque sei que cedo ou tarde você vai perguntar. Todo país tem tarados que gostam de machucar mulheres. Mas aqui é diferente. Alguns só machucam você depois de terem prazer, como se tivessem vergonha. Outros não machucam, mas alardeiam que machucaram e pagam as multas de Mama K sem reclamar. Mas dizem as mesmas palavras. Já ouviu?

Kaldrosa confirmou.

– *Khali vas*, ou algo assim?

– É na antiga língua khalidori, um feitiço, uma oração ou algo assim. Não pense nisso. Não invente desculpas para eles. Eles são animais. Vamos proteger você do melhor modo possível e o dinheiro é bom, mas você vai ter que encará-los todo dia. Consegue fazer isso?

As palavras ficaram presas na garganta de Kaldrosa, por isso ela assentiu de novo.

– Então vá até o mestre Piccun e diga que você quer três roupas de pirata. Faça com que ele termine de tirar suas medidas antes de comer você.

Kaldrosa ergueu as sobrancelhas.

– A não ser que você tenha problema com isso.



– Você não acha que nos meteremos em encrenca, não é? – perguntou Elene.

Estavam deitados na carroça, contemplando as estrelas depois de três semanas na estrada. No dia seguinte entrariam em Caernarvon e em sua vida nova.

– Deixei todas as minhas encrencas em Cenária. Bom, a não ser pelas duas que vieram comigo – respondeu Kylar.

– Ei! – ralhou Uly.

Apesar de ser tão esperta quanto a mãe verdadeira, Mama K, ela ainda tinha 11 anos e fisingava as iscas facilmente.

– Ah, é? – reagiu Elene, apoiando-se num cotovelo. – Pelo que lembro, essa carroça é minha. – Isso era verdade. Jarl tinha dado a carroça a eles, e Mama K a havia carregado com ervas que Kylar podia usar para dar início a um herbanário. Talvez cedendo às sensibilidades de Elene, a maior parte delas era até legal. – Se alguém “veio comigo” foi você.

– Eu? – perguntou Kylar.

– Sim! Você fez um espetáculo tão patético que eu até fiquei sem graça. Só queria parar de ver você implorando – respondeu Elene, satisfeita, reacomodando-se nos cobertores.

– Eu tive mesmo que implorar! Você tem tantas defesas que um homem teria sorte se conseguisse alguma coisa uma vez em mil anos – observou Kylar, suspirando.

Ele ofegou e se sentou.

– Kylar Thaddeus Stern!

Kylar riu.

– Thaddeus? Esse foi boa. Já conheci um Thaddeus.

– Eu também. Era um idiota cego.

– Verdade? – perguntou Kylar. – O que eu conheci era famoso porque tinha um gigantesco...

– Kylar! – interrompeu Elene, indicando Uly.

– Um gigantesco o quê? – perguntou Uly.

– Agora você conseguiu – disse Elene. – Gigantesco o quê, Kylar?

– Pé. E sabe o que dizem sobre quem tem pés grandes.

Ele piscou de forma lasciva para Elene.

– O quê? – perguntou Uly.

– Que usa sapatos grandes – respondeu Kylar.

Em seguida se acomodou de novo nos cobertores, tão presunçoso quanto Elene estivera pouco antes.

– Não entendi – disse Uly. – O que isso quer dizer, Elene?

Kylar deu um riso maldoso.

– Eu conto quando você ficar mais velha – respondeu Elene.

– Não quero saber quando ficar mais velha. Quero saber agora.

Elene não respondeu. Em vez disso, deu um soco no braço de Kylar. Ele grunhiu.

– Vocês vão brigar agora? – perguntou Uly. Ela havia saído dos cobertores e estava sentada entre os dois. – Porque vocês sempre acabam se beijando. É nojento.

Ela franziu o rosto e fez ruídos de beijo molhado.

– Nossa pequena anticoncepcional – disse Kylar.

Por mais que amasse Uly, estava convencido de que ela era o único motivo para, depois de três semanas maravilhosas na estrada com a mulher amada, ele ainda ser virgem.

– Faz isso de novo? – pediu Elene a Uly, rindo e sabiamente desviando a pergunta sobre o que é um anticoncepcional.

Uly franziu o rosto e fez sons de beijo outra vez, e logo os três caíram em gargalhadas que viraram uma briga de cócegas. Pouco depois, com a barriga doendo de tanto rir, Kylar ouvia os sons das garotas respirando. Elene tinha o dom de cair no sono assim que sua cabeça encostava no travesseiro, e Uly não ficava muito atrás. Naquela noite, ficar acordado não era uma maldição para Kylar. Sentia que a própria pele reluzia de amor. Elene rolou e se aninhou no seu peito. Ele inalou o cheiro refrescante do cabelo dela. Não conseguia se lembrar de já ter se sentido tão bem e tão aceito em toda a vida. Ela iria babar nele, sabia, mas isso não importava. A baba era até bonitinha, vinda de Elene.

Não era de espantar que Uly ficasse com nojo. Ele era mesmo patético. Mas pela primeira vez na vida sentia-se um homem bom. Sempre tinha sido bom em fazer coisas, era bom em arrombar fechaduras, escalar, esconder-se, lutar, envenenar, disfarçar-se e matar. Mas nunca tinha se sentido *bom* até haver Elene. Quando ela olhava para ele, o Kylar que ele via refletido nos olhos dela não era repulsivo. Não era assassino; era o pai substituto que tinha brigas de cócegas com uma menina de 11 anos; era o homem que dizia a Elene que ela era linda e a fazia acreditar nisso pela primeira vez na vida; era um homem que tinha algo a oferecer.

Esse era o homem que Elene via. Ela acreditava em tantas coisas boas a seu respeito que Kylar se alternava entre acreditar e pensar que ela era absolutamente louca. Mas era ótimo ser persuadido.

No dia seguinte chegariam a Caernarvon, e durante um tempo ficariam com a tia de Elene, Mea. Com a ajuda dela – a mulher era parteira e conhecia o segredo das ervas –, Kylar montaria um pequeno herbanário. Depois suplantaria as objeções cada vez menores de Elene quanto a dormirem juntos, e o caminho das sombras ficaria definitivamente para trás.



Depois de uns doze dias, talvez quinze, Logan finalmente se rendeu ao sono. Durante o sonho, escutou vozes. Estavam sussurrando, mas no ambiente de pedra do Buraco, cada sussurro chegava longe.

– Ele tem uma faca.

– Se todos nós atacarmos, isso não importa. Veja quanta carne ele tem!

– Quietos – disse alguém.

Logan sabia que deveria se mexer, deveria verificar a faca, deveria acordar, mas estava cansado demais. Não poderia ficar acordado para sempre. Era muito difícil.

Pensou ter escutado uma voz de mulher gritando através de uma mão cobrindo a boca. Houve um tapa e o grito parou. Depois houve outro tapa, e outro, e outro.

– Calma, Fin. Se matar a Lilly, a gente estripa você. Ela é a única racha que a gente tem.

Fin xingou Fungão, depois disse:

– Se gritar de novo, puta, eu arranco seu cabelo e suas unhas. Você não precisa disso para foder. Sacou?

Então a voz sumiu, o calor sumiu, os uivos sumiram, o fedor sumiu, e Logan estava dormindo de verdade. Sonhava com a noite do casamento. Tinha se casado com uma menina que ele mal conhecia, mas, enquanto conversava no quarto, tão nervoso quanto a linda garota de 15 anos à sua frente, sentiu uma esperança súbita brotar no coração. Aquela garota era uma mulher que ele poderia amar, e inexplicavelmente era dele. Jenine seria sua esposa, e um dia sua rainha, e ele sabia que podia amá-la.

Jenine está morta.

Viu nos olhos dela que Jenine também poderia amá-lo, que o casamento deles não seria um lugar de dever, e sim de júbilo. As bochechas dela ficaram vermelhas enquanto ele a via como esposa. Seus olhos a reivindicaram – não com arrogância, mas com confiança, gentileza, aceitando-a e regozijando-se com sua beleza. Quando a puxou para perto, seus lábios estavam quentes.

Então, como se fosse apenas um segundo depois, ainda estavam se beijando, ainda tiravam as roupas um do outro, e pés subiam a escada na direção do quarto. Logan estava se afastando dela, a porta se abriu com estrondo e soldados khalidori entraram...

Os olhos de Logan se abriram bruscamente enquanto corpos caíam em cima dele. Em termos de luta, foi algo patético. Fazia duas semanas que Logan não comia, de modo que estava fraco. Mas os outros prisioneiros, a não ser pela carne com que haviam se refestelado algumas semanas antes, vinham subsistindo a pão e água fazia meses ou anos. Eram magros, sombras ocas dos homens que tinham sido. Por isso, a luta aconteceu lenta e desajeitada.

Logan empurrou um homem para longe e deu um soco no queixo de outro, mas outros dois surgiram instantaneamente, o corpo escorregadio e enlameado pela imundície e pelo suor. Fin pousou no quadril de Logan enquanto Jake arranhava o rosto de Logan com as unhas compridas. Empurrando outro homem, Logan conseguiu se levantar e jogou Jake para longe.

O sujeito caiu no Buraco e desapareceu.

Num instante, a luta acabou.

– Por que você fez isso? – perguntou Fungão. – A gente podia comer aquela carne. Seu escroto, você jogou carne fora.

Por um momento, a fúria deles cresceu e Logan achou que iriam atacá-lo de novo. Levou a mão ao quadril para pegar a faca. Tinha sumido. Do outro lado, Fin olhou para ele. Com a ponta da faca, cutucou as gengivas sangrentas tomadas pelo escorbuto. Agora o tempo estava do lado dele.

Logan pensara que os habitantes do Buraco não tinham uma noção de hierarquia, mas estava errado. Havia divisões ali também. Eles eram divididos em animais e monstros, fracos e fortes. Fin comandava os animais, que tinham mais importância segundo seus crimes: primeiro assassinos, depois estupradores, então traficantes de escravos e em seguida pedófilos. Os monstros eram Yimbo, um ceurano de ossos grandes e ruivo, cuja língua tinha sido cortada; Tats, um pálido lodricari coberto de tatuagens, que *podia* falar mas jamais o fazia; e Rangido, um aleijão simplório com ombros enormes, coluna torta e dentes limados com pontas afiadas. Os monstros só sobreviviam pelo medo que exerciam sobre os outros e por sua disposição para lutar.

Agora, enquanto todos passavam fome, a tênue sociedade ia se rompendo. Logan não tinha amigos, faca nem lugar. Dentre os animais, agora ele era um lobo sem matilha. Entre os monstros, era um cachorro sem dentes.

Tinha tentado ver os presos como homens. Homens rebaixados, humilhados, vilipendiados e maus, porém homens. Tentara ver neles alguma coisa boa, alguma imagem dos deuses que os tinham feito. Mas nas sombras do Buraco só havia animais e monstros.

Foi sentar-se perto de Rangido. O sujeito deu um sorriso simplório e horrível, devido aos dentes limados. Então veio um som que fez todo mundo se imobilizar. Passos ressoaram no corredor. Logan deslizou sob a prateleira estreita que iria

escondê-lo das vistas enquanto um rosto iluminado por uma tocha surgia acima.

– Ora, veja – disse o guarda. Tinha cabelo preto, era pálido e corpulento, com nariz amassado, obviamente khalidori. – Achei que alguns de vocês já estariam mortos. Achei que estariam com fome. – Ele enfiou a mão num saco e tirou um pão enorme. Todos os presos o olharam com um desejo tão grande que ele gargalhou. – Bom, então aí está.

Jogou o pão, que caiu no Buraco. Os prisioneiros gritaram, achando que tinha sido por engano. O guarda pegou outro pão e jogou-o também no Buraco. Os prisioneiros se apinharam em volta. O pão seguinte ricocheteou nas pontas dos dedos de Fungão e ele quase caiu junto.

O guarda gargalhou. Trancou a grade e foi embora, assobiando uma música alegre. Vários prisioneiros choraram. Ele não voltou. Os dias passaram em agonia. Logan nunca havia sentido uma fraqueza tão debilitante.

Quatro noites depois – ainda que essa palavra não fizesse sentido, Logan pensava que era noite porque a maioria dos habitantes do Buraco estava dormindo e os ventos uivavam mais alto na hora que os presos chamavam de meio-dia –, Fin cortou a garganta de um dos seus pedófilos. Em instantes, todo mundo estava acordado e lutando sobre o corpo. Quando Fungão começou a bater em Rosnado para que ele soltasse algum pedaço sangrento que Logan preferiu não identificar, Rosnado largou a carne e o atacou. Fungão tentou afastá-lo, mas Rosnado o dominou como se ele fosse uma criança. Empurrou os braços de Fungão para longe e cravou os dentes limados no pescoço dele.

Na luta pelo corpo que aconteceu em seguida, uma perna inteira foi jogada e caiu perto de Logan. Quando Casca de Ferida foi atrás dela, Logan a agarrou. Para seu próprio horror, encarou Casca de Ferida até que ele virou as costas e se afastou.

Logan levou a perna de volta para perto da parede e chorou, porque, não importava como a olhasse, via apenas carne.



Comparado com Cenária, Caernarvon era o paraíso. Ali não havia Tocas, nenhuma divisão nítida entre quem tinha e quem não tinha posses, nenhum exército ocupando, nenhum fedor de cinzas e morte, nenhum olhar vazio e de desespero. A capital de Waeddryn tinha prosperado sob uma linhagem ininterrupta de 22 rainhas.

Vinte e duas rainhas. Esse pensamento foi estranho para Kylar, até perceber que Mama K tinha governado o Sa'kagé e as ruas de Cenária por mais de vinte anos.

– Declare o que veio fazer – disse o guarda no portão, olhando a carroça.

As pessoas ali eram mais altas do que os cenários, e Kylar nunca tinha visto tantas com olhos azuis ou cabelo tão claro. De todos os tons, desde quase branco até um ruivo feroz.

– Compro e vendo ervas medicinais. Viemos iniciar uma botica.

– Vêm de onde?

– Cenária.

O guarda ficou pensativo.

– Ouvi dizer que as coisas por lá estão bastante ruins. Se forem montar a loja no lado sul, tenham cuidado. Há alguns bairros violentos...

Ele parou ao ver as cicatrizes no rosto de Elene. Mais rápido que acharia possível, Kylar ficou furioso. As cicatrizes de Elene eram a única coisa que estragava uma beleza perfeita. Sorriso brilhante, olhos de um castanho profundo que desafiavam a simplicidade tediosa da cor – olhos que só um poeta poderia descrever de modo adequado e somente uma legião poderia louvar adequadamente –, pele que implorava para ser tocada e curvas que exigiam isso. *Com todas essas coisas, como ele só pode ver as cicatrizes?* Mas argumentar só provocaria um escândalo. O guarda piscou.

– Ah, podem ir – disse.

– Obrigado.

Kylar não estava preocupado com o Sa'kagé de Caernarvon. Eles cuidavam estritamente de coisas pequenas: assaltos, roubos, prostituição de rua, apostas em brigas de cães e touradas. Alguns bordéis e antros de jogatina permaneciam funcionando sem estar filiados a ele. A gangue de rua da infância de Kylar era mais organizada do que o crime ali.

Atravessaram a cidade, olhando as pessoas e os lugares como se fossem

camponeses deslumbrados. Caernarvon ficava na confluência dos rios Wy, Vermelho e Amora, e suas ruas transbordavam vida com o comércio e a multiplicidade de pessoas que fluíam junto com o dinheiro. Passaram por sethis de pele olivácea e feições fortes usando calças curtas e largas e túnicas brancas, ceuranos ruivos com suas duas espadas e a estranha moda de trançar cachos de cabelo multicolorido, alguns ladeshi e até um ymmuri de olhos amendoados. Transformaram isso num jogo, apontando e tentando adivinhar quem era de onde.

– E ele? – perguntou Uly, indicando um homem comum, com roupas de lã simples. Kylar fez uma carranca.

– É, diga aí, espertalhão – provocou Elene com um sorriso. – E não aponte, Uly.

O homem não tinha características evidentes. Nenhuma tatuagem, usava túnica e calça que eram o padrão em Caernarvon, cabelo castanho curto, nenhum nariz patricio maidani, nada especial; até a pele relativamente bronzeada poderia ter vindo de meia dúzia de países.

– Ah – disse Kylar. – É alitaerano.

– Prove – exigiu Elene.

– Só os alitaeranos são tão presunçosos.

– Não acredito.

– Pergunte a ele.

Elene balançou a cabeça, recostando-se, subitamente tímida.

– Ei, moço! – gritou Uly enquanto a carroça passava por ele. – De onde o senhor é?

– Uly! – exclamou Elene, sem graça.

O homem se virou e se empertigou totalmente.

– Venho de Alitaera, pela graça do Deus da maior nação de todo Midcyru.

– Dos deuses, quer dizer – reagiu o waeddryni com quem ele estava negociando.

– Não. Diferentemente de vocês, cães waeddryni, os alitaeranos dizem o que querem dizer – afirmou o mercador, e num instante os dois discutiam sobre religião e política, e Uly foi esquecida.

– Sou incrível – disse Kylar.

Elene gemeu.

– Você provavelmente também é alitaerano.

Kylar gargalhou, mas esse “provavelmente” azedou em sua boca. *Provavelmente* porque ele era um menino de guilda, órfão, talvez nascido escravo. Aquele alitaerano sabia tanto sobre a origem dos pais de Kylar quanto ele mesmo. Não podia nem imaginar por que o tinham abandonado. Estariam mortos? Vivos? Seriam importantes, como nos sonhos de todo órfão? Enquanto Jarl estivera ocupado economizando moedas para sair da guilda, Kylar criava fantasias em que seus pais

nobres tinham, de alguma maneira, sido obrigados a abandoná-lo. Era algo inútil, idiota.

O mais próximo de um pai que ele havia tido era Durzo – e Kylar tinha se tornado aquilo que todo homem amaldiçoa: um parricida. Agora era um fio solto, amarrado a nada. Não, não era verdade. Tinha Elene e Uly. E a liberdade de amar. Essa liberdade custava alguma coisa, mas valia a pena.

– Você está bem? – perguntou Elene, com os olhos castanhos preocupados.

– Sim. Enquanto estivermos juntos, estarei bem.

Minutos depois, haviam saído das feiras do norte e estavam penetrando mais fundo no distrito naval. Mesmo ali todas as construções eram de pedra – uma grande mudança com relação a Cenária, onde a pedra era tão cara que a maioria das casas era feita de bambus e biombos de fibra de arroz. Os vagabundos locais permaneciam à toa nas soleiras das casas, dos armazéns e oficinas, com a expressão universal de adolescentes que desejavam provar que eram alguma coisa.

– Tem certeza de que essa é a rua certa? – perguntou Kylar.

Elene se encolheu.

– Não?

Kylar manteve a carroça em movimento, mas isso não importava. Seis adolescentes se levantaram e seguiram um homem de dentes pretos com um tufo de cabelo oleoso. Os garotos enfiaram as mãos embaixo de degraus ou atrás de pilhas de lixo para encontrar armas. Eram armas de rua: porretes, facas e um pedaço de corrente pesada. O homem que os comandava parou na frente da carroça e segurou o freio do cavalo mais próximo.

– Bom, querida – disse Kylar. – É hora de conhecer o Sa'kagé da nossa amigável vizinhança.

– Kylar, lembre-se do que você prometeu – disse Elene, segurando o braço dele.

– Você não espera mesmo que eu...?

Ele deixou a pergunta morrer quando viu a expressão dela.

– Boa tarde – disse o líder dos garotos, batendo um porrete na palma da mão. E deu um sorriso largo, mostrando dois dentes da frente pretos.

– Querida – disse Kylar, ignorando-o. – Isso é diferente. Você precisa entender.

– Outras pessoas passam por isso e ninguém morre.

– Ninguém vai morrer se eu fizer a coisa do meu jeito.

O homem de dentes pretos pigarreou. Uma sujeira que parecia tatuagem e dois dentes da frente saltados, tortos e pretos, dominavam seu rosto.

– Desculpe, meus amores. Não quero interromper...

– Você pode esperar – disse Kylar num tom que não admitia questionamento. E se virou de novo para Elene. – Querida.

– Faça o que você prometeu ou faça o que sempre fez – respondeu Elene.
– Isso não é permissão.
– Não, não é.
– Desculpe – disse o homem de novo. – Isso...
– Vou tentar adivinhar – interrompeu Kylar, imitando o sotaque malandro do sujeito. – Esta rua tem uma tarifa de pedágio para passar e nós precisamos pagar.
– Ah. Isso mesmo – admitiu o homem.
– Como será que eu adivinhei?
– Eu ia perguntar isso... Ei, feche a boca. Sou Tom Gray e essa aqui é...
– A sua rua. Claro. Quanto? – perguntou Kylar.

Tom Gray fez uma carranca.

– Treze pratas.

Kylar contou os sete homens em voz alta.

– Espere aí, isso não é sacanagem com seus espancadores? Cada um deles ganha uma prata e você ganha seis? – perguntou.

Tom Gray ficou branco. Os garotos olharam para ele com raiva. Kylar estava certo, claro. Eram bandidinhos insignificantes.

– Dou sete – ofereceu Kylar.

Tirou sua bolsinha de moedas e começou a jogar pratas para cada um dos rapazes.

– Vocês estão ganhando isso sem esforço algum. Para que brigar? Era o que Tom ia dar a vocês de qualquer modo.

– Espere aí – disse Tom. – Se ele deu tanto assim com tanta facilidade, está na cara que tem mais. Vamos roubá-lo.

Mas os rapazes não engoliram. Deram de ombros, balançaram a cabeça e voltaram para suas soleiras.

– O que estão fazendo? – perguntou Tom. – Ei!

Kylar estalou as rédeas e os cavalos recomeçaram a galopar. Tom precisou dar um pulo para não ser esmagado e torceu o tornozelo. Kylar repuxou os lábios para imitar os dentes saltados de Tom e levantou as mãos, como se pedisse desculpas. Os garotos e Uly gargalharam.



Passaram a noite numa estalagem. Tia Mea os encontrou de manhã cedo e os guiou por um emaranhado de becos até sua casa. Ela tinha 40 e poucos anos, mas parecia uma década mais velha e fazia quase vinte que era viúva, desde o nascimento do seu filho, Braen. O marido tinha sido um mercador de tapetes bem-sucedido, de modo que a casa era grande, e ela garantiu a Kylar e Elene que podiam ficar quanto tempo quisessem. Tia Mea era uma parteira e curandeira com feições simples, olhos brilhantes e ombros de estivador.

– Bom – disse ela depois de um desjejum de ovos e presunto –, há quanto tempo vocês são casados?

– Mais ou menos um ano – respondeu Kylar.

Ele achou que, se começasse a contar as mentiras, Elene poderia mantê-las. Elene era péssima nisso. Olhou-a. Ela estava ficando vermelha. Tia Mea notou seu embaraço e riu.

– Bem que achei que você era nova demais para ser a mãe dessa mocinha. Onde conheceu sua nova mãe e seu novo pai, Uly?

Kylar se recostou na cadeira, contendo a ânsia de dar a resposta. Se respondesse por todo mundo, não somente pareceria um sacana, mas também levantaria suspeitas. Às vezes era preciso deixar que os dados rolassem para onde quisessem.

– Durante a guerra – respondeu Uly.

Em seguida engoliu em seco, olhou para o prato e não disse mais nada. Não era mentira, e a emoção no rosto da menina era nitidamente real. A babá de Uly tinha sido morta na luta. Às vezes ela ainda chorava por causa disso.

– Ela estava no castelo durante o golpe – explicou Elene.

Tia Mea pousou a faca e a colher – em Caernarvon não se usavam garfos, para irritação de Kylar.

– Vou lhe dizer uma coisa, Uly. Vamos cuidar bem de você. Você vai ficar em segurança e até ter seu próprio quarto.

– E brinquedos? – perguntou Uly.

Alguma coisa na expressão aberta e esperançosa de Uly fez Kylar sentir uma dor no coração. Menininhas deveriam brincar com bonecas, e não retirar corpos de rios. Por que nunca dera uma boneca a Uly?

Tia Mea gargalhou.

– E brinquedos – concordou.

– Tia Mea – disse Elene. – Já estamos dando muito trabalho à senhora. Temos dinheiro para brinquedos e Uly pode ficar conosco. A senhora já...

– Nem quero saber – interrompeu tia Mea. – Vocês dois ainda são recém-casados. Vão precisar de privacidade, embora só os deuses saibam quantas vezes Gavin e eu enfiamos o arado na terra quando dividíamos uma cabana de um cômodo só com os pais dele. – Elene ficou de um vermelho vivo, mas tia Mea continuou falando: – Mas acho que uma menina de 11 anos não é tão boa em ignorar barulhos à noite. Estou certa?

Agora Kylar ficou vermelho. Tia Mea olhou para ele, depois para Uly, que ficou perplexa.

– Está dizendo que não fizeram isso desde que saíram de Cenária? – perguntou tia Mea. – Sem dúvida vocês escaparam algumas vezes de madrugada enquanto Uly estava dormindo, não é? Não? Essa viagem deve ter demorado o quê? Três semanas? É uma eternidade para vocês, jovens. Bom. Nesta tarde Uly e eu vamos fazer uma longa caminhada. A cama do quarto de vocês range um pouco, mas Uly nunca vai ganhar um irmãozinho se ficarem preocupados demais com esse tipo de coisa, não é?

– Por favor – implorou Kylar, balançando a cabeça. Elene estava mortificada.

– Hummm – disse tia Mea, olhando para Elene. – Bom. Agora que terminaram o desjejum, por que não vamos conhecer meu filho?

Braen Smith trabalhava numa oficina ligada à casa. Enquanto se aproximavam, ele jogou um aro de barril que estava moldando em cima de uma pilha de outros semelhantes e tirou as luvas.

– Bom dia – disse.

Seu olhar foi imediatamente para Elene. Um olhar rápido para o rosto cheio de cicatrizes e depois uma avaliação apreciadora demais de suas qualidades. Não era o rápido olhar de cima a baixo que os homens davam instintivamente às mulheres. Kylar não se importaria com isso. Mas aquilo não era um olhar. Era algo mais demorado, e bem na cara de Elene. Ou melhor, bem nos seios dela.

– Prazer em conhecê-lo – disse Braen, estendendo a mão para Kylar. De modo previsível, tentou esmagar a mão dele.

Um pouquinho de Talento cuidou disso. Sem um sussurro de tensão no rosto ou no antebraço, Kylar apertou a pata monstruosa e quase a quebrou. Um pouquinho mais e cada osso da mão do sujeito iria se despedaçar. Depois de um momento, ele recuou e meramente igualou a força do outro, mão forte com mão forte, músculo com músculo e olho com olho – ainda que tivesse que olhar para cima e Braen fosse bem mais pesado. O pânico sumiu dos olhos de Braen e Kylar pôde vê-lo se

perguntando se tinha imaginado a força inicial do aperto de mão.

– Kylar – murmurou Elene com os dentes trincados como se ele estivesse fazendo uma cena.

Mas Kylar não interrompeu o contato visual. Havia algo sendo resolvido e, se era primitivo, bárbaro, mesquinho e idiota, mesmo assim era importante. Elene, entretanto, não gostou de ser ignorada.

– Acho que depois vocês vão comparar o tamanho do... – Ela parou, sem graça.

– Boa ideia – disse Kylar quando o sujeito finalmente soltou a mão. – O que acha, Braen?

Kylar afrouxou o cinto. Felizmente, Braen soltou uma gargalhada. Os outros o acompanharam, mas Kylar continuou não gostando dele. O sentimento era recíproco.

– Bom, prazer em conhecê-lo – repetiu Braen. – Tenho uma encomenda grande para terminar.

Em seguida, ele balançou a cabeça e pegou uma marreta, flexionando disfarçadamente os dedos doloridos.

Pelo resto da manhã e da tarde tia Mea mostrou Caernarvon a eles. Apesar de ser maior do que Cenária, a cidade não tinha seu jeito caótico. A maior parte das ruas era pavimentada e tinha largura suficiente para duas carroças e vários pedestres passarem ao mesmo tempo. Vendedores que montassem barracas infringindo esse espaço eram castigados. Os esgotos nas ruas passavam em canos e havia bueiros espaçados. Isso fazia com que a cidade quase não fedesse como uma cidade.

O castelo Caernarvon dominava o lado norte. Às vezes era chamado de Gigante Azul por causa do granito azulado. As paredes azuis eram planas e lisas como vidro, a não ser pelas numerosas seteiras nas paredes e nos portões. Duzentos anos antes, segundo tia Mea, dezoito homens tinham sustentado o castelo durante seis dias contra um exército de 5 mil.

Ao redor, claro, ficavam as grandes casas. A cidade se tornava mais suja e mais superlotada à medida que se aproximava das docas. Como acontecia na maior parte dos lugares, os nobres gostavam de viver longe de todos os outros, que gostavam de viver o mais perto possível dos ricos. Mas aqui havia uma linha que não era regulamentada – diferente dos pobres de Cenária, que estavam legalmente atados ao lado oeste do Plith. Aqui os que ganhassem dinheiro para se mudar podiam fazer isso. A possibilidade de prosperar parecia energizar toda a cidade.

Caernarvon era o ouro – às vezes de tolo – da esperança. Seu vício era a cobiça. Em sua própria imaginação, cada mercador ali era o governante do próximo império comercial. Cenária era o cobertor sufocante e fétido do desespero. Seu vício era a inveja. Lá ninguém construía impérios. Todos só queriam um pedaço do império do outro.

– Você está quieto – comentou Elene.

– Aqui é diferente – respondeu Kylar. – Mesmo antes de Khalidor chegar, Cenária estava doente. Isto é melhor. Acho que aqui podemos construir um lar.

Kylar estava prestes a se tornar um daqueles mercadores que ele mesmo desprezava. Não que tivesse grandes ambições. Além de matar, ser herbalista e boticário era realmente a única coisa que poderia fazer. Porém, não era algo com que o faria ter sonhos grandiosos. Com o que ele sonharia? Abrir uma segunda loja? Dominar o comércio de ervas da cidade? Um dia tivera o futuro de um país nas mãos – poderia ter mudado tudo com uma traição, assassinando um homem que acabou morto de qualquer modo.

Se eu tivesse feito isso, Logan estaria vivo...

Enquanto tia Mea os levava para casa, ele se obrigou a pensar como um mercador. Tinha uma pequena quantidade de ouro escondida na carroça e uma fortuna em ervas. Se tivessem sido roubados no caminho, os bandidos nem saberiam o que levar.

– Bom, a casa fica logo ali, nesta rua – disse tia Mea. – Braen saiu para comprar suprimentos. Uly e eu vamos até uma lojinha de doces para dar a vocês dois um tempinho para se conhecerem de novo. – Ela piscou para Kylar enquanto Elene ruborizava, mas então o rosto de tia Mea ficou sombrio. – O que é aquilo?

Kylar olhou na direção da casa. Havia fumaça subindo e se adensando. Juntou-se à multidão que corria para a casa de tia Mea – na cidade, um incêndio era uma ameaça tão grande que todo mundo pegava baldes e corria para ajudar. Quando chegou, porém, o celeiro estava totalmente consumido pelas chamas. Era tarde demais para salvar qualquer coisa. A multidão jogava água nas construções próximas enquanto Kylar abraçava Elene e Uly em silêncio.

O celeiro tinha sido totalmente perdido. Os dois cavalos deles e o velho pangaré de tia Mea haviam se tornado montes fedorentos de carne fumegante. Não restava quase nada da carroça. O incendiário tinha encontrado o baú escondido com o ouro. A fortuna em ervas virara fumaça.

A única coisa que restava era uma caixa comprida e fina amarrada ao eixo da carroça. A tranca estava intacta. Ali estava sua roupa cinza de derramador e sua espada, Retribuição, intocada, nem sequer cheirando a fumaça, zombando de sua impotência.



— Más notícias, Sua Santidade – disse Neph Dada enquanto entrava no quarto do Deus-rei.

Havia uma jovem nobre cenária chamada Magdalyn Drake amarrada à cama, chorando contra a mordaça, mas o Deus-rei e ela ainda estavam vestidos. Garoth estava sentado ao lado dela. Passou uma faca como se acariciasse o tornozelo da mulher.

– Ah, é mesmo?

– Uma das nossas espiãs no Chantry, Jessie al’Gwaydin, foi morta. Foi vista pela última vez em Curva de Torras.

– O Caçador Negro a matou?

– Presumo que sim. Nosso informante disse que Jessie estava planejando estudar a criatura.

– Então ela foi para a floresta e não voltou.

– Sim, Sua Santidade.

Neph esfregou as costas encurvadas como se sentisse dor. Não era somente para lembrar ao Deus-rei de sua idade, mas também dos fardos que Neph carregava ao servi-lo.

Com um movimento violento, o Deus-rei esfaqueou o colchão, tão próximo da virilha de Magdalyn que Neph achou que ele havia acertado a jovem. Ela guinchou através da mordaça e se dobrou, tentando se afastar. Sem se preocupar, Garoth correu a lâmina, rasgando o vestido até a bainha e lançando penas no ar.

Abruptamente ficou calmo de novo. Deixou a faca se projetando do colchão, abriu o vestido e pôs a mão gentilmente na coxa exposta da jovem. Ela tremia incontrolavelmente.

– É difícil colocar espiões no Chantry. Por que eles são tão estúpidos e morrem, Neph?

– Pelo mesmo motivo que se juntam a nós, para começo de conversa, Sua Santidade: ambição.

Garoth olhou cansado para o vürdmeister.

– Foi uma pergunta retórica.

– Mas tenho uma boa notícia – disse Neph. – Capturamos um bardo ladeshi chamado Aristarchos. Acho que o senhor vai querer interrogá-lo pessoalmente.

- Por quê?
 - Porque o que ele viu é notável.
- Garoth estreitou os olhos.
- Seja mais claro.
 - Ele acredita que viu o portador de um ka’kari. Um ka’kari negro.



– Pare de me olhar! – disse Stephan.

Ele era um gordo mercador de roupas, um ex-amante com ressentimento que jurava a Vi que podia dizer quem era o Shinga. Ou o Shinga era uma mulher ou Stephan tinha pouca preferência com relação ao campo que ele arava, porque o seu preço era uma noite com ela.

Por isso, Vi estava deitada embaixo dele. Movia-se com a destreza de uma atleta e a habilidade de uma cortesã treinada pela própria Mama K, mas seus olhos eram absolutamente desapaixonados. Não gemia, não fazia caretas. Não fingiria sentir prazer, e isso estava causando problemas para Stephan. Como a maioria dos homens, ele falava de mais e tinha pau de menos.

Ele recuou e xingou a própria frouxidão. Estava suado e fedia por baixo dos óleos finos. Vi não pôde deixar de lhe lançar um sorriso condescendente.

– Achei que você iria me pegar de jeito – disse ela.

O rosto dele ficou vermelho e ela se perguntou por que o sabotava. Ele era como todos os homens e ela precisava saber o que ele tinha a dizer. Provocá-lo só iria fazer com que demorasse mais.

– Solte o cabelo – pediu ele.

– Esqueça meu cabelo.

Por Nysos, eles não podiam deixá-la em paz? Ela mudou de posição e mexeu os lábios, estendendo seu Talento para agarrá-lo, e começou a fazer coisas para que ele se esquecesse. Quando tinha 15 anos, mestre Gibbet a havia levado a Mama K. A cortesã ficara vendo o derramador comê-la e comentara:

– Criança, você trepa como se nem sentisse. Você sente?

Não havia como mentir para Mama K, por isso Vi admitira: seu sexo era totalmente entorpecido.

– Bom – dissera Mama K –, a magia mais antiga é a do sexo. Você nunca vai ser a melhor, mas, com seus peitos e todo o Talento que tem, ainda posso torná-la algo especial.

Vi agora usava sua habilidade, amaldiçoando o imbecil à sua frente num sussurro. Stephan gemeu feito um animal e terminou em instantes. Enquanto ainda

estava num estupor, ela se limpou na capa fina do sujeito e se sentou de pernas cruzadas na cama, com a armadura de sua nudez.

– Diga, gordo.

Ela olhou suas banhas pálidas com tamanho nojo que ele se cobriu, envergonhado.

– Por todos os deuses, você precisa...

– Diga.

Stephan cobriu os olhos.

– Ele costumava usar mensageiros. Eles vinham à minha casa. Às vezes eu ouvia uns pedaços, mas ele era cuidadoso. Queimava as poucas cartas que recebia, sempre saía para falar com os mensageiros. Mas na noite da inva... da libertação, ele recebeu um mensageiro e escreveu um bilhete.

Stephan puxou um manto e se enrolou com ele antes de ir até sua mesa. Pegou um pedaço de papel de arroz ceurano e entregou a ela. Estava em branco.

– Levante contra a luz – disse.

Vi ergueu o papel diante de um lampião e viu fracas impressões. “Salve Logan Gyre”, dizia numa letra minúscula, “e a garota e a mulher com cicatrizes se puder. Vou recompensá-lo além de seus sonhos mais loucos.”

Em vez de um nome, estava assinado com dois símbolos: um olho com pálpebra pesada circunscrevendo uma estrela, desenhado sem levantar a pena do papel, e ao lado uma estrela de nove pontas. O primeiro era o símbolo do Sa’kagé; o segundo, o do Shinga. Os dois juntos significavam que todos os recursos do Sa’kagé estavam à disposição do destinatário.

– Depois disso ele saiu – disse Stephan. – E nunca mais voltou. Eu disse que o amava e ele nem quis me ver.

– O nome dele, gordo. Diga o nome dele.

– Jarl – respondeu. – Que os deuses me perdoem, o Shinga é Jarl.



Num dos seus esconderijos mais pobres, repleto de escuridão, ratos e baratas, Jarl e Mama K se reuniam com um morto. Ele sorriu enquanto entrava na sala. Sua perna direita estava amarrada com talas, de modo que não conseguia dobrar o joelho, e o braço direito descansava numa tipoia. Sangue havia escorrido pelas bandagens em volta do cotovelo. Usava uma muleta, mas ele a segurava com a mão direita, em vez de enfiá-la embaixo do braço. O ferimento no cotovelo o impedia de apoiá-la no lado que o joelho exigia, por isso ele mais saltitava do que mancava. Tinha cabelo grisalho curto, era um velho musculoso, magro e forte e, apesar de estar com o rosto

macilento e cinza, sorriu.

– Gwinvere – disse ele. – É bom ver que os anos a respeitaram.

Ela sorriu e, em vez de comentar sobre a aparência dele – o sujeito parecia que estivera dormindo nas sarjetas –, disse:

– É bom ver que você não perdeu a língua afiada.

Brant Agon foi saltitando até uma cadeira e sentou-se.

– As notícias sobre meu falecimento foram tremendamente exageradas.

– Brant, esse é Jarl, o novo Shinga. Jarl, este é o baronete Brant Agon, ex-lorde general de Cenária.

– O que posso fazer por você, lorde general? – perguntou Jarl.

– Você é gentil demais. Pareço um mendigo e vim mendigar. Mas sou mais do que um mendigo. Lutei em todas as fronteiras deste país. Lutei em duelos, comandeí esquadrões e campanhas com 5 mil soldados. Você está diante de uma guerra. Khalidor dispersou nossos exércitos, mas o poder em Cenária é o Sa’kagé. O Deus-rei sabe disso. Ele vai destruí-los a não ser que o destruam antes. Vocês precisam de guerreiros, e eu sou um. Os derramadores têm seu lugar, mas não podem fazer tudo: como vocês viram há poucas semanas, eles podem apenas tornar tudo pior. Eu, por outro lado, posso tornar seus homens mais eficientes, mais disciplinados e melhores. Basta que me dê um posto e me ponha no comando.

Jarl se balançou para trás em sua cadeira e juntou as pontas dos dedos. Olhou para Brant Agon por um longo tempo. Mama K se obrigou a ficar em silêncio. Ela havia sido Shinga por tempo de mais, era difícil se arriscar a deixar que Jarl cometesse erros, mas tinha tomado sua decisão. Que Jarl assumisse a vida, o poder e o cabelo grisalho. Ela ajudaria até que ele não precisasse mais dela.

– Por que está aqui, lorde Agon? – perguntou Jarl. – Por que eu? Terah Graesin tem um exército. Se a sua vontade fosse cumprida, o Sa’kagé teria sido varrido há anos.

– Ouvimos dizer que você foi morto numa emboscada – disse Mama K.

– Como recompensa por minha estupidez, Roth Ursuul me poupou – respondeu Brant, amargo. – Foi minha ideia que Logan Gyre se casasse com Jenine Gunder. Achei que, se a linhagem do rei estivesse garantida, isso impediria um golpe. Pelo contrário, fez com que Logan e Jenine também fossem mortos.

– Khalidor jamais teria deixado que eles vivessem – disse Mama K. – Na verdade, é uma misericórdia para Jenine. Ela poderia ter sido tomada para a diversão de Ursuul, e as histórias que ouvi...

– De qualquer modo – interrompeu Agon, não querendo ouvir qualquer absolvição –, eu fugi. Quando cheguei em casa, minha mulher tinha sido levada. Não sei se está morta ou se é uma das “diversões”.

– Ah, Brant, sinto muito – disse Mama K.

Ele continuou sem olhá-la, com o rosto rígido:

– Decidi viver e ser útil, Shinga. As casas nobres querem travar uma guerra. A duquesa Graesin usará gracejos para conseguir um trono. Eles não têm vontade para vencer. Eu tenho, e acho que vocês também. Quero vencer. Se não conseguir, quero matar o máximo de khalidori que puder.

– Está propondo me servir ou ser meu parceiro? – perguntou Jarl.

– Tanto faz.

– E o que acontece se vencermos? – perguntou Jarl. – Você voltará a tentar nos eliminar?

– Se vencermos, você provavelmente vai decidir que sou perigoso demais e vai mandar me matar. – Brant deu um sorriso débil. – No momento, isso não me incomoda muito.

– Sei. – Jarl passou as mãos pelas microtranças, pensando. – Não admitirei uma lealdade dividida, Brant. Você vai me servir, e somente a mim. Tem problema com isso?

– Todo mundo a quem jurei qualquer coisa está morto. – Brant deu de ombros. – A não ser, talvez, minha mulher. Mas tenho algumas perguntas. Se você é o novo Shinga, quem é o antigo? Ainda está vivo? Quantas frentes essa guerra vai ter?

Jarl ficou quieto.

– Eu sou a antiga Shinga – disse Mama K. – Estou me aposentando, e não porque Jarl me obriga. Eu o venho preparando para isso há anos, mas agora os acontecimentos forçaram nossa precipitação. As Tocas são nosso centro de poder, Brant, e elas estão morrendo. A fome já é um problema, mas a pestilência vem em seguida. O Deus-rei não se importa com o que acontece aqui. Por enquanto ele não estabeleceu nenhuma estrutura de poder. Se nós quisermos sobreviver, e com “nós” estou falando do Sa’kagé, de Cenária e de todas as almas desgraçadas das Tocas, as coisas precisam mudar. Ainda podemos trazer carroças e barcos; os soldados verificam as cargas em busca de armas e exigem suborno, mas podemos sobreviver a isso. Não podemos sobreviver é ao que acontecerá quando as carroças com comida começarem a ser saqueadas. As pessoas estão passando fome e não há guardas para impedir o roubo. Se uma carroça for saqueada, todas as que vierem em seguida também serão. Se isso acontecer, os mercadores vão parar de mandar alimentos. Então todo mundo vai morrer. Ainda não chegamos a esse ponto, mas estamos perto.

– E o que vocês vão fazer?

– Vamos estabelecer um governo discreto. Todo mundo me conhece – disse Mama K. – Posso contratar espancadores para vigiar as carroças; posso resolver disputas; posso supervisionar a construção de abrigos.

– Isso transforma você em um alvo – apontou Brant.

– Sou um alvo, independentemente de qualquer coisa. Perdemos alguns derramadores, e não quero dizer que estão mortos. Os derramadores fazem um juramento mágico de obediência que os ata ao Shinga. O Deus-rei partiu essa ligação. Fiquei sabendo que Hu Gibbet contou ao Deus-rei quem eu era. Garoth não acreditou que uma mulher pudesse ser o Shinga, de modo que agora está procurando o verdadeiro. Mas ele pode mudar de ideia, quer eu aja em público ou fique nas sombras. Não posso controlar isso, portanto é melhor fazer o que precisa ser feito.

Mama K parecia calma como qualquer guerreiro veterano indo para a batalha. Dava para ver que Brant Agon estava pasmo.

– Diga qual é o meu papel – pediu Brant.

– Escolha alguns de meus homens – disse Jarl – e os transforme em caçadores de bruxos. Depois disso, quero que faça defesas que possamos usar, caso o exército venha com força total às Tocas. Os khalidori têm bruxos, soldados e alguns dos nossos melhores homens. O único motivo para eu ainda estar vivo é que eles não sabem quem eu sou. Bem-vindo a bordo.

– O prazer é meu.

Brant Agon fez uma reverência desajeitada por causa dos ferimentos e saiu pela porta, atrás de um guarda-costas enorme. Quando ele sumiu, Jarl se virou para Mama K.

– Você nunca me contou que se conheciam.

– Acho que não conheço esse Brant Agon.

– Responda à pergunta.

Um leve sorriso tocou os lábios dela, divertida e um tanto orgulhosa por Jarl estar assumindo o comando.

– Há trinta anos, Brant se apaixonou por mim. Eu era ingênua. Achei que o amava também e o arruinei.

– Você o amou? – questionou Jarl, em vez de perguntar o que tinha acontecido.

Para Mama K o interrogatório era uma prova de que tinha escolhido o homem certo para sucedê-la. Jarl era capaz de encontrar falhas. Mas uma coisa era admirar sua capacidade e outra era experimentá-la. Ela deu um sorriso que não chegou aos olhos. Aquilo não enganaria Jarl nem por um segundo, mas depois de todos esses anos a máscara era puro reflexo.

– Não sei. Não lembro. O que importa?



— Dizem que Gaelan Starfire jogou o ka’kari azul no mar, criando o Redemoinho de Tlaxini – disse Neph. – Se for assim, ele ainda pode estar lá, mas não faço ideia de como iríamos recuperá-lo. O branco ficou perdido durante seis séculos. Acreditávamos que estava no Chantry, mas sua avó provou que não. O verde foi levado a Ladesh por Hrothan Steelbender e foi perdido. Verifiquei que Hrothan chegou a Ladesh há uns 220 anos, mas não pude descobrir mais nada. O prateado foi perdido durante a Guerra dos Cem Anos e poderia estar em qualquer local, desde Alitaera até Ceura, a não ser que Garric Shadowbane o tenha destruído de algum modo. O vermelho foi lançado na montanha do Vento das Cinzas, que agora é o Monte Tenji, em Ceura, por Ferric Fireheart. Segundo boatos, o marrom está na escola dos Criadores em Ossein, mas duvido.

– Por quê? – perguntou Garoth Ursuul.

– Não creio que eles conseguiriam resistir e não usá-lo. Com o domínio da terra, aqueles Criadores mesquinhos iriam se tornar cem vezes mais hábeis num instante. Isso não aconteceu. Ou os homens daquela escola são menos ambiciosos do que eu imaginava ou ele não está lá. Há o boato de que ele está no Gigante Azul de Caernarvon, o castelo. Creio que isso não passa de um alarde equivocado. Não é um lugar inteligente para esconder um ka’kari.

– Mas temos uma boa pista para o vermelho?

– O vürdmeister Quintus passou por Ceura e confirmou que as explosões do Monte Tenji são pelo menos parcialmente mágicas. O problema disso é o mesmo do ka’kari azul. Ele estará intacto depois de ser exposto a tanta força dos elementos por demasiado tempo?

– Você não está ajudando muito, Neph.

– Não estou exatamente catando conchas do mar. – Sua voz pareceu oleosa. Ele odiava isso.

Garoth suspirou.

– E o negro?

– Nem ao menos um sussurro. Nem mesmo nos livros mais antigos. Se o ladeshi não estiver delirando, é o segredo mais bem guardado de que já ouvi falar.

– Esse é o objetivo de um segredo, não é? – perguntou Garoth.

– Hein?

– Pegue nosso passarinho ladeshi. Vamos fazê-lo cantar.



Elene queria que ele vendesse a espada. Nas últimas dez noites, nada disseram sobre essa questão. Mas o silêncio às vezes não pode ser contido.

– Você nem olha para ela, Kylar. Ela só fica naquele baú embaixo da cama.

Suas sobrancelhas escuras se franziram, formando pequenas rugas de preocupação. Ele estava começando a conhecê-la bem demais.

Kylar sentou-se na cama, esfregando as têmporas. Estava cansado disso. Cansado de tudo. Será que ela esperava mesmo que ele respondesse? Claro que sim. Eram somente palavras e ar desperdiçado. Por que as mulheres sempre acreditavam que falar num problema iria resolvê-lo? Algumas perguntas eram cadáveres. O ar quente as fazia supurar, apodrecer e espalhar a doença para todo o resto. Era melhor enterrá-las e seguir em frente.

Como Durzo. Virando comida de vermes.

– Era a espada do meu mestre. Ele me deu – disse Kylar.

– Seu mestre lhe deu um monte de coisas, inclusive surras. Ele era um homem mau.

Isso provocou um pouco de raiva em Kylar.

– Você não sabe nada sobre Durzo Blint. Ele era um grande homem. Morreu para me dar a chance...

– Ótimo, ótimo! Vamos falar do que eu sei? – Elene estava de novo à beira das lágrimas. Maldita. Estava tão frustrada quanto ele. O que piorava as coisas era que ela não tentava manipulá-lo com aquelas lágrimas. – Nós não temos nada. Perdemos tudo e fizemos tia Mea e Braen perderem muita coisa também. Temos os meios de consertar isso e eles merecem. É nossa culpa esses bandidos terem queimado o celeiro.

– Quer dizer, *minha* culpa – retrucou Kylar. Escutava Uly chorando no quarto. A menina podia ouvi-los gritando, através da parede.

Se tivesse cuidado de Tom Gray do seu modo, o sujeito ficaria com medo de chegar a cinco quarteirões da casa de tia Mea. Kylar conhecia a música das ruas. Falava a língua da carne, tocava os acordes sutis da intimidação, cantava o medo no coração dos homens. Conhecia e amava essa música. Mas as notas das canções ensinadas por Durzo não eram silogismos. Não havia tese, nem o contraponto da antítese, a harmonia da síntese. Não era esse tipo de música. A música da lógica era elevada demais para as ruas, sutil demais, todas as nuances eram erradas.

O tema central do derramador, sempre que ele tocava, era o sofrimento, porque

todo mundo entende a dor. Era brutal, porém não desprovido de nuances. Sem revelar seu Talento, Kylar poderia ter cuidado dos seis bandidos de rua e de Tom Gray. Os rapazes saíam com hematomas e perplexidade. Kylar machucaria Tom. Mas, mesmo se ela tivesse deixado, será que ele poderia mostrar isso a Elene? E se ela visse seu júbilo?

Olhou o rosto dela, tão linda que ele se pegou contendo as lágrimas.

Que diabo foi isso?

– Por que não deixamos de lado as baboseiras em que eu digo que a espada é inestimável e você diz que vendê-la significa que teríamos o suficiente para abrir a loja? Eu vou dizer que não posso vendê-la nem explicar por quê. Você vai dizer que eu quero ser derramador e que está me prendendo, e então vai começar a chorar. Então por que não começa a chorar? Eu abraço você, nos beijamos durante uma hora e depois você cai no sono com facilidade enquanto eu fico acordado com os bagos doendo. Aliás, será que podemos pular direto para a parte do beijo? Porque a única parte de toda a porra da nossa vida de que eu desfruto é quando estamos juntos e acho que finalmente vamos trepar. O que acha?

Elene absorveu isso. Kylar viu os olhos dela marejando, mas ela não chorou.

– Eu amo você, Kylar – respondeu Elene baixinho. Seu rosto se acalmou e a ruga de preocupação sumiu. – Acredito em você e estou com você, não me importo com mais nada. Amo você. Escutou? Amo. Não entendo por que você não quer vender a espada... mas aceito. Está bem? Não vou falar nisso de novo.

Agora ele era o sacana. Estava sentado numa fortuna em vez de usá-la para pagar às pessoas que tinham sofrido por ele e para sustentar a mulher e a filha. Mas ela iria aceitá-lo. Que nobre! O pior era que ele sabia – maldição, ele sabia porque sempre conseguia enxergar através dela – que Elene não o estava sacaneando. Estava tentando fazer a coisa certa. Isso apenas tornava mais nítido o contraste entre os dois.

Ela não me conhece. Acha que conhece, mas não é assim. Ela me aceitou achando que Kylar era apenas uma versão mais velha, ligeiramente suja, de Azoth. Não sou sujo, sou imundo. Mato pessoas porque gosto.

– Venha para a cama, querido – disse Elene.

Ela estava se despindo, e o volume dos seios sob a camisola, as curvas dos quadris e as pernas longas provocavam nele o mesmo fogo de sempre. A pele reluzia à luz da vela e os olhos de Kylar se fixaram na ponta de um mamilo enquanto ela soprava a chama. Ele já estava com a roupa de baixo, e a desejava. Ferozmente.

Deitou-se, mas não a tocou. O ka'kari o havia amaldiçoado com visão perfeita apesar de qualquer escuridão. Amaldiçoado, porque ainda podia vê-la. Podia ver a dor no rosto dela. Sua luxúria era uma corrente da qual ele se sentia escravo, e isso o enojava. Assim, quando ela se virou para ele e o tocou, Kylar não se mexeu.

Rolou de costas para baixo e olhou o teto.

Eu não deveria estar aqui. O que estou fazendo? A felicidade não é para assassinos. Não posso mudar. Sou indigno. Não sou nada. Um herbalista sem ervas, um pai que não é pai, um marido que não é marido, um matador que não mata. Aquela espada sou eu. Por isso não posso me livrar dela. É o que eu sou. Uma espada na bainha, valendo uma fortuna, no fundo de um baú. Pior do que inútil. Um desperdício.

Sentou-se, depois ficou de pé. Enfiou a mão embaixo da cama e pegou o baú da espada. Elene sentou-se enquanto ele começava a vestir a roupa cinza de derramador.

– Querido?

Ele se vestiu em instantes – Blint o fizera treinar até mesmo isso –, fixando facas nos braços e nas pernas, prendendo um jogo de gazuas num pulso e um arpéu dobrável às costas, junto à cintura, ajustando as dobras de tecido cinza de modo a abafar qualquer som, prendendo Retribuição às costas e colocando uma máscara de seda preta.

– Querido – disse Elene com a voz tensa. – O que você está fazendo?

Ele não saiu pela porta nem desceu a escada. Esta noite, não. Em vez disso, abriu a janela. O ar tinha um cheiro bom. Livre. Inalou um grande hausto nos pulmões e o sustentou como se pudesse prender essa liberdade dentro do corpo. Diante da ironia desse pensamento, soltou o ar de uma vez e olhou para ela.

– O que eu sempre faço, amor. Estragando tudo.

Com um jorro de seu Talento, saltou para a noite.



Ferl Khalius estava de novo no mesmo serviço de merda. Depois de sua unidade ser trucidada durante a invasão, ele fora escolhido para todas as tarefas ruins: jogar corpos daquela ponte frágil meio queimada; ajudar os cozinheiros a levar suprimentos para o castelo; ajudar os meisters a construir a nova muralha do Deus-rei em volta da cidade. Jamais uma tarefa boa como na ponte Vanden, onde a cada turno os guardas recebiam o equivalente a uma semana de pagamento em suborno para deixar alguns patifes atravessarem. Agora isso.

Olhou enojado para o prisioneiro. O sujeito era gordo, com as mãos macias de um nobre sulista, mas tinha a barba ruiva à moda khalidori. Seu nariz era torto e as sobrelanceiras pareciam escovas. Olhou para Ferl com ansiedade evidente.

Ferl não deveria falar com ele nem saber quem ele era. Mas desde o início teve uma sensação ruim, desde que um capitão tinha dito que os vürdmeisters queriam

vê-lo. Requisitaram-no pelo nome. Deveria se apresentar imediatamente.

Esta era uma coisa que nenhum khalidori queria escutar. Ferl achou que era por causa de sua pequena lembrancinha: a espada com punho de dragão que havia tirado da ponte. Mas não era por isso que o queriam, apesar de ele quase ter se mijado ao ver que estava falando com o próprio Neph Dada. Nenhum vürdmeister era normal, porém Neph era assustador até mesmo para um vürdmeister. Ferl tinha olhado o tempo todo para as doze cordas com nós que representavam os shu'ras que Neph havia dominado. Era assustador demais olhar o rosto dele.

Neph tinha dado esse serviço a Ferl, e somente Ferl. Ele fora proibido de falar a respeito com qualquer soldado, fora proibido de chegar perto deles durante toda a tarefa. O nobre e ele estavam confinados à casa de um comerciante no lado leste. Às pressas, alguns meisters tinham transformado parte da casa em prisão. Só havia um motivo para isso: era algo tão importante que precisava ser feito sem o conhecimento de ninguém. Depois o deixaram com comida suficiente para vários meses e proibiram que ele saísse.

Isso deixava tudo com a sensação de ser errado. Ferl Khalius não tinha se tornado o segundo – agora o primeiro – em seu grupo de guerreiros a ser idiota. Descobriu que o prisioneiro era o barão Kirof. O barão dizia não saber por que tinha sido preso. Protestou inocência e lealdade a Khalidor. O fato de desperdiçar o fôlego falando com um mero soldado mostrou a Ferl que o barão Kirof não era muito inteligente.

Desobedecendo às ordens, Ferl saiu disfarçadamente e descobriu que o barão Kirof fora assassinado. O bom duque khalidori, Tenser Vargun, estava agora apodrecendo na Bocarra por ter matado um nobre cenário que não estava morto.

Foi quando soube que estava ferrado. Sua imaginação não conseguia pintar nenhum quadro em que as coisas corressem bem para Ferl Khalius. Por que alguém designaria para esse trabalho um homem que não fizesse parte de uma unidade? Porque seria possível matá-lo sem que ninguém soubesse. Quando chegasse a hora, o barão Kirof seria solto ou morto. Mas Ferl? Ferl seria a prova de que os vürdmeisters estavam mentindo.

Eu deveria ter voltado para Khalidor. Ofereceram-lhe emprego de cuidar dos bois das carroças de bagagem. Quase havia aceitado. Se tivesse, já poderia estar voltando ao seu clã. Mas todo mundo que escoltava o tesouro para Khalidor passava por uma revista completa antes de ser liberado, e isso implicaria perder a preciosa espada. Por isso ficou, com a certeza de que poderia pegar uma pequena fortuna enquanto saqueassem a cidade.

– Eu deveria matar você – disse Ferl. – Deveria matar você só para prejudicá-los.

O gordo ficou mais pálido. Dava para ver que Ferl falava sério.

– Diga, gordão. Se os vürdmeister dissessem que você poderia viver se mentisse com relação a quem o sequestrou, você faria isso?

– Que tipo de pergunta idiota é essa? – perguntou o barão Kirof.

Então eles saberiam que Kirof entrou no jogo.

– Você é um homem corajoso, não é, gordão?

– Do que me chamou? – perguntou o barão Kirof.

As mãos de Ferl passaram pelas barras e ele agarrou um bocado da gordura do barão e apertou com o máximo de força que conseguiu. Os olhos do barão Kirof se arregalaram e ele guinchou, tentando se soltar, mas Ferl o segurou contra as barras, pela gordura.

– Gordão! Chamei de gordão! – disse.

Em seguida agarrou a bochecha do prisioneiro e apertou com a outra mão. O barão se sacudiu, tentou bater nas mãos de Ferl, mas era fraco demais.

O barão gemeu e recuou na cela, deixou-se cair na cama e esfregou a bochecha e os pneus da cintura, com os olhos nublados de lágrimas.

– Gordão? – perguntou, magoado.

Ferl tinha sorte porque não estava com uma lança.

– Mexa esse rabo gordo – disse. – Nós vamos sair.



Estar simplesmente em movimento, saltando de telhado em telhado, voando acima do mundo, enchia de júbilo o coração de Kylar. Os prédios de Cenária eram uma mistura de casas de bambu e fibra de arroz estilo ceurano com telhados de barro inclinados e outros de tijolos vermelhos e madeira cobertas de palha. Raramente era possível mover-se de telhado em telhado. Aqui, a centenas de quilômetros da plantação de arroz mais próxima e sem a ameaça de neve, todas as lajes de cobertura eram de argila plana e sólida sustentada por madeira boa. Para um homem com os talentos de Kylar elas formavam uma estrada no ar.

Kylar estava adorando. Adorava a força dos músculos, adorava o gosto do ar noturno e o poder secreto de se mover pela noite como uma sombra. Tudo era perfeito. Nada se ajustava melhor ao corpo do que suas roupas cinzentas de derramador. Desenhadas pelo melhor alfaiate de Cenária, o mestre Piccun, elas se moviam junto com ele. As cores tornariam até mesmo um homem sem Talento difícil de ser visto.

Parou na borda de uma construção, girando o pescoço e alongando as costas enquanto recuava. A distância até o teto do armazém tinha uns bons 6 metros. Soltou o fôlego e correu. Seus passos não faziam barulho enquanto ele corria para a borda. Saltou, mas suas pernas continuaram se movendo. Pousou com facilidade a 2 metros da borda.

Ele se lançou em direção à parede que dava para o pequeno terceiro andar. Era alta demais para Kylar agarrar a borda. Então ele correu pela parede o máximo possível e depois saltou. Estendeu as mãos para as traves da cobertura, mas errou. Seus dedos passaram uns 15 centímetros abaixo do necessário.

Mãos fantasmas se projetaram das suas e alcançaram a trave. Kylar girou para cima e pousou sobre a trave de uns 8 centímetros de largura. Desequilíbrio-se por um momento, mas se firmou, gritando de alegria.

Nada mau. Nada mau mesmo. Na próxima vez tentaria fazer isso enquanto estivesse invisível. Estava começando a entender o que seu mestre dissera uma vez, sobre quanto precisaria treinar para usar seu Talento. Alterar o uso do Talento para saltar e estender as mãos fantasmas era quase mais do que conseguia. Fazer isso invisível e correndo a toda velocidade... Bom, o que ele mais tinha era tempo para treinar, não era?

Para quê? Treinar para quê?

O pensamento azedou o ar noturno. A liberdade que tinha sentido se dissipou como névoa. Estava treinando para nada. Apenas porque não suportava ficar deitado perto de Elene com os pensamentos, as emoções e a luxúria travando uma guerra dentro de si. Alternava-se entre querer rasgar as roupas dela e possuí-la com violência e querer gritar com ela. Tinha medo da intensidade dessas emoções, tinha medo de como elas se sobrepunham. Isso não era fazer amor. A simples ideia o deixava nauseado.

Saltou por cima de outro espaço enorme e de um casal passeando de braços dados, e ouviu a pergunta que um fez ao outro: *Será que alguma coisa passou voando por cima da gente?* Riu alto e todos os pensamentos se dissolveram no inebriamento da ação, do movimento e da liberdade.

Quando passou por uma pequena quadrilha esperando emboscar algum bêbado que entrasse no beco, Kylar se sentia totalmente vivo. Nem precisava dos poderes. Estava simplesmente ali, cada sentido afinado, cada fibra do ser preparada para agir. Se um dos bandidos o descobrisse, ele teria que usar seus poderes, fugir, atacar, pular, desviar-se, esconder-se – alguma coisa. Pôde sentir o cheiro de um malandro segurando uma faca numa das mãos e um odre de vinho na outra. Kylar precisou regular a respiração no mesmo ritmo do bandido, para que ele não o escutasse, testar cada passada, observar a luz mutável enquanto a lua entrava nas nuvens e saía delas. Precisava observar o rosto dos quatro rapazes que faziam piadas, falavam e passavam um cachimbo de erva-de-arruaça.

– Ei, cale a boca! – disse o sujeito mais perto de Kylar. – Nunca vamos pegar ninguém se vocês ficarem falando, seus idiotas.

Os homens se calaram. O olhar do bandido passou direto por Kylar, que se esforçou para não ofegar. Havia algo sombrio nele que o fazia se recordar de alguma coisa.

Mais adiante, um homem saiu cambaleando de uma estalagem. Apoiou-se numa parede e depois se virou na direção da emboscada.

O que estou fazendo? Kylar percebeu que não tinha um plano. *Preciso sair daqui.* Não tinha faltado à palavra com Elene. Ainda não. Afinal de contas, nunca havia prometido não matar. Sair à noite era um ato inofensivo.

Precisava fugir. Agora. Se eles comessem a bater no bêbado, não tinha ideia do que faria. Na verdade, sabia muito bem. Só que não podia. O ka'kari escorreu de seus poros como uma camada de óleo negro iridescente. Cobriu a pele e as roupas num instante – cobriu-o, tremeluziu por um instante brevíssimo e desapareceu.

Um dos bandidos do outro lado do beco franziu a testa e abriu a boca, mas mudou de ideia e balançou a cabeça, certo de que havia imaginado coisas. Kylar saltou 1,8 metro no ar e agarrou a borda do teto. Subiu e começou a correr para

longe. Quando ouviu um grito, não parou. Não olhou.

Só estava a quatro quarteirões de distância, ainda correndo, indo para a casa de tia Mea, quando viu uma garota sendo seguida por mais três bandidos. Que diabo ela estava fazendo na rua tão tarde? Qualquer pessoa nessa parte da cidade saberia como era idiotice para uma garota – uma garota bonita com cabelo dourado, claro – andar sozinha.

Não era da sua conta. Cabelos Dourados olhou por cima do ombro e Kylar viu seu rosto riscado de lágrimas. Maravilhoso. Uma garota idiota e emotiva sendo emotiva e idiota.

Parou. *Maldição. Você não pode salvar o mundo, Kylar. Você não é o Anjo da Noite. É só uma sombra, e as sombras não podem tocar em nada.*

Xingou de novo, alto. Na rua abaixo, os quatro personagens do pequeno melodrama olharam para cima do prédio, mas, claro, não o viram. Não o viram descer para a rua e começar a segui-los.

Se eles a apanhassem, Kylar teria que matá-los. Teria que machucá-los para afastá-los dela, e depois o que iria fazer? Espancá-los como um homem invisível? Deixar que eles espalhassem aquelas histórias? Alguém iria conectá-lo ao Anjo da Noite, cedo ou tarde, e então tudo iria para o inferno. Não, se eles a apanhassem e ele tivesse que violar a promessa feita a Elene, iria até o fim. Portanto, só havia uma coisa a fazer: garantir que não a pegassem.

Cabelos Dourados fez a primeira coisa sensata: começou a correr. Os bandidos se separaram e foram atrás. Kylar tirou Retribuição das costas, mas a deixou na bainha. Correu atrás de um dos bandidos, ajustou os passos com os do sujeito e fez um pé dele bater no outro com a espada na bainha. O bandido caiu violentamente e seu colega mal teve tempo de olhar por cima do ombro antes de também encontrar o chão.

Os dois xingaram, mas não eram muito inteligentes. Levantaram-se e recomeçaram a correr atrás da garota. Desta vez Kylar fez um tropeçar no outro. Os dois caíram num emaranhado de membros e começaram a xingar e a bater um no outro. Quando se levantaram, a garota havia sumido.

Kylar perdeu a garota e o último bandido de vista. Saltou para o teto de uma casa e correu atrás dela. Enquanto corria, tirou a invisibilidade para usar todo o Talento para a velocidade. Depois de voar por vários outros telhados, localizou Cabelos Dourados de novo. Estava a um quarteirão da única casa que tinha um lampião aceso na janela em um beco escuro. Sem dúvida era a casa dela.

O último bandido vinha por um beco transversal, por onde Cabelos Dourados precisaria passar. O sujeito a viu e recuou para as sombras. Não havia tempo. Kylar ainda estava mais de um quarteirão atrás deles. Correu até a borda de uma construção e saltou por cima de Cabelos Dourados sem ser visto, pegando

Retribuição antes de pousar no pequeno beco, bem na frente do bandido.

O homem tinha sacado uma faca. Pelos poços de escuridão nos olhos dele, Kylar viu um ódio profundo, irracional. O sujeito já havia assassinado e planejava matar Cabelos Dourados esta noite. Kylar não sabia como, mas sabia. E, ao ver aquela escuridão que exigia a morte, percebeu que já a tinha visto antes nos olhos do príncipe Ursuul.

Houve um momento de silêncio atônito enquanto o bandido e o Anjo da Noite se encaravam.

– Mãe? Pai? – gritou a garota passando pelo beco.

O bandido atacou e Retribuição saltou, atravessando seu plexo solar, tirando o ar de seus pulmões e pregando-o na parede.

Do outro lado da esquina, uma porta se abriu e Cabelos Dourados foi levada para dentro numa tempestade de desculpas balbuciadas, perdões e lágrimas. Kylar percebeu que ela havia brigado com os pais, por causa de alguma coisa que nenhum deles se lembrava agora, e tinha fugido.

O bandido estremeceu. Tentava respirar, mas não conseguia, porque Retribuição tinha esmagado suas costelas e as empurrado com força contra o diafragma. Suas pernas estavam bambas. Kylar devia ter cortado sua coluna pelo menos em parte, porque a única coisa que o mantinha de pé era a espada que o prendia à parede.

O homem já estava morto, só ainda não tinha descoberto isso.

Maldição, o que eu fiz? Kylar puxou Retribuição de volta e o bandido caiu. Sem sentir pena, Kylar cravou a espada no coração dele. Agora estava comprometido. Não deixaria o corpo ali. Era pouco profissional e a descoberta destruiria a felicidade tênue que podia ouvir através das janelas abertas. Havia um pouco de sangue na parede, por isso Kylar o enxugou com a capa do bandido, depois esfregou terra em cima.

Dentro da casa, tudo era alegria e reconciliação. A mãe serviu uma chaleira de ootai e ficou falando sobre como eles tinham se preocupado. A garota estava contando a história de como havia sido seguida e fugido, como ficara aterrorizada demais e como os homens, por algum motivo, caíam o tempo todo.

Kylar sentiu um jorro de orgulho, seguido pelo nojo diante de toda aquela doçura doméstica. Mas era mentira. Ele não estava com nojo. Estava comovido. Comovido e profundamente solitário. Estava do lado de fora, nas ruas com o morto, sozinho. Chutou terra sobre o sangue no chão e enfiou panos nos ferimentos do cadáver.

– Louvado seja Deus – disse a mãe. – Seu pai e eu ficamos rezando por você o tempo todo.

Esse sou eu, pensou Kylar enquanto colocava o corpo no ombro. *A resposta*

para as preces de todo mundo. Menos de Elene.



– Por que alguém destruiria um ka’kari, Neph?

O Deus-rei estava andando de um lado para outro em uma de suas salas oficiais.

– Os sulistas costumam ser ilógicos, Santidade.

– Mas sem dúvida esses heróis que supostamente destruíram os ka’kari, Garric Shadowbane, Gaelan Starfire, Ferric Fireheart, certamente devem ter nascido bruxos. Não foram treinados como meisters, claro, mas tinham Talento. Guerreiros assim poderiam ter dominado o ka’kari. E não fizeram isso? Estamos dizendo que pelo menos três guerreiros optaram por destruir artefatos que podiam torná-los dez vezes mais poderosos do que já eram? Grandes homens não costumam ser tão altruístas.

– Santidade, o senhor está tentando entender a mente de um povo que abraça as virtudes da fraqueza. São pessoas que colocam a compaixão acima da justiça, a misericórdia acima da força. A filosofia deles é doente, uma espécie de loucura. Claro que eles fazem o inexplicável. Veja com que ânsia Terah Graesin corre para a própria perdição.

O Deus-rei descartou isso.

– Terah Graesin é uma idiota, mas nem todos os sulistas são. Se fossem, meus antepassados os teriam dominado há séculos.

– Certamente – disse Neph Dada –, não fossem as incursões do Gelo.

Garoth desconsiderou isso. Um meister mediano sempre havia sido mais forte do que um mago mediano, frequentemente tinha mais companheiros em sua profissão, e ele e seus colegas não se dividiam em escolas que brigavam entre si e se espalhavam por Midcyru. Os exércitos khalidori eram tão bons quanto a maioria e melhores do que muitos. A despeito dessas vantagens, as ambições dos Deuses-reis tinham sido frustradas repetidamente.

– Eu sinto... que há algo mais nessa história – disse Garoth.

– Algo mais, Santidade? – Neph tossiu e chiou.

– Talvez esses sulistas acreditem mesmo no que dizem, sobre misericórdia e proteção aos fracos, mas nossa experiência me diz que não. Porém o chamado do poder não é ignorado com facilidade, Neph. Talvez um santo da crença deles seja capaz de destruir um ka’kari que ele poderia usar. Mas como todos os seis ka’kari puderam desaparecer e permanecer escondidos por tanto tempo? Gerações de santos, cada novo guardião sendo tão virtuoso quanto o anterior? Não faz sentido. Um deles falharia.

– Os ka’kari *apareceram* de tempos em tempos.
– É, mas cada vez mais raramente à medida que os séculos passavam. A última vez foi há cinquenta anos. Alguém vem tentando destruir ou pelo menos esconder os ka’kari. É a única coisa que faz sentido.

– Então *alguém* por aí andou ocultando ka’karis durante sete séculos? – perguntou Neph, impassível.

– Claro que não foi *alguém*. Mas algum... grupo. Uma pequena conspiração é muito mais fácil de engolir do que uma conspiração de todos os santos sulistas que já viveram. – Ele fez uma pausa, acompanhando a ideia. – Pense nos nomes deles. Shadowbane, Fireheart, Starfire? Não são sobrenomes. São nomes adquiridos. Se estou certo, pode ser que Garric Shadowbane, Ferric Fireheart e Gaelan Starfire tenham sido os paladinos desse grupo, seus avatares, por assim dizer.

– E o avatar deles hoje...? – perguntou Neph.

Garoth sorriu.

– Agora temos um nome. Hoje de manhã meu bardo ladeshi cantou. O homem que caminhou por esses salões com um ka’kari, que matou meu filho, era o lendário Durzo Blint ou seu aprendiz, Kylar Stern. Durzo Blint está morto. Portanto, se Kylar Stern é esse avatar... – Garoth parou. – Isso explicaria por que esses heróis estavam dispostos a destruir um ka’kari. Porque não podiam usar outro. Porque eram os portadores do ka’kari negro.

– Santidade, não é possível que, em vez de destruir esses ka’kari, eles os tivessem mantido?

Garoth pensou nisso.

– É possível. E Kylar pode não ser aliado deles.

– Nesse caso, eles podem estar tentando acrescentar o negro à coleção – disse Neph.

– Não sabemos. Não temos como saber nada enquanto não pegarmos Kylar Stern. Meu passarinho será a assassina perfeita. Enquanto isso, Neph, contate cada meister e agente que temos nas terras do sul e diga para ficarem de olho. Não me importa se isso custar todo este reino, pegue Kylar Stern para mim. Vivo, morto, tanto faz, só me traga aquele maldito ka’kari.



As primeiras semanas no Cu do Inferno tinham sido as mais sombrias antes de Logan se transformar num monstro. Ele havia feito barganhas com o diabo e com seu próprio corpo. Tinha comido a carne que lhe veio naquele dia medonho. Quando Fin matou Casca de Ferida, comeu carne de novo. Logan precisou matar Tom Comprido por essa carne, e essa morte o transformou num monstro. Ser um monstro o deixou em segurança. Mas ele não se contentou em ficar seguro. Não se contentou em meramente sobreviver. Logan vivia com o lado feroz e primitivo de si mesmo, mas não deixaria que isso resumisse quem ele era agora.

Dividia sua carne. Dera um pouco a Lilly, não em troca de sexo, como faziam os outros moradores do Buraco, e sim por decência. Ela lhe ofereceu o conselho que o manteve humano. Além disso, compartilhava com os outros monstros: Tats, Yimbo e Rangido. Ficava com as melhores partes – pelo menos as melhores que ele suportava comer. Braços e pernas eram uma coisa, mas comer o coração de um homem, os miolos, os olhos, quebrar os ossos para sugar o tutano, isso Logan não faria. Era uma linha débil, uma linha que ele só atravessaria caso as coisas piorassem muito. Tinha afundado o suficiente, por isso dividia por escrúpulo e por nobreza.

Era o primeiro passo para reivindicar a humanidade de volta. Fin seria capaz de matá-lo na primeira oportunidade. Os monstros não se importavam, portanto ainda era possível atraí-los para seu lado. Não seria lealdade, e sim algo similar que faria toda a diferença.

Rangido era diferente. Logan ficava mais perto dele. Achava que o simplório era quem tinha menos probabilidade de traí-lo, apesar de ter aprendido cedo por que ele recebera esse nome. Toda noite Rangido trincava os dentes. Era um som tão alto que Logan ficou surpreso ao ver que o sujeito ainda tinha molares.

Na terceira semana, Logan acordou com o silêncio súbito dos dentes de Rangido e prestou atenção, no escuro. Rangido estava escutando, e seus ouvidos deviam ser melhores do que os de Logan, porque Logan ouviu passos um instante depois.

Dois guardas khalidori apareceram acima da grade e olharam para baixo com nojo. O primeiro era o que eles odiavam. Abriu a grade como sempre e jogou o pão pelo Buraco como sempre. Não importava que os prisioneiros soubessem que ele ia

fazer isso; os monstros e os animais, inclusive Logan, se levantavam e ficavam em volta do Buraco, esperando ter sorte com um lançamento ruim. Isso só aconteceu uma ou duas vezes, mas bastou para manter a esperança viva.

– Olhe isso – disse o guarda. Em seguida, abriu o último pão e mijou nele, encharcando-o de urina. Depois jogou-o.

Logan, como era o mais alto, pegou a maior parte. Devorou-o instantaneamente, ignorando o fedor, ignorando a umidade quente que pingava pelo queixo, ignorando a degradação.

O khalidori gargalhou. O segundo guarda riu, em dúvida.

No dia seguinte, o segundo guarda voltou sozinho. Tinha pão limpo e jogou para eles, um pão para cada prisioneiro. Com sotaque forte e sem olhar nenhum nos olhos, prometeu que traria pão todas as vezes que tivesse um turno de trabalho que não dividisse com Gorkhy.

Isso deu mais do que força e esperança a todos. Deu um nome para o homem que odiavam. Lentamente a sociedade retornou. Naquela primeira noite todos estavam tão fascinados por terem pão que nem tentaram roubar o dos outros. À medida que ganhavam forças, brigavam. Em poucos dias, o mudo Yimbo se embolou com Fin e foi morto. Logan ficou atento, esperando uma oportunidade de pegar Fin, mas a luta acabou depressa. A faca de Fin era uma vantagem muito grande.

Quando o pão chegava, Logan fazia questão de pegar mais do que os outros – não só pelo status, mas para ficar forte. Já havia perdido cada grama de gordura que um dia tivera e agora estava perdendo os músculos. Era todo feito de tendões e músculos magros e duros, mas ainda era grande e precisava ter força. Mesmo assim, dividia o que podia com Lilly, Rangido e Tats.

Depois de mais de dois meses, conseguiu uma brecha. Estivera nervoso, ficando cada vez mais apreensivo com Fin e suas malditas cordas. Logan dormia e acordava com o som dos demônios que agora ele imaginava – não era o vento, tinha certeza. Eram os demônios ou os espíritos de todos os infelizes que caíram no Buraco ao longo dos séculos. Sua cabeça latejava no mesmo ritmo dos uivos. Seu maxilar doía. Ele estivera rangendo os dentes durante toda a noite.

Então encontrou sua humanidade.

– Rangido. Rangido, venha cá.

O grandalhão o olhou com expressão vazia.

Logan se aproximou e muito lentamente pôs as mãos no maxilar de Rangido. Teve medo de que ele o mordesse. Se Rangido o mordesse ali embaixo, o mais provável que teria seriam infecção e morte. Mesmo assim, estendeu a mão. Rangido ficou perplexo, mas deixou que Logan massageasse lentamente sua mandíbula. Em instantes a expressão no rosto do simplório mudou. A tensão do rosto, que Logan tinha presumido que fizesse parte de sua deformidade, relaxou.

Quando Logan parou de massagear, o sujeito rugiu e o agarrou. Logan achou que iria morrer, mas Rangido apenas o abraçou. Quando foi solto, Logan soube que tinha um amigo para toda a vida, não importando que essa vida no Buraco fosse medonha, embrutecida e curta. Poderia chorar, mas não era mais capaz de produzir lágrimas.



Precisava matar Jarl.

Vi estava do lado de fora do esconderijo de Hu Gibbet e encostou a cabeça no portal. Precisava entrar, encarar Hu, preparar-se e matar Jarl. Simples assim. Em breve, seu aprendizado estaria completo e ela jamais precisaria encarar Hu outra vez. O Deus-rei tinha até mesmo permitisse que ela o matasse se quisesse.

Durante o ano que Vi tinha passado aprendendo o serviço no estabelecimento de Mama K, Jarl era seu único amigo. Ele havia feito de tudo para ajudá-la, especialmente nas primeiras semanas, quando ela era um desastre. Por causa das feições ladeshi bonitas e exóticas, da língua rápida, da inteligência e do jeito caloroso, todo mundo gostava de Jarl, e não somente os homens e as mulheres que faziam fila para obter seus serviços. (Faziam fila apenas figurativamente, claro. Mama K jamais toleraria uma coisa tão grosseira quanto uma fila no Javali Azul.) Vi sempre sentiu uma espécie de elo especial entre os dois.

Tinha um serviço a fazer. Verificou a porta de novo em busca de armadilhas. Não existiam. Hu ficava descuidado quando tinha companhia. Ela abriu a porta devagar, ficando de lado e mantendo as mãos abertas na fresta. Às vezes, quando Hu estava doido com cogumelos, atacava primeiro e não fazia perguntas. Como não veio nenhum ataque, Vi entrou.

Hu estava sentado, com o peito nu, numa cadeira de balanço no canto da sala atulhada, de olhos fechados. No entanto, não dormia. Vi era intimamente afinada com cada nuance de seu mestre; sabia como ele respirava quando dormia de verdade. Estava segurando agulhas de crochê nas mãos e um gorro de lã minúsculo, quase terminado. Uma touca de bebê desta vez, o escroto doentio.

Fingindo acreditar que ele estava dormindo, Vi olhou no quarto. Havia duas mulheres deitadas na cama. Vi as ignorou e começou a pegar seu equipamento.

Encontrar Jarl não seria problema. Só precisava espalhar a notícia de que precisava vê-lo e ele iria recebê-la. Os guardas dele garantiriam que ela não tivesse armas, mas Jarl iria dispensá-los em algum momento e ela poderia matá-lo com as mãos. O problema era como *não* matar Jarl.

Não iria fazer isso. Que o Deus-rei se fodesse. Mas o único modo de Garoth

Ursuul perdoar sua desobediência seria ela fazer outra coisa que lhe agradasse ainda mais.

Destrancou um armário grande e puxou uma gaveta. Ali estava sua coleção de perucas, as melhores que o dinheiro poderia comprar. Vi tinha se tornado especialista em cuidar delas, arrumá-las, colocá-las e num instante fixá-las com firmeza suficiente para os rigores de sua profissão. Havia algo reconfortante na tensão de um rabo de cavalo firme, às vezes tão apertado sob a peruca que lhe dava dor de cabeça. No estabelecimento de Mama K, Vi tinha sido apresentada a uma cortesã que lhe disse que podia ensiná-la a mudar a cor ou o estilo do próprio cabelo usando o Talento, mas Vi não se interessou. Podia compartilhar o corpo, ou Hu podia tomar seu corpo, mas seu cabelo era seu, e era precioso para ela. Nem gostava que os homens tocassem nas perucas, mas conseguia tolerar.

Quando trabalhava como prostituta, usava peruca por necessidade – ruivas flamejantes não eram muito comuns fora de Ceura. Quando trabalhava como derramadora, usava o cabelo preso em um rabo de cavalo apertado. Era uma coisa sensata, controlada e eficiente, como ela. As únicas ocasiões em que seu cabelo ficava solto eram nos poucos minutos antes de ir para a cama, e só quando estava sozinha e em segurança.

Depois de escolher uma peruca boa, preta e lisa, que chegava à altura do queixo e uma castanha comprida e ondulada, pegou os cremes necessários para tingir as sobrancelhas e a maquiagem para escurecer a pele, depois guardou as armas.

Estava fechando os alforjes quando uma mão segurou seu seio e o apertou violentamente. Vi ofegou, encolhendo-se de dor e surpresa e odiando-se um instante depois. Hu deu um risinho baixo em seu ouvido, comprimindo o corpo contra suas costas.

– Olá, beleza, onde você andou? – perguntou descendo as mãos até os quadris.

– Trabalhando. Lembra? – respondeu ela, virando-se com dificuldade.

Vi soube de imediato que ele continuava drogado. Ele se enrolou nela, e a repulsa e o ódio entraram em conflito por um momento com a passividade familiar. Deixou que ele empurrasse sua cabeça de lado, para cheirar seu pescoço. Ele a beijou suavemente, depois parou.

– Você não está usando aquele perfume do qual eu gosto – disse, ainda afável, mas com um tom de surpresa. Vi o conhecia o suficiente para saber que ele estava a milímetros da violência.

– Estive trabalhando para o Deus-rei.

Vi não deixou que a mínima quantidade de medo se esgueirasse na voz. Demonstrar medo para Hu era jogar carne sangrenta para um bando cães selvagens.

– Uuuuh – disse Hu, abruptamente afável de novo. Seus olhos estavam dilatados. – Eu estava dando uma festinha. Comemorando. – E indicou o quarto. –

Tenho uma condessa e uma... Maldição, não consigo lembrar, mas a outra é uma gata selvagem. Quer se juntar a nós?

– O que está comemorando?

– Durzo! – Hu soltou Vi e dançou num pequeno círculo, gargalhando, pegando outro cogumelo na mesa e jogando-o na boca. – Durzo Blint está morto!

– Ouvi esse boato. Você tem certeza?

Hu sempre havia odiado Durzo Blint. Os dois eram citados como os melhores derramadores da cidade, mas o nome de Durzo sempre vinha primeiro. Hu tinha matado homens por fazer essa afirmação, mas nunca fora atrás de Durzo. Se ele achasse que poderia matar Durzo, teria feito isso.

– Mama K era amiga dele, e ela não acreditou que ele estivesse morto, por isso levou alguns homens ao lugar onde ele foi enterrado. E era verdade! Está morto, morto, morto. – Hu gargalhou de novo. Pegou outro cogumelo, depois parou de dançar. – Mas o aprendiz continua vivo, já que você fez merda. – Ele pegou um frasco de vinho de papoula e bebeu. – Eu ia matá-lo, você sabe, só para irritar o espírito de Blint. Gastei 100 coroas em subornos, mas ele saiu da cidade. Uau! Esse é forte! Preciso me sentar.

O peito de Vi se retesou. Essa era a sua resposta. Kylar Stern era o Anjo da Noite. Tinha matado o filho do Deus-rei. Matar Kylar era a única coisa que agradaria ao Deus-rei o suficiente para que ele a perdoasse por não matar Jarl. Agarrou o braço de Hu e o guiou até a cadeira, certificando-se de que ele evitasse a touca de bebê com lâminas de navalha na borda.

– Onde ele está, mestre? Para onde foi?

– Sabe, você não aparece muito por aqui. Depois de tudo que fiz por você, sua puta.

Ele a puxou com força para o colo. Os minutos antes de Hu apagar eram perigosos: ele podia se remexer debilmente como um bêbado, depois usar a força esmagadora de seu Talento para compensar e machucá-la ou matá-la sem querer. Por isso ela caiu em seus braços, cedendo, deixando-se entorpecer. Hu se distraiu com seu corpo. Tentou acariciá-la, mas, em vez disso, passou as mãos desajeitadamente nas dobras da túnica.

– Onde está o aprendiz de Blint, mestre? – perguntou Vi. – Para onde ele foi?

– Mudou-se para Caernarvon, abandonou o caminho das sombras. Quem é o melhor agora, hein?

– Você é o melhor – respondeu Vi, saindo do colo dele. – Você sempre foi o melhor.

– Viridiana – disse Hu.

Ele jamais a chamava por seu nome inteiro. Virou-se com cautela, imaginando se os cogumelos tinham sido inofensivos, se o vinho de papoula não seria apenas

água. Não seria a primeira vez que ele fingia estar inebriado para testar sua lealdade. Mas os olhos de Hu estavam semicerrados, o corpo totalmente relaxado na cadeira.

– Eu amo você – disse Hu. – Aquelas putas não têm nada...

Suas palavras ficaram no ar e a respiração assumiu a cadência do sono. Naquele momento, Vi desejava tomar um banho, mas apenas pegou seu alforje e sua espada. E parou.

Hu estava inconsciente. Tinha certeza disso. Podia desembainhar a espada e cravá-la no coração dele em menos de um segundo. Ele merecia isso multiplicado por cem. Merecia um fim cem vezes pior. Segurou o cabo e desembainhou a lâmina devagar, em silêncio. Virou-se e olhou para seu mestre, pensando nas mil humilhações que ele havia lhe infligido. Era difícil respirar.

Virou-se, embainhou a espada e jogou o alforje no ombro. Chegou à porta e parou. Voltou ao quarto. Agora as mulheres estavam acordadas, uma delas drogada, com olhar vítreo, a outra era dentuça e peituda.

– Hu fica entediado – disse Vi. – Eu dou a vocês uma chance mínima de viver a cada dia que passam com ele. Se querem ir embora, ele está dormindo.

– Você só está com ciúme – disse a dentuça. – Quer ele só para você.

– O enterro é de vocês.

E Vi saiu.



— O Sa'kagé está em guerra ou não? — perguntou Brant.

Jarl se remexeu na cadeira. Mama K não disse nada. Estava deixando que ele comandasse. O esconderijo parecia uma sala de guerra agora. Brant havia trazido mapas. Estava juntando dados sobre as tropas khalidori, anotando onde cada unidade estava posicionada, onde eram distribuídos comida e suprimentos e montando um gráfico da hierarquia militar khalidori, fazendo cruzamento de informações com os lugares onde o Sa'kagé tinha informantes, junto com avaliações da confiabilidade e do acesso dos informantes.

— Essa é uma pergunta mais difícil de responder do que... — disse Jarl.

— Não — interrompeu Brant. — Não é.

— Acho que estamos num tipo de guerra...

— Acha? Você é um líder ou um poeta, veadinho?

— Veadinho? — reagiu Jarl.

Mama K se levantou.

— Sente-se — disseram os dois homens.

Eles se entreolharam, carrancudos. Mama K fungou e sentou-se. Depois de um momento, Jarl disse:

— Estou esperando uma resposta.

— Você tem pau ou só chupa o dos outros? — perguntou Brant.

— Você está a fim de experimentar?

— Resposta errada. — Brant balançou a cabeça. — Um bom líder nunca é irônico...

Jarl deu-lhe um soco na cara. O general desmoronou. Jarl ficou parado junto dele e desembainhou uma espada.

— É assim que eu lidero, Brant. Meus inimigos me subestimam e eu os acerto quando eles não esperam. Eu ouço você, mas *você me serve*. Na próxima vez em que fizer um comentário sobre pau vou fazer você comer o seu. — O rosto de Jarl estava frio. Ele levantou a espada entre as pernas de Brant. — Essa não é uma ameaça vazia.

Brant encontrou a muleta, levantou-se com a ajuda de Jarl e espanou as roupas novas.

— Bom, acabo de ter um momento de aprendizado. Estou comovido. Acho que

vou escrever um poema. Sua resposta é...?

O comentário sobre o poema quase fez Jarl perder a cabeça. Já ia dizer alguma coisa quando viu a boca de Mama K se repuxar. Era uma brincadeira. *Então isso é humor militar*. Jarl balançou a cabeça. Essa coisa seria um tremendo desafio.

Pelos deuses, o sujeito era cabeça-dura.

– Estamos em guerra – respondeu Jarl, não gostando da sensação de que estava cedendo.

– Até onde vai seu controle sobre o Sa’kagé? – perguntou Brant. – Porque tenho sérios problemas aqui. Ou, melhor, *você* tem.

– Não muito longe. Os khalidori são influentes, mas os ganhos estão muito baixos e o comando está se desfazendo: pessoas não prestam contas aos superiores, esse tipo de coisa. Um bocado de gente acha que a ocupação deve ficar mais tranquila agora. Querem continuar com a vida.

– Parece inteligente. Qual é o seu plano para se opor a elas?

Jarl franziu a testa. Não havia plano, e Brant fez com que isso parecesse tremendamente idiota.

– Nós... eu... tinha planejado ver o que eles farão. Queria saber mais sobre eles e depois me opor como fosse necessário.

– Você acha boa ideia deixar seu inimigo lançar estratégias totalmente completos contra você e depois ser obrigado a reagir numa posição de fraqueza?

– Isso está mais para um porrete retórico do que para uma pergunta, general.

– Obrigado – disse o general.

Mama K conteve um sorriso.

– O que você propõe? – perguntou Jarl.

– Gwinvere governou o Sa’kagé em segredo total, com Shingas marionetes, certo?

Jarl assentiu.

– E quem é o Shinga marionete desde que Khalidor invadiu?

Jarl se encolheu.

– Eu... não instalei um.

– Não?

Brant arqueou uma sobrancelha farta.

– Brant – disse Mama K. – Um pouco mais de gentileza.

Brant ajeitou o braço na tipoia, encolhendo-se de dor.

– Olhe isso pela perspectiva da rua, Jarl. Durante mais de um mês eles não tiveram um líder. Nem um líder ruim. Nenhum. O pequeno governo de Gwinvere vinha ajudando todo mundo, e até agora tudo estava indo bem, mas os seus capangas do Sa’kagé... desculpe, suas *pessoas*... estão no mesmo barco de todos. Então por que continuar pagando taxas? Gwinvere pôde ser uma Shinga oculta porque nunca

houve uma ameaça como esta. Isto é uma guerra. Vocês precisam de um exército. Os exércitos precisam de um líder. Você precisa ser esse líder, e não pode fazer isso nas sombras.

– Se eu anunciar quem sou, eles me matam.

– Eles vão tentar. E terão sucesso, a não ser que você possa juntar um núcleo de pessoas competentes e absolutamente leais. Pessoas dispostas a matar e a morrer por você.

– Esses não são soldados de boas famílias, criados com lealdade, dever e coragem – disse Jarl. – Estamos falando de ladrões, prostitutas e batedores de carteira, pessoas que só pensam em si e na própria sobrevivência.

– E é isso que eles vão ser – observou Mama K, tão baixinho que Jarl mal escutou –, a não ser que você veja o que eles *podem ser* e faça com que eles vejam isso.

– Quando eu era general, meus melhores soldados vinham das Tocas – disse Brant. – Eles se tornaram os melhores porque tinham tudo a ganhar.

– Então o que você propõe?

– Proponho que você saia do padrão. Dê aos seus patifes uma chance de vida melhor, um caminho melhor para os filhos deles e uma chance de se verem como heróis. Assim, você terá um exército.

O coração de Jarl estava martelando, a mente em disparada. Era audacioso. Era grande. Era uma oportunidade de usar o poder para algo mais do que simplesmente manter o poder. Podia ver os esboços de um plano começando a se encaixar. Sua mente já avaliava quais pessoas colocaria em quais cargos. Fragmentos de discursos começavam a se coadunar. Ah, era sedutor. Brant não estava dizendo para Jarl dar um sonho aos bandidos; Brant estava dando um sonho a Jarl. Ele poderia ser um Shinga diferente. Poderia ser nobre. Reverenciado. Se tivesse sucesso, poderia até se tornar legítimo, receber títulos verdadeiros de qualquer família nobre que ele recolocasse no poder. Deuses, era sedutor!

Mas isso significava se revelar. Comprometer-se. Neste momento ele era um segredo. Todo mundo achava que ele não passava de um prostituto aposentado. Menos de uma dúzia de pessoas sabia que ele era o Shinga.

– Jarl – disse Mama K com a voz suave. – Só porque é um sonho não quer dizer que seja mentira.

Jarl olhou para um e depois para outro, imaginando até que ponto eles o decifravam. Mama K o entendia até o âmago. Era apavorante. Deveria ter suspeitado de algo simplesmente pelo silêncio dela, mas não poderia sentir raiva. Ela tivera mais paciência do que Jarl merecia.

Sair do padrão. Elene tinha dito que não conseguia imaginar Cenária sem o Sa'kagé poluindo tudo, mas Jarl, sim. Seria uma cidade onde nascer no lado oeste

não significaria desesperança, exploração, tempo nas guildas, pobreza e morte. Ele tivera sorte em conseguir um trabalho com Mama K. As Tocas não ofereciam quase nenhum serviço honesto, certamente não para os órfãos. O Sa'kagé era alimentado por uma subclasse sempre renovada de prostitutas e ladrões que abandonavam os filhos como eles próprios tinham sido abandonados. Mas poderia ser diferente, não poderia?

Só porque é um sonho não quer dizer que seja mentira. Eles estavam sugerindo que ele injetasse esperança nas Tocas.

– Ótimo – disse. – Com uma condição, Brant: se me matarem, quero que você escreva um poema para o meu funeral.



Kylar sentou-se na cama, olhando Elene adormecida. Ela era o tipo de garota que não conseguia ficar acordada até tarde, não importava quanto tentasse. A visão o encheu com uma ternura e uma desolação tão grande que mal pôde suportar. Desde que tinha prometido não pedir que ele vendesse Retribuição, ela se mantivera fiel à palavra. O que não era surpresa, mas ela não tinha feito a mínima sugestão.

Ele a amava, mas não era bom para ela.

Sempre acreditava que as pessoas ficavam parecidas com aquelas com quem passavam tempo. Talvez isso fizesse parte. Kylar amava tudo que existia nela: simpatia, pureza, compaixão. Ela era feita de sorrisos e raios de sol, e ele pertencia à noite. Queria ser um homem bom, ansiava por isso, mas talvez algumas pessoas simplesmente nascessem melhores do que outras.

Depois daquela primeira noite, tinha jurado a si mesmo que não mataria de novo. Sairia para treinar, mas não mataria. Por isso treinava para nada e afinava capacidades que havia jurado não usar. O treino era uma pálida imitação da batalha, mas ele ficaria satisfeito com isso.

Sua decisão durou seis dias, quando encontrou um pirata espancando violentamente um menino camaroteiro no cais. Kylar só pretendia separá-los, mas os olhos do pirata exigiam a morte. Retribuição entregou. Na sétima noite estivera treinando do lado de fora de uma taberna no centro da cidade, tentando evitar lugares com cafetões, ladrões, estupradores ou assassinos. Um homem que comandava um círculo de crianças batedoras de carteira passou – um tirano que as mantinha na linha usando pura brutalidade. Retribuição encontrou o coração do sujeito antes que Kylar pudesse se conter. Na oitava noite estava no distrito dos nobres, esperando encontrar menos violência, quando ouviu um homem espancando a amante. O Anjo da Noite chegou e quebrou os dois braços do sujeito.

Kylar segurou Retribuição no colo, olhando Elene. Todo dia prometia a si mesmo que não iria matar. Não havia matado durante seis noites. Mas parte dele sabia que era porque tivera sorte. A pior parte era que não sentia culpa pelos assassinatos. Sentia-se péssimo todas as vezes que havia matado por Durzo. Estas mortes não provocavam nada. Só sentia culpa por mentir.

Talvez estivesse se transformando em Hu Gibbet. Talvez agora precisasse matar. Talvez estivesse virando um monstro.

Trabalhava todo dia com tia Mea. Durzo raramente elogiava Kylar, por isso ele nunca havia percebido quanto aprendera com o antigo derramador, mas, enquanto passava horas catalogando ervas, embrulhando algumas para durarem mais, jogando fora as que tinham perdido a potência, rotulando o resto com datas e anotações sobre as origens, começou a ver quanto sabia. Nem de longe estava no nível de Durzo, mas o sujeito tivera alguns séculos de vantagem sobre ele.

Mas precisava ter cuidado. Tia Mea utilizava com objetivos medicinais muitas das ervas que ele havia empregado como veneno. Uma vez ela pôs de lado as raízes de folha-de-prata, dizendo que eram perigosas demais e que só podia usar as folhas. Ele desenhou uma tabela e a preencheu com as doses mortais de folhas, raízes e sementes da planta segundo suas várias preparações, fosse em tintura, pó, pasta ou chá, fazendo cruzamentos com peso de corpo, sexo e idade da... Ele quase escreveu “vítima”, e só trocou por “do paciente” no último segundo. Quando levantou os olhos, tia Mea o encarava.

– Nunca vi uma tabela tão detalhada – disse ela. – Isso é... impressionante, Kylar.

Ele tentou ser mais cuidadoso a partir desse dia, mas eles viviam esbarrando sempre nos mesmos problemas. Durante sua carreira, Durzo havia experimentado todo tipo de plantas milhares de vezes. Quando tinha uma vítima que poderia matar sem prazo determinado, tentava cinco ou seis ervas diferentes. Kylar estava começando a avaliar que Durzo sabia mais sobre plantas do que qualquer um.

Um dia, um homem chegou à loja de tia Mea desesperado por ajuda. Seu senhor estava morrendo e quatro outros médicos não sabiam como ajudá-lo. Às vezes tia Mea fazia mais do que atuar como parteira, por isso o serviçal tinha vindo procurá-la como último recurso. Mas tia Mea havia saído. Kylar ficou muito constrangido de ir à casa do doente, mas preparou uma poção depois de interrogar o serviçal. Mais tarde soube que o homem havia se recuperado. Era uma coisa estranhamente agradável. Tinha salvado uma vida.

De qualquer modo, sentia-se culpado por viver da caridade de tia Mea. Passara várias semanas arrumando a loja, porque, apesar do dom para trabalhar com pessoas, a capacidade de organização dela era abominável. Mas não tinha lhe feito nada de valioso. Não estava ganhando nenhum dinheiro. Elene havia arrumado um trabalho como criada, mas o pagamento mal dava para a comida. Braen ficava cada vez mais carrancudo, murmurando sobre aproveitadores, e Kylar não podia culpá-lo.

Kylar passou as pontas dos dedos em Retribuição. A cada vez que prendia a espada às costas, agia como juiz e carrasco. A espada havia se tornado o emblema de sua violação do juramento.

Esta noite, não. Kylar a recolocou na caixa e, juntando seu Talento, saltou pela janela. Atravessou os telhados até encontrar a casa de Cabelos Dourados e tirou

todo o resto da mente. Tinha com que se preocupar o dia inteiro; não iria arruinar as noites também.

A família inteira estava lá, dormindo em sua pequena choupana de apenas um cômodo. Kylar se virou para ir embora, mas alguma coisa o impediu. A garota e o pai estavam dormindo. Os lábios da mãe se moviam. A princípio Kylar achou que ela estava sonhando, mas então seus olhos se abriram e ela saiu da cama.

Não acendeu nenhuma vela. Olhou rapidamente pela janela estreita onde Kylar estava invisível. Parecia com medo, tanto que ele verificou sua invisibilidade. Porém, o olhar da mulher não estava fixado nele. Kylar olhou para trás, mas não havia ninguém na rua. A mãe de Cabelos Dourados estremeceu e se ajoelhou perto da cama.

Estava rezando! Filho da puta. Kylar ficou ao mesmo tempo sem graça e com raiva por testemunhar uma coisa tão pessoal. Não sabia direito por quê. Xingou em silêncio e se virou para ir embora.

Três homens armados vinham pela rua. Kylar reconheceu dois como os sujeitos que tinham perseguido Cabelos Dourados na outra noite.

– Ela é uma bruxa, estou falando! – disse um dos bandidos ao homem que Kylar não reconheceu.

– É verdade, Shinga, eu juro – enfatizou o outro.

Não brinca. O próprio Shinga de Caernarvon estava verificando a história de um bandido sobre uma bruxa? Uma bruxa? Como se uma bruxa fosse fazer os homens tropeçarem, em vez de matá-los.

Kylar ouviu alguma coisa e olhou de novo para dentro da casa. A mulher havia acordado o marido e agora os dois estavam rezando. Era estranho, porque da cama eles não podiam ter visto os bandidos do Sa’kagé. Talvez a mulher tivesse algum Talento.

Rezando por proteção. Kylar deu um riso de desprezo, e a pequena parte má dentro dele quis ir embora. Que o deus deles resolvesse seus problemas. Chegou a virar as costas, mas não conseguia fazer isso.

– Barush – sussurrou um dos bandidos ao Shinga. – O que vamos fazer?

O Shinga deu um tapa no sujeito.

– Desculpe! Desculpe! – gemeu o homem. – Quer dizer, Shinga Sniggle, o que vamos fazer?

– Vamos matá-los.

Pelos deuses. Era espantoso. O Sa’kagé daqui era uma paródia tão ruim de um Sa’kagé que Kylar sentiu vontade de gargalhar. Só que não era engraçado. O Shinga *dava tapas* nos homens para obter respeito? Em Cenária, quando Pon Dradin olhava para os homens com algo menos do que uma aprovação completa, eles murchavam. E ele nem era o Shinga de verdade.

Kylar quase foi embora com nojo. Que inépcia!

Aqui estava ele, talvez um dos matadores mais hábeis do mundo. Poderia matar os três antes que emitissem um som. No entanto, não podia nem mesmo feri-los. À sua frente estavam os rejeitos do submundo e eles matariam, ao passo que ele não podia. Maravilhoso.

Encontravam-se a apenas 20 passos de distância.

– E se... e se ela usar feitiçaria de novo, Shinga?

Claro que eles não se incomodavam em formular o plano antes de atacar o alvo. Isso seria um pouco profissional. Barush Sniggle fungou, aproximando-se da porta.

– Não tenho medo dessa merda.

Quando Kylar viu os olhos do sujeito, sua mão foi às costas – mas Retribuição não estava ali. A surpresa momentânea bastou para livrá-lo do impulso de matar. Tinha jurado. Maldição, tinha jurado. Precisaria haver outro modo. Esta noite haveria outro modo.

Assim Kylar se materializou diante do Shinga. Ou, melhor, parte dele se materializou. Deixou alguma luz brilhar através do ka'kari que o cobria, de modo que apareceu com uma translucidez enfumaçada. A curva de um bíceps preto com oleosidade iridescente surgia e sumia, em seguida a curva de ombros largos, o tronco, as linhas dos músculos do peito – todos exagerados de modo a parecer maiores do que eram. Apareciam e desapareciam como um fantasma.

Barush Sniggle ficou imóvel, e então Kylar completou com um golpe de mestre. O ka'kari ficou sólido sobre seus olhos, fazendo-os brilhar como joias pretas metálicas no ar. Então o restante do rosto apareceu, coberto por uma máscara de metal preta reluzente moldada na pele. Era ameaçador. Era mais do que ameaçador. Era a própria face do Julgamento, da Retribuição encarnada, e, diante do que Kylar viu nos olhos do Shinga – ódio, inveja, assassinato, traição –, a máscara se tornou feroz. Kylar precisou cravar as unhas nas palmas das mãos para não acabar com ele.

O Shinga largou o porrete, apavorado. Kylar não se surpreendeu; sabia o que o sujeito estava vendo, porque, bom, tinha treinado no espelho.

– A família está sob minha proteção – disse Kylar numa voz sedosa e suave como um gato à espreita.

Levantou a mão esquerda e a flexionou. Com um sibilo, o ka'kari deslizou para fora formando uma adaga longa e enfumaçada. Um fogo baixo e azul saltou em seus olhos. Era uma coisa totalmente gratuita – estragava sua visão noturna, para não mencionar que a sensação era desagradável, mas o efeito valia a pena.

O Shinga estremeceu, petrificado, a boca frouxa, e Kylar viu uma mancha se espalhando na calça do sujeito e uma poça se formando em volta dos pés.

– Corra – disse Kylar, mostrando um vislumbre de fogo azul na boca. *Não vou*

sentir gosto de nada durante uma semana.

Os bandidos saíram correndo, largando as armas, mas Kylar não ficou satisfeito. Justamente quando achava que não poderia se colocar mais ainda contra a parede, fizera isso de modo brilhante. O que Durzo Blint havia dito mais de uma década atrás? “Uma ameaça é uma promessa, garoto. Na rua você pode mentir com relação a qualquer coisa, menos com relação às promessas. Uma ameaça vazia é uma rendição.”

Nauseado, olhou dentro da casa. A mulher e o marido ainda estavam ajoelhados junto à cama, de mãos dadas. Não tinham visto nem ouvido nada. Enquanto Kylar observava, a mulher apertou a mão do marido.

– Vamos ficar bem – disse ela finalmente em voz alta. – Eu sinto. Agora estou melhor.

Fico feliz por um de nós estar.



– Vocês eram esposas, mães, uma oleira, uma cervejeira, uma costureira, uma capitã de navio, uma sopradora de vidro, uma importadora, uma cambista – disse Jarl.

Era a sexta vez que Jarl fazia pregação, e isso não tinha ficado mais fácil. Enquanto olhava as prostitutas e espancadoras do Dragão Medroso reunidas antes do turno de trabalho, enxergou incômodo. Agora elas eram putas, e não por opção. A maioria não gostava de admitir que já havia sido outra coisa. Era difícil demais.

– Não faz muito tempo – completou Jarl –, eu era michê.

Elas ergueram as sobrancelhas, mas Jarl apostava que elas já sabiam que ele tinha sido garoto de programa. Escolhera a gíria de propósito, para mostrar que a palavra não tinha poder sobre ele. Mesmo entre prostitutas, os garotos de programa eram uma classe inferior. Podiam ser adorados pelas garotas, mas a clientela tratava os prostitutos como lixo. Uma puta ainda era mulher, mas um michê era menos do que um homem. O fato de o novo Shinga ter sido um não era algo que alguém esperasse que ele admitisse, quanto mais anunciasse.

– Não faz muito tempo, o Sa’kagé contrabandeava erva-de-arruaça, tabaco e uísque – disse ele.

Juntos, Jarl e Mama K tinham estabelecido um bocado de bordéis novos desde a invasão. A maioria mal se pagava, mas esse não era o objetivo. Eles tinham feito isso para proteger o máximo de mulheres e homens que pudessem. O Dragão Medroso era um dos mais lucrativos, porque oferecia exotismo. Havia uma garota chamada Daydra que podia ser gêmea de Elene Cromwyll, sem as cicatrizes. Seu personagem era virginal. Sua colega de quarto, Kaldrosa Wyn, bancava uma pirata

sethi. Havia mulheres ladeshi vestidas de seda, modaini com grossos traços de kajal nos olhos e dançarinas ymmuri usando sininhos.

– Bom – disse Jarl, e fez uma pausa –, vocês são putas, eu sou o Shinga e o Sa'kagé ainda contrabandeia as mesmas porcarias. Como se nada tivesse mudado. Mas vou dizer uma coisa: eu mudei. Eu saí. Sou diferente. Aproveitei minha segunda chance e fiz algo com ela, então vocês também podem.

Era a única parte do sermão que Jarl achava que poderia ser mentira. Tinha perguntado sobre isso a Mama K.

– Por que as pessoas não questionam se a Terra é mesmo plana? – perguntou ela.

Jarl deu de ombros.

– Isso é de conhecimento geral.

– Exato. As coisas que evocam paixão são as que não sabemos com certeza.

– Ah, como os deuses – disse Jarl.

– Não importa se você tem certeza de que tudo que diz é verdade. Importa se você acreditar, porque aí você será convincente. No fim das contas, o que importa não são os seus argumentos. O que importa é acreditar.

Era o tipo de coisa que Mama K diria. Jarl ficou vagamente desapontado. Ela havia parecido diferente depois do golpe, depois de Kylar tê-la envenenado e lhe dado o antídoto. Talvez a pressão de olhar na cara do mal implacável estivesse destruindo sua esperança. Mas seu pragmatismo possuía um ar de verdade, por isso Jarl continuou a pregação.

Ele não trepava desde que tinha virado Shinga. Não dormia com um homem desde que tinha saído da casa de Stephan na noite da invasão. Sobrevivera a vida toda fazendo o que era preciso, sempre construindo sua teia de amigos e influências, sempre olhando para o futuro, quando não precisaria se prostituir.

Esse futuro chegou tão de repente que ele não sabia o que fazer com ele. A liberdade era inútil nas suas mãos. Não sabia como se sentir. Isso o fazia se lembrar dos touros de ferro harani. Nunca tinha visto um, claro, mas diziam que os harani capturavam os bezerros e os amarravam com correntes grossas a uma estaca. Quando os touros estavam totalmente crescidos – com mais de 4,5 metros de altura e ombros poderosos –, poderiam partir as correntes, mas não faziam isso. Seus condutores podiam prendê-los com uma corda fina. Os touros de ferro tinham tanta certeza de que não podiam se libertar que jamais tentavam.

Jarl fora acorrentado ao sexo e a satisfazer sua clientela por tanto tempo que agora se sentia assexuado. Nunca tivera escolha. A maior parte de seus clientes era de homens, mas também houvera mulheres, com todos os níveis de beleza. Agora que podia escolher, não conseguia. Não conseguiria dizer com certeza se teria preferido homens ou mulheres caso a vida de garoto de programa não lhe tivesse

sido forçada.

Agora as mulheres dos bordéis o tratavam de modo diferente. Olhavam para ele de modo diferente. Flertavam. Era aterrorizante. O flerte trazia exigências. Havia reações adequadas e inadequadas a aprender, e ele não conhecia as regras do sexo fora de um bordel. Ele estava perdendo o foco. Não podia pensar nisso agora. A esperança precisava ser vendida como um pacote completo.

– De todas as mulheres das Tocas, vocês são as mais sortudas. Tiveram sorte de se tornar prostitutas aqui. – Ele balançou a cabeça. – “Tiveram sorte de se tornar prostitutas.” Há seis meses a maioria de vocês preferiria atravessar a rua a passar por uma puta. Agora são putas e eu sou o Shinga, e o Sa’kagé ainda faz as mesmas coisas.

Respirou fundo antes de continuar:

– O rei Ursuul acha que vocês estão acabadas. Planeja deixar que o inverno mate as pessoas das Tocas. Acha que, depois que os tumultos por comida acontecerem, todo mundo estará tão fraco que seus soldados não terão nenhuma dificuldade. Acha que o Sa’kagé é passivo e ganancioso demais para impedi-lo. Planeja nos dividir oferecendo migalhas da sua mesa para nos destruir. O engraçado é que ele está certo. Ficamos sabendo que na primavera ele vai trazer outro exército e alguns milhares de colonos, todos homens. Planeja matar todo mundo nas Tocas, menos vocês. De novo, vocês serão as sortudas. Vão se casar com qualquer khalidori que pague por vocês.

Jarl olhou para elas, sério.

– Bom, talvez os khalidori mudem e parem com as surras e humilhações quando vocês se tornarem esposas deles. Ursuul espera que vocês sejam covardes a ponto de se agarrarem a essa esperança. Espera que essa fé paralise vocês até que seja tarde demais, quando seus homens estiverem mortos, seus amigos espalhados e a força do Sa’kagé partida. Dentro de um ano vocês começarão a dar filhos para seus novos maridos khalidori e terão a alegria de vê-los se transformar em monstros que tratam as esposas como os pais deles tratam vocês. Vai ser normal. Vocês terão filhas que acharão normais chutes, cuspidas e estupros. Suas filhas não vão resistir. Vão olhar a covardia de vocês e acreditar que ser mulher é assim. Vai ser normal. É o que o rei espera que aconteça, e até agora ele tem estado certo com relação a tudo.

Agora Jarl tinha a atenção delas. Podia ver o horror nos olhos. A maioria das prostitutas só pensava no dia de hoje. Não eram idiotas. Sabiam que não poderiam trabalhar nas ruas para sempre, mas, como não viam uma alternativa boa para o futuro, decidiam não pensar nele. Era desolador demais.

Aquelas mulheres estavam em modo de sobrevivência. Levantar o espectro de colocar filhas na mesma vida as obrigava a pensar para além de si mesmas, para além do hoje. E Jarl não estava mentindo. Aquelas mulheres eram as que ficariam

em melhor condição. Se pudesse convencê-las de quem tinha mais a perder, metade da batalha estaria ganha.

– As coisas mudaram nos últimos meses para cada um de nós, para cada uma de vocês e para mim. Agora digo que é hora de as coisas mudarem para *todos nós*. Digo que é tempo de o Sa'kagé mudar. Estivemos em guerra e estivemos perdendo. Sabem por quê? Porque não lutamos. Os khalidori querem que a gente morra em silêncio? Fodam-se. Vamos lutar de uma maneira que eles jamais viram. Os khalidori vão fazer com que passemos fome? Fodam-se. Se podemos contrabandear erva-de-arruaça, podemos contrabandear grãos. Querem matar os homens de vocês? Vamos escondê-los. Querem fazer incursões? Vamos saber antecipadamente aonde eles vão. Querem jogar? Vamos trapacear. Querem beber? Vamos mijar na cerveja deles.

– O que podemos fazer? – perguntou uma garota. Era uma pergunta combinada. Ele sorriu.

– Agora? Quero que sonhem com uma coisa melhor. Quero que sonhem com um dia em que nascer nas Tocas não signifique morrer nas Tocas. Quero que sonhem em ter uma segunda chance e com o que pode acontecer nesta cidade e neste país se todo mundo tiver. Sonhem em criar seus filhos numa cidade em que eles não precisam sentir medo o tempo todo. Uma cidade sem juízes corruptos e sem extorsão por parte do Sa'kagé. Uma cidade com uma dúzia de pontes sobre o Plith e nenhum guarda em nenhuma delas. Uma cidade em que as coisas sejam diferentes. Por causa de nós.

Jarl fez uma pausa.

– Sei que agora vocês estão com medo. Seu turno de trabalho começa daqui a alguns minutos e vocês vão ter que encarar aqueles escrotos de novo. Eu sei. Tudo bem ficar apavorada, mas estou dizendo: sejam corajosas por dentro. Está chegando a hora em que vocês serão necessárias. Se os nobres quiserem vencer esta guerra e retomar este país, vão precisar de nós, e nossa ajuda custará um preço. Nosso preço é uma cidade diferente. Vocês e eu precisamos decidir. Nós temos esse poder. Por enquanto, podem continuar com a vida de sempre ou podemos sonhar e nos preparar. São as senhoras que mais têm a perder.

Ele foi até a pirata Kaldrosa Wyn e tocou o rosto dela embaixo de um olho roxo.

– Mas, diga, foi para isso que você abriu mão de seu marido? Uma coroa em troca de um olho roxo, mais uma quando eles a machucarem tanto que você não possa trabalhar no dia seguinte? É isso que você merece?

Lágrimas escorreram dos olhos de Kaldrosa.

– Eu digo que não! Você veio para cá porque era o melhor que podia fazer. Você ganha 1 coroa em troca de um olho roxo porque é o melhor que Mama K pôde

negociar. Como seu Shinga, estou aqui para dizer que o melhor não basta. Estivemos pensando pequeno demais. Queríamos apenas sobreviver e eu, pelo menos, estou enjoado de sobreviver. Da próxima vez que ouvir um grito de dor, quero que seja da garganta de um khalidori.

– Sim! – sussurrou uma garota.

Agora Jarl podia ver a paixão ardendo nos olhos delas. Pelos deuses, elas pareciam ferozes! Jarl levantou a mão.

– Por enquanto, apenas observem. Aguardem. Estejam preparadas. Sejam corajosas. Porque, quando chegar a hora de rolar os dados, vamos trapacear e obter três seis.



– Querido – disse Elene sacudindo Kylar suavemente. – Querido, acorde.

– Ai, que merda – reagiu ele.

– O que disse?

– Meeeerda!

Elene gargalhou.

– Isso explica o cheiro – disse ela, fungando-o. – Precisamos fazer compras hoje, lembra?

Ele agarrou um travesseiro e pôs sobre a cabeça. Por isso ela cantou a “Música do bom dia”. Consistia das palavras “bom” e “dia” repetidas 37 vezes. Era uma das prediletas de Kylar.

– Bom di-a, bom DI-a, bom dia, BOM dia...

– Mer-da, mer-DA, merda, MER-da – harmonizou Kylar no travesseiro.

Ela tirou o travesseiro e Kylar agarrou-a e a jogou na cama, ao lado. Era tão forte e foi tão rápido que não houve como resistir. Empurrou o travesseiro para longe, rolou em cima dela e beijou-a.

– Argh – disse ela. Ah, a sensação dos lábios dele era tão boa!

– O quê? – perguntou ele trinta segundos depois.

– Bafo matinal – respondeu ela com uma careta.

Era mentira, claro. Com a sensação dos lábios dele, ela não se importaria se Kylar tivesse mau hálito. Mas ele não tinha. Seu hálito jamais fedia. Podia mastigar folhas de menta ou queijo mofado e seu hálito não tinha cheiro. O resto do corpo era igual. Bastava colocar perfume nele e o aroma desaparecia. Kylar achava que isso provavelmente tinha a ver com o ka’kari.

Assim, ele deu seu riso de falso predador.

– Vou mostrar o bafo matinal...

Em seguida, abriu caminho entre as mãos agitadas dela e beijou seu pescoço, empurrando para baixo o decote do roupão. As mãos dela não se agitavam mais e os lábios dele...

– Ah! Compras!

Elene rolou para fora dos seus braços. Ele a soltou. Kylar se deixou cair de volta na cama e ela fingiu que ajeitava o vestido enquanto admirava os músculos do tronco dele. Tia Mea havia saído com Uly. A casa estava vazia. Kylar era tão fofinho quando tinha o cabelo amassado do sono! E era lindíssimo, e os lábios dele eram a coisa mais incrível do mundo. Para não falar das mãos. Ela queria sentir a pele dele na sua.

A hora predileta de Elene era de manhã, quando eles se aconchegavam enquanto Kylar estava quase dormindo. Uma ou duas vezes sua camisola havia subido durante a noite e ela se pegava encostada nele, pele contra pele. Bom, talvez a camisola não houvesse subido sozinha, e ela não teria ousado isso se não soubesse que ele tinha saído durante horas na noite anterior e provavelmente não acordaria.

Elene ruborizava só de pensar. *Por que não?*, perguntava-se. Então existiam os motivos religiosos. Um boi e um lobo podem ser postos na mesma canga? Ela nem sabia se Kylar acreditava no Deus. Ele sempre ficava desconfortável quando ela falava nisso. Sua mãe adotiva dizia para Elene tomar as decisões antes de envolver o coração, mas isso eram águas passadas, que tinham descido o rio e virado a curva. Uly precisava dela. Kylar precisava dela, e ela nunca fora tão necessária assim antes. Kylar a fazia sentir-se linda e boa. Fazia com que ela se sentisse uma dama, uma princesa. Ele a amava.

Era praticamente seu marido. Os dois diziam que eram casados, viviam juntos, dormiam na mesma cama, agiam como pai e mãe de Uly. Provavelmente o único motivo para ainda não ter feito amor com Kylar era porque, quando ele a tocava na maioria das noites, ela estava tão exausta que mal conseguia se mexer. Se ele tentasse de manhã o que tentava à noite, ela teria entregado a virgindade em cerca de cinco segundos. Quase podia sentir a respiração dele no ouvido. Imaginava fazer as coisas sobre as quais tia Mea falava tão tranquilamente – coisas que faziam seu rosto queimar, mas pareciam maravilhosas. Estava se sentindo tão ousada que até sabia qual tentaria primeiro.

As escrituras não diziam “que seu sim seja sim e seu não seja não”? Ela confirmou que era mulher de Kylar. Dissera que ele era seu marido. Iria levá-lo à argolaria de que tia Mea tinha falado e eles poderiam formalizar a situação ao estilo de Waeddryn. Mais tarde.

Kylar sentou-se na cama e ela se inclinou atrás dele, bem perto, as mãos indo para os laços do roupão. Abriu-o.

– Deuses – disse Kylar, dando-lhe um beijo rápido no rosto sem se virar o

suficiente para ver o resto dela. – Estou doido para mijar, que nem um cavalo de batalha.

Levantou-se e começou a vestir a roupa. Por um momento, Elene ficou imóvel. Seu roupão estava aberto, o corpo exposto.

– O que vamos comprar? – perguntou Kylar, passando a túnica pela cabeça.

Ela mal havia amarrado o roupão quando a cabeça dele saiu pela gola da túnica.

– O quê? – Ela sentiu como se alguém tivesse acabado de jogar água fria em sua cabeça.

– É aniversário de Uly, certo? Vamos comprar uma boneca ou algo assim?

– É, é isso.

O que foi que ela quase fez?



Tenser realizava seu papel muito bem, pensou o vürdmeister Neph Dada. Em um determinado ponto, até tossiu sangue. Por enquanto seu desempenho seria lembrado como um desafio. Assim que ele fosse exonerado, seria interpretado como um desafio corajoso.

O homem que Tenser supostamente assassinara, o barão Kirof, não foi encontrado. Mas com o depoimento do capitão da guarda que tinha afirmado vê-lo cometer o crime, Tenser foi considerado culpado. O anúncio de seu castigo, pronunciado pela boca do próprio Deus-rei, provocou reações ofegantes. A nobreza cenária tinha esperado uma multa, talvez a prisão com crédito pelo tempo já cumprido, talvez deportação para Khalidor. O fato de ele ser jogado no Buraco era considerado pior do que pena de morte. Claro, esse era o objetivo.

Tenser não poderia se infiltrar no Sa'kagé se estivesse morto ou fosse deportado. Ao cumprir pena na pior prisão do país, ganharia uma credibilidade sem rival dentro do Sa'kagé. Quando o barão Kirof fosse apresentado vivo, Tenser seria solto e de novo teria todo o acesso de um duque khalidori – porém, mais importante, fingiria um ódio permanente pelo Deus-rei devido à sua prisão injusta. O duque Tenser Vargun ofereceria ao Sa'kagé qualquer coisa que este quisesse. E iria destruí-lo por dentro.

Como sempre, o Deus-rei tinha mais de um plano. Demonstrava que era um governante justo ao castigar tão severamente um duque khalidori. Os cenários teriam mais uma desculpa para se submeter. O nó da força só iria se apertar contra os rebeldes à medida que seus amigos os abandonassem.

Ao mesmo tempo, a notícia da prisão de Tenser colocaria todo o resto na sombra, e hoje ele estava soltando dezenas de criminosos da Bocarra e encarcerando centenas de suspeitos de serem rebeldes. Com a notícia chocante sobre Tenser, as pessoas mal iriam notar. Depois do anúncio da sentença, Neph acompanhou Tenser e os guardas até o Buraco.

Tenser o encarou cheio de suspeitas. Muitos khalidori não tinham grande consideração por seus vizinhos lodricari derrotados, mas com Tenser a antipatia parecia ao mesmo tempo geral e pessoal.

– O que você quer?

– Apenas dar uma notícia que pode ser útil – respondeu Neph. Ele não

conseguia esconder o prazer. – O barão Kirof desapareceu. Parece que alguém o sequestrou.

O sangue sumiu do rosto de Tenser. Enquanto o barão estivesse perdido, ele não sairia do Buraco.

– Vamos encontrá-lo – disse Neph. – Claro, se descobirmos que ele está morto...

Neph deu um risinho. Se Kirof estivesse morto, Vargun era inútil. Se era inútil, era um fracasso. Se era um fracasso, estava morto. Com magia, Neph abriu o portão de ferro que separava os túneis do castelo dos da Bocarra.

– Senhor? Sua cela o espera.



Jarl esfregou as têmporas. Tinham passado o dia inteiro entrevistando prisioneiros soltos da Bocarra. Os prisioneiros não sabiam sobre o golpe até o dia em que bruxos apareceram procurando alguma coisa.

Um fato curioso era que um ex-gerente de bordel chamado Whitey estivera acordado quando dois guardas levaram um prisioneiro para o Buraco. Ele jurou que nem os dois guardas nem o prisioneiro, um homem grande e louro, tinham saído.

Além disso, Whitey reconheceu um dos guardas, um homem que estivera na folha de pagamento de Jarl. Jarl o tinha mandado ao castelo com uma tarefa muito específica. Seis bruxos apareceram depois, mas não houve sinais de luta nem indicações de que eles tivessem visto alguém.

Jarl dispensou Whitey.

– Estranho... – comentou Jarl.

– O que você acha? – retrucou ela.

– Do que vocês estão falando? – Brant Agon quis saber.

– Isso prova que ele estava vivo – disse Jarl.

– E sabemos que a cabeça que eles apresentaram não era a dele – completou Mama K.

– Deuses! – exclamou Jarl.

– O quê? – perguntou Brant. – O que foi?

– Logan Gyre – respondeu Jarl.

– Ele foi morto na torre norte – disse Brant.

– O que você faria se tivesse acabado de matar um guarda da Bocarra e estivesse vestindo as roupas dele quando vê seis bruxos vindo na sua direção? Só havia uma saída, e essa saída estava bloqueada – observou Jarl.

Brant ficou pasmo.

– Você está sugerindo que Logan pulou no Buraco?
– Estou dizendo que Logan Gyre ainda pode estar vivo – explicou Jarl.
– Esperem aí. – Mama K se levantou e começou a examinar uma pilha de papéis. – Se bem me lembro... Ah, aqui. Precisamos dar um bônus a essa garota. Ela tem um cliente regular que gosta de cantar vantagem. “Gorkhy joga o pão deles no Buraco e fica olhando enquanto os prisioneiros tentam agarrá-lo. Diz que pelo menos três prisioneiros foram...” – Mama K pigarreou, mas quando continuou, sua voz estava calma – “... três prisioneiros foram comidos pelos outros no tempo em que Gorkhy fez com que eles passassem fome.” Ela descreve “um gigante com mais de 2 metros”. Por várias vezes ele conseguiu pegar o pão que Gorkhy tentava jogar no Buraco. Gorkhy tem um ódio especial por ele, que os outros chamam de Rei.” – Mama K levantou os olhos. – Esse informe é de três dias atrás.

Brant disse baixinho:

– Ninguém assim foi jogado no Buraco nos últimos dez anos.

Os três se recostaram na cadeira.

– Se esse tal de Gorkhy contar aos superiores sobre um gigante chamado Rei...
– disse Mama K.

– Logan morre – concluiu Jarl.

– Precisamos salvá-lo – observou Brant.

Jarl e Mama K trocaram um olhar.

– Precisamos pensar em como isso se encaixa na nossa estratégia – disse Mama K.

– Você está pensando em deixá-lo lá? – reagiu Brant.

Mama K examinou as unhas vermelho-sangue.

– Porque isso não é opção – disse Brant. – Ele é o único homem com o qual poderíamos unir o país. Jarl, se quiser mesmo fazer o que disse, essa é sua chance. Se salvar Logan, ele vai lhe dar terras, títulos e perdão. Então não me diga que está pensando em deixá-lo naquele inferno.

– Acabou? – perguntou Mama K. Ele não disse nada, mas retesou seu maxilar.
– Estamos pensando. Estamos pensando nisso porque pensamos em tudo. É por isso que vencemos. Estou até mesmo pensando em como salvá-lo. Você já começou a pensar nisso também ou só está alardeando como é ser nobre e bom?

– Maldição, só estou alardeando – disse ele, mas um sorriso escapou.

Mama K balançou a cabeça e sorriu, mesmo contra a vontade.

– Como estão seus homens, Brant? – perguntou Jarl.

– Vou transformá-los em bons soldados daqui a uma ou duas décadas.

– Quantos você tem? – perguntou Jarl.

– Não, não – disse Mama K.

– Cem – respondeu Agon. – Talvez trinta sejam de alguma utilidade. Dez

podem ser formidáveis. Alguns ótimos arqueiros. Um pode virar um derramador de terceira classe. Todos indisciplinados. Ainda não confiam uns nos outros. Lutam como indivíduos.

– Ainda não conversamos sobre isso direito – disse Mama K.

– Considere conversado – decidiu Jarl. – Vamos fazer.

Mama K abriu a boca. Jarl sustentou a decisão até que ela baixou os olhos.

– Como quiser, Shinga – disse ela.

– Presumo que nossa fonte não poderá conseguir que Gorkhy nos ajude, não é?

Mama K olhou para o papel, mas não o lia.

– Não para isso.

Enquanto Brant e Mama K discutiam diferentes modos de entrar na Bocarra, Jarl calculava. Tinha se revelado duas semanas antes e estava pregando para uma plateia ansiosa. O povo das Tocas – os Coelhos, como eram chamados com desprezo devido ao seu número, seus temores e seus labirintos de becos – queria esperança. Sua mensagem era água para bocas ressecadas. Rebelião parecia uma coisa ótima para quem não tinha nada a perder. Mas, ao discursar, ele falava necessariamente com os espiões do Deus-rei.

Já tinha evitado uma tentativa de assassinato. Certamente aconteceriam outras. A não ser que conseguisse alguns derramadores para protegê-lo, iriam pegá-lo cedo ou tarde.

– Vou a Caernarvon – disse Jarl.

– Vai fugir? – perguntou Brant.

– Posso voltar em um mês se eu viajar com pouca bagagem.

– Certo, mas o que isso rende a você?

– Mais um mês de vida? – retrucou Jarl com um sorriso.

– Você acha que ele volta? – perguntou Mama K.

Brant ficou confuso.

– Para ajudar Logan? Sim – respondeu Jarl.

– Se alguém consegue tirar Logan de lá, é ele – disse Mama K.

– Quem? – perguntou Brant.

– E assim que Hu Gibbet e os outros derramadores souberem que ele está protegendo você, eu não ficaria surpreso se eles recuassem – completou ela.

– Quem? Quem?

– Desde que Durzo Blint morreu, provavelmente o melhor derramador da cidade – respondeu Jarl.

– Só que ele não está mais na cidade – disse Mama K.

– É ótimo, o melhor do ramo.

– Só que ele não está mais no ramo.

– Isso vai mudar – afirmou Jarl.

– Você vai levar alguém? – perguntou Mama K.

– Vocês só estão tentando me irritar, não é? – perguntou Brant.

– Não – disse Jarl, ignorando-o e respondendo a Mama K. – Vai chamar menos atenção se eu for sozinho. – Jarl se virou para Brant. – Brant, tenho uma tarefa para você enquanto eu estiver fora.

– Vocês estão falando de Kylar Stern, não é?

Jarl sorriu.

– É. Você é um homem honesto, general?

O general suspirou.

– Em todos os lugares, menos no campo de batalha.

Jarl deu-lhe um tapa no ombro.

– Então quero que descubra como o exército de Logan Gyre vai destruir o do Deus-rei.

– Logan não tem exército – disse Brant.

– Isso é problema de Mama K – contrapôs Jarl.

– Como assim? – perguntou ela.

– Terah Graesin tem. Quero que você deduza como ele vai se tornar o exército de Logan.

– O quê? – perguntou Mama K.

– Agora, se me dão licença, tenho um encontro em Caernarvon.



— Eu morri e não notei? — perguntou Kylar.

Estava se movendo de novo pela névoa da morte. Sua pele sentia a impressão familiar de se mover sem se mover. Uma figura com capa estava além da extremidade da névoa, tão etérea quanto a própria névoa, e Kylar tinha certeza de que era o Lobo, mas ele não morrera. Ou morrera? Será que alguém o havia matado enquanto dormia?

— O que é isso? Um sonho? — perguntou.

O homem com capa se virou e a tensão de Kylar se dissolveu. Não era o Lobo. Era Dorian Ursuul.

— Um sonho? — perguntou Dorian. E estreitou os olhos, espiando Kylar através da névoa. — Acho que sim. Um sonho bem peculiar.

Ele sorriu. Era um homem bonito, porém intenso. Seu cabelo preto estava desgrenhado, os olhos azuis inteligentes, as feições equilibradas.

— Por que será, meu amigo de sombra, que não temos medo dos sonhos? Perdemos a consciência, perdemos o controle, coisas acontecem sem lógica e sem obedecer a regras aparentes. Amigos aparecem e se transformam em estranhos. Ambientes mudam de súbito e raramente questionamos isso. Não temos medo dos sonhos, mas temos medo da loucura e a morte nos aterroriza.

— O que está acontecendo? — perguntou Kylar.

Dorian deu um risinho. Olhou Kylar de cima a baixo.

— Incrível. Você parece exatamente o mesmo, mas está diferente.

Deuses, fazia apenas dois meses que tinha conhecido Dorian?

— Você se tornou formidável, Kylar. Agora tem seriedade. É uma força a ser admirada, mas sua mente não acompanhou seu poder, acompanhou? Você está demorando para corrigir sua identidade. É compreensível. Não é todo mundo que mata uma figura paterna e se torna imortal no mesmo dia.

— Vá direto ao ponto.

Dorian sempre sabia demais. Isso era irritante.

— Isso é um sonho, como você disse. E, sim, eu o chamei. Uma magia nova que acabei de aprender. Espero me lembrar dela quando acordar. *Se* acordar. Não tenho certeza se estou dormindo. Estou num dos meus pequenos devaneios. Já estou nele há um bom tempo. Meu corpo está nos Ventos Uivantes. Khali está vindo. A

guarnição vai cair. Vou sobreviver, mas dias piores virão. Estive juntando coragem, estive seguindo você. Vi que você precisava de alguém com quem pudesse ser honesto. O conde Drake ou Durzo seria melhor, mas sem dúvida eles não podem estar aqui. Até os matadores precisam de amigos.

– Não sou mais um matador. Desisti.

– Nas minhas visões – disse Dorian, como se Kylar não tivesse falado –, eu me vejo chegando a um lugar onde minha felicidade está a uma mentira de distância. Vou olhar nos olhos da mulher que amo e que também me ama e saber que, quer minta ou diga a verdade, ela ficará arrasada. Nesse sentido, somos irmãos, Kylar. O Deus dá problemas mais simples para homens inferiores. Estou aqui porque você precisa de mim.

O ressentimento de Kylar se desenrolou. Ele olhou para a névoa. Todo lugar parecia uma metáfora adequada de sua vida – preso no crepúsculo sem nada definido, nada sólido, nenhum caminho simples.

– Estou tentando mudar, mas não consigo. Achei que poderia simplesmente romper com meu passado, ir em frente e pronto. Quando entro numa sala, a examino com cuidado. Procuro saídas, vejo a altura do teto, verifico ameaças potenciais, se a tração do piso é boa. Se um homem me encara num beco, penso em como vou matá-lo. E a sensação é boa. Sinto que estou no controle.

– Até que...?

Kylar hesitou.

– Até que me lembro. Preciso me obrigar a pensar que meus instintos estão errados. E então odeio aquilo que me tornei.

– E o que você se tornou? – perguntou Dorian.

– Um assassino.

– Você é mentiroso e matador, mas não é um assassino, Kylar.

– Ora, obrigado.

– O que é o Anjo da Noite, Kylar?

– Não sei. Durzo nunca me disse.

– Besteira. Por que não confia em si mesmo? Por que não pede a Elene para confiar em você? Por que não conta a verdade a ela?

– Ela jamais entenderá.

– Como você sabe?

E se entendesse? E se ela o rejeitasse? O que isso faria dele?

– Vocês dois são tão jovens que não sabem diferenciar o cu do cotovelo – disse Dorian. – Mas *você* está começando a descobrir quem é. Elene aceitou uma caixa minúscula como sendo sua fé, e você está muito por fora do que ela sabe sobre o Deus. Ela tem a arrogância da juventude que diz que o que sabe sobre o Deus é tudo que há para saber. Ela ama você, por isso quer que você fique na caixinha com

ela. Mas a caixa é pequena demais, não é? Você não consegue entender um Deus que é todo misericórdia e nenhuma justiça. Esse deus bonitinho não duraria dois minutos nas Tocas. Bom, odeio dizer, mas Elene tem 18 anos. Tudo que ela sabe sobre o Deus não é grande coisa.

Ele continuou praticamente sem interrupção:

– Kylar, não creio que o Deus o considere abominável. O horror tem um poder imenso em uma das mãos, um forte sentido moral na outra e absolutamente nenhum alicerce em que se sustentar. Nos últimos dois meses você tentou aceitar as conclusões morais de Elene ao mesmo tempo que rejeitava as premissas delas. E você diz que ela não é lógica? Onde você está, Sombra no Crepúsculo? Você tem opções, mas eis uma verdade: você *não* pode ser o que quer. A lista de coisas que você jamais será é longa, mesmo que viva para sempre. Quer saber qual é a principal? Um afável herbalista. Você é afável como um lobo, Kylar. É isso que Elene ama e é o que ela teme. Você não pode ficar dizendo que tudo está bem, que esse disfarce é quem você é de verdade. Não é. Por que não confia em Elene o suficiente para pedir que ela ame o homem que você é de verdade?

– Porque eu o odeio! – berrou Kylar. – Porque ele adora matar! Porque ela não entende o mal, e ele, sim. Porque ele se sente vivo quando está banhado em sangue. Porque eu amo o que ele consegue fazer. Porque ele é o Anjo da Noite e o anjo é noite e a noite está em mim! Porque ele é a Sombra que Anda. Porque ele acredita que algumas pessoas não podem ser salvas, apenas impedidas. Porque, quando ele mata um homem mau, sinto não somente o prazer do domínio da arte, sinto o prazer do mundo todo diante da vingança: um homem mau é uma afronta e eu apago a mancha. Equilibro o desequilíbrio. Ele ama isso e, para entender esse homem, Elene precisaria perder a inocência que eu amo.

– Esse homem – disse Dorian, cutucando o peito de Kylar – e este – ele cutucou a testa – estão a caminho da loucura. Ouça quem sabe das coisas.

– Eu posso mudar – insistiu Kylar, mas a voz estava sem esperança.

– Um lobo pode se tornar um cão de caça, filho, mas nunca será um cãozinho de colo.



– Estamos em guerra – disse a porta-voz Istariel Wyant. Ela adorava fazer pronunciamentos, embora sua voz fosse anasalada e tivesse o forte sotaque alto alitaerano.

Ariel havia enfiado o corpanzil numa cadeira muito pequena na sala da porta-voz, no alto do Serafim de Alabastro. Estava ofegante depois de subir a escada. Às

vezes, ela odiava a carne que a preenchia, abominava estar acorrentada a algo tão fraco. Isso exigia cuidado, uma dedicação excessiva. Era uma distração de coisas mais importantes, como o que a porta-voz queria com ela.

Istariel Wyant era uma mulher alta e imperiosa, com um nariz aristocrático e sobranceiras delineadas. Parecia mais desengonçada do que magra e, apesar do rosto fino, de meia-idade, tinha o cabelo louro e comprido mais lindo já visto em qualquer mulher que Ariel conhecesse. Istariel adorava seu cabelo. Não eram poucas as irmãs que sussurravam que ela devia ter descoberto alguma magia para deixá-lo mais denso e lustroso. Não era verdade, claro. A mãe de Istariel tinha o mesmo cabelo. Era um dos motivos para o pai das duas ter se casado com ela quando a mãe de Ariel morreu. Além disso, Istariel não era tão Talentosa assim.

– Esta guerra não é somente pelo que significa ser maga, e sim pelo que significa ser mulher.

Ao ver a ironia sem disfarces no rosto de Ariel, Istariel mudou de abordagem.

– Como tem estado, irmã?

– Bem.

Istariel tentou de novo, corajosamente:

– E como estão indo seus estudos?

– Os últimos dois anos da minha vida foram provavelmente um desperdício completo – respondeu Ariel.

– A mesma Ariel de sempre.

Istariel tentou falar isso em um tom leve, como se achasse divertido, mas não se esforçou para parecer convincente. Ariel não usava freios em seu esnobismo social. Não havia por que fingir.

A quase genialidade com que Istariel entendia os homens e as mulheres ao redor jamais se estendera à irmã. Quando Istariel olhava para Ariel, via um rosto largo e grossos braços e pernas de uma camponesa, enxergava apenas a falta de elegância e de preocupação pelas coisas importantes – privilégio, poder e posição. Istariel achava que entendia Ariel, por isso parou de pensar nela. Até mesmo permitiu que seus olhos baixassem.

– É, eu engordei – disse Ariel.

Istariel ficou ruborizada. *Como ela deve odiar o fato de que eu ainda posso fazê-la se sentir uma criança.*

– Bom – disse Istariel –, eu... eu acho que você ganhou um pouquinho de...

– E como você está, porta-voz? – perguntou Ariel.

Por que será que ela conseguia dominar as 84 variações da trama symbolina com perfeito sentido de tempo, estrutura e entonação, mas não conseguia manter uma conversa? Uma conversa sobre amenidades deveria ser redutível a umas poucas centenas de perguntas típicas, delineadas em árvores de conversação segundo as

reações do interlocutor, quanto conhecemos o interlocutor, quais eram os acontecimentos atuais e nossa posição relativa ao interlocutor.

O momento das perguntas e o tamanho das respostas deveriam ser estudados, mas muitas tramas também exigiam o sentido de tempo exato, e o ritmo de Ariel era perfeito. Seria necessário levar em conta o ambiente físico: na sala da porta-voz não falaríamos como numa taberna. Os temas de estudo poderiam incluir como lidar com distrações, graus adequados de contato visual ou toque físico, levar em conta variações culturais e, claro, as diferenças ao falar com homens e mulheres. Ariel supunha que poderia incluir crianças no estudo, e seria importante incluir como falar com aqueles com quem temos vários graus de amizade ou interesse, seja romântico ou não. Seria mesmo? Será que deveríamos falar amenidades de um modo com uma mulher com quem poderíamos fazer amizade e de outro com uma mulher por quem não tivéssemos interesse? Será que haveria maneiras socialmente adequadas de encurtar conversas chatas?

Isso fez Ariel sorrir. Encurtar conversas chatas seria um benefício gigantesco. Mesmo assim, o projeto como um todo tinha pouco a ver com magia. Talvez nada. De fato, ela decidiu que o estudo, ainda que valioso, seria um uso pobre de seus dons.

– Você não está me ouvindo, está? – perguntou Istariel.

Ariel percebeu que sua irmã estivera falando durante um bom tempo. Não era nada importante, mas Ariel tinha se esquecido de fingir que prestava atenção.

– Desculpe – respondeu.

Istariel deixou para lá. Era sempre assim: Ariel, o gênio distraído, desatento, cérebro grande e Talento maior ainda. Nada mais. Isso permitia que Istariel se sentisse superior.

– Sobre o que estava pensando? – perguntou Istariel.

– Nada.

Ela balançou a cabeça, mas Istariel levantou uma sobrancelha em sua direção. Era sua cara de “eu sou a porta-voz”. Ariel fez uma careta.

– Estava pensando em como sou ruim em conversar sobre amenidades e me perguntando por quê – disse Ariel.

Istariel riu. Era como se fossem adolescentes outra vez.

– E formulando um método para estudar isso?

Ela franziu a testa.

– Decidi que sou a pessoa errada para a tarefa.

Istariel gargalhou. Um som irritante. Istariel era do tipo que fungava ao rir.

– O que você dizia? – perguntou Ariel. Tentou parecer interessada. Afinal, apesar de pomposa e fungadora, Istariel era a porta-voz.

– Ah, Ariel, você não se importa.

– Verdade. Mas você se importa, portanto posso ouvir educadamente.

Istariel balançou a cabeça como se não conseguisse acreditar na irmã, mas se acomodou e misericordiosamente parou de fungar.

– Sabe a guerra sobre a qual eu falei? Algumas irmãs querem formar uma nova ordem.

– Outro grupo que quer rejeitar o acordo alitaerano e se tornar magas de guerra?

Que desperdício! Elas passavam o tempo tentando mudar as regras, em vez de ignorá-las e torná-las sem valor.

– Nada tão simples. Essas damas propõem se chamar de Gado.

– Nossa!

Tyros não tinham permissão de se casar, mas muitas irmãs eventualmente decidiam fazer isso. Dessas, a maioria voltava para o lugar onde nascera ou ia para onde os maridos moravam. Algumas ficavam no Chantry, mas poucas se alçavam a níveis elevados. Frequentemente era apenas uma questão de escolha: as mulheres decidiam que, com filhos, maridos e casas, era preferível ficar com as famílias o tempo todo.

Mas às vezes irmãs ambiciosas queriam tudo. Queriam ser casadas com o Chantry e com um homem. Essas jamais se alçavam tão alto quanto mereciam, porque as mulheres que sacrificavam a família pelo Serafim consideravam que era seu direito serem promovidas acima das que cumpriam metade do serviço, não importando quanto fizessem isso de modo brilhante. Essa atitude se estendia até mesmo para irmãs casadas que não tinham filhos, porque as irmãs presumiam que elas eventualmente jogariam fora tudo que valia a pena para cuidar de um homem e de seus fedelhos, como qualquer camponesa. Pelas costas, as irmãs as chamavam de “gado”, donas de casa voluntárias e éguas reprodutoras para os homens, e diziam que o gado desperdiçava o tempo e o dinheiro do Chantry e, pior, desperdiçava seu próprio talento.

Em geral, os comentários não eram questionados porque a maioria das irmãs no Chantry era composta por solteiras. Eram instrutoras ou estudantes. Era grosseria chamar uma irmã casada de gado, mas isso acontecia.

Se as irmãs casadas formassem uma ordem – e Ariel não conseguia ver como isso poderia ser recusado –, elas teriam um poder tremendo. Seu número representava mais da metade das irmãs espalhadas pelo mundo. Caso se tornassem um grupo unificado, as coisas mudariam radicalmente.

– É uma manobra, claro – disse a porta-voz. – A maior parte do... das irmãs casadas não é militante o suficiente para se unirem por trás de um nome assim. É só um alerta de que elas falam a sério.

– O que elas querem? – perguntou Ariel.

– Muitas coisas, mas uma das exigências principais é a fundação de uma nova escola de magia aqui. Uma escola que quebre nossas tradições.

– Quais tradições?

– Uma escola para homens, Ariel.

Isso era mais do que uma quebra de tradição. Era um levante sísmico.

– Achamos que algumas já se casaram com magos.

– O que você quer que eu faça? – perguntou Ariel imediatamente.

– Com relação a isso? Nada. Pelos céus, não. Desculpe, irmã, mas você é a última pessoa que pode ajudar com isso. É necessário um toque mais leve. Tenho outra tarefa para você. A líder das irmãs casadas é Eris Buel. Não posso me opor diretamente a ela. Preciso de uma pessoa ambiciosa, respeitada e jovem para levantar nossa bandeira.

O que, claro, excluía Ariel.

– Você descreve talvez um terço de nossas irmãs, ou descreveria, se acrescentasse a palavra “inescrupulosa”.

Ariel sabia que tinha ultrapassado o limite, mas Istariel não faria nada a respeito. Precisava dela.

– Ari, nem mesmo você pode falar comigo assim.

Aparentemente não.

– O que você quer, porta-voz?

– Quero que traga Jessie al’Gwaydin de volta ao Chantry.

Ariel pensou a respeito. Jessie al’Gwaydin seria a pedra ideal para esmagar Eris Buel. Ela era tudo que o Chantry amava: falava bem, era bonita, inteligente, de berço nobre e disposta a pagar o necessário para subir até o topo. Não era tremendamente Talentosa, mas um dia poderia ser uma boa líder, se fosse possível enfiar algum bom senso em sua cabeça.

– Ela está estudando o Caçador Negro em Curva de Torras – disse Istariel. – Sei que isso é perigoso, mas eu lhe dei avisos suficientes. Tenho certeza de que ela não vai fazer nada muito arriscado. – Istariel deu um risinho. – Na verdade, ameacei mandar você atrás dela, caso não fosse boazinha. Tenho certeza de que ela ficará tremendamente satisfeita em vê-la.

– E se ela estiver morta?

O sorriso de Istariel sumiu.

– Encontre-me alguém que o Gado não ignore. Alguém que fará o que precisa ser feito.

Havia uma amplitude terrível nessa frase. Mas essa amplitude podia ser usada nos dois sentidos, e o fato é que Ariel preferia ser incluída. *Ah, irmã, você está brincando com fogo. Por que me usaria para isso?*

– Combinado – disse Ariel.

Istariel indicou que ela estava dispensada e Ariel se encaminhou para a porta.

– Ah – observou Istariel, como uma lembrança de última hora –, quem quer que você traga, certifique-se de que seja casada.



Kylar estava do lado de fora da loja, fechando-a, quando sentiu que era observado. Curvou os dedos para verificar as facas presas nos antebraços, mas não havia facas ali. Fechou os grandes postigos sobre o balcão onde colocavam as mercadorias e trancou o cadeado, sentindo-se vulnerável.

Não se sentia vulnerável porque estava sem as armas. Um derramador era uma arma. Sentia-se vulnerável por causa do juramento. Não matar, não provocar violência. Com isso, o que lhe restava?

Quem quer que fosse, estava parado nas sombras do beco ao lado da loja. A pessoa esperava emboscá-lo. Ele podia fugir, mas deixaria Uly sozinha e desprotegida. As coisas eram mais simples antes de existir uma mulher em sua vida.

O homem estava desganhado e usava trapos, com os olhos injetados e a falta de dentes de um viciado em erva-de-arruaça. Mas as facas que segurava pareciam bem úteis. O sujeito saltou do beco. Kylar esperou que ele exigisse dinheiro. Em vez disso, o homem começou a gritar insanidades. Parecia que estava dizendo: “Não me mate! Não me mate!”

Kylar simplesmente se desviou dele e o viciado se esparramou no chão. Kylar se encostou na parede, perplexo. O sujeito se levantou e o atacou. Mais uma vez, Kylar se esquivou e o viciado se chocou contra a parede.

Depois de chutar as adagas do sujeito para longe, Kylar o estudou.

– Não me mate ainda – disse o homem, falando em meio ao sangue que escorria do nariz. – Por favor, imortal. Não me mate ainda.



– Eu lhe trouxe um presente – disse Gwinvere.

Agon ergueu os olhos do papel. Era uma lista dos pontos fortes e fracos da situação tática nas Tocas. Resumindo, uma lista deprimente. Levantou-se da mesa e acompanhou Gwinvere até o próximo cômodo da casa dela, tentando não pensar em como ela estava cheirosa. Aquilo fazia seu coração doer.

A mesa da sala de jantar tinha sido coberta por um pano.

– Então? – perguntou Gwinvere.

Agon levantou uma sobancelha; ela deu uma gargalhada. Ele puxou a toalha e ofegou. Sobre a mesa havia dez arcos curtos com as cordas soltas. Eram adornados com relevos simples, quase grosseiros, de homens e animais, principalmente cavalos.

– Gwinvere, você não precisava fazer isso.

– É, meus contadores disseram a mesma coisa.

Ele pegou um e tentou curvÁ-lo.

– Cuidado – disse ela. – O homem que... forneceu esses arcos disse que é preciso aquecê-los junto a uma fogueira durante uma hora antes de encordoar. Caso contrário, eles se partem.

– São arcos ymmuri. Eu nunca tinha visto um.

Os arcos eram maravilhosos. Ninguém, a não ser os ymmuri, conhecia o segredo de como eram feitos, mas Agon podia ver que, de algum modo, eles não usavam apenas madeira, mas também chifre e uma cola feita de cascos de cavalo derretidos. Eram capazes de fazer uma flecha atravessar uma armadura pesada a 200 passos de distância, um feito equiparado apenas pelos longos arcos alitaeranos. E esses arcos eram suficientemente curtos para serem usados em cima de cavalos.

Agon tinha ouvido histórias sobre guerreiros com armaduras leves cavalgando fora do alcance dos arqueiros tradicionais, despedaçando a companhia inteira com seus disparos. Toda vez que os lanceiros atacavam, os leves ymmuri fugiam com seus pequenos cavalos, disparando flechas o tempo todo. Ninguém havia descoberto como reagir a um ataque assim. E, graças aos deuses, ninguém tinha conseguido unir os ymmuri. Caso contrário, eles dominariam toda a Midcyru.

Os arcos seriam perfeitos para os caçadores de bruxos de Agon. Ele acariciou um.

– Você conhece o caminho para o coração dos homens, Gwinvere – disse, deliciado como uma criança com um brinquedo novo.

Ele sorriu e, por um momento dourado, ela sorriu também. Gwinvere era linda, inteligente, capaz, formidável. Enquanto olhava em seus olhos, entretanto, parecia um tanto frágil, abalada pela morte de Durzo, o homem que ela havia amado por quinze anos. Gwinvere era profunda e misteriosa, e, apesar de ele ter se imaginado velho demais para se comover com essas coisas, ficou abalado com a beleza dela. O cheiro... Deuses, seria o mesmo perfume que ela usava tantos anos atrás? Aquilo o sacudia até o âmag. Mas lembrou-se de sua esposa. Talvez jamais soubesse se ela estava morta ou viva. Jamais poderia passar pelo luto e seguir em frente. Abrir mão dela seria abrir mão da esperança.

Seu sorriso diminuiu um pouquinho e Gwinvere percebeu. Ela tocou seu braço.

– Fico feliz que tenha gostado. – Em seguida foi até a porta e se virou de volta.

– Só diga aos seus homens que cada um desses arcos custou mais do que eles vão

ganhar durante toda a vida.

E sorriu. Era um sorriso capaz de lhe dar um caminho de volta à leveza. Um sorriso dizendo que ela sabia o que ele sentia e que, mesmo não retribuindo seu interesse, não iria usá-lo contra ele.

Agon soltou uma risada, acompanhando-a.

– Eu arrancarei isso do couro deles.



O rosto do agressor era mais chocante do que suas palavras. No entanto, já o tinha visto em algum lugar.

Kylar deu ao sujeito uma dose de vinho de papoula e o levou a um lar de tratamento de viciados. Viciados de famílias ricas, claro. O tratamento em si era simples: os funcionários administravam chás e outras ervas de utilidade dúbia, continham o viciado, limpavam o vômito e esperavam. As paredes eram grossas, as celas eram privadas. Kylar não teve problema com os guardas, que o deixaram entrar.

– Por favor, me amarre – pediu o ladeshi quando entraram na cela minúscula.

Havia uma escrivaninha, uma cadeira, uma bacia com jarra e uma cama, mas as paredes eram de tijolos simples. Era um lugar deliberadamente espartano. Quanto menos coisas no quarto, menor a probabilidade de uma tentativa de suicídio.

– Não creio que vá ficar fora de controle – disse Kylar.

– Não tenha tanta certeza.

Aceitando o pedido do viciado, Kylar o prendeu à cama com as grossas tiras de couro. O sujeito pareceu aliviado. Deu seu sorriso banguela de viciado, que revirou o estômago de Kylar. Aquele sujeito não tivera um sorriso brilhante?

– Quem é você? – perguntou Kylar. – E o que acha que sabe sobre mim?

– Sei que você tem um ka’kari, Kylar Stern. Conheci Durzo Blint e sei que você foi aprendiz dele. Sei que esta é a sua segunda encarnação. Você se chamava Azoth.

O estômago de Kylar se revirou.

– Quem é você?

O homem sorriu de novo, um sorriso enorme, como se tivesse se acostumado tanto a mostrar os dentes brancos e perfeitos que ainda não havia se acostumado ao riso de viciado. Estranhamente, agora que estava preso à cama, pareceu arrogante.

– Sou Aristarchos ban Ebron, shalakroi de Benyurien, na província da seda de Ladesh.

– Shalakroi é a palavra ladeshi para “viciado em erva-de-arruaça”?

O jeito altivo caiu do rosto do sujeito como uma carga de tijolos.

– Não. Desculpe. E desculpe pelo ataque. Não estava no controle de mim mesmo.

– Eu notei.

– Mas acho que não entendeu.

– Já encontrei viciados antes.

– Não sou um simples viciado, Kylar. – Ele deu um sorriso torto de dentes podres. – Mas eu entendo seu raciocínio. Afinal, todo viciado diria a mesma coisa, não é? Tentei sair de Cenária quando a cidade caiu, mas minha fisionomia ladeshi me entregou. Os khalidori me interrogaram sobre o comércio de seda. Eles odeiam o monopólio da seda tanto quanto o resto de vocês, de Midcyru. O interrogatório não seria problema, mas um vürdmeister chamado Neph Dada me pegou. Não sei como ele descobriu o que eu sabia, mas eles começaram a me torturar. – Seu olhar ficou distante. – Foi ruim. O pior foi que depois de cada sessão eles me faziam engolir algumas sementes que acabavam com a dor. Elas faziam tudo ficar melhor. Eu não sabia o que era. Os khalidori não me deixavam dormir. Só me torturavam, me davam as sementes e me torturavam mais. Não faziam perguntas. Até que, um dia, ele veio.

– *Ele?* – Kylar sentiu náuseas.

– Eu... tenho medo de falar o nome dele – disse Aristarchos, com vergonha do próprio medo. Começou a tamborilar na cama.

– O Deus-rei?

Ele confirmou.

– O ciclo continuou até que eles não precisaram mais me obrigar a comer as sementes. Eu implorava por elas. Na segunda vez em que veio, ele usou magia em mim... Ele é fascinado por compulsão. Mágica, química e a mistura das duas. Eu era apenas mais uma experiência. Depois de um tempo, eu... eu entreguei seu nome a eles, Kylar. Ele colocou em mim uma compulsão por matar você. Eu tinha uma caixa com minhas sementes, mas ela só se abriria quando eu obedecesse. – Um tremor o atravessou. – Experimentei erva-de-arruaça para suportar. Experimentei vinho de papoula. Nada funcionava. Achei que, se conseguisse chegar aqui, poderia alertá-lo a tempo. Consegui esconder algumas coisas. Eles não sabem que você voltou dos mortos. Não sabem sobre a sociedade nem sobre suas encarnações.

Tudo estava indo rápido demais para Kylar. As implicações explodiam numa centena de direções diferentes.

– Que sociedade? – perguntou.

Aristarchos pareceu incrédulo, seus dedos até pararam de tamborilar.

– Durzo não contou?

– Não.

– A Sociedade do Segundo Alvorecer.

– Nunca ouvi falar.

– “A Sociedade do Segundo Alvorecer se dedica ao estudo dos supostos imortais, das delineações das capacidades deles e do confinamento desses poderes aos que não abusariam dos mesmos.” Somos uma sociedade secreta espalhada por todo o mundo. Foi assim que encontrei você. Ela foi fundada há séculos. Na época, achávamos que existiam dezenas de imortais. Com o passar dos anos, concluímos que existem no máximo sete, talvez apenas um. O homem que você conheceu como Durzo Blint também foi Ferric Fireheart, Vin Craysin, Tal Drakkan, Iric, o Negro, Hrothan Steelbender, Zak Eurthkin, Rebus Nimble, Qos Delanoesh, X!rutic Ur, Mir Graggor, Pips McClawski, Garric Shadowbane, Dav Slinker e provavelmente uma dúzia de outros.

– Isso representa metade das histórias de Midcyru.

Aristarchos estava começando a tremer e suar, mas continuou com voz controlada:

– Ele se disfarçou como nativo de pelo menos uma dúzia de culturas diferentes, provavelmente o dobro disso. Falava mais idiomas do que já ouvi dizer. Pelo menos trinta, sem contar dialetos, e todas com tamanha fluência que não detectavam sotaque. Houve ocasiões em que ele desapareceu durante vinte ou mesmo cinquenta anos; não sabemos se viveu em solidão ou se casou-se e estabeleceu-se em regiões remotas. Mas ele apareceu em cada grande conflito durante seis séculos, e nem sempre do lado que esperaríamos. Há duzentos anos, como Hrothan Steelbender, lutou nas campanhas de expansão alitaeranas durante os primeiros trinta anos da Guerra dos Cem Anos, depois “morreu” e lutou ao lado dos ceuranos, como o santo espadachim Oturo Kenji.

Agora era Kylar que estava tremendo. Lembrava-se de quando sua guilda tinha tentado matar Durzo. Quando viram quem ele era, fugiram do derramador lendário. Derramador lendário! Como sabiam pouco! Como Kylar sabia pouco! Sentiu uma pontada de ressentimento.

Como Durzo pôde não lhe contar? Ele tinha sido como um filho para o sujeito. Tinha estado mais próximo dele do que qualquer pessoa. Kylar havia visto apenas a casca amarga e supersticiosa de um homem, e se considerava superior a ele.

Kylar nunca conheceu Durzo Blint. Não de verdade. E agora o herói de lendas – dezenas de lendas – estava morto. Pelas mãos dele. Kylar havia destruído uma pessoa sem saber seu valor. Não conhecia o homem que tinha chamado de mestre. A sensação era a de um buraco no estômago. Sentiu-se entorpecido, distante, raivoso e à beira das lágrimas, tudo ao mesmo tempo. Durzo estava morto e Kylar sentia mais falta dele do que seria capaz de imaginar.

Agora as gotas de suor se destacavam no rosto de Aristarchos. Agarrando os lençóis, ele disse:

– Se você tem alguma pergunta sobre as encarnações dele, as suas ou qualquer outra coisa, por favor, faça depressa. Não estou... me sentindo bem.

– Por que você fica falando de encarnações como se eu fosse algum tipo de deus?

Não era uma boa pergunta, mas as que desejava fazer eram tão importantes que Kylar nem sabia como formulá-las.

– Vocês são adorados em algumas regiões remotas onde seu mestre não teve muito cuidado quanto a demonstrar toda a extensão de seus poderes.

– O quê?

– A sociedade fala de encarnações porque “vidas” é muito confuso, e não temos certeza se vocês têm tantas vidas quanto querem ou se têm uma quantidade finita, ou se é apenas uma vida que nunca termina. Nenhum de nós viu um de vocês morrer. A palavra “encarnações” também é bastante criticada, mas isso acontece principalmente entre os separatistas modaini que acreditam na reencarnação. Vou contar: sua existência os deixa numa enorme confusão teológica.

As pernas de Aristarchos estavam tremendo, quase em convulsão.

Em meio a todas as grandes perguntas sobre Durzo, sobre os poderes de Kylar, sobre o Deus-rei e o que ele sabia ou pensava saber, Kylar só viu um homem suando, um homem que tinha perdido os dentes e a boa aparência por causa dele, um homem que fora torturado e viciado, que fora compelido a tentar matá-lo e tinha lutado contra o impulso com todas as forças. Tinha feito tudo isso por um homem que ele nem conhecia.

Assim, Kylar não perguntou sobre a sociedade, sobre magia ou sobre o que Aristarchos podia fazer por ele. Isso viria mais tarde se os dois sobrevivessem até lá.

– Aristarchos, o que é um shalakroi?

O sujeito foi pego desprevenido.

– Eu... É um pouco abaixo de um duque de Midcyru, mas não é um posto herdado. Eu tive notas melhores do que dez mil outros estudantes nas provas de serviço público. Apenas cem obtiveram notas maiores em toda Ladesh. Governei uma área mais ou menos do tamanho de Cenária.

– A cidade?

Aristarchos sorriu através do suor e dos músculos retesados.

– O país.

Kylar suspirou.

– É uma honra conhecê-lo, Aristarchos ban Ebron, shalakroi de Benyurien.

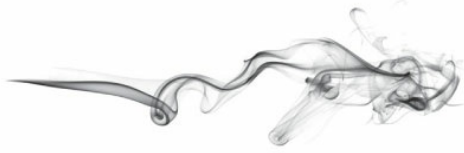
– A honra é minha, Kylar ban Durzo. Por favor, pode me matar?

Kylar deu as costas para ele. O orgulho e a esperança se esvaíram de Aristarchos junto com sua respiração. Ele se afrouxou na cama, subitamente

pequeno.

– Isso não é gentileza, meu senhor. – E se convulsionou de novo, e fez força contra as tiras de couro. Suas veias se avolumaram na testa e nos braços emaciados. – Por favor, se não quer me matar, pode me dar minha caixa? Só uma semente, por favor?

Kylar saiu. Levou a caixa e a queimou. A não ser por uma armadilha com uma agulha envenenada, ela estava vazia.



— Santidade, Aristarchos está morto – disse Neph Dada enquanto chegava à sacada do Deus-rei. – Peço desculpas por informar esse fracasso, mas desejo observar que eu recomendei...

– Ele não fracassou – disse Garoth Ursuul, sem dar as costas para a vista da cidade.

Neph abriu a boca, lembrou-se de com quem estava falando e fechou-a. Encurvou-se um pouco mais.

– Eu dei uma tarefa que sabia que ele não cumpriria para que realizasse a que eu desejava – explicou o Deus-rei. Ainda olhando para a cidade, massageou as têmporas. – Ele encontrou Kylar Stern. Nosso ka'karifeiro está em Caernarvon.

Garoth pegou um bilhete no bolso.

– Transmita essa mensagem ao nosso agente. Peça que a entregue a Vi Sovari. Ela deve chegar em breve.

Neph piscou insistentemente. Tinha pensado saber tudo que o Deus-rei estava fazendo. Tinha pensado que seu domínio do vir era praticamente igual ao do Deus-rei e agora, despreocupadamente, o sujeito lhe dizia aquilo. As ambições de Neph recuaram por meses. Meses! Como odiava o sujeito! Garoth era capaz de encontrar locais por magia? O que isso significava? Será que Garoth sabia sobre o acampamento em Monte Negro? Os meisters de Neph vinham sequestrando aldeões para suas experiências, mas isso fora longe demais. Neph tinha sido tão cuidadoso... Não, não podia ser.

Mas o Deus-rei o estava alertando. Dizendo a Neph que estava de olho nele, que estava de olho em tudo, que sempre saberia mais do que dizia, que seus poderes estariam sempre além do que Neph esperava. Em termos de um alerta do Deus-rei, este era até afável.

– Mais alguma coisa? – perguntou o Deus-rei.

– Não, Santidade. – Neph conseguiu manter a voz perfeitamente calma.

– Então saia.

Depois de um desjejum rápido e uma xícara de ootai para afastar o cansaço, Kylar se pegou andando pelas ruas com Elene, de mãos dadas. Apesar de todos os motivos que ele tinha para estar carrancudo, era difícil não se sentir feliz. Elene usava um vestido creme com corpete de tafetá marrom, da mesma cor dos olhos. Parecia fabuloso em sua simplicidade. Claro, Kylar nunca tinha visto Elene usar nada que ele achasse menos do que fantástico, mas ela ficava duas vezes mais linda quando estava feliz.

– Essa é bonitinha, não é? – perguntou ele, pegando uma boneca na mesa de um comerciante.

Por que Elene estava feliz? Ele não conseguia se lembrar de ter feito nada de bom. Desde que tinha começado a sair à noite, esperava ter “a conversa”. Em vez disso, uma noite ela segurou sua mão e disse: “Kylar, eu amo você e confio em você.”

O que ele deveria dizer? “Ah, na verdade eu matei umas pessoas, mas em todas as vezes foi por acidente e todas eram más”?

– Acho que não podemos gastar muito – disse Elene. – Eu só queria passar o dia com você.

Ela sorriu. Talvez fosse apenas uma mudança de humor. As mudanças de humor deviam ter um lado positivo, certo?

– Ah.

Ele se sentia um pouco desajeitado de mãos dadas com ela. A princípio, achava que todo mundo encarava os dois. Mas agora viu que somente um punhado de pessoas os olhavam duas vezes e, dentre essas, a maior parte parecia aprovar.

– Ah, que casal lindo! – gritou um homenzinho rotundo para eles. – Vocês são absolutamente maravilhosos. Venham conhecer minha loja. Entrem, entrem!

Kylar ficou tão espantado que mal se conteve para não reorganizar o rosto do sujeito. Elene riu e cutucou os músculos tensos do seu braço.

– Venha, seu fortão – disse ela. – Isso é fazer compras. É para ser divertido.

– Divertido? – perguntou ele enquanto ela o puxava para a lojinha bem iluminada.

O homenzinho gordo os levou até uma jovem bonita, de cerca de 16 anos, que lhes deu um sorriso luminoso. Era pequenina, magra, com olhos azuis ofuscantes e uma boca grande que tornava o sorriso enorme. Era Cabelos Dourados. Kylar arregalou os olhos enquanto seu mundo diurno e o das sombras se cruzavam.

– Olá – disse Cabelos Dourados. Em seguida olhou as alianças na mão dos dois. – Sou Capricia. Já estiveram numa argolaria antes?

Kylar permaneceu em silêncio. Elene cutucou-o gentilmente nas costelas.

– Não – respondeu ela.

Kylar piscou. Elene devia pensar que ele estava encarando Capricia. Porém, ela

não parecia com raiva, apenas achando aquilo divertido.

Ele balançou a cabeça. *Não, não é isso.*

Ela inclinou uma sobrancelha na sua direção. *Certo.*

– Bom, vamos começar pelo começo – disse Capricia, abrindo uma gaveta com forro de veludo preto e colocando-a num balcão. A gaveta estava cheia de minúsculos pares de argolas de ouro, prata e bronze, alguns enfeitados com rubis, granadas, ametistas, diamantes ou opalas, alguns simples, outros com texturas. – Vocês já viram pessoas usando um desses por toda a cidade, não é?

Elene assentiu. Kylar olhou-a inexpressivo. Observou Capricia. Ela não usava. Seriam anéis para os dedos dos pés? Ficou nas pontas dos pés para olhar por cima do balcão, querendo ver os pés de Capricia.

Capricia pegou-o olhando e riu. Ela tinha um riso contagiante.

– Não, não – disse ela. – Eu não uso! Não sou casada. Por que está olhando os meus pés?

– Kylar! – exclamou Elene.

– Ah – disse Kylar. – Agora entendi! São brincos!

Capricia riu de novo.

– O quê? – perguntou ele. – No lugar de onde viemos, as mulheres usam brincos iguais. Esses são todos de tamanhos diferentes.

As garotas riram mais alto e só então ele compreendeu. Os brincos não eram para mulheres, eram para casais. Um para o homem e um para a mulher.

– Ah! – disse ele.

Isso explicava todos os homens que ele tinha visto usando brincos. Fez uma careta. Poderia dizer quais homens escondiam armas nas roupas e saber qual era o provável grau de habilidade que eles teriam com elas; o que lhe importava o que usavam nas orelhas?

– Uau. Olhe só essas – disse Elene, apontando para um par de argolas de ouro branco que pareciam caras. – Não são lindas? – Ela se virou para Capricia. – Pode nos contar sobre as argolas? Nós somos... hã... pouco familiarizados com a tradição.

Como se tivessem combinado, as duas não olharam para Kylar.

– Aqui em Waeddryn, quando um homem quer se casar com uma mulher, compra um par de argolas e entrega para ela. Claro, há uma cerimônia pública, mas o casamento em si é realizado em particular. Vocês já são casados, certo?

– Certo – respondeu Kylar. – Apenas somos novos na cidade.

– Bom, se estão querendo se casar ao estilo de Waeddryn, mas talvez não tenham dinheiro ou interesse em fazer uma cerimônia grande, é muito simples. Vocês não precisam se preocupar com a cerimônia. O casamento é reconhecido desde que tenham sido pregados.

– Pregados? – perguntou Kylar, arregalando os olhos.

Capricia ficou vermelha.

– Quer dizer, assim que tenham colocado as argolas. Bem, as pessoas costumam usar a expressão “ser pregado”.

– Falando assim, não parece ser muito divertido – observou Kylar.

– Kylar – disse Elene, cutucando-o. – Podemos ver as facas nupciais?

Capricia abriu outra gaveta forrada de veludo preto. Estava cheia de ornamentadas adagas com pontas minúsculas.

Kylar se encolheu. Capricia e Elene deram risinhos.

– A situação fica mais assustadora – disse a jovem. E abriu um sorriso enorme.

– Em geral, logo antes... ah, antes que o casamento seja consumado... – Ela tentava parecer profissional, mas ruborizou. – Desculpe, nunca precisei explicar isso. Em geral o mestre Bourary... Deixem para lá. A colocação da argola...

– Isso é antes ou depois de ser pregado? – perguntou Kylar.

– Hã... Quando a noiva e o noivo se retiram para o quarto, o homem entrega as argolas e a faca nupcial à noiva. O homem deve se submeter a ela. Frequentemente ela... provoca o noivo durante um tempo. Depois fura a própria orelha esquerda, no ponto onde quiser, e coloca sua argola. Depois monta em cima do marido na cama nupcial e fura a orelha esquerda dele.

O queixo de Kylar caiu.

– Não é muito ruim. Só depende de onde a esposa decida... – Capricia levantou os olhos quando o mestre Bourary entrou na loja –... fixar o lacre. Pelo lóbulo da orelha não é muito ruim, mas algumas mulheres furam... como a esposa do mestre Bourary.

Kylar olhou para o homenzinho rotundo e risonho. Ele usava um brinco de ouro reluzente cheio de rubis. Atravessava a parte de cima da orelha.

– Dói feito o diabo – disse o mestre Bourary. – Mas vale a pena.

Um pequeno gemido de dor escapou dos lábios de Kylar.

– O quê?

Elene estava vermelha. Por um segundo, Kylar pôde ver que ela se imaginava pregando-o.

– Bom, é justo, não é? – observou o mestre Bourary. – Se a mulher precisa enfrentar a dor e o sangue na noite de núpcias, por que o homem também não precisaria? Vou dizer uma coisa: isso deixa você mais gentil. Especialmente se ela torce sua orelha para lembrá-lo! – Ele deu um risinho. – É o que você consegue depois de vinte gerações de rainhas.

E soltou um riso pesaroso.

Aquelas pessoas eram totalmente loucas, percebeu Kylar.

– Mas essa não é a parte mágica – disse Capricia, percebendo que Kylar estava

perdendo o interesse. – Quando a esposa coloca a argola na orelha do marido, ela precisa concentrar no brinco todo o amor, toda a devoção e o desejo de se casar, e só então ele se lacra. Se a mulher não quiser se casar de verdade, ele não se lacra.

– Mas, assim que estiver lacrado – disse o mestre Bourary –, nem o céu nem o inferno poderá abrir a argola. Ao contrário da sua aliança. – Ele estendeu a mão e tirou facilmente a aliança da mão esquerda de Kylar. – Não estão casados há muito tempo, não é?

– Você poderia ganhar um bom dinheiro com esse seu truque com as mãos – sugeriu Kylar, tentando escapar da conversa de vendedor.

– Kylar! – disse Elene, puxando o corpete do vestido como se estivesse sufocando de calor.

– Os primeiros praticantes da nossa arte eram armeiros – disse o mestre Bourary, voltando sua atenção para Elene, vendo que ela era um alvo mais amigável para sua conversa. – Com essa aliança, ele pode tirá-la, pode cair sozinha, quem sabe? Ele vai a uma taberna e encontra alguma vagabunda. Como ela vai saber que está caçando em terras de outra mulher? Não que o senhor vá fazer isso algum dia, claro. Mas, com nossas argolas, um homem casado é sempre visto como casado. Na verdade, é também uma proteção para a mulher que flertaria com um homem sem saber que ele é casado.

– E se um dos dois quiser se separar? – perguntou Kylar. – Precisarás rasgar a orelha para tirar essa coisa? Isso deve reduzir bastante o índice de divórcios.

– Colocar o lacre é algo mais profundo. Quando um homem e uma mulher estão lacrados, eles ativam uma magia antiga nessas argolas, uma magia que cresce à medida que o amor dos dois cresce. É uma magia que ajuda a pessoa a sentir o que o cônjuge sente, uma magia que aprofunda o amor e a compreensão mútua, que ajuda vocês a se comunicarem com mais clareza, que...

– E deixe-me adivinhar – disse Kylar. – Quanto mais caras as argolas, mais magia elas possuem?

Desta vez o cotovelo de Elene não foi nem um pouco sutil.

– Kylar! – disse ela por entre os dentes.

O mestre Bourary piscou.

– Jovem senhor, toda argola que eu faço é imbuída de magia, nem mesmo o meu brinco de cobre mais simples e barato irá se partir. Mas sim, sem dúvida eu gasto mais tempo e energia nas argolas de ouro e mistarille. Não somente porque as pessoas que as usam pagam mais, mas também porque esses materiais seguram o feitiço muito melhor do que o cobre, o bronze ou mesmo a prata.

– Certo. Bom, obrigado pelo seu tempo.

Kylar puxou Elene para fora da loja. Ela não gostou. Parou na rua.

– Kylar, você foi totalmente grosseiro.

– Querida, não ouviu o que ele falou? Algum armeiro há muito tempo tinha um Talento capaz de lacrar as argolas de metal. É um bom Talento para um armeiro, ele poderia fazer uma cota de argolas em dias, e não em meses. Em seguida, percebeu que podia ganhar muito mais dinheiro vendendo cada argola por centenas de moedas de ouro, em vez de vender a malha inteira por talvez cinquenta. E eis que surgiu um novo ramo de atividade. É tudo besteira. Todo esse negócio de “aumentar a compreensão entre os dois”? Isso acontece com todo mundo que se casa. Ah, “os de ouro têm mais magia”... Não é óbvio? Você viu quantas argolas deles são de ouro? Eles provavelmente conseguem que nove décimos dos pobres coitados idiotas desta cidade economizem para uma argola de ouro pela qual não podem pagar, porque nenhuma mulher vai ficar feliz recebendo uma argola de cobre que “mal consegue segurar o feitiço”.

– Eu ficaria – disse ela baixinho.

Isso tirou o fôlego de Kylar. Ela cobriu o rosto.

– Achei que, se um dia você quisesse se casar de verdade, que... você sabe. Seria um modo de oficializarmos. Se quiséssemos. Quer dizer, sei que não estamos prontos para isso. Não estou sugerindo que a gente faça isso imediatamente nem nada.

Por que eu sou sempre o escroto?

Porque ela é boa demais para você.

– Então você sabia o que era aquele lugar? – perguntou ele, mais gentilmente, apesar de ainda irritado.

– Tia Mea me falou dele.

– Foi por isso que você ficou mordendo minha orelha de noite?

– Kylar!

– Foi?

– Tia Mea disse que isso faz maravilhas. – Elene não conseguia encará-lo; ela estava totalmente mortificada.

– Bom, talvez para esses tarados!

– Kylar!

Elene levantou as sobrancelhas. *Estamos no meio de um mercado. Quer calar a boca?*

Ele olhou ao redor. Nunca tinha visto tantos brincos na vida. Como não havia notado antes? E estava certo, quase todos eram de ouro e todo mundo os usava de modo a manter as orelhas expostas.

– Já vi aquela garota antes – disse Kylar.

– Capricia?

– Eu saí uma noite dessas e uns bandidos iam machucá-la. Antes eu os teria matado. Mas dei um susto neles.

Ela ficou em dúvida quanto ao motivo de ele estar contando isso agora.

– Bom, que ótimo. Está vendo? A violência não resolve...

– Querida, um deles era o Shinga. Eu fiz um homem vingativo *se mijar* na frente dos subordinados. A violência foi a única solução. Agora aquela garota está mais encrocada do que antes de eu ajudá-la. – Ele xingou baixinho. – Por que você me levou lá? Não temos dinheiro para comprar um presente de aniversário para Uly. Como poderíamos pagar por um negócio daqueles?

– Desculpe, está bem? Eu só queria ver como era.

– É a espada, não é? Você ainda quer que eu venda a espada.

– Não! Eu não falei nada sobre a espada. Desculpe. Achei que você poderia se interessar. Não estou pedindo que compre nada para mim. – Agora ela não estava olhando para ele, e certamente não estava segurando sua mão. Bom, isso era melhor do que lágrimas. Não era?

Andou ao lado dela durante um tempo enquanto Elene fingia olhar as lojas ao ar livre, pegando produtos, examinando tecidos, olhando bonecas que eles não podiam comprar.

– Bom – disse ele finalmente. – Como já estamos brigando...

Ela se virou e olhou para ele, sem rir.

– Não quero falar sobre sexo, Kylar.

Ele ergueu as mãos fingindo rendição. Ainda tentando ser engraçado. Ainda fracassando.

– Kylar, você se lembra da sensação de matar?

Ele não precisava pensar tão no passado. Era triunfante, o terrível prazer do domínio da arte, seguido pela desolação, um vazio doentio no peito, saber que até mesmo um criminoso endurecido poderia mudar e agora jamais teria essa chance. Será que ela entendia que parte dele adorava isso?

– Querido, nós só temos certa quantidade de tempo e certo número de dons. Sei que você é passional com relação a isso, e amo isso em você. Mas veja o que acontece quando você tenta salvar o mundo com uma espada. Seu mestre tentou, e veja que velho amargo e triste ele se tornou. Não quero que a mesma coisa aconteça com você. Sei que ser um boticário parece uma ambição pequena depois da riqueza que você teve e das coisas que fez. Mas não é uma ambição pequena, Kylar. É enorme. Você pode fazer um bem para o mundo sendo um bom pai, um bom marido e alguém que cura. Você acha que é um erro o Deus ter lhe dado a capacidade de curar? Essa é a sabedoria divina. Ele está disposto a cobrir o que destruimos com coisas novas e lindas.

Ela o encarou.

– Como nós. Quem teria imaginado que você e eu poderíamos sair em segurança das ruas e nos encontrarmos de novo? Quem imaginaria que poderíamos

adotar Uly? Agora ela tem uma chance, depois de nascer de um assassino e de uma cafetina. Só o Deus pode fazer isso, Kylar. Sei que você ainda não acredita nele, mas a mão dele está atuando aqui. Ele nos deu essa oportunidade e eu quero agarrá-la. Fique comigo. Abandone aquela vida. Você não era feliz. Por que desejaria voltar?

– Não desejo – respondeu ele.

Mas era somente meia verdade. Elene veio para seus braços. Mesmo antes de abraçá-la, ele soube que era uma atitude falsa.



No calor do início da tarde, Kylar parou diante de uma loja no distrito dos nobres. Entrou num beco e, trinta segundos depois, estava usando uma boa imitação do rosto do barão Kirof. Desejaria ter colocado uma túnica melhor. Provavelmente era possível usar roupas ilusórias, mas seriam coisas de mais para manipular ao mesmo tempo – imaginou-se tentando fazer um manto ilusório se balançar de modo realístico enquanto ele se movia, e decidiu que suas próprias roupas dariam conta. Enfiou a caixa embaixo do braço e entrou.

O interior da loja do grão-mestre Haylin era bem iluminado e decorado de modo mais rico do que qualquer ferraria que Kylar já tivesse visto. Fileiras e fileiras de armaduras cobriam as paredes, prateleiras e mais prateleiras de armas ficavam diante delas. Era limpa e praticamente sem fumaça – o grão-mestre Haylin elaborou um inteligente sistema de exaustão, porque as áreas de venda e de trabalho não eram separadas. Kylar viu um dos assistentes de armeiro ajudando um nobre a escolher o minério que iria se tornar sua espada. Outro nobre observava os aprendizes martelando o aço que se tornaria sua couraça. Os clientes eram levados através da área de trabalho, confinados a tapetes azuis especiais para não ficar no caminho dos aprendizes e artífices. Era um bom ardil. Kylar não tinha certeza se os nobres estavam pagando por armas e armaduras fantásticas ou somente por uma experiência.

Os mostruários com armas e armaduras junto à porta não eram nada de especial, sem dúvida trabalho dos ajudantes e artífices. Mas não era isso que ele estava procurando. Kylar olhou para os fundos e viu o homem propriamente dito.

O grão-mestre Haylin era quase totalmente careca, com uma franja de cabelo prateado em volta do cocuruto encalombado. Era magro, encurvado e parecia míope, mas, claro, tinha ombros e braços musculosos de um homem muito mais jovem. Seu avental de couro era esburacado e manchado do trabalho, e ele estava orientando um aprendiz, mostrando ao rapaz o ângulo correto para bater no metal. Kylar foi na direção dele.

– Com licença? Olá, meu senhor, em que posso ajudá-lo? – disse um rapaz sorridente, interceptando-o. Era um pouco risonho demais.

– Preciso falar com o grão-mestre.

– Infelizmente ele está trabalhando, mas eu ficaria feliz em ajudá-lo em

qualquer coisa que o senhor necessite.

Ele deu um breve olhar para as roupas de Kylar e sorriu. Era exatamente do que Kylar precisava: um idiotinha burocrático.

Olhou por cima do ombro do risonho e ficou boquiaberto. Era uma expressão que jamais havia tentado com o rosto do barão, mas deve ter sido aceitável, porque o rapaz se virou para ver o que havia de errado. Kylar ficou invisível. Sentiu-se como uma criança má quando o aprendiz se virou e não viu ninguém.

– O quê? Ei! – chamou um colega de trabalho atrás do balcão. – Você me viu falando com um cara gordo e ruivo?

O homem atrás do balcão balançou a cabeça.

– Está vendo coisas de novo, Wood?

Ele balançou a cabeça e voltou para o balcão, xingando baixinho.

Kylar atravessou a loja, invisível. Desviando-se de aprendizes apressados, chegou ao lado do grão-mestre Haylin. O sujeito inspecionava uma dúzia de espadas feitas pelos aprendizes, arrumadas sobre uma mesa para sua aprovação.

– A terceira não está bem forjada – disse Kylar, aparecendo atrás do ferreiro. – Há uma fraqueza logo acima do punho. E a do lado está mal temperada.

O grão-mestre Haylin virou-se e fitou Kylar. Depois olhou para a espada fraca. Jogou-a num caixote vermelho vazio.

– Werner – disse a um rapaz que xingava um aprendiz. – É a terceira rejeitada este mês. Mais uma e você está despedido.

Werner empalideceu. Afastou-se imediatamente, xingando o aprendiz.

– Quanto a isso – disse o grão-mestre Haylin a Kylar, indicando a espada mal temperada. – Sabe o que você ganha quando espalha diamantes na frente de galinhas?

– Aves ricas?

– Moelas valiosas. É um desperdício. Isto é para um pedido do exército. Duzentas e cinquenta rainhas por cem espadas. Algum camponês pode passar mais tempo com uma pedra de amolar. Você conhece espadas, mas sou um homem ocupado. O que deseja?

– Cinco minutos. Em particular. Vai valer o seu tempo.

O grão-mestre levantou uma sobrancelha, mas cedeu. Levou Kylar escada acima, até uma sala especial. Quando passaram pelo risonho, o rapaz disse:

– O senhor não pode...

O grão-mestre Haylin inclinou uma sobrancelha para o rapaz. O sorriso untuoso dele murchou.

– Não se incomode com isso – disse Haylin. – Esse é o meu quinto filho. Meio descartável, não acha?

Kylar não soube direito o que isso significava, mas assentiu.

– Eu o jogaria no caixote de rejeitos.

Haylin gargalhou.

– Gostaria de poder fazer a mesma coisa com a mãe dele. Minha terceira esposa é a resposta a todas as orações das duas primeiras.

Obviamente a sala era usada em ocasiões especiais. Uma bela mesa de nogueira com várias cadeiras ocupava o centro, mas a maior parte do cômodo continha mostruários. Espadas finas e armaduras caras preenchiam o espaço como uma guarda de elite. Kylar olhou-as com atenção. Várias eram trabalhos do grão-mestre: obras-primas demonstrando do que ele era capaz, porém outras eram antigas, numa variedade de estilos e períodos, peças de exposição. Perfeitas.

– Você tem três minutos – disse Haylin, franzindo os olhos para Kylar.

– Sou um homem de talentos especiais – observou Kylar, sentando-se diante dele.

O grão-mestre arqueou uma sobrancelha de novo. Tinha sobrancelhas muito expressivas. Kylar passou os dedos pelo cabelo ruivo e mudou-o para um louro sujo. Passou as mãos pelo rosto e o nariz ficou mais afilado, mais longo. Esfregou o rosto como se o lavasse, e a barba desapareceu revelando bochechas levemente marcadas por varíola e olhos afiados. Claro, era tudo para demonstração. Não precisaria tocar o rosto – mas aquele homem parecia apreciar.

O rosto do grão-mestre Haylin ficou de uma palidez mortal e seu queixo caiu. Piscou rapidamente e sua voz saiu como um grasnido. Pigarreou.

– Mestre Starfire? Gaelan Starfire?

– Você me conhece? – perguntou Kylar, atônito.

Gaelan Starfire era o herói de uma dúzia de narrativas de bardos. Mas o rosto que Kylar estava usando era o de Durzo Blint.

– Eu era... eu era apenas um menino quando o senhor veio à oficina do meu avô. O senhor disse... disse que voltaria. Ah, senhor! Meu avô disse que poderia ser no tempo do meu pai ou no meu, mas jamais acreditamos.

Desorientado, Kylar tentou pensar. Durzo era Gaelan Starfire? Kylar sabia que Durzo não fora conhecido pelo mesmo nome durante setecentos anos, claro. Mas *Gaelan Starfire*? Esse nome nem tinha sido mencionado dentre todos os outros que Aristarchos havia citado como sendo do seu mestre.

Isso provocou uma pontada de sofrimento. Kylar não sabia disso, mas um ferreiro em Caernarvon, sim. Como conhecia pouco sobre o homem que o havia criado, o homem que tinha morrido por ele! Durzo havia se tornado amargo na época em que Kylar o conhecera. Quem ele era como Gaelan Starfire, cinquenta anos antes? Kylar suspeitava de que poderia ter sido amigo do sujeito.

– Mantivemos isso em segredo, juro – disse o grão-mestre Haylin. Kylar continuou desorientado. Esse homem, que tinha idade para ser seu avô, que estava

no auge da fama, tratava Kylar como... como se ele fosse um imortal, quase um deus. – O que posso fazer pelo senhor?

– Eu não, eu não... – disse Kylar. – Por favor, não me trate de modo diferente só por causa do seu avô. Só queria que o senhor me levasse a sério; não achei que fosse se lembrar disso. Eu nem me lembrava do senhor. O senhor mudou bastante.

Ele deu um risinho para selar a mentira.

– E o senhor não mudou absolutamente nada – observou Haylin, atônito. – Ah, certo. O que deseja?

– Desejo vender uma espada. – Kylar tirou Retribuição das costas e a colocou sobre a mesa.

Haylin pegou a grande espada com as mãos grossas e calosas, apreciando-a, e pousou-a na mesa. Olhou o punho, piscando. Passou os dedos por cima, com os olhos arregalados.

– O senhor nunca larga essa espada, não é? – perguntou.

Kylar deu de ombros. Claro que não. Ainda sem certeza de que estava acordado, o grão-mestre cuspiu na palma da mão e pegou a espada de novo.

– O que o senhor...?

O grão-mestre soltou a espada e abriu a mão. Estava completamente seca. Soltou um gritinho de surpresa, mas não conseguia afastar os olhos da arma. Inclinou-se cada vez mais perto até estar com o nariz quase encostado nela. Virou a lâmina para olhar o gume.

– Pelos deuses – disse. – É verdade.

– O quê? – perguntou Kylar.

– As matrizes de carvão são perfeitas. Aposto meu braço direito que todas têm quatro elos, não é? A lâmina é um diamante perfeito, senhor. Tão fina que quase não dá para ver, mas inquebrável. A maioria dos diamantes pode ser lapidada usando outros diamantes, porque nunca são perfeitos, mas se não há falhas em lugar nenhum... esta lâmina é indestrutível, e não só a lâmina, o punho também. Mas, senhor, se esta...? Eu achava que sua espada era preta.

Kylar tocou a lâmina e deixou que o ka'kari saísse da pele para cobri-la. A palavra PIEDADE inscrita na lâmina foi coberta por JUSTIÇA no preto do ka'kari.

O grão-mestre Haylin pareceu sentir dor.

– Ah, meu senhor... Meu avô contou... Eu nunca entendi. Estou me sentindo cego, mas estou quase feliz com a cegueira.

– O que o senhor está falando?

– Não tenho o Talento, Sr. Starfire. Nem posso começar a ver como esta espada é espantosa. Meu avô poderia, e ele disse que ela o assombrou durante toda a vida. Ele sabia qual Talento havia penetrado nesta espada, podia vê-lo, mas jamais poderia imitá-lo. Disse que ela fazia o trabalho de suas mãos parecerem baratos e

espalhafatosos. Mas nunca pensei que veria Retribuição com meus próprios olhos. Senhor, não pode vender isso.

– Bom, ela não vem na cor preta – disse Kylar em tom despreocupado, sugando o ka’kari de volta para a mão. – Isso diminui o preço?

– O senhor não entende. Mesmo que eu pudesse lhe dar o que ela vale, mesmo que eu pudesse determinar de algum modo um preço, eu jamais poderia... Ela vale mais do que eu ganharei em toda a vida. Mesmo que eu pudesse comprá-la, jamais poderia vendê-la; é valiosa demais. Talvez um ou dois colecionadores no mundo tenha a riqueza e a apreciação para comprar uma espada assim. Esta não é uma espada para ficar num mostruário, o lugar dela é nas mãos de um herói. Nas suas mãos. Olhe, um punho que não escorrega de sua mão nem se estiver ensanguentada ou molhada. A umidade desaparece imediatamente. Não é uma coisa apenas brilhante, é prática. Esta não é uma peça de exposição. É arte. É a arte de matar. Como o senhor. – Ele levantou as mãos e se deixou cair na cadeira, como se estivesse exausto simplesmente por ter visto Retribuição. – Mas meu pai disse que a inscrição era em hirílico... Nossa!

O PIEDADE na lâmina mudou diante dos olhos deles, para um idioma que Kylar não conhecia. Ele ficou pasmo. A espada nunca havia feito isso. Uma cobra se retorceu em sua barriga e estrangulou as tripas, uma cobra feita do sentimento de perder algo cujo valor nem podia calcular. Era o mesmo sentimento de quando pensava no mestre morto, um homem cujo valor ele mal conhecera.

– Mesmo assim – disse com a garganta apertada –, preciso vendê-la.

Se ficasse com ela, iria matar de novo. Não tinha dúvida. Em sua mão era justiça implacável. Precisava vendê-la se quisesse permanecer fiel a Elene. Enquanto mantivesse a espada, continuaria com a antiga vida.

– Precisa de dinheiro? Eu lhe dou quanto o senhor quiser.

A parte pequena e má de Kylar pensou nisso. Sem dúvida esse homem poderia abrir mão de dinheiro mais do que suficiente para suas necessidades.

– Não, eu... preciso vendê-la. Tem... tem a ver com uma mulher.

– O senhor está vendendo um artefato que vale um reino para poder ficar com uma mulher? O senhor é imortal! Até mesmo o casamento mais longo terminará numa fração minúscula da sua vida!

Kylar fez uma careta.

– Isso mesmo.

– O senhor não está simplesmente vendendo esta espada, não é? Está abrindo mão dela. Está abrindo mão do caminho da espada.

Olhando para o tampo da mesa, Kylar assentiu.

– Deve ser uma mulher incrível.

– É. O que o senhor pode me dar por ela?

– Depende de para quando o senhor precise.

Kylar não sabia se teria condições de manter a coragem. Sabia que o que estava para dizer provavelmente lhe custaria uma fortuna, mas perder Elene custaria mais ainda. Jamais tinha se importado de fato em ser rico.

– O que o senhor pode me oferecer antes de eu sair?

– Antes de o senhor sair da cidade?

– Antes de eu sair da loja.

Kylar engoliu em seco. O grão-mestre abriu a boca para protestar, mas podia ver que Kylar estava decidido.

– Trinta e uma mil rainhas – respondeu. – Talvez algumas centenas a mais, dependendo das vendas que fiz hoje. Seis mil em ouro, o resto em notas promissórias reembolsáveis na maioria dos cambistas. Se bem que, para essa quantia, o senhor teria que recorrer a metade dos cambistas da cidade. O senhor deve ir direto ao Gigante Azul se quiser trocar tudo.

Kylar ficou com os olhos arregalados diante da quantia. Era mais do que precisava. Conseguiria comprar uma casa, pagar tia Mea, abrir uma loja com um estoque gigantesco, comprar um guarda-roupa inteiro para Elene e ainda guardar um pouco. Poderia adquirir as melhores argolas nupciais que o dinheiro pudesse comprar. E o sujeito estava dizendo que não era suficiente?

Um bom preço por sua herança, não é?

O pensamento quase tirou o fôlego de Kylar. Parecia ter vindo de outra pessoa.

– Fechado – disse.

– Ah... meu senhor – chamou o grão-mestre Haylin. Em seguida, fez um gesto indicando o próprio rosto.

– Ah. – Kylar se concentrou e suas feições se achataram e o cabelo ficou ruivo de novo.

Cinco minutos depois, o rapaz risonho, ainda atônito, ajudou a carregar um baú de soberanos – valendo 20 rainhas cada – e ficou olhando seu pai colocar em cima um grande maço de notas promissórias. O total foi de 31.400 rainhas. O baú não era grande, mas tinha o peso de dois homens robustos. O grão-mestre puxou um cavalo, mas Kylar pediu apenas que colocassem duas tiras grossas de couro no baú. Artífices e aprendizes não entenderam o pedido, e Kylar não se importou em explicar. Com um risinho, o próprio Haylin prendeu as tiras.

– Senhor – disse Haylin, terminando de firmá-las. – Se algum dia a quiser de volta, ela estará aqui.

– Talvez. Na época dos seus netos.

O grão-mestre Haylin deu um sorriso largo.

Kylar soube que não deveria ter dito isso em voz alta. Não deveria ter dispensado o cavalo. Não se importou. De algum modo era bom falar com

um homem que soubesse quem ele era e não sentisse medo ou nojo – ainda que o homem pensasse que ele era seu mestre. Kylar talvez fosse mais parecido com Gaelan Starfire do que Durzo Blint havia sido. Era tão bom ser conhecido e aceito que ele não se importou se estava sendo imprudente.

Com um jorro do Talento, colocou o baú às costas. A oficina se encheu de reações ofegantes. A verdade era que aquilo estava quase pesado demais para carregar, mesmo com o Talento. Kylar assentiu para o grão-mestre Haylin e saiu.

– Quem era aquele? – Kylar ouviu o filho de Haylin perguntar.

– Algum dia, quando estiver preparado, talvez eu conte – respondeu o grão-mestre.



— Olá – disse Kylar a Capricia quando voltou à argolaria.

– Olá – respondeu ela, surpresa. Estava sozinha, fechando a loja.

– O imbecil voltou. – Kylar fez uma careta. – Desculpe por... antes.

Capricia deu de ombros.

– Tudo bem. Sei que tudo isso parece estranho para quem não é daqui. Os homens nunca gostam, se bem que as mulheres também precisam furar a orelha e elas nunca reclamam.

– É, bom... – disse Kylar, então percebeu que não tinha nada a acrescentar. Por que joias o faziam sentir-se inadequado? – Certo.

– A maior parte dos homens mal sente dor. Quer dizer, as noivas se certificam de que eles estejam distraídos. Tecnicamente vocês só consumam o casamento depois de estarem pregados, mas na maioria dos casos...

Kylar tossiu. Não estivera pensando nisso.

– Você se lembra para quais argolas ela estava apontando?

– Claro. – Capricia gargalhou. – Infelizmente acho que eram as que seguram de fato o feitiço.

Seus olhos brilharam e ela ficou vermelha.

– Tenho o infortúnio de ter uma esposa com gosto excelente.

– Bem, ela escolheu você – disse Capricia, dando seu grande sorriso. Kylar ficou feliz por tê-la salvado. Ela abriu a gaveta e a colocou diante dele. – Acho que foi um desses.

E apontou para vários na fileira de cima, de ouro e mistarille entrelaçados.

– Quanto?

– Custam 2.400, 2.800 e 3.200 rainhas.

Ele assobiou, mesmo contra a vontade.

– Temos estilos semelhantes e mais em conta, feitos de ouro branco e amarelo. O mistarille faz com que o custo seja absurdo.

Segundo Durzo, a espada de Jorsin Alkestes era feito de uma liga de mistarille com um núcleo de ouro. Era necessária uma forja especial para derreter o mistarille porque o metal só se fundia a um calor três vezes maior do que o necessário para o aço. Assim que adquiria o calor necessário para ser trabalhado, a temperaturaprecisava ser mantida por horas, diferente dos outros metais que podiam

ser reaquecidos. Os ferreiros consideravam trabalhar com o material um júbilo e um pesadelo ao mesmo tempo. Como ele não derretia de novo depois desse primeiro aquecimento, eles só tinham uma chance de acertar. Só um ferreiro com Talento substancial podia tentar qualquer trabalho em grande escala com mistarille.

– Alguém usa argolas de mistarille puro? – perguntou examinando os brincos.

Ele poderia jurar que os olhos de Elene tinham se iluminado ao ver um daqueles pares. Qual seria? Ela balançou a cabeça.

– Mesmo que a pessoa pudesse pagar, não iria querer, segundo o mestre Bourary. Ele diz que alguns feitiços mais simples se firmam melhor no ouro. Até mesmo as argolas mais antigas combinam os dois metais. Ele tem um par que seu tatatatata-sei-lá-das-quantas-avô fez e que parece ser de mistarille puro, mas contém um núcleo de ouro amarelo e diamante. É incrível. Ele fez buracos minúsculos no mistarille de modo que dá para ver o ouro e os diamantes brilhando através dele se a luz incidir da maneira correta.

Kylar estava quase começando a acreditar na ladainha sobre feitiços. Ou o mestre Bourary era Talentoso de verdade ou teve muito cuidado em aprender a falar sobre magia com pessoas que eram.

Ainda parecia loucura estar olhando brincos que custavam 2 ou 3 mil em ouro. Deveria ter perguntado ao grão-mestre Haylin sobre os brincos. Ele saberia confirmar se eram legítimos. Mas o coração de Kylar estava leve. Tinha vendido sua herança. Estava comprometido. Agora era apenas uma questão de encontrar a argola perfeita para agradar à mulher amada, a mulher que o salvara de ser o destroço amargo que Durzo havia se tornado.

Na verdade, a magia nos brincos não importava. O que importava era Elene saber o que valia para ele.

– Não falta um par? Juro que estava nesta caixa – disse a Capricia.

– Sim, mas era um par de mostruário. Bom, na verdade não era de mostruário. A rainha ficou tão furiosa com um mercador de pedras preciosas que não quis lhe vender algumas joias há algumas décadas que tornou ilegais os pares de mostruário. Ele apenas não está à venda.

– Pode me mostrar?

Kylar estava cético. Seria um ardil de venda? Mas Capricia não parecia ser assim. Parecia honesta. Pegou os brincos e colocou-os à sua frente. Só de olhar, Kylar pôde ver que eram caros.

– São esses – disse ele.

O desenho era sedutoramente simples e elegante: um mero metal prateado com meia torção, que reluzia em ouro de algum modo.

Capricia ofegou e levantou uma das mãos como se ele fosse quebrá-lo. Kylar olhou num espelho da loja e segurou o brinco perto da orelha esquerda. Parecia uma

coisa meio efeminada, mas aparentemente nenhum dos milhares de homens que ele tinha visto pela cidade se incomodava em parecer afetado.

– Hummm – disse. Em seguida, pôs o brinco mais acima. Parecia um pouco mais masculino. – Qual é o lugar mais doloroso em que uma mulher pode pregar um sujeito?

– Mais ou menos aqui. – Ela se inclinou adiante e apontou, mas ele não conseguia ver pelo espelho. Moveu-se e o dedo dela tocou sua orelha. – Ah! Desculpe. Eu não pretendia tocar...

– O quê? – perguntou ele, depois se lembrou. – Não, a culpa foi minha. Sério, no lugar de onde eu vim as orelhas não são grande coisa. Você disse que é bem aqui? De modo que passa pelo topo? – Ele verificou no espelho. É, ficava definitivamente mais masculino e doeria feito o diabo. Por algum motivo isso o fez sentir-se melhor.

Pegou o brinco menor e – tendo o cuidado de não tocá-la – segurou-o perto da orelha de Capricia. Era lindo.

– Vou levá-los – disse.

– Sinto muito mesmo. Como já disse, eles não estão à venda. No entanto, posso pedir para o mestre Bourary fazer algo parecido.

– Você disse que não existiam itens de mostruário. Logo, seria ilegal ele não estar à venda.

– Bom, sim, tecnicamente tudo está à venda. Só que os comerciantes cobram preços absurdos pelo que não querem vender.

– E esse par é um exemplo?

Pelo jeito, sua loja seria menor do que ele havia planejado.

– Esses são os brincos de que eu falei antes. Os que o tatatatata-sei-lá-das-quantas-avô do mestre Bourary fez, de mistarille sobre ouro e diamantes. – Ela deu um sorriso débil. – Sinto muito. Não estou tentando deixá-lo sem graça. Eles não deveriam estar nesta caixa.

– De que preço absurdo estamos falando?

– É absurdo.

– Absurdo até que ponto?

– Extremamente.

Ela se encolheu. Kylar suspirou.

– Só diga.

– Custam 31.400 rainhas.

Isso acertou Kylar no estômago. Era coincidência, claro, mas... ele chamaria de economia divina. Tinha vendido Retribuição exatamente pela quantia que custaria se casar com Elene.

Sem sobrar nada? *Elene, se essa é a economia do seu Deus, você serve a um*

Deus pão-duro. Não me resta nem o suficiente para comprar uma faca nupcial.

– Olhando pelo lado positivo – disse Capricia, forçando um risinho –, nós damos uma faca nupcial de brinde.

Um bloco de gelo caiu no estômago de Kylar.

– Desculpe – disse ela, confundindo a expressão sofrida no rosto dele. – Mas temos um lindo...

– Você recebe comissão pelas vendas?

– Um décimo de qualquer coisa acima de mil em vendas por dia.

– Então, se você vendesse esses brincos, o que ganharia? Mais de 3 mil rainhas?

– Sim...

– O que você faria com essa quantia?

Ela deu de ombros.

– Eu me mudaria com minha família. Vivemos em um bairro violento e sempre temos problema com... Acredite, eu sonhei com isso desde que comecei a trabalhar aqui. Pensei em vender esses brincos e em como isso mudaria tudo para nós. Rezava por isso todos os dias, mas minha mãe diz que estamos em segurança. De qualquer modo, o Deus não atende a orações gananciosas.

O coração de Kylar ficou frio. Eles iriam se mudar para longe daquele pequeno Shinga vingativo e arrogante. Ele não precisaria cometer um assassinato para mantê-los em segurança.

– Está enganada – disse Kylar, colocando no bolso os brincos de mistarille e pegando uma faca nupcial. – Quando a pessoa merece, ele atende, sim.

Ele colocou o baú no balcão e o abriu. Capricia ofegou. As mãos dela tremeram enquanto desdobravam uma nota depois da outra. Olhou para Kylar com lágrimas enchendo os olhos.

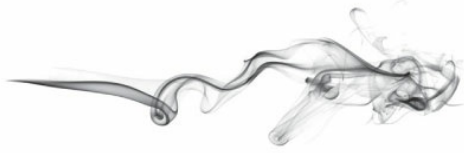
– Diga aos seus pais que seu anjo da guarda mandou que se mudassem. Não na semana que vem. Não amanhã. Esta noite. Quando salvei vocês, deixei o Shinga envergonhado. Ele jurou vingança.

Os olhos dela permaneceram enormes, mas ela assentiu.

– Quer uma... hã... caixa de presente? – perguntou em voz estrangulada. – É de graça.

Ele pegou a caixa de joias da mão dela e saiu pela porta, trancando-a. Colocou os brincos na caixa decorativa e enfiou tudo num bolso, subitamente pobre como um mendigo. Tinha vendido sua herança e entregado uma das últimas coisas que possuía para se lembrar de Durzo. Tinha trocado uma espada mágica por dois aros de metal. E agora não tinha uma moeda de cobre em seu nome. Trinta e um mil e quatrocentas rainhas e nem havia restado o suficiente para comprar um presente de aniversário para Uly.

Terminamos, Deus. De agora em diante, atenda às porras das suas próprias orações.



— Você e Elene vão ficar bem? – perguntou Uly.

Estavam trabalhando juntos naquela tarde. Uly juntava ingredientes enquanto Kylar preparava uma bebida que reduzia febres.

– Claro. Por quê?

– Tia Mea diz que não tem problema vocês brigarem tanto. Diz que, se eu ficar com medo, só preciso prestar atenção. Se ouvir a cama rangendo depois da briga, quer dizer que tudo vai ficar bem. Diz que isso significa que vocês fizeram as pazes. Mas nunca ouvi a cama ranger.

As bochechas de Kylar ficaram vermelhas.

– Eu... bom... Sabe, essa é uma pergunta que você deveria fazer a Elene.

– Ela mandou perguntar a você, e também ficou sem graça.

– Não estou sem graça! Me passe o fruto-de-maio.

– Tia Mea diz que mentir é errado. Já vi cavalos acasalando no castelo, mas tia Mea disse que não é tão assustador assim.

– Não – concordou Kylar baixinho, esmagando o fruto-de-maio com um pilão. – É assustador de outro modo.

– O quê?

– Uly, você é nova demais para a gente ter essa conversa. Raiz de milefólio.

– Tia Mea disse que conversaria comigo se vocês dois ficassem sem graça. Só me fez prometer que perguntaria primeiro a vocês.

Uly entregou a raiz marrom e nodosa.

– Tia Mea pensa demais em sexo.

– Humm – disse uma voz atrás de Kylar. Ele se encolheu.

– Vou dar uma olhada na Sra. Vatsen – anunciou tia Mea. – Precisa de alguma coisa?

– Ah... não.

Certamente ela ouviu o que ele tinha acabado de falar.

– Kylar, você está bem? – perguntou ela. – Você está vermelho.

Ela remexeu nas prateleiras recém-organizadas, parecia demorar um pouco mais do que o normal. Quando passou por ele, que estava curvado sobre a poção, beliscou sua bunda. Ele quase acertou o teto, mas conteve um grito. Uly o espiou com curiosidade.

– Você está certo – disse tia Mea junto à porta. – Mas não se anime, porque sou velha demais para você.

Kylar ficou mais vermelho ainda e ela gargalhou. Ele ainda pôde ouvi-la rindo com gosto enquanto seguia pela rua.

– Velha maluca – disse. – Semente de noranton.

Uly entregou o frasco de sementes chatas e arroxeadas e franziu a boca numa linha apertada.

– Kylar, se as coisas não derem certo com a Elene, você se casa comigo?

Ele largou o frasco inteiro na mistura.

– *O quê?*

– Eu perguntei a Elene quantos anos você tem, e ela disse 20. Tia Mea disse que o marido dela era nove anos mais velho do que ela, uma diferença de idade maior ainda do que a sua e a minha. De certa forma, a gente se ama, né? Além disso, Elene e você brigam o tempo todo e nós dois nunca brigamos...

A princípio, Kylar ficou confuso. Elene e ele não brigavam havia mais de uma semana. Então percebeu que Uly estivera passando as noites na casa de uma nova amiga – provavelmente porque as brigas a incomodavam. Agora Uly tinha uma expressão ansiosa, apavorada, revelando que a resposta de Kylar poderia partir seu coração. Especificamente, o primeiro pensamento que lhe veio à cabeça – “eu não amo você desse jeito” – não seria uma boa escolha.

Como fui me meter nisso? Devo ser o primeiro pai em Midcyru que precisa explicar sexo para a filha enquanto ele próprio é virgem.

O que deveria dizer?

Na verdade ainda não estou casado com Elene, por isso quando brigamos não podemos fazer as pazes como eu gostaria. Na verdade, se fizéssemos as pazes como eu gostaria, provavelmente nem brigaríamos.

Enquanto isso, Uly o encarava com seus olhos grandes e inseguros. Ah, não, aquilo pareceu um tremor no lábio.

A porta o salvou. Um homem muito bem-vestido entrou, com um brasão da nobreza bordado no peito da túnica. Era alto e magro, mas tinha o rosto afilado, fazendo-o parecer uma espécie de roedor.

– Aqui é a loja de tia Mea? – perguntou ele.

– É, sim – respondeu Kylar. – Mas infelizmente tia Mea acabou de sair.

– Ah, tudo bem. Você é o assistente dela, Kyle?

– Kylar.

– Ah, sim. Você é mais novo do que eu esperava. Vim pedir sua ajuda.

– Minha?

– Você é o homem que salvou lorde Aevan, não é? Ele anda contando a todo mundo que você fez com uma poção o que uma dúzia de médicos não conseguiu em

meses de tratamento. Sou o mordomo do grão-lorde Garazul. Meu senhor tem gota.

Kylar coçou o queixo. Olhou as garrafas enfileiradas nas paredes.

– Posso voltar mais tarde se quiser – disse o mordomo.

– Não, resolvo isso em um minuto.

Kylar começou a pegar frascos e a dar ordens a Uly. Ela era a ajudante perfeita, rápida e silenciosa. Logo ele estava com quatro tigelas sendo misturadas simultaneamente, duas sobre calor, duas no frio. Terminou a poção em menos de três minutos. O mordomo parecia fascinado com todo o processo. Isso fez Kylar pensar que o grão-mestre Hyalin tinha certa razão em mostrar o processo de criação. Se algum dia tivesse uma loja, iria montá-la exatamente do mesmo modo – dando às pessoas um espetáculo junto com as poções. Era um pequeno sonho extremamente satisfatório.

– Você precisa fazer o seguinte – disse Kylar. – Dê duas colheradas disso a cada quatro horas. Imagino que o seu senhor seja gordo e quase nunca saia de casa, certo? Adora beber?

O mordomo disse:

– Ele tem um excesso de... Bom, é. É gordo feito um leviatã. E bebe como um também.

– Essa poção vai cuidar da dor nos pés e nas juntas. Vai ajudar um pouco a aliviar a gota, mas ele nunca vai melhorar enquanto for gordo e beber muito vinho. Vai precisar comprar esta mesma poção toda vez que a gota atacar, pelo resto da vida. Diga a seu patrão que ele precisa parar de beber se quiser ficar curado. Se não fizer isso, coisa que aposto que vai acontecer, comece a colocar duas gotas disto aqui em cada copo de vinho dele. Isso vai lhe causar uma dor de cabeça terrível. Certifique-se de fazer isso toda vez que ele for beber. Já que estará com a mão na massa, pode lhe dar isso aqui a cada manhã e cada noite, para o estômago ruim. E dê menos comida a ele. Dê um pouco deste último a cada refeição. Vai ajudá-lo a se sentir saciado.

– Como você sabe que ele tem estômago ruim?

Kylar deu um sorriso misterioso.

– E tire tudo que os outros médicos prescreveram, especialmente as sangrias e sanguessugas. Ele deve ser um novo homem em seis semanas se você o fizer perder peso.

– Quanto?

– Depende de quanto ele é gordo.

O mordomo gargalhou.

– Não, quanto eu lhe devo?

Kylar pensou. Fez algumas contas com o custo dos ingredientes e dobrou o valor. O sujeito com aparência de rato olhou-o atônito.

– Um pequeno conselho, meu rapaz. Você deveria abrir uma loja no lado norte. Porque, se isto aqui der certo, o dinheiro de um monte de nobres irá parar na sua mão. E outra coisa: deveria cobrar dez vezes mais. Caso contrário, os nobres não vão acreditar que é real.

Kylar sorriu, animado só de ouvir a ideia.

– Bom, então você me deve dez vezes o que eu disse antes.

O mordomo gargalhou.

– Se lorde Garazul melhorar, farei mais do que isso. Por enquanto... – Ele jogou a Kylar duas moedas de prata novas. – Bom dia, jovem mestre.

Enquanto olhava o homem ir embora, Kylar ficou surpreso. A sensação de ajudar alguém era muito boa. Talvez fosse melhor curar do que matar. Ou talvez fosse simplesmente bom ser apreciado. Como Durzo tinha conseguido? Ele havia sido uma dúzia de diferentes heróis no decorrer dos séculos – talvez vintenas de diferentes heróis. Será que jamais quis se anunciar? Dizer a todo mundo quem ele era e ver as pessoas demonstrando surpresa?

Aqui estou, me adorem.

Mas Durzo nunca tinha sido assim. Deuses, Durzo estava morto havia três meses e, apesar da passagem do tempo, a dor não passava.

Kylar sentiu a caixinha no bolso. *Ele morreu para que eu pudesse ter Elene. Tentou afastar Durzo da mente com esse pensamento. Só vamos deixar passar o aniversário de Uly, e então posso pedir Elene em casamento. Então Uly ouvirá mais rangidos do que jamais imaginou.*

– Kylar – disse Uly, arrancando-o do devaneio com uma sacudida. – Vai responder a minha pergunta?

Ah, merda.

– Uly – respondeu ele gentilmente –, sei que você tem a inteligência de uma pessoa muito mais velha, mas você ainda é uma... – Ele franziu a testa, sabendo que a próxima parte não seria tão boa. – Você ainda é uma criança.

– Não sou.

– É, sim.

– Essa semana tive meu primeiro sangue da lua. Tia Mea disse que isso significa que agora sou mulher. Doeu de verdade e me deu um medo tremendo. Minha barriga ficou dolorida, as costas também, e depois...

– Ah!

Kylar balançou as mãos, tentando fazer com que ela parasse.

– O quê? Tia Mea disse que eu não tinha do que me envergonhar.

– Tia Mea não é o seu pai!

– E quem é o meu pai? – perguntou Uly, rápida feito um chicote.

Kylar não disse nada.

– E quem é a minha mãe? Você sabe, não sabe? Minhas amas sempre me trataram de modo diferente das outras crianças. A última sempre ficava apavorada quando eu me machucava. Quando cortei o rosto uma vez, ela teve tanto medo de eu ficar com uma cicatriz que passou semanas sem dormir. Às vezes uma mulher olhava a gente brincar no jardim, mas ela sempre usava capa e capuz. Era a minha mãe?

Em silêncio, Kylar assentiu. Era exatamente o que Mama K faria. Sem dúvida tinha ficado longe, em nome da segurança de Uly, enquanto podia suportar, mas de vez em quando as defesas seriam derrubadas.

– Ela é importante? – perguntou Uly. Esse era o desejo de todo órfão. Kylar sabia.

Ele assentiu de novo.

– Por que ela me abandonou?

Kylar soltou o ar.

– Você merece a resposta para isso, Uly, mas não posso dizer. É um dos segredos que não me pertencem. Prometo que conto quando puder.

– Você vai me abandonar? Se nós nos casássemos, eu poderia ir com você.

Se alguém achava que as crianças não podiam sofrer tanto quanto os adultos, Kylar desejou que essa pessoa pudesse ver o rosto de Uly nesse momento. Por mais que a amasse, tratara-a como criança, e não como ser humano. A vida breve de Uly era uma história de abandono: o pai, a mãe, uma ama depois da outra. Ela só queria algo sólido na vida.

Kylar abraçou-a.

– Não vou abandonar você – jurou. – Nunca. Jamais.



Vi chegou a Caernarvon ao anoitecer. Durante as semanas na estrada, planejara sua estratégia. Por mais patético que fosse o Sa'kagé local, sem dúvida alguém já devia ter ouvido falar de Kylar. Três meses haviam se passado. Se ele fosse como Hu Gibbet, não conseguiria viver sem matar. Um derramador tão habilidoso não passaria despercebido, mesmo um que estivesse atuando em segredo. Por outro lado, ainda que Kylar não tivesse aceitado nenhum serviço, havia a chance de que o Sa'kagé cenário já soubesse que ele estava em Caernarvon.

Todas as lojas estavam fechadas. As famílias decentes dormiam dentro de suas casas, enquanto as estalagens e os bordéis começavam a abrir. Vi continuou caminhando pela parte sul da cidade. Estava usando calças de montaria brancas feitas de pele de corça e uma túnica frouxa, masculina, de algodão. O cabelo ruivo estava preso num rabo de cavalo simples. Em Cenária, a estação chuvosa estava apenas no início, mas aqui o verão se demorava e Vi gostava de viajar de maneira confortável. Que a moda fosse para o inferno. Só se preocupava com moda quando precisava. No entanto, depois de duas semanas em cima de uma sela dura, um banho não faria mal.

Seguiu por outra rua, imaginando por que ainda não tinha sido assaltada. Escondera todas as armas para parecer vulnerável. O que havia de errado com essas pessoas?

Vinte minutos depois, alguém finalmente saiu das sombras.

– Bela noite, hein? – disse o homem. Estava desalinhado, sujo e bêbado. Perfeito. Segurava um porrete numa das mãos e um odre de vinho na outra.

– Você vai me roubar?

Meia dúzia de adolescentes saiu das sombras e a cercou.

– Bem... – O homem sorriu, mostrando dois dentes pretos na frente. – Esta rua tem uma tarifa de pedágio para passar e você vai ter...

– Se não vai me roubar, saia do caminho. Ou você é um idiota?

O sorriso desapareceu.

– Bom, eu vou – disse finalmente. – Quer dizer, roubar. Tom Gray não sai do caminho de nenhuma puta.

Em seguida, ele quase arrancou os miolos quando tentou beber do porrete e não do odre. Osgarotos riram, mas um deles pegou as rédeas da égua preta.

– Preciso ver o Shinga – disse ela. – Vocês podem me levar até ele ou terei que encontrar outra pessoa para me assaltar?

– Você não vai a lugar nenhum enquanto não me der 13...

Um dos garotos tossiu.

–... 14 pratas. – O olhar do homem percorreu os seios de Vi e ele acrescentou:
– E talvez uma coisinha a mais.

– Que tal me levar ao seu Shinga, e eu deixo sua hombridade patética em paz?

O rosto de Tom ficou sombrio. Ele jogou o odre para um garoto e foi na direção de Vi, levantando o porrete. Agarrou a manga da blusa dela e puxou-a da sela. Usando o ímpeto do puxão, Vi saltou da sela e lhe deu um chute na cara. Pousou com perfeição, enquanto Tom Gray caía esparramado.

– Algum de vocês pode me levar ao Shinga? – perguntou ela, ignorando Tom.

Todos olharam confusos ao ver como Tom tinha ido parar do outro lado da rua com o nariz sangrando, mas, depois de um instante, um rapaz magricelo e narigudo falou:

– O Shinga Sniggle não deixa a gente chegar perto. Mas Tom é amigo dele.

– Sniggle, é? – perguntou Vi, com um risinho. – Já tenho um nome.

Tom se levantou. Rugiu e foi para cima de Vi. Sem precisar olhar para ele, Vi esperou até o bandido estar a 2 passos de distância e acertou o quadril de Tom com o pé. Quando seu pé não avançou para dar o próximo passo, como ele esperava, Tom saiu deslizando pelas pedras do calçamento, perto de Vi. Ela não deixou de olhar para o garoto nem por um segundo.

– É, Barush Sniggle – complementou o garoto, olhando Tom. Não parecia achar nada cômico naquilo. – Quem é você?

Ela contorceu os dedos fazendo o sinal dos ladrões.

– Esse é diferente do nosso – disse o rapaz. – De onde você é?

– Cenária.

Todos deram um passo para trás.

– Tá de sacanagem? – reagiu ele. – Do Sa'kagé cenário?

– E você – disse Vi, agarrando Tom Gray pelo cabelo oleoso – vai me levar ao Shinga? Ou preciso quebrar alguma coisa?

Ele xingou. Ela quebrou o nariz dele. Tom cuspiu sangue e xingou de novo.

– Demora a aprender, hein?

Ela o acertou no nariz quebrado, depois agarrou sua cabeça. Apertando os dedos contra os pontos de dor atrás das orelhas, levantou-o. Ele gritou com um vigor surpreendente. Era uma infelicidade Vi ter quebrado o nariz primeiro, porque Tom espirrou sangue em cima dela. Mas ela não se importou. Nysos era o deus dos líquidos poderosos: sangue, vinho e sêmen. Fazia semanas que ela não lhe dedicava uma oferenda. Talvez esta o aplacasse até que ela encontrasse Kylar.

Vi manteve os dedos com força nos pontos de dor, deixando Tom Gray gritar, espirrando sangue em sua camisa e seu rosto. Os garotos recuaram, a ponto de sair correndo.

– Chega! – gritou uma voz no escuro.

Vi liberou Tom, que caiu. Uma figura baixa e atarracada avançou.

– Eu sou o Shinga – disse ele.

– Barush Sniggle? – perguntou ela.

O Shinga de Caernarvon tinha uma pança redonda, olhos pequenos sob o cabelo louro escorrido e boca cruel. Andava com um passo presunçoso, apesar de ser baixinho. Talvez o guarda-costas corpulento ao seu lado ajudasse nisso.

– O que você quer, vagabunda?

– Estou caçando. O nome da minha vítima é lorde Kylar Stern. Tem mais ou menos a minha altura, olhos azul-claros, cabelo escuro, é atlético, uns 20 anos.

– Uma vítima? Você é um derramador? Uma derramadora?

– Kylar não foi o cara que encheu o Tom de porrada umas duas semanas atrás? – perguntou o rapaz narigudo a um dos outros adolescentes.

– Parece ele – disse outro garoto. – Acho que ainda está hospedado com tia Mea. Mas ele não é nenhum lorde.

– Cale a boca – ordenou Baruch Sniggle. – Não diga mais nenhuma palavra, entendeu? Tom, tire esse rabo do chão e traga essa puta aqui.

Espantoso. Kylar tinha tornado a coisa tão simples! Agora ela possuía tudo de que necessitava. Seria fácil encontrá-lo e matá-lo. Vi ficou arrepiada, empolgada. Ainda tinha uma cicatriz de 5 centímetros no ombro, cortesia dele.

– Não quer vir para a minha casa? – perguntou Baruch Sniggle. – Você que é a derramadora aqui, mas eu posso matá-la de prazer.

– Nossa, nunca ouvi essa cantada antes – disse ela.

O guarda-costas estava segurando um dos seus braços, e Tom Gray, triunfante, segurava o outro.

– Ela é gostosa, hein? – comentou Tom Gray, agarrando um seio.

Ela o ignorou.

– Não me obrigue a fazer uma coisa da qual você vai se arrepender – disse ao Shinga.

– Posso ficar com ela depois que você terminar? – perguntou Tom. Em seguida, apertou o seio dela de novo e depois deu um tapinha no cabelo.

– NÃO TOQUE NO MEU CABELO! – gritou ela.

O guarda-costas e Tom se encolheram diante da fúria súbita. Baruch Sniggle forçou um riso.

– Seu merdinha de sarjeta, seu chorume! Se encostar no meu cabelo de novo, juro que rasgo você ao meio – berrou Vi, tremendo.

Ele a xingou e arrancou a tira de couro que amarrava o cabelo dela, que caiu solto nos ombros pela primeira vez em anos. Vi estava exposta, nua, e os homens gargalhavam. Ela perdeu a cabeça. O Talento se arqueou através do corpo com tanta força que doía. Seus braços romperam o aperto dos homens e seus punhos partiram simultaneamente as costelas de Tom Gray e do guarda-costas. Antes que Tom pudesse se dobrar, ela agarrou seu cabelo com uma das mãos. Enfiou os dedos nos cantos dos olhos dele, fundo nas órbitas, e os arrancou. Os outros homens estavam gritando e fugindo, e em sua confusão ela nem sabia qual perseguir.

Vi não soube quanto tempo havia se passado enquanto derramava a vergonha e a fúria sobre os dois bandidos. Quando voltou a si, com o cabelo coberto por um trapo encharcado de sangue, estava sentada numa soleira. O Shinga e os garotos tinham fugido. Não havia ninguém na rua, a não ser seu cavalo imperturbável.

Enquanto andava sem firmeza na direção do cavalo, passou direto pelo que tinham sido Tom Gray e o guarda-costas. Os cadáveres eram uma ruína. Vi... por Nysos... nem havia sacado uma arma e fizera isso. Seu estômago se revirou e ela vomitou na rua.

É só um serviço simples. O Deus-rei vai me perdoar por não ter matado Jarl. Vou ser uma mestra. Nunca mais precisarei servir a Hu Gibbet, nunca mais.

É só matar Kylar e você estará livre. Você consegue, Vi.



A irmã Jessie al'Gwaydin estava morta. Ariel tinha certeza disso. Fazia dois meses que os aldeões não a viam e seu cavalo ainda estava no estábulo do estalajadeiro. Isso não era do feitio de Jessie. Mas correr riscos, sim. Garota idiota.

A irmã Ariel se ajoelhou ao entrar no bosque de carvalhos, não para rezar, mas para ampliar os sentidos. O bosque ficava no ponto mais distante que os moradores do local se dispunham a ir em direção à floresta iaosiana. Os aldeões de Curva de Torras não consideravam uma prática supersticiosa ou idiota dar ao Caçador a mesma área de manobra que seus ancestrais davam. As histórias que contavam eram dignas de crédito por sua simplicidade: aqueles que entravam na floresta não saíam. Simples assim.

Por isso, os aldeões pescavam no sinuoso rio Vermelho e coletavam madeira bem na borda do bosque, mas paravam ali. O efeito era impressionante. Carvalhos com centenas de anos faziam fronteira com campos despídos. Em alguns lugares, carvalhos mais jovens tinham sido cortados, mas, assim que as árvores chegavam a uma certa idade, os aldeões não tocavam nelas. O bosque de carvalhos vinha se expandindo lentamente havia séculos.

Ela não sentiu nada além da temperatura fresca e do cheiro de ar úmido da floresta. Levantou-se e andou pelo mato baixo, mantendo os sentidos em alerta, fazendo pausas frequentes, parando quando imaginava sentir o menor tremor no ar. O progresso era lento, mas Ariel Wyant Sa'fastae era conhecida pela paciência, mesmo entre as irmãs. Além disso, provavelmente a imprudência tinha sido a causa da morte de Jessie al'Gwaydin.

Apesar de o bosque ter apenas 1,5 quilômetro de largura, ela demorou um longo tempo para atravessá-lo. À tarde, depois de fazer seu progresso, voltava para a estalagem e comia sua única refeição do dia – o peso estava indo embora, maldição, ainda que devagar. À noite, retornava à floresta com a esperança de que qualquer magia posta nela fosse afetada pela hora do dia.

No terceiro dia, enxergou. A linha entre o bosque de carvalhos e a floresta era nitidamente mágica. Mesmo assim, não se apressou. Moveu-se ainda mais devagar, com mais cuidado. No quinto dia, sua paciência rendeu frutos.

Ariel estava a apenas trinta passos da linha entre o bosque de carvalhos e a floresta quando sentiu o lacre. Parou tão abruptamente que quase caiu. Sentou-se sem se preocupar com a sujeira e cruzou as pernas. Passou a hora seguinte simplesmente tocando o lacre, tentando sentir sua textura e sua força sem usar magia própria.

Então começou a entoar um canto baixinho. Apesar de trabalhar até altas horas da noite, verificando duas ou três vezes se estava certa e se não tinha deixado passar nada. As magias eram simples. Uma delas registrava se um ser humano havia atravessado a fronteira. A segunda, ligeiramente mais complicada, marcava o intruso. Era uma magia fraca que se agarrava à roupa ou à pele e se dissipava depois de apenas algumas horas. Ezra – Ariel estava fazendo uma suposição, mas era uma boa suposição – tinha posto a magia tão baixo na terra que poderia marcar os sapatos do intruso, tão baixa que seria coberta pelo mato rasteiro.

Mas a verdadeira inteligência daquilo era o posicionamento. Quantos magos teriam visto a linha óbvia, trinta passos depois dali, e atravessado a armadilha antes de levantar as defesas?

Agora que a viu, seria fácil passar ao largo da armadilha, mas a irmã Ariel não agiu assim. Em vez disso, anotou as descobertas em seu diário e voltou à Curva de Torras. Se tivesse cometido algum erro, teria morrido antes de retornar à estalagem. Isso tornou a caminhada tensa. Sua alma exultou com o pensamento de dismantelar a antiga magia de Ezra, mas não cedeu às tentações da arrogância.

As cartas da porta-voz estavam ficando mais estridentes, exigindo que Ariel encontrasse Jessie, que fizesse alguma coisa para evitar a crise crescente com o Gado. Ariel mantinha os olhos abertos, esperando encontrar uma mulher que poderia servir aos propósitos de sua irmã, mas os aldeões tinham o cuidado de mandar

embora qualquer um que demonstrasse o mínimo Talento. Ariel não encontraria aqui o que Istariel necessitava.

Assim, ignorava as cartas. Existia um tempo e um lugar para a pressa. Não era aqui nem agora.

— Viridiana Sovari?

Ouvir seu nome fez Vi parar de repente no mercado apinhado. Um homenzinho sujo se aproximou, nervoso. Estendeu um bilhete para ela, mas Vi não pegou. Ele estava tomando muito cuidado, por isso ela supôs que o sujeito tivesse alguma ideia de quem ela era. Ele sorriu obsequioso, lançou um olhar para seus seios, depois olhou com teimosia para os próprios pés.

— Quem é você? — perguntou ela.

— Ninguém importante, moça. Só um serviçal do nosso... senhor mútuo — respondeu ele, olhando a multidão ao redor. O coração dela virou gelo. Não. Não podia ser. O homenzinho estendeu o bilhete outra vez. Assim que ela o pegou, ele desapareceu na multidão.

Moulina, dizia o bilhete. Estamos muito curiosos para saber como soube que Jarl ia para Caernarvon, mas o fato de estar ciente disso apenas prova que é mesmo a melhor pessoa para o trabalho. Além disso, desejamos que cuide de Kylar Stern. Preferimos pegá-lo vivo. Se não for possível, exigimos o corpo e todos os seus pertences, não importando quanto sejam triviais. Traga-os imediatamente.

Vi dobrou o bilhete. O Deus-rei sabia onde ela estava? Era impossível que um bilhete dele a encontrasse aqui. Impossível que Jarl pudesse estar aqui — Jarl, cuja identidade era supostamente secreta. Jarl, de quem ela estava fugindo! Como faria o que o Deus-rei pediu?

Não havia saída. Vi era escrava do Deus-rei.



Kylar tinha sido engabelado para fazer o jantar do aniversário de Uly. Tia Mea comentou que um homem deveria se intimidar com uma cozinha; Elene disse que, comparados com as poções que ele preparava, um jantar e uma sobremesa deviam ser fáceis, e Uly apenas riu enquanto o faziam colocar um avental com babados de renda e sujavam seu nariz com farinha.

Assim, Kylar se pegou com as mangas enroladas, tentando decifrar expressões

arcanas de culinária como *branquear*, *roux* e *glaçar*. Pelos risinhos de Uly, ele suspeitava de que elas tivessem lhe dado a receita mais difícil que conseguiram encontrar, mas entrou no jogo.

– O que eu faço depois que o creme... hummm... cremeia? – perguntou.

Uly e Eleine riram. Kylar fez uma pose com a espátula e elas gargalharam.

A porta da ferraria se abriu e Braen entrou, sujo e fedorento. Lançou a ele um olhar petulante que o fez baixar a espátula, sem graça, mas Kylar se recusou a tirar a farinha do nariz. Braen virou os olhos para Elene e a espiou de cima a baixo.

– Quando sai o jantar? – perguntou a ela.

– Vamos levá-lo à sua caverna quando estiver pronto – respondeu Kylar.

Braen grunhiu e sussurrou para Elene:

– Você deveria arranjar um homem de verdade.

– Sabe – disse Kylar enquanto Braen arrastava os pés de volta para a ferraria –, conheço um derramador que gostaria de fazer uma visitinha a esse cretino.

– Kylar – censurou Elene.

– Não gosto de como ele olha para você. Ele tentou alguma coisa?

– Kylar, esta noite não, está bem? – Elene assentiu na direção de Uly.

Ele respirou fundo, consciente da caixa com os brincos no bolso. Com uma cara séria, atacou Uly, que guinchou. Depois virou-a de cabeça para baixo e a colocou sobre o ombro. Fingiu não perceber que ela estava ali enquanto voltava a cozinhar.

Uly gritou, enquanto chutava e segurava a parte de trás de sua túnica. Tia Mea entrou na cozinha, rindo.

– Não acredito, acabou toda a farinha e o mel.

– Ah, não! – reagiu Kylar. – Como vou fazer o melhor molho do mundo agora?

Ele pousou a espátula e se encurvou, estendendo as mãos junto às pernas. Aproveitando a deixa, Uly deslizou de cabeça para baixo pelas suas costas e agarrou as mãos dele, a tempo de Kylar puxá-la por entre as pernas. Ela pousou de pé, ofegante e gargalhando.

– Não é aniversário de alguém? – perguntou Kylar.

– Meu! Meu! – respondeu Uly.

Ele tirou moedas de prata dos ouvidos de Uly enquanto ela ria. Duas pratas – era um bônus que o nobre havia lhe dado. Assim, Elene e ele ficariam sem nada outra vez, mas Uly valia a pena. Quando colocou as moedas nas mãos da garota, os olhos dela se arregalaram.

– Para mim? – perguntou como se não conseguisse acreditar.

Ele piscou.

– Elene vai ajudar você a encontrar alguma coisa boa, certo?

– Podemos ir agora? – perguntou Uly.

Kylar olhou para Elene, que deu de ombros.

– Podemos ir com tia Mea – disse ela.

– E eu... preciso descascar as ervilhas – observou Kylar.

Elas trocaram risinhos. Ele sorriu para Elene e se maravilhou de novo pensando em como ela era linda. Estava tão apaixonado que achou que seu peito ia explodir. Uly foi saltitando até a porta e mostrou as moedas a tia Mea. Elene tocou o braço de Kylar.

– Vamos ficar bem? – perguntou.

– Depois de hoje à noite, vamos.

– Como assim?

– Você vai ver.

Ele não sorriu. Não queria revelar nada. Se sorrisse, pareceria um bobo. Mal podia esperar para ver a expressão dela. Mal podia esperar pelas outras coisas também. Balançou a cabeça e voltou a cozinhar. Até que não era difícil preparar a refeição. Era só uma coisa bagunçada. Tirou a aliança e colocou-a na bancada antes de pegar a carne crua – não era muito romântico ficar cheirando a vaca morta.

Fazia apenas uns trinta segundos que Elene, Uly e tia Mea tinham saído quando Kylar ouviu uma batida à porta.

– O que você esqueceu dessa vez, Uly? – perguntou enquanto pegava a toalha e abria a porta.

Era Jarl.

Kylar sentiu como se tivesse perdido o fôlego. Não podia acreditar nos próprios olhos. Mas ali estava ele, esguio, atlético, vestido impecavelmente, o homem mais lindo que alguém poderia ver, os dentes brancos e ofuscantes em um sorriso incerto.

– E aí, Azo? – disse ele.

Por que esse cumprimento? Jarl só estava sendo engraçadinho ou também lançava um apelo à história dos dois? Sem dúvida era a segunda opção. Por um longo momento ficaram parados, sem dizer nada. Jarl não estava ali para uma visita. Pelo amor do Deus, o sujeito era o Shinga. Um Shinga de verdade, o líder do mais temido Sa'kagé de Midcyru.

– Que mundos e fundos você moveu para me achar, Jarl? – perguntou Kylar, sendo engraçadinho também.

– Não vai me convidar a entrar?

– Por favor. – Kylar serviu um pouco de ootai e se sentou diante de Jarl, que ocupou uma cadeira perto da janela.

Silêncio.

– Há um serviço... – começou Jarl.

– Não estou interessado.

Jarl não se abalou. Franziu os lábios e olhou interrogativamente o aposento

humilde.

– Então... você gosta mesmo *daqui*?

– Mama K não lhe ensinou a ter tato?

– Estou falando a sério – disse Jarl.

– Eu também. Você aparece depois de eu dizer que estou fora do ramo, e a primeira coisa que faz é insultar o lugar onde moro?

– Logan está vivo. Está no Cu do Inferno.

Kylar apenas o encarou, sem entender. As palavras colidiam umas com as outras e se despedaçavam no chão, cacos rebrilhando com a luz da verdade, mas o todo não passava de lascas e pontas cortantes demais para ser tocadas.

– Todos os derramadores estão trabalhando para Khalidor. Os nobres que resistem se retiraram para as propriedades dos Gyre. Várias guarnições de fronteira ainda têm homens, mas não temos um líder que possa nos unir. Há algum problema no Gelo, algo que preocupa o Deus-rei, por isso ele ainda não fez nada para consolidar o poder. Ele acha que as famílias nobres vão se despedaçar mutuamente. E, sem Logan, ele está certo.

– Logan está vivo? – perguntou Kylar.

– O Deus-rei colocou nossos ex-derramadores atrás de mim. É parte do motivo para eu ter vindo aqui. Precisava sair de Cenária até podermos espalhar a notícia de que o próprio Kagé está me protegendo.

– Não.

– A cada dia as chances de que Logan seja descoberto aumentam. Aparentemente nenhum prisioneiro da Bocarra o reconheceu, mas começaram a jogar um bocado de gente lá. Talvez você goste de saber que o duque Vargun foi um deles. Quando salvar Logan, poderá matar aquele depravado também.

– O quê? – perguntou Kylar. As engrenagens estavam girando rápido demais para ele acompanhar. – Jarl, Tenser não é Tenser Vargun. Você não percebeu ainda? Ele foi jogado na Bocarra de propósito. Então eles apresentam o verdadeiro barão, vivo, e Tenser é solto. Ele vai ao Sa'kagé um mês depois, ressentido com a falsa prisão e com o poder de um duque, e o que acontece?

– Nós o aceitaremos – respondeu Jarl baixinho. – Como poderíamos resistir?

– E ele destrói vocês, porque ele não é Tenser Vargun. É Tenser Ursuul.

Jarl se recostou na cadeira, pasmo. Depois de um minuto disse:

– Está vendo, Kylar? É por isso que preciso de você. Não só pelas suas habilidades, mas pelo seu conhecimento. Se Tenser está lá agora mesmo, só vai esperar o suficiente para a estada no Cu do Inferno ser digna de crédito, e depois vai contar ao pai que Logan está lá. Precisamos ir agora. Agora!

A caixa dos brincos agora incomodava a perna de Kylar. Ele olhou pela janela aberta enquanto Jarl falava, vendo a cidade que ele esperava ser seu lar pelo resto

da vida. Amava essa cidade, amava a esperança que havia ali, amava curar e ajudar, amava o prazer simples de ser elogiado por suas poções. Amava Elene. Ela mostrou um novo caminho para ele, um caminho de cura, e não de morte. Tudo fazia sentido... mas... mas...

– Não posso – disse Kylar. – Sinto muito. Elene jamais entenderia.

Jarl se balançou para trás sobre duas pernas da cadeira.

– Não me entenda mal, Azo, porque eu também cresci com Elene e amo aquela garota. Mas por que você se importa com o que ela acha?

– Vá se foder, Jarl.

– Ei, só estou perguntando.

E deixou a pergunta no ar, o olhar jamais se afastando do rosto de Kylar.

Sacana, ele realmente viera estudando com Mama K durante todos esses anos.

– Eu amo Elene.

– Claro, isso é parte da coisa.

De novo aquele olhar tipo “estou esperando”.

– Ela é boa, Jarl. Quer dizer, diferente das pessoas de onde viemos. Não é boa porque isso vai recompensá-la. Não é boa porque as pessoas estão olhando. É simplesmente boa. A princípio eu achava que ela era feita desse modo, você sabe, assim como sua pele é negra e eu tenho uma beleza devastadora.

Jarl levantou uma sobrancelha. Não riu.

– Mas agora vi que ela precisa trabalhar isso. Ela se esforça para ser boa, e vem trabalhando por tanto tempo quanto eu estive aprendendo a matar pessoas.

– Então ela é uma santa. Isso não responde à minha pergunta.

Kylar ficou em silêncio por um minuto inteiro. Esfregou o veio da madeira da mesa com uma unha.

– Mama K costumava dizer que nós nos tornamos a máscara que usamos. O que existe embaixo dessa máscara para nós, Jarl? Elene me conhece como ninguém. Mudei de nome, mudei de identidade, abandonei tudo e todos que eu conhecia. Sou todo feito de mentiras, Jarl, mas, enquanto Elene me conhecer, talvez exista um eu de verdade. Você tem ideia do que eu quero dizer?

– Sabe, eu estava errado com relação a você. Quando você foi morto salvando Elene e Uly, achei que você era um herói. Não é. Você só odeia a si mesmo, porra.

– O quê?

– Você é covarde. E daí se fez coisas ruins? Bem-vindo ao clube. Sabe de uma coisa? Fico feliz porque você fez o que fez; isso o tornou uma coisa melhor do que um santo.

– Um matador é melhor do que um santo? Que tipo de pensamento fodido de Sa’kagé é esse...?

– Isso tornou você *útil*. Sabe como estão as coisas em Cenária agora? Você não

acreditaria. Não vim aqui para encontrar um matador. Vim encontrar o Anjo da Noite, o homem que é mais do que apenas um derramador, porque os problemas que temos agora são maiores do que qualquer derramador poderia enfrentar. Só há um homem que pode nos ajudar, Kylar, e é você. Acredite, você não foi a minha primeira escolha.

Ele parou abruptamente.

– O que isso quer dizer?

Jarl não o encarou.

– Nada...

– O que você ia dizer? – perguntou Kylar em tom perigoso.

– Precisávamos ter certeza, Kylar. Fomos muito respeitosos, quero que saiba disso. Foi ideia de Mama K. Ele era imortal, precisávamos nos certificar...

– Vocês desenterraram o corpo do meu mestre?

– Nós o colocamos... de volta exatamente como você tinha enterrado. – Jarl se encolheu. – Foi cerca de uma semana depois da invasão.

– Vocês o desenterraram enquanto eu ainda estava na cidade?

– Não poderíamos contar a você antes, e depois não havia motivo. Mama K disse que o corpo estaria lá, que Durzo tinha dado a imortalidade a você, mas quando ela o viu... Foi a coisa mais apavorante que já vi, Kylar. Quer dizer, eu fui criado por ela e nunca a tinha visto daquele jeito. Histérica, chorando, berrando. Lá estávamos, no meio da noite nublada, e ela começou a gritar, fora de si. Eu tive tanta certeza de que uma patrulha viria que quis sair da ilha imediatamente, mas ela não quis ir embora até ele estar exatamente como você tinha deixado.

Como se Kylar se importasse por Durzo ser deixado naquela rocha maldita. Se iam desenterrá-lo, poderiam ao menos tê-lo trazido para... *onde? Para casa? Que casa Durzo Blint já teve?*

– Como ele estava? – perguntou Kylar baixinho.

– Merda. Ele parecia ter sido enterrado uma semana antes, o que você acha?

Claro. *Maldição, mestre Blint, por que deu a mim sua imortalidade? Estava simplesmente enjoado de viver? Por que não me contou nada?* Mas, afinal de contas, talvez ele tivesse contado no bilhete que deu a Kylar: o bilhete encharcado de sangue, ilegível.

– Você quer que eu invada a Bocarra e salve Logan?

– Sabe quem o Deus-rei mantém como concubinas? Garotas das famílias nobres. Prefere virgens. Imagina quanta humilhação e degradação cada uma dessas garotas deve suportar. Coloca-as em quartos nas torres, com sacadas de onde todos os parapeitos foram tirados, para que o abismo as atraia. Isso é um jogo para ele.

Kylar manteve a voz dura.

– Vá direto ao ponto.

– Ele pegou Serah e Mags Drake. Serah se matou na primeira semana. Mags ainda está lá.

Serah e Mags eram praticamente irmãs de Kylar. Mags sempre tinha sido sua companheira. Vivia sorrindo. Ele estivera tão absorvido em si mesmo desde o golpe que mal havia pensado nelas.

– Quero que você resgate Logan – disse Jarl. – Depois quero que assassine o Deus-rei.

– Só isso? – perguntou Kylar, com uma diversão fria. Era um tom que tinha ouvido Durzo usar uma centena de vezes. – Deixe-me adivinhar, primeiro Logan, porque minhas chances com o Deus-rei não são muito grandes, não é?

– Isso mesmo – retrucou Jarl com raiva. – É como eu preciso pensar, Kylar. Estou travando uma guerra, e pessoas melhores do que nós morrem todo dia. E você está aqui parado porque uma garota quer?

– Não meta Elene no meio.

– Ou então o quê? Você vai bufar em cima de mim? Você não é o babaca que jurou não matar? É, eu sei disso. Deixe-me dizer uma coisa. Roth fez um monte de gente sofrer. Fico feliz porque você o matou, certo? Ele fodeu comigo. Mas ele não se compara com o pai. – Jarl xingou. – Olhe para você! Sei que a missão é impossível. Estou mandando você atrás de um deus. Mas se alguém no mundo pode fazer isso, é você. Você foi feito para isso, Kylar. Acha que passou por toda aquela merda para vender poções que curam ressaca? Algumas coisas são maiores do que a sua felicidade, Kylar. Você pode dar esperança a toda uma nação.

– Isso só vai me custar tudo – sussurrou Kylar.

– Você é imortal. Existirão outras garotas.

Kylar lançou-lhe um olhar de nojo. A expressão de Jarl mudou no mesmo instante.

– Desculpe. Acho que existirão outros Deuses-reis e outros Shingas também. Eu só... Nós precisamos de você. Logan vai morrer se você não resgatá-lo. Mags também, além de um monte de outras pessoas que você nunca vai conhecer.

Seria mais fácil se ele discordasse de alguma coisa que Jarl dizia. Kylar tinha perguntado a Mama K: “Você acha que um homem pode mudar?” Aqui estava sua resposta, e ela sugava sua vida.

– Certo – disse. – Vou aceitar o contrato.

Jarl sorriu.

– É bom ter você de volta, amigo.

– É uma merda estar de volta.

– Eu não queria dizer antes, mas você fez alguma coisa para irritar o Shinga local? – Jarl aceitou a expressão de Kylar como confirmação. – Porque uma das minhas fontes disse que o Shinga ofereceu um contrato para pegar um derramador

cenário. Não creio que haja muitos derramadores cenários por aqui. Quanto mais tempo permanecer, mais perigoso será para Elene e Uly.

Durzo tinha ensinado a Kylar que o melhor modo de cancelar um contrato era cancelando o contratante. Para que Elene, Uly, tia Mea e até mesmo Braen ficassem em segurança, Barush Sniggle precisava morrer.

Kylar se levantou. Voltou um minuto depois com uma aparência tão sombria quanto as roupas cinzentas de derramador que vestia outra vez.



Vi olhou o arco em suas mãos, tentando se convencer a puxar a flecha vermelha e preta. Fazia uma hora que estava num telhado, vigiando a casa da parteira. Tinha as costas apoiadas numa chaminé e havia se envolvido em sombras. Não estava invisível, de modo nenhum, mas agachada à luz que se esvaía, com o sol por trás, era quase a mesma coisa.

Tinha vindo a Caernarvon para escapar disso. Achando que o único modo de não matar Jarl e escapar da ira do Deus-rei era matar Kylar. No tempo em que ela estivesse longe, Jarl fugiria ou seria morto por outro derramador.

Por que ele veio para cá?

Queria atirar sem acertá-lo, matar Kylar e fingir que Jarl não estava ali, fingir que não tinha recebido o bilhete. Mas não tinha ângulo para alvejar Kylar, e as mentiras não adiantariam nada com o Deus-rei. Jarl estava sentado bem na frente da janela. A janela até estava aberta. Vi usava um arco de tensão por Talento, de modo que a flecha vermelha e preta, de traidor, poderia atravessar uma janela, até mesmo os postigos. Mas ela nem precisava disso.

Jarl estava ali sentado, totalmente exposto. Ele jamais cometeria um erro assim em Cenária, mas aqui sentia-se em segurança. Tinha fugido direto para os braços da morte. Maldito Jarl e sua estupidez. Se Vi não o matasse, o Deus-rei saberia. Iria encontrá-la. *Maldição, Jarl. Maldito seja, por sua gentileza.*

Acabar com o serviço. Hu Gibbet gostava de torturar as vítimas primeiro, mas só fazia isso quando tinha certeza de que não seria interrompido. Hu Gibbet sempre terminava o serviço. Xingando baixinho para ativar o Talento, Vi se levantou e puxou a flecha até a bochecha. Estava tremendo, mas eram apenas 30 passos.

– Maldito Jarl, mexa-se!

Poderia fugir. Em Gandu ou Ymmur, o Deus-rei nunca iria encontrá-la, iria? Claro que iria. Não tinha dito a ninguém que vinha para cá, não tinha deixado nenhum sinal, no entanto ele sabia. Se ela fugisse, o Deus-rei mandaria seu mestre atrás, e Hu Gibbet jamais fracassava. Apesar de tudo que a beleza de Vi havia lhe

garantido, a única coisa que sua aparência tornava impossível era se esconder. Nunca havia se preocupado com disfarces. Nunca pensara nisso como um ponto fraco. Até agora.

– Ande, Kylar – sussurrou. – Só passe na frente da janela. Só uma vez. – Agora estava tremendo violentamente, e não só por causa do Talento ardendo, não só pela tensão de segurar o arco retesado por tanto tempo. Por que desejava tanto que Kylar morresse?

Viu uma perna, uma perna vestida com traje cinzento de derramador, porém nada mais apareceu. Maldição. Ela estava seriamente encrencada. Tinha ouvido dizer que ele conseguia ficar invisível, mas eram típicas mentiras de derramador. Todos alardeavam as próprias habilidades, de modo a aumentar os preços. Todo mundo queria ser outro Durzo Blint.

Mas esse era o aprendiz de Durzo, era o homem que tinha matado Durzo. O medo a invadiu.

O rosto de Jarl estava cheio de compaixão e tristeza. Diante dessa expressão – a expressão que ela vira antes, ao ser cuidada por Jarl depois que Hu Gibbet veio testar as novas habilidades que Mama K estivera testando e descobriu que eram falhas, e a espancou até perder os sentidos e a violou de todos os modos que pôde imaginar –, diante dessa expressão, os olhos de Vi se turvaram. Ela piscou e piscou, recusando-se a acreditar que eram lágrimas. Não chorava desde aquela noite, desde que Jarl a havia abraçado, balançando-a, ajudando-a a emendar os pedaços de seu eu fraturado.

Jarl se levantou e foi até a janela. Levantou os olhos e a enxergou, a silhueta escura desenhada pela luz do sol. A surpresa iluminou seus olhos e, enquanto a reconhecia, ela pôde jurar que viu seu nome nos lábios dele. Seus dedos ficaram frouxos e a corda do arco escorregou.

A flecha vermelha e preta de traidor saltou através do menor dos abismos: a distância entre um derramador e sua vítima. Cortou um caminho vermelho pelo ar como se a própria noite estivesse sangrando.



Sinto muito, Elene.

Eu tentei. Juro que tentei. Mas algumas coisas valem mais do que a minha felicidade. Algumas coisas só eu posso fazer. Venda esses brincos ao mestre Bourary e leve a família para uma parte mais segura da cidade.

Sempre amarei você.

Tirou a caixa das argolas do bolso e a colocou em cima do pedaço de pergaminho.

– O que há na caixa? – perguntou Jarl.

Kylar não retribuiu o olhar do amigo.

– Meu coração – sussurrou, e lentamente soltou os dedos da caixa. – Apenas brincos.

Jarl compreendeu.

– Você ia se casar com ela.

Um nó cresceu na garganta de Kylar. Não havia palavras.

– Já ouviu falar da crucificação? – perguntou finalmente.

Jarl balançou a cabeça.

– É como os alitaeranos executam os rebeldes. Colocam os condenados de braços abertos numa estrutura de madeira e martelam pregos nos pulsos e nos pés. Para respirar, o criminoso precisa levantar o peso apoiado nos pregos. Às vezes o sujeito leva um dia inteiro para morrer, asfixiado pelo próprio peso.

Ele não explicou a metáfora, mas era como se sentia: um rebelde contra o destino num universo malévolo, esticado entre Logan e Elene, pregado a cada um deles com a lealdade devida e ofegando sob o peso esmagador de seu próprio caráter. Mas não eram somente Elene e Logan que o esticavam ali. Eram duas vidas, dois caminhos. O caminho das sombras e o da luz. O lobo e o cão de caça. Ou seria o cão de caça e o cãozinho de colo?

Kylar achou que poderia mudar. Tinha pensado que era possível ter tudo. Era isso que o havia colocado na cruz – não as maquinacões de um deus maldoso nem o giro implacável da roda da fortuna. Ele se manteve agarrado às escolhas até não poder mais respirar. Só uma pergunta importava agora: que tipo de homem eu sou?

– Vamos – completou, totalmente cão de caça.

Jarl estava parado junto à janela, pensativo.

– Já me apaixonei uma vez – disse ele. – Ou algo parecido. Por uma linda garota, quase tão fodida quanto eu.

– Quem era ela?

– Seu nome era Viridiana. Vi. Linda, linda... – Jarl levantou os olhos e se enrijeceu. – Vi?

Caiu em meio a um jorro de sangue, com uma flecha atravessando o centro do pescoço. Seu corpo tombou no piso de madeira como um saco de farinha. Ele piscou uma vez. Os olhos não tinham medo nem raiva. A expressão era irônica.

Dá para acreditar nisso?, perguntaram seus olhos enquanto Kylar o puxava para o colo.

Então os olhos de Jarl não viram mais nada.



– Posso mostrar para o Kylar? – perguntou Uly. Estava segurando a mesma boneca que Kylar havia escolhido alguns dias antes. Elene sorriu; ele estava sendo um pai melhor do que imaginaria.

– Pode, mas vá correndo direto para casa. Promete?

– Prometo – respondeu Uly, e correu.

Elene ficou olhando Uly, sentindo-se ansiosa, mas sempre ficava ansiosa com coisas pequenas. Caernarvon não era como as Tocas. Além disso, a casa ficava a apenas dois quarteirões dali.

– Precisamos conversar, não é? – perguntou tia Mea.

Estava ficando tarde. Os raios do sol caíam sobre mercadores que recolhiam os produtos e iam para casa. Elene engoliu em seco.

– Eu prometi ao Kylar. Concordamos que não iríamos contar a ninguém, mas...

– Então não diga mais nada.

Tia Mea sorriu e segurou o braço de Elene para guiá-la de volta para casa.

– Não posso – disse Elene, fazendo-a parar. – Não posso mais.

E contou tudo a tia Mea, desde a mentira do casamento até as brigas sobre sexo, o fato de Kylar ser um derramador que tentava deixar aquela vida para trás. Tia Mea não pareceu surpresa.

– Elene. – Ela segurou as mãos da jovem. – Você ama Kylar ou está com ele porque Uly precisa de uma mãe?

Elene parou para se tornar completamente humilde diante da pergunta, para se certificar de que diria a verdade.

– Eu o amo. Uly faz parte disso, mas eu o amo.

– Então por que está se protegendo?

Elene levantou os olhos.

– Não estou me protegendo...

– Você precisa ser honesta consigo mesma.

Elene olhou para as próprias mãos. Uma carroça de agricultor carregada com produtos não vendidos passou por elas. A tarde estava chegando ao fim e a rua começava a escurecer.

– Precisamos voltar – comentou Elene. – O jantar deve estar esfriando.

– Criança – censurou tia Mea.

Elene parou.

– Ele é um matador – explicou Elene. – Quer dizer, ele *era* um matador.

– Não, você estava certa: ele *é* um matador.

– Não, ele é um homem bom. Ele pode mudar. Eu sei.

– Criança, sabe por que está contando isso para mim, mesmo tendo prometido ao Kylar que não o faria? Porque concordou com uma coisa que não é da sua natureza. Você é uma péssima mentirosa, mas tentou mentir porque prometeu isso a ele. Agora pare para pensar. Não foi exatamente a mesma coisa que ele fez?

– Como assim?

– Se você não pode amar Kylar como ele é, se só pode amá-lo pelo homem que acha que ele pode ser, você irá aleijá-lo.

Kylar tinha estado infeliz demais. Quando começara a sair à noite, ela não perguntou, não quis saber o que ele fazia.

– O que devo fazer?

– Você acha que é a primeira mulher que sentiu medo de amar?

As palavras cortaram fundo. Lançaram uma luz diferente sobre os carinhos e as brigas noturnas. Ela havia pensado que estava sendo santa ao não fazer amor com Kylar, mas só estava aterrorizada. Já se sentia tão fora de controle que entregar-se no quarto iria deixá-la impotente.

– Eu posso amá-lo se não puder entendê-lo? Posso amá-lo se odeio o que ele faz?

– Criança. – Tia Mea pôs a mão calejada no ombro de Elene. – Amar é um ato de fé, tanto quanto acreditar no Deus.

– Ele não é crente. Um boi e um lobo não podem ficar na mesma canga – disse Elene, sabendo que estava tentando se agarrar a qualquer coisa.

– Você acha que uma canga só se refere a alianças de casamento ou a fazer amor? Você não precisa entendê-lo, Elene, precisa amá-lo até entender. – Tia Mea segurou o braço de Elene. – Venha, vamos jantar.

Voltaram juntas para casa, Elene, sentindo-se mais leve do que nos últimos

meses, ainda que tivesse que conversar com Kylar. Sentia uma nova esperança.

Elene abriu a porta mas a casa estava silenciosa, vazia.

– Kylar? – chamou. – Uly?

Não houve resposta. A comida estava fria no aparador, a geleia que Kylar estivera fazendo dura e rachada. Seu coração disparou. Cada respiração era um esforço. Tia Mea ficou aterrorizada.

Vamos ficar bem?

Depois de hoje à noite, vamos.

A aliança de Kylar encontrava-se perto do fogão. Não havia nenhum bilhete, nada. Até Uly havia sumido. Kylar finalmente tinha desistido dela.



Quando chegaram ao estábulo da estalagem vagabunda onde tinha guardado seu cavalo, Vi tirou do ombro a criança que se debatia. O cavaleiro estava inconsciente e sangrando perto da porta. Provavelmente sobreviveria. Não importava; ele não tinha visto Vi antes de ela o acertar com o cabo da espada curta.

A garota guinchava através do trapo que Vi tinha amarrado sobre sua boca. Vi se ajoelhou e agarrou o pescoço da menina com uma das mãos. Em seguida, tirou a mordaça.

– Qual é o seu nome? – perguntou.

– Vá para o inferno!

Os olhos da menina relampejaram, desafiadores. Não poderia ter mais do que 12 anos.

Vi deu-lhe um tapa com força. Depois outro, e outro, e outro, impassivelmente, como Hu fazia quando estava entediado. Quando a garota tentou se afastar, ela apertou sua garganta com mais força. A ameaça era bem clara: quanto mais você se mexer, mais vai sufocar.

– Ótimo, “Vá para o inferno”, quer que eu a chame assim?

A menina xingou de novo. Vi girou-a contra o corpo e apertou sua boca. Com a outra mão, encontrou um ponto de dor no cotovelo e cravou os dedos. A garota berrou.

Por que ainda não a matei?

O serviço havia acontecido de modo impecável. Kylar tinha levado o corpo de Jarl, depois de se armar para a caçada. Vi vislumbrou lâminas sendo embainhadas e desaparecendo – sem dúvida era um truque da luz e da distância, Kylar não podia estar mesmo invisível. Depois de um tempo, ele pegou o corpo de Jarl e Vi entrou na casa.

Pretendia colocar algumas armadilhas. Havia um veneno de contato perfeito que poderia passar no trinco da porta do quarto dele e uma armadilha de agulha que se encaixaria na caixinha que ele guardava embaixo da cama. Mas não fez isso. Ainda abalada com o assassinato de Jarl, andou pela casa como um ladrão comum.

Encontrou um bilhete e brincos que pareciam caros e estranhos – um maior do que o outro. Pôs os dois no bolso, mas não tocou a fina aliança perto do fogão. Que a famíliazinha feliz guardasse sua herança. Ela não sabia direito o que o bilhete queria dizer. Kylar tinha tentado proteger Jarl?

A porta se abriu, surpreendendo Vi, e a menininha entrou. Vi a amarrou e a amordaçou, depois ficou olhando a encenca em que tinha se metido.

Estava acabada. Não podia matar aquela criança nem podia matar Kylar. Não, isso não era verdade. *Precisava* matar Kylar. O único modo de escapar do Deus-rei com vida era satisfazê-lo. Ele ficaria mais satisfeito se ela entregasse Kylar vivo. Assim, o Deus-rei jamais saberia de sua fraqueza. Ela ganharia tempo para recuperar fosse lá o que havia se partido por dentro quando viu Jarl morrer com um jorro de sangue.

Hipnotizada, voltou ao quarto de Kylar. Gravou o símbolo do Sa'kagé de Cenária na mesinha de cabeceira com traços finos e leves. Por baixo escreveu: *Estou com a menina*. Quando Kylar voltasse, descobriria que sua filha havia sumido e iria revirar toda a casa. Encontraria a mensagem e seguiria Vi direto até o Deus-rei.

Portanto, tudo que Vi precisava fazer agora era descobrir como tirar da cidade uma criança que berrava sem parar.

– Vamos tentar de novo – disse. – Qual é o seu nome?

– Uly – respondeu a menina, com lágrimas no rosto.

– Certo, Uly, nós vamos embora. Você pode ir comigo viva ou morta. Tanto faz. Você cumpriu seu propósito. Vou amarrar suas mãos à sela, de modo que você pode pular do cavalo se quiser, mas só vai ser escoiceada e arrastada até morrer. A escolha é sua. Abra a boca.

Uly abriu a boca e Vi enfiou a mordaça.

– Fique quieta – disse. Depois fez uma carranca olhando o trapo. – Diga alguma coisa.

– Hum?

– Maldição. – Vi fixou sua vontade no trapo. – Diga alguma coisa.

A boca de Uly se mexeu, mas nenhum som foi emitido. Vi tirou o trapo; agora ele não era necessário. Era um pequeno truque que tinha descoberto por acaso alguns anos antes. Não era perfeito, mas seria mais fácil tirar da cidade uma criança silenciosa do que uma amordaçada. Arreou seu cavalo e o segundo melhor do estábulo.

Meia hora depois, Caernarvon sumia a distância, mas a liberdade continuava

muito longe.

A fúria de Kylar fazia o mundo arder. Ele correu por cima do telhado. Chegou à borda e saltou, voando no ar noturno. Ultrapassou facilmente o espaço de 6 metros e subiu correndo pela parede. Saltou dela, agarrou a trave do telhado e se jogou em cima, sem hesitar.

Tinha feito tudo isso invisível, uma novidade que poderia ter lhe agradado imensamente alguns dias antes. Hoje não tinha tempo para se sentir orgulhoso. Seu olhar examinava as ruas escuras. Antes de sair, limpou o sangue de Jarl no chão. Não queria que Elene cuidasse disso. Levou o corpo do amigo a um cemitério. Jarl não apodreceria num esgoto feito uma ratazana. Kylar não tinha dinheiro para pagar um coveiro – *obrigado, Deus* –, por isso deixou Jarl e jurou retornar.

Jarl estava morto. Parte de Kylar não acreditava nisso, a parte que havia cogitado ter uma vida tranquila em Waeddryn. Por que acreditou nisso? Não existia tranquilidade na vida de um Anjo da Noite. Ele era um matador. A morte se erguia à sua passagem como lama fazendo redemoinho atrás de um pedaço de pau arrastado pelo fundo de um lago.

Ali. Dois vagabundos assediando um bêbado. Deuses, seria o mesmo bêbado que ele tinha deixado em paz na outra noite? Kylar pulou do telhado, balançou-se no andar seguinte e em dez segundos estava na rua.

O bêbado já estava caído, sangrando pelo nariz. Um dos vagabundos arrancava a bolsa do sujeito enquanto o outro vigiava, com uma faca comprida na mão. Kylar se deixou tremeluzir até uma visibilidade parcial, os músculos brilhando em preto iridescente, os olhos como órbitas negras, o rosto, uma máscara de fúria. Só pretendia amedrontar o da faca, mas, enquanto os olhos do bandido se arregalavam ao vê-lo, Kylar jurou ter visto neles algo tão sombrio que o compeliu a agir.

Antes que percebesse, a espada que se projetava do punho estava bebendo sangue. A faca do bandido caiu.

– O que você está fazendo, Terr? – perguntou o outro, virando-se.

Segundos depois, Kylar estava com o sujeito encostado na parede, preso pelo pescoço. Precisou conter a ânsia de matar, matar, matar.

– Onde está o Shinga? – perguntou.

Aterrorizado, o homem sacudiu os braços, gritando:

– O que você é?

Kylar agarrou uma das mãos que se agitavam e a apertou. Um osso estalou. O homem gritou. Kylar esperou, depois apertou com mais força. Outro osso estalou. O jorro de palavrões não foi impressionante. Kylar espremeu a mão do bandido até virar uma polpa, depois agarrou a outra. O homem começou a balbuciar olhando a mão mutilada.

– Ah, merda! Minha mão!

– Onde está o Shinga? Não vou repetir.

– Fod... não! Pare! Terceiro... armazém depois... do cais três! Ah, deuses! O que... é você?

– Eu sou a Retribuição.

Kylar cortou o pescoço do sujeito e o largou. O bêbado o olhou boquiaberto, achando que tinha ficado louco.

O armazém era sem dúvida o lugar do Shinga, mas Barush Sniggle não estava lá. No lugar dele havia dez guardas esperando atrás da porta da frente. Kylar olhou-os das traves do teto, procurando quem poderia saber mais do que os outros.

A presença dos guardas lhe dava a certeza de que Barush Sniggle tinha sido o responsável pelo derramador que havia matado Jarl. Matar o homem errado era exatamente o que esse Shinga faria.

Deixou-se cair atrás de um homem que parecia o líder. Quebrou o braço direito do sujeito e sacou a espada dele.

Metade dos guardas estava morta e a outra ainda não compreendia que estava lutando contra um homem invisível. Os que lutaram lutaram mal. Se você vestir um bandido com armadura e lhe der uma espada, não vai conseguir um soldado, e sim um bandido que usa uma espada como se fosse um pedaço de pau. Eles foram correndo para os braços da morte.

Kylar parou junto ao líder caído, o último homem vivo, e de novo permitiu que seus olhos e o rosto ficassem visíveis. Pôs um pé no braço quebrado do sujeito e encostou a espada no pescoço dele.

– Você é o derramador. – O sujeito xingou. Estava suando, com o rosto largo enebado. A barba preta e farta tremia junto com ele. – Ele disse que você era uma mulher.

– Errado. Me conte tudo. Agora.

– O Shinga disse que irritou um derramador cenário. Nós deveríamos matá-lo se viesse para cá.

– Onde ele está?

– Se eu disser, você me deixa vivo?

Kylar olhou nos olhos do sujeito e, curiosamente, não sentiu nem imaginou – ou seja lá o que tivesse sido das outras vezes – a escuridão que exigia a morte.

– Deixo – respondeu, ainda que a fúria assassina continuasse nele.

O homem falou sobre um esconderijo e outra armadilha, uma sala subterrânea com apenas uma entrada e mais dez guardas. Com os dentes trincados por causa da fúria gélida, Kylar ordenou:

– Diga a eles que o Anjo da Noite caminha. Diga que a Justiça chegou.



O portão se abriu e o rosto de Gorkhy apareceu à luz fraca de sua tocha. Parecia satisfeito. Logan o odiava de todo o coração.

– Carne fresca, crianças – disse Gorkhy. – Carne fresca e doce.

Alguns prisioneiros atrás de Gorkhy começaram a soluçar. Era crueldade trazê-los a essa hora do dia. Era meio-dia; os uivos soavam esganiçados e com potência total, um ar quente e fétido brotava do Buraco feito um peito gigantesco e interminável. Fazia as tochas dançarem e as figuras dos prisioneiros saltarem e se retorcerem enquanto o suor reluzia.

Desde que Logan tinha pulado ali, 82 dias antes, eles só haviam jogado um prisioneiro. Gorkhy tinha feito isso e atirou o sujeito direto no Buraco. O rosto do infeliz bateu na borda com um som molhado e seu corpo mergulhou no abismo. De modo que agora os animais e os monstros se apinharam em volta do Buraco, como faziam quando Gorkhy jogava pão. Não para salvar a vida dos prisioneiros, mas para salvar sua carne.

– Certo, queridinhos – disse Gorkhy. – Quem vai primeiro?

Mantendo um olho em Fin, que também o estava vigiando, Logan ficou longe da borda. Ele tinha os braços maiores, mas pegar um corpo em queda era diferente de pegar um pão, e Fin já havia desenrolado a corda de tendões em volta do corpo.

Houve agitação e xingamentos acima deles. Uma mulher se jogou contra a grade. Gorkhy tentou interceptá-la, mas ela mergulhou por baixo dos braços dele. Jogou-se de cabeça no chão, mas Gorkhy agarrou seu vestido.

Ela gritou e chutou, pendendo acima da cabeça de Logan. Ele saltou e agarrou uma das mãos dela e puxou, mas a mão escorregou. Ela ficou pendurada de cabeça para baixo, a 3 metros do piso de pedra.

– Fin! – gritou Lilly. – Pega o Gorkhy!

Gorkhy estava de joelhos, segurando o vestido da mulher com uma das mãos e a grade com a outra. Sua cabeça ficara exposta. Para Fin, que treinava incessantemente com o laço, era um alvo fácil.

Gorkhy xingava, mas era forte. Logan saltou e tentou segurar a mão da mulher, mas errou de novo. Fin veio correndo com o laço na mão. Os outros uivavam e jogavam fezes em Gorkhy. Logan saltou de novo e agarrou a mão da mulher.

O vestido dela se rasgou e ela caiu em cima de Logan. Ele mal conseguiu

aliviar a queda, só tentando afastá-la do abismo.

Logan se levantou cambaleando e viu o rosto de Gorkhy lívido à luz da tocha, ainda exposto, só esperando um nó correição envolver seu pescoço, implorando para ser arrastado e despedaçado. Virando-se, Logan viu Fin a pouco mais de um metro, mas o sujeito havia largado o laço. Logan mal teve tempo de ver o aço reluzente na mão de Fin antes que este o golpeasse.

A carne se partiu ao longo das costelas e do braço esquerdo de Logan enquanto ele se virava rapidamente para evitar a lâmina. A mão de Fin foi apanhada entre o braço esquerdo e o corpo de Logan, enquanto este girava, e Logan ouviu a faca bater no chão de pedra. Logan mandou um punho contra a cabeça de Fin, mas ele se desviou, caiu no chão e correu de quatro. Logan começou a ir atrás dele, decidido a matá-lo. Mas, quando avançou, os prisioneiros atrás dele se amontoaram sobre a mulher.

Não podia deixá-la. Sabia o que fariam com uma mulher jovem e seminua. Tinha ouvido os estupradores falarem sobre as “criaturinhas doces” que haviam abusado. Alguns nem queriam foder Lilly: uma mulher disposta os deixava sem tesão.

Logan rugiu de dor e frustração. Os animais recuaram. A garota havia pegado a faca e agora estava de pé, com as costas na parede. Fazia força para não cair. Tinha torcido o tornozelo na queda.

– Para trás – disse ela, balançando a faca de modo ineficaz. – Para trás!

Seu olhar saltou de Logan para o abismo, e depois para Rangido.

A garota tremia. Era bonita, de um jeito frágil, com cabelo louro comprido e feições delicadas. Quase não estava suja, de modo que não devia ter passado muito tempo na prisão. No entanto, tinha sido tempo suficiente para Gorkhy, maldito até o nono círculo do inferno. Havia sangue fresco manchando o vestido rasgado entre as pernas.

Logan levantou as mãos.

– Calma. Não vou machucar você. Mas precisamos sair daqui. Caso contrário, eles vão começar a cair em cima de nós.

Os olhos dela se viraram para a grade e ela começou a se arrastar ao longo da parede circular. Gorkhy tinha sido puxado para longe da grade pelos outros guardas. O restante dos prisioneiros foi arrebanhado até lá. O primeiro não quis pular, por isso foi empurrado.

A queda de 5 metros sobre a rocha sólida quebrou seus pés, e os prisioneiros estavam em cima dele em segundos. Para consternação de Logan, Rangido se juntou a eles, empurrando outros para o lado e cravando os dentes limados na carne viva.

O segundo homem se imobilizou diante do espetáculo que podia ouvir, mas mal conseguia enxergar. Os guardas o empurraram e ele também virou comida. Depois

disso, a maior parte dos prisioneiros se dispôs a se pendurar na grade e se soltar.

Logan não tinha tempo para isso. Em outro dia talvez tivesse lutado por carne também. Mas hoje não iria se alimentar, não com aquela garota ali. A presença dela o fazia se lembrar de coisas melhores. Sentiu vontade de chorar.

– Deuses! Você é Natassa Graesin. – As palavras escaparam de seus lábios. Não deveria ter dito nada, mas o choque de ver outra pessoa nobre foi grande demais. Com 17 anos, Natassa era a segunda filha dos Graesin. Era prima dele.

Natassa Graesin o encarou, com os olhos enormes e apavorados, reconhecendo aos poucos o que fora um corpo enorme e atlético. Ele era uma sombra do que havia sido. Mas, apesar de ter secado, ainda era alto, inconfundivelmente alto.

Ele levantou as mãos para silenciá-la, mas era tarde demais.

– Logan? Logan Gyre? – perguntou ela.

Ele sentiu seu mundo acabar. Durante todo o tempo em que estivera ali embaixo tinha sido apenas o Rei ou o Treze. Na loucura da fome eventualmente havia se juntado aos outros que ficavam em volta do Buraco para pegar pão – com seus braços compridos pegava mais do que a maioria dos outros, ao custo de deixar que Gorkhy soubesse que havia um louro alto naquele lugar. Mas jamais, jamais, usava seu nome verdadeiro.

Lançando um olhar por cima do ombro, viu que os novos prisioneiros ainda caíam, esparramando-se ao bater no chão. Na escuridão quase total estavam cegos, aterrorizados, gemendo, berrando, xingando e chorando enquanto ouviam os prisioneiros antigos rasgando a carne fresca. Os prisioneiros antigos brigavam e Gorkhy gargalhava aplaudindo o espetáculo, apostando no que aconteceria com cada recém-chegado. Muito barulho, muita confusão, muitas distrações. Talvez aquilo não tivesse sido percebido.

Mas um dos novos prisioneiros não estava gemendo, não estava confuso, não estava distraído. Tenser Vargun não parecia apavorado, apesar do barulho, do calor, do fedor e da violência. Sua cabeça estava inclinada para Logan e Natassa, os olhos franzidos por causa da escuridão.

Elene não conseguia respirar. Além de enganá-la e ir embora, Kylar tinha levado Uly. Antes as coisas pareciam ir tão bem! Não, as coisas *iam* muito bem. Elene não conseguia acreditar, não queria acreditar. Revirou a cozinha procurando algum sinal. Encontrou uma mancha escura nas tábuas do assoalho, limpa às pressas. Nada parecido com aquilo tinha sido derramado da comida, mas ela não sabia o que poderia ser. Então encontrou um corte fundo e fino no piso.

Correu para o andar de cima. As roupas cinza de derramador tinham sumido, assim como Retribuição. Ela estava recolocando a caixa sob a cama quando viu o símbolo do Sa'kagé cenário riscado na mesinha de cabeceira.

Estamos com a menina.

A frase fora escrita em letra cuidadosa. O coração de Elene se encolheu de novo. Alguém havia levado Uly e Kylar tinha ido atrás. A revelação trouxe uma mistura de medo e alegria. Kylar não a abandonara, mas Uly fora sequestrada por alguém que sabia quem ele era. Kylar caiu numa armadilha. Mas onde ele estava quando Uly foi levada? Se alguém pegara Uly na rua, poderia ter deixado um bilhete na soleira da entrada, mas Elene não achava que ousariam invadir a casa com Kylar presente.

Um grito e pancadas na porta soaram lá embaixo.

– Abram a porta. Em nome da rainha, abram a porta!

Quando Elene viu tia Mea deixar a guarda da cidade entrar, seu coração se apertou de medo outra vez. Em Cenária os guardas eram considerados tão corruptos que ninguém confiava neles. Mas então Elene viu o alívio no rosto de tia Mea.

Demoraram quase uma hora para entender tudo. Um vizinho vira Kylar sair carregando um corpo no ombro, um rapaz bonito de pele escura, com o cabelo arrumado em microtranças e contas de ouro. Elene soube na hora que tinha que ser Jarl. Depois de Kylar ter fugido, o vizinho foi correndo procurar os guardas. Eles haviam percorrido metade do caminho quando foram alcançados pela mulher do vizinho, que tinha visto uma mulher com um arco entrar na casa cerca de um minuto antes de Uly retornar, e então sair com a menina. Pelas evidências, os guardas achavam que a mulher era a assassina, mas queriam falar com Kylar mesmo assim.

Mais tarde, à noite, Elene estava deitada na cama, lamentando a morte do amigo e tentando entender. Por que Jarl viria aqui? Porque corria perigo? Porque queria

que Kylar fizesse um serviço? Só para visitar? Jarl era importante demais para deixar Cenária por estar com saudade. Não era de seu feitio. Mas se tinha saído porque corria perigo, onde estavam seus guarda-costas? Então Jarl tinha sido morto – por acidente? – enquanto tentava contratar Kylar. Kylar havia concordado ou ia atrás de vingança? De qualquer modo, saía antes do sequestro de Uly. Talvez não soubesse disso.

Ao meio-dia do dia seguinte, Kylar ainda não tinha retornado. Houve uma batida à porta e Elene correu para atender. Era um dos guardas da véspera.

– Achei que vocês deveriam saber – disse o rapaz. – Conversamos com os guardas do portão, mas os turnos mudam e é difícil contatar todo mundo. Uma moça parecida com a descrição da assassina partiu ontem, indo para o norte. Estava com uma menina. Já mandamos homens no encalço dela, mas ela tem uma boa dianteira. Sinto muito.

Depois de o guarda sair, Braen e tia Mea olharam para Elene como se esperassem que ela fosse irromper em lágrimas.

Em vez disso, Elene simplesmente disse:

– Vou atrás de Uly.

– Mas... – começou tia Mea.

– Acredite, sei que sou a última pessoa que deveria ir atrás dela. Mas o que mais posso fazer? Se Kylar voltar para cá, diga para onde fui. Ele vai me alcançar, tenho certeza. Se já foi atrás deles, vou encontrá-lo. Mas se ele não sabe que Uly foi sequestrada, talvez eu seja a única chance para ela.

Tia Mea abriu a boca para protestar mais uma vez, depois fechou.

– Entendo.

Elene enfiou suas coisas numa bolsa pequena. Quando ela desceu, tia Mea havia preparado provisões para uma semana.

– Braen vai se despedir? – perguntou Elene.

Tia Mea levou Elene para fora.

– Braen se despede do jeito dele.

Havia um cavalo na frente da oficina. Era forte e de aparência gentil. Os olhos de Elene se inundaram de lágrimas. Tinha pensado que iria caminhar.

– Ele disse que recebeu alguns pedidos grandes recentemente – explicou tia Mea, orgulhosa do filho. – Agora vá, minha filha, e que o Deus esteja com você.



Kylar estava parado junto à sepultura que tinha cavado, esforçando-se ao máximo para ficar bêbado. Ainda faltavam duas horas para o amanhecer. O cemitério estava

silencioso. Os únicos sons eram de folhas farfalhando ao vento e as reclamações dos insetos noturnos. Tinha escolhido esse cemitério porque era o mais rico em seu caminho para fora da cidade. Depois de matar o Shinga, havia roubado o sujeito, de modo que tinha dinheiro suficiente para enterrar Jarl. O amigo merecia o melhor. Se o coveiro fosse fiel à palavra, em uma semana haveria até mesmo uma lápide.

Era uma visão terrível: Jarl deitado no chão ao lado do buraco, o sangue num tom negro mais escuro do que o da pele, os membros enrijecendo devagar. Kylar estava mais sujo de sangue do que o amigo, os coágulos secando nos braços, rachando enquanto ele trabalhava, reconstituindo-se enquanto ele suava. Parecia que ele suava sangue.

A cova ficou pronta. Agora Kylar deveria dizer alguma coisa significativa. Bebeu mais vinho. Tinha trazido quatro odres e já esvaziara dois. Um ano antes, dois o teriam deixado chapado. Agora nem estava tonto. Terminou o terceiro odre e, obedientemente, tomou goles compridos do quarto, até acabar.

Seu olhar encarava o cadáver de Jarl. Tentava imaginar os ferimentos se fechando como os seus, tanto tempo atrás. Mas isso não acontecia. Jarl estava morto. Estivera vivo num segundo, e agora não estava mais. Finalmente Kylar entendeu também a expressão marota dos olhos de Jarl.

O derramador cenário que o Shinga ordenara que fosse morto não era Kylar. Era Vi Sovari. Ela tinha matado Jarl com uma flecha vermelha e preta, de traidor.

Era típico de Jarl encontrar humor nisso. Jarl tinha confessado seu amor por uma mulher enquanto ela disparava a flecha que o mataria.

– Merda – disse Kylar.

Não existiam palavras para expressar a magnitude da ruína à sua frente. Jarl não existia mais. Aquilo na frente de Kylar era um bocado de carne. Kylar desejou ser capaz de acreditar no Deus de Elene. Queria pensar que Jarl e Durzo estavam num lugar melhor. Mas era suficientemente honesto para não acreditar em consolos. Mesmo se o Deus de Elene fosse verdadeiro, Jarl e Durzo não acreditavam nele. Isso significava que iriam queimar no inferno, não era?

Entrou na cova e puxou o corpo de Jarl para dentro. A pele estava fria, úmida; o orvalho da manhã ia se condensando nela. Não parecia certo. Kylar deitou-o com o máximo de gentileza que pôde e saiu de novo. Ainda não se sentia bêbado. Sentado no monte de terra fofa ao lado da sepultura, percebeu que isso era culpa do ka'kari. Seu corpo tratava o álcool como qualquer veneno, e o curava. Era tão eficiente que ele precisaria ingerir uma quantidade gigantesca para ficar bêbado. Como Durzo fazia.

E eu o desconsidereei como a um bêbado. Este era mais um sentido em que Kylar entendera mal seu mestre, outro modo pelo qual havia condenado alegremente o sujeito. Isso fazia tudo doer de novo.

– Desculpe, irmão – disse Kylar e percebeu que Jarl tinha sido exatamente isso: um irmão mais velho que cuidava dele. Por que Kylar estava condenado a ter revelações sobre o que as pessoas significavam somente depois de elas estarem mortas? – Vou fazer valer a pena, Jarl.

Faria isso abandonando Elene, Uly e a vida que poderia ter tido. Como todos os outros adultos da vida da menina, jurara a Uly que não iria abandoná-la. E agora estava fazendo isso.

Era assim para você, mestre? Foi aí que começou o oceano de amargura? O preço da minha imortalidade é abrir mão da minha humanidade?

Não havia mais nada a fazer, nada a dizer. Kylar nem conseguia chorar. Enquanto os primeiros pássaros da manhã começavam a cantar a beleza ao sol nascente, ele encheu a sepultura.



Uly não falou, não comeu nem bebeu nada durante dois dias. Vi prosseguia num ritmo insano pela estrada da rainha indo para o noroeste. Na primeira noite, passaram pelas grandes propriedades da nobreza waeddryni. Quando pararam, algumas horas depois do amanhecer, estavam no meio de fazendas. Os campos estavam cobertos com as sobras irregulares das plantas depois da colheita.

No primeiro dia, Uly esperou até que Vi estivesse dormindo e respirando regularmente por uns dez minutos, depois correu para seu cavalo. Antes de conseguir desamarrar o animal, Vi a puxou para longe. No segundo dia, Uly esperou uma hora. Levantou-se tão silenciosamente que Vi mal percebeu. Dessa vez a menina conseguiu desamarrar a corda, mas, quando segurou as rédeas do cavalo, Vi já estava parada atrás dela, com as mãos nos quadris.

Vi a espancou nas duas vezes. No entanto, a derramadora teve o cuidado de não quebrar ossos ou deixar cicatrizes na menina. Imaginou se estaria pegando muito leve, mas nunca havia batido numa criança. Estava acostumada a matar homens, a dar a força do Talento aos músculos e deixar que as vítimas lidassem com as consequências. Se fizesse o mesmo com Uly, a garota morreria. Isso não era interessante para seus planos.

No terceiro dia, Uly não estava bem. Não bebera um gole d'água. Recusava qualquer coisa que Vi oferecesse e ia perdendo as forças. Seus lábios estavam rachados e ressecados, os olhos vermelhos. Vi não pôde deixar de sentir uma admiração relutante.

A garota era durona, sem dúvida. Vi podia suportar a dor mais do que a maioria das pessoas, mas odiava ficar sem comer. Quando tinha 12 anos, Hu deixava de lhe dar comida, oferecendo apenas uma refeição por dia “para não engordar”. Tinha voltado a alimentá-la direito quando decidiu que toda a comida ia para os peitos. Pior do que passar fome eram as vezes em que ele não dava água, como castigo por “ser preguiçosa”.

O desgraçado nunca entendeu o conceito de cólicas femininas.

Ela fingira que a sede não a incomodava, porque sabia que, se isso ficasse evidente, iria se tornar a forma de castigo predileta para ele.

– Olhe, feiosa – disse Vi enquanto montava o acampamento num pequeno vale –, não ligo a mínima se você bater as botas. Kylar virá atrás de mim de qualquer

forma. Entretanto, *você* só voltará a vê-lo se sobreviver à viagem.

Uly a encarou de volta com os olhos fundos cheios de ódio.

– Portanto, se quiser continuar passando fome, boa sorte. Vai morrer em breve. Isso me atrapalha? Sim, mas só o Kylar sairá prejudicado e triste. Se prefere morrer como um gatinho a ficar viva e lutar contra mim, vá em frente. Mas não está impressionando ninguém. Entendeu?

Vi colocou um odre d'água diante de Uly e começou a prender os cavalos. Agora não se preocupava com a hipótese de ela fugir. A garota estava fraca demais. Mesmo assim, prendeu as cordas usando o Talento. Hoje iria dormir sossegada.

Os morros eram cobertos por florestas interrompidas aqui e ali por uma pequena aldeia em meio a campos cultivados. Não havia como saber que dianteira tinham com relação a Kylar, mas o fato de ela ter evitado as aldeias proporcionou a ele algumas horas de vantagem.

A fim de confundi-lo, trocara os cavalos no fim da tarde anterior. Mesmo assim, não seria o bastante. Apesar de a capa ser boa para esconder sua identidade e seu sexo, não havia como disfarçar que Uly era uma criança. Em geral ultrapassavam as carroças dos comerciantes e dos fazendeiros, mas poderiam ser reconhecidas.

Seu único contato com Kylar foi quando tentara matá-lo na casa dos Drake. Ironicamente, o rei Gunder contratara Vi – que tinha tentado assassinar o filho dele – para matar Kylar, que tentava protegê-lo.

Ela tivera Kylar sob os quadris e a faca no mesmo dia em que aceitou o contrato. Tinha gostado dele. Ele se mostrara surpreendentemente calmo para um homem naquela situação. Calmo e um tanto charmoso, se você considerasse humor sem graça diante da morte algo bonitinho.

Ela o teria matado, mas hesitou. Não, não hesitou. Não foi a falta de vontade que segurou sua mão, mas o orgulho. Hu jamais elogiava seu trabalho. Ainda que sob coerção, os elogios de Kylar lhe pareceram genuínos, e não havia muitas pessoas com quem um derramador podia falar sobre o trabalho. Vi cederia.

Então o conde bonzinho entrou no cômodo e Kylar cravou uma faca no seu ombro enquanto ela escapava. O ombro ainda latejava. Ela havia perdido um pouco da flexibilidade, apesar de ter ido imediatamente ao bruxo que Hu usava para se curar.

Não hesitaria da próxima vez.

Sabia que deveria estar empolgada por ter matado Jarl. Agora estava livre. Era uma mestra derramadora. Hu não teria mais influência em sua vida. Se tentasse alguma gracinha, ela poderia matá-lo sem se preocupar com as repercussões no Sa'kagé. Isto é, se o Sa'kagé sobrevivesse ao que o Deus-rei estivesse planejando.

Eu matei Jarl. O pensamento não queria ir embora. Matei o homem que era o mais próximo de um amigo para mim.

Não tinha sido grande coisa. Qualquer criança podia subir num telhado e disparar uma flecha. Ela quisera errar, não fora? Poderia ter errado. Poderia não ter disparado. Poderia ter entrado na casa, se juntado a Kylar e Jarl e lutado contra o Deus-rei. Mas não fez isso.

Tinha matado, e agora estava sozinha de novo, indo a um lugar aonde não queria ir, levando uma menininha à força, obrigando um homem que ela respeitava a segui-la até uma armadilha.

Você é um deus cruel, Nysos. Será que não poderia me deixar com algo mais do que poeira e cinzas? Eu, que o sirvo com tanta fidelidade. Da minha faca e do meu ventre escorrem rios de sangue e sêmen. Não mereço um lugar de honra por isso? Não mereço um amigo?

Mordeu a língua até ela começar a sangrar.

Não vou chorar. Nysos receberá sangue e sêmen, mas nunca terá minhas lágrimas. Maldito seja, Nysos.

Mas não disse isso em voz alta. Tinha servido ao deus por tempo suficiente para se arriscar à fúria dele. Tinha até feito uma espécie de peregrinação numa cidadezinha na região vinícola de Sethy, que era sagrada para Nysos. O festival da colheita era dedicado ao deus. O vinho corria livremente. As mulheres deveriam se entregar a qualquer paixão que as movesse. Havia até uma estranha forma de narrativa em que os homens ficavam num palco segurando máscaras e representavam uma peça em três atos sobre o sofrimento dos mortais e a necessidade de que os deuses resolvessem tudo, seguido por uma comédia lasciva que parecia zombar de todo mundo no povoado, incluindo o autor.

A cidade adorava aquilo. Todos batiam palmas, gritavam e cantavam bêbados, acompanhando as músicas sagradas enquanto trepavam como coelhos. Ninguém tinha permissão de recusar uma proposta sexual. A semana foi longa para Vi. Foi a única vez na vida em que se sentiu justificada ao reclamar por ser linda. Tinha passado a usar roupas largas na esperança de atrair menos homens.

Todo aquele serviço, Nysos. Para quê? Hu está com quase 40 anos e, apesar de afirmar que serve a você, as únicas vezes em que o nome de um deus passou por seus lábios foi na forma de palavrões.

Quando Vi retornou, Uly havia terminado todo o odre de água. Parecia a ponto de vomitar.

– Se vomitar nesses cobertores, vai dormir neles sujos.

– Kylar vai matar você – retrucou Uly.

Vi jogou a bolsa de comida para Uly, que a deixou cair.

– Coma devagar e não coma muito. Caso contrário, vai vomitar e morrer.

Uly seguiu o conselho e logo se deixou cair nas cobertas. Dormiu em segundos. Vi permaneceu acordada. Estava exausta. Pensava muito quando estava desse jeito.

Não era bom pensar. Não adiantava.

Ocupou-se tornando o acampamento invisível. Era uma manhã nevoenta. Não estavam longe da estrada, mas o lugar era uma pequena reentrância no terreno. O riacho descia borbulhando das colinas do Urso Prateado com volume suficiente para que a maior parte do barulho feito pelos cavalos fosse encoberto. Ela havia feito o máximo para esconder os cavalos atrás de um bosque. Agachou-se encostada numa árvore e tentou convencer a mente de quanto o corpo estava cansado.

Ouviu um som a distância. Pegou uma faca e a mergulhou na bainha com veneno. Olhou para Uly e pensou em silenciá-la magicamente, mas isso poderia expor a localização delas; portanto simplesmente apoiou as costas numa árvore e espiou na direção do som.

Instantes depois, Kylar apareceu puxando dois cavalos. Passou a 20 passos de distância. Devia ter cavalgado quase sem parar, trocando um cavalo pelo outro. Mal diminuiu a velocidade quando se aproximou do vau. O cavalo de Vi bateu com uma pata e um dos cavalos que Kylar puxava relinchou.

Kylar xingou e puxou as rédeas. Uly se virou quando Kylar atravessou o riacho espirrando água. Os cavalos subiram a margem oposta e se afastaram ruidosamente. Kylar nem virou a cabeça.

Vi deu um risinho e se deitou. Dormiu bem.

Quando acordou, no fim da tarde, Uly ainda estava dormindo. Isso era bom. Vi não tinha tempo para correr atrás da garota. Em seu lugar, outro sequestrador teria amarrado a menina. Mas as cordas mais fortes não eram as que prendiam mãos. A arma de Vi era a desesperança. As cordas criadas pela própria Uly iriam amarrá-la para sempre.

Afinal, sei tudo sobre isso, não é?

Chutou Uly para acordá-la, mas não com tanta força quanto pretendia. A salvação da menina havia estado tão próxima, e ela nem ficara sabendo.



A habilidade mais recente de Dorian provou ser a mais valiosa: comer e beber sem interromper o transe. Em vez de Solon vigiá-lo em busca dos sinais inevitáveis de desidratação e acordá-lo, Dorian podia manter o transe durante semanas.

Mesmo sabendo que parecia estar desconectado da realidade, o que acontecia era exatamente oposto. De seu quartinho na guarnição dos Morros Uivantes, observava tudo. A guarnição cenária nos Ventos Uivantes tinha sido deixada de lado pelos invasores vindos de Khalidor. A maior parte do exército khalidori havia simplesmente usado o desfiladeiro de Quorig, que ficava a mais de uma semana a leste. Com a morte do pai de Logan, o duque Regnus Gyre, a guarnição era comandada por um jovem nobre chamado Lehros Vass. Ele era bem intencionado, mas não sabia o que fazer sem um oficial comandante.

Solon estava dando conselhos, que, com o passar dos dias, mais pareciam ordens. Se Khalidor atacasse os Ventos Uivantes agora, atacaria a partir do lado cenário. Dessa maneira, ele mudou as defesas de lugar, transferindo os homens e os suprimentos dentro das muralhas. Mas ninguém esperava um ataque. A verdade era que agora os Ventos Uivantes não protegiam nada. Garoth Ursuul podia deixar que eles envelhecessem e morressem ali, e tudo que perderia seria uma rota comercial que não era usada havia centenas de anos.

Longe, ao sul, a situação de Feir não era das melhores, apesar de seguir admiravelmente a pista de Curoch. Feir tinha uma estrada difícil pela frente e Dorian não podia fazer nada para facilitá-la. Às vezes isso o deixava nauseado. Tinha visto Feir morrer de uma dúzia de formas diferentes, algumas vezes tão vergonhosamente que ele chegava a chorar durante o transe. Na melhor das hipóteses, Feir teria ainda duas décadas de vida e uma morte heroica.

Como sempre, Dorian seguia seus próprios futuros. Encontrara um modo de fazer isso sem se arriscar à loucura. Simplesmente olhava o futuro das outras pessoas onde elas o encontravam. Mas isso não funcionava muito bem. Via meia dúzia de maneiras com que uma pessoa poderia interagir com ele e como as escolhas delas poderiam afetar o encontro, mas não as suas. Assim podia ver o quê, mas não o por quê. Não conseguia escolher uma única linha de suas próprias escolhas para ver aonde ela iria levá-lo. De vez em quando, podia ver seu próprio rosto através dos olhos de outras pessoas e adivinhar o que estava pensando, mas eram clarões

raros. Isso estava demorando demais, mesmo com seu transe se estendendo por mais de um mês. Enquanto montava sua própria vida, todo o resto mudava.

Por isso começou a tocar diretamente em sua própria vida. Ficou sabendo de várias coisas instantaneamente. Primeiro, ele seria uma fonte de esperança ou desespero para dezenas de milhares de pessoas em menos de um ano.

Segundo, uma lacuna gigantesca se estendia por seus possíveis futuros. Acompanhou-a e percebeu que a lacuna se dava porque, em alguns caminhos, ele optaria por renunciar ao seu dom da profecia. Ficou pasmo. Pensara nisso antes, claro. Durante todo o treinamento com os curandeiros, incapacitar seu dom era a única cura que pudera encontrar para a loucura crescente. Mas seu dom lhe parecia um dom para o mundo inteiro, e ele havia suportado de boa vontade as consequências porque sabia que poderia ajudar outras pessoas a evitar o desastre.

Terceiro, Khali viria aos Ventos Uivantes.

O coração de Dorian despencou. Se ela passasse pela guarnição, iria para Cenária e residiria na prisão infernal que chamavam de Bocarra. Garoth Ursuul faria dois de seus filhos construírem feralis. Usaria um contra o exército rebelde. Haveria um massacre.

Khali e seu séquito ainda estavam a dois dias de distância. Dorian tinha tempo. Olhou de volta para a própria vida, tentando deduzir como evitar o desastre. Num momento foi varrido pela correnteza. Rostos passavam rapidamente, tornavam-se um torvelinho, sugando-o para baixo. Sua jovem esposa chorando. Uma garota enforcada. Um pequeno povoado no norte de Waeddryn onde ele poderia viver com a família de Feir. Um garoto ruivo que era como um filho para ele, a quinze anos daqui. Matando os irmãos. Traindo a esposa. Contando a verdade à esposa e perdendo-a. Uma máscara de ouro de seu próprio rosto, chorando lágrimas de ouro. Marchando com um exército. Neph Dada. Afastando-se de um exército. Solidão, loucura e morte, de uma dúzia de maneiras diferentes. Seguindo em cada caminho só podia ver sofrimento. Toda vez que escolhia um bom destino para si mesmo os que ele amava sofriam.

– Você sabia? – perguntou a esposa. – Você sabia o tempo todo?

– Não! – Dorian sentou-se empertigado na cama, acordando.

Solon se mexeu com força na cadeira perto dele. Fez um gesto e as luzes no cômodo se acenderam.

– Dorian? Você voltou! Senti vontade de acordá-lo umas cem vezes.

A cabeça de Dorian doía. Que dia era hoje? Durante quanto tempo estivera catatônico? Sua resposta estava no próprio ar. Khali estava perto. Podia senti-la.

– Preciso de ouro – disse.

– O quê?

Solon esfregou os olhos. Era tarde.

– Ouro, homem! Preciso de ouro!

Solon apontou para sua bolsa na mesa e calçou botas. Dorian derramou as moedas nas mãos. Elas mal bateram em sua palma antes de se derreterem, esfriarem instantaneamente e se enrolarem no pulso.

– Mais. Mais! Não há tempo a perder, Solon.

– Quanto?

– Quanto você puder carregar. Encontre-me no pátio dos fundos e acorde os soldados. Todos. Mas não toque o sino de alarme.

– Maldição, o que está acontecendo? – perguntou Solon. Em seguida, pegou o cinturão da espada e o prendeu.

– Não temos tempo! – Dorian já saía correndo do quarto.

Dorian podia jurar que sentia o cheiro de Khali no pátio, mas era um odor puramente mágico. Ela devia estar a uns 3 quilômetros de distância. Era meia-noite e ele suspeitava de que Khali atacaria uma hora antes do alvorecer, a hora da feitiçaria, quando os homens estão mais suscetíveis aos terrores da noite e aos delírios criados por ela.

Dorian não conseguia imaginar que a guarnição se sustentaria. Se Khali o pegasse, os resultados seriam tão terríveis para o mundo quanto para ele. Um profeta entregue nas mãos dela? Dorian pensou nos futuros que havia visto. Mas se abrisse mão das visões ficaria cego, sem leme e inútil. Além do mais, esse não era um procedimento simples. Ele o havia descrito para Solon e Feir como sendo parecido com esmagar o próprio cérebro usando uma pedra afiada para impedir as convulsões. Em termos ideais, podia queimar uma parte de seu próprio Talento, de modo que o mesmo acabaria se curando, mas isso demoraria anos. Se Khali o capturasse, poderia pensar que seu dom havia se perdido para sempre e matá-lo.

Começara a preparar as tramas antes de perceber que havia decidido. O fato de estar escuro e ele não poder reabastecer sua *glore vyrden* não era problema porque a quantidade de magia necessária era pequena. Ajustou habilmente as tramas, afiando algumas e colocando-as de lado, segurando as porções preparadas como se estivessem numa das mãos. À medida que a magia se juntava, percebeu que todo o tempo que havia passado em suas visões, fazendo malabarismo com diferentes correntes de tempo e segurando marcos em pontos de decisão, tinha sido recompensado em sua magia. Fazia menos de cinco anos que ele chegara tão longe com a trama, treinando para ver se podia segurar sete fios ao mesmo tempo. Tinha sido uma coisa brutal, ainda mais sabendo que soltar qualquer um poderia deixá-lo amnésico, idiota ou morto. Agora era fácil. Solon chegou ao pátio e viu o que ele estava fazendo, com uma expressão de horror no rosto, e nem isso distraiu Dorian.

Ele partiu, torceu, puxou, queimou e cobriu uma parte do seu Talento.

O pátio estava curiosamente silencioso.

– Meu Deus – disse Dorian.

– O que foi? – perguntou Solon, com os olhos cheios de preocupação. – O que você fez?

Dorian estava desorientado, como alguém que tentasse ficar de pé depois de perder uma perna.

– Solon, ele se foi. Meu dom se foi.



Três dias ao norte das colinas do Urso Prateado, Kylar chegou à Curva de Torras. Estivera viajando em ritmo intenso durante seis dias, mal parando para descansar os cavalos. Seu corpo doía devido ao tempo passado na sela. Curva de Torras ficava na metade do caminho para Cenária, na base das montanhas Fasmeru e do desfiladeiro Forglin. Os cavalos precisavam do descanso, ele também. Ao sul da cidade até havia precisado se submeter a um posto de verificação do Lae'knaught que procurava magos. Aparentemente a rainha de Waeddryn também não tinha vontade ou força para expulsar o Lae'knaught.

Pediu a um agricultor orientações para a estalagem da cidade e logo se viu preenchido pelos cheiros de torta de carne assada e cerveja fresca. A maioria das estalagens cheirava a cerveja rançosa e suor, mas as pessoas do norte de Waeddryn eram exigentes. Seus jardins não tinham ervas daninhas, suas cercas não mostravam podridão, seus filhos eram limpos. Eles se orgulhavam da própria diligência. Era incrível a atenção aos detalhes dada por aquelas pessoas simples. Até Durzo ficaria impressionado. No todo, era um local perfeito para descansar.

Kylar entrou no salão e pediu comida suficiente para fazer a proprietária levantar as sobrancelhas. Sentou-se sozinho. Suas pernas latejavam e a bunda estava dolorida. Se nunca mais visse um cavalo, seria ótimo. Fechou os olhos e suspirou. Somente os odores celestiais que vinham da cozinha o impediam de ir para a cama.

No que era obviamente um ritual de todas as noites, metade dos homens do povoado passou pela grande porta de carvalho da estalagem para compartilhar uma cerveja com os amigos antes de ir para casa. Kylar ignorou os homens e seus olhares inquisitivos. Só abriu os olhos quando uma mulher atarracada e afável, de 50 e poucos anos, pôs duas enormes tortas de carne à sua frente, junto com uma impressionante caneca de cerveja.

– O senhor vai achar a cerveja da senhora Zolarat tão boa quanto as tortas dela – comentou a mulher. – Posso me sentar?

Kylar bocejou.

– Ah, desculpe. Claro. Sou Kylar Stern.

– O que o senhor faz, Sr. Stern?

– Sou... um... soldado.

Ele bocejou de novo. Estava ficando velho demais para aquilo. Pensou em

dizer “Sou derramador” só para ver a reação da cabra velha.

– Soldado de quem?

– Quem é você? – perguntou ele.

– Responda à minha pergunta e eu respondo à sua – disse ela, como se ele fosse uma criança recalcitrante.

Era justo.

– De Cenária.

– Eu tinha a impressão de que esse país não existia mais.

– É mesmo?

– Bandidos khalidori. Meisters. O Deus-rei. Conquista. Estupro. Saques. O governo do punho de ferro. Isso o faz se lembrar de alguma coisa?

– Acho que algumas pessoas se sentiriam hesitantes com isso.

Kylar sorriu e balançou a cabeça.

– Você amedronta um bocado de gente, não é, Kylar Stern?

– Qual é o seu nome mesmo?

– Ariel Wyant Sa’fastae. Pode me chamar de irmã Ariel.

Qualquer vestígio de fadiga desapareceu instantaneamente. Kylar tocou o ka’kari para ter certeza de que poderia usá-lo a qualquer instante. A irmã Ariel piscou. Ela vira algo diferente ou ele somente havia deixado os membros se retesar?

– Achei que esta fosse uma parte do mundo perigosa para pessoas como você – disse Kylar.

Ele não conseguia recordar as histórias, mas se lembrava de algo que associava Curva de Torras a magos morrendo.

– É. Uma das nossas irmãs, jovem e desmiolada, desapareceu. Vim procurá-la.

– O Caçador Negro – observou ele, finalmente se lembrando.

As conversas pararam nas mesas ao redor. Rostos carrancudos se viraram para ele. Pelas expressões, Kylar percebeu que o assunto não era bem-vindo por ali.

– Desculpe – murmurou, e começou a devorar a torta de carne.

A irmã Ariel observou-o comer em silêncio. Kylar sentiu uma pontada de suspeita, imaginando o que Durzo diria se soubesse que Kylar estava comendo algo servido por uma maga, mas ele já havia morrido duas vezes – talvez três – e vivido de novo, portanto, e daí? Além disso, as tortas eram boas e a cerveja melhor ainda.

Não pela primeira vez imaginou se teria sido assim também para Durzo. Ele tinha vivido durante séculos, mas será que era impossível ser morto? Devia ser. Mas nunca havia arriscado a própria vida. Seria porque o ka’kari o havia abandonado quando Kylar o conheceu? Às vezes Kylar se perguntava se existia um lado negativo em seu poder. Ele poderia viver eternamente, mas não se sentia imortal. Nem sentia o poder que, quando menino, achava que sentiria assim que se tornasse derramador. Sentia que era apenas Kylar. Ainda era Azoth, a criança sem noção,

apavorada.

– Você viu uma mulher linda passar cavalgando por aqui, irmã? – perguntou.

Vi tinha visto onde Kylar morava. Ela contaria ao Deus-rei, que destruiria tudo e todos que Kylar amava. Era assim que o sujeito agia.

– Não. Por quê?

– Se a vir – disse ele –, mate-a.

– Por quê? É sua mulher? – perguntou a irmã Ariel com um risinho.

Ele lhe lançou um olhar triste.

– O Deus não me odeia tanto assim. Ela é uma assassina.

– Então você não é um soldado. É um caçador de assassinos.

– Não a estou caçando. Gostaria de ter tempo para isso. Mas ela pode passar por aqui.

– O que há de tão importante para você abandonar a justiça?

– Nada – respondeu ele sem pensar. – Mas a justiça me foi negada por muito tempo em outros lugares.

– Onde?

– Basta dizer que estou numa missão para o rei.

– Não existe rei em Cenária, a não ser o Deus-rei.

– Por enquanto.

Ela levantou uma sobrancelha.

– Não há nenhum homem que possa unir Cenária, nem mesmo contra o Deus-rei. Talvez Terah Graesin possa, mas ela não é homem, é?

Ele sorriu.

– Vocês, irmãs, acham que sabem de tudo, não é?

– Sabia que você é um jovem ignorante irritante?

– Tanto quanto você é uma velha cansada.

– Você acha mesmo que eu mataria alguém por sua causa?

– Não creio. Desculpe, estou cansado. Esqueci que a mão do Serafim só se estende para fora de seus salões para pegar coisas para si mesmo.

Os lábios dela se comprimiram numa linha fina.

– Rapaz, não gosto de gente abusada.

– Vocês sucumbiram à embriaguez do poder, irmã. Gostam de pessoas com medo. – Ele levantou uma sobrancelha insolente, divertido. – Portanto, vá em frente. Tente me deixar com medo.

Ela ficou imóvel.

– Outra tentação do poder é golpear quem nos desafia. Você, Kylar Stern, está me tentando.

Ele escolheu esse momento para bocejar. Não era fingimento, mas não poderia ter encontrado um instante melhor. Ela ficou vermelha.

– Dizem que a velhice é a segunda infância, irmã. Além disso, no momento em que você tentasse usar seu poder, eu a mataria.

Pelos deuses, não consigo parar. Será que vou mesmo irritar metade dos magos do mundo porque uma velha me incomoda?

Em vez de ficar com mais raiva, o rosto da irmã Ariel ficou pensativo.

– Como saberia o momento certo?

– Há um modo de descobrir. Mas seria uma chatice desovar seu corpo e encobrir meus rastros. Especialmente com todas essas testemunhas.

– Como encobriria os rastros? – perguntou ela baixinho.

– Ora. Você está em Curva de Terras. Quantos magos que foram “mortos pelo Caçador Negro” você acha que foram *mesmo* mortos pelo Caçador Negro? Não seja ingênua. A coisa provavelmente nem existe.

A mulher fez uma carranca e ficou evidente para Kylar que ela nunca havia pensado nisso. Bom, ela era maga. Claro que não pensava como um derramador.

– Bom – disse ela. – Você está errado com relação a uma coisa. Ele existe.

– Se todo mundo que já entrou na floresta morreu, como sabe?

– Há um modo de *you* provar.

– Entrando na floresta?

– Não seria o primeiro a tentar.

– Seria o primeiro a ter sucesso.

– Você é tremendamente fanfarrão com relação às coisas que faria se tivesse tempo.

– Está certa, irmã Ariel. Não tenho tempo. Pelo menos não até o dia em que Cenária tiver um rei. Agora pode me dar licença?

– Um momento – disse ela enquanto Kylar se levantava. – Vou usar o poder, mas juro pelo Serafim Branco que não vou tocar você com ele. Se precisar me matar, não tentarei impedir.

Ela não esperou que ele reagisse. Kylar viu um nimbo pálido e iridescente rodeá-la. A coisa mudou rapidamente passando por todas as cores do arco-íris numa sucessão deliberada, mas algumas cores pareciam mais densas do que outras. Seria uma indicação de sua força nas várias disciplinas da magia? Ele preparou o ka’kari para devorar qualquer magia que ela lançasse – esperando se lembrar do que tinha feito antes –, mas ela não golpeou.

O nimbo não se moveu. A irmã Ariel apenas inalou fundo pelo nariz. O nimbo desapareceu. Ela assentiu, como se estivesse satisfeita.

– Os cachorros acham você muito estranho, não é?

– O quê? – perguntou ele. Era verdade, mas nunca tinha pensado muito nisso.

– Talvez você possa me dizer por que, depois de dias cavalgando sem descanso, você não fede a suor, sujeira e cavalo. Você não tem cheiro algum.

- Você está imaginando coisas – respondeu Kylar, recuando. – Adeus, irmã.
- Até um novo encontro, Kylar Stern.

Mama K estava num patamar acima do piso do armazém. Os Cães de Agon, como eles passaram a chamar a si mesmos, treinavam sob os olhos atentos dele. A força havia se encolhido para cem homens e Mama K tinha certeza de que, nesse ponto, sua existência era bem conhecida.

– Acha que eles estão prontos? – perguntou ela, enquanto Agon subia a escada com dificuldade, apoiado numa bengala.

– Mais treinamento iria deixá-los melhores. A batalha vai melhorá-los mais depressa. Mas terá baixas.

– E seus caçadores de bruxos?

– Eles não são ymmuri. Os ymmuri podem encher um homem de flechas a 100 passos de distância ao mesmo tempo que galopam. O máximo que posso esperar são dez homens que cheguem ao alcance, parem, atirem e se afastem antes que as bolas de fogo os alcancem. Meus caçadores não são dignos dos arcos que carregam, mas são muito melhores do que qualquer outra coisa que temos.

Mama K sorriu. Ele estava desconsiderando as capacidades de seus homens. Ela os tinha visto atirar.

– E suas prostitutas? – perguntou Agon. – Essa missão vai custar vidas. Elas estão preparadas para isso?

– Você ficaria pasmo se visse o rosto delas, Brant. Foi como se eu devolvesse a alma de cada uma. Elas estavam morrendo por dentro, e agora voltaram à vida, todas de uma vez.

– Ainda não recebeu notícias do Jarl? – A voz de Agon estava tensa e Mama K percebeu que, apesar de todas as discussões que Agon tivera com o rapaz, o general se preocupava com ele.

– Não era para receber. Pelo menos por enquanto. – Ela pôs as mãos no corrimão e acidentalmente roçou nos dedos dele.

Brant olhou para a mão dela e depois para seus olhos, e virou a cabeça rapidamente.

Ela se encolheu e afastou a mão. Décadas atrás, Agon havia sido arrogante e cheio de confiança juvenil, alegando poder fazer qualquer coisa melhor do que qualquer pessoa. Isso havia sumido, substituído por uma compreensão mais sóbria de seus próprios pontos fortes e fracos. Gwinvere conhecera homens arruinados

pelas esposas. Mulheres pequenas que se sentiam tão ameaçadas que solapavam os maridos durante anos a ponto de os homens não confiarem mais em si mesmos. Essas mulheres tinham enriquecido Mama K. Ela conhecia homens com esposas perfeitamente boas que eram fregueses regulares, homens viciados nos bordéis assim como outros eram viciados em vinho, mas boa parte de seus negócios vinha de homens desesperados para ser considerados masculinos, fortes, bons amantes, nobres.

Uma das muitas ironias do negócio era que eles vinham a um bordel para obter isso.

Mama K acreditava que a maioria dos homens era simplória demais para estar a salvo das tentações de uma casa de prazer. Seu negócio tinha sido garantir que essas tentações fossem multifacetadas, e ela era boa nisso. Seus estabelecimentos não eram somente puteiros. Ela possuía salas de reunião, salas de fumar, salões luxuosos, palestrantes sobre todos os assuntos que os homens amam. Em seus melhores estabelecimentos trazia chefs de cozinha e mestres do vinho de todo Midcyru. Como dona de restaurante, teria sido um tremendo fracasso. A parte da comida operava com prejuízo todo ano. Mas os homens que vinham pela comida acabavam gastando as moedas de outros modos.

Os poucos Brant Agons deste mundo não comiam as meninas dela apenas por um motivo: eram felizes em casa. Ela tinha certeza de que Agon fora zombado por causa disso. Homens que não frequentavam as casas de prazer eram sempre zombados pelos que frequentavam.

Brant tinha convicção, integridade. Fazia com que ela se lembrasse de Durzo.

O pensamento cravou em seu peito como uma lança. Fazia três meses que Durzo estava morto. Deuses, como sentia falta dele! Estivera apaixonada por Durzo. Era o único homem em sua vida que a entendia. Ela ficara aterrorizada demais para deixar que aquele amor crescesse. Tinha sido covarde. Fizera com que o relacionamento passasse fome de honestidade e, como uma planta num vaso raso, ele mirrou. Durzo era pai de sua filha. Só havia descoberto isso alguns dias antes de morrer.

Agora Mama K estava com 50 anos, quase 51. Os anos tinham sido gentis com ela, pelo menos na maior parte do tempo parecia assim. Em geral ela aparentava quinze anos a menos. Bom, pelo menos dez. Se tentasse, ainda poderia ter o necessário para seduzir Brant.

Uma vez puta, sempre puta, hein, Gwin?

Costumava desprezar as velhas que se agarravam à juventude perdida com as unhas pintadas. Agora era assim. Parte dela queria Brant só para provar que ainda conseguia. Mas não queria seduzir Brant. Fazia anos que não levava um homem para a cama. Apesar de todas as vezes em que isso tinha sido trabalho, houvera ocasiões

em que gostara do amante do momento, ou mesmo admirara. E havia Durzo. Na noite em que conceberam Uly, ele estava tão doido com cogumelos que nem foi exatamente um amante, mas ter o homem amado compartilhando sua cama a preenchia até transbordar. Estava tão tomada por amor e por sofrimento que chorou durante o ato. Mesmo drogado, Durzo parou e perguntou se a estava machucando. Depois disso, ela precisou de toda sua habilidade para levá-lo até o final. Durzo era um homem terno quando se tratava de tomar o prazer.

Agora a filha deles seria criada por Kylar e Elene. Era a única mentira da qual não se arrependia. Uly ficaria bem com os dois.

Mas estava cansada de mentir. Cansada de tomar e jamais dar. Não queria seduzir Brant. Sabia que ele a desejava e que era bem provável que a esposa dele estivesse morta. Era provável, mas ele não poderia saber. Não queria saber. Quanto tempo um homem como Brant Agon esperaria pela mulher amada?

Para sempre. Ele é desse tipo.

Trinta e tantos anos antes, os dois tinham se conhecido numa festa, a primeira dela na casa de um nobre. Ele se apaixonou por ela e ela lhe permitiu cortejá-la, jamais dizendo o que fazia, quem era. Ele era galante, confiante, decidido a deixar sua marca no mundo, e tão docemente cuidadoso no cortejar que não lhe pediu um beijo durante um mês.

Ela cedeu à fantasia. Ele iria se casar com ela, levá-la para longe de todos os horrores. Ainda não tinha muitos clientes nobres. Era possível, não era?

Na noite do primeiro beijo, um nobre se referiu a ela como a prostituta mais doce que ele já tivera. Brant ouviu, desafiou o homem para um duelo e o matou. Gwinvere fugiu. No dia seguinte, Brant ficou sabendo da verdade. Alistou-se e tentou ser morto honrosamente lutando na fronteira ceurana.

Mas Brant Agon era competente demais para morrer. Com o tempo, apesar de desprezar adulações e politicagem, seu mérito o fez subir de posto. Casou-se com uma mulher simples, de uma família de mercadores, e teve um casamento feliz.

– Quanto tempo vai demorar para preparar tudo? – perguntou ela. Esperava que a paixonite de Brant tivesse morrido. Iria ajudá-lo a se desviar da verdade. Era boa nisso, pelo menos.

– Gwin.

Ela se virou e olhou-o nos olhos, com a máscara no lugar, os olhos tranquilos.

– Sim?

Ele suspirou.

– Eu amei você durante anos, Gwin, mesmo depois...

– Da minha traição?

– Da sua indiscrição. Você tinha 16, 17 anos? Você se enganou primeiro, e acho que sofreu mais do que eu.

Ela fungou.

– Mesmo assim, não tenho rancor. Você é uma mulher linda, Gwin. Mais linda do que minha Liza jamais foi. É tão inteligente que sinto que preciso correr para acompanhar sua caminhada. Você... me afeta profundamente.

– Mas?

– Mas eu amo Liza. Ela me amou durante milhares de dificuldades e merece tudo que eu tenho para dar. Quer você tenha sentimentos de ternura por mim ou não, enquanto eu tiver esperança de que minha Liza esteja viva, eu peço... imploro... que me ajude a permanecer fiel a ela.

– Você escolheu uma estrada difícil.

– Não é uma estrada. É uma batalha. Às vezes a vida é nosso campo de batalha. Precisamos fazer o que sabemos, e não o que queremos.

Gwinvere suspirou e, no mesmo instante, sentiu-se mais leve. Desviar-se da atração de Brant poderia se transformar facilmente em se desviar da presença dele, e agora precisava trabalhar perto daquele homem. *A honestidade é tão fácil assim? Será que eu poderia simplesmente ter dito: “Durzo, amo você, mas tenho medo de você me destruir”?* Brant tinha acabado de lhe oferecer sua vulnerabilidade, confessado o efeito dela sobre ele. No entanto, não parecia mais fraco por causa disso, e sim mais forte. *Como foi isso? A verdade pode ser tão poderosa?*

Então ela jurou, dentro do coração, que não iria tentar esse homem por sua própria vaidade. Não com a voz, nem com toques acidentais, nem com a vestimenta. Abandonaria todas as armas de seu arsenal. Essa decisão a deixou estranhamente... decente.

– Obrigada – disse. E deu um sorriso afável. – Quanto tempo até eles estarem prontos?

– Três dias.

– Certo. Em breve faremos a noite ficar da cor do sangue.



Solon largou as duas sacolas pesadas e segurou Dorian enquanto o profeta cambaleava. A princípio não entendeu o que Dorian tinha dito.

– O que disse?

Dorian empurrou o braço de Solon. Vestiu a capa, colocou o cinturão da espada e pegou dois pares de algemas.

– Por aqui – disse, pegando um dos sacos com Solon e indo pela estrada aberta, para longe da muralha.

O terreno que levava à muralha era rochoso, estéril. As árvores tinham sido derrubadas até uma distância de 150 metros e, apesar de a estrada ter largura suficiente para vinte homens lado a lado, tinha buracos e sulcos de muitos pés e rodas de carroça num chão que se alternava entre terra e rocha sólida.

– Khali está vindo – começou a explicar Dorian antes que Solon pudesse perguntar de novo. – Abri mão de meu dom profético para o caso de ela me capturar.

Solon não conseguiu responder. Dorian parou embaixo de um carvalho que crescia num afloramento rochoso acima da estrada.

– Ela está aqui. A menos de uma légua. – Dorian não afastou o olhar da árvore. – Vai ter de servir. Certifique-se de só pisar em pedras. Vão me encontrar se virem rastros.

Solon não se mexeu. Finalmente Dorian tinha enlouquecido. Nas outras vezes isso era óbvio: ele simplesmente ficava catatônico. Mas agora parecia muito racional.

– Venha, Dorian. Vamos voltar à muralha. Podemos falar sobre isso de manhã.

– A muralha não estará lá de manhã. Khali vai atacar na hora dos bruxos. Isso lhe dá cinco horas para tirar os homens de lá. – Dorian subiu para a laje de pedra. – Jogue os sacos para mim.

– Khali, Dorian? Ela é um mito. Você está tentando me dizer que uma deusa está a meia légua daqui?

– Não é uma deusa. Talvez seja um dos anjos rebeldes expulsos do céu e que ganharam licença para andar pela terra até o fim dos dias.

– Certo. Imagino que ela tenha trazido um dragão também, não é? Podemos falar sobre...

– Os dragões evitam os anjos. – O desapontamento desenhava as feições de Dorian. – Vai me abandonar agora que preciso de você? Alguma vez lhe disse uma mentira? Você também achava que Curoch era um mito, antes de a encontrarmos. Preciso de você. Quando Khali atravessar a muralha, vou sair da minha mente. Você já me viu quando pensei que podia usar o vir para o bem. Aquilo foi igual a uma parte de vinho misturada a dez partes de água; isto agora é álcool puro. Eu vou me perder. A simples presença dela provoca o pior. Os piores temores, as piores lembranças, os piores pecados. Meu orgulho vai aparecer. Posso tentar lutar com ela, mas serei derrotado ou meu desejo de poder vai me dominar e vou me juntar a ela. Ela me conhece. Ela vai me dominar.

Solon não conseguia afastar o olhar dos olhos de Dorian.

– E se você estiver errado? E se isso for a loucura com relação à qual me alertou durante tantos anos?

– Se a muralha estiver de pé ao amanhecer, você saberá.

Solon jogou os sacos para Dorian e depois subiu com cuidado na pedra, certificando-se de não deixar sequer uma pegada.

– O que você está fazendo? – perguntou enquanto Dorian sorria para ele e derramava o ouro no chão.

Dorian pegou as algemas e as correntes de ferro que as uniam se despedaçaram como se fossem feitas de papel. Largou uma algaema na pilha de moedas e ela caiu como se as moedas fossem líquidas. As outras três algemas a acompanharam e a pilha de moedas diminuiu cada vez mais. Dorian enfiou a mão no ouro e tirou cada uma das algemas, agora banhadas em ouro, e colocou uma em cada pulso. Esticou o ferro do segundo par e colocou as algemas nas coxas, logo acima do joelho.

Era espantoso. Dorian sempre havia jurado que seu poder com o vir tinha reduzido seu Talento, no entanto aqui estava ele, moldando ouro e ferro com habilidade e sem esforço.

Em seguida, Dorian moldou o resto das moedas em quatro espetos finos e no que parecia ser uma tigela. Parou e se concentrou. Solon podia sentir os feitiços passando por ele e penetrando no metal. Depois de dois minutos, Dorian falou baixinho com o carvalho.

– Haverá um contingente com ela, as Almas Juradas – disse Dorian. – Eles abriram mão do que significa ser humano para servir a Khali. Mas não são o verdadeiro perigo. Ela é. Solon, não creio que você possa derrotá-la. Acho que você deveria levar os homens para longe daqui. Leve-os para algum lugar onde a morte deles possa resultar em alguma coisa. Os filhos de Garoth Ursuul construirão feralis se ela chegar a Cenária. Eles serão usados na resistência. Isso eu vi.

– Você não fez mesmo aquilo, fez? Não destruiu de verdade o seu dom – disse Solon.

– Se eu não o vir de novo, amigo, que o Deus esteja com você.

Então Dorian fundiu os espetos de ouro nas algemas e se ajoelhou ao lado da árvore. Cravou os espetos na árvore com uma facilidade que não era natural. Suas mãos estavam altas e muito separadas. Enquanto ele se ajoelhava, obviamente pronto para rezar durante qualquer sofrimento que achava que estivesse chegando, Solon sentiu uma pontada de inveja. Desta vez não era pelo poder, pela linhagem ou pela integridade simples e humilde de Dorian. Invejava a certeza dele. O mundo de Dorian era muito límpido. Para ele, Khali não era uma deusa nem algo criado pela imaginação dos khalidori, nem apenas um monstro antigo que havia induzido o povo de Khalidor a adorá-la. Era um anjo expulso do céu.

Tudo tinha um lugar no mundo de Dorian. Existia hierarquia. As coisas se encaixavam. Até um homem com os enormes poderes de Dorian podia ser humilde, porque sabia que outros estavam muito acima, mesmo que jamais encontrasse um deles. Dorian podia citar o mal sem medo nem rancor. Podia afirmar que alguns faziam o mal ou serviam a ele, sem odiá-los. Solon jamais havia conhecido alguém assim. A não ser, talvez, o conde Drake. O que teria acontecido com ele? Teria morrido no golpe?

– O que isto faz? – perguntou Solon, pegando o que tinha sido uma tigela de ouro.

Agora era algo entre um capacete e uma máscara. Iria se ajustar completamente sobre a cabeça de Dorian, com apenas dois pequenos buracos no nariz, para respirar. Virou o objeto. Era uma escultura perfeita do rosto de Dorian, chorando lágrimas de ouro.

– Isso vai me impedir de vê-la, de ouvi-la, de gritar com ela, de me afastar deste lugar. Vai me impedir de ceder à última tentação: acreditar que tenho força suficiente para lutar contra ela. Espero que também me impeça de usar o vir. Mas não posso me atar magicamente. Preciso que você faça isso por mim. Depois de ela ter passado, poderei escapar quando o sol nascer e encher de novo meu Talento, de modo que você não precisa se preocupar comigo. Seu ouro estará aqui depois.

– Você vai embora, independentemente de qualquer coisa.

Dorian sorriu.

– Não pergunte para onde.

– Boa sorte.

Havia um nó na garganta de Solon, que o fez se lembrar de como tinha sido bom não estar sozinho de novo. Até mesmo brigar com Dorian e Feir era melhor do que a paz sem eles.

– Você tem sido um irmão para mim, Solon. Acredito que vamos nos encontrar de novo antes que tudo isso termine. Agora depressa.

Solon ajustou o capacete de ouro na cabeça de Dorian e o atou com a maior

magia que pôde, esvaziando completamente sua *glore vyrden* para fazer isso. Não poderia mais fazer magia até o sol nascer. Não era um pensamento confortável. Enquanto descia do afloramento de rocha, jurou que viu a casca de árvore crescendo sobre os braços de Dorian, nas partes que estariam expostas.

Da estrada, Dorian era invisível.

– Adeus, irmão – disse.

Depois se virou e caminhou até a muralha. Agora só precisava convencer Lehros Vass de que não estava maluco.

O Deus-rei se acomodou no trono de vidro vulcânico esculpido a partir da rocha da Bocarra. O negrume de gumes afiados era ao mesmo tempo uma lembrança, um aguilhão e um conforto para ele.

Seu filho estava de pé diante dele. Seu primeiro *filho*, não somente a semente de seu ventre. O Deus-rei espalhava sua semente, mas não considerava que as ervas que brotavam fossem filhos. Eram apenas bastardos, e ele não pensava neles. Os únicos que importavam eram os meninos que seriam vürdmeisters. Mas a maioria não conseguia sobreviver ao treinamento. Apenas alguns garotos, dentre vintenas que nasciam bruxos, sobreviviam para se tornar seus aethelings, os filhos dignos do trono. Cada um desses recebera um uurdthan, um tormento para provar seu valor. Apenas Moburu tivera sucesso até agora. Apenas Moburu ele reconhecia como filho. Ainda assim, não era seu herdeiro.

A verdade era que Moburu lhe incomodava. Garoth se lembrava da mãe do rapaz. Era princesa de alguma ilha, capturada nos dias antes de o império sethi ter destruído a tentativa de Garoth montar uma Marinha. Ele ficara intrigado com ela, e ainda que uma interminável procissão de outras mulheres, de nascimento alto ou baixo, dispostas ou não, passasse por seu quarto, ficou tentado a seduzi-la. Ela era tão passional quanto ele era calculista, tão quente quanto ele era frio. Era exótica, fascinante. Garoth havia tentado tudo, menos magia. Tinha certeza de que nenhuma mulher poderia resistir a ele.

Depois de um ano ela ainda se agarrava ao desdém altivo. Desprezava-o. Numa noite ele perdeu a paciência e a estuprou. Planejara estrangulá-la depois, mas ficou estranhamente envergonhado. Mais tarde Neph lhe contou que a mulher havia engravidado. Ele tirou a criança da mente até Neph informar que o menino tinha sobrevivido aos testes e estava pronto para seu uurdthan. Ele completou a tarefa com tanta facilidade quanto qualquer outra que Garoth propusera.

A pior parte de tudo foi que o presumível herdeiro do trono de Khalidor nem parecia khalidori. Tinha os olhos, a voz gutural e a pele da mãe: ladeshi.

Era um incômodo amargo. Por que Dorian não tinha conseguido? Garoth se sentira tão esperançoso com relação a Dorian! Gostava de Dorian. Dorian alcançou seu uurdthan e depois traiu Garoth. Garoth sentira esperanças menores pelo que se chamava de Roth, mas pelo menos Roth parecia khalidori.

Moburu usava as insígnias de um oficial de cavalaria alitaerano, brocado vermelho sobre ouro com o emblema de uma cabeça de dragão. Era inteligente, de raciocínio rápido, seguro de si, levemente bonito – apesar da pele ladeshi, supostamente um dos melhores cavaleiros e implacável. Tinha a postura de um filho do Deus-rei. Usava a humildade com a mesma naturalidade com que um homem usaria um vestido.

Isso irritava Garoth. Entretanto, ele havia programado a vida das suas sementes para que os sobreviventes se tornassem exatamente o que Moburu era. Seu problema era que esperava conseguir um bom número de filhos. Assim, a atenção de cada um estaria fixada no outro. Irmão tramaria contra irmão em busca dos favores do pai. Mas agora, com Dorian longe, Roth morto e nenhum dos outros tendo ultrapassado o uurdthan, Moburu estava sozinho. A ambição do sujeito iria obrigá-lo a voltar os olhos para o próprio Deus-rei. Se é que já não tinha feito isso.

– Quais são as notícias do Gelo? – perguntou o Deus-rei.

– Santidade, a coisa está pior do que havíamos pensado. Os clãs já mandaram as convocações. Concordaram com tréguas para que possam passar o inverno suficientemente perto da fronteira e se juntar ao bando guerreiro na primavera. Estão procriando kruls, e talvez zels e feralis. Se aprenderam a fazer isso, vão aumentar seus números nos próximos nove meses.

– Como eles encontraram um lugar para procriar no Gelo, pelo amor de Khali? Sob o chão congelado? – Garoth xingou.

– Senhor – disse seu filho –, podemos nos contrapor a isso facilmente. Tomei a liberdade de ordenar que Khali fosse trazida para cá. Ela virá através dos Morros Uivantes. É mais rápido.

– Você fez *o quê*? – A voz do Deus-rei saiu gelada, perigosa.

– Ela vai massacrar uma das guarnições mais formidáveis de Cenária, poupando uma dor de cabeça ao senhor. Vai chegar dentro de alguns dias. Embaixo deste castelo há um local perfeito para procriação. Os prisioneiros o chamam de Bocarra. Com Khali aqui podemos formar um exército como o mundo jamais viu. Esse local está imerso em sofrimento. As cavernas embaixo de Khaliras foram mineradas durante setecentos anos. Os kruls que nossos vürdmeisters podem produzir lá não são nada em comparação com o que é possível aqui.

Os músculos do Deus-rei estavam rígidos, mas ele não permitiu que seu rosto expressasse uma reação.

– Filho, você nunca procriou kruls. Nunca forjou feralis nem gerou ferozis. Não faz ideia do custo disso. Há um motivo para eu ter usado exércitos humanos para conquistar as terras altas, os clãs do rio, os tlanglang e os grosth. Solidifiquei nosso domínio e expandi nossas fronteiras quatro vezes. E nunca usei kruls para isso. Sabe como as pessoas lutam quando sabem que, se perderem, as famílias inteiras serão

comidas? Lutam até o último homem. Armam as crianças com arcos. As mulheres usam facas de cozinha e atijadores. Eu vi isso na juventude, e não rendeu nada ao meu pai.

– Seu pai não tinha o vir que o senhor tem.

– Há mais nisso do que o vir. Esta conversa terminou.

Moburu nunca ousara falar com ele assim. E ordenar que Khali fosse trazida para cá sem perguntar antes! Mas Garoth ficara inquieto. Tinha mentido. Ele havia feito kruls, ferozis e até feralis. Feralis haviam matado seus dois últimos irmãos. Depois disso, ele jurou: *nunca mais*. Nunca mais usaria nenhum dos monstros, a não ser os poucos casais de ferozis reprodutores com que estivera trabalhando para algum dia mandar à floresta iaosiana em busca dos tesouros de Ezra. Já havia pagado por esses.

Por outro lado, por pior que fosse dar o braço a torcer, Moburu podia estar certo. Garoth havia se acostumado a tratá-lo como parceiro, um filho, com o sentido que os outros pais tratavam os filhos.

Tinha sido um erro. Ele demonstrara indecisão. Sem dúvida Moburu já estava tramando pelo trono. Garoth poderia matá-lo, mas o rapaz era uma ferramenta valiosa demais para ser jogada fora. Maldito. Por que seus irmãos não tinham dado certo? Moburu precisava de um rival.

O Deus-rei levantou um dedo.

– Mudei de ideia. Defenda seu ponto de vista.

Moburu fez uma pausa por um momento, depois inchou com autoconfiança.

– Admito que nossos exércitos provavelmente poderiam enfrentar os selvagens do Gelo. Mesmo se os clãs permanecerem juntos, nossos vürdmeisters poderiam inclinar a balança a nosso favor. Mas para isso teríamos que mandar os nossos melhores meisters para o norte. Honestamente não poderia haver pior momento. As irmãs já suspeitam e estão amedrontadas. Algumas dizem que precisam lutar contra nós agora, antes de ficarmos mais fortes. Sabemos que os ceuranos vão aproveitar qualquer fraqueza para avançarem pela fronteira. Eles desejam Cenária há centenas de anos.

– Os ceuranos estão divididos.

– Há um brilhante general chamado Lantano Garuwashi, que está reunindo um grande número de seguidores no norte de Ceura. Ele nunca perdeu um duelo ou uma batalha. Se mandarmos nossos exércitos e nossos meisters para o norte, nos atacar poderia ser exatamente o que ele necessita para unificar Ceura. É improvável, mas possível.

– Continue – disse o Deus-rei. Sabia tudo sobre Lantano Garuwashi. Também não estava preocupado com as irmãs. Tinha arranjado pessoalmente a atual crise política delas.

– Também parece que o Sa’kagé está muito mais bem estabelecido e com uma liderança mais capaz do que acreditávamos. Obviamente é obra desse novo Shinga, Jarl. Acho que isso demonstra que ele passou para uma nova fase de...

– Jarl está morto – disse Garoth.

– Não pode ser. Não encontrei nenhum sinal...

– Jarl está morto há uma semana.

– Mas não há informações sobre isso, e com o nível de organização que encontramos... não entendo.

– Não precisa entender – disse o Deus-rei. – Continue.

Ah, agora Moburu parecia menos confiante. Bom. Ele obviamente queria perguntar mais, porém não ousaria. Hesitou por um momento, depois disse:

– Correm boatos de que Sho’cendi está mandando uma delegação para investigar o que eles chamam de suposta ameaça khalidori.

– Suas fontes chamam aquilo de delegação? – perguntou Garoth, com um pequeno sorriso.

Moburu pareceu incerto, depois com raiva.

– Si... sim, e se os magos decidirem que somos uma ameaça, podem voltar para Sho’cendi e retornar com um exército na primavera, ao mesmo tempo que todas as nossas outras ameaças podem se materializar.

– Esses delegados são magos de batalha. Seis magos de batalha integrais. Os Sa’sEURANS acreditam que encontraram e perderam Curoch, a espada de Jorsin Alkestes. Acham que ela pode estar aqui em Cenária.

– Como o senhor sabe disso? – perguntou Moburu, pasmo. – Minha fonte fica perto do próprio Alto Sa’sEURAN.

– Seu irmão me contou – respondeu o Deus-rei, satisfeito com essa reviravolta na conversa. Estava de novo em seu lugar. No controle. Vivo. Movendo o mundo no âmago de seus desejos. – Ele é um dos delegados.

– Meu irmão?

– Bom, ainda não é um irmão. Acho que você pode adivinhar qual é o uurdthan dele. É um pouco mais difícil do que o seu.

Moburu absorveu o insulto e Garoth pôde sentir o rancor crescendo.

– Ele deve recuperar Curoch? – perguntou Moburu.

Garoth sorriu com os lábios apertados. Podia ver Moburu pensando. Um filho que recuperasse Curoch seria tremendamente favorecido, ficaria tremendamente poderoso. De fato, uma das úlceras de Garoth tinha o nome de Curoch. Se algum dos seus filhos recuperasse Curoch, esse filho talvez não a entregasse. Curoch daria a ele poder suficiente para desafiá-lo.

Moburu pensava nisso neste exato momento. Mas Garoth já tinha planos para qualquer tentativa nesse sentido, desde os mais fáceis – subornos e chantagem – até

os mais desesperados – um feitiço de morte que poderia lançar sua consciência no corpo do assassino. Não era um feitiço que alguém pudesse testar com facilidade, de modo que o melhor era manter a espada longe das mãos dos filhos.

– Mas você levantou alguns pontos excelentes, filho. Você se tornou valioso para mim. – *Ah, como irritava dizer isso a esse mestiço. Filho!* – Vou conceder seu desejo. Você vai construir um ferali para mim.

Os olhos de Moburu se arregalaram. *Ah, ele não fazia ideia.*

– Sim, Santidade.

– Moburu? – Garoth esperou o silêncio se assentar até o filho engolir em seco.

– Deixe-me impressionado.



— Você quer que fuçamos e não vai dizer por quê? Isso deveria me impressionar?
— perguntou lorde Vass.

Trezentos soldados tinham se reunido no pátio escuro. A lua era uma lasca num céu noturno inflamado de estrelas. Trezentos soldados vestidos para a batalha, amontoados contra o frio feroz que havia baixado das montanhas, ainda que o calor do verão mal tivesse diminuído na cidade de Cenária. Trezentos soldados e seu comandante — que não era Solon. Trezentos homens que ouviam a conversa entre Solon e Lehros Vass.

— Admito que o pedido não faz muito sentido — respondeu Solon baixinho. — Mas só peço por um dia. Saímos durante um dia, depois voltamos. Se eu estiver errado... Bem, possíveis saqueadores não levarão muitas coisas. Somos as únicas pessoas nessas montanhas esquecidas por Deus, a não ser os homens das terras altas, e eles não atacam a muralha há três anos.

— Isso significa abandonar nosso posto — disse o jovem nobre. — Juramos sustentar esta muralha.

— Nós não temos posto — reagiu Solon ríspidamente. — Não temos rei, não temos senhor. Temos trezentos homens e um país ocupado. Nossos juramentos são para homens mortos. Nosso dever é manter estes homens vivos para que possam lutar quando tivermos chance. Este não é o tipo de guerra em que atacamos as linhas inimigas com glória e honra.

Lorde Vass era suficientemente jovem para ficar vermelho de raiva e constrangimento. Claro que esse era o tipo de guerra que ele tivera em mente. Quanto tempo fazia que Solon havia perdido essas ilusões de guerra?

Os homens não moviam nenhum músculo, mas todos viram a raiva no rosto de lorde Vass, o vermelho cada vez mais acentuado por causa da luz trêmula das tochas.

— Se deseja uma fuga, exijo saber por quê — disse lorde Vass.

— Um contingente de elite khalidori, chamado de Almas Juradas, está chegando. Estão trazendo Khali, a deusa khalidori, para Cenária. Vão atacar a muralha na hora dos bruxos.

— E você quer sair daqui? — perguntou Vass, incrédulo. — Sabe o que significa se capturarmos a deusa khalidori? Isso vai destruí-los. Vai dar esperança aos nossos

compatriotas. Seremos heróis. É aqui que devemos impedi-los. Temos as muralhas, as armadilhas, os homens. Esta é a nossa chance. É exatamente por isso que estivemos esperando.

– Filho, essa deusa... – Solon trincou os dentes. – Não estamos falando de capturar uma estátua. Acho que ela é real.

Lehros Vass olhou para Solon, primeiro incrédulo, depois indulgente.

– Se deseja fugir, pode ir. Você sabe onde fica a estrada. – Ele deu um risinho, tonto com o próprio sentimento de grandeza. – Claro, não posso deixar que parta até que me devolva meu ouro.

Se Solon contasse onde estava o ouro dele, Vass mandaria seus homens pegá-lo imediatamente. Dorian ficaria impotente.

– Vá para o inferno – disse Solon. – E eu vou também. Vamos morrer juntos.



A irmã Ariel Wyant estava sentada a 5 passos da primeira fronteira mágica que separava a floresta iaosiana do bosque de carvalho. Nos últimos seis dias estivera de olho no que parecia ser uma placa a 6 metros dentro da floresta. Não aparentava estar ali durante muito tempo: o mato baixo ainda não a havia coberto.

Sua primeira esperança em todos os exames do lacre era que Ezra o fizera centenas de anos antes. Se fosse outro mago, ela esperaria que a magia se desintegrasse depois de tanto tempo. Mas, com Ezra, *sempre* não significava sempre. A prova tremeluzia logo abaixo da visão comum diante dela.

A segunda esperança era de que, dado o poder de Ezra e dos outros magos de sua época, ele estaria se defendendo contra oponentes muito mais poderosos do que qualquer um que estivesse vivo hoje. A irmã Ariel não tinha a arrogância de pensar que era igual aos que Ezra esperaria. Só podia esperar que seus toques leves não fossem percebidos. Os cupins eram minúsculos, mas destruíam muitas casas poderosas.

Assim, durante seis dias tinha examinado o lacre que separava a floresta iaosiana do bosque de carvalho. Era uma coisa linda, como uma teia de viúva negra. Havia armadilhas grandes e pequenas. Havia tramas destinadas a se desfazer com o toque mais leve, tramas que se destinavam a ser desemaranhadas, tramas que não podiam ser partidas nem com o dobro da força de Ariel. E cada uma delas continha uma armadilha.

Ariel podia adivinhar exatamente o que a irmã Jessie fizera. Provavelmente havia tentado esconder seu Talento. Uma estratégia perfeita para o primeiro dia. Funcionaria se Ezra tivesse sido um mago mediano. A irmã Jessie era fraca a ponto

de ser capaz de comprimir seu Talento e depois escondê-lo sob um escudo. Isso tornaria o Talento invisível para outras irmãs ou videntes homens. Era um pensamento estranho: quantas vezes mulheres Talentosas teriam se beneficiado dessa estratégia para se esconder ou esconder suas filhas de irmãs que vinham recrutá-las para o Chantry? Ariel balançou a cabeça. Não era hora de se distrair. O problema era que a magia de Ezra não registrava apenas o Talento. Pelo que dava para ver – e Ariel precisava adivinhar por causa da complexidade e delicadeza das tramas –, a magia de Ezra detectava os corpos dos magos.

Todo mundo sabia que os magos eram diferentes das pessoas comuns, mas nem mesmo os curandeiros de hoje entendiam como a magia mudava a carne de um mago. O fato de que isso acontecia era inegável. Os magos envelheciam de modo diferente, mais devagar quanto mais Talentosos fossem, mas às vezes, não. De qualquer modo, sua própria carne era alterada de maneiras sutis devido às interações constantes com a magia. Aparentemente Ezra sabia quais maneiras eram essas. A irmã Ariel deveria ter adivinhado isso. Dentre muitos outros feitos, ele havia sido um Sa'salar, um Senhor da Cura. Tinha criado o Caçador Negro – criado um ser vivo!

Ah, irmã Jessie, você atravessou direto essa parede de magia? Achou mesmo que era mais inteligente do que o próprio Ezra? Os ossos de quantos magos estão espalhados nessa floresta maldita?

Estava deixando a mente se desviar do problema. Ainda estava viva. Tinha passado pela primeira barreira. Agora precisava fazer algo. Precisava pegar aquela maldita placa de ouro. Ela estava presa, a 6 metros dali, em cima de um calombo no terreno. Era perto demais, no entanto ela não era capaz de pegá-la. Seu exame das armadilhas de Ezra a convenceu disso. Ainda que conseguisse, demoraria anos para desfazer cada uma. Jamais poderia ter certeza de quantas outras camadas de proteção restavam. Ezra podia ter tecido esse lacre em poucos dias. Podia ter pretendido que esta camada fosse penetrada por magos fracos. A irmã Ariel poderia passar toda a vida dismantelando armadilhas e jamais descobrindo os verdadeiros segredos de Ezra.

Se tivesse vindo aqui quando era mais nova, poderia achar que esse era um bom uso de sua vida. Mas não era mais tão idealista. Houve uma época em que acreditava no Chantry com o tipo de fé idiota que a maioria das pessoas reserva para a própria religião. Se Ezra realmente possuía artefatos poderosos, será que Ariel desejaria entregá-los à porta-voz? Será que confiaria a Istriel uma coisa que multiplicaria por dez seu poder?

Pare com isso, Ariel, está deixando a mente divagar de novo.

Olhou para a placa. Então começou a rir. Era tão simples! Levantou-se e começou a voltar para a aldeia. Retornou meia hora depois com o estômago cheio e

uma corda. O mestre Zoralat tinha feito a gentileza de lhe mostrar como elaborar e atirar um laço. Nos últimos dois dias ela havia se perguntado como chegar à placa – e durante dois dias pensara apenas em meios mágicos. Idiota, idiota, idiota.

As horas seguintes também mostraram que ela era desajeitada. Quantas vezes na vida tinha zombado dos homens que trabalhavam nos estábulos do Chantry? Este era o tipo de exercício a que toda irmã deveria se expor diante de todos os cavaleiros de lá.

O dia terminou e ela ainda não tinha conseguido laçar a placa. Xingou no meio da floresta e foi para casa. Voltou no dia seguinte, com o braço e o ombro doendo. Demorou mais três horas, em que se xingou, xingou a corda, xingou Ezra, xingou sua falta de prática e simplesmente xingou – mas tudo isso em silêncio.

Quando finalmente o laço caiu em volta da placa, ela podia jurar que o ouro havia reluzido. Queria estender os sentidos para ver o que tinha acontecido, mas estava longe demais. Decidiu que não havia nada a fazer, além de puxar aquela porcaria.

A placa não se moveu a princípio. Estava presa. Então, enquanto Ariel puxava, parte do calombo de terra se mexeu e rolou, soltando-a. Não era um calombo de terra; era o corpo da irmã Jessie. Estava morta havia semanas. Crescia mofo sobre seu manto brilhante, obscurecendo as manchas de sangue. Parecia que uma garra havia arrancado metade da cabeça num único e terrível golpe. Desde sua morte nenhum animal tinha mexido no corpo: não havia ursos, coiotes, corvos ou outros animais de rapina na floresta de Ezra, mas os vermes trabalharam com afinco.

A irmã Ariel desviou o olhar, permitindo-se um momento de fragilidade diante do corpo mutilado de uma pessoa conhecida. Respirou lentamente, satisfeita porque o corpo de Jessie estava àquela distância. Ela estivera tão perto durante dias, e nem ao menos tinha sentido cheiro de podridão. Seria um truque do vento ou era magia?

A placa estava presa nas mãos de Jessie.

A irmã Ariel cercou todas as emoções que sentia e as colocou de lado. Iria examiná-las mais tarde, junto das lágrimas que brotariam. Por enquanto podia estar correndo perigo. Olhou a placa. Estava longe demais para dizer quais símbolos havia na superfície, se é que havia, mas existia algo ali que a enregelava até os ossos.

A placa quadrada tinha ganchos cravados na corda. Pareciam ter se formado quando o laço pousou, para ajudá-la a puxar.

Puxou a placa para perto do lacre, mas a manteve do outro lado. Não sabia o que aconteceria se puxasse alguma coisa mágica através da barreira. A escrita era gamítica, mas Ariel descobriu que ainda conseguia traduzi-la:

“Se este for o quarto dia, espere. Se for o sétimo, puxe a placa e a tire do lacre agora”, dizia o texto.

As runas continuavam, mas Ariel parou e fez um muxoxo. Não era o tipo de

coisa que alguém escreveria numa placa. Imaginou para quem as palavras se dirigiam. Será que a placa fazia parte de algum teste antigo? Um rito de passagem para magos? Como a irmã Jessie a interpretara? Por que tinha achado tão importante?

Continuou lendo: “Dias diante do lacre, Cara de Cavalo. Você é péssima laçadora, por sinal.”

Ariel soltou a corda dos dedos nervosos. Tinha sido chamada de Cara de Cavalo quando era uma noviça. Tentou traduzir as palavras de outro modo, mas as runas gamíticas deixavam claro que era um apelido pessoal, um insulto específico, e não genérico.

Analisando como a placa estava presa à corda, teve uma certeza súbita de que ela havia *agarrado* a corda. Como se fosse um ser pensante. Os ganchos não estavam posicionados igualmente em lados opostos da placa. Era como se tivessem crescido em resposta ao toque do laço.

A placa reluziu e a irmã Ariel cambaleou para trás, com medo.

Foi um erro. Seu pé se prendeu numa laçada da corda e, enquanto ela caía, puxou a placa através do lacre. Levantou-se o mais depressa que seus membros gordos permitiram. A placa não estava mais reluzindo. Ariel pegou-a.

“Profecia”, estava escrito, as runas gamíticas se dissolvendo na língua comum enquanto ela tocava a placa. “E não ser pensante.”

Engoliu em seco, sem saber se acreditava. O texto continuou a aparecer diante dela, como se escrito por uma pena invisível.

“Se este for o sétimo dia, olhe 2 estádios em direção ao sul.”

Estádios? Talvez fosse uma unidade de medida intraduzível. A que distância correspondiam 2 estádios? Trezentos passos? Quatrocentos?

O medo paralisou a irmã Ariel. Nunca fora do tipo aventureira. Era uma estudiosa, e tremendamente boa. Era uma das irmãs mais poderosas, mas não gostava de entrar em coisas que não entendia. Virou a placa.

“Lacres nas árvores”, tinha escrito Jessie al’Gwaydin com uma letra tremida. “Não confie nele.”

Ah, perfeito.

A irmã Ariel estava presa. As palavras da irmã Jessie só podiam ter sido escritas com magia. Sem dúvida a irmã Jessie não usaria magia dentro da floresta. Seria suicídio.

Ela *está* morta.

Podia ser uma armadilha. A placa poderia ter provocado alguma coisa enquanto era puxada através do lacre. Poderia haver uma armadilha nas árvores ao sul, para onde a placa estava tentando levá-la. Talvez ela devesse escrever algo, ignorar a armadilha, jogar segundo suas próprias regras.

Mas a irmã Ariel não voltou a Curva de Torras para escrever em seu diário. Tinha estudado o lacre ao sul. Se houvesse uma armadilha, ela já a havia acionado. Existia um lugar e uma hora para a pressa. Pelo jeito era aqui e agora.



— Você é um pé no saco. Como Kylar aguenta? — perguntou Vi.

Fazia uma semana que estavam na trilha, e se Uly não era a melhor companhia possível, pelo menos era mais interessante do que os cavalos, as árvores e os pequenos povoados que as duas precisavam evitar. Vi não estava conversando, e sim juntando muitas informações. Kylar vinha para matá-la.

— Ele aguenta porque me ama — respondeu Uly, desafiadora como sempre. — Um dia ele vai se casar comigo.

Quando Uly insinuou algo parecido antes, Vi estranhou. No entanto, depois de fazer algumas perguntas que deixaram a menina perplexa, ela percebeu que suas suspeitas estavam erradas. Kylar não era pedófilo.

— É, é, eu sei. Mas ele não podia ter amado você antes de conhecer, podia? Você disse que quando ele tirou você do castelo foi a primeira vez em que o viu.

— A princípio achei que ele fosse meu verdadeiro pai.

— Hummm — disse Vi, como se não estivesse muito interessada. — Quem são seus pais verdadeiros?

— O nome do meu pai era Durzo, mas ele morreu. Kylar não quer falar sobre ele, mas acho que minha mãe é Mama K. Ela sempre me olhou de um jeito esquisito quando a gente ficava com ela.

Vi precisou segurar a parte de trás da sela para se firmar. Por Nysos! Sabia que Uly tinha uma aparência familiar. Uly era filha de Durzo e Mama K! Não era de espantar que a escondessem. Isso também explicava por que Kylar era o responsável pela menina.

Inexplicavelmente esse pensamento doeu. Não conseguia se imaginar se tornando mãe de um dos bastardos de Hu. Se bem que não conseguia imaginar Hu se preocupando com algum deles. De repente, Uly era duas vezes mais valiosa para o Deus-rei. Ficar com Uly significaria controlar Mama K.

Talvez isso bastasse para livrar Vi das amarras. Mas Vi sabia que não. O Deus-rei recompensava bem seus servidores. Poderia ceder a qualquer vício que tivessem, até a saciedade. Ele lhe daria ouro, roupas, escravos, o que ela quisesse. Mas jamais daria a liberdade. Ela havia se mostrado valiosa demais para isso.

Quanto mais Vi ficava sabendo sobre Kylar, mais desanimava. Precisava que Uly falasse, porque tinha que conhecer o máximo possível sobre seu inimigo. Tudo

que sabia era a partir da visão de uma menina de 12 anos com uma paixão pelo sujeito, mas Vi era boa em separar a realidade da opinião. Mesmo assim, Kylar parecia cada vez mais... porra!

Não iria pensar nisso de novo. Só a fazia se sentir pior. Maldita trilha. Maldita viagem. Mais uma semana e não seria mais problema dela. Talvez fosse melhor fugir de Cenária antes do dia do pagamento, por mais que o merecesse. Deixaria a garota com um bilhete e sumiria. Tinha matado Jarl. Entregaria Kylar e Mama K ao Deus-rei. Sem dúvida ele não desperdiçaria seus recursos mandando alguém atrás dela. Mesmo se o fizesse, não iria persegui-la com a mesma fúria caso ela o traísse. Ela poderia desaparecer. Vi temia apenas algumas pessoas, e todas eram valiosas demais para ser mandadas atrás dela.

Uma era Kylar, mas ele não sobreviveria à fúria de Garoth Ursuul. Talvez Kylar tivesse matado Roth, trinta homens de elite das terras altas e alguns bruxos – Uly parecia saber um bocado sobre isso –, mas jamais sobreviveria ao Deus-rei.

Vi iria para Seth, Ladesh ou penetraria fundo nas montanhas de Ceura, onde seu cabelo ruivo não seria tão incomum. Jamais abriria as pernas para outro homem e jamais aceitaria outro contrato. Não sabia o que era uma vida normal, mas tentaria descobrir.

Pegou o bilhete que havia tirado da casa de Kylar e o leu de novo.

– Ei, feiosa – disse Vi. – Por que Elene e Kylar brigavam tanto?

– Acho que era porque a cama não estava rangendo.

Vi franziu a testa. O quê? Em seguida, explodiu numa gargalhada.

– Isso é bem normal. Era só isso?

– Bom, o que isso quer dizer? – perguntou Uly.

– Foder. Os homens e as mulheres brigam por causa disso o tempo todo.

– O que é foder? – perguntou Uly.

Então Vi contou, do modo mais explícito que pôde, e Uly ficou cada vez mais aterrorizada.

– Dói?

– Às vezes.

– Parece nojento!

– E é. É sujo, pegajoso, suado, fedorento e nojento. Às vezes até faz a gente sangrar.

– Por que as mulheres fazem isso, então?

– Porque os homens obrigam. É por isso que eles discutem.

– Kylar não faria isso. Ele não machucaria Elene.

– Então por que eles brigavam?

Uly pareceu nauseada.

– Ele não faria isso. Não faria. Acho que nunca fizeram, porque a cama nunca

rangeu e tia Mea disse que iria ranger. Mas tia Mea disse que era divertido.

A cama nunca rangeu?

– Tanto faz. Era só por isso que eles brigavam?

– Ela queria que ele vendesse a espada, a espada que Durzo lhe deu. Ele não queria, mas Elene disse que isso provava que ele ainda queria ser derramador. Mas ele não queria. Na verdade, queria ficar com a gente. Ele ficou furioso de verdade quando ela sugeriu isso.

Então ele também queria parar. Era o que significava o bilhete, ao dizer que tinha tentado. Ele tentou parar.

Por Nysos! Talvez Kylar nem soubesse que ela havia sequestrado Uly. Vi não sabia se isso era bom ou não. Mas explicava por que ele tinha passado por elas a toda velocidade na névoa, naquela manhã. Ele teria certeza de que ela retornaria para Cenária o mais depressa possível.

Várias centenas de passos adiante, Vi notou a floresta mudar. Não, não mudar. Ela se transformou abruptamente, como se a terra tivesse sido cortada com um machado. De um lado, a floresta permanecia igual. Do outro, cresciam enormes sequoias. Deviam estar perto de Curva de Torras. Isso não significava grande coisa para ela, mas parecia que seria mais fácil cavalgar por entre aquelas árvores. Praticamente não havia mato baixo numa floresta tão antiga.

Estavam a apenas 50 passos das sequoias quando uma velha saiu do meio das árvores. Parecia tão espantada quanto Vi. Segurava uma placa de ouro reluzente.

Ouro reluzente só poderia significar magia. A mulher era uma maga.

– Pare! – gritou a velha.

Vi inclinou o corpo para trás na sela e arrancou as rédeas do cavalo de Uly da mão da garota. Enquanto se ajeitava de novo, bateu os calcanhares e olhou para a maga. A mulher corria desajeitadamente – e não era na direção de Vi e Uly. Estava correndo para longe da velha floresta e tinha jogado a placa de ouro para o lado.

Que diabo era aquilo? Estranho, mas não tanto a ponto de fazer Vi parar. Em todo o mundo as únicas pessoas que ela precisava temer eram os derramadores, os bruxos e as magas.

Os cavalos partiram para a floresta, quase jogando Uly da sela.

Agora a maga estava a apenas 30 passos, quase perto delas. Correu mais um pouco e Vi poderia jurar que a mulher emergiu de algo que parecia uma bolha vasta, quase invisível, que cobria a floresta.

A mulher levantou as mãos e gritou. Algo estalou e ricocheteou para a frente. Vi baixou o corpo ao máximo. Houve uma concussão perto e Uly voou de cima do animal.

Vi não parou para olhar. Pegou uma faca de arremesso num coldre do tornozelo e a jogou enquanto voltava a se posicionar na sela. Era um arremesso longo – 20

passos contra um alvo que ela não podia ver antes de soltar a faca –, mas na verdade só serviria como distração. Vi olhou para trás.

Uly estava caída no chão, inconsciente.

Não houve hesitação. Um derramador não hesita. Um derramador age, mesmo que seja um mau passo. Vi não podia ficar imóvel, isso a tornaria um alvo. Bateu os calcanhares de novo nos flancos do cavalo. O animal saltou... e despencou no chão, com as patas dianteiras dobradas.

Vi tirou os pés dos estribos. Rolaria para longe do cavalo, sacaria as facas de arremesso... só que o cavalo caiu mais depressa do que ela esperava. Ela bateu no chão com força, o corpo girando enquanto escorregava de costas. Sua cabeça se chocou contra uma raiz dura como ferro e ela quase desmaiou.

De pé, maldita! Levante-se! Ficou de quatro e tentou se levantar, os olhos lacrimejando, a cabeça zumbindo.

– Sinto muito, não posso deixar que você faça isso – disse a velha. Ela parecia falar a sério.

Não. Não posso terminar assim.

A velha gorducha ergueu uma das mãos e disse alguma coisa. Vi tentou se jogar de lado, mas não conseguiu.



Eram dois cortes pequenos. Uma linha ao longo das costelas e outra igual, na parte interna do braço. Nenhuma era funda. A faca havia cortado a pele, mas não o músculo. Mesmo juntas, não eram nada que uma bandagem limpa e um pouco de ar puro não curariam em alguns dias.

Mas nada era limpo no Buraco. Ar puro não passava de uma lembrança.

Logan reconheceu os sinais, mas não podia fazer nada. Já estava quente e frio, tremendo e suando. Era provável que não iria se curar da febre. Depois de todo aquele tempo no Cu do Inferno, ele era uma sombra de seu eu antigo. Faces fundas, olhos sem brilho, rosto esquelético, o corpo alto agora feito de pele e osso.

Sabia que só pioraria, mesmo que sobrevivesse. Apesar da fome, não estava com a expressão desnutrida e emaciada dos que viviam no Buraco durante anos. Seu corpo se agarrava às forças com uma teimosia surpreendente. Mas a febre não se importava com isso. Demoraria dias, no mínimo, para lutar contra ela. Dias de vulnerabilidade total.

– Natassa – disse ele. – Fale de novo sobre a Resistência.

A jovem filha de Grasin tinha uma expressão assombrada nos olhos. Não respondeu. Estava olhando para Fin, do outro lado do Buraco, que mastigava tendões para acrescentar à sua corda.

– Natassa?

Ela se empertigou, sentada.

– Eles estão se movimentando. Há várias propriedades que os recebem no leste, especialmente... especialmente as dos Gyre. Até os Lae'knaught ajudaram.

– Desgraçados.

– Desgraçados que são inimigos do nosso inimigo.

Ela disse isso como tinha dito antes. Maldição, ela tinha dito antes, não tinha?

– E nossos números estão crescendo?

– Sim. Estamos realizando ataques surpresa, pequenos grupos fazendo qualquer coisa para ferir os khalidori, mas minha irmã não deixou que tentássemos nada ousado por enquanto. O conde Drake colocou informantes em cada povoado do leste de Cenária.

– O conde Drake? Espere, eu já perguntei isso, não perguntei?

Ela não respondeu. Seu olhar permanecia em Fin. Ele havia matado quatro

recém-chegados nos últimos três dias. Três dias? Ou seriam quatro?

O conde Drake fazia parte da Resistência. Fantástico. Antes Logan não sabia se ele tinha conseguido sobreviver.

– Fico feliz que Kylar não o tenha matado – disse Logan.

– Quem?

– O conde Drake. Ele me traiu. É por causa dele que estou aqui.

– O conde Drake traiu você? – perguntou Natassa.

– Não, Kylar. Todo vestido de preto, dizia que era o Anjo da Noite.

– Kylar Stern é o Anjo da Noite?

– Ele estava trabalhando para Khalidor o tempo todo.

– Não, não estava. O Anjo da Noite é o único motivo para haver uma Resistência. Eu estava lá. Fomos todos arrebanhados para o jardim e ele nos salvou. Terah ofereceu qualquer coisa que ele quisesse para nos acompanhar para fora do castelo, mas ele só se importava com você. Deixou a gente para tentar salvar você, Logan.

– Mas ele... ele matou o príncipe Aleine.

– Lady Jadwin matou Aleine Gunder. Como recompensa, ela recebeu uma parte das propriedades dele.

Não parecia possível. Depois de tudo que lhe fora tirado, Natassa estava devolvendo seu melhor amigo. Logan sentira muita falta de Kylar. Ele riu. Talvez fosse a febre. Talvez tivesse imaginado, porque desejava demais que fosse verdade. Estava tão doente que o mundo inteiro doía. Tudo estava turvo. Achou que começaria a choramingar feito uma menininha.

– E Serah Drake? Estava com você também? Ela faz parte da Resistência? Kylar a salvou? – perguntou Logan. Já tinha perguntado isso, não tinha?

– Ela morreu.

– Ela... ela sofreu? – Ele não ousara perguntar isso na vez anterior.

Natassa baixou os olhos.

Serah. Sua noiva, não fazia muito tempo. Parecia ser outra vida. Outro mundo. Ele a havia amado. Ou pensado que a amava. Como poderia tê-la amado quando ela mal cruzara sua mente em todo o tempo que ele ficara aqui embaixo?

Ela o havia traído. Dormiu com seu amigo, o príncipe Aleine Gunder. Foi isso que aconteceu? Será que essa traição havia extinguido seus sentimentos por ela? Ou será que não a amava de verdade?

Na noite de núpcias tinha pensado que finalmente compreendia o amor.

Todo mundo que se apaixona acha que entende o amor. Mas Logan não podia evitar. O que havia sentido por Jenine Gunder – a garota de 15 anos que ele tivera tanta certeza de que era muito nova e imatura para ele – parecia amor. Talvez ela houvesse sido arrancada antes que ele tivesse tempo de ver seus defeitos, mas

Jenine Gunder – Jenine Gyre, sua mulher, ainda que apenas por algumas horas trágicas – era a mulher que tinha assombrado seus pensamentos.

Ele sonhara com ela logo antes que o sono cedesse à pedra dura, ao fedor cruel, aos uivos e ao calor do Buraco – o sorriso pleno, os olhos brilhantes, as curvas douradas à luz das velas como ele a vira apenas uma vez, tão brevemente, antes que os soldados khalidori invadissem o quarto, antes que Roth cortasse a garganta dela.

– Ah, deuses – disse Logan, apoiando o rosto nas mãos. De súbito, o sofrimento cresceu por dentro. Seu rosto se contorceu e ele não conseguiu impedir as lágrimas. Ele a segurara, o corpo tão pequeno e vulnerável de encontro ao seu, enquanto sangrava. Deuses, como ela sangrou! Logan disse que tudo iria ficar bem. Falou sobre paz com ela, e essa foi toda a proteção que pôde oferecer, porque não havia mais nada a fazer.

Alguém passou um braço em volta dele. Era Lilly. Deuses. Então Natassa o abraçou também. Isso tornou tudo pior. Ele soluçava descontroladamente. Tudo estava turvo e ficava mais turvo ainda. Conseguira conter o sofrimento por muito tempo, mas não mais.

– Logo vou estar com você – dissera a Jenine. Agora era verdade. Ia morrer aqui. Já estava morrendo.

Olhou o rosto de Natassa, e ela estava chorando com ele. Coitada; tinha sido capturada, traída por alguém da Resistência e jogada aqui com esses monstros. Logan não sabia quanto ela chorava por ele e quanto por si mesma. Não a culpava. Ela devia saber que, assim que ele se fosse, os prisioneiros iriam pegá-la.

Até Lilly estava chorando. Logan não imaginava que ela fosse capaz disso. Por que chorava? Teria medo de, assim que os prisioneiros possuísem Natassa – mais nova e mais bonita –, perder seu poder e sua posição? Medo de ser morta?

Olhando o rosto de Lilly, Logan se odiou pelo cinismo desse pensamento. Estava ali embaixo fazia muito tempo. A expressão no rosto dela não era de medo. Era de amor. Lilly não chorava por si mesma; chorava por ele.

Quem sou eu para merecer tanta dedicação? Não sou digno disso.

– Me ajude a ficar de pé – disse com a voz áspera.

Lilly olhou para Natassa e suas lágrimas cessaram. Ela assentiu.

– Vamos.

Agora todos os prisioneiros do Cu do Inferno fitavam Logan. Alguns com curiosidade, outros com fome. Fin parecia positivamente em júbilo.

– Certo, seus filhos da puta! – disse Logan. Era a primeira vez que usava um palavrão, e deu para ver que alguns notaram isso. Bom, quanto mais louco eles o achessem, melhor.

– Escutem – continuou. – Escondi um segredinho de vocês porque não sabia como todos vocês eram uns bandidos tão bons e íntegros. Guardei um segredinho

que pode fazer uma grande diferença...

– É, é, nós sabemos – disse Fin. – Nosso pequeno rei aqui acha que é Logan Gyre. Acha que é mesmo o rei!

– Fin – retrucou Logan. – Há dois motivos para você fechar sua boca. Primeiro, estou morrendo. Não tenho nada a perder. Se eu morrer, você não vai mais ter que se preocupar comigo. Mas se continuar falando, eu vou matá-lo. Posso estar fraco, mas tenho força suficiente para arrastar essa sua bunda cheia de varíola para dentro do abismo. Acredite, se a gente começar a brigar, mais de uma pessoa aqui embaixo vai garantir que nós dois caíamos.

– E o segundo motivo? – Fin praticamente sibilou. Estava desenrolando a corda, ajustando o nó corrediço na extremidade.

– Se não calar a boca, vai ser culpa sua se eu jogar isso pelo Buraco. – Ele enfiou a mão dentro do cinto e pegou uma chave de ferro. – É a chave da grade.

Uma fome instantânea preencheu cada olhar.

– Me dá aqui! – disse alguém.

Os prisioneiros começaram a chegar mais perto e Logan cambaleou na direção do abismo. Segurou a chave acima da escuridão e ficou oscilando para trás e para a frente, numa tontura que não era completamente fingida.

A ameaça aquietou os prisioneiros.

– Eu estou me sentindo doente de verdade, tonto de verdade – disse Logan. – Então se querem que esta chave encontre a casinha dela lá em cima, devem ouvir com muita atenção.

– Como você conseguiu segurar isso durante tanto tempo? – perguntou Nick Nove Dedos. – A gente já podia ter escapado há meses!

– Cala a boca, Nick – disse alguém.

Logan olhou em volta, tentando ver onde estava o untuoso duque khalidori, mas os rostos não passavam de borrões para ele.

– Se quisermos usar a chave, precisamos trabalhar juntos. Vocês entenderam? Se uma pessoa fizer uma coisa errada, todos vamos morrer. O pior é que precisamos confiar uns nos outros. Vão ser necessários três de nós para alcançar a fechadura.

Eles começaram a murmurar, alguns se oferecendo, outros questionando.

– Calem a boca! – disse Logan. – Vamos fazer do meu jeito ou eu jogo a chave! Se fizermos do meu jeito, todos conseguiremos sair daqui. Entenderam? Até você, Fin. Assim que entrarmos na Bocarra, meu plano vai permitir que pelo menos metade de nós saia. Talvez todos. Eles estão fazendo obras na extremidade desse nível, e acho que posso usar isso, desde que consigamos matar Gorkhy antes que ele dê o alarme. Mas vocês precisam fazer exatamente o que eu disser.

– Ele está maluco – fungou Nick.

– É nossa única chance! – exclamou Tats. – Estou dentro.

Todo mundo olhou Tats com espanto. Era a primeira vez que alguém ouvia o lodricari tatuado falar.

– Bom – disse Logan. – Precisamos de três pessoas para fazer uma torre e alcançar a grade. Rangido vai ser a base. Eu vou ser o segundo e Lilly vai destrancar a grade. A partir disso temos duas alternativas, e Fin decidirá qual vamos escolher.

Fin pareceu ter mais suspeitas ainda.

– Primeira: todos vocês que são leves e estão fortes o suficiente para escalar nós três podem sair, mas não vou deixar o Fin subir. De modo que Rangido, Fin e eu vamos morrer.

– Se alguém vai sair, sou eu – disse Fin. – Você não vai...

– Cala a boca, Fin! – reagiu alguém, subitamente corajoso com a perspectiva da liberdade.

– Segunda: Fin dá a corda a Lilly. Ela pode amarrá-la a alguma coisa lá em cima e todos nós saímos. Fin, a corda é sua, de modo que você decide. Ah, e se eu não sair, não vou contar qual é o plano para escapar da Bocarra.

Todo mundo olhou para Fin. Logan começou a suar de novo. *Anda, rapaz, só um pouco mais.*

– Pode usar a corda – disse Fin. – Mas se você quer usar a minha corda, vou fazer parte da torre. Vou abrir a grade.

– Esquece – retrucou Logan. – Ninguém aqui confia em você. Se você sair, vai nos deixar aqui.

Houve um burburinho em concordância, mesmo por parte de alguns prisioneiros do grupo de Fin.

– Bom, eu não vou subir em cima desse maluco dentuço. Se quer minha corda, vou fazer parte da torre, e está acabado.

– Ótimo – disse Logan. Já havia deduzido essa resposta. Só precisava oferecer a primeira alternativa para que Fin sentisse que estava em vantagem. – Eu vou estar na base. Você vai ser o segundo. Lilly abre a grade. – Logan entregou a chave a ela. – Lilly, se o Fin tentar alguma coisa, jogue a chave no abismo, certo?

– Se alguém tentar fazer alguma coisa, eu jogo a chave no abismo – disse ela. – Juro por todos os deuses do inferno, da dor e deste lugar.

– Vamos fazer isso, um de cada vez – disse Logan. – Eu digo quem vai em seguida. – Ele sacou a faca e a entregou a Natassa. – Natassa, se alguém chegar perto antes da vez, enfie isso, está bem?

– Natassa vai ser a primeira a sair. Ela vai amarrar a corda em alguma coisa lá em cima, para que todos possamos subir. Fin e eu vamos ser os últimos, mas todo mundo tem que sair. Já pagamos pelos nossos crimes.

Fin andou em volta do buraco, desenrolando a corda de tendões em volta do corpo. Dizia ter estrangulado trinta pessoas antes de ser apanhado, sem contar ilhéus

e mulheres. Por baixo das cordas era parecido com qualquer um que tivesse ficado no Cu por muito tempo. Magro, a pele num marrom profundo de sujeira, fedendo, a boca às vezes sangrenta pelo escorbuto do qual todo morador antigo sofria.

Ele estalou os lábios quando chegou perto de Logan e sugou o sangue pelos dentes.

– Vamos resolver nosso caso mais tarde – disse. Em seguida pegou a corda enrolada e colocou-a em volta do pescoço.

Logan enxugou o suor da testa. Queria matar o sujeito agora. Se pegasse a corda e o empurrasse, talvez... Talvez. Não valia o risco. Estava fraco demais, lento demais. Devia ter tentado esse plano antes, mas antes Fin jamais chegaria tão perto dele. Fin esperaria que Logan tentasse matá-lo em qualquer outra ocasião, e antes que Logan tivesse recuperado a faca a tentativa iria deixá-lo muito vulnerável.

Firmando-se com as mãos contra a parede, Logan se agachou. Fin chegou perto, com um riso de zombaria e xingando baixinho. Finalmente pôs um pé na coxa de Logan, pisou em suas costas e depois nos ombros, arrastando as mãos pela parede lisa.

Surpreendentemente o peso não era tão ruim. Logan achou que aguentaria. Só precisava travar os joelhos e se encostar na parede, e conseguiria. De jeito nenhum poderia subir pela corda usando a própria força, mas talvez os amigos o puxassem. Se fosse o último a sair, amarraria a corda em volta do corpo e Lilly, Rangido e Natassa poderiam puxá-lo. Se ao menos parasse de tremer.

– Depressa – disse.

– Você é alto demais – disse Lilly. – Pode se agachar?

Ele balançou a cabeça.

– Merda – xingou ela. – Ótimo. Peça para o Rangido ajudar. Ele só escuta você.

– Pedir o quê? – Deveria ser óbvio, ele sabia, mas não estava pensando com clareza.

– Para me levantar – respondeu Lilly.

– Ah. Rangido, pegue a Lilly. Não, Rangido, assim não.

Foi preciso instigar um pouco, mas por fim Rangido entendeu e se agachou ao lado de Logan enquanto Lilly subia nas suas costas e depois nos ombros. Em seguida, ela colocou a chave nos dentes e começou a tentar se transferir.

Logan era muito mais alto do que Rangido, por isso Lilly precisou subir nos ombros de Logan, onde Fin já estava. O peso desigual fez Logan oscilar.

– Fique parado – sibilou Fin. Xingava Logan repetidamente enquanto Natassa punha a mão no ombro de Logan, tentando firmá-lo.

Logan sentiu um frio percorrer o corpo.

– Anda – disse. – Depressa.

O peso de Lilly comprimia seu ombro esquerdo, depois oscilou para trás e para a frente enquanto ela e Fin tentavam se equilibrar. Logan não sabia o que eles estavam fazendo. Franziu os olhos com força e se apoiou na parede.

– Você consegue – sussurrou Natassa. – Você consegue.

O peso se mexeu de repente e com força para a direita, e os prisioneiros ofegaram. Logan se afrouxou e depois lutou, com a perna direita tremendo pelo esforço.

De repente o peso diminuiu e houve pequenos sons de perplexidade ao redor. Logan olhou para cima e viu que Lilly estava nas costas de Fin e tinha agarrado a grade acima com uma das mãos, estabilizando-se e sustentando parte do próprio peso.

Então ouviram o som que temiam. Era o som de couro, cota de malha tilintando, xingamentos e uma espada batendo nas pedras. Gorkhy estava se aproximando.

A hora dos bruxos havia chegado. Um vento gélido empurrava as nuvens por entre as montanhas. Estava frio, frio demais. O vento penetrava nas capas e nas luvas, fazia as espadas congelarem nas bainhas, os homens tremerem nos postos. As nuvens pareciam fantasmas apostando corrida sobre o terreno aberto e subindo pelas muralhas. Os grandes braseiros de carvão que ardiam ao longo de toda a muralha de nada adiantavam para espantar o frio. O calor era levado embora e engolido pela noite. Barbas congelavam e músculos enrijeciam. Oficiais davam ordens para os homens continuarem em movimento, berrando acima do som familiar do vento.

Em geral esses gritos agudos eram assunto de piadas e de comparações com as últimas conquistas de cama dos homens, às vezes feitas com imitações e uivos. Regnus Gyre nunca castigara os homens por uivarem contra aqueles ventos. Dizia que isso espantava o medo. Em qualquer outro lugar isso seria uma distração, deixaria os homens incapazes de ouvir os invasores, mas não era possível escutar coisa alguma nos Ventos Uivantes de qualquer modo.

Esta noite, porém, ninguém uivava. Esta noite os gritos pareciam agourentos. E se os homens escutavam mal, a visão era pior ainda. As nuvens eram suficientemente densas e obscureciam a lua e as estrelas a tal ponto que eles teriam sorte se enxergassem 50 passos à frente. Com esse vento, os arqueiros só seriam úteis a essa distância. O vento tinha sido a maldição de Regnus. Não importava quanto os arqueiros treinassem, disparando contra aquele vento maldito e inconstante, a precisão não melhorava muito. Um ou dois tinha uma percepção espantosa de quando o vento iria soprar e conseguia acertar um alvo do tamanho de um homem a 60 passos, mas essa não era exatamente a vantagem que uma guarnição costumava ter ao sustentar uma muralha.

Solon havia se posicionado do lado oposto da primeira muralha, com relação a Vass, esperando que, se o pior acontecesse, poderia ajudar os homens sem a interferência do comandante.

Não conseguia odiar o rapaz. Os exércitos eram cheios de homens como Lehros Vass, e ele era um bom sujeito. Melhor do que a maioria. Era apenas um soldado que precisava de um oficial comandante. Em vez disso, o destino havia conspirado contra ele para torná-lo um. Em breve esse destino cruel provavelmente faria Vass ser lembrado como o idiota confiante que fez seus homens serem trucidados.

O pior era a espera. Como todo soldado, Solon odiava a espera. Era bom ser oficial quando se tratava de esperar. Você podia preencher o tempo encorajando os homens para permanecerem fortes.

Achou ter visto alguma coisa através dos redemoinhos de nuvens e da escuridão, mas não era nada.

– Está na hora. Lembrem-se: não olhem diretamente para ela – disse aos homens mais próximos. Pegou os tampões de cera de abelha que girava nos dedos para aquecê-los e enfiou um no ouvido, depois fez uma pausa.

Achou ter visto algo de novo. Não era a silhueta de um homem ou de um cavalo, e sim um enorme... Não, não era nada. À sua volta, outros homens se inclinavam para a frente, forçando a vista para a escuridão.

Então sua pele começou a pinicar. Como a maioria dos magos do sexo masculino, Solon tinha pouco talento como vidente. A única magia que costumava ver era a sua. Mas podia sentir a magia, especialmente quando estava próxima e sempre que era usada contra ele. Agora sentia como se tivesse andado num dia úmido. A magia não era intensa, mas estava em toda parte. Era tão difusa que ele jamais notaria se Dorian não o tivesse deixado tão tenso.

– Algum de vocês é bom em atar nós?

Os soldados trocaram olhares perplexos. Finalmente um disse:

– Eu cresci num barco de pesca, senhor. Acho que conheço praticamente todos os nós que existem.

Solon pegou a corda que ficava amarrada num balde que os soldados usavam para encher as cisternas no topo da muralha. Soltou o balde.

– Me amarre – pediu.

– Senhor? – O soldado olhou para Solon como se ele estivesse louco.

Foi assim que eu olhei para Dorian? Desculpe, amigo.

A magia estava se adensando.

– Me amarre à muralha. Me amarre de modo que eu não consiga me mexer. Pegue as minhas armas.

– Senhor, eu...

– Eu sou um mago. Sou mais suscetível ao que ela está... Maldição! Ela está vindo! – Soldados estavam se virando, olhando-o. – Não olhem para ela. Não acreditem no que veem. Maldição, homem, agora! O resto de vocês, disparem!

Esta era uma ordem com a qual um maior número deles estava acostumado. Mesmo se Lehros Vass ficasse com raiva deles de manhã, o máximo que teriam que fazer era pegar as flechas no terreno diante da muralha.

O ex-marinheiro amarrou Solon com habilidade. Em pouco tempo, suas mãos estavam atadas às costas, presas aos pés, e só depois disso sua capa foi amarrada em volta do corpo, para que ele não congelasse. Por fim, o homem o prendeu ao

sarilho que usavam para içar o balde.

– Agora uma venda e o outro tampão de ouvido – disse Solon. O homem o tinha amarrado de frente para a muralha, com a cabeça acima. Solon deveria ter dito para o soldado garantir que ele não pudesse se virar para ela. – Depressa, homem.

Mas o soldado não respondeu. Olhava para a escuridão do outro lado da muralha, como todos os outros.

– Elana? – disse o soldado. – Elly, é você?

Seu rosto ficou vermelho e os olhos se dilataram. Em seguida jogou a capa longe e pulou da muralha. Estava na metade do caminho para o chão quando começou a se sacudir feito louco, subitamente consciente, tentando encontrar algo para se salvar. As pedras partiram seu corpo cruelmente e o vento calou seu grito de morte.

Houve uma súbita saraivada de flechas quando os homens obedeceram à ordem anterior de Solon. A névoa redemoinhou e ele viu a enorme carroça sendo puxada, cercada por soldados khalidori, puxada por seus auroques. O coração de Solon pulou quando ele viu uma dúzia de khalidori derrubada pela primeira onda. Os auroques receberam várias flechas e nem hesitaram.

Mas a chuva de flechas estava diminuindo.

Do outro lado da muralha, Solon viu homens se jogando. Outros balançavam a cabeça, cada qual perdido numa visão particular, os arcos seguros pelas mãos frouxas.

Não olhe, Solon. Não olhe. Não vou acreditar. Só umazinha...

A magia passou rugindo como se ele estivesse voando numa velocidade tremenda.

E depois calmaria.

Ele piscou. Estava de pé no Salão dos Ventos. O magnífico trono de jade verde como as águas da baía de Hokkai. No trono estava sentada uma mulher que ele mal reconheceu. Kaede Wariyamo tinha 16 anos quando ele deixou as ilhas. Apesar de saber que ela ficaria linda, a transformação o deixou sem jeito. Ela o havia censurado por evitá-la. Mas ele não tivera escolha. Sabia que precisava ir embora para sempre, mas jamais se preparara para o que a visão dela provocaria.

Doze anos depois, ela havia crescido em graça e confiança. Se ele não a conhecesse tão bem, não teria percebido a leve apreensão em seus olhos – será que ele ainda vai me achar linda?

Achava. A pele olivácea ainda reluzia, o cabelo preto se derramava pelos ombros como uma cachoeira, os olhos ainda reluziam de inteligência, sabedoria e travessura. Talvez antes houvesse menos sabedoria e mais travessura, mas aqueles lábios pareciam ainda conter sorrisos para o tempo de três vidas. E se ela estava com levíssimas linhas de sorriso em volta dos olhos e dos lábios... que tributo a

uma vida bem vivida! Eram marcas de distinção para ele.

Seus olhos percorreram o corpo dela, vestido com uma nagika de seda azul-clara, cortada para enfatizar a perfeição de cada curva, presa na cintura por um estreito cinto de ouro, a seda passando sobre um dos ombros. A barriga ainda era lisa, em forma. Não havia estrias. Kaede não tivera filhos. Os olhos dele se demoraram no seio exposto.

Perfeito. Ela era perfeita.

Foi interrompido pela risada dela.

– Você esteve em Midcyru por tanto tempo que se esqueceu de como são seios, meu príncipe?

Solon ficou vermelho. Depois de tantos anos vendo mulheres tratarem partes comuns como se fossem eróticas e partes eróticas como se fossem comuns, estava completamente confuso.

– Peço desculpas, majestade.

Lembrando-se, tentou se ajoelhar, mas algo interferia no movimento. Não importava. Tudo que importava estava diante dele. Não podia afastar os olhos dela.

– Você é um homem difícil de encontrar, Solonariwan – disse Kaede.

– Agora é só... somente Solon.

– O império precisa de você, Solonariwan. Não vou fazer nenhuma exigência além de... além de produzir um herdeiro, e se você exigir aposentos para uma amante, isso será arranjado. O império precisa de você, Solon. Não só por sua família. Por você. Eu preciso de você. – Ela parecia terrivelmente frágil, como se o vento fosse parti-la. – Quero você, Solon. Quero você como queria doze anos atrás e como queria antes disso, mas agora quero sua força, sua fortaleza, seu companheirismo, seu...

– Meu amor – completou Solon. – Você o tem, Kaede. Eu amo você. Sempre amei.

Ela se iluminou, exatamente como quando era pequena e ele lhe dava um presente especial.

– Senti sua falta – disse ela.

– Senti sua falta – retribuiu ele, com um nó crescendo na garganta. – Infelizmente nunca pude explicar por que precisei partir...

Ela se aproximou e pôs um dedo em seus lábios. O gesto provocou ondas de choque. O coração de Solon trovejou. O cheiro dela o inundava. Ele não conseguia pousar seu olhar enquanto a examinava. Cada linha, curva, cor e tom o fascinavam.

Sorrindo, ela pôs a mão em seu rosto.

Ah, deuses, estou perdido. *Ela tinha a mesma aparência incerta, hesitante, daquele último dia, quando o beijou e ele quase arrancou as roupas dela. Beijou-o e seus lábios eram o mundo inteiro. Começou hesitando, apenas tocando aquela*

maciez exótica contra os lábios dele, e então puxando-o. Estava subitamente agressiva, assim como ele estivera naquele dia, como se a paixão só tivesse crescido durante todo o tempo em que estivera longe. Seu corpo se comprimia contra o dele e Solon gemeu.

Ela se afastou, ofegando, os olhos ferozes.

– Venha aos meus aposentos – disse. – Juro que minha mãe não vai nos interromper desta vez.

Ela subiu um degrau alto e o olhou por cima do ombro enquanto se afastava alguns passos, os quadris oscilando. Deu um riso diabólico e deslizou a alça da nagika de cima do ombro. Ele tentou ir atrás, mas escorregou de volta para seu lugar no chão.

Kaede tirou o cinto de ouro e o largou descuidadamente. Solon se esforçou para subir aquele degrau maldito. Algo cortava o seu fôlego.

– Estou indo – disse chiando.

Ela se retorceu e a nagika escorregou para o chão numa poça de seda. Seu corpo era todo curvas de bronze e reluzentes cachoeiras de cabelo preto.

Ele pigarreou. Não conseguia respirar. Ele a tinha perdido uma vez, mas não abriria mão dela agora. Tossiu de novo e de novo e tombou de joelhos.

Kaede estava ali pertinho, sorrindo, com a luz brincando no corpo esguio, as pernas longas, longas, os tornozelos finos. Ele voltou a ficar de pé e fez força contra as cordas outra vez.

Por que ela está sorrindo? Estou morrendo sufocado. Kaede não sorriria. Kaede não seria assim. Os maneirismos dela não se pareciam com os da garota que ele conhecera. Uma mulher que tinha sido rainha por dez anos não baixaria todas as barreiras tão depressa. Ela era tudo que ele havia esperado ou imaginado – a verdadeira Kaede estaria furiosa com ele.

A visão desapareceu de uma vez e Solon tinha voltado à muralha. Estava olhando por cima da borda, e só as cordas o impediam de cair para a morte.

Homens continuavam morrendo ao redor dele. A barriga de um tinha inchado até o triplo do tamanho normal e ele continuava estendendo a mão para o ar, como se enfiasse comida pela garganta. Outro gritava com alguém que não estava ali, mas não emitia mais palavras. Sua voz era um destroço e de vez em quando ele tossia e o sangue voava pela boca, mas ele não parava de gritar. Outro berrava e batia na muralha de pedra com as mãos como se ela o estivesse atacando. As mãos eram cotocos sangrentos, arruinados, mas ele não conseguia parar. Outros caíram mortos, sem qualquer indicação do que os havia matado.

Alguns tinham sido queimados por magia ou explodido. A muralha estava vermelha com o sangue já congelando. O portão fora despedaçado enquanto ele estivera no transe, e figuras sombrias marchavam na direção deles agora, guiando as

parelhas de auroques que puxavam a carroça enorme.

Era Khali. Solon não tinha dúvida.

– Dorian já enlouqueceu? – perguntou uma voz de mulher. – Esse foi meu presentinho, você sabe.

Solon olhou, mas não conseguia ver de onde vinha a voz. Talvez de dentro de sua própria cabeça.

– Na verdade, ele está completamente curado.

Ela gargalhou; era um som profundo, gutural.

– Então ele está vivo.

Solon queria desmoronar. Eles pensaram que Dorian estava morto. Ou pelo menos não sabiam.

– Vamos acabar logo com isso.

Ela deu um risinho.

– Já mentiram muito para você nesta vida, Solonariwan. Mentiram para você durante sua juventude. Mentiram para você em Sho'cendi. Roubaram de você. Não vou lhe oferecer poder, porque não posso lhe dar. O vir não vem de mim. Isso é outra mentira. Eu gostaria de que viesse. A verdade é que o vir é natural, e é tremendamente mais poderoso do que o seu Talento digno de pena. A verdade é que o Talento de Dorian era fraco antes de ele usar o vir, e você sabe como o Talento dele é poderoso agora.

– Ele escraviza. Os meisters são como bêbados ansiando pelo próximo copo de vinho.

– Alguns, sim. Algumas pessoas não aguentam a bebida, mas a maioria, sim. Talvez você não aguente, como Dorian, mas eu não apostaria nisso. Dorian sempre gostou de seu lugar especial ao sol, não é? Gostava de ter você olhando-o de baixo para cima. Gostava de ter todo mundo olhando-o de baixo para cima. E o que ele seria sem seu poder, sem os dons extras? Seria muito menos do que você, Solon. Sem o vir, ele não teria dons e o Talento dele seria minúsculo se comparado ao seu. Então em que pé você estaria se usasse o vir? Mesmo que só usasse uma vez para destrancar os Talentos ocultos que você nem sabe que tem? O que você poderia fazer com esse tipo de poder? Poderia voltar a Seth e consertar as coisas? Ocupar seu lugar com Kaede no trono? Retomar seu lugar na história? – Ela deu de ombros. – Não sei. Não me importo de verdade. Mas vocês, magos, são patéticos. Nem conseguem usar magia no escuro. Realmente.

– Mentira. É tudo mentira.

– É? Bom, então agarre-se à sua fraqueza, à sua humildade. Mas se algum dia mudar de ideia, Solonariwan, é só isso que precisa fazer. O poder está aí, à sua espera.

E então ela mostrou. Era simples. Em vez de estender a mão para uma fonte de

luz, o sol ou um fogo, ou em vez de estender a mão para seu *glore vyrden*, ele só precisava estender a mão para Khali. Uma pequena torção e ali estava. Um oceano de poder, alimentado constantemente por dezenas de milhares de fontes. Solon não conseguia entender tudo, mas podia enxergar os contornos. Todo khalidori rezava de manhã e à noite. A oração não era feita de palavras vazias: era um feitiço. Derramava uma parte do *glore vyrden* de cada pessoa dentro daquele oceano. Então Khali devolvia isso a quem queria, quando e quanto ela quisesse. No fundo era simples: um imposto mágico.

Como tantas pessoas nasciam com um *glore vyrden* mas careciam da capacidade ou dos ensinamentos para expressá-lo, os favoritos de Khali sempre teriam poder amplo – e as pessoas nem saberiam que sua própria vitalidade estava sendo roubada. Isso não explicava o vir, mas explicava por que os khalidori sempre usavam a dor e a tortura em seu culto. Khali não precisava do sofrimento, precisava de que seus adoradores sentissem emoções intensas. Eram as emoções intensas que permitiam que pessoas ligeiramente Talentosas usassem seu *glore vyrden*. A tortura era simplesmente o modo mais confiável de provocar emoções na intensidade correta. Não fazia diferença se o torturador, o torturado e os espectadores sentissem nojo, desprezo, medo, ódio, luxúria ou prazer. Khali podia usar tudo isso.

– Minhas Almas Juradas vão encontrá-lo e você vai morrer – disse Khali. – Você já esvaziou seu *glore vyrden*, não foi?

– Vá embora.

Ela gargalhou.

– Ah, você é bom. Acho que vou mantê-lo.

Então a voz dela desapareceu e Solon desmoronou nas pedras. Khali estava em Cenária. Os Ursuul criariam feralis e os rebeldes seriam massacrados. Todo seu trabalho aqui fora em vão. Tudo que tinha acabado de saber não servia para nada. Deveria ter voltado para Seth doze anos atrás.

Ele havia fracassado.

Abriu os olhos e viu um dos Almas Juradas. Eles vestiam pesados mantos negros, os rostos obscurecidos atrás de máscaras pretas e vazias, andando entre os mortos ao longo da muralha. De vez em quando um deles parava, desembainhava a espada e despachava alguém. Em seguida, limpava a lâmina, de modo que o sangue não congelasse no interior das bainhas.

Vinham na direção dele. Não havia nada que pudesse fazer. Estava amarrado. Não tinha armas. Não tinha magia. O vir era a única saída. Mesmo se fosse suicídio, pelo menos poderia levar um monte deles junto.

Talvez pudesse ser mais esperto do que ela. Se sobrevivesse – e como era idiota ser morto por um bandido fantasiado! –, poderia lutar contra Khali. Ela não era invencível. Não era uma deusa. Ele tinha falado com ela. Tinha entendido. Podia

lutar contra ela. Só precisava do poder para isso.

O coração de Solon martelava no peito. Era exatamente o que Dorian tinha dito que ele próprio seria tentado a fazer. Solon havia pensado que as tentações tinham parado, mas esta era a última. A mais difícil. Dorian estava certo. Estivera certo com relação a tudo.

Ó Deus... Senhor, se está aí... eu me desprezo por rezar agora, quando não tenho nada a perder, mas, merda, se você me ajudar a sobreviver a...

A oração de Solon foi interrompida quando um cadáver pesado caiu em cima dele. Solon abriu a boca e respirou fundo. Estava soltando o ar quando o sangue quente do cadáver se derramou na sua boca. Tinha um gosto metálico e já estava engrossando.

Quase vomitou enquanto o sangue escorria pelo queixo, descia pelo pescoço, pela barba, mas ficou imóvel quando ouviu um pé raspar numa pedra ali perto.

O Alma Jurada puxou o corpo de cima dele, porém não se afastou.

– Olhe esse aqui, Kaav – exclamou com um forte sotaque khalidori.

– Outro gritador. Adoro quando eles fazem isso – disse uma segunda voz. – Deve ter irritado os homens, hein? Para eles o amarrarem assim...

O primeiro Alma Jurada chegou perto e se curvou sobre ele. Solon podia ouvir a respiração do sujeito sibilando através da máscara. O khalidori se levantou e chutou seu rim. A dor o dilacerou, mas ele não emitiu nenhum som. O homem chutou de novo e de novo. Na terceira vez, o corpo de Solon o traiu e ele retesou os músculos. Era difícil demais permanecer frouxo.

– Ainda está vivo – disse o homem. – Mate-o.

O coração de Solon saltou no peito. Tinha acabado. Precisava agarrar o vir ou morrer.

Espere. O pensamento era tão calmo, tão simples e nítido que parecia vir de fora dele. Ficou imóvel. *No segundo em que eu escutar o aço, vou...* Ele não sabia. Pegaria o vir? Então Khali iria possuí-lo.

O outro homem grunhiu.

– Merda, minha lâmina congelou. Poderia jurar que tinha limpado.

– Ah, esquece. Ele vai morrer em cinco minutos com o frio e o sangramento. Se pudesse se livrar das cordas, ele teria feito isso quando Ela passou.

E afastaram-se.



Quando Vi acordou, amarrada com força pelos pulsos, tornozelos, cotovelos e joelhos, a primeira coisa que viu foi uma mulher de meia-idade com cabelo ralo e grisalho, corpulenta, de olhos penetrantes. A maga a encarava. Uma fogueira ardia por trás de Vi, e perto dela estava um pequeno fardo que devia ser Uly, amarrada como ela.

– Fod ff – disse Vi.

Estava amordaçada. Não era somente uma mordaça feita com um lenço amarrado em volta da boca. Era uma mordaça de verdade. Parecia que uma pedra tinha sido enrolada num lenço e enfiada em sua boca. Finas tiras de couro foram passadas em todas as direções em volta do rosto, garantindo que ela não conseguisse falar.

– Antes de começarmos, Vi – disse a mulher –, quero dizer uma coisa muito importante. Se você escapar de mim, coisa que não vai acontecer, não entre correndo na floresta. Já ouviu falar do Caçador Negro?

Vi fez uma carranca do melhor modo possível, com a boca travada parcialmente aberta, depois decidiu que não tinha nada a perder deixando a velha falar. Balançou a cabeça.

– Isso explicaria por que você estava correndo de cara para a morte, acho. Sou a irmã Ariel Wyant Sa’fastae. O Caçador Negro foi criado há cerca de 650 anos por um mago chamado Ezra, talvez o mais Talentoso que já tenha existido. Ezra estava no lado que perdeu a Guerra das Trevas. Era um dos generais de maior confiança de Jorsin Alkestes, o tipo de homem que parecia capaz de fazer tudo; e fazia tudo de modo superlativo. Desculpe, superlativo quer dizer que fazia tudo de modo excelente.

– Eu fei o que vofe diff – disse Vi, mas era mentira.

– O quê? Deixa para lá. Ezra criou um ser capaz de sentir a magia e alguns tipos de criaturas extintas: kruls, ferozis, feralis, blaemires e sei lá o que mais. No entanto, ele não conseguiu controlar esse caçador perfeito. O negócio começou a matar todo mundo que tivesse Talento e escapou enquanto Ezra dormia. Por fim, eles lutaram. Claro que ninguém sabe o que aconteceu. Ninguém estava lá. Mas as crianças Talentosas de Curva de Terras pararam de morrer e ninguém viu o Caçador Negro de novo, nem Ezra. Mas, independentemente do que tenha feito, Ezra não

matou o Caçador Negro. Só o trancou. Aqui. O primeiro laque fica a cerca de 10 passos ao norte de onde eu lamentavelmente precisei matar seu cavalo. O laque identifica a pessoa para ser morta.

Ela encolheu os ombros e continuou:

– Todo mago, maga ou meister que tentou entrar na floresta de Ezra nesses seiscentos anos morreu. Magos poderosos carregando artefatos potentes morreram. Esses artefatos, por sua vez, atraíram outros magos, e assim por diante. Não importando o que aconteça na floresta, mesmo se o Caçador Negro for um mito, não importando o que aconteça lá, ninguém volta. – A irmã Ariel fez uma pausa e sua voz ficou um pouco mais animada. – Portanto, se você escapar, não vá para o norte. – Ariel deu um muxoxo. – Desculpe se não estou fazendo isso do jeito certo. Nunca sequestre ninguém antes, ao contrário de você.

Merda.

– Ah, sim, Ulyssandra ficou bem ansiosa para me contar tudo sobre você, derramadora.

Merda. Merda.

– Por sinal, você não é uma derramadora. Você é uma *maja ustra kurrukul*, uma maga dos arbustos, uma maga selvagem...

– Fod ff! Fod ff!

Vi se sacudi fazendo força contra as amarras. Não adiantava.

– Ah, não acredita? Um derramador, Vi, mesmo da variedade feminina, pode usar seu Talento sem falar. Então, se você é uma derramadora, por que não escapa?

Não havia nada, nada no mundo, que Vi suportasse menos do que sentir-se impotente. Preferiria que Hu pusesse as patas no seu cabelo. Preferiria que o Deus-rei montasse nela. Corcoveou no chão, dilacerando a pele contra as cordas. Tentou gritar. Isso fez com que parte do lenço penetrasse na garganta. Engasgou e tossiu por um momento, pensando que iria morrer. Depois recuperou o fôlego e ficou frouxa.

Ariel fez um muxoxo.

– Não gosto disso. Espero que você perceba algum dia. Vou tirar sua mordaca, entendeu? Você não pode se livrar de mim, nem com seu Talento, e vai ter que aprender isso cedo ou tarde, de modo que é melhor deixar tudo claro agora, para lhe poupar o máximo de dor possível. Mas antes de lutar comigo, acho que suas primeiras palavras serão palavrões, mentiras ou uma tentativa de usar magia. Portanto, antes de tentar isso, eu gostaria de lhe fazer uma pergunta.

O olhar de Vi era pura fúria. *Vaca. Deixe só ela tirar a mordaca.*

– Quem é o vürdmeister extremamente talentoso que colocou esse feitiço em você?

Os pensamentos em fugir evaporaram. Era um blefe. Tinha que ser um blefe. Mas como?

Por Nysos. O que o desgraçado fez comigo? Era exatamente o que o Deus-rei faria, colocar uma porra de um feitiço nela. Será que ela não imaginara algo do tipo quando estava na sala do trono? E se não tivesse sido sua imaginação?

– Porque esse feitiço é mesmo incrível – comentou a irmã Ariel. – Estive estudando-o nas últimas seis horas enquanto você estava inconsciente, e ainda não entendi o que ele faz. O que sei é que ele tem armadilhas. E ele... isso tem definitivamente as marcas da magia de um homem. Ele o ancorou de alguns modos interessantes. Sou considerada poderosa entre minhas irmãs. Uma das magas mais poderosas a receber as cores nos últimos cinquenta anos. E esse feitiço é forte demais para que *eu* consiga romper. Veja bem, há tramas que a gente pode desenredar e há tramas que a gente precisa estourar, por assim dizer. Você é familiarizada com os nós fórdios? Deixa para lá. Esse feitiço tem dos dois. As armadilhas podem ser desenredadas, mas a trama do núcleo deverá ser partida com mais cuidado. Mesmo que eu pudesse fazer, isso provavelmente iria deixá-la com algum dano mental permanente.

– Nnn ga.

– O quê? Ah.

A irmã Ariel permaneceu sentada com as pernas cruzadas e murmurou. As amarras caíram do rosto de Vi. Ela cuspiu o lenço – tinha mesmo sido enrolado numa pedra! Vaca! – e respirou. Não pegou seu Talento. Por enquanto.

– O resto? – perguntou, indicando as outras amarras.

– Hummm. Desculpe.

– É meio difícil conversar deitada de lado.

– É justo. *Loovaeos*.

O corpo de Vi foi erguido e encostado numa árvore.

– Então esse é o seu plano? Um blefe sobre um feitiço que eu não vou poder tirar até chegarmos ao Chantry, de onde por acaso será impossível que eu fuja?

– Isso mesmo.

Vi franziu os lábios. Seria sua imaginação ou haveria uma aura em volta de Ariel?

– É um bom plano – admitiu.

– Melhor do que o que oferecemos à maioria das garotas.

– Vocês sempre sequestram garotas?

– Como já disse, esta é a minha primeira vez. Não costuma ser necessário um sequestro. As irmãs que fazem o recrutamento têm várias maneiras de persuadir. Fui considerada com muito pouco tato para esse trabalho.

Que surpresa.

– Qual é o plano geralmente?

– Ser como as recrutadoras: mulheres lindas, charmosas e respeitadas que

sempre conseguem o que querem.

– E como funciona isso?

– Servidão e tutela. É como um aprendizado, de sete a dez anos de serviço antes de você se tornar uma irmã integral. Então estará livre.

Vi tivera aprendizado suficiente por dez vidas. Deu um riso de desprezo. *Mantenha-a falando. É melhor descobrir o que for possível.*

– Você disse que não sou uma derramadora de verdade. Eu faço tudo que um derramador faz.

– Já teve problema com o Abraço das Trevas, não é?

– O quê?

– Invisibilidade. Você não consegue, não é?

Como ela sabia?

– Isso é apenas uma lenda. Faz os preços aumentarem. Ninguém fica invisível de verdade.

– Vejo que você vai passar um bocado de tempo desaprendendo coisas que acha que sabe. Os verdadeiros derramadores conseguem ficar invisíveis. Mas os magos não. Seu Talento precisa praticamente viver na sua pele. A invisibilidade exige uma percepção total do corpo, tão profunda que chega ao ponto de sentir a luz tocar cada parte da pele. Você é uma coisa diferente, na verdade é uma coisa proibida por um tratado feito há... 138 anos. Os alitaeranos ficariam... *nervosos* se tivéssemos treinado você desse jeito. Veja bem, você seria uma maga de guerra se dominasse mais algumas coisas. Ah, você vai causar algumas dores de cabeça na porta-voz, dá para ver.

– Foda-se.

A irmã Ariel se inclinou e lhe deu um tapa.

– Fale de modo educado.

– Foda-se – respondeu Vi sem entonação.

– Vamos deixar uma coisa bem clara – disse a irmã Ariel, levantando-se. –

Loovaeos uh braeos loovaeos graakos.

Vi foi puxada de pé. Suas amarras caíram. Uma adaga voou da sua mochila e caiu aos seus pés. Ela não estendeu a mão para a faca. Não parou para isso. Juntou seu Talento num soco titânico contra a barriga da irmã Ariel.

A força do golpe arrancou a irmã Ariel do chão. Ela voou por cima da fogueira e deslizou pela terra do outro lado, mas Vi não se mexeu. Nem tentou correr. Estava olhando para a própria mão.

Era como se tivesse dado um soco em aço. Seus ossos se projetavam da pele. Os dedos eram uma massa de sangue. Seu pulso estava quebrado. Os dois ossos do antebraço estavam partidos. A fratura pressionava a pele, ameaçando sair.

A irmã Ariel se levantou e sacudiu seu vestido grande e frouxo. A poeira subiu.

Ela fungou olhando Vi, que segurava o braço.

– Você deveria mesmo reforçar os ossos antes de golpear com o Talento.

– Eu fiz isso – disse Vi.

Estava entrando em choque. Sentou-se. Ou talvez tenha caído.

– Então não deveria ter dado um soco numa maga blindada – respondeu Ariel olhando a mão destruída de Vi. – Parece que você tem mais Talento do que tino. Não se preocupe, isso é bastante comum. A verdade, Vi, é que sua magia corporal não é treinada, não é definida, e não é páreo para uma irmã formada. Você poderia ser muitíssimo mais poderosa. Ao menos sabe como se curar?

Vi estava tremendo. Levantou os olhos idiotamente.

– Bom, se quer usar a mão de novo algum dia, eu posso curá-la. Mas dói e eu sou lenta.

Vi estendeu o braço, em silêncio.

– Só um segundo, preciso lacrar os ouvidos de Uly. Caso contrário, seus gritos vão acordá-la.

– Não vou... Não vou gritar – jurou Vi.

Esse juramento se tornaria uma mentira.



Logan se imobilizou. Em outra ocasião, poderia obrigar todo mundo a descer para montar a torre de novo assim que Gorkhy tivesse ido embora, mas sabia que jamais teria forças para tentar de novo.

– O que está acontecendo aí embaixo? – perguntou Gorkhy.

O quê? Nós estávamos em silêncio. Como ele ouviu?

Grudando-se o máximo possível contra a parede, Logan olhou para cima e viu que Fin fazia o mesmo. Sentada nos ombros dele, Lilly também.

A luz de uma tocha atravessou inclinada a grade enquanto Gorkhy se aproximava. Agora Lilly se encontrava a pouco mais de um metro dele, mas com a borda vertical do Buraco abaixo da grade, a luz da tocha não caía sobre Lilly, a não ser que ele chegasse mais perto.

Ouviram Gorkhy fungando e a luz se moveu enquanto ele se inclinava.

– Animais. Estão fedendo mais do que o normal. Por que não tomam banho?

Isso poderia continuar durante um tempo. Se fosse um dia ruim, ele iria esvaziar a bexiga em cima deles. Logan tremeu de raiva e fraqueza. Não havia motivo para existir um Gorkhy. Não conseguia entender isso. Gorkhy não ganhava nada atormentando-os, mas adorava fazê-lo.

Vá embora. Simplesmente vá embora.

– O que está acontecendo aí embaixo? – perguntou Gorkhy.

Ele estava andando em volta da grade, erguendo a tocha, olhando o mais fundo possível no Buraco. Movia-se no sentido anti-horário, primeiro para longe deles.

Os prisioneiros estavam imobilizados. Nenhum deles xingava, brigava, falava nem nada. Era uma revelação explícita. Só Natassa se moveu, para longe de Logan.

A luz cortou um caminho pela grade e iluminou toda a cabeça de Lilly.

– VÁ PARA O INFERNO, GORKHY! – gritou Natassa.

A tocha se afastou subitamente de Lilly.

– Quem...? Ah, é a minha menininha?

– Está vendo a minha cara, Gorkhy? – perguntou Natassa. Garota esperta. – É a última coisa que vai ver, porque vou matar você.

Gorkhy gargalhou.

– Você tem uma boca grande, hein? Mas já me mostrou isso antes de ser mandada aí para baixo, não foi?

Ele riu de novo.

– Vai se foder!

– Você foi a coisinha mais gostosa que eu tive em anos. Os garotos aí estão aproveitando também? Mas eu fui o primeiro. O primeiro a gente nunca esquece. Você nunca vai me esquecer, não é?

Ele riu de novo. Logan se maravilhou com a coragem de Natassa. Ela estava provocando o sujeito que a havia estuprado, só para lhes dar uma chance.

– Como Lilly está aceitando isso? Tenho certeza de que os garotos preferem comer você do que aquela puta velha. Como é, Lilly? A concorrência ficou feroz de repente? Cadê você, Lilly?

Ele se mexeu de novo, procurando Lilly nas profundezas.

– Joguei aquela puta dentro do buraco – disse Natassa.

Logan tremia tanto que mal conseguia ficar de pé.

– Não brinca? Você é uma gatinha selvagem mesmo, não é? Aposto que até tentou nosso reizinho virgem, não tentou? Já comeu a garota, rei? Sei que Lilly era meio sujinha para você, mas essa é uma carne boa, hein, rei? Cadê você?

Do outro lado do Buraco, Tats disse com a boca junto às mãos:

– Foda-se.

A voz saiu quase igual à de Logan. Diante desse pensamento rápido, Logan sentiu um jorro de sentimento caloroso pelos outros prisioneiros. Deuses, eles estavam nisso juntos! E iriam sair juntos também.

Gorkhy gargalhou.

– Certo, bem, foi divertido. Avisem quando tiverem fome. Ganhei bife extra esta noite e estou tão cheio que acho que não consigo engolir nem mais um pedaço.

Logan não tinha mais forças. Queria gritar, de tão fraco. Nem conseguia se

sentir de pé. Só sabia que, se tentasse se mexer, iria desmoronar. Seu corpo suave frio. Sua visão estava turva.

Um instante depois, ouviu respirações entrecortadas e suspiros de alívio.

– Ele foi embora – disse alguém. Era Natassa. Ela estava parada de novo ao lado de Logan e seus olhos estavam cheios de lágrimas ferozes. – Segure-se, Logan. Estamos perto.

Algo chacoalhou alto na grade.

– O que você está fazendo? – sussurrou Fin. – Lilly, que diabo...

– Eu não encostei nela! Juro! – disse Lilly.

– Desça! – gritou Logan.

Mas era tarde demais. Já podiam ouvir o som de passos correndo. Um instante depois, Gorkhy estava em cima da grade, com Lilly, Fin e Logan totalmente iluminados pela tocha. Com uma velocidade selvagem, ele acertou o rosto de Lilly com o cabo de sua lança. Todos desmoronaram.

Enquanto os corpos caíam em cima dele, esmagando-o contra o chão inclinado, Logan viu seu tesouro – a chave que ele havia guardado durante meses – voar da mão de Lilly. Ela tilintou quicando no chão de pedra, brilhando à luz da tocha, e caiu no abismo.

Cada uma das suas esperanças, cada sonho, estava amarrado àquela chave. Enquanto ela desaparecia no buraco, levou tudo junto.

Um segundo de paz frágil se passou à medida que cada olho via a chave desaparecer. Então, um a um, os prisioneiros perceberam a nova realidade. Fin deu um soco em alguém – devia ser Lilly porque, quando se ajoelhou, ele estava segurando a corda. Em seguida, deu um soco no rosto de Logan.

Logan não pôde impedi-lo. Fin era forte demais; toda a força de Logan tinha se esvaído. Ele caiu frouxo. Houve um rosnado inumano e uma forma sólida se chocou contra Fin, fazendo-o voar, rolando direto até a borda do buraco.

Era Rangido, e ele se agachou sobre Logan mostrando os dentes.

Fin se afastou rapidamente de quatro. Quando Rangido não foi atrás, Fin se levantou devagar. Logan tentou se sentar, mas o corpo não obedeceu. Nem conseguia se mexer. O mundo nadava diante dos seus olhos.

– Eu serei o primeiro a pegar a puta nova – disse Fin.

Que os deuses fossem misericordiosos.

– Você vai ser o primeiro a morrer, seu escroto! – gritou Natassa. Estava tremendo, segurando a adaga como se não tivesse ideia do que fazer com ela.

Os prisioneiros – as porras dos animais! – a cercaram de três lados. Ela recuou para a beirada do abismo, golpeando o ar com a adaga.

Acima deles Gorkhy gargalhava.

– Carne nova, garotos, carne nova!

– Não! – berrou Logan. – Não! Rangido, salve-a. Salve-a, por favor.

Rangido não se mexeu. Ainda rosnava, obrigando todos a ficarem longe de Logan. Natassa viu. Se ao menos pudesse ficar no lado do Buraco mais próximo de Logan, o medo que todos sentiam de Rangido iria mantê-los afastados. Mas Fin também percebeu isso. Desenrolou a corda e armou um laço.

– Você pode tornar isso fácil ou difícil – disse ele, estalando os lábios sangrentos.

Natassa olhou para ele, fixada no laço nas mãos dele como se tivesse esquecido a adaga na sua. Olhou para o outro lado do Buraco e encarou Logan.

– Desculpe, Logan – disse.

Em seguida, pulou no abismo. Os moradores gritaram enquanto ela sumia de vista.

– Calem a boca e prestem atenção! – gritou Gorkhy. – Às vezes dá para ouvir quando eles batem no fundo.

E os desgraçados, os animais, os monstros, calaram a boca e prestaram atenção, esperando ouvir um corpo batendo nas pedras lá embaixo. Era tarde demais. Os prisioneiros resmungaram os palavrões de sempre sobre a carne perdida e olharam para Lilly. As lágrimas de Logan eram tão quentes quanto sua febre.

– E quem é Logan, porra? – gritou Gorkhy. – Rei, ela estava falando com você? Logan fechou os olhos. O que importava, agora?



— Está na hora, gordão – disse Ferl Khalius. – Ele não é maluco a ponto de seguir a gente por aqui.

Estavam a 400 metros de altura no Monte Hezeron, a montanha mais alta na fronteira ceurana. A caminhada tinha sido árdua. Os piores barrancos mediam cerca de 4 metros. Dali havia dois modos de continuar: pela lateral da montanha ou escalando-a. Ferl quase havia começado uma briga na última aldeia ao perguntar qual caminho um homem corajoso com pressa pegaria.

Alguns aldeões afirmaram que a lateral jamais era uma boa escolha. O caminho era muito estreito e especialmente ruim nessa época do ano. Até mesmo uma neve rala ou uma chuva gelada tornaria o trajeto um suicídio. Outros alegaram que escalar era o único modo de atravessar a montanha antes que a neve caísse. Contudo, nesse caso, ficar preso nas partes íngremes e fundas seria morte garantida.

E a neve estava chegando.

O barão Kirof não estava se saindo bem. Tinha tanto medo de altura que chegou a chorar.

– Se... você considera maluquice ele nos seguir, o que isso faz de nós?

– Ansiosos por viver. Eu cresci em montanhas mais difíceis do que esta. – Ferl deu de ombros. – Me siga ou caia.

– Você não pode me largar aqui?

O barão Kirof era patético. Ferl o trouxera porque não sabia o que aconteceria depois que fugisse. Queria ter algo com que barganhar. Mas talvez tivesse sido um erro. O gordo o havia atrasado.

– Eles o querem vivo. Se ficar aqui, aquele vürdmeister vai me jogar da pedra. Se você estiver comigo, talvez ele não faça isso.

– Talvez?

– Anda, gordão!

Ferl Khalius olhou sério para as nuvens escuras. Os iktanas, sua tribo, eram das montanhas. Ele era um dos melhores escaladores que conhecia, mas nunca havia gostado de escalar. Preferia batalhar. As batalhas fazem as pessoas se sentirem vivas. Escalar era algo arbitrário, os deuses das montanhas eram caprichosos. Tinha visto o membro mais devoto do clã mergulhar para a morte quando se apoiou numa pedra que havia sustentado Ferl – bem mais pesado – apenas um momento antes.

Durante a batalha, uma flecha perdida pode matá-lo, claro, mas você podia se mover, podia lutar. A morte ainda poderia chegar, mas não iria encontrá-lo apavorado, agarrando-se a uma pedra com os dedos escorregadios, rezando contra a próxima rajada de vento.

A travessia pela lateral da montanha não era a pior que ele já vira. Subia uns 30 metros e toda a extensão era estreita, com cerca de um metro de largura. Um metro era uma largura bem grande. Mas a possibilidade de queda fazia o espaço parecer muito menor. O conhecimento de que, se escorregasse, você não teria absolutamente nenhuma chance de se agarrar, que um tropeço significava a morte certa.

Isso aterrorizava Kirof.

Infelizmente o barão não sabia por que era importante. Ferl também não tinha conseguido descobrir nada. Mas Kirof era importante o suficiente para que o Deus-rei mandasse um vürdmeister atrás deles.

– Você vai na frente, gordão. Eu levo todo o equipamento, mas é só essa a misericórdia que você vai ter.

Não era misericórdia. Era praticidade. Gordão ficaria mais lento com uma mochila. Ferl não queria perder seus suprimentos se caísse.

– Não consigo – disse o barão Kirof. – Por favor.

O suor escorria pelo seu rosto redondo. As pequenas suíças ruivas estremeciam como os bigodes de um coelho. Ferl desembainhou a espada, a espada que ele abrira mão de tanta coisa para proteger, a espada que faria dele um chefe guerreiro de clã. Era tudo que um chefe guerreiro poderia querer: uma espada perfeita, até pelas runas das terras altas no aço, que Ferl reconhecia mas não sabia ler.

Fez um gesto com a espada, um pequeno dar de ombros que dizia: “Pode se arriscar com o caminho ou pode se arriscar com a espada.” O barão começou a andar. Ia murmurando baixo demais para que Ferl escutasse, mas apenas parecia rezar.

De modo surpreendente, Kirof seguia depressa. Ferl precisou bater no sujeito uma vez com a parte chata da espada quando ele parou e começou a hesitar. Não tinham tempo para isso. Se não estivessem suficientemente longe quando o vürdmeister saísse do meio das árvores, Ferl estaria morto. Tinha escolhido ir atrás porque era o único modo de manter o sujeito em movimento, mas isso implicava expor-se a qualquer magia que o vürdmeister lançasse contra eles. Se não estivesse longe o suficiente, tudo estaria acabado.

A vista era de tirar o fôlego. Tinham passado de metade da área exposta. Ferl achou que conseguia ver a cidade de Cenária, longe a noroeste. Isso fazia parecer que não haviam se afastado quase nada. Mas Ferl não estava interessado nas vastidões sem nuvens do norte, mas na leve pontada que tinha sentido na pele. Neve.

Olhou para cima. A borda frontal da negra parede de nuvens se encontrava bem

acima deles.

Gordão parou.

– O caminho está estreitando.

– O vürdmeister saiu da floresta. Não temos escolha.

O barão engoliu em seco e começou a avançar, arrastando os pés, o rosto comprimido contra a rocha, os braços abertos.

Atrás deles, o vürdmeister estava parado com os punhos nos quadris, furioso.

Ferl olhou em frente. Mais 30 passos e só mais um trecho difícil em que a laje se estreitava até uns 50 centímetros de largura. Kirof estava inalando o ar rarefeito, congelado.

– Você consegue – disse Ferl. – Sei que consegue.

Milagrosamente, ele começou a se mover, arrastando os pés, mas confiante, como se tivesse encontrado algum poço de coragem dentro de si, do qual jamais soubera.

– Estou conseguindo! – disse ele.

E conseguiu. Passou pela parte mais estreita do caminho e Ferl seguiu logo atrás, chutando o cascalho para o abismo e tentando não ir junto. O espaço começou a se alargar e Kirof voltou a andar, ainda que a laje continuasse com menos de um metro de largura. Ele estava gargalhando.

Então houve um borrão verde adiante e parte da montanha explodiu.

Enquanto a fumaça era soprada pelo vento gelado, as nuvens se abriram e começou a nevar. Flocos grandes e pesados foram lançados em círculos e linhas horizontais. Kirof e Ferl olharam para a frente: havia uma fenda. Mal teria um metro de largura, mas não havia espaço para correr antes de saltar. Além disso, o lado oposto não parecia estável.

– Se conseguir pular isso aí – disse Ferl –, nunca mais vou chamá-lo de gordão.

– Vai se foder – retrucou Kirof. E pulou.

Aterrissou com dificuldade do outro lado, mas conseguiu. Outro projétil acertou a rocha acima da cabeça de Ferl e lascas de pedra cortaram seu rosto. Ele balançou a cabeça para clarear a vista e perdeu o equilíbrio, tudo isso num instante. Deu dois passos e pulou.

O chão se desfez sob seus pés. Ele estendeu os braços, tentando agarrar qualquer coisa. Uma mão segurou a sua. O barão puxou-o para a segurança.

Ofegando, Ferl se dobrou com as mãos nas coxas.

– Vo-você me salvou? Por quê?

A resposta do barão se perdeu enquanto a rocha atrás deles explodia de novo. Faltavam uns 30 passos até sumirem da vista do vürdmeister. A partir dali o caminho tinha um 1,5 metro de largura, ou mais, o suficiente para aguentar o impacto dos projéteis. Ferl guardou a espada e agarrou o barão, virando-o.

– Esse é o único modo de sairmos dessa – disse.

– Tudo bem. Não tenho ideia do que fazer mesmo. Estou com você.

Começaram a andar de costas juntos, Ferl olhando para os pés e depois para o vürdmeister do outro lado. O rapaz tinha um projétil verde reluzente circulando devagar em volta do corpo. Sabia que os fugitivos estavam se afastando. O projétil começou a girar cada vez mais depressa.

Ferl obrigou o barão a ficar mais perto da borda com uma ameaça silenciosa.

O projétil diminuiu de velocidade e eles puderam ver a boca do vürdmeister se movendo em palavrões inaudíveis. Ferl ergueu o dedo médio para o sujeito, numa saudação silenciosa. Um instante depois, rindo, o barão imitou o gesto.

Então uma pedra se mexeu embaixo do calcanhar de Ferl enquanto ele dava um passo atrás. Estava escorregando, puxando o barão Kirof para cima dele.

Só havia uma coisa a fazer. Empurrou o barão para a borda com o máximo de força possível, impelindo o próprio corpo para a segurança. Caiu de bunda a tempo de ver os dedos do barão agarrando a borda.

– Socorro! – gritou o barão.

Ferl não se mexeu. Kirof se segurou por mais um instante, depois os braços fracos não aguentaram. Seus dedos escorregaram da pedra. A queda demorou muito, mas ele não gritou. Juntos, Ferl e o vürdmeister o olharam voar para as costas rochosas da morte.

Do outro lado da montanha, o rosto do vürdmeister pareceu cair tanto quanto o corpo do barão. O Deus-rei não era compreensivo com o fracasso.

Ferl se arrastou para trás e fugiu. Parabenizou-se por ser prevenido e ter ficado com a mochila.



A propriedade dos Gyre em Havermere mudara bastante desde a última vez que Kylar havia passado por ali com Elene e Uly, a caminho de Caernarvon. Na época, o lugar estava quase vazio. Sem um senhor para protegê-los, alguns agricultores haviam se mudado. A próxima colheita e a feliz ausência de ataques-relâmpago de Ceura ou Lae'knaught eram os únicos motivos para os outros terem ficado.

Agora a propriedade estava quase transbordando de gente, e Kylar demorou um instante para adivinhar por quê. A Resistência transferira sua base para lá. Estavam a um dia de cavalgada de Cenária, o que os colocava perto o bastante para atacar patrulhas, mas longe o suficiente para fugir, caso o Deus-rei reunisse um exército contra eles. A riqueza da colheita e os recursos da casa dos Gyre – que incluíam centenas dos melhores cavalos do país, um armamento substancial e muros defensáveis contra qualquer um que não usasse magia – tornava o lugar uma base perfeita. Kylar se perguntou se eles a haviam tomado à força ou se o intendente dos Gyre tinha deixado o exército entrar.

Parou ao ver os primeiros sinais de movimento na escuridão da madrugada. Se quisesse, poderia não ser detectado. Certamente eles ainda não o tinham visto, não a esta luz, mas ele não sabia se as sentinelas eram boas. Por fim achou que seria melhor descobrir o que estava acontecendo em Harvermere. Se Logan ainda estivesse vivo e Kylar conseguisse salvá-lo, eles iriam para lá.

Antes de continuar, fixou seu disfarce de Durzo sobre o rosto. Era muito mais fácil do que o único outro disfarce que tinha montado – o do barão Kirof – e provavelmente menos perigoso. Os rebeldes que conheciam o barão Kirof queriam matá-lo. Os que conheciam Durzo provavelmente fingiriam não conhecê-lo – ninguém em sã consciência admitiria conhecer um derramador. E era melhor do que entrar com seu próprio rosto.

Um Kylar Stern que aparecesse no acampamento rebelde seria um Kylar Stern que se comprometia com a causa deles. Além disso, ainda não sabia se o personagem Kylar estava em segurança.

Portanto ali estava ele, montado em seu cavalo, tentando fixar o rosto de Durzo sobre o seu. Não era fácil, mesmo tendo passado dias – semanas – aperfeiçoando o disfarce. Eram muitos problemas.

Primeiro era necessário lembrar o rosto com perfeição. Mesmo depois de anos

olhando para Durzo Blint, isso era mais difícil do que Kylar imaginara. Tinha passado semanas lembrando-se simplesmente de como as pequenas rugas nos cantos dos olhos de Durzo se curvavam para baixo, colocando as marcas de varíola nas bochechas, acertando a forma das sobrelanceiras, ajustando os fios da barba rala. Então, quando considerou que estava perfeito, percebeu que era só o começo.

Uma máscara estática não era um disfarce. Precisava ancorar cada ponto móvel daquele rosto ao seu, de modo que se movesse quase do mesmo modo. Quase. O fato era que, mesmo depois de dez anos sendo criado por Durzo e de anos captando seus mínimos trejeitos, as expressões faciais de Kylar não eram muito parecidas com as do mestre. Assim, o rosto de Durzo ficava carrancudo quando ele franzia a testa, dava um riso de desprezo quando ele sorria e zombava quando ele fazia uma careta, além de uma centena de outras coisas que Kylar havia acrescentado durante as longas horas em que treinava fazendo expressões diante do espelho.

Mesmo assim o disfarce não estava completo. Durzo era alto. Kylar era só um pouquinho acima da média. Por isso, depois de montar o disfarce ele o projetou para cima uns bons 15 centímetros. Quando alguém tentava olhar Durzo nos olhos, estava fitando a cabeça de Kylar. Era necessário um bocado de disciplina para se lembrar de olhar o pescoço da pessoa, de modo que Durzo estivesse olhando de volta nos olhos. Essa era uma coisa que Kylar ainda não tinha ajustado: havia tentado fazer a coisa de modo que pudesse olhar para onde quisesse, com os olhos de Durzo acompanhando 15 centímetros acima, mas ainda não havia descoberto como.

E, claro, se alguém tentasse tocar o rosto ou os ombros que ele projetava, a ilusão seria destruída. Kylar tentara tornar a ilusão etérea, de maneira que qualquer coisa que a tocasse passaria direto. Não deu certo. Se algo mais denso do que a chuva o acertasse, o disfarce se partiria. Kylar então tentou o oposto: dar forma física, de modo que toques leves pudessem sentir resistência, como rostos reais ou ombros reais. Também não deu certo.

No todo era uma quantidade tremenda de trabalho para o que acabava sendo um disfarce medíocre. Ele cutucou os flancos do cavalo com os calcanhares e desceu para Havermere. As sentinelas não pareceram surpresas ao vê-lo saindo do alvorecer, de modo que talvez o perímetro deles fosse melhor do que Kylar havia pensado.

– Declare o que veio fazer – disse um adolescente de aparência durona.

– Sou nativo de Cenária, mas morei em Caernarvon nos últimos anos. Ouvi dizer que as coisas haviam se acalmado. Tenho família em Cenária e vou ver se elas estão bem.

Foi rápido. Provavelmente havia explicado demais, porém um comerciante nervoso faria a mesma coisa.

– Qual é sua profissão?

– Sou mercador de ervas e boticário. Normalmente aproveitaria a oportunidade para trazer algumas ervas, mas minha última carga foi destruída por bandoleiros. Os desgraçados queimaram minha carroça quando descobriram que não havia ouro. De qualquer modo, desse jeito posso viajar mais rápido.

– Está armado? – perguntou o rapaz.

Ele parecia mais tranquilo, e Kylar viu que ele acreditava na história.

– Claro que estou. Acha que sou louco?

– É justo. Pode ir.

Kylar entrou no acampamento que se espalhava diante do portão de Havermere. Era bem organizado, com toaletes a intervalos regulares, longe dos fogões de pedras, com numerosas construções permanentes ou semipermanentes e caminhos livres para tráfego a pé ou a cavalo. Mas não era muito militar. Algumas estruturas pareciam destinadas a permanecer durante o inverno, mas as fortificações em volta do acampamento eram risíveis. Pelo jeito todos os nobres e seus guardas pessoais tinham passado a residir na propriedade dos Gyre, enquanto os soldados e civis que haviam se juntado aos rebeldes estavam aqui fora, esforçando-se ao máximo para se virar.

Kylar observava uma construção de madeira, tentando adivinhar seu propósito, quando quase atropelou um homem usando pincenê e mancando com uma bengala. O sujeito levantou os olhos e pareceu tão chocado quanto Kylar.

– Durzo? – perguntou o conde Drake. – Achei que estivesse morto.

Kylar se imobilizou. Era tão bom ver o conde Drake vivo que seu controle sobre o disfarce quase falhou. O conde parecia mais velho, desgastado pelas preocupações. Ele mancava desde que Kylar o conhecia, mas nunca tinha precisado de bengala antes.

– Há algum lugar onde possamos conversar, conde Drake?

Kylar mal se conteve para não chamá-lo de “senhor”.

– Sim, sim, claro. Por que está me chamando assim? Faz anos que não me chama de “conde Drake”.

– Ah... faz um tempo. Como você saiu?

O conde Drake franziu os olhos para ele, e Kylar olhou para o peito do homem, esperando que o olhar de Durzo e o do conde se encontrassem.

– Você está bem? – perguntou ele.

Kylar estendeu a mão e apertou o pulso do conde. O sujeito que apertava seu pulso de volta parecia real, sólido, como sempre. Kylar ficou dividido entre a ânsia de lhe contar tudo e uma vergonha igualmente forte.

O perigo de conversar com o conde Drake era que tudo ficava claro enquanto ele ouvia. Decisões que tinham parecido muito confusas se tornavam simples. Algo em Kylar tentava se afastar disso. Se o conde Drake realmente o conhecesse, pararia

de amá-lo. Um derramador não tem amigos.

O conde o levou a uma tenda perto do centro do acampamento. Sentou-se numa cadeira, com a perna obviamente rígida.

– Entra um pouco de vento, mas vamos resolver isso antes de o inverno chegar.

– *Vamos?* – perguntou Kylar.

O júbilo escorreu dos olhos do conde.

– Minha mulher, Ilena e eu. Serah e Magdalyn não... não conseguiram sair. Serah foi transformada em uma mulher de conforto. Ouvimos dizer que... ela se enforcou com os lençóis. Magdalyn é uma das concubinas do Deus-rei, pelo que ouvimos dizer. – Ele pigarreou. – A maioria não dura muito.

Então era verdade. Kylar não duvidava de Jarl, mas não pudera acreditar.

– Sinto muito.

“Mulheres de conforto.” A expressão era totalmente inadequada. Atadas à forma de escravidão mais cruel e desumanizante que Kylar conhecia: esterilizadas magicamente e obrigadas a ficar num quarto no alojamento khalidori para a conveniência dos soldados. Uma conveniência usada dezenas de vezes por dia. Seu estômago se revirou.

– É. É... uma ferida aberta – disse o conde Drake com o rosto cinzento. – Nossos irmãos khalidori se entregaram aos piores apetites. Por favor, entre. Vamos falar sobre a guerra que precisamos vencer.

Kylar entrou, mas a revolta no estômago não parou; intensificou-se. Quando viu Ilena Drake, a filha mais nova do conde, que agora tinha 14 anos, a culpa o esmagou. Meu Deus, e se eles a tivessem apanhado também?

– Poderia esquentar um pouco de ootai para nós? – pediu o conde à garota. – Você se lembra da minha filha?

– Ilena, não é?

Ilena sempre fora sua predileta. Tinha o cabelo louro-claro da mãe e a tendência travessa do pai, sem o equilíbrio dos anos de vida do conde.

– É um prazer vê-lo – disse a garota educadamente.

Ela estava virando uma dama. *Quando isso aconteceu?*

Kylar olhou de volta para o conde.

– E qual é o seu título ou sua posição aqui?

– Título? Posição? – O conde Drake sorriu e girou a bengala apoiada na ponta. – Terah Graesin andou barganhando títulos, tentando juntar famílias à rebelião. Mas quando se trata de conseguir que as coisas sejam feitas de verdade, ela fica feliz em ter minha ajuda.

– Está brincando.

– Infelizmente não. É por isso que ainda estamos aqui... há quanto tempo? Três meses desde o golpe? Ela só permitiu pequenos ataques-relâmpago contra linhas de

suprimento e postos avançados mal defendidos. Tem medo de que, se sofrermos uma perda grande, as famílias voltem atrás e jurem aliança ao Deus-rei.

– Não é assim que se vence uma guerra.

– Ninguém sabe como vencer uma guerra contra Khalidor. Faz décadas que ninguém luta com sucesso contra um exército reforçado por bruxos. Há informes de que os khalidori estão tendo problemas ao longo do Gelo. Ela espera que a maioria seja mandada para casa antes que a neve bloqueie os Ventos Uivantes.

– Achei que detínhamos o controle dos Ventos Uivantes.

– Detínhamos – disse o conde Drake. – Cheguei a receber notícias de meu amigo Solon Tofusin. Nosso plano era sinalizar para eles quando estivéssemos prontos para marchar para a guerra. A guarnição de lá tinha as melhores tropas cenárias do reino, todos veteranos.

– E?

– Estão todos mortos. Mataram-se ou deixaram que alguém cortasse suas gargantas. Meus espiões dizem que foi obra da deusa Khali. Isso só faz aumentar a cautela da duquesa.

– Terah Graesin não faz nada. É uma preguiçosa – disse Ilena.

– Ilena! – censurou seu pai.

– É verdade. Eu passo todo o dia com as damas de companhia dela – insistiu Ilena, com uma carranca.

– Ilena!

– É verdade.

Kylar estava abalado. Era impossível. Os deuses eram superstição e loucura. Mas que superstição levaria centenas de veteranos ao suicídio? Ilena não tinha afastado o olhar de Kylar desde que ele entrara na tenda. Ela o olhava como se ele fosse roubar alguma coisa.

– E qual é o plano? – perguntou Kylar, recebendo o ootai da garota de testa franzida. Tarde demais, percebeu que não poderia beber. Os lábios de Durzo estavam no lugar errado.

– Pelo que sei – disse o conde, sofrido – não existe plano nenhum. Ela falou sobre uma grande ofensiva, mas acho que não sabe como agir. Ela vem tentando contratar derramadores; até mesmo um rastejador ymmuri veio aqui há algumas semanas, um sujeito de dar medo, no entanto acho que ela está formando o baralho sem começar o jogo. Está reunindo um exército, mas não sabe o que fazer com ele. Ela é uma criatura política, e não marcial. Não tem nenhum militar em seu círculo.

– Parece que vai ser a rebelião mais curta da história.

– Pare de me encorajar. – O conde Drake bebericou seu ootai. – O que o traz aqui? Espero que não seja trabalho.

– Que tipo de trabalho você faz? – perguntou Ilena.

– Ilena, fique quieta ou saia – disse o conde Drake.

Diante da expressão dela, ao mesmo tempo magoada e petulante, Kylar tossiu na mão e desviou o olhar, para não rir. Quando levantou os olhos, a expressão de Ilena havia mudado totalmente. Seus olhos estavam brilhantes e arregalados.

– É você! – disse ela. – Kylar!

Jogou-se nos braços dele, derrubando a delicada xícara de ootai e esmagando a ilusão enquanto o abraçava.

O conde ficou num silêncio chocado. Kylar olhou para ele, sem graça.

– Seu grande idiota, me abrace! – disse Ilena.

Kylar gargalhou e a abraçou. Deuses, era bom – bom de verdade – ser abraçado. Ela o apertou com o máximo de força e ele a levantou do chão abraçando-a de volta. Fingiu apertar o máximo possível. Ela apertou mais ainda até que ele gritou pedindo misericórdia. Os dois riram de novo – sempre se abraçavam assim – e ele a colocou no chão.

– Kylar, que loucura! Como você fez isso? Pode me ensinar? Me ensina, por favor?

– Ilena, deixe o sujeito respirar – disse o pai dela, mas estava rindo. – Eu deveria ter reconhecido sua voz.

– Minha voz! Ah, m... maldição! – reagiu Kylar.

Alterar a voz exigiria um grande trabalho de atuação – que parecia estar fora do seu alcance – ou mais magia. Isso implicaria mais horas trabalhando num único disfarce. Quando arranjaria tempo para isso?

– Bom – disse o conde, guardando o pincenê e cacos da xícara de ootai despedaçada. – Parece que precisamos conversar. Quer nos dar licença, Ilena?

– Ah, não me obrigue a sair, pai.

– É... sim – disse Kylar. – Até daqui a pouco, coisinha insignificante.

– Não quero ir.

O conde Drake lançou-lhe um olhar e ela murchou. Bateu o pé com força e saiu.

Então os dois ficaram a sós. O conde Drake disse gentilmente:

– O que aconteceu com você, filho?

Kylar cutucou uma unha áspera, olhou para os cacos da xícara no chão, olhou para qualquer lugar, menos para aqueles olhos que tudo aceitavam.

– Senhor, acha que um homem pode mudar?

– Sem dúvida. Mas, em geral, não muda tanto. Por que não me conta tudo?

E Kylar contou. Tudo, desde a propriedade dos Jadwin até a violação dos juramentos com Elene e Uly.

– Eu poderia ter impedido – disse. – Poderia ter acabado com a guerra antes que começasse. Sinto muito. Mags e Serah estariam em segurança se eu tivesse

matado Durzo antes...

O conde esfregava as têmporas enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto.

– Não, filho. Pare com isso.

– O que o senhor teria feito?

– Se eu soubesse que dar uma facada nas costas de Durzo salvaria Serah e Magdalyn? Teria dado a facada, filho. Mas não seria a coisa certa. A não ser que você seja um rei ou general, a única vida que você tem o direito de sacrificar pelo bem maior é a sua. Você fez a coisa certa. Agora vamos falar sobre esse passeiozinho até a Bocarra. Tem certeza de que o boato é verdadeiro?

– O próprio Shinga foi me contar. E morreu por causa disso.

– Jarl está morto? – perguntou o conde Drake.

Era um golpe violento, dava para ver.

– O senhor sabia sobre Jarl?

– Ele andou falando comigo. Estava planejando um levante para nos dar uma chance de dividir as forças de Ursuul. As pessoas acreditavam nele. Elas o amavam. Até os ladrões e assassinos começavam a acreditar que poderiam ter um recomeço.

– Senhor, depois de eu resgatar Logan...

– Não diga isso.

– Vou atrás de Mags.

O rosto do conde Drake ficou cinza de novo, sem esperança.

– Salve Logan Gyre e faça isso depressa. Uana vai lamentar não vê-lo, mas você precisa ir agora.

Kylar se levantou e recolocou a máscara de Durzo. O conde Drake observou isso e seu rosto recuperou um pouco de vida.

– Sabe, você tem truques que são... bem loucos.

Os dois riram juntos.

– Mais uma pergunta – disse Kylar. – Estive pensando que poderia ser bom correrem boatos de que Logan está vivo, antes de ele ressurgir. Quer dizer, isso vai dar alguma esperança às pessoas e tornar mais fácil para ele consolidar o poder quando aparecer de verdade. Devo dizer a Terah Graesin que ele está vivo?

– É meio tarde para isso – falou uma voz junto à entrada da tenda. Era Terah Graesin, com um vestido verde luxuoso e uma capa de mink. Estava dando um sorriso apertado. – Ora, Durzo Blint, eu não o via há séculos.



Em geral Garoth chamava as concubinas aos seus aposentos, mas às vezes gostava de surpreendê-las. Magdalyn Drake o havia entretido por longo tempo, mas como sempre seu interesse estava começando a diminuir.

Hoje tinha acordado horas depois da meia-noite com uma coceira infernal, uma dor de cabeça e uma ideia. Entraria em silêncio e acordaria Magdalyn com violência. Adorava o grito dela. Iria espancá-la com selvageria e acusá-la de tramar contra ele.

Se ela implorasse e jurasse que não era verdade, como a maioria das mulheres em pânico, ele a jogaria da sacada. Se o xingasse, iria comê-la, igualando o desafio com um grau equivalente de brutalidade, e ela viveria um dia a mais. Antes de sair, iria abraçá-la com ternura e dizer que sentia muito, que a amava. As mulheres decentes sempre queriam ver algo de bom nele. Tremeu de antecipação.

Estendeu o vir através da porta fechada, esperando detectar o som tranquilo da respiração dela enquanto dormia. Em vez disso, sentiu algo diferente. Ela estava acordada.

Garoth abriu a porta, mas ela não o notou. Estava sentada na cama, virada para a porta aberta que dava para a sacada sem parapeito. Vestia apenas uma camisola fina, mas não parecia sentir frio. Balançava-se para trás e para a frente.

Garoth xingou alto. Ela não reagiu. Ele tocou a pele dela que também estava fria. Magdalyn devia estar sentada assim durante horas.

Outras concubinas tinham fingido loucura numa tentativa de escapar de suas atenções. Talvez Magdalyn Drake fosse assim. Garoth deu-lhe um tapa e ela caiu na cama. Não gritou. Agarrando um punhado de cabelo escuro, Garoth a arrastou para a sacada.

Foi direto até a borda e a puxou de pé. Segurou o pescoço dela com uma das mãos grossas e empurrou as costas até que os dedos dos pés estivessem na borda. Seus dedos quase davam a volta completa no pescoço. Tomou o cuidado de sufocá-la o mínimo possível.

Finalmente os olhos dela entraram em foco. A sombra da morte costumava ter esse efeito nas pessoas.

– Por quê? – perguntou Magdalyn com tristeza. – Por que você faz isso?

Ele a olhou, confuso. A resposta era tão óbvia que Garoth nem soube se tinha

entendido a pergunta.

– Me agrada – respondeu.

E estranhamente – mas Magdalyn Drake sempre havia sido uma garota estranha, e isso só a tornava mais interessante – Magdalyn sorriu. Empurrou-se contra ele, mas não como uma mulher à beira de um precipício se empurraria na direção da única esperança de vida.

Beijou-o. Se estava representando, era convincente. Se a mente dela tinha se partido, fora de um modo intrigante. Magdalyn Drake beijou-o e Garoth podia jurar que era desejo verdadeiro. Sua excitação voltou mais forte do que nunca enquanto ela subia nele, as pernas jovens e esguias envolvendo sua cintura.

Ele pensou em levá-la de volta para dentro, mas era impossível permanecer totalmente no controle, a ponto de fazer amor com uma mulher que podia estar tentando matá-lo. Ela foi beijando até suas orelhas.

– Estive escutando você e Neph – disse ela, lançando o hálito quente em seu ouvido.

Em geral Ursuul não deixava suas concubinas falarem enquanto as fodia, a não ser que o estivessem xingando, mas não queria destruir aquela insanidade frágil.

Magdalyn beijou-o de novo e se afastou. Inclinou-se para trás. Segurando-o com as pernas, soltou o pescoço dele e se inclinou para trás. Ele a agarrou pelos quadris, para impedi-la de mergulhar para a morte. De cabeça para baixo, ela balançou os braços acima da cabeça, olhando por cima do castelo e da cidade lá embaixo, gargalhando.

A pulsação de Garoth latejava forte nos ouvidos. Não se importava com quem pudesse estar olhando. Qualquer que fosse aquela loucura, era inebriante.

Ela remexeu os quadris e falou alguma coisa.

– O quê? – perguntou ele.

– Solte – disse ela.

Ela parecia apertar as pernas com força, por isso ele a soltou, pronto para pegá-la com o vir se necessário. Não iria deixar que isso terminasse sem tomar seu prazer. Agora, não.

Magdalyn soltou a camisola que estava presa entre os corpos dos dois e tirou-a. Jogou-a pela borda, rindo de novo enquanto o tecido leve girava na direção das pedras do pavimento, lá embaixo.

Depois levantou o corpo e beijou Garoth de novo, comprimindo o corpo jovem contra ele. Tirou o manto dele com violência. Depois se enterrou nele, gemendo enquanto sua pele tocava a dele, quente contra quente no ar frio da noite.

– Ouvi você falando sobre o Anjo da Noite. Kylar Stern.

– Humm.

– Quero que você saiba uma coisa – sussurrou ela em seu ouvido, fazendo-o

tremer. Que diabo ela estava dizendo? – Kylar é meu irmão. Ele vem me buscar, seu escroto sujo, e se eu não matar você, ele mata.

Ela mordeu sua artéria carótida com o máximo de força possível e tentou se jogar da borda levando-o junto. O vir reagiu antes que Garoth pudesse, explodindo no pescoço. Saltou dos membros, jogando-o para dentro ao mesmo tempo que Magdalyn voava pelo espaço.

Ele ficou parado, trêmulo, e mandou chamar Neph. O vürdmeister o encontrou parado na sacada, olhando a ruína da jovem estatelada no pátio lá embaixo.

– Cuide dela, Neph. Diga a Trudana que espero o melhor – disse o Deus-rei, tremendamente comovido. – O espírito dela era grandioso.

– Será que devo... – O lodricari deu sua tosse falsa e Garoth o odiou mais ainda. – Devo mandar outra concubina? – E fez questão de não olhar para a prova da excitação continuada de Garoth.

– Sim – respondeu Garoth, tenso. *Maldita Khali, sim.*



– Se nos der licença, conde Drake – disse Terah Graesin. – Preciso dos seus aposentos.

O conde Drake saiu mancando com sua bengala enquanto vários guardas se posicionavam do lado de fora da tenda. Kylar ainda estava tonto. Terah Graesin conhecia Durzo. Isso significava que ele deveria conhecê-la, e não conhecia. Ela o havia contratado?

– Bom – disse ela. – Logan está vivo. Isso é... fantástico.

Terah Graesin tinha uma voz sedosa e grave, além da fama de ser sensual. Kylar não via isso. Ah, ela era bonita. Tinha boca grande, lábios carnudos e o tipo de corpo inalcançável pela maioria das mulheres nobres que passavam os dias sem fazer nada mais cansativo do que dar ordens aos serviçais. Talvez fosse um pouco consciente demais da própria beleza. Usava muita maquiagem – sutil e aplicada habilmente, mas exagerada – e havia tirado as sobrancelhas até deixar apenas linhas minúsculas. A verdade era que ela se postava como se ele devesse admirá-la, e isso o deixava irritado.

O que o irritava mais era que, para encará-la com seu disfarce, precisava olhar direto para os seios nitidamente empinados. Maldição!

– Quem está pagando para você salvar Logan Gyre? – perguntou ela.

– A senhora não espera mesmo que eu responda a isso.

O único trunfo que ele tinha era o fato de Blint ser rude e cheio de segredos. Se ela o conhecesse, saberia disso.

– Mestre Blint – disse ela, parecendo chegar a uma conclusão, mas ainda falando naquela voz conscientemente sensual –, você é o único homem que já matou dois reis. Quanto posso pagar para que mate um terceiro?

– Quer que eu mate o Deus-rei?

– Não. Simplesmente não salve Logan Gyre. Pago o dobro do que seu contratante ofereceu.

– O quê? – perguntou Kylar. – Por quê? A senhora precisa de todos os aliados que puder nesse momento. Logan traria milhares de pessoas para os seus estandartes.

– O problema é... Bom, você consegue guardar um segredo, Durzo?

Ela sorriu.

– A senhora confiaria seus segredos a um derramador?

– Sabia que você diria isso! – exclamou ela em triunfo, quase rindo. – Você disse a mesma coisa da última vez, lembra?

– Já faz um tempo – disse Kylar, com a garganta apertando.

– Bom, mas lembra como foi matar meu pai?

Kylar piscou.

– Diga, você fez isso antes ou depois de matar o rei Gunder?

– Sou pago para matar, não para falar a respeito.

Deuses! O próprio pai dela?

– E é por isso que posso confiar em você. Mas devo lembrar que já lhe dei dinheiro para não me matar, de modo que você não pode fazer comigo o que fez com meu pai.

– Claro que não.

Kylar demorou um segundo para resolver o enigma. Terah devia ter conhecido Durzo quando este havia aceitado um serviço para o pai dela, o duque Gordin Graesin. Talvez Gordin tivesse contratado Durzo para matar o rei Davin. O duque Graesin devia ter achado que Regnus Gyre seria rei depois da morte de Davin, assim tornando rainha sua outra filha, Catrinna. A mãe de Logan, Catrinna Graesin, era meia-irmã de Terah, mas quase vinte anos mais velha do que esta.

– E por que deixar Logan morrer? – perguntou ele.

– Porque não abro mão facilmente das coisas que me pertencem, Durzo Blint. Como você bem sabe.

– Não acha que talvez fosse melhor se preocupar em tomar o trono dos khalidori antes de se preocupar em assassinar seus aliados?

– Não preciso de uma aula de civismo. Está interessado em ganhar dinheiro para não fazer nada ou quer me tornar sua inimiga? Eu serei rainha um dia, e você vai descobrir que sou uma antagonista implacável.

– Sete mil coroas – disse Kylar. – Como vou saber se a senhora vai cumprir o

prometido? Se os khalidori a tirarem de cena, não serei pago.

Ela sorriu.

– Este é o Durzo Blint de quem eu lembro. – Ela tirou um anel de rubi do dedo.
– Por favor, não o empenhe. Pertenceu ao meu pai e não vale nem metade dos 8 mil que vou lhe dar em troca dele quando assumir o trono. Haverá um bônus se você me trazer uma prova da morte de Logan.

– É justo.

– Prevejo que alguns dos meus aliados vão se tornar... problemáticos no futuro. Terei outros serviços para você. Isto é, se você não tiver perdido o jeito.

– O que isso quer dizer?

– Quando você não atendeu ao meu chamado há um mês, tive que procurar outro.

– A senhora nunca vai encontrar alguém tão bom quanto eu.

Isso, pelo menos, era o clássico Durzo Blint. Terah Graesin passou a língua pelos lábios e seus olhos se encheram de uma fome súbita. Kylar não reconheceu a expressão, mas não gostou, o que quer que aquilo significasse. Ela sorriu.

O que ela está esperando? Que eu lhe dê uma cantada?

O momento passou.

– Bem, então... – disse ela num tom inexpressivo que não revelou a Kylar se ele estava certo ou errado. Em seguida, chegou perto dele para beijar suas duas faces. Isso colocou seu rosto verdadeiro na altura do peito dela, mas Kylar teve sorte. Ela não se inclinou suficientemente perto para tocar seus lábios verdadeiros com os seios nem a bochecha fantasma com os lábios. A ilusão permaneceu intacta.

Assim que ela foi embora, ele fugiu. Pulou no cavalo e foi para o norte, saindo do acampamento, preocupado com a hipótese de Terah ter alguém vigiando a saída oeste. Mudou o disfarce para que o rosto de Durzo estivesse no mesmo lugar do seu, em vez de acima, de modo que pudesse ver as expressões dos guardas. Estes o deixaram sair sem questionamento. Quando estava a 1,5 quilômetro de distância, começou a baixar a guarda. Seu coração ainda martelava no peito enquanto pensava no que isso significava para Logan. Mesmo se tirasse seu amigo da Bocarra, a estrada à frente não seria fácil. Pelo menos agora saberia quem eram seus inimigos.

Entrou num pequeno trecho de árvores quando algo sussurrou frio em sua mente:

Abaixe-se.

– O quê? – disse em voz alta.

Uma flecha atravessou seu peito.

Ele caiu da sela, mas o cavalo continuou andando, sem perceber. Kylar tossiu sangue. Tinha cometido erros de mais. Durzo nunca o perdoaria pelo descuido. Baixou a guarda, não se preocupou com a hipótese de alguém ter sido enviado para

seguí-lo. Só era necessário um erro para ser morto, e ele havia cometido muitos.

Deuses, seus pulmões ardiam.

Eu mandei você se abaixar.

Uma forma sombria saiu de trás de uma árvore e pegou as rédeas de seu cavalo, segurando uma espada com a outra mão. O derramador largou suas sombras – não eram nem de longe tão boas quanto as de Durzo, quanto mais as de Kylar. Era Scarred Wrable.

– Ora, seu filho da puta – disse o derramador. – Durzo Blint? Merda.

– E aí, Ben? – cumprimentou Kylar.

O filho da puta estava certo. Ele havia mantido o disfarce de Durzo, e se tivesse mantido a altura de Durzo, Ben Wrable teria disparado a flecha por cima do ombro de Kylar.

Estava sendo um esforço cada vez maior manter o disfarce de Durzo, e Kylar tinha uma consciência dolorida de que era importante fazer isso. Se Terah achasse que tinha matado Durzo, Kylar ainda poderia voltar. Isso gerava seus próprios problemas, mas eram muito menores do que revelar que ele era ao mesmo tempo Durzo Blint, Kylar Stern, e imortal.

– Merda, Durzo! Eu não sabia que era você. Aquela vaca Graesin metida a besta disse “serviço especial, pago o dobro”. Que diabo você estava fazendo no caminho, Durzo?

– Só... – Kylar tossiu. – Cometi um erro.

– Acho que só é preciso um. Merda, meu chapa. Eu pelo menos teria lutado com você.

– Eu teria matado você.

Kylar foi sacudido por um pânico súbito. E se esta fosse sua última vida? Não tinha garantia de retornar. O Lobo não havia explicado isso. Deuses, ele estivera totalmente louco ao deixar o barão Kirof matá-lo em troca de dinheiro.

– Provavelmente. – Scarred Wrable xingou de novo. Tinha ganhado esse apelido por causa das inúmeras cicatrizes no rosto. Chegara a Cenária quando criança, vindo de algum lugar em Friaky, e passara um tempo como escravo. Era um dos poucos homens que tinha ganhado a liberdade das arenas de luta. Kylar achava que as cicatrizes eram infligidas por ele próprio, mas o sujeito falava sem sotaque. Quaisquer que fossem os rituais que praticava, ele os havia aprendido a partir de boatos, e não pela observação. – Como é que vou cantar vantagem sobre isso, Durzo? Eu só atirei uma porcaria de uma flecha em você. Não é o jeito de matar o maior derramador do mundo.

– Mas parece que está funcionando. – Kylar tossiu.

– Merda – exclamou Ben, enojado.

Kylar espirrou mais sangue de novo quando tossiu. Tinha se esquecido de que

morrer era tão divertido.

– Não posso fazer isso – disse Wrable. – Desonra os mortos. Eles assombram se a gente fizer isso.

– Invente alguma coisa.

Kylar bateu no chão com um baque forte e acertou a nuca, mas, independentemente de qualquer coisa, o disfarce se manteve. Ben fez uma carranca.

– Espera – disse, deduzindo. Scarred Wrable não era o sujeito mais esperto do mundo. – Quer dizer... quer dizer que seria mais honroso para você se as pessoas achassem que você foi morto num combate heroico? – Scarred Wrable gostou da ideia. – Vai deixar que eu diga isso e não vai me assombrar? Vou criar uma história boa e digna, juro.

– Depende – respondeu Kylar. Sua visão já estava começando a embaçar. – Você vai cortar alguma parte do meu cadáver?

Seria um tremendo azar. Ele acordaria sem uma cabeça ou algo assim. Como seria? Será que morreria de verdade se alguém arrancasse sua cabeça?

– A vaca pediu uma prova.

– Leve o anel. Leve meu cavalo, minhas roupas, o que você precisar, mas deixe meu corpo em paz, diga que você é supersticioso, sei lá, e pode contar a história que quiser. Só ponha o meu corpo...

Kylar perdeu o raciocínio. Sua cabeça estava ficando obtusa. Pensou que podia sentir o coração fazendo força enquanto o sangue se derramava dentro do peito.

– É justo. Está preparado, amigo? – perguntou Ben.

Kylar assentiu. Ben Wrable deu-lhe uma facada no coração.



— Andei trabalhando no seu feitiço – disse a irmã Ariel. – Ela tem algumas armadilhas interessantes. Quem o colocou em você, afinal?

– Que tal você me deixar ir embora se eu contar? – perguntou Vi. *Você não é muito sutil, não é, bruxa vaca?*

Estavam retornando à trilha depois de darem uma volta enorme ao redor do acampamento rebelde em Havermere. Vi percebeu que a irmã Ariel quisera ir ao acampamento, mas ela achou que isso daria chances de a derramadora escapar.

– Por que estamos indo para o oeste? – perguntou Vi. – Achei que o Chantry ficava a nordeste.

– Fica. Mas ainda não terminei o que me mandaram fazer.

– E o que foi? – perguntou Uly.

A menina estava na garupa do cavalo de Vi, amarrada magicamente. Vi ficou satisfeita porque a pergunta veio de Uly. A irmã Ariel respondia às perguntas da menina. Isso se devia provavelmente às repetidas tentativas de fuga por parte de Vi, que tinham deixado as duas machucadas e irritadiças.

– Estou querendo recrutar uma pessoa especial, e espero encontrar uma mulher que sirva no acampamento rebelde. Infelizmente não confio nem um pouco em Vi.

– Não é de espantar – disse Uly.

Vi fez uma careta. Não somente Ariel a havia deixado com os arranhões dos espinheiros onde a tinha jogado, como depois a espancou. A vida na sela era dolorida.

– Então eu não sou considerada uma pessoa especial? – perguntou Vi. – Você já disse que sou tremendamente Talentosa. Ou sei lá o quê.

Ela deu um riso de zombaria ao falar isso, mas estava curiosa. E, estranhamente, um pouco magoada por não ser considerada à altura.

– Ah, vocês duas são muito especiais. Mas nenhuma se qualifica para o que eu necessito.

– Como assim, nós duas? – perguntou Vi.

– Vou levar as duas para o Chantry, mas nenhuma de vocês preencheria...

– Por que vai levar nós duas?

Ariel olhou para Vi, perplexa. Depois gargalhou.

– Uly tem Talento, Vi.

– O quê? – Vi estava incrédula.

– Ah, é raro encontrar mulheres Talentosas, não nego. Mas se apenas uma mulher em cada mil é Talentosa, isso não quer dizer que a gente só encontra duas mulheres Talentosas juntas uma vez em um milhão. Entendeu?

– Não – disse Uly. Vi também não entendia.

– As pessoas com Talento costumam sentir afinidade mútua, mesmo que nenhuma das duas saiba por quê. Frequentemente as encontramos juntas, o que é fantástico para nós... em geral. Talvez você seja nova demais para tanta verdade, Ulyssandra, mas essa afinidade pode ser o único motivo para uma assassina sem coração não ter acrescentado você à consciência já bastante pesada.

– Quer dizer que ela teria me matado? Você me mataria, Vi?

Vi achou bom que a garota estivesse atrás dela, de modo que Uly não podia ver a culpa escrita em seu rosto. Por que se importava com o que Uly pensava?

– Você pode ver isso pelo lado negativo ou pelo lado positivo, Ulyssandra – disse a irmã Ariel. – Negativo: ela normalmente teria matado você. Positivo: ela não matou. Teve muitas oportunidades para mudar de ideia e ainda não mudou. Pode-se até dizer que Vi gosta de você.

– Você gosta de mim? – perguntou Uly.

– Eu gostaria de lhe dar um chute na cabeça – respondeu Vi.

– Não a leve a mal – disse a irmã Ariel. – Pelo modo como ela foi criada, Vi é... Vamos chamá-la de “uma aleijada emocional”. Provavelmente ela só tem pouca capacidade de diferenciar entre a maior parte das próprias emoções, e só se sente confortável com a fúria, a raiva e a condescendência porque elas a fazem se sentir forte. As interações com você podem ser as primeiras positivas que ela já teve em toda a vida.

– Pare com isso! – disse Vi. Ariel a estava retalhando e zombando dos pedacinhos.

– Isso é positivo? – perguntou Uly.

– Ela não se afasta do seu toque, Uly. Quando você cavalga com ela, Vi fica à vontade. Com qualquer outra pessoa ela ficaria constantemente em guarda.

– Vou matar essa enxeridinha na primeira chance que tiver – disse Vi.

– Fanfarronice – contrapôs Ariel.

– O que isso quer dizer? – perguntou Uly.

– Papo furado – respondeu Vi.

– Portanto continue sendo boazinha com ela, Uly – disse Ariel, ignorando Vi. – Provavelmente ninguém mais na turma de iniciantes de vocês vai gostar muito dela.

– Na *nossa* turma? – perguntou Vi. – Você vai me colocar junto com as crianças?

A irmã Ariel pareceu surpresa.

– Ora, sim. E você deveria ser boazinha com Ulyssandra, porque ela tem mais Talento do que você. E nenhum dos seus maus hábitos.

– Sua vaca cruel! – xingou Vi. – Sei o que você está fazendo. Está tentando me humilhar, mas vou lhe dizer uma coisa: nada pode me humilhar. Já passei por tudo.

A irmã Ariel virou o rosto para o sol poente que contornava as copas das árvores de um pequeno bosque.

– É aí que você se engana, minha cara. Você já foi humilhada, por anos. Não vou deixar que isso aconteça de novo. Não prometo que não haverá cicatrizes, mas você pode ser uma mulher melhor do que é agora.

– Uma mulher parecida com você? – zombou Vi.

– Ah, não. Você é mais passional do que eu. Infelizmente também sou um pouco aleijada emocionalmente. Cérebro de mais, é o que dizem. É muito confortável dentro da minha mente. Nunca tive necessidade de sair dela. Mas nasci assim; você foi feita. E está certa; não vai aprender comigo o que precisa.

– Você já se apaixonou? – indagou Uly.

Vi se questionou de onde veio aquilo, mas a pergunta devia ser boa, porque acertou a irmã Ariel como um golpe de pá no rosto.

– É uma... pergunta muito boa – disse Ariel.

– Ele trocou você por alguém que não era tão fria e feia, não é? – comentou Vi, com um leve tom de satisfação.

Por um momento, Ariel ficou quieta.

– Vejo que você não é desprovida de garras – disse baixinho. – Não que eu esperasse menos.

Uly cutucou as costelas de Vi, para censurá-la, mas Vi a ignorou.

– E você ainda não respondeu. Por que estamos indo para o oeste?

– Há uma irmã que mora por aqui. Ela vai bancar a babá de vocês duas enquanto procuro uma mulher adequada no acampamento rebelde.

– O que você está procurando? – perguntou Uly.

– Deveríamos começar a ver um local para acampar. Está escurecendo. Parece que não vamos chegar à casa de Carissa esta noite.

– Ah, por favor. – disse Uly. – Não está tão escuro assim e não temos nenhum outro assunto para conversar.

A irmã Ariel pareceu pensar nisso. Deu de ombros.

– Estou procurando uma mulher muito Talentosa que seja ambiciosa, carismática e obediente.

– Ambiciosa e obediente? Boa sorte – disse Vi.

– Se ela estiver disposta a ser obediente com a porta-voz, terá instrução pessoal, uma ascensão rápida, muita atenção e poder. Mas essas coisas são fáceis. O problema é que ela precisa ser nova. Precisamos ter certeza de suas lealdades, e

deve ser casada. Uma mulher cujo marido seja Talentoso seria uma verdadeira pedra preciosa.

– Vai sequestrar essa mulher casada? – perguntou Vi. – Não é meio arriscado?

– Outra pessoa poderia dizer que é imoral, mas... Bom, uma mulher sequestrada não cooperaria. Em termos ideais, gostaríamos de ter o homem também. Não vai servir colocar uma aliança na mão de uma mulher apenas. Quanto mais permanente e seguro parecer o casamento, melhor.

– Por que não manda Vi fazer isso? – perguntou Uly. – Ela não vai querer ficar presa nas aulas comigo e com as outras crianças de 12 anos.

Ariel balançou a cabeça.

– Acredite, pensei primeiro nela, mas ela é totalmente inadequada para a tarefa.

– Como estudante ou esposa? – perguntou Vi.

– As duas coisas. Sem ofensa. Tenho certeza de que poderíamos pedir a algum homem para casar com você e um monte de gente aceitaria a proposta. Você é uma mulher linda, e perto de mulheres lindas os homens costumam pensar com o... – ela olhou para Uly e pigarreou –... lado irracional. Mesmo se pudéssemos subornar o idiota certo, e acredite que o Chantry faria isso (elas não colocariam a felicidade de algum homem à frente do bem-estar do Chantry), mesmo assim isso não aconteceria. Vi não é digna de confiança. Não é obediente. Nem é inteligente o bastante...

– Você é mesmo uma vaca – disse Vi, mas a irmã Ariel a ignorou.

– Além disso, provavelmente você tentaria fugir, o que destruiria sua utilidade para nós e desperdiçaria todo o nosso esforço. Concluindo: ela é totalmente inadequada.

Vi a encarou com ódio. Sabia que toda a discussão tinha sido apenas um ardil para derrubá-la, para dizer como ela era indigna, mas o comentário sobre a inteligência feriu mais fundo do que tudo. Apesar de todas as vezes que tinha sido elogiada na vida – os homens o faziam um bocado quando estavam tentando se enfiar embaixo da saia das mulheres –, quer os elogios fossem crassos ou poéticos, sempre eram sobre seu corpo. Ela era inteligente, maldição.

A irmã Ariel a encarou de volta. Depois pareceu olhar mais fundo.

– Pare! – exclamou.

Vi parou.

– O que foi?

A irmã instigou o cavalo desajeitadamente até que, depois de algumas tentativas, conseguiu colocá-lo ao lado de Vi. Em seguida segurou o rosto de Vi com as duas mãos.

– Aquele filho da puta – disse Ariel. – Não deixe ninguém curar isso, entendeu? Ele... Uau... Olhe só isso. Se alguém tocar isso com magia, há tramas de fogo que serão deslanchadas em volta de todos os maiores vasos sanguíneos do

seu cérebro. E isso se parece suspeitosamente com... Você perdeu o controle do próprio corpo em algum momento?

– Como assim, tipo se eu já me mijeí?

– Você saberia o que quero dizer se tivesse acontecido. Terei que ver se a irmã Drissa Nile vai voltar. Ela é a única que eu deixaria tocar nisso.

– Quem é ela? – perguntou Uly.

– Uma curandeira. A melhor que eu conheço para mexer com tramas minúsculas. Ela tem uma lojinha em Cenária pelo que eu soube.

– Você não vai me contar mais nada sobre esse feitiço? – perguntou Vi.

– Não, a não ser que você me diga quem o colocou aí.

– Pode ir...

– Se você me xingar mais uma vez, vai se arrepender – disse a irmã Ariel.

O último castigo tinha sido ruim o bastante e a satisfação de xingar fora suficientemente pequena, então Vi conteve as palavras.

Tinham entrado no bosque quando Vi percebeu uma coisa parcialmente escondida sob as folhas num lado do caminho, algo que parecia um cabelo escuro reluzindo ao sol poente.

Uly acompanhou seu olhar.

– O que é aquilo?

– Acho que é um corpo – respondeu Vi.

E então, enquanto saíam do caminho para olhar mais de perto, seu coração se animou. Era mesmo um corpo – uma morte que significava a vida para ela. Era a liberdade e um recomeço. O morto era Kylar.



O corpo inteiro de Elene doía. Durante seis dias estivera cavalgando com o máximo de intensidade que suportava. Seus joelhos doíam, as costas doíam, as coxas eram uma agonia e ela ainda não estava ganhando tempo com relação a Uly e sua sequestradora. Sabia disso porque perguntava a todos por quem passava na estrada se tinham visto uma mulher com uma criança viajando para o norte. A maioria não tinha visto, mas os que tinham lembravam. No mínimo Elene estava ficando para trás. E agora tudo estava por sua conta.

Os guardas da cidade passaram por ela na véspera, voltando a Caernarvon. Garantiram a ela que uma mulher atrapalhada por uma criança não poderia viajar mais depressa do que eles. Desistiram e voltaram para casa. Bastou uma olhada para os rostos deles e Elene soube que não teria sucesso em convencê-los do contrário. Estavam cansados e provavelmente com ordens de não cruzar com os Lae'knaught, que às vezes se aventuravam muito a leste. Elene os deixou ir. O que importava mais do que a guarda da cidade era Kylar. Ele também tinha vindo nessa direção. Em determinado ponto havia ultrapassado a sequestradora e Uly – porque não as procurava.

Elene estava quase chegando a Curva de Torras. Esta noite dormiria numa cama. Tomaria banho. Depois descobriria se a sequestradora tinha ido na direção de Cenária, como suspeitava. E comeria uma refeição quente. Tinha entrado num devaneio quando viu os Lae'knaught.

Estavam atravessados na estrada no meio dos maiores campos de trigo ao sul de Curva de Torras. Se Elene quisesse passar ao largo, teria que se desviar quilômetros a leste e se arriscar a cruzar a floresta de Ezra, e os cavaleiros tinham cavalos arreados e prontos para perseguir.

Aproximou-se direto deles, subitamente com uma consciência aguda de que era uma mulher viajando sozinha. Eram seis homens armados. Todos se levantaram para interceptá-la. Por cima de cotas de malha compridas usavam tabardos pretos com o brasão de um sol dourado: a luz pura da razão derrotando as trevas da superstição. Elene nunca havia encontrado os Lae'knaught, mas sabia que Kylar não gostava muito deles. Kylar dizia que não passavam de valentões. Se odiassem mesmo os khalidori, segundo ele, teriam vindo para Cenária quando o Deus-rei tinha invadido o lugar. Em vez disso espreitavam feito abutres, pegando recrutas entre os cenários

fugitivos e rapinando as terras cenárias.

Um dos cavaleiros se adiantou. Segurava com cuidado uma lança de freixo de 3,5 metros. Parecia longa demais para ser usada a pé, mas Elene sabia que, assim que estivessem montados, toda a falta de jeito dos cavaleiros desapareceria.

– Alto em nome dos Portadores da Liberdade da Luz – disse ele.

Elene supôs que o cavaleiro não tivesse mais que 16 anos. Quando ela parou, ele avançou e segurou suas rédeas. Ela não sabia direito por que eles estavam tão nervosos, e então percebeu o óbvio. Quando viam uma mulher viajando sozinha, eles enxergavam vulnerabilidade. Nenhuma mulher normal viajaria sozinha, portanto ela não devia ser uma mulher normal. Devia ser uma bruxa. O estômago de Elene se apertou.

– Graças – disse Elene, suspirando com se estivesse aliviada. Quase tinha dito “graças ao Deus”, mas não achava que os Lae’knaught acreditassem em deuses. – Podem me ajudar?

– O que é? O que você está fazendo sozinha nessa estrada? – perguntou um dos mais velhos.

– Vocês viram uma moça, talvez ruiva, viajando com uma menina? Talvez há dois dias? Não? – Elene afrouxou o corpo e a súbita expressão dolorida em seu rosto foi real, ainda que afrouxar o corpo doesse, depois de tanto cavalgar. – Acho que ela certamente evitaria vocês. Têm certeza de que não viram ninguém?

– O que está falando, jovem dama? O que aconteceu? Como podemos ajudar? – perguntou o cavaleiro.

Pela mudança na voz, Elene soube que ele não a enxergava mais como ameaça. Bancar a fraca e vulnerável tinha dado resultado.

– Venho de Caernarvon. Nós éramos de Cenária, mas partimos assim que aqueles homens malditos com seus bruxos invadiram o país. Estávamos começando uma vida nova, Uly e eu. Uly é a menina que está sob meus cuidados. Os pais dela foram mortos pelos bruxos... Achávamos que estávamos seguras em Caernarvon, mas ela foi sequestrada, senhores. A guarda da cidade procurou por uma parte do caminho, mas voltou. Acho que nunca vou alcançá-las.

– É bem do estilo daquelas malditas irmãs sequestrar uma criança – disse o cavaleiro mais jovem. – Aquela carta dizia...

O cavaleiro mais velho rosnou:

– Marcus!

Os homens se entreolharam e Elene soube que suas meias verdades não somente tinham funcionado, como eles sabiam de alguma coisa. Os cavaleiros recuaram, deixando o jovem Marcus parado, olhando sem jeito para as cicatrizes dela. Depois percebeu que a estava encarando e tossiu na mão.

Os outros voltaram depois de alguns minutos. O mais velho falou:

– Normalmente gostaríamos de levá-la ao subcomandante para contar tudo isso em pessoa, mas vejo que o tempo é crucial. Na verdade adorariamos ir com você para ajudar, mas nossas ordens são para ficar ao sul de Curva de Torras. Recebemos uma mensagem hoje de manhã. Interceptamos todas as correspondências das bruxas do Chantry. Bom, aqui está. Já fizemos uma cópia.

Ele lhe entregou uma carta.

Elene, dizia a carta numa letra floreada. Uly está em segurança, eu a tirei da mulher que a tirou de você, mas infelizmente não posso mandá-la para casa. Uly é Talentosa e está a caminho do Chantry, onde irá receber a melhor tutelação do mundo e vantagens materiais que vão além de tudo que você poderia ter esperança de fornecer. Sei que você não tem motivos para acreditar que esta carta é minha. Se quiser, pode ir ao Chantry e ver Uly pessoalmente ou mesmo levá-la para casa se as duas quiserem. Assim que chegar em segurança ao Chantry, ela escreverá para você. Peço desculpas, e se outros acontecimentos não fossem tão prementes, eu mesma entregaria esta mensagem. Sinceramente, irmã Ariel Wyant Sa'fastae.

Elene precisou ler a carta mais duas vezes antes de captar o que ela dizia. Alguém tinha sequestrado Uly de sua sequestradora? Uly era Talentosa?

No fim das contas a carta não mudava nada. Elene ainda precisava ir a Curva de Torras e descobrir o que os aldeões sabiam. Se o que a carta dizia era verdade, ela precisaria ir para o norte, até o Chantry. Senão, teria que ir para o oeste, até Cenária. Mesmo assim, a sequestradora não saberia que Elene a estava seguindo. Afinal de contas Elene não estava diminuindo a distância com relação a elas.

– Bruxas malditas – disse o jovem cavaleiro. – Sempre sequestrando meninhas, afastando-as da Luz e fazendo com que se pareçam mais com elas mesmas.

– Marcus!

De repente Elene ficou aliviada por ter dito a verdade àqueles homens. Se sua história não tivesse combinado com a carta, as coisas seriam muito diferentes.

– Não, tudo bem – disse ela. – Terei que me apressar se quiser encontrar Uly antes que a menina caia nas garras delas.

– Tenha cuidado – alertou o cavaleiro mais velho. – Nem todos aqueles aldeões amam a Luz.

– Obrigada pela ajuda. – Com isso, Elene partiu na direção de Curva de Torras, com a mente num redemoinho.



Sempre que via algo que achava fascinante ou enigmático, Ariel o memorizava. Esse dom tinha sido de grande ajuda enquanto estudava. Podia visualizar trechos inteiros dos rolos de pergaminho e descobrir o que era necessário.

Teve sorte de estar olhando o rosto de Vi e Uly, em vez do cadáver – e a expressão de cada uma foi trancada no cofre de sua memória. Ariel esperava que não fosse aquilo. Esperava que houvesse mais alguma coisa, que Vi tivesse algum motivo pessoal para querer Kylar morto. Caso contrário, Vi poderia ser menos útil do que ela imaginava. Por enquanto desconsiderou a expressão de Vi. Guardou-a para ser examinada em outra hora. Era a de Uly que realmente a intrigava.

Kylar tinha sido uma figura paterna para a menina. Uly era uma criança de coração terno. Não tinha crescido nas Tocas ou em outro lugar onde precisaria ver a morte diariamente. A visão de seu pai adotivo despido até ficar só com a roupa de baixo e morto ao lado da estrada deveria tê-la deixado em choque. Ela deveria parecer distante ou tentar negar tudo aquilo, e não curiosa. Será que ainda não o tinha reconhecido? Então a expressão de Uly mudou para algo que Ariel achou que era empolgação. Empolgação? Sem dúvida isso não podia estar certo. Por que a menina estaria feliz?

Foi interrompida ao perceber que tinha suas próprias emoções ao ver Kylar morto. Tentou rotulá-las o mais rapidamente possível de modo a poder arquivá-las e voltar à tarefa imediata. Desapontamento, sim. Ela estivera planejando algo inteligente para Kylar, e agora isso não funcionaria. Um pouco de tristeza. Kylar parecera o tipo de homem de quem ela gostaria. Curiosidade ao pensar em como um homem tão capaz tinha se deixado ser morto. Algum pesar pelo modo como isso afetaria Uly – *está bom, já chega*. Depois de rotular as emoções, colocou-as de lado.

Uly levantou os olhos e viu Ariel encarando-a.

– Ele não está morto – disse Uly. – Só ferido.

– Garota – reagiu Vi. – Já vi um bocado de gente morta. Ele está morto.

– Ele vai melhorar.

Parecia negação, e Vi obviamente entendeu assim, mas não era.

A irmã Ariel desenrolou o pergaminho mental para examinar a expressão de Uly e vê-la mudar. De curiosidade para empolgação. Uly percebeu que ele estava morto

– era óbvio, vendo-se como ele estava pálido por ter ficado ali durante um bom tempo, talvez um dia –, mas a menina não parecia surpresa nem preocupada. Por quê? Acreditava mesmo que ele iria melhorar?

A irmã Ariel estendeu seu Talento e tocou Kylar, e a percepção se derramou sobre ela... Não, chocou-se contra ela como uma onda de 10 toneladas, deixando-a sem fôlego e engasgada. Sua magia foi sugada para o corpo de Kylar, canalizada em uma centena de modos diferentes para se juntar à cura que acontecia dentro dele.

A magia a teria deixado pasma. A magia combinada com a expressão de Uly, dizendo que ela já vira aquilo antes e que estava empolgada, revelava tudo. Kylar era uma criatura lendária. Uma lenda em que nenhuma irmã acreditava. Até agora.

– Está certo, Uly – disse a irmã Ariel gentilmente, encarando Vi como se dissesse “entre no jogo”. – Que tal montarmos acampamento e você pode começar a fazer nosso jantar enquanto Vi e eu cuidamos dos ferimentos dele? Ela e eu sabemos mais sobre cura, e você pode garantir que o jantar esteja pronto para quando ele acordar.

Ariel apeou e ajudou Uly a descer.

– Não quero ir. Prefiro ficar aqui – reclamou Uly.

– Uly – disse Vi. – O melhor modo de ajudar é preparando a janta. Aqui você só vai atrapalhar.

– Venha, criança – pediu Ariel.

E guiou Uly para longe enquanto Vi descia do cavalo e começava a tirar folhas de cima do corpo de Kylar.

Ariel se virou e sussurrou:

– Comece a cavar.

Vi assentiu.

Se tivesse tido tempo para pensar, Ariel não teria jogado uma cartada de tamanho desespero. Mil fatores estavam em jogo e atuando rápido demais para ela calcular as probabilidades.

Levou Uly uns 20 passos para dentro da floresta e a amarrou e amordaçou com magia, colocando-a do lado oposto do tronco de uma árvore.

– Sinto muito, criança. É para o seu bem.

– Hummm! – disse Uly, com os olhos arregalados, mas o ruído mal passou de um sussurro.

Ariel deu a volta na árvore bem a tempo de enxergar Vi saltando sobre o cavalo e galopando pelo meio da floresta. Ariel gritou e atirou uma bola de luz que passou chiando por ela, mas a bola não tinha nenhum calor. Não iria incendiar a floresta só para amedrontar a garota. Além disso, poderia acertá-la acidentalmente.

Em instantes, até mesmo o som dos cascos sumiu. A irmã Ariel balançou a cabeça e não tentou segui-la. Essa era a parte óbvia do jogo. O que Vi fizesse agora

era o truque de verdade. *Boa sorte, Vi. Que você volte para nós pronta para se curar.*

Esperava que algum dia pudesse sentar-se com Vi em seus aposentos no Chantry e rir sobre o que tinham feito hoje, mas não achava que isso aconteceria. As mulheres passionais costumavam odiar pessoas como a irmã Ariel. Ou pelo menos odiavam ser manipuladas friamente – mas que opção Ariel tinha?

– E agora você – disse, virando-se. – Meu guerreiro que não morre. Como você trabalha?



– Não o vi da última vez – disse Kylar ao Lobo. – Achei que nossa relação talvez tivesse acabado.

O Lobo estava sentado em seu trono na Antecâmara do Mistério, os olhos amarelos tremeluzentes avaliando-o. Os fantasmas indistintos que povoavam a câmara murmuravam. Todo o lugar ainda o irritava.

Ele não conseguia sentir o chão sob os pés. Não podia ver os fantasmas quando os olhava diretamente. Não sabia se a câmara tinha paredes. Sua pele pinicava, mas ele não sabia se ali estava quente ou frio. Não sentia cheiro. Afora a própria voz, não escutava nada. Tinha uma sensação de ruído, vozes, o raspar de pés fora de sua possibilidade de ouvir, mas era apenas intuição. Estava fora do corpo e de algum modo carregara alguns sentidos, mas não todos, e nenhum era confiável. Apenas algumas coisas eram claras: o Lobo e as duas portas. Uma era de madeira simples com trinco de ferro, a outra de ouro com luz vazando pelos vãos.

– Fiquei furioso demais para suportar vê-lo – disse o Lobo.

Ele não parecia muito mais feliz agora. Kylar não conseguia pensar no que dizer. Furioso? Por quê?

– Acaelus levou cinquenta anos para chegar a três mortes. Você fez isso em menos de seis meses. Aceitou dinheiro em troca de uma. Dinheiro. O preço dessa blasfêmia não bastou? Você nunca vai aprender? – perguntou o Lobo.

– Do que está falando? – Kylar podia sentir que os fantasmas, ou o que quer que fossem as pessoas insubstanciais que apinhavam a câmara, tinham ficado muito silenciosos.

– Você me dá nojo.

– Eu não...

O Lobo levantou um dedo com cicatriz de queimadura, e o peso da autoridade do homenzinho era tamanha que Kylar parou.

– Acaelus aceitou dinheiro uma vez também, depois que sua primeira esposa

morreu. Acho que até então ele não acreditava de fato na própria imortalidade. Aceitou dinheiro duas vezes e fez algo pior. Depois disso, mostrei a ele qual era o preço. Isso o fez parar, como deveria parar você. Se persistir jogando vidas fora, vou fazer você lamentar cada dia de sua vida interminável.

Era como um pesadelo: o tribunal carrancudo comparando-o com um padrão que ele não entendia, declarando sua culpa, as figuras vigilantes, as portas do julgamento, a ameaça de uma verdade que ele não conseguiria suportar. Ele se sacudiria, se beliscaria – caso tivesse um corpo para sacudir ou beliscar. Se não se lembrasse de ter sido morto.

– Não sei do que você está falando. Que diabo devo fazer? – perguntou com amargura. – Para que eu existo?

Uma luz relampejou naqueles olhos duros e amarelos e o mundo descarrilou. Perspectivas mudaram e Kylar ficou subitamente sem jeito. Gordo e descoordenado, estava sentado numa cadeira pequena. Seus dedos eram curtos, gorduchos e um gemido preenchia sua cabeça. Até a cabeça parecia ter um peso insuportável. Balançou os braços e percebeu que era ele quem estava gritando.

Estava de volta a um corpo, mas não era o seu. Era um bebê. À sua frente, o homem de cabelo grisalho, agora um gigante, segurava uma colher de mingau.

– ABRA BEEEM! – cantarolou o Lobo, empurrando o mingau na direção do seu rosto.

Kylar fechou rapidamente a boca que gritava. A luz relampejou de novo e ele estava de volta ao próprio corpo. O homem lhe deu um sorriso lupino.

– Você não passa de uma criança gorda e desajeitada na terra dos gigantes. Você fecha a boca em vez de comer. Fala quando deveria escutar. Para que você existe? Você vai rejeitar qualquer resposta que eu der. Então por que eu deveria perder meu tempo? Você é tão arrogante quanto seu mestre e não tem sequer um fiapo da sabedoria dele. Acho que você é deficiente.

– O que devo fazer?

– Melhor. Faça melhor.



Parte de Ariel desejava desacelerar o que acontecia com o corpo de Kylar. Ele estava quase recuperado. Enquanto ela olhava, a flecha no peito começou a se mexer. Depois estremeceu e saiu do corpo, como se fosse empurrada de dentro para fora.

Com um estalo audível, a ponta rompeu a pele que já havia se curado em volta da haste. A flecha caiu de lado. Ariel a pegou e a colocou em sua bolsa, ao lado da

tabuleta de ouro, para ser estudada mais tarde.

A pele em volta do coração de Kylar, que a flecha tinha acabado de atravessar, estava se costurando tão rapidamente que dava para ver. Em instantes era lisa de novo, sem cicatriz. A irmã Ariel estendeu sua magia, mas ela foi absorvida assim que tocou o corpo de Kylar. Um tremor o atravessou e seu coração começou a bater. Um longo instante depois, ele tossiu violentamente, cuspidos coágulos de sangue para fora dos pulmões. Em seguida a tosse passou. A irmã Ariel tentou olhar sem tocar, mas as correntes de magia eram tão rápidas que ela não conseguia entendê-las. Pôs uma das mãos perto do corpo dele, e o ar era frio ali. O capim embaixo dele estava murcho e branco.

Era como se todo o seu corpo sugasse energia, usando-a para curá-lo. O que aconteceria se ele fosse posto num quarto frio e escuro? Será que a cura seria interrompida? Como ele traduzia toda aquela energia em magia? Como conseguia fazer isso, ainda mais inconsciente?

Deuses, estudar um homem assim poderia até mesmo revelar às irmãs sobre a vida após a morte. Era algo que elas haviam desistido de fazer muito tempo atrás, considerando-a fora do âmbito da experimentação. Kylar poderia mudar tudo.

Ela empoçou a magia numa bola branca nas mãos e a levou para perto do corpo dele, e viu-a ser sugada como a água que desce por um ralo.

Espantoso.

Isso, isso era um enigma que ela poderia dedicar toda a vida a resolver. O resto da magia se dissolveu de suas mãos e os olhos de Kylar se abriram.

A irmã Ariel levantou as mãos.

– Não estou aqui para machucá-lo, Kylar. Você se lembra de mim?

Ele assentiu, o olhar saltando para um lado e para outro como o de um animal selvagem.

– O que você está fazendo aqui? O que aconteceu? O que você viu?

– Vi você morto. Agora está vivo de novo. Quem matou você?

Kylar pareceu se desinflar, cansado ou abalado demais para se incomodar com uma negação.

– Não importa. Um derramador. Nada pessoal.

– Um derramador como você e Vi?

Ele se levantou com dificuldade, mas era pura encenação. Ariel podia ver que ele estava em condições absolutamente perfeitas.

– Graakos – sussurrou ela baixinho, blindando-se.

– O que você quer, bruxa? – perguntou ele.

Abruptamente os fiapos de magia que ela lhe havia estendido desapareceram. Não somente desapareceram; dissiparam-se como fumaça numa brisa forte. Ele tinha feito isso, espalhara sua magia. Os olhos dele brilharam perigosamente. Será que a

armadura mágica dela desapareceria com a mesma facilidade? Pela primeira vez em décadas, Ariel corria perigo diante de um homem.

– Quero ajudar você se sua causa for justa – disse ela.

– Quer dizer, se eu ajudá-la em troca?

Ela deu de ombros, forçando-se a se acalmar.

– Qual é a extensão dos seus poderes, rapaz? Você ao menos sabe?

– Por que eu revelaria isso?

– Porque já sei que você é Kylar. Você é o matador que é morto. O matador imortal. Qual é seu nome verdadeiro? Como conseguiu o poder? Nasceu com ele? O que você vê quando está morto?

– Eu não deveria ter contado meu nome, não é? Vocês, figuras eruditas demais, vão ser a minha ruína.

Tendo testemunhado como a cura funcionava, Ariel sabia que a casca desse homem, seu corpo, não iria mudar, não envelheceria em mil anos. Kylar podia ter séculos de idade, mas, não importando como ela o olhasse, via um rapaz por baixo daqueles olhos frios e azuis. A bravata de um jovem, a invencibilidade de um jovem. Ele certamente revelava a tolice de um jovem ao já ter contado tanta coisa.

– Quantos anos você tem? – perguntou.

Ele deu de ombros.

– Vinte, 21.

– Então a sociedade está errada?

– A sociedade?

Porcaria. Como pode ser tão sutil com Vi e tão desajeitada com esse garoto? Mas sabia por quê. Não estava acostumada a lidar com homens. Tinha passado tempo de mais enclausurada na companhia de mulheres. Entendia-as. Mesmo que às vezes elas pudessem ser ilógicas, com o passar dos anos aprendera a avaliar quando a falta de lógica atacaria. Os homens eram diferentes. Seria lógico que ela se sentisse mais à vontade na companhia de homens, mas não era assim.

De qualquer modo, cada palavra dita por Kylar lhe ensinava algo. Ele não havia mentido sobre a idade. Parecia algo verdadeiro – mas quem não saberia exatamente a própria idade? Seria porque não pudesse lembrar quanto tempo estivera nesta encarnação? Sentia que era algo diferente. Mesmo assim, não deveria ter mencionado a sociedade. Agora teria que contar mais. Caso se recusasse a compartilhar, ele também se recusaria.

– “Eis que a longa noite passa e ele é tornado novo.” Essa sociedade – disse ela. Kylar esfregava os olhos como se estivesse se sentindo esquisito. Parecia assoberbado, o que era bom, porque ela não queria explicar como sabia sobre a sociedade. – Eles acreditam que você volta dos mortos e esperam aprender como. Aparentemente essa crença é justificada. E o que mais um homem poderia esperar,

além de derrotar a morte?

– Muita coisa – reagiu Kylar rispidamente. – Sou imortal, não invencível. Isso nem sempre é uma bênção.

Ele ainda estava desorientado. Parecia lamentar cada palavra que dizia.

Esse aí não era idiota. Imprudente, talvez, mas não idiota.

– Então, irmã, o que planeja fazer comigo? Vai me acorrentar e me levar ao Chantry?

A ideia a atraía. Que tentação! Ah, ela jamais tentaria acorrentá-lo com magia. Mas existia uma coisa melhor do que magia. Tinha Uly. Algumas mentiras sobre como Uly morreria se não fosse levada ao Chantry, uma trama sutil para fazer com que a garota vomitasse algumas vezes, e Kylar iria com ela por vontade própria. A existência do rapaz seria escondida da maior parte das irmãs. Só Istariel ficaria sabendo. A própria Ariel estudaria o sujeito.

Ah, que desafio! O puro enigma intelectual. A profundidade da complexidade mágica! Era inebriante. Ela faria parte de uma coisa grandiosa. Kylar não levaria uma vida ruim. Elas lhe dariam tudo que pedisse. A melhor comida, os melhores aposentos, treinamento com os mestres espadachins, visitas a Uly, quaisquer diversões que pudessem levar a ele, e sem dúvida ficariam curiosas para cruzá-lo com irmãs, para ver quais dons sua prole herdaria. Pelo bem dele, escolheriam as mulheres mais atraentes. A maior parte dos homens consideraria esses deveres tremendamente agradáveis. Ele teria o que quisesse, menos a liberdade. Ele era imortal! O que eram algumas décadas? O tempo de uma vida com luxo e o conhecimento de que, descansando na opulência, ele mudaria o curso da história. Kylar teria significado e propósito, simplesmente cedendo.

O que poderia acontecer se a irmandade – se a própria Ariel – desenredasse os segredos dele? A cura perfeita para qualquer pessoa ferida, sem cicatrizes. Imortalidade! Como o Chantry ficaria poderoso se elas pudessem escolher a quem dar mil anos de juventude?

O que isso faria com o mundo?

Ela, Ariel Wyant, finalmente havia encontrado um enigma digno de seus dons. Não, não um enigma, um mistério. Ela ocuparia seu lugar na história como a mulher que dera a vida eterna à humanidade. Era de tirar o fôlego e – percebeu depois de um longo tempo – aterrorizante.

Sorriu.

– Agora vejo por que a sociedade não chegou a lugar nenhum com você. As tentações são grandes demais, não é?

O rapaz não respondeu. Parecia ter decidido que qualquer coisa que falasse iria revelar mais. Ao mesmo tempo, desejava descobrir o que ela sabia.

– Você disse que era um soldado de Cenária em Curva de Torras – observou

Ariel. – Mas não parece que você está com os rebeldes. Pelo tempo que seu corpo ficou caído ali, suponho que nem parou no acampamento para receber ordens. Portanto, o trato é o seguinte: você me conta o que está fazendo de verdade e eu o ajudo. Por acaso você está sozinho na floresta, com roupa de baixo, no frio, sem cavalo, sem dinheiro e sem armas. Tenho certeza de que a parte de estar sem armas não é um problema, mas o resto, sim.

– Ah, somos amigos agora? – perguntou Kylar levantando uma sobrancelha. – Na verdade, a pergunta é: por que eu não a mato e impeço que o Chantry fique sabendo sobre mim?

– Você é imortal, não invencível – disse Ariel com um risinho. – Se eu precisasse, poderia matar você uma dúzia de vezes enquanto o arrastava para o Chantry. Nenhum de nós sabe se, ao matar você com magia, eu poderia interferir nos delicados equilíbrios que o trazem de volta à vida, de modo que este é um risco que nós dois corremos, não é? Claro, depois de matar você com magia uma vez eu poderia matá-lo manualmente em seguida. E, claro, você poderia me matar. Portanto, isso também é um quebra-cabeça para mim. Eu posso acabar com um saco de carne em troca de todo o trabalho. Você pode acabar morto. Morto permanentemente.

– Se você contar ao Chantry sobre a minha existência, todas as irmãs do mundo me procurarão. Pelo resto de uma vida muito longa. Talvez para mim seja melhor correr o risco uma vez, com uma irmã, do que ter que lidar com cada vagabunda recém-ordenada querendo fazer nome por toda a eternidade.

– Então você me mataria a sangue-frio?

– Pode chamar de autodefesa.

Ela chegou mais perto e espiou os olhos azuis e frios. Ele era um matador, sim. Era derramador, sim. Mas era um assassino? A coisa mais triste com relação a tudo que ele dissera era que estava certo. Se quisesse a liberdade, se valorizasse o segredo tanto quanto ele, seu predecessor ou predecessores, deveria matá-la. Se o Chantry ficasse sabendo de sua existência, jamais descansaria até pegá-lo. Ele poderia se esconder delas facilmente, mas quem desejaria ser caçado enquanto vivesse? Ele poderia escapar durante cinco ou cinquenta anos, mas não para sempre. O Chantry jamais desistiria. Jamais. Ele iria se tornar a maior ambição de cada irmã ambiciosa, o maior teste e o maior prêmio imaginável.

Ariel visualizou Istariel interrogando esse homem. Ficou chocada ao ver como a cena se tornava feia. Istariel desejaria a imortalidade – não para o Chantry, mas para si mesma. Não buscaria um método lento e estudado de experimentação. Istariel odiava envelhecer, odiava perder a beleza, odiava as juntas rígidas e o cheiro da velhice. Para Istariel, Kylar seria um obstáculo, desafiando-a, condenando-a à morte quando ele se recusasse a entregar seus segredos.

E se elas os arrancassem dele? Que tipo de guardiãs da imortalidade as irmãs

seriam? A resposta era desanimadora. Quem era suficientemente pura e sábia para saber a quem dar a vida eterna? Quem, tendo recebido o dom, não abusaria dele?

– Você deve ser um homem bom, Kylar – disse ela baixinho. – Não deixe seu dom corrompê-lo. Não vou compartilhar seu segredo com o Chantry. Pelo menos até que possa falar com você de novo. Sei que você não tem motivo para confiar em mim, portanto aqui está. – Ela sacou uma faca do cinto e entregou a ele. – Se precisar me matar, faça isso. – E virou as costas.

Nada aconteceu. Depois de um longo momento ela se virou.

– Vai deixar que eu o ajude? – perguntou.

Ele pareceu cauteloso.

– Logan Gyre está vivo – disse. – Está no buraco mais fundo da Bocarra, um lugar chamado Cu do Inferno.

– Você acha que ele ainda está vivo?

– Há um mês estava. Se ele conseguiu sobreviver os dois primeiros meses, passou pela pior fase. Acho que ainda está se aguentando.

– E você pretende tirá-lo de lá?

– Ele é meu amigo.

Ariel respirou lentamente para se controlar. Queria dar uma bronca naquele garoto, pela idiotice. Como ele ousava colocar o ka’kari em perigo por um mero rei?

– Você sabe o que vai significar se Garoth Ursuul colocar as mãos no seu ka’kari? Sabe o que isso vai significar para o mundo? – perguntou a irmã Ariel. Poderia ser terrível para o mundo se o Chantry destrancasse os segredos de Kylar; mas seria apocalíptico se os khalidori fizessem o mesmo.

– Logan é meu amigo.

Ariel mordeu a língua, literalmente. Se Istariel descobrisse o que ela ia fazer, ser expulsa do Chantry seria o menor dos castigos.

– Bom, então. Certo. – Ela soltou o ar. – Vou ajudar. Acho que posso fazer uma coisa realmente especial. Acho, sim. Não peça a outra irmã para fazer isso. Só vai ser possível por causa de quanto já vi de você. Mas espere aí. Preciso que você leve um bilhete para uma pessoa.

– O que você está fazendo? – perguntou Kylar enquanto ela encontrava um pedaço de pergaminho e escrevia nele, depois o lacrava magicamente.

– Você pode confiar em mim ou não, Kylar. Como já disse: se não confia, me mate. – Ele piscou diante do jorro de palavras, mas ela continuou mesmo assim. – Eu posso colocar você na cidade amanhã à noite, talvez até amanhã à tarde.

– É uma cavalgada de três dias...

– Mas você precisa me prometer duas coisas: primeiro vai entregar esta carta e só depois vai salvar Logan. Jure.

– O que há na carta?

– É para uma curandeira chamada Drissa Nile, e não é sobre você. Acontecimentos que você vai colocar em movimento vão exigir mudanças na posição do Chantry. Nosso povo precisa saber como reagir caso você salve Logan Gyre, entende? – Não era toda a verdade, claro, mas ela não contaria que a carta dizia respeito ao seu plano inteligente para Vi, e isso tinha a ver com Kylar. – Quando chegar à cidade, coma uma boa refeição e durma o máximo de tempo de que seu corpo precisar. Mesmo assim você vai estar um ou dois dias adiantado.

– Espere aí, espere aí. Não quero que Logan apodreça lá mais do que o necessário, mas por que você se importa se eu ganhar um ou dois dias?

Ah, sim. Ele era imprudente, não idiota.

– Vi está à sua frente. Está indo para Cenária.

– Aquela vaca! Vai informar o atentado bem-sucedido, sem dúvida. Espere, como você sabe para onde ela vai?

– Ela estava viajando comigo.

A irmã Ariel se encolheu.

– O quê?

– Você precisa entender, Kylar. Ela é tremendamente Talentosa. Eu ia levá-la para o Chantry. Ela escapou logo depois de encontrarmos seu corpo. Vi acha que você morreu. – Agora vinha a parte complicada. – Foi Jarl que lhe contou que Logan estava vivo?

– Foi, por quê?

– Ela... ela torturou Jarl antes de matá-lo?

– Não. Ela não falou com ele.

Era hora de jogar o anzol e deixar que a mentira boiasse na água como se você não estivesse interessado nela.

– Então não sei como ela soube, mas disse alguma coisa sobre o rei e um buraco. Acho que ela sabe sobre o Logan.

O rosto de Kylar empalideceu. Ele havia engolido a isca. Agora iria atrás de Logan imediatamente em vez de tentar matar Vi.

Pela luz! A irmã Ariel pensava que adorava estudar. Sempre se sentira confortável com a vida enclausurada. Agora entendia por que irmãs saíam do Chantry para trabalhar n'O Mundo. Era assim que elas o chamavam, O Mundo, porque o Chantry era uma realidade totalmente diversa. Ariel achava que não se incomodava com o que acontecia n'O Mundo, achava que os livros sempre seriam mais fascinantes do que as políticas insignificantes de algum reino insignificante. Mas nesse momento sentia-se muito viva. Ali estava, com 60 e poucos anos, jogando com futuros – e adorando!

– Ela só está alguns minutos à minha frente. Posso alcançá-la e matá-la agora! Deixe-me pegar seu cavalo!

– Está escuro, Kylar, você nunca iria...

Idiota! Ela pensara como uma irmã, e não como um assassino. Tinha acabado de lhe dar ainda mais motivos para matar Vi.

– Eu enxergo no escuro. Me dá o seu cavalo!

– Não! – disse ela. *Ele enxerga no escuro?*

Uma mudança ocorreu em Kylar instantaneamente. Num momento ele era um rapaz furioso, sua intensidade era tamanha que, apesar de estar vestindo roupa de baixo, no frio, ainda parecia formidável. No momento seguinte todo o seu corpo relampejou iridescente. O brilho ia além do espectro visível e penetrava no mágico, deixando os olhos de Ariel marejados. Quando ela piscou para clareá-los, Kylar tinha mudado por completo.

No lugar dele estava uma aparição, um demônio. Cada curva e cada plano do corpo coberto por metal preto, o rosto era uma máscara de furor, os músculos exagerados. Ariel percebeu que estava vendo o Anjo da Noite em toda a sua fúria. Estava negando ao avatar da Retribuição sua chance de exercer a justiça.

Não havia disfarce, nem qualquer ardil inteligente em seu medo. Ela cambaleou para trás e encostou uma das mãos no cavalo – tanto para se firmar quanto para impedir que o animal amedrontado saísse correndo.

– Me. Dá. O. Cavalo – disse Kylar.

Ariel fez a única coisa que podia. Usou sua magia para matar o cavalo. *Matei dois animais inocentes por Vi.* Kylar saltou por uma distância inumana para a floresta assim que Ariel tocou sua magia. Mas, enquanto o cavalo desmoronava, ela liberou a magia e levantou as mãos.

Nem o viu se mover, mas Kylar estava parado diante dela um segundo depois, com a ponta da faca da própria Ariel a um centímetro do olho dela. Pela luz! Ela achara que gostava disso? Jogar com futuros parecia diferente quando o seu estava sobre a mesa.

– Por que proteger uma assassina? – perguntou o demônio de metal preto.

– Estou tentando redimir Vi. Não vou deixar que você a mate antes de eu tentar.

– Ela não merece uma segunda chance.

– E quem é você para dizer isso, imortal? Você tem quantas segundas chances quiser.

– Não é a mesma coisa.

– Só estou pedindo que salve Logan primeiro. Se não aceitar minha ajuda, você terá sorte se chegar a Cenária esta semana.

A máscara carrancuda desapareceu na pele, mas ele ainda parecia furioso.

– O que preciso fazer?

Ela sorriu, esperando que ele não pudesse ver como seus joelhos estavam tremendo.

– Acalme-se.



Aplicando os últimos toques de kajal em volta dos olhos, Kaldrosa Wyn olhou para o espelho. *Posso fazer isso. Por Tomman.*

Não poderia dizer por quê, mas esta noite queria parecer perfeita. Talvez porque esta noite seria a última. A última noite como puta ou a última, ponto.

A roupa era pura fantasia, claro. Uma mulher sethi jamais usaria uma coisa daquelas no convés, mas para esta noite estava perfeito. A calça era tão justa que ela nem pudera vesti-la até que Daydra, rindo, avisou que ela não poderia usar roupa de baixo. (“Mas dá para ver através!” “E qual o problema?” “Ah!”) Por algum motivo, a roupa expunha não somente os tornozelos, mas as canelas – coisa horrenda! –, e a blusa era igualmente justa e transparente, com um babado de rendas nos punhos – ridículo! –, e na frente um decote em V que chegava ao umbigo. Botões na blusa sugeriam que ela poderia ser fechada, mas, mesmo se Kaldrosa conseguisse esticar o pedacinho de tecido sobre o corpo magro – ela havia tentado –, não existiam casas para os botões.

Mama K tinha ficado muito satisfeita com o trabalho do mestre Piccun. Insistia que vestir pouca roupa era mais sensual do que nua. Esta noite Kaldrosa não se importou. Se precisasse correr, seria mais difícil de ser agarrada usando isso do que uma saia.

Chegou ao saguão e logo as outras garotas saíram dos quartos. Todo mundo ia trabalhar esta noite, a não ser Bev, que estava apavorada demais. Bev fingia que estava doente e ia ficar a noite toda no quarto. Kaldrosa quase entrou em pânico ao vê-las. Todas pareciam fantásticas. Cada uma tinha passado um tempo extra com a maquiagem, o cabelo e as roupas. Pela lança de Porus. Os khalidori iriam notar. Teriam que notar.

Sua colega de suíte, Daydra, que a havia salvado mais de uma vez chamando espancadores quando ouvia Kaldrosa gritar sua senha, sorriu para ela.

– Vamos ver no que dá, não é? – disse Daydra.

Daydra parecia uma nova mulher. Mesmo tendo apenas 17 anos, já era uma prostituta bem-sucedida antes da invasão, e esta noite não era a primeira vez que Kaldrosa via por que ela se saía tão bem. A mulher reluzia. Não se importava em morrer.

– Está preparada? – perguntou Kaldrosa, sabendo que era uma pergunta

retórica. O andar delas seria aberto para os clientes dentro de alguns minutos.

– Tão preparada que contei a todas as minhas amigas nos outros bordéis.

Kaldrosa se imobilizou.

– Está louca? Vai fazer com que todas nós sejamos mortas!

– Você não soube? – perguntou Daydra baixinho, com o rosto sombrio.

– O quê?

– Jarl foi morto.

O ar sumiu dos pulmões de Kaldrosa. Se tinha guardado algum fiapo de esperança pelo futuro, era por causa de Jarl. Jarl e seu rosto radiante, seu discurso sobre expulsar os khalidori e se tornarem legítimos, sobre construir uma centena de pontes sobre o Plith e eliminar todas as leis que atavam os nascidos nas Tocas, os nascidos escravos, os ex-escravos e os empobrecidos ao lado oeste da cidade. Jarl havia falado sobre uma nova ordem e, quando ele falava, isso parecia possível. Ela se sentira mais poderosa do que nunca. Tinha tido esperança.

E agora Jarl estava morto?

– Não chore – disse Daydra. – Vai estragar a maquiagem. Vai fazer todas nós chorarmos.

– Tem certeza?

– A cidade inteira está comentando – respondeu Shel.

– Eu vi a cara de Mama K. É verdade – concordou Daydra. – Então você acha mesmo que alguma garota vai entregar a gente a eles? Depois de terem matado Jarl?

A última porta no patamar se abriu e Bev saiu usando sua fantasia de dançarina de touros, com rabos de cavalo sustentados por arame para formar dois chifres, cintura nua e calças curtas. A faca de dançarina em seu cinto não parecia a lâmina cega de sempre. Bev estava pálida, mas decidida.

– Jarl sempre foi bom comigo. E não vou ouvir aquela maldita oração deles mais uma vez.

– Ele sempre foi bom comigo também – disse outra garota, contendo as lágrimas.

– Não comece – reagiu Daydra. – Nada de lágrimas! Vamos fazer isso.

– Pelo Jarl – disse outra garota.

– Pelo Jarl – repetiu o resto delas.

Um sino tilintou avisando que os clientes estavam chegando.

– Eu contei a algumas outras garotas também – disse Shel. – Espero que não seja problema. Quanto a mim, vou pegar o Bundão. Ele matou minha primeira colega de suíte.

– Vou ficar com o Kerrick – avisou Jilean. Por baixo da maquiagem seu olho direito ainda estava amarelo e inchado.

– Pau Pequeno é meu.

– Neddard.

– Não me importo com quem eu pegar – disse Kaldrosa. Em seguida, trincou o maxilar com tanta força que chegou a doer. – Mas vou pegar dois. O primeiro é pelo Tomman. O segundo por Jarl.

As outras garotas olharam para ela.

– Dois? – perguntou Daydra. – Como vai fazer com dois?

– Vou fazer o que for preciso. Vou pegar dois.

– Foda-se – disse Shel. – Eu também, mas primeiro vou pegar o Bundão. Só para garantir.

– Estou nessa – avisou Jilean. – Agora calem a boca. Vamos lá.

O primeiro homem a subir a escada foi o capitão Burl Laghar. O coração de Kaldrosa parou de bater. Ela não o via desde que tinha se mudado para o Dragão Medroso para escapar dele. Ficou imóvel até que ele parou à sua frente.

– Ora, se não é minha putinha pirata – disse Burl.

Ela não conseguia se mexer. A língua era chumbo em sua boca.

Burl viu seu medo e estufou o peito.

– Está vendo? Eu sabia que você era puta antes de você mesma. Deu para ver na primeira vez em que comi você na frente do seu marido. E aqui está. – Ele sorriu e ficou obviamente desapontado porque nenhum dos seus puxa-sacos estava ali para rir. – E então? Está feliz em me ver?

Inexplicavelmente o medo foi embora. Sumiu. Kaldrosa deu um riso maroto.

– Feliz? – perguntou segurando a frente da calça dele. – Ah, você não faz ideia. E levou-o para o quarto. Por Tomman. Por Jarl.



Naquela noite um aleijado grisalho subiu até o teto da mansão que pertencera brevemente a Roth Ursuul mas agora estava infestada por centenas de Coelhos. Equilibrou-se com a bengala ao luar e gritou para a noite:

– Venha, Jarl! Venha ver! Venha ouvir!

Enquanto os Coelhos se juntavam para ver o louco, um vento soprou do Plith. Com lágrimas brilhando nos olhos, como estrelas, o general começou a recitar um canto de ódio e perda. Cantou uma ode para Jarl, um réquiem pela esperança de uma vida melhor. As palavras redemoinhavam com o vento e um número razoável de Coelhos sentiu que não somente os ventos, mas também os espíritos dos assassinados se reuniam em volta da voz do general, elevando-se com a cadência da vingança.

Sofrendo, o general gritava e sacudia a bengala para os céus como se fosse um

símbolo da impotência e do desespero de cada Coelho. Gritou no instante em que os ventos se imobilizaram.

As Tocas responderam. Um grito soou. Um grito de homem.

Como se liberados por esse som, os ventos rugiram. Raios espocaram contra o castelo que se erguia ao norte e a luz pintou o general de preto contra o céu. Nuvens pretas cobriram a lua e a chuva despencou violentamente.

Os Coelhos ouviram o general gargalhando, chorando, desafiando os raios, balançando a bengala para o céu como se regesse um coro de fúria.



Naquela noite, gritos soaram do Dragão Medroso como nunca antes. Mulheres que tinham se recusado a gerar para os clientes agora berravam suficientemente alto para compensar todo o silêncio anterior. Por baixo desses berros, não foram ouvidos os grunhidos, os gemidos, os gritos baixinhos e os rogos dos homens agonizantes. Quarenta khalidori morreram no Dragão Medroso.

A trama de Mama K tinha sido para um bordel, e depois planejava tirar as garotas da cidade. Isso deveria fazer os khalidori pensar duas vezes antes de brutalizar as trabalhadoras. Mas o plano, estimulado pela notícia da morte de Jarl, se espalhou como fogo na mata. Um dono de bordel inventou um feriado como desculpa para servir litros de cerveja barata e deixar os clientes bêbados. Chamou isso de Nocta Hemata. A “noite da paixão”, disse, dando um sorriso largo para os clientes. Outro dono de bordel que tinha trabalhado com Jarl durante anos confirmou que era uma velha tradição cenária. A “noite do abandono”, disse ele.

Por toda a cidade, abastecidos por comida drogada e bebida em excesso, os bordéis celebraram uma orgia nunca antes vista. O ar se encheu de berros, gritos e ululações loucas. Gritos de terror, gritos de vingança, gritos frenéticos de sede de sangue e dívidas de sangue sendo pagas. Homens e mulheres mataram com uma selvageria terrível demais para ser compreendida. Homens e mulheres destituídos se erguiam sobre cadáveres khalidori e invocavam os fantasmas de seus entes queridos para olhar a vingança que tinham exercido, invocavam Jarl para ver a retribuição que tinham cobrado da carne dos inimigos. Cães uivavam e cavalos entravam em pânico diante dos cheiros ferozes de sangue, suor, medo e dor. Homens e mulheres corriam pelas ruas em todas as direções. Havia sangue de mais até mesmo para que as torrentes de chuva dessem conta. As sarjetas escorriam em vermelho.

Soldados chegaram e encontraram as portas dos bordéis adornadas com dezenas de pequenos troféus, cada parte cortada do corpo de um estuprador. Mas os bordéis estavam vazios, a não ser pelos cadáveres. De madrugada, bandos de maridos e

namorados furiosos despedaçaram os khalidori drogados que tinham fugido dos bordéis e vagueavam tentando encontrar a saída das Tocas. Até as unidades totalmente armadas e lúcidas enviadas para investigar acabavam caindo em emboscadas. Tempestades de pedras eram jogadas de cima dos telhados, arqueiros acertavam soldados de longe. E, a cada vez que os soldados atacavam, os Coelhos que haviam passado meses aprendendo a desaparecer faziam isso de novo. Era como atacar fantasmas, e cada beco estreito e sinuoso tinha um lugar perfeito para emboscar. Os khalidori que entravam nas Tocas não saíam.

Naquela noite o Deus-rei perdeu 621 soldados, 74 oficiais, três proprietários de bordel que tinham atuado como informantes e dois bruxos. Os Coelhos não perderam nenhuma alma.

Para sempre os dois lados chamariam o evento de Nocta Hemata, a “noite de sangue”.



Logan acordou. Não se mexeu. Só deixou o fato varrê-lo até ter certeza de que era verdade. Estava vivo. De algum modo tinha sobrevivido à inconsciência e ao delírio.

Lembrava-se de momentos com Rangido rosnando, parado junto dele. De Lilly colocando um trapo úmido na sua cabeça. Entre esses fragmentos, como pus numa ferida infeccionada, surgiam pesadelos, feras medonhas de sua vida perdida, de mulheres mortas e rostos khalidori se vangloriando.

Quando se mexeu, soube que ainda não estava salvo. Tinha a força de um gatinho. Abriu os olhos e fez força para sentar-se. Escutou murmúrios. Parecia que todos os outros estavam tão surpresos quanto ele. As pessoas que ali adoeciam jamais sobreviviam.

Uma mão carnuda o agarrou e puxou até estar sentado. Era Rangido, dando seu riso de idiota. Um instante depois, ele estava ajoelhado, abraçando Logan, tirando seu fôlego.

– Calma, Rangido – disse Lilly. – Solta ele.

Logan ficou surpreso quando Rangido o soltou imediatamente. Rangido não obedecia a ninguém, a não ser a ele.

Lilly sorriu.

– É bom ter você de volta.

– Vejo que você fez um novo amigo – disse Logan, sentindo ciúme e culpa por causa disso.

Ela baixou a voz.

– Você deveria ter visto, rei. Ele foi magnífico. – Ela deu seu sorriso meio

banguela e coçou a cabeça encalombada de Rangido. Este fechou os olhos, deixando os dentes limados à mostra enquanto dava um sorriso largo. – Você se saiu bem, não foi, Rangido?

– Foooiii – respondeu ele, a voz subindo estranhamente no meio da palavra.

Logan quase caiu. Era a primeira vez que ouvia Rangido falar.

– Você fala? – perguntou.

Rangido sorriu.

– Ei, puta – gritou Fin do outro lado do Buraco. Ele havia desenrolado a maior parte de sua corda de tendões e acrescentava uma nova parte trançada. Logan viu que agora só restavam sete prisioneiros. – Hora de voltar ao trabalho.

– Você vai esperar até eu estar em condições novamente – respondeu Lilly. – Não deixei nenhum deles fazer desde que você adoeceu – contou a Logan.

– Que barulho é esse? – perguntou Logan.

A princípio não tinha notado, porque era tão constante, mas havia o ruído de algo sendo lascado e murmúrios baixos ecoando no Buraco, vindo de algum outro lugar na Bocarra.

Antes que ela pudesse responder, Logan sentiu algo mudar no ar. Os prisioneiros se entreolharam, mas todos os rostos estavam inexpressivos. Algo havia mudado, mas ninguém sabia o quê.

Logan se sentia mais fraco, mais doente. O ar parecia mais denso do que antes, opressivo. Mais uma vez tinha consciência do fedor e da imundície do lugar – como se sentisse aquele cheiro pela primeira vez em meses. Sentia como se pela primeira vez tivesse consciência da sujeira que cobria a superfície da vida. Estava sendo coberto de imundície e não tinha como escapar. Cada respiração o enchia mais de toxinas, cada movimento injetava mais porcarias em seu corpo, enfiava o óleo mais fundo em cada poro. Existir era simplesmente deixar que a sujeira fosse comprimida nele, que a escuridão rasgasse sua carne tão fundo a ponto de tatuar, tornando a imundície para sempre parte dele, de modo que qualquer pessoa que o visse enxergaria cada mal que ele já havia feito, cada pensamento indigno que já passara por sua mente.

Mal percebia o barulho ressoando na Bocarra. Prisioneiros estavam gritando, implorando misericórdia. Os gritos se espalhavam e aumentavam em tom e desespero enquanto os prisioneiros mais e mais próximos do Cu começavam a se juntar à gritaria. Por baixo dos uivos agudos, Logan ouviu de novo aquele som parecido com rodas de ferro raspando a rocha.

Assassinos se encolhiam em posição fetal em volta do Buraco, apertando os ouvidos com as mãos, comprimindo-se na parede. Apenas Tenser e Fin não se encolhiam. Fin parecia fascinado, com as cordas frouxas no colo, o rosto virado para cima. Tenser viu Logan encarando-o.

– Khali chegou – disse Tenser.

– O que é isso? – perguntou Logan. Mal conseguia se mexer. Queria se jogar no abismo para acabar com o horror e o desespero.

– Ela é deusa. As próprias pedras daqui pingam com mil anos de dor, ódio e desespero. Toda a Bocarra é como uma joia de maldade, e é aqui que Khali fará seu lar, nas profundezas mais escuras da escuridão não minerada. – Então ele começou a entoar, repetidamente: – *Khali vas, Khalivos ras en me, Khali mevirtu rapt, recu virtum defite*.

Tats estava perto de Tenser e o agarrou.

– O que você está dizendo? Para com isso!

Em seguida, agarrou Tenser pelo pescoço e o arrastou para a borda do abismo. Instantaneamente teias pretas brotaram nos braços de Tenser e os olhos de Tats se arregalaram. Ele engasgou. Sua boca se mexeu e a garganta fez pequenos sons ofegantes. Tats cambaleou para longe do buraco, soltando Tenser, e caiu de joelhos. Seu rosto estava vermelho, as veias saltando no pescoço e na testa, e ele ofegava sem motivo aparente.

Ele tombou no chão, arfando violentamente. Tenser sorriu.

– Seu grande imbecil tatuado, ninguém põe a mão num príncipe do império.

– O quê? – perguntou Nick Nove Dedos por todos eles.

– Sou um Ursuul e meu tempo com vocês acabou. Khali chegou e ela vai precisar de todos vocês. Esta é a nossa oração: *Khali vas, Khalivos ras en me, Khali mevirtu rapt, recu virtum defite*. “Khali chegou. Khali vive em mim. Khali, aceite esta oferenda, a força dos que se opõem a você.” Uma oração que é atendida hoje. Agora Khali mora aqui. Vocês viverão em sua sagrada presença. É uma grande honra, mas confesso que não é muito procurada.

Acima, Logan ouviu o som do que só podia ser de rodas de carroça chegando ao terceiro nível da Bocarra.

– Por que você está aqui? – perguntou Nick.

– Isso não interessa a vocês, mas é por minha causa que ainda estamos todos aqui.

Tenser estava sorrindo como se essa fosse a melhor coisa que lhe tivesse acontecido.

– O quê? – perguntou Nick.

– Seu desgraçado – disse Lilly. – Você fez a chave não se encaixar na fechadura. Você a derrubou da minha mão. Foi você quem chamou o Gorkhy, seu escroto!

– Sim, sim, sim!

Tenser gargalhou, estendeu a mão e uma luz vermelha brotou dela. Os prisioneiros se encolheram, piscando os olhos que não viam luzes havia meses. A luz

vermelha subiu flutuando, passando pelas barras lá no alto.

Mais adiante, no corredor, alguém gritou ao ver a luz. Atrás de Tenser, Fin segurou sua corda.

– Nem pense nisso – disse Tenser. E deu um riso maligno. – Além do mais, a presença de Khali não vai significar a morte para todos vocês. Você, Fin, pode se sair muito bem a serviço dela. O restante faria bem em seguir o exemplo dele.

Um velho surgiu arrastando os pés acima das barras. A grade se abriu e Logan reconheceu Neph Dada. Antes que o vürdmeister pudesse vê-lo, Logan se arrastou para seu pequeno nicho.

Tenser subiu suavemente pelo ar enquanto a magia do vürdmeister o levantava. Foi gargalhando o tempo todo. A grade se fechou com estrondo e Logan pôs a cabeça para fora. Um clarão vermelho o ofuscou, prendendo-o no lugar.

– Ah – disse Tenser Ursuul. – E não pense que nos esquecemos de você, Rei. Mal posso esperar para contar ao meu pai que encontrei Logan Gyre escondido nas profundezas de sua própria masmorra. Ele vai adorar.

Garoth Ursuul não ficou satisfeito em ver seu herdeiro. Não tinha chamado Tenser, e apesar de todas as precauções tomadas por Neph Dada – trazendo Tenser aos aposentos de Garoth e magicamente arrancando a língua de cada serviçal pelo qual passavam para que não pudessem contar o que tinham visto –, esse castelo ainda tinha olhos de mais. Era muito provável que alguém tivesse visto Tenser chegar. Certamente os prisioneiros da Bocarra o viram ir embora.

Na avaliação de Garoth, até havia uma chance de que Tenser tivesse destruído a própria utilidade. Garoth não gostava quando seus herdeiros tomavam liberdades. Ninguém decidia pelo Deus-rei.

Tenser viu o desprazer no rosto de Garoth e se apressou para o fim da história.

– Eu... eu achei que Logan seria um sacrifício perfeito para Khali, que o nome dela seja reverenciado para sempre, enquanto ela ocupa seu novo lar – explicou Tenser com a voz falhando. – E achei que a essa altura o barão Kirof foi capturado...

– Achou, é? – perguntou Garoth.

– Não foi?

– O barão Kirof mergulhou para a morte num desfiladeiro de montanha, tentando escapar – respondeu Neph. – O corpo não pôde ser recuperado.

A boca de Tenser se moveu como a de um peixe enquanto ele tentava absorver a notícia.

– Seu veredicto de culpa deve ser mantido – observou Garoth. – Não importa. Esses cenários não apreciaram minha misericórdia de qualquer modo. Eles servirão como lição para conquistas futuras. Sua utilidade, garoto, está acabando. Os cenários não estão pacificados. Você falhou em seu uurdthan.

– Sua Santidade – disse Tenser, caindo de joelhos. – Por favor. Farei qualquer coisa. Use-me como quiser. Vou servi-lo de todo o coração. Juro. Farei qualquer coisa.

– É – concordou Garoth. – Fará.

Por seus próprios méritos, Tenser não era nada especial. Tinha sobrevivido ao treinamento por pouco. Mas não era um filho da alma de Garoth. Nunca seria. Jamais seria seu herdeiro. Só que Tenser não sabia disso. Mais importante, Moburu também não.

– Neph, onde está a rainha virgem?

– Santidade – disse o encolhido vürdmeister –, ela espera seu prazer na torre norte.

– Ah, sim. – Não que Garoth tivesse se esquecido, mas não deixaria Neph saber quanto a garota o intrigava.

– Posso mandar trazê-la imediatamente, se lhe agrada sacrificá-la – disse Neph.

– Os dois seriam uma bela oferenda a Khali enquanto ela toma seu novo *ras*, não é? – perguntou Garoth. Mas não entregaria Jenine, e precisava de Tenser para distrair Moburu. – Minha semente, eu tenho... grandes esperanças para você. A morte do barão Kirof não foi culpa sua, portanto me agrada lhe dar uma segunda chance. Vá se fazer apresentável para parecer meu filho, depois mande trazer esse tal de Logan Gyre. Não deixarei que ele escape de baixo do meu nariz pela segunda vez. Vou lhe dar seu novo uurdthan em pouco tempo.

Assim que a porta se fechou atrás de Tenser, Garoth se virou para o vürdmeister Dada.

– Leve-o à Bocarra e fale para ele construir um ferali ao lado do do irmão. Ajude-o e elogie seu trabalho na frente de Moburu. Se precisar, faça-o você mesmo. Agora mande chamar Hu Gibbet.



– Não sei como isso vai funcionar – disse a irmã Ariel. Agora a floresta estava totalmente escura, a não ser pela luz de sua magia. – Se eu vi direito, esta forma de magia deve ser especialmente fácil para você absorver. Pegue quanto puder.

– E depois? – perguntou Kylar.

– Depois você corre.

– Depois eu corro? É a coisa mais ridícula que já ouvi. – *Você fala quando deveria escutar*, ecoou a voz do Lobo em sua cabeça. Kylar trincou os dentes. – Desculpe. Conte mais.

– Você não vai se cansar... acho. Ainda vai pagar um preço por qualquer magia sua que use, mas não vai pagar muito pela que tirar de mim. Estou pronta, e você?

Kylar deu de ombros. A verdade era que se sentia mais do que pronto. Seus olhos pinicavam como na primeira vez em que tinha se ligado ao ka'kari. Coçou-os de novo.

Estou ficando mais poderoso. Esse pensamento era uma revelação. Estivera aprendendo a controlar seu Talento durante os treinos nos telhados, mas isso era diferente. Era diferente e ele já havia sentido antes.

Tivera a mesma sensação cada vez que havia morrido. Cada vez que morria, seu Talento se expandia. Algo estava mudando na sua visão também. Esse pensamento deveria ser empolgante. Em vez disso, sentia os frios dedos do pavor roçarem suas costas nuas.

Deve haver um custo. Deve haver. Claro, isso já lhe havia custado Elene. O pensamento doeu de novo. Talvez os custos fossem meramente humanos.

O Lobo havia falado que Durzo tinha cometido uma blasfêmia ainda maior do que receber dinheiro para morrer. Será que Durzo cometera suicídio? Sim. Kylar tinha certeza. Teria sido somente por curiosidade? Um desejo de poder? Ou uma armadilha? O suicídio era impossível.

Para um homem tão infeliz, solitário e isolado como Durzo, permanecer atado à vida certamente seria odioso. *Ah, mestre, sinto muito. Eu não entendia.* E de uma hora para outra a ferida crua que era a morte de Durzo se abriu de novo. O tempo tinha feito pouco para curar Kylar. Nem mesmo saber que havia libertado Durzo de uma existência que ele não desejava servia de consolo. Kylar tinha assassinado uma lenda, um homem que lhe dera tudo, e cometeu aquele ato com ódio no coração. Durzo planejava que a coisa parecesse um sacrifício, mas Kylar não o matou por misericórdia. Assassinou-o por pura vingança. Kylar se lembrava da fúria, do ódio contra cada dificuldade que Durzo o fizera passar, de que a ira o havia saturado, mantido-o forte.

Agora Durzo estava morto de verdade, liberto da prisão de sua própria carne. Mas parecia uma coisa solitária, crua e injusta. A recompensa de Durzo por sete séculos de isolamento e serviço não deveria ter sido a morte. Deveria ter sido a revelação do valor desse objetivo. Deveria ter sido uma reunião e uma comunhão equivalente a setecentos anos de isolamento. Kylar só estava começando a entender seu mestre, e agora que queria consertar as coisas, não existia Durzo com quem consertá-las. Durzo fora cortado da tapeçaria da vida de Kylar, deixando um buraco feio que nada podia preencher.

– Só posso segurar toda a medida do meu Talento por algum tempo, rapaz – disse a irmã Ariel, com o suor brotando na testa.

– Ah, certo.

Uma poça de luz concentrada ardeu nas mãos da irmã Ariel. Kylar pôs a mão nela, tentando atrair o poder. Nada aconteceu. Trouxe o ka’kari para a pele da palma da mão. Nada aconteceu.

Era estranhamente embaraçoso parecer tão inepto.

– Só deixe acontecer – disse a irmã Ariel.

Só deixe acontecer. Isso o irritou. Era aquela bobagem falsamente sábia que os professores usavam. “Seu corpo sabe o que fazer. Você está pensando demais.” Certo.

– Quer desviar os olhos por um segundo? – perguntou a ela.

– Absolutamente não.

Ele tinha feito isso antes enquanto usava o ka’kari como uma segunda pele. Sabia que era possível.

– Não posso segurar isso por muito tempo – disse a irmã Ariel.

Kylar atraiu o ka’kari até formar uma bola na mão e segurou-o com a palma sobre o poço de magia nas mãos da irmã. Pensou que tinha sido suficientemente rápido para que ela não visse. *Ande, por favor, funcione!*

Já que você pede com tanta gentileza...

Diante disso Kylar piscou. Então a magia empoçada se apagou como uma vela num vento forte. Kylar só teve um momento para se irritar antes que o pensamento fosse obliterado. No ponto em que a esfera metálica tocou sua palma, Kylar sentiu como se estivesse segurando um relâmpago. Perdeu o controle do corpo enquanto aquela coisa o atravessava, imobilizando-o, ignorando seu desejo de se afastar – seafastarseafastarseafastar! – antes que fritasse.

A irmã Ariel recuava, mas o ka’kari se estendeu entre os dois, sugando magia como uma lampreia sugando sangue.

Kylar sentiu que estava se enchendo-se com magia, poder, luz e vida. Podia ver as próprias veias das mãos, os veios nas poucas folhas que restavam acima. Podia ver a vida se retorcendo em toda parte da floresta. Viu através do capim até a toca da raposa, através da casca do pinheiro até o ninho do pica-pau. Podia sentir o beijo da luz das estrelas na pele. Podia sentir o cheiro de cem homens diferentes no acampamento rebelde, dizer o que tinham comido, quem era saudável e quem estava doente. Podia ouvir tanto que era avassalador. O vento fazia as folhas ressoarem umas contra as outras como pratos numa orquestra, havia um rugido que era a respiração de dois... não, de três grandes animais: ele próprio, a irmã Ariel e outro. As próprias folhas respiravam. Ouviu as batidas do coração de uma coruja, o trovejante estrondo de... um joelho batendo no chão.

– Pare! Pare! – disse a irmã Ariel.

Estava embolada no chão e a magia continuava fluindo dela. Kylar puxou o ka’kari de volta e o fez entrar em seu corpo.

A irmã Ariel caiu, mas ele não a notou. Luz, magia, vida, atordoava, sangrava, explodia de cada poro de seu corpo. Era mais do que suportava. Doía. Cada batida do coração preenchia suas veias com mais poder. Seu corpo era pequeno demais.

– VÁÁÁÁ – disse a irmã Ariel. Era ridiculamente lento. Ele esperou enquanto os lábios dela se moviam e o sussurro saía trovejando. – SAAAAALVE...

Salvar? Salvar o quê? Por que ela não falava logo de uma vez? Por que tudo era tão vagaroso? Ele mal conseguia ficar parado. Estava sangrando luz. Sua cabeça latejava. Outra câmara do coração se comprimiu enquanto ele esperava. *Salve o rei,*

forneceu sua impaciência. Ele precisava salvar o rei. Precisava salvar Logan.

Antes que a irmã Ariel falasse de novo, Kylar estava correndo.

Correndo? Não, correr era um termo comum demais. Ele estava se movendo com o dobro da velocidade do homem mais rápido. O triplo.

Era puro júbilo. Era puro momento, já que não havia nada além do momento. Ele se desviava e se retorcia, olhava em frente até onde seus olhos reluzentes podiam enxergar.

Movia-se tão depressa que o ar começou a se chocar contra ele. Seus pés não podiam obter a tração necessária para impulsioná-lo mais. Ele ameaçava sair da terra.

Então viu um acampamento adiante, bem no meio do caminho. Saltou e saiu da terra. Voou 100 passos. Duzentos. Direto para uma árvore.

Lançou o ka'kari adiante e se sacudiu enquanto se chocava contra o tronco de um metro de diâmetro. A madeira explodiu em todas as direções, mas ele continuou indo. Atrás, ouviu a árvore rachando e começando a cair, mas já estava longe demais para ouvi-la bater no chão.

Então correu. Estendeu o ka'kari à frente de modo a cortar o vento, estendeu-o atrás de modo a comprimir seus pés contra a terra e conseguir correr ainda mais depressa.

A luz se esvaiu e ele continuou correndo. O sol nasceu e ele ainda corria, um glutão devorando quilômetros.

A irmã Ariel se arrastou de volta para a árvore onde tinha amarrado Ulyssandra. Demorou muito, mas precisava fazer isso. Não sabia se acordaria de novo caso dormisse. A menina estava desperta, os olhos vermelhos, riscas de lágrimas cobrindo as bochechas. Então ela sabia que Kylar tinha ressuscitado, e que a irmã Ariel a havia escondido, traído.

Não existia nada que a irmã Ariel pudesse dizer. Não existia nada que nenhuma das duas pudesse fazer de qualquer modo. A irmã Ariel tinha soltado Vi e Kylar como dois falcões de caça. Não havia como chamá-los de volta. Se Uly ainda estivesse ali quando Ariel acordasse, ela levaria a menina para o Chantry. Seria uma longa viagem e poderia lhe dar algum tempo para pensar no que tinha acabado de experimentar.

Por todos os deuses, o rapaz a havia sugado quase até o final; e ainda tinha espaço para mais. Ela! Uma das mulheres mais poderosas do Chantry! Ele era tão jovem, tão contente e aterrorizante!

Foi necessária toda a sua força de vontade para desatar Uly. Tocar a magia agora era como beber álcool estando de ressaca. Mas num momento isso estava feito, e ela desmoronou.

De algum modo Logan acreditara que existia algo especial nele. Tudo lhe fora tirado: seus amigos, sua mulher, suas esperanças, sua liberdade, sua dignidade, sua ingenuidade. Mas sua vida fora poupada.

Agora isso também seria tirado. O Deus-rei não iria deixá-lo ali embaixo. Logan já havia morrido uma vez e ressuscitado. Agora Garoth Ursuul ia querer vê-lo morrer diante de seus olhos. Sem dúvida haveria alguma tortura primeiro, mas Logan não conseguia se importar.

Se estivesse mais forte, tentaria um último plano desesperado, mas sua febre o deixara como uma casca vazia. Pelo menos poderia jogar a vida fora para matar Fin. Poderia ter feito isso – antes da febre. Nunca estivera disposto a esse sacrifício enquanto ainda tinha esperança. Sempre quisera preservar a própria vida. Agora a perderia sem ganhar nada em troca. Nem mesmo para os amigos.

Estava remoendo no escuro. Misericordiosamente, o que quer que Khali fosse, ela havia se movido para mais longe, e agora a sensação esmagadora que tinha inundado a Bocarra era apenas uma pressão opaca. Tudo que tinha parecido tão insuportável no Buraco – o fedor, o calor, os uivos – era familiar de novo, ainda que não confortável.

– Puta, venha cá – disse Fin.

Lilly se levantou e deu um tapinha no ombro de Logan. Sussurrou para Rangido, provavelmente pedindo para ele vigiar Logan, e se afastou.

Claro que se afastou. Ele nem a culpou, mas isso o fez sentir-se ainda mais vazio e desolado. Lilly precisava ser prática. O sentimentalismo de todos os livros que Logan tinha amado morria ao chegar à distância de sentir o cheiro do Buraco. Lilly era uma sobrevivente. Logan iria morrer dentro de uma ou duas horas. A vida continuava. O coração de Logan podia culpá-la, mas a mente não conseguia. Em qualquer outra circunstância ele teria se condenado por comer carne humana.

Então Rangido se levantou e se afastou.

Será que estou fedendo a morte? Não era justo culpar Rangido e não era justo culpar Lilly, mas Logan culpou. De repente odiou aquele homem simples e deficiente. Como ele podia se afastar? Depois de tudo que perdera, Logan queria ao menos acreditar que tinha ganhado um amigo ou dois.

Rangido provavelmente nem sabia que Logan ia morrer. Só tinha ido brincar

com a ponta da corda de tendões de Fin – Fin estava ocupado demais comendo Lilly para prestar atenção. Logan olhou para Rangido e tentou enxergá-lo com pena. O simplório certamente estava aqui por menos motivos do que Logan. Ele não o havia traído, só via uma chance de brincar com uma coisa nova. Fin nunca deixava ninguém pôr a mão na sua corda.

Logan sorriu quando viu Rangido sentar-se e agarrar a corda com as duas mãos, apertando-a com toda a força e com toda a concentração do mundo, como se ela fosse escapar dele. O sujeito vivia mesmo num mundo diferente.

Logan percebeu que os outros prisioneiros o fitavam. Sabia o que estavam pensando. Rei. Ele havia se chamado de Rei como uma piada sinistra quando tinha pulado ali embaixo, uma piada idiota, insana, mas era a piada de um homem que havia acabado de ver sua vida sangrar até a morte. Eles estavam demorando algum tempo para absorver o fato de que a alcunha era verdadeira.

Tats se levantou e olhou. Agachou-se ao lado de Logan. Por baixo da sujeira que cobria sua pele, as tatuagens escuras pareciam o vir. Ele sugou as gengivas e cuspiu sangue; o escorbuto o dominava também.

– Eu teria gostado – disse Tats. Era apenas a terceira vez que Logan o ouvia falar. – Se você fosse o rei. Você tem bagos maiores do que qualquer rei de que já ouvi falar.

– Bagos! – Fin parou de comer Lilly, apoiou-se nas duas mãos e gargalhou. Era uma visão medonha, estava suado e sujo, a boca ensanguentada, a corda de tendões meio desenrolada, metade ainda em volta do corpo nu. – Logo, logo outra pessoa vai ter os bagos dele.

Logan desviou o olhar, ainda sem graça por ver Lilly fazendo o que precisava para sobreviver, de modo que quase não viu. Lilly o empurrou e Fin gritou. Logan o viu na beira do buraco, de lado, precariamente equilibrado, os braços se sacudindo.

Então Lilly chutou-o na genitália com toda a força e ele caiu no abismo.

Lilly se jogou para longe da corda que se retesou atrás dela. Amarrada a Fin, uma volta depois da outra foi desaparecendo.

Os braços de Rangido se sacudiram e todo o seu corpo saltou à frente, enquanto a corda de tendão sacudia Fin fazendo-o parar, em seguida ele caía outra vez, parava outra vez. Então a corda começou a se soltar rapidamente enquanto a gravidade a desenrolava do corpo de Fin.

Finalmente Fin devia ter batido no fundo, porque o peso na corda se aliviou.

Lilly gritou, abraçou Rangido e lhe deu um beijo.

– Você foi perfeito! Simplesmente perfeito! – Em seguida virou-se para Logan. – Você, por outro lado, poderia ter sido muito mais útil.

Logan estava atônito. Pensara em meios de matar Fin durante... bem, durante todo o tempo que estava nesse inferno. Agora ele simplesmente morreria. Morreria. E

Logan não tinha feito nada.

– Agora escutem – disse Lilly. – Todos vocês. Estamos fodidos. Sempre estivemos. Fizemos o que fizemos e nenhum de nós é de confiança. Mas o Rei não é um de nós. Podemos confiar nele. Só temos meia chance, e para isso todos nós somos necessários.

– O que você está propondo? – perguntou Nick Nove Dedos.

– A gente tinha a chave. Agora temos a corda de Fin. Eu digo para baixarmos o Rei e Rangido dentro do buraco. O Rei porque podemos confiar nele e ele viu onde a chave caiu, e Rangido porque é o único que tem força suficiente para subir de volta pela corda se for preciso. Eles vão descer e dar uma olhada, ver se podem encontrar uma saída por lá ou encontrar a chave. De um modo ou de outro, isso pode nos dar a chance de sair.

– Por que não descemos todos? – perguntou Nick.

– Porque precisamos segurar a corda, idiota. Não tem onde amarrar.

– A gente poderia amarrar na grade – disse Nick.

– O corpo de Fin ainda está preso nela. Teríamos que fazer uma torre com a altura de três pessoas e depois levantar o peso do Fin. É impossível. Depois que o Rei descer e desamarrar o corpo, poderemos fazer isso. Então vamos poder sair. Ou, se não houver uma saída lá embaixo, ele pode encontrar a chave e a gente sobe por aqui.

– A gente precisaria passar por aquela... coisa – observou Nick, temeroso.

– Ninguém disse que seria fácil – retrucou Lilly. – Se quiser ficar, vai morrer com certeza.

Tats assentiu. Estava dentro.

– Ainda acho que deveríamos baixar outra pessoa – disse Nick.

– Eu consegui a corda – reagiu Lilly. – Vamos fazer do meu jeito ou de jeito nenhum.

– Qual é, Lil...

– Você confiaria na gente para segurar a corda com você pendurado, Nick? Poderíamos soltar e teríamos a sua parte da comida.

Isso fez Nick se calar.

– Você confia na gente, Rei? – perguntou Tats.

– Confio. – *Não tenho nada a perder.*

Demoraram alguns minutos para explicar a Rangido, e mesmo assim Logan não teve certeza se ele entendia. Arrumaram o resto dos prisioneiros segurando a corda. Lilly ficou na frente. Disse aos prisioneiros que, mesmo se eles soltassem, ela não soltaria. Se quisessem manter seus favores sexuais, era melhor não soltar.

– Eu devo tudo a você – disse Logan a ela.

Lilly não era uma mulher nem um pouco bonita, mas nesse momento parecia

radiante. Parecia orgulhosa de si mesma pela primeira vez.

– Não, eu devo a você, Rei. Quando você veio para cá eu falei para se agarrar a alguma coisa boa, mas foi você que me mostrou como fazer isso. Eu sou mais do que isso aqui, não importa o que eu tinha feito. Se eu morrer agora, não importa. Não sou boa, mas você é, e vou ajudá-lo. Ninguém pode me tirar isso. Só me prometa, Rei, que quando conseguir tudo de volta e for para as suas festas chiques, lembre-se. Você também é o nosso rei, dos criminosos.

– Não vou me esquecer. – Ele foi até a beira do abismo. – Lilly, qual é o seu nome de verdade?

Ela hesitou, quase como se não lembrasse, depois revelou, tímida:

– Lilene. Lilene Rauzana.

Ele empertigou as costas e disse:

– Pelos poderes investidos em nossa pessoa e em nosso cargo real, saibam todos que Lilene Rauzana está absolvida de todos os crimes cometidos até agora e que todas as penalidades daqui em diante estão comutadas. Lilene Rauzana é inocente em nossa visão. Que os registros de seus malfeitos sejam levados para tão longe quanto o leste fica do oeste. Que assim seja escrito, que assim seja feito.

Era uma coisa ridícula para um homem usando trapos dizer a uma prostituta. Mas de algum modo estava certo. Logan nunca tivera mais poder do que neste momento, em que tinha o poder de curar. Os prisioneiros nem zombaram.

Os olhos de Lilly derramaram lágrimas.

– Você não sabe o que eu fiz – disse ela.

– Não preciso.

– Eu quero consertar. Não quero ser como era...

– Então não seja. A partir de agora você é inocente.

Com isso, Logan entrou no buraco.

A irmã Ariel Wyant Sa'faste tinha ficado em Curva de Torras por várias semanas. Por isso, os aldeões a conheciam bem. Ainda que poucas pessoas se sentissem confortáveis em ter uma irmã por perto, ela havia se revelado uma pessoa erudita, distraída e gentil. Essa descrição servia de conforto para Elene. Isso significava que a carta era provavelmente legítima. Mas também a deixava com um problema. Será que deveria ir para o norte, em direção ao Chantry, atrás de Uly, ou para o oeste, atrás de Kylar?

Decidira que precisava ir atrás de Uly. Cenária não era segura para ela. O Chantry era seguro, ainda que intimidante. Elene poderia pelo menos garantir que Uly estivesse em segurança, ou mesmo levá-la para casa.

Continuou indo para o norte na manhã seguinte. Além de exaurir suas pequenas reservas de dinheiro, dormir numa cama só piorou as dores no seu corpo. Chegaria ao Chantry mais cedo se fizesse o animal andar mais depressa, mas a simples ideia de um meio-galope fazia Elene gemer. As orelhas da égua se ergueram rapidamente, como se compreendesse o que ela pensava.

Então Elene viu um cavaleiro a 40 passos de distância. Vestia uma armadura preta, mas não usava elmo nem carregava espada ou escudo. Estava encurvado na sela de um cavalo pequeno e de crina comprida. A mão do sujeito comprimia a lateral do corpo, cobrindo um ferimento, o rosto pálido estava sujo de sangue.

Enquanto Elene fazia a égua parar abruptamente, ele levantou os olhos e a viu. Seus lábios se mexeram, mas nenhuma palavra saía. Ele tentou de novo.

– Ajude. Por favor – disse num sussurro áspero.

Ela puxou as rédeas e se aproximou. Apesar da dor no rosto, ele era um rapaz bonito, não mais velho do que ela.

– Água – implorou ele.

Elene pegou seu odre e parou. O jovem guerreiro tinha um odre de vinho cheio pendurado na cela. Sua palidez não era da perda de sangue; ele era khalidori.

Os olhos do homem se iluminaram de triunfo no instante em que ela bateu os calcanhares. Ele agarrou a rédea mais próxima. A égua de Elene dançou num círculo que o cavalo menor do sujeito acompanhou facilmente. Elene tentou pular da sela, mas sua perna ficaria presa entre os dois animais.

Então o punho dele coberto por uma luva de malha relampejou. Acertou-a

acima do ouvido. Ela caiu.



Foi uma descida ao inferno. Logan ainda estava fraco demais, mas Rangido parecia contente em fazer todo o trabalho, baixando-os, uma mão depois da outra. Logan apenas olhava.

Os primeiros 6 metros da parede eram de vidro vulcânico, absolutamente liso e sem nada especial. Então o buraco se abriu numa enorme câmara.

Algas verdes iridescentes se agarravam às paredes distantes e liberavam apenas luz suficiente para permitir que enxergassem um pouco. Era como se tivessem mergulhado num mundo alienígena. O cheiro de ovo podre era mais forte ali embaixo, e sopros de fumaça densa subiam na direção deles, obscurecendo a visão de milhares de estalagmites se projetando de maneira irregular do piso da caverna. Os uivos estavam silenciosos e Logan rezou para continuarem assim. Com o passar dos meses, tinha perdido a confiança de que o som era meramente o vento subindo entre as rochas.

Rangido estava começando a respirar pesadamente, mas mantinha o mesmo ritmo, uma das mãos depois da outra. À volta deles, estalagmites reluziam feito facas de gelo e o ruído da água pingando soava logo abaixo do sopro do vento. O vento mal gemia, subindo das profundezas.

Desceram por mais dois minutos até que Logan viu o primeiro cadáver. Estava ressecado devido aos ventos quentes e secos, mas devia ter sido um prisioneiro que caíra, fora empurrado ou tinha saltado décadas ou séculos atrás. O corpo estava empalado por tanto tempo numa estalagmite que a rocha havia crescido por cima, a pedra sepultando lentamente o sujeito.

Havia outros. Rangido precisou diminuir o ritmo da descida várias vezes para se afastar de estalagmites. No processo, viram mais corpos de ex-presos. Alguns eram ainda mais antigos do que o primeiro, os cadáveres retalhados depois de bater em várias estalagmites na descida. Em outros faltavam partes do corpo, arrancadas pelas rochas ou caídas no correr dos anos, mas a lisura das estalagmites impedia que os ratos chegassem a eles, e o vento seco os impedia de apodrecer. Os únicos corpos reconhecíveis eram os poucos junto às áreas mais úmidas perto da parede, que tinham se tornado lares para as algas. Esses reluziam em verde, como fantasmas tentando se soltar da rocha.

Por fim começaram a encontrar saliências, a maioria longe demais para que Logan e Rangido alcançassem. Logan viu um cadáver sentado em uma. Seus ossos secos estavam intactos. De algum modo esse homem tinha sobrevivido à queda,

sendo poupado por milagre. Então acabara morrendo ali embaixo. Suas órbitas vazias faziam uma pergunta a Logan: *você pode se sair melhor?*

De repente a corda de tendões estremeceu. Logan olhou para cima, mas só havia negrume. Sua visão abaixo era bloqueada por Rangido.

– Depressa, Rangido.

O grandalhão protestou sem palavras.

– Eu sei, você está indo muito bem. Está fantástico, mas não sei quanto tempo Lilly consegue segurar a corda. Não queremos acabar feito esses caras aí, não é?

Rangido foi mais depressa. Passaram por mais saliências e Logan viu que em volta da base das estalagmites havia terra, não era rocha nua. Terra? Ali?

Não era terra. Eram dejetos humanos. Gerações de criminosos chutavam as fezes no buraco. No meio dos pináculos de rocha nem tudo aquilo estava seco, de modo que toda a área fedia como um esgoto aberto com ovos podres misturados.

Logan começou a se virar quando viu algo brilhando ao passarem perto de uma saliência maior. Olhou de novo e não pôde ver nada.

– Pare um segundo, Rangido.

Logan estendeu a mão para a camada de 15 centímetros de bosta e tateou. Nada. Enfiou o braço até passar o cotovelo, ignorando a gosma que escorria por toda a pele. Ali.

Puxou uma coisa e esfregou contra o outro braço. Era a chave.

– Incrível – disse. – Um milagre. Não vamos morrer aqui embaixo, afinal de contas, Rangido. Agora vamos descer, desamarrar o corpo do Fin, depois podemos tentar subir de volta. Talvez eles até possam nos puxar.

Por acaso estavam perto do fundo, ou pelo menos de outra saliência. Havia uma abertura de vapor ali perto soprando uma fumaça acre sobre eles, obscurecendo tudo abaixo, por isso Logan não podia enxergar onde estavam. Se é que, de fato, essa questão tivesse algum significado no inferno.

Rangido parou e grunhiu. Afastou-se da corda, abrindo os dedos para aliviar a dor. Com um suspiro, Logan pôs os pés de volta em terreno semissólido – o esgoto ali tinha apenas alguns centímetros de profundidade. Ele não havia segurado tanto peso quanto Rangido, mas mesmo assim estava exausto.

Então viu o fim da corda. Estava solta.

– Rangido! – gritou Logan com a garganta apertada. – A corda sempre esteve frouxa?

Rangido piscou para ele. A pergunta não significou nada para o simplório.

– Rangido, Fin está vivo! Ele pode estar... Ah!

Algo afiado acertou as costas de Logan e ele caiu.

Fin saltou em cima dele. O prisioneiro se movia como se tivesse deslocado o

quadril. Sangrava pela cabeça, pela boca, pelos dois ombros e por uma perna. Na mão direita segurava a ponta quebrada e sangrenta de uma estalagmite. Começou a golpear Logan. Estava ferido e tremendamente fraco, porém Logan estava ainda pior.

A pedra afiada de Fin abriu talhos no antebraço de Logan enquanto ele tentava bloquear os golpes. Logan tentou jogar Fin de cima dele, mas estava fraco demais.

Houve um rugido feroz, mais alto do que o da erupção súbita na saída de vapor. O vapor quente e as gotas d'água fervendo passaram por eles um instante antes que Rangido golpeasse.

O simplório arrancou Fin de cima de Logan e mordeu o nariz dele, levantando-se um momento depois com um pedaço sangrento de carne nos dentes limados. Fin urrou. Antes que pudesse gritar de novo, Rangido agarrou sua perna deslocada, puxando-o para longe de Logan.

Fin berrou de novo, mais alto, mais agudo. Estendeu a mão, tentou agarrar qualquer coisa para se afastar de Rangido. Então seu corpo ficou preso entre duas estalagmites. Rangido não viu ou não se importou. Rangido firmou os pés e rugiu enquanto Fin gritava.

Houve um som terrível quando a perna cedeu. Rangido tropeçou e caiu, arrancando a perna de Fin e jogando-a no abismo. Fin fixou os olhos cheios de ódio em Logan enquanto ofegava nos últimos haustos, com o sangue jorrando do quadril rasgado, o rosto numa palidez fantasmagórica.

– Vejo você... no inferno, Rei – disse ele.

– Eu já cumpri meu tempo no inferno – respondeu Logan. E levantou a chave. – Mas agora vou embora.

Os olhos de Fin relampejaram com ódio e incredulidade, mas não tinha mais força para falar. O ódio abandonou lentamente seus olhos abertos. Estava morto.

– Rangido, você é incrível. Obrigado.

Rangido sorriu. Era uma visão medonha com os dentes limados e sangrentos, mas a intenção era boa. Logan tremeu. Sangrava muito. Não sabia se conseguiria sobreviver, mesmo se não encontrassem problemas para sair da Bocarra. Mas não havia motivo para Rangido morrer também. Ou Lilly. E Rangido não subiria pela corda sem ele, estava claro.

– Certo, Rangido, você é forte. Tem força suficiente para sair daqui?

Rangido assentiu e flexionou os braços. Gostava de ser chamado de forte.

– Então vamos sair deste inferno – disse Logan, mas quando agarrou a corda sentiu uma frouxidão.

Um instante depois, toda a extensão da corda de tendões caiu em volta deles. Não haveria como sair escalando. Não tinham como usar a preciosa chave. Não haveria fuga. Os prisioneiros tinham largado a corda.

– Onde diabos eles estão? – perguntou Tenser Ursuul. Os prisioneiros mal o reconheceram com sua bela túnica, o rosto barbeado e o cabelo lavado.

– Onde você acha? Escaparam – respondeu Lilly.

– Escaparam? Impossível!

– Mas é verdade – disse Lilly.

Tenser ficou vermelho, sem graça na frente de Neph Dada e dos guardas que o acompanhavam. Uma luz mágica brotou no Buraco, iluminando todos. Até mergulhou na reentrância onde Logan se escondia com tanta frequência. Não havia ninguém ali.

– Logan, Fin e Rangido – disse Tenser, dando nome aos que faltavam. – Logan e Fin se odiavam. O que aconteceu?

– O Rei queria... – começou a dizer Lilly, mas algo acertou seu rosto e a fez cair esparramada.

– Cala a boca, puta – disse Tenser. – Não confio em você. Tats, o que aconteceu?

– Logan queria montar outra pirâmide. Queria atrair Gorkhy para ver se podíamos agarrar as pernas dele e tirar a chave. Fin não topou. Os dois brigaram. Fin jogou Logan no Cu, mas aí o Rangido o atacou e os três caíram.

Tenser xingou.

– Por que você não impediu?

– E cair também? – perguntou Tats. – Qualquer um que se mete com Fin, Logan ou Rangido acaba morrendo, meu chapa... hã... Alteza. Você esteve aqui por tempo suficiente para saber disso.

– Será que eles podem ter sobrevivido à queda? – perguntou Neph Dada com sua voz gélida.

Um dos presos mais novos soltou um ganido e todos o encararam.

– Não! – gritou ele. – Por favor!

Uma brilhante bola de magia acertou seu peito e outra nas costas, levantando-o acima do Buraco. Então ele caiu.

– Cinco... seis... sete – disse Neph. A luz se apagou logo antes do oito. Ele olhou para Tenser. – Não, então. Bom, não posso dizer que seu pai vai ficar satisfeito.

Tenser xingou.

– Leve-os, Neph. Mate-os. Faça o que quiser, mas que seja doloroso.



Hu Gibbet se agachou no teto de um armazém no meio das Tocas. Numa época mais próspera, o lugar tinha sido usado para guardar tecidos. Mais tarde, contrabandistas o tomaram. Agora era uma ruína que abrigava ratos da guilda Homem em Chamas.

Não que isso importasse para Hu, a não ser pela inconveniência de ter que matar o menino de 10 anos que estava montando guarda. Ou talvez fosse uma menina. Era difícil dizer. A única coisa que importava para Hu era uma placa de pedra no chão perto de uma parede meio desmoronada. Parecia pesar mil quilos e estava tão gasta quanto todas as outras, mas se abria com o acionamento de dobradiças que nem os ratos de guilda conheciam. Era a segunda saída de um dos maiores esconderijos da cidade.

Nesse momento, se o informante de Hu estivesse certo, o esconderijo abrigava aproximadamente trezentas putas, comida e água suficiente para mantê-las durante um mês e os verdadeiros prêmios: Mama K e seu ajudante Agon Brant. Hu não esperava que os dois estivessem ali. Mas sempre podia ter esperança.

Ele sempre tinha problema com serviços grandes. Um serviço grande exigia muito equilíbrio. O prazer pelo sangue ameaçava seu profissionalismo. Era fácil demais ser apanhado pelo simples júbilo da coisa – ver o sangue se derramar, pingar ou jorrar, sangue em todos os seus tons gloriosos, o sangue vermelho saindo dos pulmões, o sangue preto do fígado e todos os tons intermediários. Queria sangrar cada corpo até secar, para agradar a Nysos, mas ele não podia se demorar nos serviços grandes. O que o levava a sentir que estava fazendo as coisas pela metade.

Isso sempre o deixava deprimido. Depois de ter matado e sangrado umas trinta pessoas na propriedade dos Gyre, não foi o mesmo durante algumas semanas. Nem toda a matança durante o golpe o satisfazia. Era tudo uma frustração. O serviço na propriedade dos Gyre tinha sido o melhor. Ele ainda estava lá quando o duque tinha chegado em casa. Viu Regnus Gyre correr de um cômodo a outro, louco de sofrimento, escorregando nas poças que Hu havia deixado para Nysos. Hu ficou tão empolgado olhando que nem pôde matar o duque, mesmo sabendo que o Deus-rei queria isso.

Terminou o serviço na noite seguinte, claro, mas isso não foi nada. Nem de longe.

Este serviço não seria difícil. Haveria alguns momentos tensos no início. Primeiro precisava entrar. Mataria as crianças se fosse preciso, mas os ratos de guilda eram escorregadios. Conheciam cada buraco do tamanho de uma noz nas Tocas e cabiam nele com espaço de sobra. Seria melhor não lhes dar a chance de avisar ninguém.

Haveria um ou dois guardas na saída dos fundos. Era uma saída que nunca fora usada, e um homem só conseguia ficar olhando para uma parede por algum tempo antes de ficar com tédio, de modo que os guardas por lá poderiam estar dormindo.

Então Hu precisaria matar os guardas da frente sem provocar um alarde. Depois teria que bloquear ou destruir essa passagem. Então não importaria se as putas descobrissem que ele estava ali ou não. Ele podia lidar com elas.

Depois... Bom, o Deus-rei dissera que ele tinha 24 horas para fazer o que quisesse.

– Hu – falou o Deus-rei –, faça um cataclismo.

O Deus-rei planejava abrir o local e obrigar cada nobre da cidade a passar por ali. Quando os corpos estivessem começando a apodrecer, forçaria o resto da cidade a percorrê-lo. Os moradores das Tocas seriam os últimos. Então o Deus-rei faria uma cerimônia pública. Pessoas escolhidas aleatoriamente entre os artesãos e a nobreza seriam mandadas ao local do massacre. Enquanto estivessem lá dentro, os bruxos do Deus-rei lacrariam as saídas.

Garoth Ursuul esperava que isso desanimasse as futuras rebeliões.

Mas Hu estava inquieto. Ele era profissional. Era o melhor derramador da cidade, o melhor do mundo, o melhor de todos os tempos. Adorava essa posição, e só havia uma coisa que poderia ameaçá-la: ele próprio. Correria riscos idiotas na propriedade dos Gyre. Tudo dera certo, mas ele ficara descontrolado.

Sangue de mais. Empolgação de mais. Caminhara como um deus numa orgia de adoração que era a morte. Tinha se sentido invulnerável nas horas em que trucidava os Gyre e seus serviçais. Havia passado tempo arrumando os cadáveres, pendurando vários pelos pés, cortando gargantas, criando aquele glorioso lago de sangue no último corredor.

Seu trabalho era matar, e ele fora perigosamente além disso. Durzo tinha sido um matador. Tirava vidas com a precisão impessoal de um alfaiate. Durzo Blint jamais se colocaria em risco. Por isso algumas pessoas o consideravam equivalente a Hu. Hu odiava isso. Ele era temido, mas Blint era respeitado. Sua preocupação irritante era de que a avaliação fosse merecida.

Era por isso que trezentas mortes poderiam acabar com ele. A fera interior sairia. Trezentas poderiam ultrapassar o limite.

Não. Ele era Hu Gibbet. Nada estava além do limite para Hu Gibbet. Ele era o melhor derramador do mundo. Taticamente, esse serviço não representaria nem de

longe o desafio de outros que fizera, mas, quando as pessoas sussurrassem seu nome, seria disso que se lembrariam. Este seria seu legado. Elas se lembrariam disso em todo o mundo.

Todos os ratos de guilda estavam dormindo, amontoados por causa do frio. Hu já ia descer pelo buraco no telhado quando viu uma coisa. A princípio achou que estava imaginando. Começou como um sussurro do vento, um sopro de poeira espalhado ao luar. Mas a poeira não se assentou, e nesta noite não ventava. Mesmo assim, a poeira parecia fazer redemoinho no mesmo lugar, juntando-se num dos trechos de luar no armazém, perto das crianças.

Uma das crianças despertou e deu um gritinho, e num segundo todas as crianças da guilda estavam acordadas.

O redemoinho virou um tornado minúsculo. Apesar de ainda não existir vento, algo tomava forma, pontos pretos que giravam num ritmo estonteante, até quase 2 metros de altura. O tornado reluzia num azul iridescente, cintilante. Fagulhas saltavam e dançavam pelo chão e as crianças gritavam.

No meio do tornado estava um homem, ou algo parecido com um homem. A figura relampejou em azul, espalhando luz em todas as direções, e nem mesmo Hu foi suficientemente rápido para cobrir os olhos.

Quando olhou de novo, uma figura diferente de tudo que já tinha visto estava diante das crianças encolhidas de olhos arregalados. O homem parecia esculpido em mármore preto brilhante ou moldado em metal líquido. Suas roupas eram como pele, o corpo todo de um preto total e cada contorno nitidamente definido. Era magro e tinha cada músculo desenhado, desde os ombros até as pernas, passando pelo tronco e pela barriga. Mas havia algo curioso nele. A princípio o homem, o demônio ou a estátua feita de carne tinha refletido a luz como aço queimado. Agora apenas algumas partes reluziam: os crescentes dos bíceps, as riscas horizontais dos músculos abdominais. O resto ia de um preto brilhante até um preto fosco.

O mais apavorante era o rosto do demônio. Parecia ainda menos humano do que o resto. A boca era um pequeno talho; malares altos; o cabelo preto, espetado e revoltado; sobrancelhas proeminentes e desaprovadoras acima de olhos grandes demais, saídos de um pesadelo. Os olhos eram do azul mais claro da mais fria manhã de inverno. Falavam de julgamento sem piedade, de castigo sem remorso. Enquanto a figura estudava as crianças, Hu teve mais e mais certeza de que os olhos reluziam. Fiapos de fumaça subiam deles, de algum fogo interno que ardia naquela figura infernal.

– Crianças – disse o demônio. – Não tenham medo. – Houve sons ofegantes ao redor, e apesar das palavras cada rato de guilda parecia prestes a sair correndo. – Não vou fazer mal a vocês. Mas não estão em segurança aqui. Devem procurar Gwinvere Kirena, que vocês conhecem como Mama K. Vão e fiquem com ela.

Avisem que o Anjo da Noite voltou.

Várias crianças assentiram, de olhos arregalados, mas todas pareciam imobilizadas, grudadas no chão.

– Agora! – disse o Anjo da Noite. Em seguida deu um passo através de uma sombra no piso do armazém, e uma coisa fantasmagórica aconteceu. Onde a sombra atravessou o Anjo da Noite, o demônio sumiu. Um braço, uma faixa diagonal do corpo e a cabeça desapareceram – a não ser por dois pontos reluzentes que pairaram no espaço, no lugar onde os olhos deveriam estar. – Corram! – gritou o Anjo da Noite.

As crianças dispararam como só os ratos de guilda são capazes de fazer.

Hu soube que deveria matar esse Anjo da Noite. Sem dúvida o Deus-rei iria recompensá-lo. Além disso, o demônio bloqueava a entrada para o local da tarefa. O Anjo da Noite estava entre ele e mais de trezentas suculentas mortes.

Mas era difícil respirar. Não estava com medo. Simplesmente não fazia serviços de graça. Mataria esse anjo, mas iria embora por enquanto, faria o Deus-rei pagar por ele. Se o Anjo da Noite sabia sobre a câmara subterrânea, era tarde demais. Se não sabia, as putas ainda estariam ali no dia seguinte. Hoje ele conseguiria um contrato para acabar com o Anjo da Noite e voltaria no dia seguinte, mataria todas as putas e ele também. Era completamente lógico. O medo não tinha nada a ver com isso.

O Anjo da Noite levantou o rosto e seus olhos se fixaram na direção dos de Hu Gibbet, relampejaram passando de um azul de fogo baixo para um vermelho que ardia ferozmente. No instante seguinte, o resto do Anjo da Noite desapareceu, a não ser pelos pontos de luz vermelha ardendo.

– Desejais vosso julgamento esta noite, Hubert Marion? – perguntou o Anjo da Noite.

Um pavor frio o paralisou. Hubert Marion. Fazia quinze anos que ninguém o chamava assim. O Anjo da Noite se movia em sua direção. Hu já ia fugir quando o Anjo da Noite cambaleou. Parou, perplexo.

Os olhos cor de rubi enfraqueceram, piscaram. O Anjo da Noite afrouxou o corpo. Hu desembainhou a espada. O Anjo da Noite se levantou de novo por um ato de vontade, mas Hu viu exaustão. Atacou.

As espadas dos dois ressoaram na noite, então o chute de Hu atravessou um bloqueio e acertou o peito do Anjo da Noite. A criatura foi jogada para trás, a espada voando da mão. Caiu desarticulada e começou a tremeluzir.

Em instantes o Anjo da Noite havia sumido. No lugar estava um homem, nu, quase inconsciente. Era Kylar Stern, o aprendiz de Durzo. Hu xingou-o, o medo se desfazendo em ultraje. Eram só truques? Ilusões?

Hu avançou e golpeou o pescoço exposto de Kylar. Mas a lâmina atravessou

completamente a cabeça do sujeito sem resistência – despedaçando a ilusão. Hu mal havia contido o movimento quando sentiu uma corda se apertar nos tornozelos e derrubá-lo.

Dedos se cravaram em seu cotovelo direito, apertando o ponto de pressão e enervando o braço. Uma mão agarrou seu cabelo e bateu seu rosto no chão de novo e de novo, quebrando o nariz com a primeira pancada. Na terceira vez, o rosto de Hu bateu numa pedra. Ela se cravou no olho. Em seguida ele estava rolando e rolando.

Hu golpeou com todo o Talento e não acertou em nada. Então seus braços estavam às costas e, com um repelão rápido para cima, os dois ombros foram deslocados. Hu gritou. Quando pensou em se sacudir, descobriu que os braços e as pernas estavam amarrados juntos.

Com o olho que restava, Hu viu Kylar Stern cambaleando, claramente exausto, mas ainda puxando-o pela capa, arrastando-o no chão. Hu se sacudiu de novo, tentando chutar alguma coisa, qualquer coisa, tentando se levantar. Kylar o deixou de costas e parou acima dele.

O que quer que tivesse sido a pele preta, ilusão ou outra coisa, Kylar obviamente não tinha poder para sustentá-la agora. Hu juntou o Talento para tentar outro chute.

O pé de Kylar baixou primeiro, quebrando seu tornozelo. Hu gritou contra a dor que ameaçava deixá-lo inconsciente. Quando olhou de novo, Kylar chutava um trecho do piso. O lugar se abriu com dobradiças invisíveis. Dentro, uma roda d'água escondida girou, impelida pelas águas do rio Plith. Hu percebeu que devia ser o mecanismo que abria a enorme porta do esconderijo, com as poderosas engrenagens liberadas, girando devagar.

– Nysos é o deus das águas, certo? – perguntou Kylar.

– O quê? – gritou Hu, histérico.

– Reze – disse Kylar, com a voz implacável. – Talvez ele salve você.

Kylar fez alguma coisa com a capa de Hu. Por alguns segundos, nada aconteceu. Então a capa se apertou em volta do seu pescoço e começou a arrastá-lo pelo chão.

– Nysos! – gritou Hu através do aperto que o estrangulava. – Nysos!

A capa puxou-o para dentro d'água. Mas, por um longo e abençoado momento, a tensão em volta do pescoço desapareceu. Hu chutou com a perna boa e encontrou a superfície. Instantaneamente, a capa apertou-o de novo e o puxou para baixo.

Desta vez ele chutou enquanto saía da água. Isso afrouxou a capa o suficiente para que ele sugasse o ar num grande hausto, depois Hu foi virado e mergulhado de novo. Tentou lutar contra as amarras, mas qualquer pressão que punha no ombro provocava uma agonia. Seus braços estavam tão apertados que ele não conseguia recolocar os ombros nas juntas, e a perna boa chutava apenas água.

Gritou de novo, mas o ciclo não parava: para cima, para baixo, para cima, para baixo.



Kylar ficou olhando Hu Gibbet ser puxado para fora d'água e depois para dentro, de novo e de novo, às vezes implorando, às vezes tossindo a água suja do rio. Não sentiu remorso. Hu merecia. Independentemente de qualquer coisa, Kylar sabia disso. E talvez fosse simples assim.

Oscilando de pé, Kylar procurou a alavanca para abrir o esconderijo. Não estivera fingindo exaustão. Era simplesmente sorte ter restado Talento suficiente para enganar Hu. Numa luta justa, Hu o derrotaria. Kylar sabia disso. Mas Durzo havia ensinado que não existia luta justa. Hu se permitiu ser apanhado de surpresa porque se achava o melhor. Durzo nunca se considerara o melhor; só achava que todos os outros eram piores do que ele. Poderia parecer a mesma coisa, mas não era.

Finalmente Kylar encontrou o que estava procurando. Segurou uma tábua ao lado da pedra e puxou-a para cima.

A engrenagem que girava deslizou de lado até que os dentes encontraram os de outra engrenagem. Rasparam por um momento, em seguida se encaixaram e giraram. Hu foi puxado para fora d'água mais uma vez. Gritou. Sua cabeça foi apanhada entre os grandes dentes das engrenagens e o grito subiu de tom abruptamente. As engrenagens pararam, fazendo força.

A cabeça de Hu estourou como uma espinha sangrenta. Suas pernas se sacudiram espasmódicas e todo o corpo se arqueou para fora d'água. Então o cadáver tombou de lado e as engrenagens continuaram a girar, o sangue manchando a água.

A enorme pedra subiu, revelando um túnel que penetrava na terra. Um sino de alarme ressoou nas profundezas.

Em instantes, dois guardas subiram os degraus com estardalhaço, segurando lanças.

– Precisamos... evacuar – disse Kylar. Em seguida cambaleou e nenhum dos homens fez menção de ajudá-lo. – O Deus-rei sabe que estamos aqui. Avisem Mama K.

E desmaiou.



Feir Cousat escondeu a maior parte possível do corpanzil atrás de uma árvore. Faltavam duas horas para o amanhecer, e a figura deitada junto à fogueira estivera imóvel durante horas. Em apenas alguns instantes Feir saberia se todas as suas apostas dariam resultado.

Sua busca por Curoch o havia levado a Cenária, através dos acampamentos dos guerreiros khalidori das terras altas e até as montanhas na fronteira com Ceura. Durante semanas, sua esperança e seu desespero tinham sido o fato de não ouvir ao menos um sussurro sobre uma espada especial. Isso significava que Curoch podia estar em posse de um homem que não imaginava o que ela era. Essa opção era tremendamente preferível à ideia de tentar tirá-la de um vürdmeister. Qualquer vürdmeister com capacidade de usar Curoch teria a capacidade de matar Feir de uma centena de modos.

O mais provável era que estivesse na pista errada. Tinha feito uma dezena de suposições enquanto estreitava a lista de possibilidades. Primeiro havia pegado um uniforme khalidori e costurado insígnias de mensageiro nele, depois sentou-se num monte de acampamentos. Quando estavam na escola, Dorian havia lhe ensinado a falar khalidori, de modo que, mesmo quando a conversa era na língua antiga (todos os jovens khalidori eram bilíngues; o Deus-rei achava que eles poderiam governar melhor se conhecessem as tramas dos conquistados), ele sabia o que estavam dizendo.

Feir supunha que, caso estivessem com Curoch, ele já teria ouvido boatos a respeito. Encontrou as unidades que tinham feito o trabalho de limpeza na ponte. A maioria dos homens era de unidades que foram quase destruídas na luta. Mais tarde foram colocados numa nova unidade e mandados para casa, vigiando as carroças que levavam os saques de volta a Khalidor – o mesmo comboio de carroças que ele, Dorian e Solon tinham seguido.

Como Dorian o havia mandado para o sul, Feir sabia que a espada não tinha ido com o comboio de bagagens. Por isso perguntou sobre alguém daquelas unidades que não tivesse ido para casa, e encontrou um: Ferl Khalius.

Descobrir onde estava Ferl Khalius era totalmente diferente. Em vez disso, seguiu um vürdmeister que fora mandado para o sul. O vürdmeister rastreava Ferl Khalius e Feir rastreava o vürdmeister. Tinha visto o vürdmeister atirar projéteis

contra Ferl Khalius e o nobre que ele havia sequestrado. Assim que o nobre despencou das alturas no Monte Hezeron, o vürdmeister perdeu o interesse.

Enquanto o vürdmeister usava um sinalizador para contar seu fracasso ao Deus-rei, Feir se esgueirou para perto. A neve caindo e a concentração necessária para produzir a magia encobriu sua aproximação. Assim que o vürdmeister terminou, Feir o matou.

Depois fez uma coisa que jamais repetiria. Correu e pulou sobre uma fenda de 1,5 metro, caindo na neve escorregadia do outro lado. Acabou usando magia para derreter parte do gelo pelo tempo suficiente para dar mais alguns passos. Conseguiu, mas por pouco.

Curoch valia isso.

Desembainhou a espada e avançou num *zshel posto* modificado, uma postura de lutador para manter o equilíbrio e a agilidade em terreno escorregadio. Em alguns passos rápidos, estava em cima do sujeito. Sua espada mergulhou e atravessou o peito da figura – um peito de neve enrolado numa capa.

Feir xingou e girou enquanto o verdadeiro Ferl Khalius atacava saindo da floresta, com Curoch erguida bem alto. Feir mal teve tempo de se mexer. O golpe do guerreiro das terras altas teria atravessado seu corpo, mas Feir se jogou de lado. No entanto, ele derrubou a espada da sua mão.

– Não há muita honra em acertar um homem dormindo – disse Ferl com um forte sotaque khalidori.

– Os riscos são grandes demais para pensar em honra. – Feir achara que o sujeito não fazia ideia de que estava sendo seguido. – Dê-me a espada e eu o deixo viver.

De modo justificável, Ferl o olhou como se Feir fosse louco: ele estava armado, Feir não.

– Entregar a espada a você? Essa é uma espada de chefe guerreiro.

– Chefe guerreiro? Essa espada vale mais do que todo o seu clã e todos os outros clãs num raio de 100 quilômetros.

Ferl não acreditou, mas também não se importou.

– Ela é minha.

Três pontos de luz branca, cada um menor do que a unha do polegar de Feir, apareceram diante dele e voaram na direção de Ferl Khalius. O sujeito não era muito ruim, mas existia uma velocidade limite para alguém mover uma espada.

Os dois projéteis que Ferl bloqueou com a espada ricochetearam na noite. O terceiro passou por baixo das mãos e penetrou em sua barriga. Feir estendeu a mão com dificuldade – a magia a distância nunca tinha sido seu ponto forte – e empurrou o projétil para cima. Ele abriu caminho queimando até o coração de Ferl.

O guerreiro das terras altas fixou o olhar em Feir e tombou de lado.

Feir pegou Curoch sem empolgação. Estava certo. Todas as suas suposições e apostas tinham dado resultado. Bardos iriam transformar essa história em lenda. Ele havia acabado de recuperar um dos artefatos mágicos mais poderosos jamais criados.

Então por que se sentia vazio?

Tinha sido muito fácil. Talvez Ferl estivesse certo. Não fora honroso, mas a luta nunca era justa quando o adversário tinha Curoch.

Tampouco era isso. Ele havia recuperado essa espada maldita três vezes – três! Poderia ser declarado Encontrador Oficial da Porcaria da Espada. Estava com ela, mas jamais poderia usá-la. Era medíocre e tinha cometido o erro de ser amigo dos grandes.

Solonariwan Tofusin Sa'fasti tinha sido príncipe do império sethi. Seu Talento o colocava nas mais altas fileiras de todos os magos vivos. Dorian era outro príncipe, vürdmeister e, além disso, era um mago do tipo que só aparece uma vez em cada geração. Feir era filho de um sapateiro com um Talento razoável e mão boa para a espada. Era aprendiz de ferreiro quando seu Talento foi descoberto, e mais tarde frequentou a escola do artífice e foi contratado como ferreiro e instrutor de armas em Sho'cendi, onde conheceu Solon e Dorian.

Dorian abrira mão de sua herança, e nem ele nem Solon receberam qualquer tratamento especial. Mas Feir sabia que isso não significava que não tivessem nenhum benefício devido ao nascimento nobre. Não importando o que acontecesse com Dorian ou Solon, eles sabiam que eram especiais. Sabiam que eram importantes. Feir nunca teve isso. Estava sempre em segundo lugar, se é que não em terceiro.

O sinalizador relampejou e Feir o pegou. O jovem vürdmeister carregava uma chave de tradução. Evidentemente era a primeira vez que lhe confiavam um sinalizador, por isso Feir pôde traduzir os clarões de luz em letras, mas mesmo assim estavam em código, e em khalidori. Decifrar o código era simples. A primeira letra era a letra khalidori mais um, a segunda era a letra mais dois, e assim por diante. Mas as letras eram transmitidas rapidamente. Feir não tinha onde escrever e seu vocabulário khalidori era limitado.

O Deus-rei estava usando as varetas exatamente como Feir usaria. Coordenava tropas e meisters distantes. Era simples e ao mesmo tempo representava uma vantagem enorme. Suas ordens eram passadas no mesmo instante, ao passo que os oponentes precisariam esperar horas ou dias pelos mensageiros. Nesses dias ou horas as situações mudavam, os planos mudavam.

Não era de espantar que tivesse devastado cada exército que viera contra ele.

– Reúnam-se... norte... de...

Depois fez uma pausa e o azul mudou para vermelho. Que diabo isso

significava? Feir soletrou as palavras e, numa intuição, traduziu-as para a língua comum. B.O.S.Q.U.E D.E P.A.V.V.I.L. Bosque de Pavvil. A luz ficou azul e piscou rápido demais para Feir acompanhar, mas repetiu um trecho duas vezes. *Dois dias. Dois dias.*

Feir soltou o ar longamente. Tinha passado pelo bosque de Pavvil na ida para o sul. Era uma pequena cidade de lenhadores que produzia parte do único carvalho de Cenária. Ao norte havia uma planície adequada para uma batalha. Sem dúvida o Deus-rei tinha um plano para destruir o exército rebelde ali.

Feir poderia chegar lá em dois dias. Mas ainda faltavam duas horas para o amanhecer. Será que os khalidori contavam o dia a partir do alvorecer ou da meia-noite? Dois dias significavam dois ou três? Feir xingou. Podia decifrar um código obscuro em outra língua, mas não conseguia contar até três. Fantástico.

O sinalizador ficou amarelo – algo que nunca havia acontecido. *Vürdmeister Lorus, informe...*

Ah, não.

Por que... indo... para o sul?

Feir ficou branco. O sinalizador também transmitia sua posição. Isso não era bom.

Castigo terá... quando retornar. Meu castigo será decidido quando eu retornar? Lantano... dizem que está perto de você. Algum sinal?

Feir queria agarrar sua própria ignorância pelo pescoço e esganá-la. Dizem que o que está perto dele?

Vürdmeister? Lorus? Se não responder...

Feir jogou a vareta longe e correu. Nada aconteceu. Um minuto se passou. Ainda nada aconteceu. Estava começando a se sentir idiota quando o sinalizador explodiu com tamanha força que arrancou a neve das árvores numa distância de 100 passos.

Bom, isso vai acordar os vizinhos.

Os vizinhos. Não era uma ideia boa. E Lantano? O nome parecia familiar.

Feir subiu uma colina rochosa ali perto para ver melhor a região. Quase desejou não ter feito isso. A 400 passos ao sul havia um exército acampado, com talvez seis mil homens. Os agregados de sempre acrescentariam outras quatro mil pessoas: mulheres, ferradores, ferreiros, prostitutas, cozinheiros e serviçais.

As bandeiras do exército mostravam uma nítida espada vertical sobre campo branco: o símbolo de Lantano Garuwashi. Esse era o nome, lembrou Feir: um general que nunca tinha sido derrotado, filho de plebeu, que vencera sessenta duelos. Se as histórias fossem dignas de crédito, às vezes ele lutava com espadas de madeira, de treino, contra o aço do oponente, para tornar tudo mais interessante.

Definitivamente os vizinhos tinham ouvido o barulho, e um grupo de dez

cavaleiros vinha na direção de Feir. Pelo menos cem outros os seguiam.

Kylar abriu os olhos num quarto desconhecido. Isso estava ficando cada vez mais comum. Este era pequeno, sujo, atulhado. A cama fedia como se a palha não tivesse sido trocada havia vinte anos. Seu coração disparou enquanto se preparava para o que poderia vir em seguida.

– Relaxe – disse Mama K, vindo sentar-se perto da cama. Sem dúvida era um esconderijo no lado norte das Tocas, pelo cheiro.

– Quanto tempo? – perguntou Kylar, com a voz parecendo um grasnido. – Quanto tempo fiquei apagado?

– É um prazer rever você também – retrucou Mama K, mas sorriu.

– Um dia e meio – disse a voz de um homem.

Kylar se sentou. Quem falava era o lorde general Agon. Isso era uma surpresa.

– Ora, parece que a enorme muralha em volta da cidade não foi a única coisa que mudou.

– É incrível o que os desgraçados conseguem fazer quando tentam algo construtivo, não é? – disse Agon. Ele estava com uma muleta e andava como se o joelho doesse.

– É bom rever você, Kylar – repetiu Mama K. – Já começaram os boatos sobre como o Anjo da Noite matou Hu Gibbet, mas as únicas pessoas que sabem que na verdade foi você são meus guardas. Eles estão comigo há muito tempo. Não vão falar. – Sua identidade estava em segurança, mas Kylar não iria se distrair. Viera de longe demais, depressa demais, e entregado demais tendo apenas uma coisa em mente. – O que você sabe sobre Logan?

Mama K e Agon se entreolharam.

– Está morto – respondeu Mama K.

– Não está – disse Kylar.

– A melhor informação que temos...

– Ele não está morto. Jarl foi me contar, lá em Caernarvon.

– Kylar – disse Mama K –, ontem os khalidori descobriram a identidade de Logan. Pelo que sabemos, ele foi morto por outro preso por causa disso ou se jogou no Buraco para evitar o que o Deus-rei faria com ele.

– Não acredito. – *Ontem? Enquanto eu estava dormindo? Cheguei tão perto assim?*

– Sinto muito – murmurou Mama K.

Kylar se levantou e encontrou uma nova roupa cinza de derramador ao pé da cama. Começou a se vestir.

– Kylar – disse Mama K.

Ele a ignorou.

– Filho – insistiu Agon –, é hora de abrir os olhos. Ninguém gosta do fato de Logan estar morto. Ele era como um filho para mim. Você não pode trazê-lo de volta, mas pode fazer algumas coisas que ninguém mais pode.

Kylar vestiu a túnica.

– E deixe-me adivinhar – disse com amargura. – Vocês dois desejam colocar meu Talento em uso?

– Dentro de alguns dias o exército de Terah Graesin vai encontrar o exército do Deus-rei ao norte do bosque de Pavvil. Ela vai chegar primeiro e ter a vantagem do terreno e dos números – explicou Mama K.

– E qual o problema?

– O Deus-rei vai aceitar o desafio. Depois da Nocta Hemata ele deveria ter o dobro de cautela, mas está indo para lá. Kylar, nossos espiões só captaram sugestões, mas tenho certeza de que é uma armadilha. Terah Graesin não quer ouvir. Ela não lutaria até que o Deus-rei lhe apresentasse uma luta que ela não poderia perder. Agora ela tem isso e nada vai impedi-la. Só sabemos que ele está fazendo alguma coisa mágica, e é grande.

– Não diga.

– Queremos contratar você para um atentado, Kylar – disse Mama K. – Um atentado digno do Anjo da Noite. Queremos que mate o Deus-rei.

– Você está louca.

– Você se tornará uma lenda – observou Agon.

– Prefiro ficar vivo.

Era sinistro. Era exatamente o que pediram que ele fizesse antes de sair da cidade. Era pelo que Jarl havia morrido. Matar o Deus-rei. Redimir toda a dor e o desperdício de seu treinamento como derramador. Uma morte, e ele poderia pendurar a espada, satisfeito por ter cumprido mais do que a sua parte. Uma morte que salvaria milhares de pessoas. Tinha um tom de destino.

– Mesmo se Logan ainda estiver vivo, não adiantará salvar a vida dele se você deixar que seja destruída a única chance de ele ter um reino – disse Agon. – Se ele sobreviveu por tanto tempo, pode aguentar mais um ou dois dias. Mate o Deus-rei e salve o reino, depois vá procurar nosso rei.

Kylar escolheu armas na grande variedade que Mama K tinha preparado para ele, e as escondeu no corpo, em silêncio.

– Você vai condenar todos nós – disse Agon. – Você tem o tipo de poder pelo

qual eu morreria, e não quer usá-lo para nos ajudar. Desgraçado.

Ele girou nos calcanhares e saiu do quarto. Kylar olhou para Mama K. Ela não saiu, mas também não entendia.

– É bom rever você também, Mama. – Kylar respirou fundo. – Deixei Uly com Elene. As duas vão ficar bem. Deixei-as com dinheiro suficiente para ficarem bem pelo resto da vida. E Elene vai amá-la. Fiz o melhor que pude... Jarl...

De repente, lágrimas quentes começaram a rolar. Mama K pôs a mão no braço de Kylar e ele baixou os olhos.

– Sei que não faz sentido – disse ele. – Mas jurei deixar isso para trás. Violei esse juramento pelo Logan. Isso me custou o amor de Elene e a confiança de Uly. Eu não as abandonei para poder roubar outra vida, e sim para salvar uma. Entende?

– Sabe quem você me lembra? Durzo. Quando era mais novo, antes de perder o caminho. Ele teria orgulho de você, Kylar. Eu... sinto orgulho de você também. Gostaria de poder acreditar que os destinos não serão cruéis a ponto de fazer com que você sacrifique tudo só para encontrar Logan morto, mas não tenho esse tipo de fé. Porém vou dizer no que acredito. Acredito em você.

Ela o abraçou.

– Você está diferente, Mama K.

– É tudo culpa sua.

– Gostei de ouvir isso.

Ela pôs a mão nas bochechas dele e beijou sua testa.

– Vá, Kylar. Vá e, por favor, volte.



Logan tinha caído duas vezes no sono. Em ambas as vezes, achou que não acordaria. Tinha parado de comer. Não tocaria no corpo de Fin. Tinha parado de sentir o cheiro do ar denso, corrosivo. Tinha parado de notar os pequenos gemidos de preocupação de Rangido. Também tinha parado de sangrar, mas era tarde demais. Não tinha forças.

Depois de Rangido ajudá-lo a se sentar, Logan viu outro corpo esmagado, caído na penumbra a menos de 3 metros dali. Era Natassa Graesin. Seus membros estavam mutilados, mas o rosto parecia em paz. Os olhos não demonstravam acusação.

A emoção que prevalecia em Logan era o simples arrependimento. Lamentava por Natassa, que nunca sequer havia lhe contado como fora parar ali embaixo. Lamentava por todas as coisas que jamais faria. Nunca desejara de verdade o trono. Sempre havia suspeitado de que ser rei era muito mais difícil do que parecia. No Buraco, às vezes lamentava não ser lembrado como alguém importante.

Agora desejava coisas mais simples. Sentia falta da luz do sol. Sentia falta do cheiro da grama, da chuva fresca, de uma mulher. Sentia falta de Serah Drake e todas as suas trivialidades. Sentia falta de sua esposa. Jenine era tão nova, tão inteligente, tão bonita! Tinha sido um diamante encontrado e perdido para sempre. Sentia falta de Kylar, seu melhor amigo. Outro diamante encontrado e perdido.

Logan desejava amor, filhos e a administração de suas propriedades. Uma vida simples, uma família grande, amigos íntimos. Isso lhe daria toda a imortalidade de que necessitava.

Durante um tempo rezou aos deuses antigos. Não havia mais nada a fazer. Rangido não era bom de conversa, e os deuses antigos não tinham nada a dizer. Rezou até para o Deus Único do conde Drake. Não sabia direito como alguém deveria rezar para o deus de todas as coisas. Por que Ele se importaria? Desistiu.

Acima de tudo tentava ignorar a dor.

Já ia fechar os olhos e tentar morrer de novo – ou dormir, tanto fazia – quando Rangido começou a uivar. Era um som agudo, penetrante, irritante, diferente de tudo que Logan já ouvira.

A abertura no fundo arrotava fumaça acre, e a figura que Logan vislumbrou por um instante foi devorada pela densa nuvem e pela escuridão. Enquanto a nuvem se dissipava, um demônio saiu de dentro dela.

Pela primeira vez Logan viu Rangido demonstrar medo. Ele recuou para o lado de Logan e se encolheu, gemendo, mas só recuaria até ali. A lealdade do simplório não tinha limites.

O demônio avançou devagar, com os olhos azuis reluzentes apontados para Logan. Seria a Morte, que finalmente tinha vindo reivindicá-lo? Logan não sentiu medo.

– Bom, que merda, cara – disse a Morte com uma voz familiar. – Foi difícil encontrar você.

– O que é você? – grasnou Logan.

A cara do demônio tremeluziu e se dissolveu revelando o rosto de Kylar. Logan teve certeza de que finalmente tinha ficado maluco.

– Desculpe, esqueci do rosto – disse Kylar. Estava meio dando seu risinho de maluco para encobrir a preocupação. – Você... ah... está parecendo a extremidade sul de um cavalo que se dirige para o norte. – Era uma das velhas falas de Logan, de quando ele mal sabia um décimo dos palavrões que tinha aprendido ali. Kylar riu de novo. – O... ah... o grandalhão aí vai ficar bem?

Rangido tremia completamente, e nem Logan sabia se era de raiva ou medo.

– Rangido – disse Logan –, ele é amigo. Veio ajudar. – A expressão de Rangido não mudou, mas ele não se mexeu para atacar. – É você mesmo, não é?

– Vim salvar o dia – respondeu Kylar. Quando Logan não respondeu, Kylar se

aproximou e verificou seu corpo. A expressão dele era séria. – Bom, esse é mais um milagre, não é? Você ainda está vivo.

Logan sentiu-se perdendo a consciência enquanto Kylar o ajudava a ficar de pé. Kylar estava falando, e parte de Logan percebeu que ele só tentava mantê-lo acordado. Fez o máximo para ouvir a voz de Kylar e ignorar as vozes da dor e da morte chamando-o.

–... porque agora é praticamente impossível entrar na Bocarra. Não é como nos velhos tempos... Dizem que alguém ou alguma coisa passou a residir lá. Quer dizer, “residir”, como se a Bocarra fosse um palácio ou algo assim.

– Khali – sussurrou Logan.

Kylar os levava mais para o fundo do Buraco. Logan tropeçou de novo, e, quando abriu os olhos, descobriu que estava amarrado às costas de Kylar. Não era possível. Mesmo com todo o peso que Logan havia perdido, Kylar não deveria ser capaz de carregá-lo com tanta facilidade. Mas a sensação não desapareceu. Kylar descia cada vez mais. Não havia caminho nem musgo luminoso ali embaixo, no entanto Kylar se movia com segurança e continuava falando, a própria voz afastando o terror do escuro que Logan sentia.

–... estive nas Estacas uma vez e me lembrei de como os túneis pareciam descer infinitamente. Deduzi que a Bocarra também seria assim, já que os dois ficam lado a lado. Achei que, se fosse suficientemente fundo, os túneis poderiam se conectar.

Kylar continuou sem pausa:

– Já viu o interior dos túneis das Estacas, Logan? Metal liso, descendo para sempre. Grandes lâminas de moinho de vento girando enquanto captam o ar que sobe. Achei que poderia pegar um atalho. Você me conhece, né? Agarrei um escudo, fiz um pequeno trenó com ele e... foi uma tremenda viagem. Quase cheguei até o fundo. O bom foi que perdi a maior parte da velocidade antes do último ventilador. Tive certeza de que ele estava girando mais depressa. Sinto uma pena dos pobres coitados que precisam descer até lá para consertá-lo.

Então Kylar parou. Respirou fundo.

– Não vou mentir para você. Esta é a parte ruim. Vamos ter que passar por baixo d’água. Esse é o limite, Logan. É isso que separa o Buraco das Estacas. A água é quente, o espaço é apertado e vai parecer que você foi enterrado. Prometo: se você conseguir atravessar essa morte, vai sair para uma vida nova. Só prenda o fôlego e eu faço todo o trabalho.

– Rangido – disse Logan.

– Rangido? Ah, o grandão? Ah, ele não parece gostar muito de água, Logan.

Logan não conseguia ver Rangido. Não estava apenas escuro ali embaixo. Era um negrume absoluto. Não havia sequer um negrume mais claro. Era uma escuridão

única, sem alívio, que abraçava tudo. Era uma escuridão quente, úmida, pesada, opressiva, que penetrava nos próprios pulmões. Logan não fazia ideia de como Kylar estava enxergando Rangido, mas não iria deixá-lo ali.

– Você... vai voltar para pegá-lo? – perguntou.

Houve um longo silêncio.

– Sim, meu rei – respondeu Kylar finalmente.

– Eu... estou pronto.

– É só contar. Eu atravessei em mais ou menos um minuto. Talvez a gente demore um pouco mais, já que estamos juntos.

Um minuto?

– Antes de irmos... Desculpe, Logan. Desculpe por tudo isso e por quanto isso é minha culpa. Desculpe por não ter contado a você o que eu era. Desculpe por não ter matado Tenser quando tive chance. Só... desculpe.

Logan não disse nada. Não conseguia encontrar as palavras nem a força para dar o que Kylar merecia.

Kylar não esperou. Começou a respirar fundo e Logan seguiu seu exemplo. Mergulharam juntos na água. Logan se encostou em Kylar, tentando não atrapalhar seus braços, tentando deixar o corpo aerodinâmico.

A água era quente, a ponto de arder, e sem dúvida Kylar não imaginava que o caminho seria tranquilo. Logan sentiu que Kylar o virava de cabeça para baixo, depois devia estar se agarrando a pedras para puxá-los para baixo, porque estavam se movendo depressa. Na verdade moviam-se mais depressa do que Logan achava possível embaixo d'água. Sabia que Kylar era forte: tinha lutado com ele, mas a velocidade com que nadavam não deveria ser possível.

Dez. Onze. A água pressionava de todos os lados, apertando, comprimindo. Alguma parte de Logan se maravilhava por Kylar já ter feito isso sozinho, sem qualquer certeza de que os túneis se conectavam ou de quanto tempo demoraria nadando. Os pulmões de Logan já estavam ardendo aos catorze segundos.

Segurou-se, tentando não se agarrar com tanta força, tentando preservá-la. A dor não era nada, dizia a si mesmo. Passaram-se vinte segundos antes que ele sentisse que estavam se nivelando horizontalmente. Suas costas roçaram em pedras. A sensação era diferente, mas ele não saberia qual dos sentidos revelava isso. Achou que tinham entrado num túnel, e pelo modo como Kylar se movia, era um túnel estreito.

Quarenta. Quarenta e um. Agora a dor era inegável. O ar fazia força contra a garganta, implorando para ser liberado. Golpeava-o. Solte só um pouquinho, só um pouquinho.

Ficaram entalados aos cinquenta segundos. Abruptamente todo o movimento adiante cessou. O choque fez Logan abrir os olhos. A água quente e azeda atacou

seus olhos e ele tossiu. Uma enorme bolha de ar vital saiu dos pulmões.

Kylar forçou e forçou. Logan sentiu algo se rasgando, não sabia se era sua túnica esfarrapada ou a pele, mas logo estavam em movimento outra vez. Tinha menos de meio pulmão de ar. Kylar movia-se de novo numa velocidade incrível, mas ainda não estavam subindo.

Então Logan sentiu Kylar se virando, mas o amigo não pressionou para cima. Em vez disso, num movimento frenético iluminado por uma luz azul mágica, tirou uma espada curta do cinto. Logan foi jogado para um lado e para outro enquanto Kylar cortava e esfaqueava alguma coisa que faiscava feito relâmpago prateado na água.

Não havia como aguentar mais. Logan não suportaria mais vinte segundos. Não conseguiria se segurar por tanto tempo. Aos 67 segundos, sentiu o resto do ar sair.

Estavam se movendo tão depressa que ele sentiu o ar bater no rosto enquanto disparavam para cima. Ultrapassaram a bolha.

Seus pulmões ardiam. Rendeu-se e respirou.

A água escaldante jorrou nos pulmões – seguida por ar. Logan tossiu e tossiu, e aquela coisa quente e acre disparou para fora do nariz e da boca. Queimou os sínus, mas um instante depois foi substituída pelo ar doce e fresco.

Kylar o desamarrou e o colocou gentilmente no chão. Logan ficou deitado de costas, respirando. Ainda estava escuro, mas lá em cima, na extremidade dos tubos de metal das estacas, viu o brilho de tochas distantes.

– Meu rei – disse Kylar. – Há alguma coisa na água. Um lagarto gigante, terrível. Se eu voltar para pegar Rangido, não sei se retornarei. Você não está em condições de sair sozinho. Vai morrer aqui sem mim. Ainda quer que eu traga o simplório?

Logan queria dizer que não. Ele era mais importante para o reino do que Rangido. E tinha medo de ser deixado sozinho. De repente a vida estava tão perto! E não queria morrer.

– Não posso abandoná-lo, Kylar. Me perdoe.

– Você só precisaria de perdão se tivesse pedido que eu o deixasse – disse Kylar, e mergulhou na água.

Ficou longe durante cinco minutos agonizantes. Quando rompeu a superfície da água nadava em tamanha velocidade que saltou no ar. Pousou de pé. Tinha feito um arnês com a corda e arrastado Rangido. Agora agarrou a corda e puxou-a rapidamente.

Rangido praticamente voou para fora d'água. Respirou fundo e sorriu para Logan.

– Prendi o ar bem! – disse ele.

Kylar pegava Logan no colo, quando uma criatura enorme saiu da água. A coisa

se chocou contra os três, derrubando-os. Então a câmara foi iluminada por uma luz azul iridescente que vinha do próprio Kylar. Ele estava saltando, indo de uma estalagmite a outra, usando-as para mudar de direção de modo imprevisível. O medo apertou a garganta de Logan. O que quer que fosse a coisa contra a qual Kylar estava lutando, era gigantesca. Enormes mãos membranosas arrebatavam estalagmites como se fossem gravetos. Pedras choviam em toda parte enquanto Logan se enrolava feito uma bola. Grandes sopros de ar irrompiam de uma bocarra visível somente quando os dentes e os olhos refletiam o fogo azul de Kylar. Uma luz verde-prateada ficava piscando.

A coisa mais aterrorizante era não poder enxergar. A batalha era feroz a meros passos de distância e Logan não podia fazer nada, nem mesmo observá-la. Ouvia um clangor e supunha que era a espada de Kylar ricocheteando no couro da criatura, mas não tinha ideia. Não tinha ideia de como ele estava lutando contra aquilo na escuridão, e não tinha esperança de lutar também. Nem fazia ideia do tamanho da coisa, ou de como ela era.

Perdeu Kylar de vista – ou Kylar desapareceu, porque até a fera parou e fungou. Começou a farejar o ar, com a cabeça enorme balançando para trás e para a frente.

De repente a coisa disparou na direção de Logan e Rangido. Logan estendeu as mãos e sentiu uma pele escorregadia passar por seus dedos. Estalagmites se partiam em todo lugar. Depois a coisa recuou e virou a cabeça. Uma luz de brilho prateado e frio como a lua surgiu nos olhos verdes e redondos, e depois a grande cabeça se virou, fungando.

O focinho gosmento passou perto do rosto de Logan. A criatura farejou e farejou. Os dedos de Logan roçaram num pedaço de estalagmite quebrada e a agarraram. O movimento atraiu a criatura. Ela recuou e a luz de seu olho iluminou Logan como uma tocha. O grande olho de gato se virou para ele e entrou em foco.

Logan cravou a pedra serrilhada naquele grande olho. Uma luz verde-prateada se derramou sobre Logan junto com o sangue da criatura. O olho se apagou como uma vela soprada e um uivo preencheu a câmara, ecoando nas grandes distâncias ao redor. Um pouco depois, uma forma escura passou num borrão por Logan e atacou o olho cego.

A criatura guinchou de novo e se sacudiu para trás. Houve um enorme estrondo de água espirrando, depois tudo ficou silencioso.

– Logan – disse Kylar, com a voz tremendo pelos efeitos da adrenalina –, aquilo era... aquilo era Khali?

– Não. Khali é... diferente. Pior. – Logan deu um riso incerto. – Aquilo era só um dragão.

Ele riu de novo e apagou.

Quando acordou, os três estavam com arneses e Kylar ia içando-os por uma corda que devia estar presa a uma polia lá em cima. Subiam pelo tubo central das Estacas. Era um enorme tubo de metal, com 30 passos de diâmetro, e todos os enormes ventiladores tinham parado. Como Kylar tinha conseguido isso?

A viagem levou vários minutos a mais, e o tempo todo Logan tinha consciência do braço ardendo e pinicando onde o sangue do olho da criatura havia pingado. Não tinha coragem de olhar.

– Eu subornei um guarda – disse Kylar. – Agora o Sa’kagé é um dos seus aliados mais importantes, meu rei. Talvez o único.

Minutos depois, chegaram a um trecho em que os tubos ficavam horizontais. Com grande cuidado Kylar desamarrou Logan e depois Rangido. Cortou as cordas e deixou que elas caíssem no abismo. A polia foi junto. Guiou-os pela seção horizontal cada vez mais estreita até chegarem a uma porta. Kylar bateu nela três vezes.

A porta se abriu e Logan se viu cara a cara com Gorkhy.

– Logan, conheça nosso contato – disse Kylar. – Gorkhy, o seu dinheiro está...

– Você! – disse Gorkhy.

Seu rosto mostrava o mesmo nojo que Logan sentia.

– Mate-o – grasnou Logan.

Os olhos de Gorkhy se arregalaram. Ele agarrou o apito de guarda que carregava num barbante em volta do pescoço. Mas antes que o apito chegasse aos lábios, sua cabeça se soltou do corpo, girando. O cadáver tombou sem emitir um som.

Foi rápido assim, fácil assim. Kylar arrastou o corpo pelo túnel, para jogá-lo no poço, e voltou um minuto depois. Logan tinha acabado de ordenar sua primeira morte. Kylar não pediu explicação. Era uma coisa sinistra, espantosa, medonha. Era o poder, e a sensação era perturbadoramente... maravilhosa.

– Majestade? – disse Kylar, abrindo a porta para fora do tubo, para fora do pesadelo. – Seu reino o espera.



Quando Kaldrosa Wyn e outras dez jovens do Dragão Medroso emergiram do esconderijo de Mama K, as Tocas haviam mudado. Existia uma empolgação nervosa no ar. A Nocta Hemata tinha sido um triunfo, mas as repercussões chegavam. Todo mundo sabia disso. Mama K tinha dito às garotas que elas precisavam sair do esconderijo subterrâneo porque o segredo de sua existência tinha vazado. De algum modo, o Anjo da Noite havia salvado todas de serem trucidadas por Hu Gibbet.

Logo depois da invasão, Kaldrosa tinha ouvido boatos sobre o Anjo da Noite, mas não havia acreditado. Agora todos sabiam que ele era real. Tinham visto o corpo de Hu Gibbet.

Mama K precisava tirá-las dali o mais depressa possível, mas demoraria transportar trezentas mulheres para fora da cidade. Elas podiam passar em volta ou por baixo das novas muralhas do Deus-rei, mas não seria fácil. O grupo de Kaldrosa Wyn precisava partir esta noite. Mama K explicou que, se quisessem ficar na cidade, se tivessem maridos, namorados ou famílias para os quais voltar, só precisavam não aparecer no ponto de encontro esta noite.

As Tocas estavam silenciosas, cheias de expectativa, enquanto as mulheres iam para o esconderijo. Todas ainda usavam suas ricas roupas de prostitutas. Os modelos do mestre Piccun pareciam obscenos à luz do dia, no contexto das ruas. Pior: as roupas de algumas garotas tinham manchas marrons de sangue seco.

Mas as mulheres não passaram por nenhum guarda. Os khalidori não entravam mais nas Tocas. Os moradores as fitavam de maneira estranha. Um beco que elas tentaram atravessar tinha sido bloqueado por uma construção que aparentemente fora derrubada na Nocta Hemata, e isso obrigou Kaldrosa Wyn e as outras a atravessar a feira de Durdun.

O mercado estava movimentado, mas, enquanto as ex-prostitutas passavam, uma onda de silêncio as precedeu. Todos os olhares se fixaram nelas. As garotas firmaram os maxilares, prontas para o escárnio que as roupas provocariam, mas nada aconteceu.

Uma peixeira atarracada se inclinou sobre a banca e disse:

– Vocês nos dão orgulho, garotas.

As mulheres foram apanhadas desprevenidas. A aprovação as acertou como um tapa no rosto. Em todo lugar era a mesma coisa. Em toda parte as pessoas

assentiam, cumprimentando e aceitando, até mesmo as mulheres que uma semana antes zombaram das garotas de programa ao mesmo tempo que invejavam sua beleza. Mesmo enquanto esperavam que o Deus-rei os esmagasse, como sabiam que deveria acontecer, os Coelho compartilhavam uma união forjada a partir da perseguição. Tinham se surpreendido com a própria coragem naquela noite, e de algum modo as prostitutas carregavam o estandarte.



A viagem gloriosamente solitária de dois dias até Cenária só tivera um problema. Não havia nenhuma criança irritando. Nenhuma bruxa velha dando ordens. Nenhuma disputa verbal. Nenhuma humilhação. Mas o tempo deu a Vi a oportunidade de ver como seus planos eram frágeis.

O primeiro plano era ir até o Deus-rei. Parecera fantástico durante cinco minutos. Contaria a ele que Kylar e Jarl estavam mortos. Pediria seu ouro e iria embora.

Certo. Só que as palavras da irmã Ariel sobre o feitiço lançado sobre Vi eram plausíveis demais para serem suposições. Vi teria uma rédea curta ou uma rédea comprida, mas estaria sempre presa por uma rédea. Garoth Ursuul tinha prometido dominá-la, torná-la “humilde”. Não era o tipo de promessa que ele esqueceria.

Na verdade, Vi já se sentia assim. Estava perdendo o pique. Uma coisa era se sentir mal por ter matado Jarl. Jarl a havia mantido viva. Tinha sido um amigo e alguém que jamais exigiria o uso do seu corpo. Não era uma ameaça física nem sexual.

Kylar era algo totalmente diferente, e mesmo agora, cavalcando devagar pelas ruas de Cenária, com o capuz cobrindo o rosto, Vi não conseguia deixar de pensar nele. Na verdade lamentava que ele estivesse morto. Talvez estivesse até triste.

Kylar tinha sido um derramador tremendamente bom. Um dos melhores. Era uma pena ter sido morto por uma flecha, provavelmente disparada por alguém escondido. Nem mesmo um derramador podia impedir isso.

– Pois é – disse Vi em voz alta. – Poderia ter acontecido com qualquer um. Faz com que eu perceba minha própria mortalidade. Só é uma pena.

Não era só uma pena. Não era isso que ela sentia. Kylar era meio bonitinho. Se você pudesse pensar em “meio bonitinho” com um riso de desprezo mental. Meio charmoso. Bom, nem tão charmoso assim. Mas tentava.

Na verdade era culpa de Uly. Uly tinha falado e falado como ele era fantástico. Porra.

Talvez por isso ela tivesse abrigado um capricho de que Kylar fosse o tipo de

homem capaz de entendê-la. Ele havia sido derramador, e de algum modo largara a profissão e se tornara uma pessoa decente. Se ele conseguiu, talvez ela conseguisse também.

É, ele foi um derramador, mas nunca foi uma puta. *Acha que ele conseguiria entender isso? Perdoar? Claro. Vá em frente com sua paixonite, Vi. Abra o berreiro feito uma garotinha. Ande, finja que você poderia ter sido uma Elene, construindo um pequeno lar e tendo uma vida normal. Tenho certeza de que seria tremendamente divertido dar de mamar a moleques e fazer mantinhas de crochê.*

A verdade é que você nem teve coragem de admitir que tinha uma paixonite por Kylar até saber que ele estava morto, em segurança.

Todas as coisas que Vi odiava nas mulheres começavam subitamente a aparecer nela. Pelo amor de Nysos, ela até sentia falta de Uly. Como se fosse uma porra de uma mãe.

Bom, isso foi legal. Buááá. Estamos nos sentindo melhor agora? Porque ainda temos um problema. Ficou montada no cavalo do lado de fora da loja de Drissa Nile. A bruxa imbecil tinha dito que Drissa poderia livrar Vi da magia do Deus-rei. Olhando a loja modesta, Vi pensou que a melhor aposta era o Deus-rei.

O Deus-rei iria torná-la escrava. Drissa Nile iria libertá-la ou matá-la.

Entrou. Precisou esperar meia hora enquanto os dois Nile, pequeninos e de óculos, cuidavam de um menino que havia enterrado um machado no pé enquanto rachava lenha. Depois que os pais o levaram para casa, Vi explicou sua situação e comentou que a irmã Ariel a havia mandado. Os Nile fecharam a loja imediatamente.

Drissa a fez se sentar numa das salas enquanto Tevor, o outro Nile, deslocava um trecho do telhado para deixar que a luz do sol entrasse. Os dois eram parecidos, calças largas sobre os corpos baixos e gorduchos, cabelos castanhos meio grisalhos e lisos como hastes de trigo, óculos e um único brinco em cada um. Moviam-se com a familiaridade tranquila de uma parceria antiga, mas Tevor Nile obviamente obedecia à mulher. Os dois pareciam ter 40 e poucos anos, mas o erudito Tevor parecia perpetuamente perplexo, ao passo que Drissa não deixava dúvidas de que tinha consciência de todas as coisas o tempo todo.

Sentaram-se dos dois lados dela, de mãos dadas às suas costas. Drissa pousou a mão livre no pescoço de Vi e Tevor pôs os dedos em seu antebraço. Vi sentiu um arrepio gelado na pele.

– E como você conhece Ariel? – perguntou Drissa, os olhos penetrantes atrás dos óculos. Tevor parecia ter afundado completamente em si mesmo.

– Ela matou meu cavalo para impedir que eu entrasse na floresta de Ezra.

Drissa pigarreou.

– Sei...

– Aaahhhh! – gritou Tevor, enquanto tinha um espasmo e caía da banquetta, batendo com a nuca na pedra da lareira. – Não toque em nada! – Tão rapidamente quanto caiu, ele estava de pé outra vez.

Vi e Drissa o encararam, pasmas. Ele coçou a nuca.

– Pelos cem, quase incinerei todos nós. – Ele se sentou. – Drissa, olhe isso.

– Ah – disse Vi. – Ariel falou que ele estava preso de uma maneira interessante.

– Só agora você diz? – perguntou Tevor. – Interessante? Ela chama isso de interessante?

– Ela disse que vocês eram os melhores com magias menos complexas.

– Disse? – A postura de Tevor mudou instantaneamente.

– Bom, ela falou que Drissa era.

Ele levantou as mãos.

– Claro que falou. As malditas irmãs não conseguem admitir que um homem possa ser bom, nem por um segundo.

– Tevor – interveio Drissa.

Ele ficou abruptamente calmo.

– Sim, querida?

– Não estou vendo. Você poderia levantá-lo...

Ela soltou o ar de uma vez.

– Ora, ora. É, não levante.

Tevor não disse nada. Vi se virou para ver a expressão dele.

– Por favor, fique quieta, criança – pediu Drissa.

Trabalharam em silêncio durante dez minutos. Ou pelo menos Vi pensou que estivessem trabalhando. Afora algo parecido com penas roçando sua coluna, não sentiu nada.

Por fim Tevor grunhiu, como se estivesse satisfeito.

– Terminaram? – perguntou Vi.

– Se terminamos? – disse ele. – Nem começamos. Eu estava inspecionando os danos. Interessante? Vou dizer o que é interessante. Há três feitiços protegendo o feitiço primário. Eu posso anulá-los. Quebrar o último vai doer. Muito. A boa notícia é que você veio nos procurar. A má notícia é que, ao tocar na trama, eu a rompi. Se não puder quebrá-lo em talvez uma hora, ele vai explodir sua cabeça. Você poderia ter dito que foi um vürdmeister que colocou o feitiço em você. Mais alguma surpresa?

– Qual é o feitiço primário? – perguntou Vi a Drissa.

– É um feitiço de compulsão, Vi. Continue, Tevor.

O sujeito suspirou e se afundou em si mesmo. Não parecia capaz de falar enquanto trabalhava. Drissa, por outro lado, não via problema nisso. Vi podia ver as

mãos dela começando a reluzir fracamente enquanto falava.

– Vai começar a doer logo, Vi, e não apenas fisicamente. Não podemos anestesiá-la porque ele pôs uma armadilha nessa área do seu cérebro. Entorpecer você é uma das primeiras coisas que um curandeiro faria, por isso ele tornou a coisa mortal. Agora fique parada.

O mundo ficou branco e permaneceu assim. Vi ficou cega.

– Só escute minha voz, Vi – disse Drissa. – Relaxe.

Vi tinha a respiração rápida e curta. De repente o mundo retornou. Ela conseguia enxergar.

– Mais quatro vezes e teremos o primeiro feitiço – explicou Drissa. – Pode ser mais fácil se você fechar os olhos.

Vi fechou os olhos com força.

– Então... ah... compulsão? – perguntou Vi.

– Certo – concordou Drissa. – A magia de compulsão é muito limitada. Para o feitiço se sustentar, quem o lançou precisa ter autoridade sobre você. Você precisa sentir que lhe deve obediência. Seria pior com um dos pais ou um mentor, ou um general, se você estivesse no exército.

Ou um rei. Ou um deus.

– De qualquer forma – continuou Drissa –, a boa notícia é que você pode se livrar de uma compulsão se conseguir se livrar do poder dessa pessoa sobre você.

– Brilhante – disse Tevor. – Tremendamente brilhante. Louco e doentio, mas genial. Você viu como ele ancorou as armadilhas no próprio *glore vyrden* dela? Ele está fazendo com que *ela* sustente os feitiços *dele*. É horivelmente ineficiente, mas...

– Tevor.

– Certo. De volta ao trabalho.

Os músculos da barriga de Vi se convulsionaram como se ela fosse vomitar. Quando isso passou, Vi conseguiu perguntar:

– Como... me livrar?

– Ah, da compulsão? Bom, devemos ser capazes de quebrá-la esta tarde. Mas é meio complicado. Se a gente tentar desamarrá-la do modo errado, só vai fazer com que se aperte mais. Isso não vai ser problema para você.

– Por que... – O estômago se convulsionando cortou o resto da pergunta.

– Os magos são proibidos de usar compulsões, mas aprendemos a nos proteger delas. Se você não estivesse conosco, jogar fora a compulsão exigiria um sinal exterior de uma mudança interna, um símbolo para mostrar que você mudou suas lealdades. Isso vai ser resolvido também, assim que você colocar o vestido branco e o pingente.

Vi a olhou com ar inexpressivo.

– Quando você entrar para o Chantry – respondeu Drissa. – Você pretende entrar para o Chantry, não é?

– Acho que sim – disse Vi.

Não tinha pensado de verdade no futuro, mas no Chantry estaria a salvo do Deus-rei.

– Dois. Isso! – disse Tevor em triunfo. – Conte a ela sobre Pulleta Vikrasin.

– Você só gosta da história porque dá má fama ao Chantry.

– Ah, ande, arruíne a história – reclamou Tevor.

Drissa revirou os olhos.

– Resumindo uma história longa: há duzentos anos a chefe de uma ordem estava usando compulsão nas subordinadas, e elas só descobriram quando uma maga, Pulleta Vikrasin, se casou com um mago. Sua nova lealdade para com o marido rompeu a compulsão e fez com que várias irmãs fossem seriamente castigadas.

– É a pior versão da história que já ouvi – disse Tevor. – Esse casamento não apenas provavelmente salvou o Chantry, mas, na mente deturpada daquelas solteironas, também confirmou que uma mulher que se casasse jamais seria verdadeiramente leal ao Chantry. Mal posso esperar até que o Chattel se reúna e...

– Tevor. Mais um? – pediu Drissa. De novo o homenzinho voltou a trabalhar. – Desculpe, em breve você acompanhará as politicagens do Chantry. Tevor ainda está ranzinza pelo modo como elas me trataram depois de colocarmos as argolas.

Ela mostrou o brinco.

– É isso que essas argolas significam? – perguntou Vi. Não era de espantar que tivesse visto tantos brincos em Waeddryn. Eram brincos nupciais.

– Os artesãos das argolas dizem às mulheres que os maridos vão ficar mais submissos e dizem aos homens que eles vão tornar as mulheres mais... digamos, amorosas. Contam que nos tempos antigos um marido com brinco não iria ficar excitado com nenhuma mulher, além da esposa. Dá para imaginar como vendiam bem. Mas é tudo mentira. Talvez um dia isso tenha sido verdade, mas agora as argolas mal têm magia para se lacrar sem emenda e permanecer brilhantes.

Ah, Nysos. O bilhete de Kylar para Elene de repente fez sentido. Vi não tinha roubado uma joia cara; tinha roubado a promessa de amor de um homem. Vi sentiu outra vez um enjoo, mas não achou que isso tinha a ver com a magia de Tevor.

– Está preparada, Vi? Este vai doer mesmo, e não só fisicamente. Tirar a compulsão vai fazer você reviver suas experiências mais significativas com a autoridade. Acho que não vai ser agradável.

Adivinhou.

Agora Drissa Nile era a única que podia ajudar Logan. Ele estava muito mal. Tirá-lo da Ilha de Vos tinha sido bastante fácil, mas havia demorado, e Kylar não tinha certeza se o amigo sobreviveria por muito tempo.

Ele havia levado uma facada nas costas e tinha todo tipo de cortes, inclusive alguns ao longo das costelas e no braço que estavam vermelhos, inflamados e cheios de pus.

Poucos magos moravam na cidade nas últimas décadas, mas Kylar sabia de uma mulher que tinha grande reputação de curandeira. Se alguém precisava de magia curativa, era Logan. Especialmente com aquela coisa no braço.

Kylar nem sabia o que era, mas devia ter queimado penetrando na pele. O mais estranho é que aquilo não devia ter caído aleatoriamente no braço de Logan, e sim num padrão. Kylar nem sabia se deveria colocar água em cima, cobrir, ou o quê. Qualquer coisa poderia piorar a situação.

E que diabo tinha sido aquela coisa? Como pagamento pelos muitos cortes que lhe causara, Kylar havia tirado uma presa da fera, mas suas sobrevivência se dera tanto por sorte quanto pela habilidade. Se não houvesse tantas estalagmites na câmara, a velocidade da criatura teria ultrapassado qualquer coisa que Kylar pudesse fazer. Sua pele era impenetrável, mesmo com toda a força do Talento de Kylar. Ele supôs que os olhos seriam vulneráveis, mas o bicho já os protegera três vezes antes de se distrair com Logan e Rangido. E o período nadando – aquela coisa acelerando na direção dele embaixo d'água – tinha sido puro terror. Provavelmente sonharia com isso pelo resto da vida.

Mesmo assim, salvar Logan fora a melhor coisa que já fizera. Logan precisava ser salvo, merecia ser salvo, e Kylar era o único que poderia salvá-lo. Esse era o seu propósito. Isso redimia seus sacrifícios. Por isso ele era o Anjo da Noite.

Penetrou nas Tocas com sua carga estranha e a colocou numa carroça coberta. Depois foi até a loja de Drissa Nile.

O estabelecimento ficava no local mais rico das Tocas, perto da ponte Vanden, e era razoavelmente grande, com uma placa em cima dizendo “Nile e Nile, Galenos” sobre uma imagem da varinha curadora, para os iletrados. Como Durzo anteriormente, Kylar evitara o local, temendo que um mago reconhecesse o que ele era. Agora não tinha escolha. Parou nos fundos da loja, tirou Logan da carroça e o carregou até a porta dos fundos, com Rangido logo atrás.

A porta estava trancada.

Um pequeno jorro de Talento cuidou disso. O trinco se soltou com estardalhaço e a madeira lascou. Kylar levou Logan para dentro.

A loja tinha várias salas dando para uma área de espera no centro. Um homem estava saindo de uma das salas de pacientes. Kylar vislumbrou duas mulheres falando antes que o galeno fechasse a porta. Um olhar rápido confirmou que a porta

da frente também estava trancada.

– O que você está fazendo? – perguntou o galeno. – Você não pode invadir este lugar.

– Que diabo de galeno tranca as portas no meio do dia? – perguntou Kylar.

Enquanto olhava nos olhos do homem, soube que o sujeito não era criminoso, mas viu outra coisa, uma luz verde e quente como uma floresta depois de uma tempestade quando o sol sai.

– Você é um mago – constatou Kylar.

Pensara que aquele homem era simplesmente uma fachada, um galeno que Drissa Nile usasse para afastar a atenção de suas curas milagrosas demais. Estava errado.

O sujeito enrijeceu. Usava óculos. A lente direita era muito mais forte do que a esquerda, dando aos olhos subitamente arregalados uma aparência desconcertantemente torta.

– Não sei do que você está falando... – Kylar sentiu algo tentando sondá-lo, mas o ka'kari não permitiu. O mago não terminou a frase. – Você é invisível para mim. É como... se você estivesse morto.

Merda.

– Você é curandeiro ou não? Meu amigo está morrendo.

Pela primeira vez o homem viu Logan. Kylar havia jogado um cobertor sobre o rei, para protegê-lo de olhares curiosos.

– Sim – disse o homem. – Tevor Nile ao seu dispor. Por favor, coloque-o na mesa.

Foram para uma sala vazia. Tevor Nile puxou o cobertor. Sua expressão era de preocupação. Kylar tinha posto Logan na mesa, com o rosto para baixo. O galeno abriu a túnica incrustada de sangue, sujeira e suor para olhar o talho nas costas de Logan. Já estava balançando a cabeça.

– É grave demais – disse. – Nem sei por onde começar.

– Você é mago, comece com magia.

– Não sou...

– Se mentir para mim mais uma vez, eu juro que o mato. Por que outro motivo haveria um fogão desse tamanho numa sala tão pequena? Por que a parte retrátil do teto? Porque precisa de fogo ou de luz do sol para a magia. Não vou contar a ninguém. Você precisa curar este homem. Olhe para ele. Sabe quem ele é?

Kylar virou Logan, puxando os trapos da túnica. Tevor Nile ofegou, mas não estava olhando o rosto de Logan. Observava a marca reluzente no braço.

– Drissa! – gritou ele.

Na sala ao lado, Kylar ouviu a voz das duas mulheres conversando.

–... você acha? O que você quer dizer com “acha”? Saiu ou não saiu?

– Temos quase certeza de que saiu – disse uma mulher.

– DRISSA! – gritou Tevor.

A porta se abriu e o rosto irritado de Drissa Nile apareceu. Como o marido, sua aparência era envelhecida, apesar de ela ter menos de 50 anos. Ambos eram pequenos e com ar erudito. Como tinha acontecido com o marido, Kylar não viu qualquer mancha de maldade nela, porém havia sem dúvida aquela coisa extra que ele achava ser magia.

Dois magos casados. Em Cenária. Era uma coisa estranha, certamente, ainda mais aqui. Kylar só podia acreditar que era a estranheza mais afortunada possível. Se dois curandeiros magos não pudessem consertar Logan, ninguém conseguiria.

A irritação de Drissa desapareceu no segundo em que viu Logan. Seus olhos se arregalaram. Ela chegou perto e olhou do braço reluzente para o rosto, e de volta, espantada.

– Onde ele arranjou isso? – perguntou ela.

– Você pode ajudá-lo? – quis saber Kylar.

Drissa olhou para Tevor. Ele balançou a cabeça.

– Não depois do que acabamos de fazer. Não creio que eu tenha poder suficiente. Não para isso.

– Vamos tentar – disse Drissa.

Tevor assentiu, submisso, e Kylar notou pela primeira vez os brincos nas orelhas deles. De ouro, ambos combinando. Eram de Waeddryn. Em qualquer outra circunstância ele teria perguntado se aqueles malditos brincos seguravam mesmo feitiços.

Tevor abriu a seção do teto para deixar a luz da manhã nublada entrar. Drissa tocou a madeira já empilhada no fogão que começou a arder. Os dois se posicionaram dos dois lados de Logan, e o ar acima dele tremeluziu.

Kylar fez o ka’kari subir por dentro, até os olhos. Era como colocar óculos num homem quase cego. A magia sobre Logan, que antes mal era visível, ficou subitamente nítida.

– Você sabe manipular ervas? – perguntou Drissa a Kylar. Quando ele confirmou, ela disse: – Na sala grande, pegue uma folha de tuntun, unguento de grubel, folha-de-prata, ambrósia e o emplastro branco na prateleira de cima.

Kylar voltou um minuto depois com os ingredientes, além de alguns outros que achou que poderiam ser úteis. Tevor olhou-os e assentiu, mas não pareceu capaz de falar.

– Bom, bom – observou Drissa.

Kylar começou aplicando as ervas e os emplastros enquanto Drissa e Tevor trabalhavam nas tramas de magia. Repetidamente ele os viu mergulhando uma trama densa como uma tapeçaria em Logan, ajustando-a para se encaixar no corpo,

erguendo-a acima dele, consertando-a e mergulhando-a no corpo de novo. Mas o que o surpreendeu foi o modo como algumas ervas reagiam.

Nunca tinha considerado que plantas normais poderiam reagir à magia, mas obviamente reagiam. A folha-de-prata que Kylar tinha colocado no ferimento nas costas de Logan ficou preta em segundos – reação que ele nunca havia presenciado.

Para Kylar era como assistir a uma dança. Tevor e Drissa trabalhavam juntos em perfeita harmonia, mas Tevor estava cansando. Em cinco minutos começou a mostrar fraqueza. Suas partes das tramas iam ficando trêmulas e finas. Seu rosto estava pálido e suado. Ele ficava piscando e empurrando os óculos para o alto no nariz comprido. Kylar podia ver a exaustão do mago, mas não podia fazer nada. Criticar um dançarino era diferente de poder fazer melhor. Era o que ele gostaria de ser capaz. Não sabia como, mas pelo jeito Drissa tentava mudanças cada vez menores em Logan, e ele ainda tinha coisas terrivelmente erradas. Olhando-o através da trama curativa, todo o corpo parecia ter a cor errada. Kylar tocou-o e viu que ele estava quente.

Sentia-se impotente. Tinha Talento. Talento para dar e vender, mesmo depois de tudo, ainda tinha Talento. Tentou forçar o ka'kari a recuar, obrigar-se a tirar o escudo, tentou forçar toda aquela magia a penetrar em Logan. Nada aconteceu.

Fique melhor!

Logan não se mexeu. Kylar não podia usar a magia; não sabia como formar alguma trama, quanto mais uma trama tão complexa quanto a que os Niles estavam fazendo.

Tevor olhou para Kylar como se pedisse desculpas. Deu um tapinha na mão dele.

Com o contato, uma luz chamejou por toda a sala. Ardeu para além do espectro mágico entrando no visual, lançando as sombras dos ocupantes nas paredes. As tramas acima de Logan, que vinham se afrouxando, enfraquecendo, esvaindo-se em nada apenas um instante antes, agora ardiam incandescentes. O calor chamejou através da mão de Kylar.

Tevor ofegou.

– Tevor! – exclamou Drissa. – Use!

Enquanto Kylar sentia o Talento fluir, percebeu sua magia passar através de Tevor e ser puxada para dentro do corpo de Logan. Aquilo estava fora do seu controle. Tevor estava direcionando o Talento de Kylar.

O suor brotou no rosto de Drissa e Kylar sentiu os dois magos trabalhando febrilmente. Fizeram a magia passar pelo corpo de Logan como um pente através de cabelos embolados. Tocaram a cicatriz reluzente no braço – ainda reluzindo, horas depois –, mas estranhamente não havia nada de errado. Não era algo que pudessem consertar. A magia curativa passava direto por aquilo.

Por fim, Drissa respirou fundo e deixou a trama se dissipar. Logan viveria. De fato, parecia mais saudável do que quando tinha entrado na Bocarra.

Mas Tevor não abandonou Kylar. Virou-se e o encarou com os olhos arregalados.

– Tevor – alertou Drissa.

– O que você é? Um vürdmeister? – perguntou Tevor.

Kylar tentou levantar o ka’kari para interromper a conexão, mas não conseguiu. Tentou preparar os músculos com a força do Talento, mas não conseguiu.

– Tevor – disse Drissa.

– Você viu? Você viu isso? Eu nunca...

– Tevor, solte-o.

– Querida, ele poderia incinerar nós dois com tanto Talento assim. Ele...

– Então você seria capaz de usar a magia de um homem contra ele próprio, depois de ele ter se submetido a você? Como os irmãos veem isso? Foi com esse tipo de homem que eu me casei?

Tevor baixou a cabeça e logo liberou o Talento de Kylar.

– Desculpe.

Kylar estremeceu, exaurido, vazio, fraco. Era quase tão desconcertante retomar o controle do seu Talento quanto tinha sido entregá-lo. Sentia-se como se estivesse há dois dias sem dormir. Mal tinha energia para se empolgar porque Logan viveria.

– Acho melhor cuidarmos de você e do seu irmão simplório. Seus ferimentos podem ter tratamentos mais comuns – disse Drissa. Em seguida baixou a voz. – O... o... o rei deve acordar hoje à tarde. Por que não vem comigo até outra sala?

Ela abriu a porta e Kylar foi para a área de espera. Rangido tinha se enrolado num canto e estava dormindo. À frente de Kylar estava uma mulher linda, com cabelo ruivo comprido. Vi. Encarava-o por cima de uma espada fora da bainha. A ponta da arma tocava o pescoço dele.

Kylar tentou pegar seu Talento, mas este escorregou entre os dedos. Estava cansado demais. Não podia. Não havia nada que pudesse fazer para impedi-la.

Os olhos de Vi estavam vermelhos e inchados como se ela tivesse passado por uma tremenda dificuldade, mas Kylar não fazia ideia de como nem por quê.

Ela o encarou por cima da extensão de aço durante um momento que pareceu se estender para sempre. Ele não conseguia ler a expressão daqueles olhos verdes, mas tinha algo selvagem.

Vi recuou passos medidos e equilibrados: Valdé Docci, o Espadachim Recua. Ajoelhou-se no centro da sala, baixou a cabeça, puxou o rabo de cavalo de lado e pôs a espada sobre as mãos. Levantou-a em oferenda.

– Minha vida é sua, Kylar. Entrego-me ao seu julgamento.



Sete das onze prostitutas haviam saído do esconderijo para ver se tinham famílias para as quais voltar. Seis retornaram chorando. Agora algumas eram viúvas. Outras foram simplesmente rejeitadas pelos pais, namorados e maridos que só conseguiam enxergar putas e desgraça.

A coragem de Kaldrosa a abandonou e ela não saiu do esconderijo. Emasculara Burl Laghar e o vira sangrar até morrer, amarrado à sua cama, gritando numa mordança. Depois tirara o corpo, colocara novos lençóis e recebera outro soldado khalidori. Era um rapaz que sempre fazia sexo primeiro e depois realizava de má vontade os espancamentos. Sempre parecia enojado consigo mesmo.

– Por que você faz isso? Você não gosta de me machucar. Sei que não gosta.

Ele não conseguia encará-la.

– Você não sabe como é – disse. – Eles têm espiões em toda parte. Nossa própria família se volta contra nós, se fizermos a piada errada. Ele sabe.

– Mas por que espancar prostitutas?

– Não são só as prostitutas. Todo mundo. É do sofrimento que precisamos. Para os Estranhos.

– Como assim? Que estranhos?

Mas ele não quisera revelar mais. Um instante depois, olhara para os lençóis. O sangue do colchão atravessava o lençol novo. Kaldrosa o esfaqueara no olho. O tempo todo, mesmo quando ele fora atrás dela, sangrando, rugindo, furioso, ela não sentira medo.

Mas encarar Tomman era outra coisa. Os dois tinham brigado feio antes de Kaldrosa ir para o estabelecimento de Mama K. Ele a teria contido à força, mas fora espancado tão seriamente que não conseguia sair da cama. Tomman sempre fora ciumento. Não, Kaldrosa não poderia encará-lo. Partiria com as outras e iria para o acampamento rebelde. Não sabia o que faria lá. Estavam no interior, longe de qualquer rio, de modo que não haveria muito serviço como capitã de navio. Na verdade, se não conseguisse obter roupas que a cobrissem, qualquer tipo de trabalho honesto seria escasso. Mesmo assim, depois dos khalidori, não seria tão ruim ser prostituta para os cenários.

Houve uma batida à porta e todas as garotas ficaram tensas. Não era a batida combinada. Ninguém se mexeu. Daydra pegou um atizador na lareira.

A batida soou de novo.

– Por favor – disse uma voz de homem. – Não quero fazer mal. Estou desarmado. Por favor, me deixem entrar.

O coração de Kaldrosa pulou na garganta. Foi para a porta, atordoada.

– O que você está fazendo? – perguntou Daydra.

Kaldrosa abriu a portinhola de vigia, e ali estava ele. Tomman a viu e seu rosto se iluminou.

– Você está viva! Ah, deuses, Kaldrosa, achei que você podia estar morta. O que há de errado? Me deixe entrar.

O fecho da porta pareceu subir por conta própria. Kaldrosa estava impotente. A porta se escancarou e Tomman a pegou nos braços.

– Ah, Kally – disse ele, ainda delirando de alegria. Tomman sempre fora meio lento. – Eu não sabia se...

Só então notou as outras mulheres no quarto, com expressões de alegria ou ciúme. Apesar de não poder ver seu rosto, Kaldrosa sabia que seu marido devia estar piscando feito um idiota ao ver tantas mulheres lindas e exóticas, todas ao mesmo tempo, e todas praticamente nuas. Até o vestido virginal de Daydra exalava sensualidade. O abraço dele foi se enrijecendo lentamente e Kaldrosa ficou frouxa em seus braços.

Tomman recuou e olhou para ela.

Era de fato uma fantasia linda. Kaldrosa sempre havia odiado o próprio corpo magro. Achava-se parecida com um garoto. Usando aquela roupa não se sentia magra nem com jeito de garoto; sentia-se arrumada, núbil. A blusa de frente aberta não somente mostrava que estava bronzeada até a cintura mas também conspirava para acentuar o volume dos seios e expor metade de cada um. As calças escandalosas vestiam como uma luva.

Resumindo, era exatamente o tipo de roupa que Tomman adoraria ver Kaldrosa usando em casa – nos breves interlúdios que se estendiam entre quando ela o surpreendia e ele a agarrava depois de persegui-la pela casa.

Mas esta não era a casa deles, e essas roupas não eram para Tomman. Os olhos dele se encheram de sofrimento. Ele desviou o olhar. As garotas ficaram em silêncio.

Depois de um momento doloroso, ele disse:

– Você é linda.

Em seguida, engasgou e as lágrimas cascadearam pelo rosto.

– Tomman...

Ela também estava chorando, tentando se cobrir com os braços. Era uma ironia amarga. Estava tentando se cobrir diante dos olhos do marido quando havia se exibido para estranhos que ela desprezava.

– Com quantos homens você esteve? – perguntou ele, com a voz embargando.

– Eles teriam matado você...

– Então agora não sou homem suficiente? – reagiu ele com rispidez.

Não estava chorando mais. Ele sempre havia sido corajoso, feroz. Era uma das coisas que ela adorava nele. Ele teria morrido para salvá-la. Não percebia que teria morrido e então ela seria obrigada a fazer isso de qualquer jeito.

– Eles me machucaram.

– Quantos? – A voz estava dura, quebradiça.

– Não sei. – Parte dela sabia que ele estava como um cão enlouquecido pela dor, tentando morder o dono. Mas o nojo no rosto dele doía demais. Ela era abominável. Entregou-se ao entorpecimento e ao desespero. – Um monte. Nove ou dez por dia.

O rosto dele se retorceu.

– Tomman, não me deixe, por favor.

Ele parou, mas não se virou. Depois saiu.

Quando a porta se fechou, ela começou a chorar aos gritos. As outras garotas foram até ela. O sofrimento de Kaldrosa espelhava o delas. Sabendo que ela não seria consolada, aproximavam-se apenas porque Kaldrosa não tinha mais ninguém que fizesse isso.

Elas também não.

Mama K entrou no estabelecimento dos galenos enquanto Kylar pegava a espada, mas era tarde demais para impedi-lo.

Vi não se mexeu. Ficou ajoelhada imóvel, o cabelo ruivo e brilhante puxado para fora do caminho da espada até o pescoço. A espada baixou – e ricocheteou. O choque da colisão fez com que a arma retinisse como um sino. A espada se soltou no aperto fraco de Kylar.

– Você não vai cometer um assassinato no meu estabelecimento – declarou Drissa Nile.

Sua voz tinha um poder tão grande, seus olhos um fogo tão grande, que seu corpo diminuto parecia o de um gigante. Ainda que Kylar precisasse olhar para baixo para encará-la, ficou intimidado.

– Realizamos uma cura excelente com esta mulher e não vou deixar que você estrague.

– Vocês a curaram? – perguntou Kylar.

Vi ainda não tinha se mexido. Olhava para o chão.

– Da compulsão – disse Mama K. – Estou certa?

– Como sabe? – perguntou Tevor.

– Se acontece na minha cidade, eu sei – respondeu Mama K. Em seguida se virou para Kylar. – O Deus-rei a atou com magia que a obrigava a obedecer a ordens diretas.

– Que conveniente! – disse Kylar. Seu rosto se contorcia enquanto ele esmagava as lágrimas que brotavam. – Não me importa. Ela matou Jarl. Eu enxuguei o sangue dele. Eu o enterrei.

Mama K tocou o braço de Kylar.

– Kylar, Vi e Jarl praticamente cresceram juntos. Jarl a protegeu. Eles eram amigos, Kylar. O tipo de amizade de que nunca se esquece. Não acredito que nada menos do que magia a poderia compelir a machucá-lo. Não é, Vi?

Mama K pôs a mão sob o queixo de Vi e levantou o rosto dela. Lágrimas escorriam pelo rosto de Vi, num testemunho silencioso.

– O que Durzo lhe ensinou, Kylar? – perguntou Mama K. – Um derramador é uma faca. A culpa é da faca ou da mão?

– Dos dois, e maldito seja Durzo pelas suas mentiras.

Havia uma faca no cinto de Kylar, mas ele já tinha testado o gume. A irmã Drissa a cegara. Mas ela não sabia das facas escondidas nas mangas. Nem conseguia impedir as armas que eram suas mãos.

Vi percebeu a expressão nos olhos dele. Ela era uma derramadora. Kylar poderia pegar uma faca e passá-la por sua garganta no mesmo tempo que Drissa levava para pensar. Que a curandeira tentasse curar a morte. Os olhos de Vi estavam negros de culpa, uma confusão de imagens sombrias que ele não conseguia compreender. Um curto jorro de figuras pretas passou pela mente de Kylar. As vítimas dela?

Ela assassinou menos pessoas do que você.

O pensamento o acertou como um soco no plexo solar. Tremenda culpa. Tremendo juiz.

E a expressão dela era totalmente de prontidão acima das lágrimas. Não havia autocomiseração nem fuga da responsabilidade. Seus olhos diziam por ela.

Eu matei Jarl; mereço morrer. Não vou culpá-lo se me matar.

– Antes de decidir, você precisa saber que há mais – disse Vi. – Você era um alvo secundário. Depois... Depois de Jarl, não consegui fazer...

– Bom, isso é digno de elogio – observou Mama K.

– ... por isso sequestrei Uly, para garantir que você me seguisse.

– Você *o quê*? – perguntou Kylar.

– Achei que você me seguiria de volta a Cenária. O Deus-rei quer você vivo. Mas a irmã Ariel me capturou junto com Uly. Quando nós o encontramos, pensei que estivesse morto. Achei que eu estava livre, por isso escapei da irmã Ariel e vim para cá.

– Onde está Uly?

– A caminho do Chantry. Uly é Talentosa. Vai ser maga.

Era uma coisa horrível e ao mesmo tempo perfeita.

Uly seria uma irmã. Seria bem-cuidada, educada. Kylar tinha imposto Uly sobre Elene. Elene não havia escolhido ter uma filha com idade para ser sua irmã mais nova. Não era justo Kylar pedir que ela assumisse esse fardo. Assim, e com a fortuna que Kylar tinha deixado para ela, Elene estaria livre para viver a própria vida de novo. Era tudo lógico.

Ele sentia uma dúvida incômoda de que não estava pensando como Elene pensaria, não podia fazer nada a respeito. A descoberta de que o dano fora minimizado – não fora? – aliviou sua mente.

Um fogo súbito iluminou os olhos de Mama K quando pensou em sua filha sendo levada ao Chantry, mas Kylar não sabia se ela estava chateada por isso ou satisfeita porque a filha viraria uma mulher importante. De qualquer modo, Mama K fez questão de apagar a chama rapidamente. Não deixaria que pessoas estranhas

soubessem que era mãe de Uly.

Se sobrevivesse a isso tudo, Kylar iria ao Chantry visitar Uly. Não estava com raiva por a terem tirado de Vi. No mínimo devia a elas. E quanto a uma garota com Talento, ir para o Chantry não era de fato opcional. Supostamente era perigoso uma criança aprender sozinha. Mas se eles forcingem Uly a ficar, Kylar despedaçaria o Serafim Branco.

Pensar em Uly o fez pensar em Elene, e pensar em Elene jogou suas emoções num tumulto, por isso perguntou:

– Por que você está tão ansiosa para salvar Vi?

Mama K nunca trabalhava somente num nível.

– Porque você vai precisar da ajuda dela para matar o Deus-rei.



Uma coisa precisava ser dita sobre Curoch: os magos estão errados. Ela não tinha a forma de uma espada por motivos puramente simbólicos. A filha da puta conseguia cortar. E isso era bom. Os sa'ceurai eram implacáveis. Por bons motivos eram chamados de “senhores das espadas” em antigo jaerano.

Mesmo assim Feir era um mestre espadachim do segundo escalão. O primeiro choque deixou três guerreiros ceuranos mortos e rendeu a Feir um pônei.

Logo a altura e o peso de Feir se mostraram outra vez um ponto negativo. O pônei se cansou e ficou mais lento. Ao anoitecer, Feir o deixou ir. Infelizmente o pequeno cavalo de guerra era bem treinado demais. Parou e esperou pelo cavaleiro no momento em que foi liberado. Feir resolveu esse problema atando sob a sela do animal uma pequena magia que pinicava aleatoriamente. Isso iria mantê-lo correndo durante horas. Se tivesse sorte, os sa'ceurai perderiam sua pista e seguiriam a do cavalo.

Teve sorte. Isso lhe garantiu algumas horas... a pé. Chegou à crista de uma montanha. Tinha cortado uma árvore nova antes de iniciar a subida e agora trabalhava na madeira com Curoch. A espada tinha um gume inacreditável, mas não era uma plaina nem um cinzel. E ele precisava das duas coisas e de outras ferramentas.

Uma vez Dorian lhe contou sobre um esporte praticado pelas tribos mais suicidas das terras altas. Era chamado de *schluss*. Consistia em prender pequenos trenós nos pés e descer o morro em velocidades incríveis. Em pé. Dorian afirmou que eles eram capazes de ser guiados, mas Feir não tinha deduzido como. Só sabia que precisava ir mais rápido do que os ceuranos que o perseguiam, e não havia como construir um trenó inteiro no tempo de que dispunha.

O que não conseguiu fazer com a espada realizou com magia: afinal de contas, ele era um artífice. As lascas de madeira voaram enquanto o sol nascia.

Mas o horizonte destacara sua silhueta, pois ficara feito um idiota de pé na borda da montanha, de modo que sua figura era nitidamente visível por quilômetros. Os sa'ceurai o viram antes de ele os ver. Vinham andando sobre a neve com largos sapatos de bambu presos aos pés. A posição que precisavam assumir para não tropeçar com os sapatos de neve era cômica – até Feir perceber como eles se deslocavam depressa. Percorreram em alguns minutos o que Feir levava meia hora andando com dificuldade pela neve.

Trabalhou mais depressa. Quase se esqueceu de curvar para cima a ponta da frente de cada trenó comprido e estreito. Balançou a cabeça. Havia percebido esse erro, o que mais deixara de lado? Não tinha tempo para fazer prendedores adequados, por isso teceu uma teia de magia em volta dos sapatos e dos pés e os atou diretamente às tábuas. Levantou-se... e imediatamente se apoiou numa borda e caiu.

Maldição, por que deixei as bordas retas? Deveria tê-las feito curvas, como o casco de um barco.

Era difícil ficar de pé. Feir xingou enquanto os ceuranos chegavam mais perto. Ele era um mestre espadachim de segundo escalão. Como podia ser tão desajeitado? Isso era loucura. Deveria ter simplesmente corrido morro abaixo.

Levantou-se e tentou dar um passo à frente. Os *schlusses*, que ele tinha alisado e polido, desempenharam exatamente o seu papel: deslizaram para trás e para a frente, e Feir mal se moveu.

Olhou por cima do ombro. Agora os sa'ceurai estavam a apenas 100 passos. Se acontecesse uma luta, os *schlusses* seriam sua perdição. Tropeçou, prendeu uma borda e jogou o pé de lado para se equilibrar. Cambaleou... e deslizou para a frente.

A alegria foi tão grande quanto a que havia sentido ao ser nomeado artífice na irmandade. Virou cada *schluss* para fora e fez força para a frente.

A coisa funcionou até que ele chegou à beirada e começou a descer o morro depressa demais. Cada *schluss* ia na direção em que ele o havia apontado: para fora. Suas pernas se abriram até que ele não pôde mais esticá-las e caiu para a frente, de cara.

A montanha era íngreme e a neve misericordiosamente espessa. O ar era escasso enquanto Feir rolava. Tinha uma leve consciência de que precisava apontar os *schlusses* morro abaixo. Depois de seis ou sete cambalhotas, ele conseguiu. De repente, Feir irrompeu da neve onipresente. A neve tinha pelo menos um metro de profundidade, mas ele estava em cima dela.

Seu coração parecia um trovão no peito. Estava indo direto morro abaixo numa velocidade incrível. Em instantes ia mais depressa do que o cavalo mais rápido,

depois mais e mais rápido. Controlar os *schlusses* era quase impossível, por isso os uniu rapidamente com magia, tanto na frente quanto atrás, dando um pouco de folga a cada um.

Houve mais tombos, e às vezes a neve não era tão afável. Até que Feir aprendeu a mudar de direção. Desviou-se da morte numa pedra e olhou morro abaixo pela primeira vez, forçando a vista por causa da brancura. Piscou. *O que é aquela linha na neve?*

Disparou sobre o precipício. Durante dois segundos não ouvia mais o chiado dos trenós. O mundo ficou silencioso a não ser pelo sopro do vento nas orelhas.

Então pousou. Chocou-se num mundo de pó branco, dando cambalhotas, braços e pernas puxados em todas as direções. Então o milagre aconteceu de novo e ele saltou da neve para voar morro abaixo outra vez. Seu coração martelava. Gargalhou.

Tinha Curoch. Estava em segurança. Os ceuranos não iriam segui-lo montanha abaixo. Se fizessem isso, iriam parar em Cenária. Tinha escapado!



– Incrível – disse Lantano Garuwashi.

Era um homem grande para um ceurano. Seu cabelo ruivo pendia denso e comprido com dezenas de mechas de cores diferentes amarradas. Em Ceura diziam que era possível ler a vida de um homem em seu cabelo. Na época da iniciação no clã, a cabeça do menino era raspada, a não ser por uma mecha na testa. Quando a mecha crescesse do tamanho de três dedos, ela era presa com uma argola minúscula. Depois de matar seu primeiro guerreiro, a mecha da testa era presa de novo junto ao couro cabeludo e ele se tornava sa'ceurai. Quanto menor o espaço entre as duas argolas na mecha, melhor. A partir daí, quando o sa'ceurai matava um inimigo, ele amarrava a mecha da testa do sujeito em seu próprio cabelo.

A princípio alguns guerreiros pensavam que Lantano tinha apenas uma argola, porque as duas primeiras estavam uma em cima da outra. Matara seu primeiro oponente aos 13 anos. Se tivesse nascido numa família um pouco mais elevada, toda Ceura iria segui-lo. Mas a alma de um sa'ceurai era sua espada, e nada podia mudar o fato de que Lantano havia nascido com uma espada de ferro, espada de camponês. Lantano era um senhor guerreiro porque a tradição ceurana permitia que qualquer homem de excelência comandasse exércitos, mas para Lantano isso tinha se tornado uma armadilha. Assim que parasse de lutar, seu poder terminaria. Tinha começado a lutar pelo regente de Ceura, Hideo Watanabe. Então, quando o regente ordenou que ele se licenciasse, Lantano virou mercenário. Homens temerários iam em bando para seus estandartes por um motivo: ele jamais perdia.

O gigante estava se transformando num ponto a distância.

– Senhor da Guerra, quer que a gente vá atrás dele? – perguntou um homem atarracado, com uma vintena de mechas amarradas na cabeça meio careca.

– Vamos tentar as cavernas – disse Lantano.

– Entrando em Cenária?

– Só uma centena de sa'cerai. Vai ser um inverno frio. Matar esse gigante vai nos dar uma história para nos manter aquecidos.

Mama K queria que Agon e seu exército levassem Logan para o acampamento rebelde. Para se tornar rei, ele precisava de um exército. Kylar se recusava a deixar o amigo, pelo menos até que Logan estivesse consciente. Quando Kylar desmaiou, Agon perguntou a Mama K se deveriam pôr Logan na carroça. Mama K xingou, mas disse que não.

Não pediram a opinião de Vi. Ela queria expiar o que tinha feito, mas não pensar. Mesmo enquanto estava sentada com Kylar, Mama K e Agon, parte dela a instigava a matá-los. O Deus-rei recompensava quem o servia bem. Ela poderia varrer todas as maiores ameaças ao governo do Deus-rei em um minuto.

Não obedeceu a esse pensamento. Fora julgada inocente. Tinha ficado completamente limpa.

Quase. A coisa mais prejudicial que tinha feito com Kylar era algo que parecera trivial na ocasião, um pequeno gesto de desprezo. Guardara no bolso o bilhete e o par de brincos nupciais que Kylar havia deixado para Elene. Ao pegá-los, Vi deixara Elene sem nada.

Não fora corajosa o suficiente para contar isso a Kylar, não era? Poderia ter aceitado que Kylar a matasse, mas não sabia o que fazer se ele a desprezasse. Se ele a conhecesse, iria desprezá-la. Não havia como o amor suplantar tanta coisa.

Amor? Em que estou pensando? Limite-se a lutar e foder, Vi. Você é boa nessas coisas.

A porta de um quarto se abriu e Kylar saiu. Logan saiu de outra.

Pela primeira vez Vi presenciou Kylar sorrindo. Ela sentiu algo estranho por dentro quando ele sorriu assim – e nem estava olhando para ela. Ele fez uma reverência profunda.

– Majestade – disse Kylar.

– Meu amigo – respondeu Logan.

Estava dolorosamente magro. Apesar disso, tinha uma aura inconfundível de saúde. Vestido ricamente outra vez, estava bonito apesar do sofrimento que havia passado.

Abraçou Kylar.

– Desculpe – disse Kylar. – Cheguei tarde naquela noite. Encontrei sangue e pensei... Sinto muito.

Logan apertou Kylar em silêncio, respirando em grandes haustos até que as emoções se esvaíram. Por fim recuou e segurou os ombros dele.

– Você fez muito bem, amigo. Eu é que peço desculpas. Me perdoe por ter duvidado de você. Algum dia, em breve, precisaremos conversar. Você... fez algumas coisas lá embaixo que... – Logan olhou em volta. – Que me deixaram realmente curioso. No entanto, nada me deixou mais curioso do que isto. Como ganhei isto?

Ele puxou a manga da blusa. Vi e Mama K ofegaram. Afundado em seu braço havia algo parecido com uma tatuagem reluzente, verde-prateada. Ele não mostrou a coisa inteira, mas para Vi as linhas pareciam estilizadas e abstratas, e não aleatórias.

– Majestade – disse Drissa Nile. – Eu seria... muito cautelosa quanto a mostrar isso.

– Desculpe se pressiono vocês – interveio Mama K –, mas precisamos tomar algumas decisões.

– Quer dizer: *eu* preciso tomar algumas decisões – disse Logan de um jeito extravagante.

– Sim, majestade, desculpe.

Logan se dirigiu primeiro a Kylar.

– Você nos prestou um serviço maior do que poderíamos exigir ou esperar. Não vou ordenar, mas reputamos que é pertinente...

Ele assumiu um ar distante e deixou a frase inacabada.

– Senhor? – perguntou Kylar.

Logan voltou bruscamente ao momento atual.

– Estranho. Andei xingando com os piores prisioneiros durante meses, e agora volto a “reputar” e julgar o que é “pertinente”. – Ele balançou a cabeça e deu um sorriso pesaroso. – Kylar, o negócio é o seguinte: se você puder matar o Deus-rei antes que nossos exércitos entrem em batalha, poderíamos evitá-la completamente. Peço que faça isso, mas não vou ordenar. Você já fez sacrifícios enormes. E sei que você não confia nesta mulher, mas, se ela puder ajudar, use sua ajuda. Para mim a rendição dela quando poderia ter nos matado é prova suficiente de suas boas intenções. Vi é tanto uma arma quanto você, e não posso deixar que nenhuma arma de meu pequeno arsenal fique sem uso.

– Você acha que é a coisa certa a fazer? – perguntou Kylar.

Logan lançou-lhe um olhar comedido.

– Acho.

– Então está feito. O que pretende?

– Vou pedir meu exército a Terah Graesin. Depois vou retomar nosso país.

– Não vai ser tão simples – disse Mama K.

Logan deu um sorriso distante, triste.

– Nunca é.

Elene acordou com uma dor de cabeça terrível. Não conseguia mexer os braços nem as pernas; quando tentava, os pés e as mãos pinicavam. Abriu os olhos e viu três outros cativos, com as mãos e as pernas amarradas como ela. Outra corda atava um preso ao outro. Estavam deitados no escuro, com as formas iluminadas somente pela luz tremeluzente da fogueira dos khalidori. Elene estava mais perto dos seis khalidori, que gargalhavam e bebiam, saltando entre palavras que Elene entendia e outras que ela supunha que fossem no idioma deles.

Não ousava se mover muito para não alertá-los de modo que tudo que conseguia ver era o rapaz que a havia capturado. Pela conversa, entendeu que o nome dele era Ghorran. Os outros zombaram dele por ter sido ferido por uma mulher.

Por um momento a seriedade da situação de Elene ameaçou dominá-la. Kylar não sabia que ela estava ali. Ninguém sabia. Ninguém viria salvá-la. Esses homens poderiam fazer com ela o que quisessem, e não havia como impedi-los. Seu peito se apertou com medo e ela não conseguia pensar nem respirar.

Depois começou a rezar, lembrando-se de que o Deus sabia que ela estava ali. Salvá-la era uma coisa pequena para o Deus. Com o tempo se acalmou. Nesse ponto vários soldados tinham ido para seus cobertores, dormir, deixando Ghorran e alguém que ela não conseguia ver falando baixinho.

– Não creio que o vürdmeister Dada tenha ao menos contado à Sua Santidade o que estamos fazendo – disse Ghorran. – Há um motivo para Monte Negro ser um terreno proibido. Se Sua Santidade descobrir, o que vai acontecer com a gente?

– Neph Dada é um grande homem, e muito zeloso em seu serviço a Khali. Se ele serve a ela e Sua Santidade não, de que lado você preferiria estar? – perguntou o outro.

– Ouvi dizer que ele quer gerar um Titã. É isso que você está dizendo?

O outro riu baixinho.

– O vürdmeister quer fazer uma centena de coisas. Claro que ele quer um Titã, mas não é por isso que ele precisa de moças intocadas, não é?

– *Khyalivos ras en me* – disse Ghorran, pasmo. – Khyali, venha viver em mim.

– De fato.

– É possível?

– O vüirdmeister acha que sim.

Ghorran soltou um palavrão.

– E o garoto?

– Hummm, não é muito importante. Vão matá-lo e ver o que podem gerar com o corpo dele. Os meisters só querem o cadáver.

Elene tinha ouvido falar em Monte Negro; era um campo de batalha antigo, morto. Dizia-se que nada crescia lá, até os dias atuais. Mas não conseguiu entender nenhuma das outras coisas, a não ser que o vüirdmeister Neph Dada tinha planejado alguma coisa para ela que era pior do que a escravidão. Recostou a cabeça de novo e viu que o prisioneiro mais perto estava acordado. Era um garoto. Parecia aterrorizado.

Mama K tinha salvado a vida de Logan hoje.

O pequeno exército dele, que consistia do lorde general Agon, Mama K e os Cães de Agon, cavalgava para o acampamento rebelde ao som de gritos de comemoração. Seria muito diferente se Mama K não tivesse plantado boatos de que Logan estava retornando depois de triunfar sobre os piores horrores da Bocarra. Sem os boatos, o grupo seria recebido como um exército desconhecido e Terah Graesin poderia mandar matar Logan. Sem dúvida, depois seriam derramadas muitas lágrimas devido ao terrível equívoco.

O Logan antigo e ingênuo não acreditaria que Terah Graesin faria isso. Logan, o ex-prisioneiro do Buraco, pensava de outro modo. Era um homem mudado, mais silencioso, mais sóbrio. Sabia bem demais o que as pessoas faziam quando se sentissem ameaçadas.

E Terah Graesin certamente via Logan como ameaça. Ela tinha reunido apoio nos últimos três meses, sobrevivido a tentativas de assassinato e perdido familiares, juntado um exército e o levado à véspera da batalha. Tudo isso para se tornar rainha.

O ressurgimento de Logan ameaçava implodir sua ambição às vésperas do triunfo. A legitimidade dele era inquestionável: ele viera da principal família da nação, tinha sido declarado herdeiro dos Gunder. Numerosas famílias haviam jurado lealdade a Terah Graesin apenas porque achavam que estavam livres dos juramentos anteriores feitos aos Gyre.

Em qualquer outra ocasião, Logan teria ido a Havermere e enviado missivas a todas as famílias do reino, inclusive aos Graesin. Teria dado a Terah a chance de ver sua coalizão se desfazendo, e então oferecido um cargo adequado.

Esta não era uma ocasião qualquer. O exército rebelde estava reunido a menos de 1,5 quilômetro do exército do Deus-rei. Os cenários tinham o dobro de soldados dos khalidori. Os khalidori tinham meisters e vürdmeisters, mas ainda assim a vitória parecia certa.

Para Logan, Agon e Mama K aquilo parecia as vésperas de um massacre dos cenários. Assim aqui estava ele, cavalgando à frente de seu exército minúsculo, de cem pessoas, até o coração do acampamento rebelde.

Por sorte o tempo estava nublado, porque seus olhos não suportavam a luz do dia depois de três meses no Buraco. E franzir os olhos não resultava numa aparência

particularmente régia.

Estavam se aproximando do agrupamento dos pavilhões dos nobres quando um grupo de doze cavaleiros veio encontrá-los. Eram comandados por um oficial que carregava um arco alitaerano desencordado como se fosse um cajado. Logan e seu exército pararam.

– Declarem-se – disse o sargento Gamble.

– Este – proclamou Agon suficientemente alto para que o sujeito e os espectadores próximos ouvissem – é o rei Logan Gyre, por lei e tradição herdeiro do trono e agora rei de nossa grande terra. O rei está morto; vida longa ao rei!

Era uma declaração de guerra, e a notícia iria chamejar pelo acampamento em minutos. Mama K já havia mandado o aviso ao intendente de Logan, e os homens em armas dos Gyre já se posicionavam perto dos pavilhões dos nobres mais próximos.

– A rainha irá recebê-lo logo, senhor – disse o sargento Gamble.

Logan apeou diante do pavilhão de Terah Graesin. Quando Mama K e Agon Brant fizeram menção de segui-lo, os guardas impediram.

– Só o senhor – disse um deles.

Logan encarou o sujeito. Não falou nada. Por um momento, deixou a fera subir por dentro. Não tinha sobrevivido ao inferno para ser parado por um guarda. O sentimento passou da determinação à fúria. Sentiu o antebraço pinicar.

O guarda deu um passo para trás e engoliu em seco.

– Senhor – disse debilmente –, só os nobres podem...

Logan apenas o encarou. Mama K e Agon o acompanharam.

O pavilhão da rainha era gigantesco. Mesas, mapas e nobres se espalhavam com liberdade. Alguns homens pareciam cômicos, com a gordura espremida em armaduras que não usavam havia vinte anos. Fichas pretas e brancas se dividiam em duas tigelas numa das mesas. *Pelos deuses, eles estão votando o plano de batalha.* Ao lado de Mama K, Brant Agon emitiu um som estrangulado de ultraje.

Mama K analisava o ambiente ao redor o mais rápido que podia, contando aliados potenciais e inimigos certos. Sabia que poderia entregar uma coroa a Logan se ele lhe desse duas semanas. Com apenas um dia para a grande batalha contra o inimigo que todos odiavam, as chances mudavam dramaticamente. Sua única esperança era que alguém dispensável atacasse primeiro Logan, Brant Agon ou ela. Então ela poderia arruinar essa pessoa, e tornar Logan um inimigo implacável.

– Ora, Logan Gyre – disse Terah Graesin, emergindo de trás de vários nobres mais altos, saracoteando pelos tapetes luxuosos. – Quem esperaria que você aparecesse na companhia de prostitutas e falidos? Ou seriam aleijados e putas?

Os nobres deram risinhos.

– Por que pergunta? Está querendo entrar para o ramo? – perguntou Mama K.

Seria possível ouvir uma pena cair no silêncio súbito. Mama K não poderia se

importar menos com o choque deles. Terah Graesin havia recebido Logan com as garras à mostra. Isso não era bom.

Um rapaz se destacou do grupo.

– Se falar assim de novo, eu mesmo a mato – disse Luc Graesin, irmão de Terah. Tinha 17 anos, era bonito e tremendamente idiota.

Ah, Luc, você não faz ideia. Conheço o seu segredo. Poderia acabar com você agora mesmo. Só que não podia. Aqui, agora, verdades violentas reveladas sem prelúdio seriam desacreditadas. Terah Graesin apenas resistiria.

– Desculpe – disse Mama K. – Ultimamente os títulos andam trocando de mãos muito depressa, eu tinha me esquecido de que estava falando com uma duquesa.

– Rainha! – contrapôs Luc. – Sua rainha!

Mama K levantou as sobrancelhas como se ele tentasse enganá-la. Uma pequena lembrança de até onde e com que rapidez Terah Graesin estava tentando ascender.

– Mas aqui está o rei de direito – lembrou Mama K. – Designado como herdeiro pelo rei Gunder IX e recebido por aclamação comum. O homem a quem vocês juraram lealdade.

Terah sabia que já tinha perdido. Viu isso no desafio, no ódio absoluto do rosto dela.

– Já basta, Gwinvere – disse Logan.

Ela sorriu aquiescendo. Recuou de cabeça baixa, abruptamente humilde.

– Será que posso lembrar a todos – pediu uma voz perto dos mapas – que amanhã enfrentaremos o Deus-rei e seus bruxos?

Era o conde Drake, sempre pacificador.

– Não precisamos ser lembrados – retrucou Terah Graesin. – Temos nosso exército, temos nosso campo de batalha, temos a vantagem, e dentro de alguns instantes teremos nosso plano.

– Não – disse Agon.

– O quê? – perguntou Terah, indignada.

– A senhora tem o exército de sua majestade – explicou Agon. – Senhores, muitos estavam presentes à festa antes do golpe. Garret Urwer, seu pai morreu ao meu lado na torre norte. Assim como seu tio, Bran Braeton. Eles morreram tentando salvar nosso rei, Logan Gyre. Vocês estavam lá...

– Chega! – gritou Terah Graesin. – Sabemos o que o rei louco disse.

Então o rei estava insano quando designou Logan como herdeiro. Não era uma linha de ataque perfeita, mas era bastante boa. Mama K teria lembrado a todos do momento do golpe, da irrelevância da sanidade do rei para a legalidade de seus decretos e do casamento de Logan com Jenine. Mama K poderia ter orquestrado pressão de todos os lados para fazer com que Terah Graesin desistisse de sua

reivindicação. Agora nada disso importava. Simplesmente precisava esperar o inevitável.

– Senhora – disse o duque Havrin Wesseros –, eles só estão dizendo o que seria dito nas salas dos fundos e nos grandes salões por todo o reino se houvesse tempo. Parece-me que todos temos decisões a tomar agora, e pouco tempo para isso.

– Não ouvirei as mentiras deles – sibilou Terah.

– A senhora não percebe? – perguntou o duque Wesseros. – Se não ouvi-los, Logan irá embora e não irá sozinho. Levará metade do seu exército, talvez mais. Alguém gostaria de enfrentar os khalidori com meio exército?

Você está preocupado com a saída da pessoa errada.

– Como a senhora disse, o rei estava louco quando morreu. O Sa’kagé o envenenou durante a festa – disse Agon.

– Envenenou? Você o assassinou, Brant! – exclamou Garret Urwer.

– Sim, eu o matei – concordou Agon. – Não vou justificar isso agora. O importante é que Khalidor desejava varrer a família real para provocar exatamente isto. Eles queriam rachar qualquer resistência antes de a coisa começar. O rei Gunder viu que isso ia acontecer, motivo pelo qual, não na noite do golpe, quando foi envenenado, porém mais cedo naquele dia, casou sua filha Jenine com Logan. Muitos de vocês fizeram juramento a lady Graesin. Mas sua lealdade já era devida a Logan Gyre. Assim os senhores estão livres de seu juramento à duquesa.

– Não libero nenhum de vocês! – berrou Terah Graesin.

O pandemônio irrompeu. Nobres gritavam uns com os outros, reunindo-se em grupos para falar com seus conselheiros e com os nobres mais próximos, alguns fazendo pressão a favor de Terah Graesin, outros a favor de Logan. Logan observava tudo, impassível. Ele também entendia.

– Esperem – disse o duque Wesseros. Ele se parecia um bocado com sua irmã Nalia, a última rainha. Estivera fora da cidade verificando terras que o Lae’knaught havia tomado no leste de Cenária quando se deu o golpe. Levantou as mãos e gradualmente os nobres silenciaram. – Está ficando tarde e um exército nos espera. Fiquem ao lado do homem ou da mulher que vocês gostariam que nos governasse.

– Por que não votam com as fichas, em vez disso? – perguntou Mama K, se xingando por dentro. Deveria ter deixado que um dos outros nobres sugerisse isso, mas Wesseros havia falado da votação tão depressa que Mama K não teve chance. Toda a conversa não teria valido nada se a votação não fosse secreta.

– Amanhã deveremos estar de pé num campo de batalha. Acho que hoje temos coragem para ficar de pé numa tenda – disse Terah Graesin.

Vaca esperta.

O silêncio baixou de novo e as pessoas começaram a se mover.

Mama K tinha sido de uma precisão deprimente em suas estimativas de quem

acabaria onde. Na maior parte os nobres menos importantes pareciam preferir o lado de Logan, mas não ousavam desafiar seus senhores, motivo pelo qual Mama K quisera a votação secreta. Terah havia concentrado seus subornos nos poderosos.

Como estava, a coisa se dividia em três partes. Logan, Terah e os indecisos.

– Como suspeitei – disse o duque Wesseros. Ele comandava o campo dos indecisos. – A retórica não serviu para nada. Com os assassinatos dos Gunder, só restam três grandes famílias em nosso país, e cá estamos. Parece que há um meio-termo justo, um caminho intermediário. Logan Gyre, Terah Graesin, com o destino de todos os seus compatriotas em jogo, podem colocar de lado suas ambições egoístas?

O bufão. O idiota. O saco de peidos varicoso. Achava que estava sendo inteligente. Se o duque não tivesse criado um terceiro campo, Logan pelo menos teria uma maioria. Eles ainda teriam chance.

– Do que você está falando? – pergunto Terah.

Logan já sabia. Mama K podia ver isso em seu rosto de pedra.

– Esta noite, na véspera de uma batalha que determinará o futuro da nossa terra, vocês querem dividir suas forças ou uni-las? Logan, Terah, por que não se casam esta noite?

Terah olhou rapidamente em volta, avaliando quem estava com ela. Seu apoio estava se desfazendo. Olhou para os que se mantinham desafiadores do lado de Logan, os que se encontravam passivos com o duque Wesseros. Depois fitou Logan. Não era o olhar que uma mulher dá para um pretendente. Era uma sondagem em busca de fraquezas.

– Pelo país que eu amo, sim – disse Terah Graesin.

– Logan?

– Sim – respondeu Logan, inexpressivo.

Que os deuses o ajudassem.



Tinham montado uma plataforma de modo que todo o exército presenciasse o casamento. Os homens já haviam se reunido, afastando-se das fogueiras, e seus oficiais começavam a organizá-los em fileiras para a cerimônia. Além do exército, milhares de plebeus e vivandeiros tinham se apinhado em volta da plataforma.

– Logan – disse o conde Drake, fechando a aba da pequena tenda onde Logan estava se preparando. – Você não pode fazer isso.

Por um longo momento Logan não respondeu. Quando sua voz saiu, estava grave e séria.

– O que mais posso fazer?

– O Um Deus diz que dará uma saída para qualquer tentação.

– Não acredito no seu deus, Drake.

– A verdade não depende da sua crença.

Logan balançou a cabeça devagar.

– Casar com Terah não é tentação. Meu pai se casou com uma mulher linda e venenosa, e eu vi o que isso fez com ele.

– Uma lição que seria bom levar em conta. A diferença é que sua mãe não era capaz de tanta destruição.

Os olhos de Logan relampejaram, como os de um urso levantando devagar a cabeça para se erguer acima de todos os outros.

– Se há uma saída que não destrua todos nós, diga qual é! Não quero me casar...

– Eu não disse que a tentação era o casamento.

– Então qual era?

– O poder – respondeu o conde Drake, batendo com a bengala.

– Maldição, homem! Devo me casar com ela ou condenar a todos nós. Você acha que não pensei num modo de fazer com que a maioria dessas pessoas me siga? Pensei! Eu poderia pegar talvez dois terços delas e ir embora. Isso deixaria um terço para morrer. Quer que milhares morram para que eu evite um casamento ruim?

– Não, Logan. – O conde Drake se apoiou na bengala. Parecia necessitar dela. – Minha pergunta é: você pode ser o rei que precisa ser tendo uma rainha assim ao lado? Hoje Terah Graesin foi apanhada desprevenida. Você a pegou num momento de fraqueza. Isso não vai acontecer de novo.

– Bom, obrigado por ilustrar a desolação do meu futuro. Mas, se não pode me ajudar a escapar dele, ajude-me a me vestir.

– Meu rei – disse o conde Drake –, às vezes o caminho para sair de um buraco não é o escalando.

– Saia.

O conde Drake fez uma reverência e saiu, triste.

Logan ergueu a coroa e a colocou na cabeça. Mama K havia garantido que ele parecesse rei. Tinha sido barbeado, o cabelo fora cortado, o corpo ungido com óleos e adornado com peles. Vestia uma bela túnica cinza e uma capa com acabamento de samito branco. Havia alcançado a maioria logo antes do golpe, mas tinha se esquecido de escolher um brasão. Agora viu que Mama K selecionara um para ele. O brasão incorporava o gerifalte branco dos Gyre em campo negro, mas seu falcão tinha correntes partidas aos pés, e o campo negro era um círculo preto que lembrava o Buraco. As asas do gerifalte estavam abertas. Era um brasão digno. Seu pai ficaria orgulhoso.

O que o senhor faria, pai? Quando era jovem, seu pai havia se casado para salvar a família. Será que faria isso de novo?

A aba da tenda se abriu e Mama K entrou. Olhou-o com uma compaixão genuína. Não conseguia entender. Nunca havia amado como Logan. Para ela, devia parecer que esta era a decisão óbvia. Casar-se com Terah, lidar com os problemas mais tarde. No lugar dele, Mama K tramaria, manipularia e faria Terah ser morta se necessário.

– Está na hora – disse ela.

– O brasão é perfeito – observou Logan. – Obrigado.

– Notou as asas? As pontas se estendem para fora do círculo, majestade. O gerifalte sempre voará livre.

Juntos, subiram à plataforma. Era um círculo quase do mesmo tamanho do Buraco. Era um círculo que simbolizava a natureza perfeita, eterna, inquebrável do casamento. Quando Logan subiu, com milhares de olhos voltados em sua direção, para ocupar seu lugar bem no centro, onde seria a inevitável queda para a morte, seu coração estremeceu. Sentiu náuseas, claustrofobia. Lembrou-se de ter se esticado acima do Buraco, o mais longe que podia. Para quê? Para um pão mijado que ele não daria a um animal.

A música começou e seu pão mijado subiu delicadamente à plataforma.

Parte de Logan sentia-se esfomeado por ela. Nos últimos três meses estivera tão fraco, tão faminto, tão preocupado em sobreviver que mal pensara em sexo. Antes do Buraco, parecia que mal pensava em outra coisa. Agora que estava fora e recuperando as forças, aquele antigo Logan começava a voltar. Terah Graesin era alta e esguia, as curvas quase pareciam as de um garoto, mas o sorriso era

totalmente feminino. Movia-se como uma mulher que sabia do que os homens gostavam e sabia que tinha esse talento. A parte faminta e cobiçosa de Logan queria trepar com ela.

O pão mijado sempre tinha uma aparência muito boa, até você sentir o gosto. Mas pelo menos enchia a barriga, não importando como você se sentisse depois. Pelo menos teria sexo. Por todos os deuses, aos 21 anos ele ainda era virgem!

A ironia desse pensamento fez com que ele desse um sorriso sem humor. Terah viu e sorriu de volta. Estava fantástica. O cabelo preso num... bom, numa coisa chique. Logan se perguntou quantos alfaiates estariam xingando uns aos outros nas últimas duas horas enquanto alteravam um dos vestidos dela para transformá-lo num traje nupcial. Era o tradicional verde da fertilidade e da vida nova, justo no corpo magro de Terah, com laços ornamentais nas costas e uma vastidão de perna exposta, que certamente não era tradicional mas mesmo assim bem-vinda. Isso tudo era completado por um véu elegante simbolizando a castidade, que funcionava perfeitamente com o vestido, ainda que não tanto com a mulher que o usava.

Bom, terei quanto sexo eu quiser se a reputação dela for merecida. O pensamento chacoalhou na sua barriga como mijo quente. Era melhor não pensar na reputação dela.

Independentemente do que Logan sentisse, de algum modo Terah Graesin conseguia o que ele achava impossível. Era sensual e régia ao mesmo tempo: para ela, o importante era o poder, quer viesse do status, da personalidade ou do corpo. Eram ferramentas para impor sua vontade.

Poder. O conde Drake dissera que a tentação era o poder.

Terah chegou ao lado dele e segurou sua mão timidamente. As pessoas aplaudiram. Era exatamente como Jenine Gunder fizera quando o pai dela anunciou o casamento dos dois. Logan engoliu em seco. Com Jenine tinha sido um ato espontâneo. Terah estivera naquele jantar. Vira o que Jenine fez e como as pessoas haviam aprovado. Imitara Jenine deliberadamente.

– Relaxe – disse Terah. – Você está a cinco minutos de tudo que desejava.

Você é uma idiota se acredita nisso, Terah. Logan pintou um sorriso no rosto e forçou o corpo a relaxar. Não, não era o que ele teria escolhido, mas poderia mudar tudo. Poderia derrotar o rei Ursuul. Poderia desenraizar o Sa'kagé. Poderia abolir as leis ruins. Poderia...

Era isso. Era isso que o conde Drake queria dizer. Essa era a tentação do poder. Ele havia torcido a ambição na própria mente. Não é por mim, tinha dito a si mesmo, é pelo povo. Mas isso não era totalmente verdadeiro, era? Tinha gostado de ordenar a morte de Gorkhy; tinha gostado de dispensar o conde: Logan falava e coisas aconteciam. As pessoas obedeciam. Ele estivera impotente por tanto tempo no Buraco que não fazia ideia de que jamais estar subordinado a alguém era mel em

sua língua.

Ótimo, conde Drake, entendo. E onde está a solução?

Era tarde demais. De um lado, estava um hecatonarca em sua capa rica – uma centena de cores para os cem deuses. Do outro, um homem com manto marrom simples, um patrão do Um Deus. O duque Wesseros ocupou seu lugar no meio. Terah havia se certificado de que o casamento fosse realizado em triplicata. Os aplausos de comemoração aumentaram enquanto 15 mil pessoas ficavam roucas de tanto gritar pelo casal que iria salvá-las.

– Posso me dirigir ao povo? – perguntou Logan.

– Lógico que não – respondeu Terah. – Que tipo de ardil é esse?

– Não é um ardil. Só quero falar com os que vão sangrar e morrer por nós. Não tive a chance de fazer isso.

– Você vai virá-los contra mim.

– Que tal... – disse o duque Wesseros. – Que tal Logan jurar que não vai dizer nada negativo sobre a senhora? E se ele disser, eu intervenho e o faço parar? É aceitável, senhor?

– É.

– Senhora? – perguntou o duque Wesseros. – Ele é o rei.

– Seja rápido.

– Cinco minutos, Logan – disse o duque Wesseros. Em seguida chegou perto e baixou a voz. – E que o espírito de Timaeus Rindder o inspire.

Era uma declaração de apoio contingente. Timaeus Rindder havia sido um orador de tamanha habilidade que transformou uma corrida de carruagens num golpe, apesar de estar atado exatamente pelas mesmas restrições que o duque Wesseros havia imposto a Logan. Ao estabelecer as regras do modo como havia posto, o duque dizia: “Se você conseguir colocar as pessoas do seu lado, eu também ficarei.”

– Amigos, amanhã estaremos juntos no choque e no rugir da batalha. – Logan mal havia dito a primeira frase quando suas palavras foram dobradas e redobradas em volume. Fez uma pausa, em seguida viu o mestre Nile parado perto da frente, sorrindo. Logan fingiu que isso não era importante, e num momento todo mundo fez o mesmo. – Amanhã enfrentaremos um inimigo cujo rosto conhecemos. Vocês viram as tochas dele atearem fogo aos seus campos. Sentiram os punhos, os chicotes e o desprezo dele, mas se recusaram a ceder!

O nervosismo e a autocrítica de Logan – *será que eu poderia ter dito de modo melhor? Minha voz está firme? Por que é tão difícil encher os pulmões?* – sumiram enquanto ele olhava os rostos virados para cima, os rostos das pessoas que seriam o seu povo. Apenas alguns meses antes ele não fazia ideia de quem era o povo cenário. Tinha conhecido e amado os vassalos dos Gyre, mas compartilhava o elegante desdém dos nobres pelas massas sem banho. Como era fácil pedir que uma

turba sem nome e sem rosto morresse!

– Amigos, passei os últimos três meses nas profundezas do Cu do Inferno. Fiquei preso com a merda e o fedor da humanidade. Passei o tempo temendo a morte e coisas piores do que a morte. Eles tiraram minhas roupas. Tiraram minha dignidade. Eu vi o bom sofrer junto com o mau. Vi uma mulher ser violada e uma mulher se matar para não ser violada outra vez. Vi homens bons e maus fazerem acordos com as trevas. E eu também fiz para sobreviver.

Ele respirou fundo.

– Amigos, fiquei preso abaixo do solo, mas vocês estavam presos acima dele. Conheceram os temores que eu conheci. Viram os horrores que eu vi, e coisa pior. Amigos foram mortos. Soubemos que resistir era morrer... e, meus amigos, meu povo, olhamos as chances contra nós e não vimos esperança. Fugimos. Escondemo-nos.

Logan fez uma pausa e as pessoas ficaram em silêncio.

– Vocês estavam lá, comigo? Sentiram raiva? Sentiram-se impotentes? Viram o mal e não fizeram nada para se opor? Ficaram com vergonha?

Os homens e as mulheres não olhavam para o lado, com medo de que os vizinhos vissem as lágrimas em seus olhos. As cabeças assentiam.

– Eu senti vergonha – disse Logan. – Deixem-me dizer o que aprendi no Buraco. Aprendi que no sofrimento encontramos a verdadeira medida de nossa força. Aprendi que um homem pode ser covarde num dia e herói no outro. Aprendi que não sou tão bom quanto achava. Porém o mais importante é o seguinte: aprendi que, apesar de me custar muito, posso mudar. Aprendi que o que foi quebrado pode ser consertado. Sabem quem me ensinou isso? Uma prostituta. Numa mulher amarga que ganhava a vida na vergonha encontrei honra, coragem e lealdade. Ela me inspirou e me salvou.

Ele olhou nos rostos de seu povo antes de continuar:

– Hoje, aqui, há mulheres que lhes ensinaram as mesmas lições. Muitos de vocês sentem vergonha de suas mães, suas esposas e filhas que foram estupradas, forçadas à escravidão sexual no castelo, que se venderam em bordéis para sobreviver. Vocês as afastaram, as rejeitaram. Mas eu digo que suas esposas, mães e filhas nos mostraram como lutar. Elas nos deram a Nocta Hemata. Elas nos deram coragem. Elas mostraram a estrada que vai da vergonha à honra. Que cada mulher que lutou naquela noite se apresente!

Algumas mulheres avançaram de imediato. Incentivadas por sua coragem, outras emergiram aos poucos. Homens abriram caminho em silêncio. Trezentos homens e mulheres se reuniam diante da plataforma. Algumas mulheres deixavam as lágrimas rolares, mas tinham sua postura ereta, os queixos erguidos. Agora homens choravam abertamente nas fileiras. Não só os que deviam conhecer aquela pequena

amostra, mas homens do campo, que deviam saber que suas próprias mulheres se sentiam envergonhadas e desonradas, homens que agora sentiam vergonha de si mesmos.

– Hoje – continuou Logan – declaro que vocês são as fundadoras da Ordem da União. A união, porque vocês pegaram a vergonha e, juntas, a transformaram em honra. Contem aos seus netos sobre sua coragem para sempre. E nenhum homem poderá entrar para a ordem a não ser que demonstre os maiores níveis de heroísmo e coragem.

As pessoas aplaudiram. Foi a melhor coisa que Logan poderia ter feito.

– Infelizmente – disse Logan, silenciando a multidão – essa união ainda não está pronta. Mas vocês vão construí-la a partir de amanhã, depois da batalha contra os khalidori.

O povo gritou comemorando.

– O que dizem, homens? Achem que podem ajudá-las?

Eles gritaram mais alto.

– Agora, irmãos, por favor, recebam suas amadas. Elas precisam de vocês. E, irmãs, recebam estes homens envergonhados e sofridos. Eles precisam de vocês.

Logan respirou fundo.

– Só preciso dizer mais uma coisa.

Ele já havia ido mais longe do que pretendia. Não tinha estabelecido a Ordem da União para obter apoio. Era só uma coisa que precisava ser consertada. Mas, de algum modo, para onde quer que olhasse, via rostos cheios de esperança.

– Há alguns meses eu não queria ser rei, mas algo mudou em mim quando estava no Buraco. Antes da minha prisão, eu via vocês como uma turba. Agora os vejo como irmãos e irmãs. Posso pedir que sangrem comigo, que morram comigo, e peço. Muitos de nós vão sangrar amanhã, e alguns irão morrer. – Ele olhou para onde estava parado. *É esta a sua saída, conde Drake? Ah, pai, isso poderia deixá-lo orgulhoso?* – Posso pedir que sangrem para tirar as correntes, mas não posso pedir que sangrem por minha ambição.

A multidão ficou em silêncio.

– No Buraco aprendi que um homem ou uma mulher pode ter poder sobre a vida e a morte, mas não existe poder sobre o amor. Amigos, eu os amo, amo esta nação e a liberdade que vamos obter. Mas não sinto amor por esta mulher. Não vou me casar com Terah Graesin, nem hoje nem nunca.

– O quê? – gritou Terah Graesin. Ela deu um passo à frente. – Faça com que ele pare, Havrin!

Mas o duque Wesseros a segurou e o mestre Nile não amplificou sua voz.

– Terah – disse o duque –, se tentar impedi-lo agora, vai acontecer uma guerra civil aqui mesmo.

Um rugido brotou na multidão e os homens olhavam para os vizinhos, desembainhando as armas e tentando ver quem ficaria de qual lado.

– PAREM! – gritou Logan, e sua voz trovejou. Ele ergueu as mãos. – Não admitirei que um único homem morra para que eu seja rei, quanto mais mil. – Ele se virou. – Lady Graesin, jura lealdade a mim?

Os olhos dela relampejaram e desta vez o mestre Nile amplificou sua voz.

– Nem por um milhão de vidas!

Logan ergueu os braços para conter o furor.

– Amigos, não temos esperança de derrotar Khalidor se não estivermos unidos. Portanto – ele se virou para Terah Graesin, que parecia menos do que linda com o rosto manchado de fúria –, conceda-me que irá estabelecer a Ordem da União e que perdoará meus seguidores por todos os crimes cometidos até este dia... Conceda-me isso e jurarei lealdade à senhora.

Terah Graesin hesitou apenas um instante. Seus olhos estavam arregalados de incredulidade, mas ela se recuperou antes que qualquer grito pudesse soar.

– Feito – disse. – Jure agora.

Logan se ajoelhou e estendeu a mão para o centro da plataforma onde Terah estava. Na inversão perfeita de um gerifalte estendendo as asas para fora do círculo preto de submissão e prisão, ele estendeu a mão para o meio. Isso fazia toda a diferença.

Às vezes o único modo de sair do buraco não é o escalando. Ele tocou o pé dela no juramento de submissão.

– Em reconhecimento ao seu valor – disse a rainha Graesin num tom que pingava veneno –, você terá a honra de liderar a primeira carga. Sem dúvida suas palavras cheias de mel impressionarão os vürdmeisters.



Kaldrosa Wyn estava com centenas de mulheres na frente da multidão, todas em variados estados de choque, incredulidade e lágrimas. Eram emoções de mais para serem contidas. Geralmente Kaldrosa Wyn odiava chorar. Agora suas lágrimas eram um alívio.

Sentiu como se seu coração tivesse triplicado de tamanho. O duque Gyre a deixava pasma. Ali estava um homem que punha de lado a maior ambição do mundo em nome do amor. Ele havia quebrado a dura concha de amargura que estivera crescendo em volta do coração dela. Tinha transformado prostitutas em heroínas. Era um santo, e aquela vaca ia mandá-lo para a morte.

Uma multidão estava em volta dela e das outras mulheres, homens procurando suas amadas rejeitadas. Perto de Kaldrosa, Daydra soluçava. Um sujeito do tamanho de um urso abriu caminho pela multidão para chegar até ela. Ao vê-lo, suas lágrimas aumentaram. Ele era mais velho, seu pai, e estava com os olhos molhados, o ranho pingando no bigode enorme e farto. Antes que ele pudesse dizer alguma palavra, Daydra desmaiou. Ele a segurou no colo com facilidade, como um bebê. Outro casal se abraçava ao lado de Kaldrosa.

Kaldrosa tentou não odiar aquelas mulheres por sua alegria. Sentia-se nova, diferente, com a montanha de vergonha que lhe escorria dos ombros. Mas Tomman certamente estava de volta a Cenária. Será que ele seria igualmente rápido em perdoar? Será que ela ficaria de novo nos braços dele depois de fazerem amor, naquele momento em que todas as coisas eram renovadas?

A multidão começava a se desfazer e as mulheres que não tinham encontrado seus amores perdidos se entreolhavam. Eram irmãs agora. Não estavam mais sozinhas. As esposas que ouviram o discurso ao fundo e sabiam que restariam jovens abandonadas finalmente tinham aberto caminho entre as fileiras de homens e – todas estranhas – abraçaram-se e choraram juntas.

Kaldrosa Wyn observou Mama K. Não havia lágrimas nos olhos dela, mas ainda que suas costas estivessem eretas feito um mastro, ela parecia desejar que houvesse um homem atravessando a turba para chegar até ela. Kaldrosa estava caminhando na direção dela, maravilhando-se com a própria coragem – ir reconfortar Mama K! – quando o viu.

Ele estava usando o uniforme de caçador de bruxos do general Agon: segurava

um estranho arco curto, tinha uma aljava às costas e vestia uma armadura de couro fervido sobre uma túnica verde-escura com acabamento em amarelo. Mas enquanto examinava a multidão, seu feroz Tomman parecia amedrontado. Então os olhares dos dois se encontraram.

Como uma marionete com os fios cortados, Tomman tombou de joelhos. O arco caiu na lama, esquecido. O rosto dele se contorceu. Ele estendeu os braços, os olhos se enchendo de lágrimas. Era o pedido de desculpas que ele jamais conseguiria colocar em palavras.

Kaldrosa correu até ele.



– Sinto como se eu estivesse aqui por mais tempo do que algumas pessoas que moram neste lugar – observou Kylar.

– Quietos – disse Vi.

Quando tinha ido resgatar Logan, Kylar usara um barquinho. Apesar de pequena, a embarcação era incrivelmente rápida, a ponto de conseguir escapar do barco que patrulhava a Ilha de Vos. Agora três barcos estavam de vigia, de modo que eles iam atravessar até a ilha do mesmo modo que ele fizera quando fora resgatar Elene.

– Não é tão fácil acertar o pilar com uma flecha-gancho, Vi, acredite em mim – disse ele. – A balestra...

Vi atirou. E o disparo da flecha-gancho foi perfeito, acertando o pilar de primeira. Ela começou a subir pela corda e Kylar a acompanhou, em silêncio.

– “Não é tão fácil...” Bunda mole – zombou ela.

O xingamento levou a atenção de Kylar para o traseiro dela. O traseiro de Vi estava longe de ser mole. Lindamente redondo. Digno da roupa apertada que ela usava. Diferentemente de muitas mulheres atléticas, Vi tinha curvas. Belos quadris e seios que inspiravam...

Por que estou pensando nos seios de Vi?

Kylar continuou subindo, fazendo uma careta. Não precisava dessa distração. Olhou de novo a bunda de Vi. Balançou a cabeça. Olhou de novo. *Por que me sinto atraído pela bunda dela? Não é estranho? Por que os homens gostam de bundas, afinal de contas?*

Vi chegou ao muro do castelo e soltou a corda. Sussurrou alguma coisa e sombras a esconderam. Não era o melhor dos artifícios, nem de longe o que Durzo e Kylar eram capazes de fazer. As sombras meramente obscureciam a humanidade reconhecível de suas formas. Mesmo assim, ficava menos visível do que uma mulher

seminua cujo corpo inteiro gritava: “Olhem para mim!”

Seguindo-a, Kylar deslizou rapidamente pela corda. Os dois se encolheram na sombra de uma pedra enquanto o barco-patrolha passava.

– Então, você não disse nada sobre meu traje cinza.

Kylar levantou uma sobrancelha.

– O quê? Quer que eu diga se sua calça faz sua bunda parecer maior? Faz. Está feliz?

– Então você estava olhando para a minha bunda. O que mais reparou?

Kylar olhou para os seios dela de relance. E foi flagrado.

– Estamos mesmo falando disso? Agora?

– O desdém altivo vai funcionar melhor se você não ficar vermelho – disse Vi.

– São fantásticos. – Kylar tossiu. – Quer dizer, seu traje é fantástico. Não que seus seios... Quer dizer, o estilo é perfeito para você. Exatamente o limite entre o sensual e o obsceno.

Ela se recusou a ficar ofendida.

– Primeiro eu atraio a atenção, depois tiro a vida deles.

– Como você é insensível.

– Não sou obrigada a escolher roupas só pelo conforto.

– Não acredito que estou conversando sobre roupas.

– Você chama isso de conversa sobre roupas? Não teve muitas amantes, teve?

– Só uma. E não por muito tempo, graças a você.

Isso a fez se calar. Graças ao Deus. Ele se levantou e começou a andar. Precisavam se esconder sempre que o barco-patrolha passava. Vi fazia isso para não ser vista, e Kylar para que Vi não soubesse que ele podia ficar invisível. Kylar também usava roupas bastante justas, uma velha calça cinza que Mama K tinha apanhado para ele. Quanto menos as pessoas soubessem da extensão de seus poderes, mais seguro ele estaria.

Uma hora depois da meia-noite, chegaram ao portão baixo que levava à Bocarra. Não havia ninguém de vigia.

Kylar experimentou o trinco. Não estava trancado. Olhou para Vi. Obviamente ele gostava daquilo tanto quanto ela. Mesmo assim, como o Deus-rei poderia saber que eles estavam ali? Moveu-se para abrir a porta quando Vi tocou seu braço. Apontou para as dobradiças enferrujadas, sinalizando para ele esperar.

Ela tocou cada uma das dobradiças, murmurando uma magia, depois assentiu para ele.

Kylar experimentou a porta enferrujada. Ela se abriu em silêncio.

– Ora, que incrível – disse Vi. – Então essa magia não funciona só para silenciar menininhas.

Kylar fechou a porta e a encarou.

– Por que você não experimenta em você mesma?
– Já experimentei. Qualquer pessoa que esteja a mais de 1,5 metro não consegue me ouvir.
– Não foi isso que eu quis dizer. De qualquer modo, como pode ter certeza de que funciona?

– Você não ouviu do que eu acabei de chamá-lo.
– Do que foi?
– De uma coisa verdadeira, mas não é inteligente repetir.

Ele hesitou.

– Vi, antes de entrarmos, preciso perguntar uma coisa.
– Manda ver.
– Eu entrei no trabalho de derramador por causa de um garoto chamado Rato. Ele era filho de Garoth Ursuul, e foi para agradar a Garoth que Rato cortou o rosto de Elene, estuprou Jarl e tentou me estuprar.

– Eu não sabia. Sinto muito.
– Não é importante – reagiu Kylar, carrancudo. – Eu escapei.

– Eu, não – retrucou Vi, baixinho. E afundou em si mesma, naqueles anos de pesadelo. – Para mim foram os amantes da minha mãe. Ela sabia o que eles faziam, mas nunca os impediu. Ela sempre me odiou pelo que eu custei a ela. Como se eu é que tivesse trepado com um estranho, engravidado e sido mandada embora. Não sei se ela me queria a princípio ou se foi covarde demais para tomar cravagem ou chá de tanaceto.

Vi sabia que era um medo razoável. Uma dose suficiente para induzir o aborto era próxima demais de uma dose mortal. A cada ano, segundo Hu, milhares de garotas que “ficavam doentes e morriam” tinham na verdade tomado veneno de mais. Outras tomavam de menos e pariam crianças aleijadas.

– Depois de fugir, minha mãe não tinha nada com que sobreviver, a não ser a aparência. Era orgulhosa demais para ser explicitamente prostituta, por isso se ligava a um sacana depois do outro. Nunca pôde fazer o que tinha que ser feito.

– E é assim que você é diferente dela?

– É – respondeu ela baixinho. Depois voltou a si. Por que havia falado tanto? Nunca contara essa merda a ninguém. Nunca tivera alguém que se importasse. – Desculpe, você não precisava ouvir isso. Queria fazer uma pergunta?

Kylar não respondeu. Estava olhando para ela de um modo que ninguém tinha olhado antes. Era a expressão que uma mãe dava à filha quando esta caía e ralava os joelhos. Era compaixão, e a atravessou diretamente, passando direto pelo sarcasmo e a bravata. Quebrou o gelo que ela imaginava ter por dentro e encontrou uma coisa pequena e viva, banhada em luz calorosa. Ele estava vendo toda a podridão dentro dela, mas não sentia repulsa.

– Hu Gibbet fez você matá-la, não foi?

Ela baixou os olhos, incapaz de continuar encarando aquela empatia explícita. Não confiava na própria voz.

– Foi a segunda morte? Um dos namorados primeiro?

Ela assentiu.

Isso era ridículo. Estavam conversando sobre isso na porta da Bocarra?

– Qual era a sua pergunta?

– Quando abandonei o trabalho de derramador, não pude deixar totalmente de lado, e só agora sei por quê. Quando Jarl apareceu na minha porta, fiquei em parte aliviado. Eu tinha tido o que desejava para a vida inteira, mas ainda não era feliz. Você já encontrou alguém que a olhasse, entendesse e aceitasse completamente? E por algum motivo você simplesmente não conseguisse aceitar essa aceitação?

Vi engoliu em seco, com o coração se enchendo de anseio.

– Elene significava isso para mim. Quer dizer, significa. Eu prometi a ela que nunca mataria de novo, mas não consigo ficar feliz se não terminar isto. Quando fui embora, deixei para ela um par de argolas nupciais, para que ela soubesse que eu ainda a amo e que quero estar com ela para sempre, mas tenho certeza de que ela está furiosa comigo.

O peso no bolso de Vi queimou. Ela mandou a língua se mover, contar a ele, mas o órgão parecia chumbo em sua boca.

– Se fosse qualquer outro serviço, ela jamais me perdoaria. Se eu fizer isso, os khalidori vão perder, Logan será rei, as Tocas serão diferentes para sempre e Jarl não terá morrido em vão. Se o Um Deus de Elene existe mesmo, Ele me criou para esta morte.

Jarl? Como ele pode falar tão calmamente sobre Jarl comigo?

– E qual era a sua pergunta?

Ela soou meio militante, mesmo para seus próprios ouvidos. Jarl! Deuses! Suas emoções estavam tão descontroladas que ela nem conseguia identificá-las.

– Eu precisava saber se você estava nisso comigo – disse ele, gentilmente. – Até o Deus-rei. Até a morte se for preciso. Mas acho que você já respondeu.

– Estou com você.

Todo o coração de Vi jurou isso.

– Eu sei. Confio em você.

Olhando nos olhos dele, Vi soube que Kylar dizia a verdade. Mas as palavras não faziam sentido. Confiar? Depois do que ela havia feito?

Ele se virou de novo para a porta.

– Kylar – disse ela. Seu coração martelava no peito. Iria contar primeiro sobre Jarl, depois sobre o bilhete e os brincos, tudo. Iria se jogar aos pés dele e desafiá-lo a aceitar tudo. – Sinto muito. Com relação ao Jarl. Eu não queria...

– Eu sei. Não vejo o assassinato dele em você.

– Hein?

– Vi... – disse Kylar baixinho.

Quando ele pôs a mão no ombro dela, arrepios atravessaram seu corpo inteiro. Ela olhou para os lábios dele, Kylar se aproximou e a cabeça de Vi se inclinou por vontade própria, os lábios se separando ligeiramente, e ele estava tão perto que ela podia sentir sua presença como uma carícia na pele exposta, e seus olhos se fecharam, os lábios dele tocaram... sua testa.

Vi piscou.

Kylar baixou a mão como se o ombro dela pegasse fogo. Uma coisa preta passou rapidamente pela superfície dos olhos dele.

– Que porra foi essa? – perguntou Vi.

– Desculpe. Eu quase... Quer dizer, meus olhos? Eu estava verificando se você estava usando o poder de atração de seu Talento. Quer dizer, desculpe. Eu só estava... Ah, vamos fazer isso logo, certo?

Agora ela teria ficado totalmente confusa. Ele pensara que ela havia usado o Talento para atraí-lo? Isso significava que ele... o quê? Não, certamente não.

O que você estava pensando, Vi? “Desculpe, matei seu melhor amigo, Kylar, mas quer trepar?”

Kylar abriu a porta e Vi enxergou pela primeira vez a abertura escancarada que dera o nome à Bocarra. A Bocarra parecia um dragão abrindo a goela para engoli-la. Olhos de vidro vermelho com tochas por trás reluziam com intenção maligna. Todo o resto era esculpido em vidro vulcânico preto: a língua negra sobre a qual andavam, as presas acima. Assim que entraram na boca, não havia mais luz.

– Isso está diferente – disse Kylar. E parou. – Está totalmente diferente.

Quando Kylar salvou Elene e Uly, a rampa para a Bocarra descia por um túnel pequeno e depois se bifurcava. As celas dos nobres ficavam à direita, o resto à esquerda. O teto tinha pouco mais de 2 metros de altura em toda parte, dando uma sensação claustrofóbica.

– Achei que você tinha estado aqui há uns dois meses – disse Vi.

– Parece que os bruxos andaram ocupados.

Entraram numa vasta câmara subterrânea. A rampa que antes descia por 10 metros agora mergulhava por mais de 100. As celas dos nobres e as do primeiro e do segundo nível da Bocarra tinham sumido. A rampa tinha largura suficiente para quatro cavalos lado a lado e descia espiralando em volta de um grande poço central. No fundo podiam ver um altar dourado com um homem amarrado a ele, e meisters ao redor.

– Merda – ofegou Vi. – Precisamos descer até lá.

Kylar acompanhou o olhar dela. Vi não estava olhando para o homem na mesa

de ouro. Analisava a extremidade sul do poço, onde um pequeno túnel levava na direção do castelo.

O lugar parecia errado. Não era o altar nem a escuridão. O cheiro do Buraco estava denso. A fumaça sulfúrica se arrastava ao longo do piso. Fez Kylar se lembrar de sua luta com Durzo.

Por baixo da fumaça havia outros cheiros. Sangue velho e o fedor sufocante de carne apodrecendo. Por baixo da escuridão, dos cânticos esquisitos dos bruxos e dos agudos gritos de dor que chegavam do fundo do túnel – felizmente vindos da direção do Buraco, e não do lugar para onde ele e Vi iriam –, havia outra coisa.

Era a opressão. Kylar havia tornado a noite seu lar durante tantos anos que já não sentia medo do escuro. Mas ali, no próprio ar que respirava, existia algo mais fundo, mais escuro, mais antigo e mais maligno do que ele podia imaginar. O fedor o lembrava de quando matava. Lembrou-se da alegria vergonhosa que sentiu quando o nó corrediço passou em volta do tornozelo de Rato. Lembrou-se de quando tinha envenenado o cozido de um fazedor de selas, mas o sujeito não estava com fome e deu a comida para o filho. Lembrou-se do exato tom de roxo no rosto do garoto quando sua garganta inchou e ele sufocou. Lembrou-se de uma centena de feitos que lhe davam vergonha, de uma centena de outras coisas que deveria ter feito e não fez. Ficou paralisado, respirando o ar imundo.

– Venha – disse Vi. Seus olhos pareciam assombrados, enormes, mas ela estava se movendo. – Respire pela boca. Não pense, só faça.

Kylar piscou, voltou a si e acompanhou Vi. A presença era Khali. Como Logan tinha alertado.

Kylar caminhava perto da borda, olhando para baixo. À medida que chegava mais perto, viu que os meisters não estavam sacrificando o homem, pelo menos não no sentido convencional. Sua vítima era um lodricari com tatuagens que lhe cobriam todo o corpo. A pele pendia fina e frouxa no corpo grande e murcho. Estava amarrado com grossas correntes, de bruços na mesa de ouro, e despido até a cintura.

Seis meisters estavam sentados nas pontas da estrela lodricari de ouro incrustada no chão, de pernas cruzadas, os olhos fechados, entoando. Mais dois se encontravam de cada lado do altar. Um segurava um martelo e o outro...

Kylar não pôde acreditar. O primeiro meister segurava um martelo de carpinteiro e pregos de ouro enquanto o segundo segurava uma coluna vertebral de cavalo, posicionando-a acima do cóccix do homem tatuado.

O meister colocou a coluna no lugar e o outro, trincando os dentes, colocou o prego de ouro de 15 centímetros acima. Ele golpeou com o martelo. O homem tatuado gritou e corcoveou. Com mais duas pancadas fortes, o prego foi cravado até o fim. Então os dois meisters recuaram e Kylar viu a vítima direito pela primeira vez.

Havia algo errado com a pele dele. A princípio, por causa de todas as tatuagens, Kylar não soube o que era, mas entre elas pôde ver que o sujeito estava vermelho. Suas veias pressionavam contra a superfície da pele como se ele estivesse levantando um peso enorme. Isso seria compreensível devido ao que ele suportava, mas as veias não se encontravam nos lugares certos. Veias e artérias grossas, azuis e vermelhas, pressionavam contra a pele em toda parte. Era como se ele tivesse marcas de varíola por todo o corpo.

Os meisters recuaram e gritaram uma ordem. Um prisioneiro foi trazido do túnel norte, onde Kylar podia ver uma cela com uma dúzia de homens dentro. O sujeito tinha os pés e as mãos algemados e uma corda em volta do pescoço. Uma meister jovem e bonita pegou a corda e a desenrolou, tomando cuidado para não deixar que nenhuma parte de seu corpo entrasse no círculo de magia. Ficou no lado oposto do círculo com relação ao prisioneiro, que balbuciava de medo. O suor frio brotava no rosto do sujeito e a urina escorria pelas pernas. O olhar dele estava cravado no homem do altar.

A jovem meister começou a puxar a corda presa no pescoço do homem, levando-o para o círculo. Ele deu um passo cambaleando antes de começar a lutar, mas era tarde demais. Perdeu o equilíbrio e avançou atabalhoadamente para não cair. Quando viu que seu caminho iria levá-lo direto ao homem tatuado, jogou-se para a lateral. Com as mãos algemadas, a vítima não tinha como se controlar. Seu rosto bateu no piso de vidro vulcânico.

Os meisters que não estavam sentados ou cantando xingaram. A mulher se reposicionou, balançando a corda por cima do altar. Um meister se juntou a ela e os dois começaram a puxar o homem semiconsciente de novo para o altar.

Por que eles simplesmente não usam magia? Mas então Kylar olhou através do ka’kari e soube o motivo.

Toda a câmara estava cheia de magia. Ela brotava dos meisters como a fumaça sulfúrica brotava do Buraco. Escorria pelo chão. O próprio ar estava denso de magia – em todos os pontos menos em volta do altar. Ali o ar parecia morto. Os meisters criavam uma coisa que resistiria à magia – até mesmo à deles. Mas enquanto Kylar olhava com atenção, viu que o homem não estava intocado pela magia deles. Todos os meisters que entoavam trançavam alguma coisa no ar acima do altar, e faziam com que ela afundasse nele em dois pontos. Na nuca do homem, dos dois lados da coluna, estavam dois diamantes, cada um do tamanho do polegar de um adulto, pregados. Não podiam ser vistos pelo espectro visível, mas estavam cobertos por sangue, sujeira e pelo cabelo do homem. No espectro mágico chamejavam. Os meisters podiam tocar o corpo do homem através deles.

Finalmente os meisters puxaram o prisioneiro de pé, engasgando e sufocando. Kylar sentiu Vi puxando sua túnica, um urgente “vamos dar o fora daqui”, mas ele a

ignorou. O prisioneiro foi puxado para a frente e caiu no altar, em cima do homem tatuado.

Instantaneamente ficou preso e imóvel. Os meisters largaram a corda e recuaram depressa, quase fugindo. O tom dos cânticos subiu. O prisioneiro gritou, mas Kylar não conseguia enxergar o motivo. Os músculos do homem tatuado estavam tensos, a pele mais vermelha do que nunca – e então o sangue escorreu pelas suas costas.

O prisioneiro foi puxado e sugado para cima das costas do tatuado. Então a túnica do prisioneiro foi arrancada e Kylar viu a pele dele se retorcendo. Cada uma daquelas milhares de pintas se abria como uma boca pequena e cheia de dentes. Em toda parte a pele mastigava o prisioneiro.

Enquanto o prisioneiro era consumido direto para dentro daquelas costas tatuadas, o homem no altar gritava em agonia igual à da vítima. Através do ka'kari, Kylar via costelas inteiras serem arrancadas do prisioneiro e puxadas através das costas ondulantes e unidas à nova coluna. A pele inchava e crescia também por cima da coluna. Os meisters entoavam e Kylar viu que eles direcionavam o crescimento. O que quer que fosse aquela fera tatuada, eles não a estavam fazendo. Ela já fora feita. Só a faziam crescer numa forma adequada à guerra.

Dez segundos depois, o prisioneiro tinha sumido. Mais ou menos. Partes dele tinham sido incorporadas à nova criatura. A monstruosidade no altar ganhara talvez metade da massa do prisioneiro. A coluna do prisioneiro havia reforçado a sua coluna. Costelas tinham dado mais comprimento ao tronco. A pele fora esticada sobre a nova área crescida, ainda que agora estivesse salpicada demais por aquelas bocas pequenas. Os ossos do prisioneiro tinham sido moídos e transportados para o crânio da entidade, que havia dobrado de tamanho.

O meister no comando rosnou algo parecido com aprovação, depois sinalizou para que trouxessem o próximo prisioneiro. Vi puxou a manga de Kylar outra vez. Kylar se virou e olhou para as sombras onde estariam os olhos dela.

– Vá em frente – sussurrou. – Eu a alcanço.

– Você vai fazer alguma coisa idiota, não vai?

Kylar deu um sorriso sinistro. Ela apenas balançou a cabeça.

Lantano Garuwashi levou seus homens ensanguentados e exultantes para fora das cavernas que tinham permitido sua passagem pelas montanhas. Duzentos khalidori adormecidos haviam ocupado a última câmara. Seus quatro bruxos dormiam na parte mais funda, provavelmente achando que era o lugar mais seguro, e morreram antes mesmo que o alarme soasse. O resto dos khalidori, desorientados, conseguiram matar tanto os próprios companheiros quanto os homens de Garuwashi.

Antes do alvorecer, os sa'ceurai emergiram a sudeste do bosque de Pavvil. Dois exércitos estavam acampados, um diante do outro, na planície. Garuwashi tinha ficado surpreso ao ver que os khalidori se encontravam nas cavernas. Lutando em seu território natal, os cenários é que deveriam ter reservas escondidas lá. Se aquela caverna era uma amostra, o Deus-rei poderia facilmente ter mais quinhentos homens escondidos, capazes de ser postos no combate em dez minutos.

Isso quase bastou para fazer Garuwashi recuar. A não ser que os cenários tivessem truques melhores na manga, parecia que Khalidor seria o vizinho do norte de Ceura permanentemente.

Mesmo assim esta seria a última batalha da estação. Se pudesse ver o resultado, Garuwashi saberia se os rebeldes poderiam se reagrupar ou se seriam varridos do mapa. Veria as táticas dos khalidori em primeira mão, o que poderia salvá-lo no futuro.

– Mande os homens se espalharem – disse ao seu capitão meio careca, Otaru Tomaki. Em seguida foi até a entrada da caverna, amarrando as quatro mechas de cabelo preto que havia tomado com a precisão rápida resultante da longa prática.

– Não vai acreditar na nossa sorte, Senhor da Guerra – disse Tomaki.

Garuwashi inclinou uma sobrancelha.

– Senhor, ele está bem ali – apontou Tomaki.

A menos de 300 passos de distância, por entre as árvores, Garuwashi viu o gigante subir correndo um morro em direção ao campo de batalha. Estava indo para o acampamento cenário. Ele olhou por cima dos ombros. Por um momento, Garuwashi não pôde enxergar por causa das árvores. Então quatro cavaleiros khalidori saíram das árvores acima no morro.

O gigante viu que não conseguiria chegar ao cume antes de eles o alcançarem. Parou e desembainhou a espada.

– Os deuses o entregaram na minha mão – disse Garuwashi. – Depois de ele matar os cavaleiros, veremos se esse gigante é páreo para Lantano Garuwashi.



– Proteja o túnel para o castelo – sussurrou Kylar. – Quando eles vierem atrás de mim, vamos ter que correr.

– O que você vai fazer? – perguntou Vi baixinho.

Estavam trazendo outro prisioneiro. Este avançava arrastando os pés feito um cordeiro.

– Só vá – sussurrou Kylar.

– Não sou sua empregada, porra – disse Vi, levantando a voz até um nível perigoso.

– Então faça o que tiver que fazer.

Vi o encarou furiosa. E foi. Kylar esperou enquanto os meisters discutiam brevemente e depois cortavam a roupa do prisioneiro para torná-lo mais fácil de digerir. Kylar tinha uma ideia do que fazer, mas tudo precisava estar no lugar certo. Isso significava esperar que Vi estivesse protegendo o túnel. Significava deixar o prisioneiro morrer.

Ele odiava isso. Mas esperou. *Maldição, homem, lute.* Mas o prisioneiro não fez nada. Olhava horrorizado a massa se retorcendo no altar de ouro.

Por que ele não luta?

No último instante o homem soltou um soluço estrangulado e tentou se levantar, mas a corda em seu pescoço puxou-o para a frente. Ele se grudou à criatura e gritou. Os cânticos aumentaram o tom de novo e os meisters que não estavam entoando nas pontas da estrela lodricari espiavam com os olhos arregalados o prisioneiro ser devorado. Foi mais rápido desta vez.

Kylar se encobriu totalmente, o ka'kari envolvendo rapidamente a pele como uma túnica. Correu para o altar, passando por um meister que cantava. Quando penetrou no limite que circunscrevia a estrela lodricari, sua pele ardeu com a potência da magia no ar. A voz de Khali berrou através dele, uma voz de desespero, de suicídio, vergonha, corrupção.

Mais um passo e ele saltou, girando o corpo numa cambalhota por cima do altar e da criatura acorrentada. Era como saltar através de um relâmpago. Agulhas se cravaram em cada superfície de sua pele, injetando cada veia com poder. Enquanto passava pela cabeça cinza e deformada da criatura, agarrou os diamantes.

Elas deslizaram para fora como se a pele da criatura fosse manteiga. Pousou do outro lado do altar e jogou os diamantes longe, como se fossem carvões em brasa.

Em mais um segundo estava fora da estrela e saltando para a parede, que era gravada com runas e desenhos em relevo suficientemente fundos para que ele pudesse se agarrar. Independentemente do que acontecesse em seguida, ficou satisfeito em sair do caminho e assistir a tudo invisível.

Olhos se abriram subitamente ao redor da estrela. A criatura ainda devorava o prisioneiro, mas a magia dos meisters pairava no ar como os tentáculos de uma água-viva. Não tinha para onde ir.

Os meisters que cantavam pararam, um por um. Todos se viraram para Kylar, boquiabertos, como se vissem o impossível.

Eles podem me ver? Kylar estava agarrado à parede como uma aranha, esperando o primeiro ataque. O silêncio foi rompido pelo som de uma corrente se partindo e um rugido gutural, quase humano. A criatura, agora com as costas longas, como uma lagarta enorme, se sacudiu e o resto das correntes se rompeu. Kylar foi esquecido.

Apoiada em seis braços humanos, a criatura correu para um meister e o derrubou. Seis braços e mãos despedaçaram o meister e prenderam os membros dele ao próprio corpo. As boquinhass trabalhavam melhor do que qualquer ventosa. Uma bola de fogo bateu no couro da fera. Não foi tanto bloqueada quanto redirecionada. A bola de fogo não perdeu velocidade, não causou dano.

Mais três bolas de fogo surgiram, cada qual ricocheteando e batendo nas paredes e no piso. Os meisters berravam. Uma subiu correndo a escada que espiralava para fora das profundezas. A criatura correu atrás dela, mas, em vez de segui-la escada acima, atravessou o salão circular. Tentou agarrá-la. Ela caiu de costas contra a parede, o mais longe possível da mão que se estendia.

Foi suficiente. Naquela altura o braço da criatura não podia alcançá-la. A meister começou a subir a escada de costas, apoiada nas mãos e nos pés. Kylar achou que ela escaparia, porque a criatura ficou parada. Seus membros relaxaram. Sob a superfície da pele, longos ossos de braços deslizaram, um depois do outro, até o braço que se estendia para a mulher. A mão se destacou e deslizou para a frente, cada seção se encaixando com o som doentio de sucção feito por uma junta deslocada e recolocada. Num instante o braço tinha aumentado o equivalente ao tamanho de mais quatro. A criatura agarrou a mulher e puxou-a. Os gritos dela se tornaram gorgolejos abafados.

A criatura girou e esmagou mais três meisters contra a parede. Parou enquanto todas as suas boquinhass mastigavam a roupa e a carne. Um quarto bruxo agarrou uma meister pela mão, tentando salvá-la. Pôs um pé nas costas da criatura para se firmar. Mas ainda que a criatura não parecesse ter notado, foi como se a própria pele possuísse inteligência ou uma fome insaciável. Os olhos do meister se arregalaram. Jogou-se para trás, mas seu pé estava agarrado ao couro da criatura. Ele caiu de

costas, gritando. Por um segundo parecia que conseguiria se soltar, ao custo da carne do pé.

Um flanco estremeceu, como o flanco de um cavalo estremece tentando se livrar de moscas, e a pele cheia de dentes saltou por cima do pé do meister, chegando ao tornozelo. Outro tremor e ela devorou metade da canela. Mais um, e a criatura estava digerindo quatro meisters.

Era a distração de que Kylar necessitava. Lançou-se da parede e correu pelo túnel sul na direção do castelo. Passou por quatro meisters ensanguentados que Vi despachara no caminho. Encontrou-a remexendo na bolsa de um guarda morto, parada diante de uma formidável porta de carvalho. Deu um sorriso maroto. Ela o encarou com os olhos arregalados.

– Merda, Kylar, você está iluminado.

– Foi incrível lá – disse ele, esquecendo-se de que deveria estar invisível.

– Não, merda! Kylar, você está soltando luz!

Kylar olhou para baixo. Parecia estar pegando fogo, todo em roxo e verde no espectro mágico e com um vermelho opaco, de fogo de forja, no espectro visível. Não era de espantar que os meisters o tivessem visto. A magia fora intensa demais para o ka’kari devorar. Estava soltando o excesso sob a forma de luz.

Sem pensar, tentou sugar o ka’kari de volta para dentro. Foi como engolir um monte de chumbo quente em seu *glore vyrden*.

– Ai! Ai!

– Você matou a coisa? – perguntou Vi.

– Você não viu o que aquela coisa fez?

– Não. Obedeci à ordem e protegi o túnel. – Vi podia ser uma tremenda chata, percebeu Kylar. – Não que isso tenha adiantado muito, já que não existe chave. Eles deviam estar com medo daquela... daquela coisa. Agora teremos que voltar. Eu recomendaria ir disfarçadamente, mas você está pegando fogo.

Kylar passou por Vi e pôs as mãos na borda mais próxima da porta de carvalho, uma acima da outra.

– O que você está fazendo? – perguntou ela.

Deuses, a porta era grossa. Mesmo assim, se não conseguia absorver a magia, por que não canalizá-la para fora? Sentiu o jorro da magia deixando-o. Olhou para baixo e viu túneis do tamanho e da forma exatos de suas mãos se cravando no carvalho de 30 centímetros de grossura com dobradiças de ferro.

Engolindo em seco – *como fiz isso?* –, Kylar fez força contra a porta. Que não se mexeu até que ele usou força do Talento, então ela se escancarou, torcendo as trancas, e depois caindo com estrondo.

Kylar passou. Quando Vi não foi atrás, ele se virou. Vi tinha uma expressão tão pasma, perplexa e eloquente que ele soube exatamente o que ela iria dizer.

– O que você é, afinal? – perguntou ela. – Hu nunca me ensinou nada assim. Hu não sabe de nada assim.

– Sou só um derramador.

– Não, Kylar. Não sei o que você é, mas você não é “só” nada.



— Por que você negou minhas vestes reais? — exigiu a garota.

A princesa usava um vestido maltrapilho, vários tamanhos acima do seu, e tinha prendido o cabelo num rabo de cavalo simples. O Deus-rei lhe havia negado até mesmo pentes.

— Você acredita no mal, Jenine?

Garoth estava sentado na beira da cama de Jenine, na torre norte. Era a madrugada do dia em que ele iria finalmente massacrar a Resistência cenária. Seria um bom dia. Estava animado.

— Como eu poderia ficar na sua presença e não acreditar? — cuspiu ela. — Onde estão as minhas coisas? Por que estou presa aqui?

— Uma mulher linda faz coisas com um homem, minha jovem. Não seria bom você ser violada. Me desagradaria ter você derrotada tão cedo.

— Você não controla seus homens? Tremendo deus você é. Tremendo rei.

— Não estou falando dos meus homens — disse Garoth baixinho.

Ela piscou.

— Você mexe *comigo*. Você tem o que chamamos de *yushai*. É vida, fogo, aço e alegria de viver. Já extingui isso nas minhas esposas; é por isso que você está enclausurada e proibida de usar roupas bonitas. É por isso que eu me saciei com uma das suas damas de companhia: para protegê-la. Você será minha rainha e vai compartilhar minha cama, mas por enquanto não.

— Nunca!

— Está vendo? É o *yushai*.

— Vá para o inferno.

— Você é uma mulher amaldiçoada, não é? A minha família real é a terceira à qual você pertenceu, e as duas primeiras não se saíram tão bem, não foi? Seu marido durou... o quê, uma hora?

— Pelo Um e pelos Cem, que sua alma seja lançada no poço sem fundo. Que cada fruta a seu alcance se transforme em vermes e apodreça, que seus filhos o traiam...

Ele lhe deu um tapa. Por um momento ela remexeu o maxilar, piscando para afastar as lágrimas.

— Que...

Ele deu outro tapa, com mais força, e sentiu um perigoso jorro de prazer no ventre. Maldita Khali. Jenine já ia cuspir quando ele a amordaçou com o vir.

– Jamais provoque um homem para além do que ele pode suportar. Entendeu? – perguntou o Deus-rei.

Ela assentiu, os olhos arregalados com o vir preto que percorria a pele dele.

O vir soltou-a. Garoth Ursuul suspirou desapontado, negando os Estranhos. Jenine pareceu aterrorizada.

Bom. Talvez isso lhe ensine a ter cautela. Depois de Neph ter entregado a princesa como um presente e um pedido de desculpas pela confusão em que Cenária havia se tornado, Garoth ficou fascinado instantaneamente. Primeiro tinha mandado a princesa Gunder para Khaliras com o comboio de bagagens que carregava os melhores saques, mas não pudera tirá-la da mente. Ordenou que fosse trazida de volta. Era um risco louco. Se os cenários soubessem que ela estava viva e a salvassem, teriam uma governante legítima. E essa garota governaria se tivesse chance e um pouco de sorte. Era intrépida.

– De volta à minha pergunta, Jenine. Você acredita no mal? – perguntou o Deus-rei. Era melhor concentrar a mente para que essa entrevista não terminasse em lágrimas e nojo saciado para ele próprio. – Algumas pessoas chamam o ato de maldade quando meus soldados batem a uma porta à noite e perguntam a um homem onde está seu irmão e o sujeito aterrorizado conta. Ou quando uma mulher vê uma bolsa cheia caída no chão e a pega. Não estou perguntando se você acredita na fraqueza ou na ignorância que prejudica os outros. Estou perguntando se acredita num mal que se glorifica na destruição, na perversão. Um mal que olharia no rosto da bondade e cuspiria nele.

Garoth continuou, praticamente sem pausa:

– Veja bem, não é um ato de maldade quando eu mato alguém nascido da minha semente. Quando arranco o coração do corpo do menino, sei que não o estou simplesmente matando. Estou inspirando tanto medo em todos os outros que isso me torna mais do que um homem. Torna-me inquestionável, impossível de ser medido, um deus. Isso garante meu reino. Quando quero tomar uma cidade, arrebanho os habitantes de vilarejos próximos e coloco-os diante do meu exército. Se a cidade quiser usar máquinas de guerra contra meus homens terá que matar primeiro seus amigos e vizinhos. É brutal? Sim. Mas é maligno? Pode-se dizer que isso salva vidas, já que em geral as cidades se rendem. Ou rendem-se quando começo a usar catapultas para atirar os vivos para dentro da cidade. Você ficaria pasma com o que o simples som de um grito mudando de tom e terminando com uma pancada seca faz com os soldados quando isso é repetido a cada treze minutos. Eles não podem fazer nada a não ser esperar, não podem deixar de pensar: será que reconheço esta voz? Mas estou me desviando do tema aqui. Veja bem, não chamo nada disso de mal.

Nossa sociedade repousa no poder do Deus-rei. Se o Deus-rei não tiver poder absoluto, tudo desmorona. Então vem o caos, a guerra, a fome, pestes que não discriminam inocentes e culpados. Tudo que faço impede isso. Um pouco de brutalidade nos preserva, assim como a faca de um cirurgião preserva a vida. Minha pergunta é: você acredita num mal possuído por sua própria pureza? Ou todo ato pretende causar algum bem?

– Por que está me perguntando? – Jenine tinha ficado de uma palidez leitosa. Isso faria com que ela parecesse vagamente khalidori.

– Eu sempre converso com minhas esposas. Primeiro, porque só os loucos falam consigo mesmos. Segundo, porque pode haver a chance remota de a mulher ter alguma ideia.

Ele estava jogando uma isca e foi recompensado quando ela recuperou parte de seu *yushai*. Ela o fez se lembrar da mãe de Dorian e da de Moburu.

– Acho que o mal possui agentes – disse Jenine. – Acho que permitimos que o mal nos use. Ele não se importa se sabemos se o que estamos fazendo é mau ou não. Depois de cumprirmos sua vontade, se nos sentirmos culpados, ele pode usá-la para nos condenar a nossos próprios olhos. Se nos sentirmos bem, ele pode nos usar imediatamente para o próximo objetivo.

– Você é uma criança intrigante. Nunca tinha ouvido uma ideia assim. – Garoth não gostou daquilo. Fazia com que ele parecesse algo menor: um mero instrumento, ignorante ou sabedor, mas sempre cúmplice. – Sabe, quase deixei este trono. Quase rejeitei tudo que significa fazer parte da linhagem dos deuses.

– Verdade?

– É, duas vezes. Primeiro quando eu era herdeiro do trono, depois quando me tornei pai. O poder me trouxe de volta nas duas vezes. *Non takuulam*. “Não irei servir.” Veja bem, eu tive um filho chamado Dorian. Ele me fazia lembrar de mim. Eu o vi dando as costas para o caminho da divindade, como eu quase havia feito. – Ele hesitou. – Você já esteve num lugar alto e pensou: eu poderia pular?

– Já.

– Todo mundo já. Você já esteve com outra pessoa e pensou: eu poderia empurrá-la?

Ela balançou a cabeça, horrorizada.

– Imaginei que não. De qualquer modo, com Dorian foi assim. Pensei: eu poderia empurrá-lo. E empurrei. Não porque isso me ajudou, mas porque eu podia. Trouxe-o para minha confiança e ele quase me afastou de ser deus, por isso eu o traí do modo mais profundo que pude imaginar. Foi o momento mais próximo de uma pureza do mal a que já cheguei. Veja bem, o mundo tem apenas dois mistérios. O primeiro é o mal, e o segundo é o amor. Já vi o amor ser usado, exagerado até uma caricatura de si próprio, pervertido, falsificado, traído. O amor é uma coisa frágil,

corruptível. No entanto, o vi demonstrar uma força curiosa. Está além da minha compreensão. O amor é a fraqueza que de vez em quando triunfa sobre a força. Espantoso. O que acha, Jenine?

O rosto dela parecia de pedra.

– Não sei nada sobre o amor.

Ele fungou.

– Não se sinta mal. Uma ideia interessante é mais do que eu consigo com a maioria das minhas esposas. O poder é uma prostituta. Quando você finalmente a agarra, percebe que ela está cortejando cada homem à vista.

– Qual é o propósito de todo o seu poder?

Ele franziu a testa.

– Como assim?

– Eu diria que ele é o seu maior problema.

– Agora você fala com a inteligência que eu esperaria de uma mulher. Ou seja, nenhuma.

– Obrigada por esclarecer seu machismo.

Ah, então ela era tão inteligente quanto diziam. Ele havia imaginado quando ficara sabendo que ela estava exigindo livros. Mulheres não deveriam ler.

– De nada. Bom, onde é que eu estava?

Ela respondeu, mas ele não ouviu. Algo tinha acabado de acontecer com o ferali de Tenser. Garoth podia sentir. O que quer que tivesse criado, era mais poderoso do que ele havia esperado.

– Dá para ver que você não está feliz aqui, portanto vou mandá-la para Khaliras – disse, indo para a porta. – Se você enviar alguma mensagem ou tentar escapar, vou juntar todos os seus amigos e mais cem inocentes e matá-los. – Ele atravessou o quarto e a beijou com ferocidade. Os lábios dela estavam frios e absolutamente sem reação.

– Adeus, minha princesa.

Garoth parou do lado de fora da porta até ouvir Jenine irromper em lágrimas, se jogar na cama e sussurrar o nome de Logan. Teria que dar ordens com relação a isso. Se Jenine descobrisse que Logan estava vivo, jamais cederia à vontade de Garoth. Ele fez uma pausa. Em geral o choro de uma mulher não significava nada para ele, mas hoje... Revirou o sentimento como se fosse uma pedra de cor estranha. Seria culpa? Remorso? Por que sentia aquele desejo insano de se desculpar?

Curioso. Precisaria pensar nisso mais tarde. Quando Jenine estivesse a uma distância segura. Ordenou que seis enormes montanhese da guarda do Deus-rei a levassem a Khalidor imediatamente, depois desceu a escada.



Feir percorreu o exército cenário na penumbra do amanhecer, procurando Solon ou Dorian. Nenhum dos dois foi encontrado. Quando perguntou por que a guarnição dos Ventos Uivantes não estava ali, um conde chamado Rimbold Drake contou sobre o massacre e compartilhou uma preocupação: se Khali tinha matado os veteranos, o que aconteceria se a trouxessem para cá?

Desesperado, Feir continuou cavalgando. Carregava a única salvação possível para todo o exército que ignorava a situação. Para piorar, ele não era vidente, pelo menos não em algum sentido útil. Podia enxergar as tramas de magia próximas, como se fossem vistas através de um vidro de aumento ladeshi, mas se você colocasse um homem ao menos tão Talentoso quanto Solon a 50 passos de distância, Feir não podia ver sequer um tremor.

Depois de indagações frenéticas, tinha encontrado dois magos: marido e mulher, nenhum dos dois muito Talentosos, mas ambos faziam curas. Comentaram para Feir que não viram grandes Talentos em todo o exército. Mas então Tevor Nile olhou em volta impotente – e parou.

– Drissa – chamou.

Ela veio e segurou sua mão. Os dois fixaram a atenção no pé de uma colina a algumas centenas de passos do exército.

– Empréstimo seu poder e nós lhe emprestamos nossa visão – disse Drissa a Feir.

Ele fez isso, sentindo-se nauseado em se entregar enquanto carregava Curoch. O pé da colina ficou incendiado de luz. Os homens estavam longe demais para que Feir reconhecesse rostos, mas o Talento de cada um deles chamejava, eram tão singulares quanto os padrões de sua íris. Feir conhecia aqueles homens. Eram seis dos magos mais poderosos de Sho'cendi. Sabia por que eles tinham vindo.

Sem dúvida os desgraçados acreditavam que Curoch pertencia a eles. Mas eram capazes de usar a espada; ele, não. Se levasse Curoch e jurasse entregá-la condicionalmente, qualquer um daqueles poderia incinerar todo o exército khalidori. Feir não tinha a língua melíflua de Solon, mas com Curoch na mão sua língua de chumbo poderia servir muito bem.

Por isso cavalgou diretamente na direção dos irmãos num cavalo que pegou emprestado com os Nile, rezando para chegar antes que os exércitos cerrassem fileiras. Se os alcançasse a tempo, Cenária poderia vencer sem perder um único

homem.

O caminho o levou a uma ravina fora das vistas dos magos, e ali esbarrou imediatamente em batedores khalidori. Seu cavalo foi morto por um arqueiro e depois os lanceiros vieram em sua direção.

Enquanto lutava com o último cavaleiro, tentou entrar na linha de visão dos magos. Deuses! Eles estavam a apenas 100 passos de distância. Se vissem Feir, nem mesmo mil sa'ceurai poderiam ficar entre aqueles seis magos e Curoch.

Os sa'ceurai não deixariam Feir romper suas fileiras. Eram disciplinados demais. O que faziam era avaliá-lo pelo modo como ele lutava, e os sa'ceurai tinham ideias muito específicas sobre como alguém deveria lutar.

O Caminho da Espada tinha noções peculiares com relação a lutar. Implicava presumir que você iria morrer toda vez que fosse para a batalha e desdenhasse a morte, desde que morresse com honra. O melhor modo de golpear um inimigo era na fração de segundo antes de ele desferir um golpe mortal.

Para o modo de pensar de Feir, isso era bom e prático quando as margens eram pequenas. Se você se preocupasse demais em ser ferido, jamais enfrentaria o dano necessário para matar os melhores. Isso faria com que você hesitasse. Se você hesitasse, morreria e, pior, para a mente ceurana, perderia.

Não era fácil matar três cavaleiros. Um cavaleiro veterano valia dez soldados de infantaria. Mas um mago a pé não era apenas um soldado de infantaria, e Feir não tivera escrúpulo quanto a usar magia para matar os três primeiros. Sabia que podia matar o último khalidori que o atacava, mas o modo de fazer lhe escapava. Que impressão gostaria de deixar para aqueles senhores da espada? Para um ceurano, combate era comunicação. Um homem podia enganar com as palavras, mas seu corpo falava a verdade.

Embainhou Curoch – esse era outro problema em que pensaria mais tarde – e correu na direção do cavaleiro pelo lado da lança. Na batalha o sujeito se contentaria em deixar seu pônei montanhês derrubar Feir, mas agora Feir tinha certeza de que o guerreiro tentaria matá-lo pessoalmente. E... pronto!

O sujeito se inclinou de lado e nivelou sua lança de freixo de 3 metros. Feir saltou no ar. Não foi um salto grande, mas o khalidori estava montado num pônei de montanha de 12 palmos de altura, e não num volumoso corcel alitaerano de 18 palmos. O chute lateral de Feir em pleno voo passou por cima da lança e seu pé acertou o rosto do khalidori.

Feir percebeu duas coisas no ponto de impacto: primeiro, os aldeões ceuranos que tinham inventado um chute para derrubar cavaleiros provavelmente não tentavam fazer isso quando o cavalo estava galopando; segundo, algo estalou, e não foi o pescoço do khalidori.

Feir despencou no chão. Quando se levantou, seu tornozelo doía e pontos

pretos pipocaram diante de seus olhos. Mas não podia revelar sua fraqueza, não na frente dos sa'ceurai. Ao mesmo tempo que se levantava, eles fecharam o círculo. Um deles verificou o khalidori, com uma faca sacada para despachá-lo, mas o sujeito já estava morto.

Feir ficou parado num silêncio ativo, os braços musculosos cruzados, mas seu coração estava frio. Havia mais uma curva entre ele e os magos na colina. Se pudesse se mover 10 passos e sacar seu Talento, eles iriam vê-lo. Mas não podia se mover 10 passos. Não podia se mover nem mesmo 5.

Fora do círculo de espadas desembainhadas e flechas nos arcos, um homem verificava cada um dos cadáveres. Por todo o seu cabelo havia mechas amarradas, cortadas de seus oponentes mortos. A maioria estava amarrada nas duas pontas – os sa'ceurai que ele havia matado –, mas outras eram amarradas apenas no seu cabelo: estrangeiros. O círculo de ferro se abriu e Lantano Garuwashi olhou para Feir.

– Você é tão alto e luta tão bem quanto um nephilim, mas nem chegou a sangrar sua espada com esses cães. Quem é você, gigante? – perguntou Lantano Garuwashi.

Um nephilim? Feir rachou o cérebro procurando tudo que sabia sobre Ceura. Felizmente era uma boa quantidade de coisas. A maioria dos mestres espadachins aprendia muito sobre Ceura, já que um bom número de treinadores era formado por ceuranos exilados que tinham servido no lado errado de alguma das suas guerras incessantes. Mas um nephilim? O Caminho da Espada. Os primeiros homens feitos de... ferro? A alma de um homem em sua espada...

Não posso lutar! Estou aleijado! Lantano Garuwashi me viu lutar e agora vai querer provar que é maior do que esse “gigante”.

Era isso! Esses eram os heróis e os grandes homens de antigamente. Os nephilim eram filhos de mulheres mortais com os filhos dos deuses. Ou seria do Deus? Ah, diabo, ele não conseguia se lembrar se os ceuranos eram politeístas. Bom, teria que ser religiosamente obscuro.

– Não tenha medo – disse Feir.

Viu a consternação ondular por aqueles rostos de ferro. Quem dizia para Lantano Garuwashi não ter medo? Feir achou que, se ia blefar, seria melhor enfiar totalmente a lâmina.

Por falar em lâminas... talvez agora fosse a hora de Curoch fazer seu truque. Parte da magia latente de Curoch era que ela assumiria qualquer forma de espada que seu dono desejasse. Partes dela nunca mudavam, mas uma quantidade suficiente poderia ajudar Feir em seu papel subitamente concebido de Mensageiro Divino. Tinha lido descrições de uma espada ceurana que serviria muito bem, por isso desejou que Curoch assumisse a forma correta.

É só isso que preciso fazer?

Desembainhou a espada lentamente e manteve o olhar no rosto de Lantano

Garuwashi até que ele olhou para baixo. Por todo o círculo, os olhos se arregalavam, homens ofegavam, queixos caíam – dentre aqueles homens, a elite de Lantano Garuwashi!

Feir acompanhou os olhares deles. Curoch não somente havia entendido o tipo de espada que Feir queria imitar – ela conhecia a espada. Feir imaginara que uma espada “com os fogos do céu ao longo da lâmina” significava os padrões do aço exótico ou uma gravação imitando fogo. Outra tradução era “com o fogo do céu dentro da lâmina”. Curoch havia assumido essa última abordagem.

Dois dragões, agora Feir não precisou olhar para saber que eram gêmeos, um sutilmente diferente do outro, estavam gravados dos dois lados da lâmina, perto do cabo. Cada um soltava fogo em direção à ponta da lâmina. Mas não era um desenho de fogo. Era fogo dentro da espada. Onde o fogo ardia, e por vários centímetros além, a lâmina da espada ficava transparente como vidro. Era como se Feir estivesse segurando uma barra de chamas. A espada mantinha um comprimento constante, mas o fogo dentro dela crescia e diminuía de tamanho dependendo... Feir não sabia de que ele dependia, mas nesse momento os dragões chamejavam o fogo até a ponta da espada, um metro a partir do punho.

Feir quisera impressionar, mas a expressão dos sa'ceurai estava mais próxima da adoração. Mal pôde afastar o espanto do próprio rosto antes que os olhares comesçassem a se virar de volta para ele.

Lantano Garuwashi parecia ter sido esfaqueado pelo medo pela primeira vez na vida. Então aquilo desapareceu, e sumiu de todos os seus homens, só que ele parecia com raiva.

– Por que um nephilim está com Ceur'caelestos?

A Espada do Céu. Feir teve uma suspeita súbita de que Curoch tinha se tornado essa arma específica com facilidade de mais. Era como se soubesse como deveria parecer.

E se ela não estiver fingindo que é Ceur'caelestos? E se ela for a Ceur'caelestos? Não fiz uma espada impressionante. Fiz o artefato mais sagrado que essas pessoas conhecem. Como posso sair mancando agora?

Não importava. Era tarde demais para parar.

– Sou um mero servidor. Trago uma mensagem para você, Lantano Garuwashi, caso seja suficientemente sa'ceurai para aceitá-la. – Feir temperou sua voz com magia, alterou-a, acrescentou ressonância e profundidade dignas de uma voz divina. – Este caminho está à sua frente. Lute contra Khalidor e se torne um grande rei.

Não era a mensagem mais fantástica para um deus, mas era suficientemente curta para que a falta de eloquência de Feir não ficasse evidente. Com os tons e o volume acrescentados, achou que estava respeitavelmente inspiradora de reverência.

Mas Garuwashi não pareceu reverente. Feir viu seu erro tarde demais. Por que

tinha oferecido esse prêmio específico? Tinha dito que Garuwashi seria rei, mas isso era impossível para o filho de um plebeu. A espada de Garuwashi era de aço simples, uma coisa golpeada, triste, que ele segurava com orgulho feroz porque era uma vergonha profunda para ele.

Uma espada de ferro jamais governaria. Não havia como trocar de espadas. A alma de um sa'ceurai era sua espada. Para os ceuranos isso não era abstração. Era fato.

Aquele pedaço de ferro afiado e triste comprovava nitidamente a mentira de Feir. Garuwashi apertou sua alma com mais força e a ponta da espada se ergueu em desafio. No círculo ao redor, os sa'ceurai continuavam segurando suas armas, mas os arcos não estavam mais retesados e as espadas tinham sido esquecidas. Parecia que esse momento estava gravado para sempre na mente dos sa'ceurai. Seu Senhor da Guerra, o maior sa'ceurai de todos os tempos, enfrentando um nephilim que segurava uma espada saída das lendas – e seu Lantano Garuwashi não demonstrava sequer um fiapo de medo.

– Se eu sou suficientemente sa'ceurai? – perguntou Lantano Garuwashi. – Prefiro morrer a aceitar a zombaria, até mesmo a zombaria dos deuses. Sou suficientemente sa'ceurai para morrer pela Espada do Céu. Serei suficientemente sa'ceurai para matar o mensageiro dos deuses.

Então atacou com a velocidade que o havia tornado uma lenda.

Feir não podia lutar. Lutar com aquele homem tendo apenas uma perna seria suicídio. Bloqueou o primeiro ataque de Garuwashi e depois estendeu a magia e puxou o sujeito em sua direção.

O ceurano voou para ele e os dois se comprimiram, espadas cruzadas, rostos separados por centímetros. Curoch – ou Ceur'caelestos, o que quer que fosse – chamejou. Os dragões soltaram fogo pela ponta da lâmina.

O único pensamento de Feir era que seus braços deviam ser mais fortes do que os de Garuwashi. Se o sujeito ficasse longe, mataria Feir, mas Feir tinha uma chance num combate de perto. Porém, antes que qualquer um dos dois pudesse se mover, uma luz começou a brotar ao longe. Deve ter demorado apenas um segundo, mas durante esse segundo pareceu que todo o treinamento marcial dos dois os havia abandonado. Ambos ficaram meramente fazendo força para desequilibrar o outro, cada qual tentando ignorar aquilo que queriam desesperadamente olhar. Feir não tinha feito nada – talvez Curoch estivesse reagindo à magia que ele tinha usado para puxar Garuwashi. A espada de Garuwashi ficou vermelha e depois branca. Queimava mais brilhante do que Curoch.

Então ela explodiu.

Em termos de explosão, foi fraca, mas implacável. Nenhum fragmento de espada queimando atravessou a carne de Feir, mas também não havia como conter

aquela força. Ele foi jogado para trás em cambalhotas e parou de bruços, a uns 5 metros de distância. Tentou se levantar, mas a dor no tornozelo o golpeou com tanta violência que ele soube que desmaiaria se fizesse isso. Ficou de joelhos. Olhou para cima do morro e absorveu o máximo de poder que conseguiu sustentar.

Olhe, Lucius, seu desgraçado! Olhe! Ainda estava escondido pelas árvores, mas se um dos videntes olhasse, iria vê-lo.

A 10 metros de distância, Lantano Garuwashi se levantou. Impossivelmente, estava segurando sua espada – não, não era sua espada. Sua espada havia sumido, desaparecido, nem restavam fragmentos fumegantes. Com uma expressão de espanto absoluto, ele segurava Ceur’caelestos e ela parecia perfeita, como se Lantano Garuwashi tivesse nascido para ela e a espada tivesse sido feita mil anos antes tendo em mente Lantano Garuwashi.

Se antes os sa’ceurai estavam atônitos, agora se encontravam aparvalhados. Ajoelharam-se como Feir estava.

– Os deuses deram uma nova espada a Lantano Garuwashi – disse um deles.

Os deuses tinham dado uma alma nova a Lantano Garuwashi, uma alma de lenda, uma alma de rei. Em todos os olhares, Feir viu que os homens aprovavam. Sabiam. Tinham servido a Lantano Garuwashi antes de ele se tornar O Lantano Garuwashi, o rei Lantano. Antes de ter desafiado e humilhado um nephilim.

Agora Feir estava de joelhos, incapaz de se levantar. Os olhos de Lantano Garuwashi chamejavam com o destino enquanto ele olhava o gigante.

– De fato, é como os deuses anteviram. Ceur’caelestos é sua – disse Feir.

O que mais poderia dizer?

Lantano Garuwashi encostou a lâmina no queixo de Feir.

– Nephilim, mensageiro e servidor dos deuses, você tem o rosto de um alitaerano, mas luta e fala como somente os sa’ceurai conseguem. Gostaria de que você me servisse.

Ou você pode morrer.

Feir não precisava de nenhum nephilim dos deuses para saber seu destino. Olhou morro acima e não veio nenhuma ajuda. Não ficou surpreso; já sabia o que iria ser para sempre: o Homem Pequeno que Servia a Grandes Homens. Seria para sempre O Homem que Perdeu Curoch. Baixou a cabeça, derrotado.

– Eu... eu servirei.



A 400 passos dali, Agon ouviu a explosão e virou a cabeça rapidamente, tentando localizar a origem do som. O exército khalidori estava acampado a oeste, mas nenhum daqueles soldados distantes reagiu como se a explosão tivesse vindo de lá. Olhou para seu capitão.

– Vou mandar um mensageiro a lorde Graesin – disse o capitão.

A rainha tinha posto seu irmão mais novo, Luc, encarregado dos batedores. Achava que precisava dar alguma responsabilidade ao jovem cretino, e esta seria uma tarefa em que ele não poderia fazer besteira. O rapaz de 17 anos tinha decidido que todos os batedores só prestariam contas a ele. Só depois de os batedores lhe darem as informações eles poderiam ir aos senhores.

Combinado com todo o resto, isso resultou em muitos xingamentos por parte dos oficiais de Agon. Nenhum deles verbalizou os temores. Não era necessário. Cada veterano sabia que iriam para a batalha com um exército cru. Chamar aquilo de exército era um exagero. As unidades não tinham treinado juntas o suficiente para agir de modo coerente. Senhores diferentes tinham sinais diferentes, e no aperto e na cacofonia da batalha as vozes frequentemente não eram distintas. Um oficial não poderia dar um sinal de mão para o oficial seguinte na linha, para repassar as ordens do general ou mesmo reagir a uma situação nova. Isso, junto com o posicionamento das unidades feito pela rainha, fazia cada veterano trincar os dentes.

Agon tinha sorte em comandar ao menos os seus mil homens. Só os tinha porque o duque Logan Gyre havia gastado todo o seu capital político pedindo – e os homens que haviam servido anteriormente sob o comando de Agon ameaçavam se amotinar caso ele não os liderasse.

Assim, Agon tinha um décimo do exército cenário. A rainha havia lhe dado o centro da linha, mas fingia que essa honra era para o nobre estacionado ao lado de Agon.

– Esqueça – disse ele. – A batalha vai terminar antes de termos notícias de algum batedor. Como estão os homens?

– Prontos, lorde gen... meu senhor – disse o capitão.

Agon olhou para o céu que ia clareando. Seria o tipo de dia bom para ser passado junto de uma lareira, com ootai ou conhaque. Nuvens escuras encobriam o sol nascente, estendendo a escuridão para o dia e adiando a batalha inevitável. A

planície, que na verdade era uma dúzia de fazendas, estava despida. A colheita de trigo tinha sido feita e as ovelhas levadas para os pastos de inverno. Muros baixos, de pedra, se entrecruzavam no campo de batalha.

Seria um lugar confuso, escorregadio, desajeitado para lutar. Isso era uma bênção e ao mesmo tempo uma maldição. Com os muros e a lama, a pesada cavalaria khalidori ficaria cautelosa e lenta. Fazer um cavalo com armadura pesada carregando um homem com armadura pesada saltar um muro em terreno lamacento era um bom modo de matar os dois. Por outro lado, isso também tornaria os homens de Agon mais lentos, o que significava dar aos bruxos khalidori mais tempo para disparar fogo e raios.

Agon guiou o cavalo diante de sua infantaria e de seus arqueiros. Não tinha cavaleiros, a não ser seus guardas do Sa'kagé e os caçadores de bruxos.

Depois de ouvir Logan discursar na noite anterior, Agon soube que, se o rapaz estivesse ali agora, faria com que esses homens se vissem como parte de uma sensação vasta e boa. Logan teria dado a cada um deles um coração de herói. Sob o comando dele, os homens não hesitariam um segundo em dar a vida. Os que sobrevivessem, mesmo que ficassem mutilados pelo resto dos dias, iriam se considerar abençoados por compartilhar o campo com ele. Agon não era assim.

– Sou um homem simples – disse ao grupo enfileirado para enfrentar os horrores da magia e da morte. – E só tenho palavras simples para lhes dar. A maior parte de vocês lutou comigo antes. – *Deuses, aquilo eram lágrimas?* Piscou para afastá-las. – Fico honrado porque vocês me permitem comandá-los de novo. Esta luta não será fácil. Vocês sabem. Mas lutamos contra um mal que não pode vencer. Está por nossa conta impedir esse mal, e hoje é nossa única chance.

Respirou fundo antes de continuar:

– Homens, serei retirado do comando se vencermos. Portanto, se fizerem o que vou pedir, vocês podem ser punidos. Mesmo assim, eu pedirei. O duque Gyre recebeu a... honra de comandar a primeira carga. – Diante disso, houve um burburinho entre os homens. Sabiam o que a rainha esperava. Agon levantou uma das mãos. – Se ele sobreviver à primeira carga, peço que o guardem com sua própria vida.

Agon não ousava dizer mais nada. Se vencessem, sem dúvida a rainha saberia tudo que ele dissera. Seus homens ficaram sérios e obedientes, preparados. Agon desejou ser o tipo de líder que os deixava gritando em comemoração e com olhos ferozes, mas, para esses homens, isto serviria.

Cavalgou até os nobres que se reuniam para receber as instruções de último minuto – não que pretendesse obedecer a elas. Agon tinha pensado por um longo tempo sobre como atacar uma força que incluía bruxos, e achava que tinha

imaginado uma estratégia melhor do que qualquer um daqueles pavões seria capaz de criar. Isso o levou uma última vez para perto de Logan.

– Meu lorde – disse Agon.

Logan sorriu.

– General. – Ele parecia vistoso com a armadura de família, apesar de terem sido necessárias algumas alterações para garantir que não ficasse frouxa em seu corpo ossudo.

Agon lutou para encontrar as palavras.

– Senhor – disse. – O senhor sempre será meu rei.

Logan pôs as mãos nos ombros do general e o olhou nos olhos. Não disse nada, mas seu rosto revelava tudo. Então uma sethi montada a cavalo saiu da linha. Agon não a reconheceu. Ela estava com armadura, uma espada na cintura e segurando uma lança.

– Meu senhor – disse ela, dirigindo-se a Logan. – Capitã Kaldrosa Wyn. Chegamos.

– “Chegamos”? – perguntou Logan.

Ela levantou uma das mãos e as fileiras de homens se dividiram curiosamente enquanto trinta mulheres, usando armaduras como Kaldrosa, passavam, cada uma puxando um cavalo. Nem todas eram bonitas e nem todas eram jovens, mas todas eram membros da Ordem da União.

– O que você acha que está fazendo? – indagou Logan.

– Viemos lutar. Todas queriam vir, mas eu limitei o grupo às mulheres que tinham alguma experiência em combate. Somos piratas, guardas mercantes, lutadoras de arena e arqueiras. Somos suas. O senhor nos deu vida nova. Não deixaremos que jogue a sua fora.

– Onde conseguiram as armas?

– As mulheres que não podem lutar ajudaram – respondeu a capitã Wyn.

– E trinta cavalos?

– Mama K – adivinhou Agon, com uma carranca.

– Sim – ressoou a voz de Mama K atrás deles. Graças aos deuses, pelo menos ela não estava armada. – Duque Gyre, seu administrador encontrou alguns ótimos cavalos de batalha que de algum modo os auditores da rainha... não viram. O senhor vai descobrir que essas damas estão ansiosas para aceitar quaisquer ordens.

– Essas mulheres não são... – Logan parou. Não iria insultá-las. Baixou a voz. – Elas serão trucidadas.

– Mama K não nos pediu para fazer isso – disse Kaldrosa Wyn. – Disse que somos idiotas. Mas não seremos dissuadidas. Senhor, ontem o senhor extirpou nossa ignomínia. Deu-nos honra. Ela ainda é frágil. Por favor, não a tire de nós.

– O que está acontecendo aqui? O que essas putas estão fazendo na frente do

meu exército? – gritou Terah Graesin, puxando as rédeas do cavalo num gesto maligno, perto de Agon.

– Elas vão lutar pela senhora – respondeu Agon. – E não há absolutamente nada que a senhora possa fazer a respeito.

– Ah, não posso, é? – perguntou Terah.

– Não. Sabe por quê? Por causa daquilo.

Agon apontou. Às primeiras luzes nevoentas do amanhecer o exército khalidori estava avançando.



O fedor quente no ar foi diminuindo enquanto Kylar e Vi subiam da Bocarra para o castelo de Cenária. Até mesmo a presença de Khali parecia menos pesada. Ele havia caminhado por aqueles salões apenas quatro meses antes, percorrido alguns dos mesmos corredores a fim de matar Roth Ursuul. Mas desta vez usou uma estratégia diferente.

Os khalidori deviam conhecer todos os segredos do castelo agora: as passagens dos fundos e as paredes falsas, os buracos de vigia e as portas ocultas. Desta vez não haveria como pegar os túneis direto para a sala do trono. Mas, tão longe assim da sala do trono e dos aposentos do rei, os túneis eram mais seguros para Vi, que não podia ficar invisível. Assim, uma hora antes do alvorecer, eles entraram nas passagens e se moveram em silêncio.

Kylar não achava que os soldados khalidori descobrissem sua vinda. Logo, a presença deles só significava que, com a aproximação de uma batalha, Garoth Ursuul queria mais segurança. O número de soldados o preocupava. Com uma batalha chegando, um comandante comum deixaria apenas um pequeno grupo no castelo.

Os aposentos do rei ficavam na ala oeste. Kylar e Vi saíram dos túneis numa sala de serviço vazia, na base da última escada antes dos apartamentos do rei. Kylar enfiou a cabeça no corredor.

A porta do quarto do rei ficava no final de uma passagem comprida e larga. Dois montanhese com lanças montavam guarda junto à porta. Além das numerosas portas para salas de serviçais, o corredor não oferecia qualquer cobertura. De novo, pensou Kylar, isso não era problema para ele, mas era uma complicação séria para Vi. Talvez ele não a devesse ter trazido. Mama K achava que ele precisaria dela, mas estava começando a parecer que Vi apenas iria atrasá-lo. Ele precisaria neutralizar os dois guardas sozinho. Isso era possível, mas cada um tinha uma corda de sino para dar o alarme. Kylar não duvidava de que poderia matar ambos, mas

matar ambos e ainda afastá-los das cordas?

Voltando para a sala, Kylar disse:

– Por que você não espera aqui até que eles...

Vi estava sem blusa, desdobrando um vestido que tinha tirado da mochila. Kylar ficou boquiaberto, imóvel. Quando seus olhos finalmente subiram, a expressão de Vi era perfeitamente casual. Ele virou a cabeça, ruborizando. Uma mochila o acertou na barriga.

– Pegue o corpete, está bem? – disse Vi.

Ele tirou o corpete da mochila e o entregou, enquanto Vi se enfiava num justo vestido de serviçal. Ela se inclinou e puxou a parte de baixo de seu uniforme, de modo a não aparecer por baixo do vestido, de novo olhando Kylar. Ele tossiu.

Ela pegou o corpete.

– Sério, Kylar, pare de bancar o virgem... – *Virgem!* Como ele odiava essa palavra! – Tenho certeza de que não é a primeira vez que você vê uma mulher nua.

Na verdade era, mas Kylar preferiria morrer antes de admitir isso a Vi. Elene nunca o tinha deixado ver seus seios, mas nem sempre impedira que as mãos dele se desviassem para aquele território divino. Ela sempre quisera guardar tudo que podia para quando se casassem de verdade. Fora tremendamente frustrante, mas, enquanto Vi amarrava o corpete e ajustava o decote, foi diferente. Para Vi, mostrar os seios não era nada. Ela nem se virou enquanto ajustava cada seio dentro do corpete e puxava para um lado e para outro com o objetivo de mostrá-los com maior vantagem. Kylar achava que os seios de Elene eram perfeitos, mas os de Vi eram bem maiores. Não era possível olhá-la e não notar seus seios. Isso automaticamente a tornava uma entidade sexual. E no entanto... e no entanto, para ela, eram somente peitos. Ferramentas.

Elene era menos explicitamente sexual, talvez menos sexual, e ponto. Mas havia algo barato na sexualidade de Vi, algo que dizia a Kylar que ela não sentia alegria naquilo. A alegria fora arrancada, fora tirada pelos amantes lascivos de sua mãe, por Hu Gibbet, pelos clientes de Mama K e pelas trepadas casuais. As emoções de Kylar passaram de excitadas a lamentosas.

Vi pegou um cesto de vime e o encheu de roupas, inclusive sua própria túnica. Embaixo da última túnica, escondeu uma adaga.

– Como estou?

A roupa parecia estranhamente familiar. Era exatamente a mesma roupa que Vi tinha usado ao tentar matá-lo.

– Puta que pariu! – exclamou ele.

Ela deu um risinho e se virou, posando para ele.

– Faz minha bunda parecer grande?

– Leve esse bundão para o corredor. Agora!

Ela riu e apoiou o cesto no quadril. Era provocante, estupenda, tentadora, e agora precisava zombar? Maldição, ele quase a havia beijado lá fora! Sem dúvida teria uma faca cravada nas costas se tivesse feito isso, mas por um segundo tinha chegado a pensar que ela queria aquilo. Vi foi saracoteando pelo corredor e os olhos dos khalidori se grudaram nela. Um deles murmurou um palavrão.

– Olá – disse Vi, parando diante do guarda à esquerda. – Sou nova aqui e estava pensando se...

Sua faca cortou tão fundo o pescoço do sujeito que quase o decapitou. Kylar quebrou o pescoço do outro com uma torção rápida e um estalo forte.

Vi olhou para onde ele estava – ou não estava, já que Kylar permanecia invisível.

– Inacreditável – disse ela. Tinha limpado a adaga e a recolocado no cesto. – Ótimo, você entra depois de dez segundos ou assim que ouvir minha voz. Se o Deus-rei acordar, vou distraí-lo e você o mata. Se ele continuar dormindo, eu acabo com ele.

Ela abriu a porta devagar e silenciosamente, e entrou. Saiu instantes depois. Seu rosto estava pálido.

– Ele não está aqui – disse.

– O que há de errado? – Kylar tentou passar por ela, mas Vi o impediu.

– Você não quer entrar aí.

Ele a empurrou e passou. A sala estava cheia de mulheres. Estavam imobilizadas, como estátuas em várias poses. Uma, de quatro, nua, sustentava uma placa de vidro nas costas, formando uma mesa. Outra, uma nobre alta que Kylar reconheceu, mas cujo nome não se lembrou, estava nas pontas dos pés, esticando-se de modo sedutor, um braço e uma perna enrolados num poste da enorme cama de dossel do Deus-rei. Chellene lo-Gyre estava sentada, com as pernas cruzadas e de camisola, numa cadeira de espaldar alto. Kylar não sabia nada sobre ela, a não ser sua fama de ter temperamento feroz. A expressão dela mostrava isso, assim como os cabelos desgrehados e a tensão nos músculos esguios. A maior parte das mulheres estava nua, o resto usava pouca coisa. Duas, de joelhos, seguravam uma bacia para lavar o rosto. Duas outras seguravam um espelho. Uma estava algemada à parede, com uma echarpe em volta do pescoço. A respiração de Kylar parou.

Era Serah Drake. Como todas, não estava imóvel como uma estátua. *Era* uma estátua. Kylar tocou o rosto dela, tocou os lábios que havia beijado. Eram macios como carne viva mas frios, e não existia vida em seus olhos abertos e brilhantes. Sua carne – a carne de todas as mulheres – tinha sido imobilizada com alguma magia, depois deixada ali. Como arte.

Por baixo da echarpe, Kylar reparou nos hematomas que envolviam o pescoço de Serah. Desviou o olhar. Havia dois modos de morrer enforcada: se a pessoa

caísse de uma distância suficiente, seu pescoço se partia e ela morria depressa; caso contrário, era estrangulada devagar. Serah tinha morrido do modo mais difícil.

Ele se afastou, mas para onde seus olhos se viravam, via algum detalhe medonho. As mulheres usavam braceletes escondendo pulsos cortados; camisolas escondiam corações perfurados; as que usavam mais roupa eram para esconder as imperfeições da taxidermia: as que tinham se jogado das sacadas e agora tinham calombos onde não deveria existir nenhum.

Kylar cambaleou feito bêbado. Precisava de ar. Ia vomitar. Saiu bruscamente para a ampla sacada do Deus-rei. Ela estava sentada no corrimão de pedra, os pés enganchados nas balaustradas para se equilibrar, inclinando-se para trás, nua, com uma camisola na mão agitando-se ao vento como uma bandeira. Mags.

Kylar gritou. O Talento vazou através de sua fúria e o grito reverberou pelo castelo, ecoando no pátio lá embaixo. Toda a vida no castelo parou. Kylar não notou, nem notou o ka'kari correndo por cima da pele, a face do julgamento cobrindo sua angústia.

Bateu com a palma da mão no corrimão de pedra. Depois levantou Mags e a carregou de volta para dentro. A sensação da pele, tão parecida com pele viva, era obscena. Mas os membros dela estavam imobilizados. Colocou-a na cama, depois arrancou os parafusos que prendiam Serah Drake à parede. Deitou Serah ao lado da irmã. Enquanto as cobria, viu que o pé direito de cada jovem estava assinado numa letra cheia de bolhas, como se os cadáveres fossem arte: Trudana Jadwin.

Vi estava com os olhos arregalados e enormes, o olhar indo dele para o corrimão de 15 centímetros de pedra despedaçado.

– Puta que pariu – sussurrou ela. – Kylar, é você?

Ele assentiu rigidamente. Queria tirar a máscara do julgamento, mas não podia. Precisava dela agora.

– Verifiquei os quartos das concubinas – disse Vi. – Nada. Ele já deve estar na sala do trono.

O estômago de Kylar deu uma cambalhota. Ele se sacudiu involuntariamente.

– O que foi? – perguntou Vi.

– Lembranças ruins. Foda-se. Vamos.

O amanhecer estava chegando. Ao matar os dois guardas, eles tinham delimitado seu tempo. Alguém verificaria logo o posto dos homens – provavelmente ao alvorecer. O tempo do exército cenário também já estava acabando. A batalha começaria logo, junto com as surpresas malignas. Se Logan quisesse a chance de se tornar rei, Kylar precisava lhe dar uma vitória. Matar Garoth Ursuul mutilaria os khalidori.

Caminharam ousadamente pelos corredores, Vi em seu uniforme de serviçal e Kylar invisível, mas saltando de porta em porta como se não estivesse, para o caso

de algum meister estar andando pelos corredores. Quando chegaram ao último corredor, passaram por seis dos maiores montanhesees que Kylar já vira. Kylar se enfiou atrás de algumas estátuas ao ver que os montanhesees estavam acompanhados por dois vürdmeisters. O mais curioso de tudo: a proteção parecia ser para uma mulher – aparentemente uma concubina ou esposa do Deus-rei – totalmente envolta em mantos e véus de modo que nem um centímetro da pele ficava exposta.

Quando Kylar sacou suas facas para matá-los, Vi pôs a mão em seu braço. Ele virou o olho do julgamento para ela, que se encolheu, mas estava certa. Uma luta ali era uma distração que poderia atrapalhar toda a missão, e não havia nada que pudesse impedir Kylar de matar Garoth Ursuul.

O estômago de Kylar se revirava. Não se acalmou nem quando o grupo virou uma esquina e desapareceu. Era o mesmo corredor onde ele estivera com Elene e Uly quando morreu pela primeira vez.

Acalmou-se. Garoth Ursuul era muito mais poderoso do que Roth Ursuul, mas agora Kylar também detinha mais poder. Era mais confiante. Na época anterior, tinha sido um garoto tentando provar que era homem, agora era um homem fazendo uma escolha, sabendo o que ela poderia custar.

Deu um sorriso imprudente.

– E então, Vi, pronta para matar um deus?



Os homens estavam no cume de um morro ao sul do campo de batalha: seis dos mais poderosos magos sa'ceuranos. Suas roupas não revelavam nada disso. Cada um vestia roupas simples de comerciantes de sua pátria: quatro alitaeranos, um waeddryni e um modaini. Seus fortes cavalos de carga tinham até mesmo uma quantidade respeitável de mercadorias. Se as montarias eram um pouco melhores do que as da maior parte dos mercadores, não eram boas a ponto de atrair comentários. Mas se as roupas dos homens não revelavam quem eles eram, sua postura, sim. Aqueles eram homens que pisavam a terra com a segurança de deuses.

– Isso não vai ser bonito – disse o modaini. Antoninus Wervel era um sujeito baixo e atarracado com nariz bulboso, vermelho, e uma franja de cabelos castanhos penteados por cima da careca lustrosa. Ao estilo modaini, usava kajal em volta dos olhos e tinha escurecido e aumentado o tamanho das sobrancelhas. Isso lhe dava um ar sinistro. – Quantos meisters você acha que eles têm? – perguntou a um dos gêmeos alitaeranos, Caedan.

O rapaz desengonçado se remexeu. Caedan era um dos dois videntes do grupo, e deveria estar vigiando.

– Desculpe, desculpe. Eu só estava... Todos os guarda-costas daquele homem são mulheres?

– Certamente não.

– São, sim – disse lorde Lucius. Ele era o líder da expedição e o outro, vidente. Mas estava mais interessado no lado oposto. – Os khalidori têm pelo menos dez meisters, provavelmente vinte. Estão perto uns dos outros.

– Lorde Lucius – disse Caedan timidamente. – Acho que eles têm seis vürdmeisters, mais atrás, no meio. Parece que estão reunidos em volta de alguma coisa, mas não dá para ver o que é.

O atarracado bufou.

– Quantos Tocados lutam por Cenária? – Ele disse isso para irritar os alitaeranos. Em Modai, *tocados* significava Talentoso, e não *maluco*, como em alitaera.

Caedan não ligou.

– Há um homem e uma mulher treinados nas fileiras cenárias. Vários outros sem treino.

– E entre os guerreiros ceuranos?

– Não vi os ceuranos desde que eles passaram em volta daquela curva do caminho.

O outro jovem alitaerano, Jaedan, parecia infeliz. Era gêmeo idêntico do jovem vidente, com as mesmas feições bonitas, o mesmo cabelo preto desmazelado e dons totalmente diferentes.

– Por que eles estão bancando os idiotas? – perguntou. – Todos vimos o exército Lae’knaught vindo do sul. Cinco mil lanceiros que odeiam os khalidori mais do que qualquer coisa. Por que os cenários não esperam até que eles cheguem?

– Talvez não saibam que os Lae’knaught estão vindo – respondeu lorde Lucius.

– Ou talvez eles não venham. Podem estar esperando para ficar ao lado de quem vencer. Ou Terah Graesin pode querer toda a glória para si mesma – sugeriu Wervel.

Jaedan não podia acreditar.

– Não vamos só ficar parados aqui, vamos? Pela Luz! Os cenários serão destruídos. Vinte meisters. Podemos derrotá-los. Vou pegar três ou quatro e sei que o resto de vocês é tão bom quanto eu, ou melhor.

– Você se esquece da nossa missão, criança – disse lorde Lucius. – Não fomos mandados para lutar na guerra de ninguém. Os khalidori não são ameaça para nós...

– Os khalidori são ameaça para todo mundo! – protestou Jaedan.

– *SILÊNCIO!*

Jaedan parou de falar, mas o desafio em sua voz não se alterou nem um pouco. A linha cenária começou a se mover numa corrida lenta, permitindo que o exército, como uma fera enorme, ganhasse ímpeto.

Caedan se remexeu.

– Vocês... Algum de vocês sentiu isso? – perguntou.

– O quê? – indagou Wervel.

– Não sei. Só... não sei. Como uma explosão? Posso ver o que os ceuranos estão fazendo, lorde Lucius?

– Precisamos de nossos olhares na batalha. Assista e aprenda, criança. Temos uma rara oportunidade de ver como os khalidori lutam. Você também, Jaedan.

O exército khalidori estava formado em fileiras, com espaço para um arqueiro ao lado de cada guerreiro. Os arqueiros se prepararam, cada um deles colocando flechas no chão, onde poderiam ser apanhadas rapidamente. Na frente de todo mundo, as duplas de meisters estavam a cavalo. Para os videntes, eles reluziam.

– O que eles vão fazer, Caedan? – perguntou lorde Lucius.

– Fogo, senhor? E depois relâmpagos?

– E por quê?

– Porque isso vai fazer os cenários se cagarem de medo? Quer dizer, ah... os

efeitos sobre o moral, senhor – respondeu Caedan.

A linha cenária ainda corria à frente. Agora estava a 400 passos. O grupo sob o comando do general Agon tinha avançado até a frente e se dividido. Mas não se dividiriam simplesmente em um, dois ou mesmo três grupos. Seus poucos cavaleiros e soldados de infantaria formaram uma linha fragmentada tão longa quanto a frente cenária.

– Que diabo ele está fazendo? – perguntou um dos alitaeranos.

Por um longo momento ninguém respondeu. Ele não poderia ter esperança de romper a linha khalidori com uma fileira tão esparsa. Além disso, seu movimento deixou uma abertura no centro dos cenários. Mas, ao mesmo tempo que os homens olhavam, outro general cenário, o duque Wesseros, ordenou que seus homens penetrassem na abertura.

– É genial. Ele está minimizando suas perdas – disse Wervel.

Por um momento ninguém fez perguntas. Se havia uma coisa que os magos odiavam mais do que não entender algo, era não entender algo depois de alguém ter entendido primeiro e dado uma dica.

– O quê? – perguntou Jaedan.

– Pense como um meister, criança. Você teria vir suficiente para quê: cinco, dez bolas de fogo antes de se exaurir? Em geral você mataria de dois a cinco homens com cada bola de fogo. Com a linha tão fina, mataria um. Pode até errar completamente. Agon sabe com quem está jogando. Se a linha principal vier apoiar sua linha tarde demais, sua primeira fileira será trucidada. Mas se atacar em cinco ou dez segundos, ele terá salvado centenas e anulado o... o... efeito sobre o moral. Parece que encontramos um general que sabe como lutar contra meisters. Pode haver esperança para Cenária, afinal de contas.

A 200 passos, a linha acelerou.

Os arqueiros nas fileiras khalidori dispararam sua primeira saraivada. Duas mil flechas com penas pretas voaram. Por um longo segundo, elas escureceram um céu que já estava sombrio, lançando a sombra da morte sobre o alvorecer. Quando mergulharam de volta para a terra, enterraram as pontas farpadas na terra, em armaduras e na carne de homens e cavalos.

De novo as fileiras dispersas salvaram centenas, mas de um lado e do outro da linha cenária homens caíam sobre os campos com restos da plantação, indo de uma corrida acelerada até o descanso da morte num instante. Outros caíam feridos, pernas ou braços perfurados, e depois de um momento eram pisoteados pelos amigos e compatriotas. Cavalos perdiam cavaleiros e continuavam a trotar meramente porque os cavalos à direita e à esquerda ainda atacavam. Cavaleiros perdiam cavalos e despencavam no chão com velocidade, às vezes voando longe da sela e se levantando para correr com os colegas a pé, às vezes ficando presos na sela

e sendo esmagados sob o corpo do animal.

O exército khalidori agia como somente veteranos conseguem. Os arqueiros dispararam o máximo de flechas possíveis em segundos e depois, quando uma bandeira subiu, cada um pegou as flechas que sobravam e recuou. Havia linhas perfeitas nas fileiras para permitir que cada arqueiro voltasse para trás dos lanceiros e espadachins que iriam protegê-los da confusão. Enquanto recuavam, sem que ao menos uma ordem especial fosse dada, as fileiras de trás preenchiam as aberturas deixadas pelos arqueiros. A manobra não era nada especial, mas a velocidade com que o exército a realizava, com milhares de inimigos correndo para ele, era.

Os meisters dispararam fogo. Como seu plano original fora frustrado, alguns disparavam bolas de fogo contra os cavalos que atacavam enquanto outros, ainda esperando o efeito de inimigos correndo contra uma tempestade de fogo, faziam varrer jorros de chamas nos campos. O que normalmente partiria e desorientaria toda uma linha nos segundos cruciais antes do impacto, nem diminuiu a velocidade dos cenários.

O choque das linhas foi nitidamente audível pelos magos, mesmo estando tão longe. Homens e cavalos se empalaram em lanças e seu ímpeto os levou para dentro das fileiras khalidori. Outros se chocaram com força total contra escudos khalidori e fizeram homens cair esparramados, mas os cenários daquela primeira fila deviam ser veteranos. Na maioria dos exércitos, não importando o que os colegas dissessem, muitos homens diminuía a velocidade antes desse último impacto. A ideia de se chocar com força total contra uma linha erizada de espadas e lanças era paralisante demais para a maioria dos soldados. Esses não tinham tais dúvidas. Chocaram-se contra a linha khalidori com toda a força. Foi uma visão espantosa e temível.

Mas foram quase engolidos antes que o corpo principal da linha cenária acertasse os khalidori. O choque ondulou por toda a linha khalidori, empurrando-a uns bons 3 metros para trás.

A cavalo, os meisters disparavam fogo e relâmpagos. Atrás das linhas de frente de Cenária, arqueiros a cavalo os atacavam, cavalgando para trás e para a frente, parando, atirando flechas com arcos curtos e movendo-se. Os disparos pareciam impossíveis – um arco curto matando a 200 ou 300 passos? Caedan verificou os arqueiros de novo, mas eles não eram Talentosos, tinha certeza. Para Caedan era como olhar velas sendo apagadas uma de cada vez, enquanto os meisters tombavam das selas.

As fileiras se moveram arfando para trás e para a frente e se desintegraram em milhares de grumos de combate individual. Cavalos giravam, pisoteavam, escoiceavam e mordiam. Meisters abriam buracos incandescentes em homens, incendiavam outros, golpeavam com porretes ou espadas de pura magia, e às vezes caíam mortos, perfurados por flechas.

Em cinco minutos, dezessete dos vinte meisters estavam crivados de flechas e a linha khalidori foi se esticando no meio. O gigante cenário que tinha comandado a primeira carga parecia ser um farol de esperança. Aonde quer que ele fosse, os cenários se esforçavam para seguir. E agora ele estava pressionando para abrir caminho através de toda a linha khalidori.

Caedan murmurou um palavrão.

– De onde *eles* vieram? – perguntou.

Os magos seguiram seu olhar. Fileiras e mais fileiras de montanheses khalidori entravam em formação de cada lado do campo de batalha.

– Das cavernas – disse Wervel. – O que estão fazendo?

Os montanheses se espalharam e correram em direção aos flancos e à parte de trás da luta. Eram pelo menos quinhentos, mas não foram direto para a batalha. Não pareciam nem um pouco incomodados por estarem perdendo a vantagem da surpresa. Espalharam sua fileira, deixando-a cada vez mais fina, como se quisessem envolver toda a retaguarda da batalha.

– Senhor – disse Caedan. – Por que estão cercando o inimigo se estão em menor número? Não faz sentido.

Lorde Lucius pareceu perturbado. Estava olhando para a retaguarda da linha khalidori, onde os vürdmeisters estavam reunidos.

– O que é aquilo acorrentado entre os vürdmeisters?

– Aquilo não é um...?

– Certamente não. Eles não passam de lenda e superstição.

– Que o Deus tenha misericórdia – disse Wervel. – É.



— Não — disse Vi. — Não posso.

Kylar virou o rosto do julgamento para ela.

— Você... você não sabe como ele é. Nunca olhou nos olhos dele. Quando você se vê nos olhos dele, está encarando seu pior lado. Por favor, Kylar.

Kylar trincou os dentes. Desviou o olhar. Isso pareceu exigir um esforço consciente, mas aos poucos aquela máscara aterrorizante se dissolveu e seu próprio rosto emergiu, com os olhos ainda gelados.

— Sabe, meu mestre estava errado com relação a você. Ele estava lá quando Hu Gibbet a apresentou ao Sa'kagé. Ele me contou como você deu uma surra nos outros derramadores. Disse que, se eu não tomasse cuidado, você seria a melhor derramadora de nossa geração. Chamou você de prodígio. Disse que não haveria cinco homens no reino capazes de derrotá-la. Mas eles não precisam. Você mesma se derrotou. Durzo estava errado. Você nem está no mesmo nível que eu.

— Foda-se! Você não sabe...

— Vi, é isso que importa. Você não está comigo agora. É tudo papo furado.

Enquanto seu olhar se cravava nela, Vi sentiu-se mudando. Estava com raiva de si mesma, e dele, e de si mesma outra vez. Não poderia abandonar Kylar. Nunca tinha deixado que alguma coisa fosse mais importante do que ela própria. E agora, na cega estupidez da paixonite, era mais importante receber o respeito desse homem do que viver.

O mais enfurecedor era que isso nem era uma disputa. No entanto, sua fraqueza por Kylar a impelia contra a única pessoa que ela realmente deveria temer. Por Nysos! Era confuso demais.

— Ótimo! — Ela praticamente cuspiu. — Vire-se!

— Por quê? Quer cravar uma adaga nas minhas costas? — perguntou Kylar enquanto se virava.

— Cale a boca, seu filho da puta metido a besta. — *Ah, brilhante, Vi. Você percebe que gosta dele, então o insulta.*

Ela tirou o vestido e colocou sua túnica de derramadora. Estava sendo uma verdadeira idiota. Tinha acabado de sentir oito emoções diferentes em três segundos.

— Ótimo — disse. — Pode se virar de novo. Desculpe... antes. Eu estava esperando... — O que ela estivera esperando? Impressioná-lo? Atraí-lo? Ver o calor

do desejo naqueles olhos frios? —... chocar você.

— Você... conseguiu.

— Eu sei. — Ela não pôde evitar um sorriso. — Você não é como nenhum homem que eu já conheci, Kylar. Você tem... uma inocência.

Ele fez uma careta.

— Quando alguém já esteve onde eu estive, isso é realmente... adorável. Quer dizer, eu não sabia que os caras podiam ser como você.

Por que de repente ela não parava de falar?

— Você mal me conhece — disse Kylar.

— Eu... Merda, não é só porque existe uma lista de fatos provando que você é diferente, Kylar. Você passa uma sensação diferente.

Ela se sentia agitada. Será que ele estava sendo deliberadamente burro?

— Ah, foda-se — disse ela. — Você acha que a gente poderia dar certo?

— *O quê?* — O tom da voz dele deveria tê-la feito se calar.

— Você sabe. Você e eu. Juntos.

A incredulidade se espalhou no rosto dele e a expressão confirmou cada pensamento maldito que ela já tivera sobre si mesma.

— Não — respondeu Kylar. — Acho que não.

Não. Dava para ver que ele queria dizer: você é mercadoria estragada.

Ela se fechou.

— Certo — disse. Uma vez puta, sempre puta. — Certo. Bem, temos trabalho a fazer. Tenho um plano.

Kylar parecia à beira de dizer alguma coisa. Ela o pegara totalmente desprevenido. Merda, o que esperava?

Por Nysos, então ele olhou seus peitos. Ele é legal com você. Você ainda é a pessoa que matou o melhor amigo dele, sequestrou a filha dele e dividiu a família dele. Merda, Vi, o que você estava pensando?

— Certo — disse ela antes que ele pudesse falar alguma coisa. — Se entramos juntos, eles vão saber que é um ataque. Não temos ideia de qual é a força deles nem quantos eles são. Mas se eu entrar para informar sobre sua... bem... sobre sua morte, eles não vão suspeitar de nada. Se você entrar pela porta lateral, pode decidir quando atacar. Assim que caírem, de preferência começando pelo rei, vou lutar também, certo?

— Parece bastante débil. Mas também parece melhor do que qualquer coisa que eu pensei. Mas um ponto...

Ele deixou no ar.

— O quê? — Ela estava ansiosa para ir logo, para parar de falar, parar de fazer bobagem.

— Se ele me matar, Vi... Tire meu corpo de lá. Não deixe que eles fiquem com

meu corpo.

– Por que você se importa?

– Só faça isso.

– Por quê?

Agora ela estava jogando a frustração em cima dele. Lindo.

– Porque eu volto. Não morro de verdade.

– Você é maluco.

Ele levantou uma pequena bola preta e brilhante. Ela derreteu e envolveu sua mão como uma luva. Sua mão desapareceu. Um instante depois aquilo era uma bola de novo.

– Se Ursuul pegar isso, vai tomar meus poderes. Todos.

Ela fez uma carranca.

– Se conseguirmos sair dessa, você vai ter que responder a um monte de perguntas.

– É justo. – Kylar fez uma pausa. – Vi? É bom trabalhar com você.

Sem esperar a resposta, ele apertou a bola e desapareceu.

Vi entrou no corredor e começou a andar. Ironicamente não encontrou nenhuma patrulha até chegar aos quatro soldados que vigiavam a porta principal da sala do trono. Os homens a encararam incrédulos. Pareceram se esquecer das armas enquanto os olhos se demoravam virados exatamente para onde deveriam.

– Diga ao Deus-rei que Vi Sovari veio receber a recompensa.

– O Deus-rei não deve ser incomodado a não ser em caso de...

– Isso pode garantir minha entrada? – perguntou Vi para o homem, primeiro se inclinando até que o olhar dele estivesse fixado em seu decote e depois empurrando o queixo dele para trás com a faca que havia se materializado em sua mão.

Ele engoliu em seco.

– Sim, senhora.

O guarda abriu a grande porta dupla.

– Deus, nosso Deus dos Altos Reinos, Santidade, Vi Sovari implora para ser recebida.

O guarda ficou de lado e sinalizou para ela.

– Boa sorte – sussurrou, sorrindo com ar de desculpas.

Desgraçado. Como ele ousa ser humano?



Parado no último corredor, Kylar levou o ka'kari aos olhos. Não viu nenhum alarme mágico. Invisível, foi até a porta. As dobradiças estavam bem lubrificadas.

– Entre, entre, Viridiana – disse o Deus-rei. – Faz muito tempo. Tive medo de que precisaria desfrutar da morte de 10 mil rebeldes sozinho.

Kylar entreabriu a porta. Enquanto o sujeito absorvia a visão nitidamente impressionante de Vi usando sua versão das roupas cinzentas de derramador, Kylar entrou na sala do trono. Passou por trás de uma das enormes colunas que sustentavam o teto. A entrada de serviço que tinha usado dava perto da base dos catorze degraus que subiam ao tablado. Ursuul estava sentado no topo, em seu trono negro de vidro vulcânico.

No centro da sala enorme estava uma planície ondulada na base das montanhas. Havia figuras minúsculas de cada lado da planície, movendo-se de modo combinado. Kylar percebeu que eram exércitos em miniatura enfileirados à luz do alvorecer. Não era uma pintura nem um bordado representando uma batalha; era uma batalha. Mil e quinhentas figuras pequeninas percorriam a planície. Kylar podia até mesmo ver as bandeiras das casas nobres. As fileiras cenárias estavam se formando, seguindo... Logan? Logan estava comandando? Que loucura! Como Agon podia ter deixado o rei comandar?

A grande porta dupla se fechou atrás de Vi e o Deus-rei a chamou com um aceno. Kylar nunca vira o sujeito nem o ouvira ser descrito. Esperara alguém velho e decrepito, inchado ou com a pele flácida devido a uma vida de maldades, mas Garoth Ursuul tinha uma saúde excelente. Teria uns 50 anos, parecia ser pelo menos dez mais jovem, e apesar do corpo forte e da pele fria de um montanhês khalidori, tinha braços de lutador, rosto magro com uma barba preta brilhando de óleo e a cabeça raspada e reluzente. Parecia o tipo de homem que não somente apertaria sua mão, mas que, ao fazer isso, você encontraria calos e um aperto firme.

– Não se incomode com a batalha – disse o Deus-rei. – Você pode passar através dela; não vai prejudicar a magia, mas seja rápida. Os rebeldes estão para atacar. É minha parte predileta.

Visto através do ka’kari, Garoth Ursuul era um miasma. Rostos retorcidos, gritando, se estendiam atrás dele como uma nuvem. O assassinato era tão denso nele que bloqueava suas feições. Traições, estupros e torturas casuais envolviam seus membros. Entrelaçado em tudo isso, como uma fumaça verde e tóxica, estava o vir. De algum modo o vir se alimentava daquela escuridão e a aprofundava, e era tão poderoso que parecia preencher a sala.

Parado atrás da coluna, Kylar notou um pequeno grupo dos homens pequeninos lutando a um metro dele. Fora do campo de batalha propriamente dito, um homem grande estava para ser derrubado do cavalo por quatro lanceiros khalidori.

Só que o homem não foi derrubado. Em segundos, matou três lanceiros. Havia algo familiar nele. *Feir Cousat!*

Kylar soube que devia estar pensando num modo de se mover sem ser visto,

mas estava fascinado pelo drama que se desenvolvia em silêncio, a centímetros dele. O líder dos ceuranos, separado, avançou. Feir desembainhou uma espada que parecia uma barra de fogo. Aquilo espantou os ceuranos. Feir e o líder lutaram durante cerca de meio segundo: na primeira vez em que suas espadas se cruzaram houve um clarão de luz. O ceurano ficou com a espada.

– O que foi aquilo? – perguntou o Deus-rei.

– O quê? – retrucou Vi.

– Fora do caminho, garota.

Enquanto Feir se ajoelhava diante do ceurano, a imagem da batalha girou subitamente, colocando as fileiras khalidori na base dos degraus e as linhas cenárias perto da grande porta dupla.

Garoth bufou.

– Só alguns invasores.

Kylar levou parte do ka’kari para as pontas dos dedos, afinou-o até formar uma garra e testou-a contra a coluna. Seus dedos se afundaram nela como manteiga. Ele recuou a magia e tentou de novo, até ser capaz de cravar os dedos e se firmar. Isso ia ser divertido.

Sacudiu a cabeça. Parecia que o ka’kari não tinha limitações, o que só o deixava mais consciente das suas próprias.

Mandou parte do ka’kari para os pés e subiu pela coluna. Havia um sibilo minúsculo e um sopro de fumaça a cada passo, mas o esforço era tão pequeno quanto subir uma escada. Kylar chegou ao teto de 15 metros de altura em segundos.

Demorou mais alguns deduzindo como ajustar as garras para funcionar no teto, mas então ele estava agarrado ao alto teto em abóbada da sala do trono, o corpo escondido das vistas por um dos arcos, com apenas a cabeça invisível exposta.

O Deus-rei fez um comentário rápido para Vi.

– Não sei por que os cenários estão usando essa formação. Parece tremendamente aberta.

Kylar ficou olhando, de cabeça para baixo, enquanto as fileiras cenárias se chocavam contra a linha khalidori. A primeira fileira a acertá-la era fina. Ele se perguntou se eles teriam perdido tantos homens por causa dos arqueiros, mas a linha seguinte se chocou contra eles alguns segundos depois.

O Deus-rei xingou.

– Malditos, é brilhante. Brilhante.

– O quê? – perguntou Vi.

– Sabe por que eu fiz tudo isso, Vi?

Com o coração martelando, Kylar soltou as mãos do teto e lentamente se desenrolou, de cabeça para baixo. Sacou suas adagas, pendurado no teto pelos pés, como um morcego. Garoth Ursuul estava diretamente embaixo.

Então não havia medo, apenas uma certeza calma. Kylar se soltou.

Um dos rostos escuros que se retorciam no miasma em volta do Deus-rei gritou. Espetos preto-esverdeados do vir brotaram em todas as direções no Deus-rei. Kylar acertou um e todos explodiram.

A concussão tirou Kylar do rumo. Ele foi jogado lateralmente, errou o pouso e despencou escada abaixo. Rolou pelo patamar e pelo segundo lance. Quando parou na base da escada, sua cabeça estava zumbindo. Tentou se levantar e caiu.

– Fiz isso porque um deus precisa se divertir um pouco. Não concorda, Kylar?
– Garoth deu um sorriso de predador. Não estava surpreso. – Então, Vi, você fez o que prometeu. Matou Jarl e me trouxe Kylar.

Kylar tinha confiado nela. Como podia ter sido tão idiota? Era a segunda vez que caía numa armadilha nesta sala. Inexplicavelmente sentia-se calmo. Sentia-se mortal. Não tinha chegado tão longe para fracassar. Essa morte era seu destino.

– Não traí você, Kylar – disse Vi numa voz pequena, desesperada.

– Ah, já sei! Ele colocou um feitiço em você que a obrigou a fazer isso. Eu lhe dei uma chance, Vi. Você poderia ter sido diferente.

– Ela não traiu você – interveio o Deus-rei. – Você se traiu. – Ele pegou dois diamantes do tamanho de seu polegar. Eram os que seguravam o monstro lá embaixo. – Quem mais teria a capacidade física para pegar essas coisas, a não ser um derramador, e quem mais poderia sobreviver à magia senão o portador do ka’kari preto? Sei que você estava aqui há uma hora.

– E por que vai recompensá-la? – perguntou Kylar.

– O quê, quer que eu a mate também?

Kylar fez uma careta.

– Queria, até você mencionar a ideia.

O Deus-rei gargalhou.

– Você é órfão, não é, Kylar?

– Não.

Kylar se levantou. Sua mente clareava aos poucos e ele podia jurar que sentia o corpo se curando dos ferimentos.

– Ah, certo, os Drake. Magdalyn me contou tudo. Ela achava que você iria salvá-la. Triste. Quando você matou Hu Gibbet, me deixou realmente chateado. Por isso eu a matei.

– Mentiroso.

– Hu está morto? – perguntou Vi. Parecia absolutamente perplexa.

– Já se perguntou quem é seu pai de verdade, Kylar?

– Não – respondeu Kylar.

Tentou se mover e encontrou grossas tiras de magia em volta do corpo. Examinou-as. Eram simples, sem variação. O ka’kari iria devorá-las facilmente.

Ande, continue sorrindo, bandido.

Garoth sorriu.

– Há um motivo para eu saber que você viria, Kylar, um motivo para você ser tão extraordinariamente Talentoso. Eu sou seu pai.

– O QUÊ?

– Ah, brincadeirinha. – Garoth Ursuul gargalhou. – Não estou sendo um bom anfitrião, não é? Você veio aqui todo preparado para travar uma grande batalha, não foi?

– Acho que sim.

Garoth estava animado.

– Eu também gostaria de um pouco de aquecimento. O que acha, Kylar? Quer lutar contra um ferali?

– Não tenho escolha, tenho?

– Não.

– Bom, então, ora, eu adoraria lutar com um ferali, Garô.

– Garô? – disse o Deus-rei. – Não ouço isso há trinta anos. Antes de começarmos... – Ele se virou. – Vi, é hora da decisão. Se você me servir voluntariamente, posso recompensá-la. Eu gostaria disso. Mas você vai me servir de qualquer jeito. Você está acorrentada a mim. A compulsão não vai deixar que você me machuque. Não vai permitir que você deixe mais ninguém me machucar enquanto estiver viva também.

– Nunca vou servir a você! – disse ela.

– É justo. Então você terá que deixar a pior parte da luta para os garotos.

– Foda-se.

Garoth fez um gesto e uma porta se abriu atrás dele.

– Tats, por que não entra?

O ferali entrou arrastando os pés. Agora tinha a forma de um homem enorme, as tatuagens ainda visíveis na pele encalombada. Apesar da altura – pelo menos 2,8 metros – e dos membros grossos, Kylar viu que o ferali não era tão grande quanto uma hora antes. Porém o rosto do monstro era humano demais e parecia envergonhado.

– Ele vai ficar melhor em um instante, garanto – disse o Deus-rei. Em seguida, cravou os diamantes na coluna do ferali. O monstro gritou com uma voz que não era mais humana, e então ficou parado. Garoth o ignorou abruptamente. – Sabe por que você nunca ouviu falar num ferali? Eles são caros. Primeiro a gente precisa de diamantes. Caso contrário, não consegue controlar essas malditas coisas. Mas você já deduziu isso, não foi? Segundo, é preciso pegar um homem e torturá-lo até que não reste nada além de fúria. Geralmente são necessárias centenas de tentativas para encontrar o homem certo. Mas nem isso basta. A magia envolvida está além até

mesmo do que um Deus-rei pode fazer sem ajuda. Ela exige a intervenção direta de Khali. Isso tem um custo.

– Não entendo.

Kylar estava examinando o ferali. A criatura tinha uma grande quantidade de massa e podia mudar de forma numa velocidade absurda.

– Nem Moburu nem Tenser entendiam. Agora entendem. Desta vez eu fiz com que eles pagassem o preço. Veja bem, Khali se alimenta de sofrimento, por isso dedicamos a ela cada crueldade que pudermos inventar. Em troca, ela nos dá o vir. Mas Khali pede mais para um poder maior.

Ele sorriu de novo.

– Quando eu estava guerreando contra meus irmãos, ela se ofereceu para me ajudar a criar um ferali se eu abrigasse um Estranho. Você não é familiarizado com eles? Meu primeiro se chamava Orgulho. Foi um pequeno preço a pagar pela divindade. Infelizmente Khali não me explicou que um ferali devora a si mesmo se não receber outra carne. Só fiz outro quando meu filho Dorian me traiu, e descobri que Luxúria era um companheiro mais odioso – como Vi descobrirá, meus apetites ficam cada vez mais exóticos. Espere aí, aquela linha não está se saindo bem, está?

No campo de batalha, Logan estava pressionando a linha khalidori.

– Hummm – disse o Deus-rei. – Muito mais rápido do que eu esperava.

Ele pegou um sinalizador, que começou a relampejar em sua mão. Nas bordas do campo de batalha, milhares de tropas khalidori começaram a se aproximar dos flancos cenários. Outras fileiras se moveram para reforçar a parte da linha que estava arqueando.

Garoth não estava tentando vencer a batalha. Queria apenas cercar os cenários para soltar o ferali de Moburu contra eles. Kylar sentiu-se nauseado. O que aquilo faria com um número ilimitado de vítimas?

– Vai demorar alguns minutos antes de eles se posicionarem – disse Garoth. – Onde é que eu estava?

– Acho que estávamos na parte da luta até a morte – respondeu Kylar.

– Ah, não, não. Veja bem. – Garoth foi até o trono de vidro vulcânico e se sentou. Kylar podia vê-lo erguendo barreiras mágicas ao redor. – Deixado por conta própria, um ferali é quase desprovido de mente, mas, e essa é a parte linda, eles podem ser cavalgados. Diga: não é divertido?

– É muito mais divertido se eu puder me mexer – respondeu Kylar.

– Sabe por que me esforcei tanto para trazê-lo aqui, Kylar?

– Pelo meu senso de humor?

– Seu Devorador tem outro nome, sabia? Mantenedor. Ele cura tudo menos a morte, não é?

– Não vou ajudá-lo.

– Ah, vai, sim. Sei como partir a união. No meu cérebro há um tumor que não é natural. Está me matando, e você trouxe a única coisa que pode me salvar.

– Ele pode até ajudar a curar seu tumor – disse Kylar. – Mas sua arrogância é terminal.

Os olhos do Deus-rei relampejaram.

– Uma piada! Que inocente. Ande logo. Hora de acabar com esse negócio de “Anjo da Noite”.

– Acabar? Só estou começando.



As amarras caíram e Vi começou a lutar. Xingava constantemente, baixinho, para usar seu Talento, mas não estava com raiva. Sempre havia se achado uma cadela fria e sem coração. Tinha assumido essa identidade. Ela a havia fortalecido contra o vazio de toda noite, a falência da alma que carregava desde que podia lembrar. Com a declaração de que jamais serviria ao Deus-rei, sentia que tinha feito o primeiro depósito nesse banco, em toda a vida.

Agora estava lutando por alguma coisa. Não: por alguém, e era a primeira atitude altruísta que já tivera.

O ferali se encurvou e seus ossos se aceleraram embaixo da pele. No tempo em que Vi levou para se blindar, ele havia se tornado algo parecido com um centauro, só que em vez de o corpo ser de cavalo, era de um puma. Era mais curto e mais ágil nas quatro patas, mas tinha tronco e braços humanos. Agarrou uma lança em suas mãos humanas e saltou para Kylar, que disparou para trás de uma coluna.

Vi subiu os degraus correndo, de três em três, para atacar o Deus-rei. Ele iria descobrir como estava errado com relação à compulsão. Que Kylar lutasse contra a fera; ela iria direto à fonte.

Estava levantando a espada quando acertou a barreira que se estendia 3 metros em volta do Deus-rei. Foi como bater numa parede. Pegou-se esparramada nos degraus – devia ter rolado por parte deles sem ao menos notar. Seu nariz estava sangrando e a cabeça retinindo. Piscou na direção de Kylar.

O sujeito era incrível. Enquanto o ferali atacava com a lança apontada, Kylar esperou até o último instante e depois se atirou para a frente. Facas relampejaram enquanto ele saltava por cima da fera, cuja lança passou centímetros abaixo, inofensivamente. Mas ele não tinha acabado. Estendeu uma das mãos e, de algum modo, se enganchou na coluna de mármore, riscando-a com um talho fumegante. Enquanto o ferali girava para pegá-lo, Kylar emergiu do outro lado da coluna e voou por cima das costas do monstro, com as facas relampejando outra vez.

Kylar pousou agachado, uma das mãos no chão, a outra na espada embainhada. O ferali parou, sangrando profusamente, a pele cheia de bocas abertas nas costas de uma das mãos, de um ombro e das ancas do puma. O sangue era vermelho, humano demais, mas enquanto Vi olhava, os talhos se costuraram de novo formando cicatrizes. O ferali atirou sua lança contra o derramador. Kylar a desviou com uma

das mãos, mas o ferali já estava se movendo.

Enquanto Kylar saltava para a parede, o ferali estendeu um braço contra ele. Um segundo depois, o braço se alongou, ossos estalaram encaixando-se e uma garra enorme como uma foice cortou o ar. Kylar saltou da parede diretamente no caminho da garra. Ela o acertou jogando-o no chão.

Vi achou que Kylar estivesse morto, mas, no instante em que ele bateu no chão, a garra se soltou e foi deslizando pelo piso, para longe do ferali. De algum modo Kylar tinha conseguido sacar a espada e bloquear o golpe. O ferali, com a perna esquerda pendendo frouxa e sem ossos, parecia atônito. Ele se afundou em si mesmo, tornando-se um grande felino.

Antes que a fera pudesse avançar de novo, Vi finalmente a atacou, gritando. O monstro girou. Ela dançou fora do alcance das garras, cujas laterais tinham assumido uma blindagem de osso. Kylar se levantou de novo, mas estava cambaleando, tonto. O ferali se afastou rapidamente de Vi e encostou a barriga no chão, onde estava a garra morta.

Instantaneamente, aquela carne fazia parte do ferali outra vez. Ossos se mexeram e a criatura se levantou como um homem alto, com espadas de osso no lugar dos braços. Parecia mais confortável nesse disfarce, com músculos densos, mais rápido do que qualquer homem, boa parte da pele reforçada com armadura de placas ósseas.

Juntos, Vi e Kylar lutaram. Kylar era capaz de movimentos aéreos que Vi nem podia compreender, ricocheteando em paredes e colunas, sempre caindo de pé como um gato, sempre deixando cortes sangrentos com suas garras de aço. Vi tinha menos força, mesmo com seu Talento, mas era rápida. A criatura mudava de forma sem parar. Virou um homem magro com uma corrente viva que chicoteava ao redor da cabeça e lançava em volta das colunas, esperando que aqueles elos cheios de bocas pegassem algum dos dois. Um dos elos agarrou a manga da túnica de Kylar no meio do voo. Desequilíbrio-o e ele despencou no chão. O ferali puxou a corrente até que a espada de Vi passou no centímetro entre a pele de Kylar e a manga da túnica, livrando-o. Kylar nem hesitou. Já estava de pé, lutando.

Então o ferali se tornou um gigante com um martelo de guerra. Mármore explodiu enquanto ele golpeava com a arma enorme. Kylar e Vi corriam através da ilusão da batalha no piso da sala do trono, lutando tão desesperadamente quanto aqueles homens e mulheres lá fora.

Começaram não somente a lutar ao mesmo tempo, mas com unidade. À medida que Vi entendia os pontos fortes de Kylar, podia agir, confiando que ele reagiria de modo adequado. Eram guerreiros, eram derramadores e entendiam. Para Vi, que sempre tivera problema com palavras, a batalha era o verdadeiro diálogo.

Kylar e ela lutavam juntos – saltando, encontrando-se no ar, empurrando-se para

ir numa nova direção antes que o ferali pudesse reagir. Cada um cobria o outro, salvava a vida do outro. Kylar cortou a extremidade de uma maça feita de osso que Vi jamais poderia ter evitado. Vi disse “Graakos” – e mandíbulas ricochetearam no braço de Kylar.

Era um momento santo para ela. Nunca havia comungado com outra pessoa, jamais havia confiado tanto em outra pessoa quanto naquele instante. Ela o entendia de um modo que nem mil palavras poderiam descrever. Estavam em harmonia completa. E parecia ser algo natural.

Ao mesmo tempo, o desespero crescia dentro dela. Eles tinham cortado o ferali uma centena de vezes. Duzentas. Atacavam seu olho, sua boca. Decepavam partes do corpo. A criatura sangrava e sua massa total diminuía em uns poucos quilos, mas era só isso. Eles a cortavam e ela se curava. Mas não poderiam cometer um erro. Assim que aquela pele tocasse a deles, morreriam.

Eu também corto.

Kylar surgiu do lado de um pilar e parou. Runas reluziam no preto do ka’kari desenhadas em azul ao longo do seu braço. Ele as encarou.

– Você o quê? – perguntou.

– Não falei nada – respondeu Vi.

Seus olhos estavam voltados para o ferali, agora na forma de uma enorme aranha.

– Idiota! Como eu posso ser tão burro? – perguntou Kylar, jogando-se no chão.

Isso foi uma pergunta retórica?

O ka’kari derramou um líquido escuro de sua mão para a espada. Mas então o líquido se solidificou como uma espada fina. Kylar cortou à esquerda e à direita e patas de aranha saíram voando. Não era como cortar osso, ele as decepava como se fossem feitas de manteiga.

Desviou-se para trás e a aranha juntou as patas, mas dessa vez os cotocos continuaram sangrando. Soltavam fumaça e não permitiam que novos membros crescessem. O ferali se transformou de novo no homem com espadas no lugar dos braços, mas agora os ferimentos estavam em seu peito, ainda com sangue escorrendo e soltando fumaça. Ele rugiu e atacou Kylar.

Kylar cortou os braços-espadas, que caíram no chão. Cravou o ka’kari no peito do ferali. Com um movimento rápido, puxou-a para baixo em direção à virilha da criatura. A fumaça brotou, o sangue jorrou. Kylar puxou a espada para cima, fazendo outro corte enorme.

A pele do ferali se afastou da espada para jorrar à frente. A pele subiu correndo pela espada e engolfou a mão de Kylar.

Ele se jogou para trás, mas o ferali, agora manco, caiu para a frente com ele, preso à sua mão. Kylar moveu a espada para trás e para a frente e a fumaça jorrou

do ferali enquanto era estripado, mas não o soltou.

Kylar procurou uma adaga, mas tinha usado todas na batalha.

– Vi – gritou. – Corte fora!

Ela hesitou.

– Corte a minha mão!

Ela não podia fazer isso. A pele estremeceu de novo e subiu correndo pelo antebraço.

Kylar gritou e se retorceu. Uma lâmina de ka'kari se formou ao longo da lateral da mão esquerda e ele decepou o braço direito. Liberado do puxão do ferali agonizante, tombou para trás.

Segurou com a mão esquerda o cotoco que jorrava sangue. Um instante depois um metal preto reluzia em cada veia exposta e o sangramento parou. Uma capa preta protegeu o cotoco. Kylar olhou Vi, atônito.

A 3 metros dali, o cadáver do ferali soltava um líquido. Começou a se desfazer, com ondas de magia se desenrolando. A pele cheia de bocas ondulou e evaporou, e então tudo que restava eram tiras fedorentas de carne, tendões e ossos.

– Isso foi impressionante, Kylar – disse o Deus-rei. – Você me mostrou coisas que eu não sabia que o ka'kari podia fazer. Muito instrutivo. E Vi, você vai servir admiravelmente, e não só na minha cama.



Algo ligou dentro de Vi. Tudo mudara nos últimos dois dias. Uma nova mulher lutava para nascer – e o Deus-rei estava ali, dizendo que não. A nova Vi seria natimorta. Voltaria a ser puta. Voltaria a ser a mesma cadela fria e dura.

Tinha pensado que essa vida era a única possível para ela, por isso havia suportado o insuportável. Mas, tendo visto um modo de ser uma pessoa que ela não odiava, não podia voltar atrás.

– Ponha na sua cabeça gorda, Garô – disse ela, ao mesmo tempo que sentia as amarras mágicas envolvendo de novo seus membros e os de Kylar. – Não servirei a você.

Garoth sorriu com benevolência divina.

– As impetuosas sempre me deixam de pau duro.

– Kylar – disse Vi. – Concentre-se. Você precisa me ajudar a matar a porra desse tarado.

O Deus-rei gargalhou.

– A compulsão não permanece em todo mundo, Vi. A magia dos Nile libertaria a maior parte das pessoas. Há dezenove anos, houve uma vagabunda ceurana que eu

seduzi numa viagem diplomática. Mandeí homens pegá-la quando descobri que ela estava grávida, mas ela fugiu antes de eles chegarem. Quando descobri que ela havia tido uma menina, descartei o assunto. Em geral mando afogar minhas filhas – é um bom treino para meus garotos –, mas não valia o esforço. A compulsão, Vi, só funciona dentro da família, e às vezes não funciona nos garotos. Você...

– Você não é meu pai. É só um escroto doente que vai morrer logo. Kylar!

– Ora, Vi, não vamos ficar emotivos – disse Garoth Ursuul. – Para mim você não passa de cinco minutos de prazer e uma colherada de sêmen. Bom, não é verdade. Veja bem, Vi, você é uma derramadora em quem eu posso confiar. Nunca vai me desobedecer nem me trair.

Vi foi pega por um terror mais forte do que a magia que amarrava seus membros. Possibilidades morriam de todos os lados.

Kylar se mexeu. Seus olhos voltaram a focalizar. Ele moveu as sobrancelhas virado para ela, tentando ser charmoso. A beleza ultrajante daquilo rompeu sua paralisia. Os olhos azul-claros perguntavam: *você está comigo?*

Os dela responderam com um júbilo feroz, desesperado, que não precisava de tradução.

Baixinho, Kylar disse:

– Tire a atenção dele, que eu tiro a vida.

Ele sorriu e o resto do medo de Vi foi soprado para longe. Era um sorriso de verdade, sem desespero. Nos olhos de Kylar não existia dúvida. Qualquer obstáculo adicional – fossem amarras mágicas ou a perda de um braço – só adoçaria a vitória. Matar o Deus-rei era o destino de Kylar.

– Você não me deixa escolha – disse Garoth Ursuul. E franziu os lábios. – Filha, mate Kylar.

O ka’kari se abriu e devorou as amarras que prendiam Vi e Kylar. Vi estava se movendo, começando uma acrobacia espalhafatosa, para atrair a atenção.

Então... tudo parou.

Houve um hiato de vontade. Na mente, Vi saltava pelo ar, voando na direção do Deus-rei, com a faca baixando, o rosto dele se retorcendo num ricto de medo ao ver que seus escudos tinham sumido, enquanto ele percebia que ela havia derrotado a compulsão...

Mas isso era apenas imaginário.

Um choque de impacto subiu pelo braço de Vi. Seu pulso se flexionou como se fosse completar um corte horizontal através de um coração, mas ela não viu nada, não soube de nada, a não ser que existia um vazio.

O hiato clareou e Vi estava consciente de novo. Seus dedos se desenrolavam do cabo da faca predileta. Kylar – devagar, dolorosamente devagar – estava caindo. Tombou no chão, a cabeça fazendo um arco lento depois de sentir sua faca cravada

nas costas, o cabelo ondulando devido ao choque. Só quando ele caiu no chão, Vi percebeu que Kylar estava morto. Ela o havia matado.

– Isso, minha filha querida – disse Garoth Ursuul –, se chama compulsão.



Kylar atravessou a névoa num jorro. Num instante que pareceu desconjuntado, como se o tempo não funcionasse do mesmo modo ali, estava de volta à sala indistinta, de novo diante do homem lupino e grisalho com seu cabelo totalmente branco numa das têmporas.

– Dois dias não vão servir – disse Kylar. – Preciso voltar agora.

– Da última vez, impertinência. Desta, exigências – retrucou o homem.

Ele inclinou a cabeça, como se ouvisse, e de novo Kylar percebeu os outros. Eram invisíveis quando olhava direto para eles, mas definitivamente estavam ali. Será que podia vê-los melhor desta vez?

– Sim, sim – disse o Lobo para uma voz que Kylar não pôde escutar.

– Quem são eles? – perguntou.

– A imortalidade é solitária, Kylar. A loucura não precisa ser.

– Loucura?

– Diga olá à grande companhia da minha imaginação, reunida a partir das almas profundas que conheci com o passar dos anos. Não são somente fantasmas, mas fac-símiles, infelizmente. – O homem lupino assentiu de novo na direção de um deles e deu um risinho.

– Se eles não são reais, por que está falando com eles e não comigo? – perguntou Kylar. Ainda estava com raiva, e desta vez não aceitaria as broncas nem os mistérios do sujeito. – Preciso da sua ajuda. Agora.

– Você vai achar difícil manter essa urgência à medida que os séculos passam...

– Vai ser duro de verdade se Garoth Ursuul pegar minha imortalidade.

O Lobo juntou as pontas dos dedos das duas mãos.

– Pobre Garoth. Acredita que é um deus. Isso vai ser a ruína dele, como foi a minha.

– E outra coisa – disse Kylar. – Quero meu braço de volta.

– Notei que você conseguiu perdê-lo. Você tirou o ka'kari de cada célula do braço que perdeu. Foi intencional?

– Eu não queria que o ferali ficasse com ele. – *Célula?*

– Pensamento sensato, porém má escolha. Você se lembra de como chamam o seu ka'kari?

– Devorador. E daí?

O Lobo franziu os lábios. Esperou.

– Você está brincando – disse Kylar. Sentia-se nauseado.

– Infelizmente não. Você não precisava lutar. O que o ka’kari fez enquanto cobria sua espada poderia ter feito cobrindo seu corpo. Você poderia simplesmente ter atravessado o ferali.

– Assim?

– Assim. Como, em vez disso, você cortou fora seu braço, e antes tirou o ka’kari dele, o braço não vai crescer de volta. Desculpe. Espero que você consiga lutar com o esquerdo.

– Para o diabo! Me mande de volta ou Ursuul vence.

O homem deu-lhe um riso cheio de dentes, como se o fato de estar condenado o divertisse.

– Mandá-lo de volta dois dias antes do prazo vai me custar. – Seus olhos se viraram rapidamente para cima. – Para ser exato, três anos e 27 dias da minha vida. É meio como um rico roubar de um pobre, não diria, imortal? Ele levantou a mão encalombada de queimaduras antes que Kylar pudesse amaldiçoá-lo. – Vou mandá-lo de volta se você me fizer um juramento. Há uma espada. Ela se chama Curoch, e eu mentiria se não lhe dissesse que ela é intensamente desejada por uma enorme quantidade de facções poderosas. Conhece a cidade de Curva de Terras?

– Curva de Terras?

– Exato. Pegue a espada e a leve para lá. Vá à floresta, passe pelo bosque de carvalhos, pare a 40 ou 50 passos da borda da velha floresta e jogue Curoch lá dentro.

– É onde você mora?

– Ah, não. Mas outra coisa mora. Outra coisa que vai guardar Curoch muito bem. Se fizer isso, eu o mando de volta agora. E ainda faço seu braço crescer de volta quando a missão for concluída.

– Quem é você?

– Sou um dos mocinhos. Pelo menos quanto posso ser. – Seus olhos dourados dançaram. – Mas quero que você compreenda uma coisa que Acaelus nunca entendeu: não sou um homem – ele fez uma pausa, rindo, e de fato Kylar se perguntou quanto de humano haveria por trás daqueles olhos lupinos – que se deva contrariar.

– Foi o que pensei.

– Estamos combinados?



– Isso é estranho – disse o Deus-rei, parando junto ao cadáver de Kylar. – Onde está o ka’kari? Eu o sinto... Está no corpo dele?

– Está – disse Vi, incapaz de se impedir.

– Fascinante. Não creio que saiba tudo que ele faz, não é?

Para seu horror, Vi se pegou respondendo. Não tinha sido uma pergunta direta, por isso ela se desviou com o máximo de força que pôde.

– Não. Sei que ele o deixa invisível. – Ela tinha tentado dizer “deixava”, mas não conseguiu forçar o tempo passado a entrar na frase. Esperava que ele não notasse.

– Bom, independentemente de qualquer coisa, seu amante vai ter que esperar. Tenho um massacre a testemunhar.

Vi gritou e agarrou a espada de Kylar. Garoth olhou-a com curiosidade. A espada girou num arco – e parou. A própria Vi a fez parar. Não conseguia atacar o Deus-rei.

– Espantoso, não é? – disse ele. – O engraçado é que eu aprendi a compulsão com um dos rituais de acasalamento de vocês, sulistas: o uso das argolas. Mas vocês deixaram de entender completamente o verdadeiro poder disso. De qualquer modo, sintam-se à vontade para admirar a batalha e pare de grunhir, querida. Não é bonito.

Abruptamente os olhos dele ficaram vazios. Vi tentou mover a espada, mas era impossível. A compulsão era inegável.

Enquanto os bruxos soltavam o ferali, Vi sentou-se nos degraus diante do trono para olhar. Mas nem mesmo esse espetáculo terrível conseguiu segurar toda a sua atenção.

Deveria ter desistido muito tempo atrás. Toda a sua luta era uma farsa. Tinha feito tudo que o Deus-rei quisera. Matara Jarl e Kylar. Sem dúvida mataria centenas a mais nos próximos anos. Milhares. Não importaria. Ninguém poderia significar o que Jarl e Kylar tinham significado para ela. Jarl, seu único amigo, morto por sua mão. Kylar, um homem que de algum modo tinha provocado... o quê? Paixão? Talvez simplesmente calor num coração frio e morto. Um homem que poderia ter sido... mais.

Odiava todos os homens que já havia conhecido. A natureza do homem era matar, destruir, rasgar. A mulher era a doadora da vida, aquela que alimentava. E no entanto... Kylar.

Ele se erguia acima de suas suposições como um colosso. Kylar, o derramador lendário que deveria ter sido a própria quintessência da destruição, tinha salvado uma menininha, a adotado, salvado uma mulher, salvado nobres que não mereciam ser salvos e tentado abandonar o amargo serviço de derramador.

Teria abandonado, não fosse por mim.

Se não fosse Vi, Kylar estaria em Caernarvon, levando algum tipo de vida diurna que Vi nem conseguia imaginar. E o que era aquilo com Elene? Kylar poderia ter qualquer mulher que desejasse, e tinha escolhido uma jovem coberta de cicatrizes. Na experiência de Vi, os homens procuravam a cadela mais gostosa em que pudessem enfiar o pau. Se a cadela fosse gostosa, eles não se importavam que ela fosse uma cadela. Kylar não era assim.

Vi teve uma intuição medonha. Viu Elene – uma mulher que ela não conhecia – como sua gêmea e sua oposta. Elene tinha cicatrizes com centímetros de profundidade, mas por baixo era toda beleza, graça e amor. Vi era totalmente feiura, a não ser pelo fino véu da pele. O amor de Kylar não era mais mistério. O homem que podia enxergar para além do assassinato de Jarl podia facilmente enxergar para além de algumas cicatrizes. Claro que ele amava Elene. Ou havia amado, antes de ser morto por Vi.

Kylar dissera que voltaria. Mas não voltaria. O Deus-rei tinha vencido.

Vi arrancou sua faca das costas de Kylar e o rolou. Os olhos dele estavam abertos, vazios, mortos. Ela fechou aqueles olhos acusadores, puxou a cabeça dele para o seu colo e se virou para olhar o Deus-rei massacrando a última esperança de Cenária.



Todo o fingimento de distanciamento erudito havia sumido. A princípio os magos precisavam se esforçar para ver o ferali. A criatura entrou na batalha praticamente sem ser notada.

– McHalkin estava certo. Achei que ele tinha inventado – disse um dos magos.

– Deuses, é exatamente como ele disse. Está sendo cavalgado, possuído.

No campo de batalha, a presença da fera estava se tornando conhecida. Tinha se transformado num grande touro, rasgando as fileiras de cenários. Qualquer ferimento que os soldados conseguissem infligir nele era rapidamente preenchido e a criatura crescia.

O clamor, os gritos de fúria, dor e metal ressoando, vinha subindo o promontório desde o início da batalha. Agora novos sons eram ouvidos: gritos de terror.

O touro enorme saiu pela lateral da linha khalidori. Meia dúzia de homens, alguns ainda vivos, estavam grudados à criatura. Ela parou enquanto os digeriria e começava a se reorganizar. O ferali se enrolou numa bola e placas de metal saltaram à superfície da pele. A criatura se desenrolou e ficou em pé.

Agora o ferali tinha forma de um troll. Com três vezes a altura de um homem, sua pele tinha placas de blindagem, cotas de malha e boquinhadas escancaradas. Ele havia até mesmo tomado as espadas e lanças dos oponentes mortos, que agora se eriçavam em suas costas e nas laterais.

A primeira reação dos cenários foi surpreendentemente heroica. Eles atacaram a fera.

Era inútil. A criatura abria caminho pelas fileiras, jamais se movendo tão depressa que a linha khalidori não pudesse vir logo atrás. O ferali tinha o cuidado de levantar cada homem que havia matado ou mutilado e grudá-lo à pele ou empalá-lo nas lanças das costas. Um era devorado, depois outro, e outro, e outro.

Os magos não podiam saber se os soldados ao menos feriam a criatura. Jamais diminuindo a velocidade, ela despedaçava uma fileira depois da outra.

Diante daquela morte inexorável, o general Agon atacou parte da linha khalidori com tudo que tinha, tentando escapar. Por sorte ou liderança, centenas de seus homens se juntaram a ele, todos atacando num mesmo local, desesperados. A linha khalidori arqueou e quase se rompeu, mas a cavalaria do príncipe khalidori Moburu

a reforçou até que o ferali vadeou pelas fileiras para chegar lá. Abruptamente a carga se interrompeu e o general cenário tentou fazer seus homens atacarem em outra direção. Mas o ruído da batalha, a confusão de estar cercado pelos khalidori e o terror diante da fera que crescia era demasiado.

Os cenários lutavam num frenesi desesperado. Estavam a segundos do pânico.

– Precisamos ajudá-los – disse Jaedan.

Os magos o olharam como se ele fosse louco.

– O quê? Somos alguns dos magos mais poderosos do mundo! Se não os ajudarmos, eles vão morrer. Se não nos opusermos a Khalidor agora, será tarde demais.

– Jaedan – disse Wervel baixinho. – O ferali é quase imune à magia. Já é tarde demais.

Lorde Lucius não estava com clima para acalmar o jovem.

– Fomos mandados para descobrir ou obter notícias da grande espada. Se Curoch estiver aqui, acredite, Jaedan, saberemos. Se os cenários estão com ela, irão usá-la agora. O conselho...

– O conselho não está aqui! – disse Jaedan. – Eu acho...

– O que você acha é irrelevante! Não vamos lutar. É ponto final. Entendeu?

O maxilar de Jaedan se apertou com o esforço de conter palavras das quais ele poderia se arrepender. Ele virou os olhos de volta para os homens que morriam por causa da apatia de lorde Lucius.

– Entendi, senhor.



Uma coisa que as histórias jamais mencionam sobre as batalhas era o cheiro. Logan pensava que, depois do Buraco, nada poderia chocá-lo de novo, mas estava errado. Tinha perdido a conta dos homens que vira morrer no Buraco. Isso não era nada comparado com o número de mortos aqui, somente na primeira leva. O cheiro tinha sido de empolgação, medo, chuva e lama, odores insignificantes diante da visão de aço rebrilhando e cavalos orgulhosos, dos rostos ferozes das mulheres que cavalgavam com ele.

Os khalidori os tinham contido. Sem bandeiras ou sinais para se comunicarem com os comandantes distantes, os cenários não podiam escapar. O exército cenário estava paralisado, enquanto mais khalidori surgiam. De onde? Por que diabo ninguém havia descoberto que os inimigos estavam lá? Será que Luc Graesin abandonara sua tarefa ou os havia traído? Agora não importava, só importava evitar o massacre, e o fedor preenchia suas narinas.

Eram os homens embolados, seu calor, seu suor e seu medo misturados ao terror dos cavalos em pânico. Era um esgoto, à medida que os mortos e os medrosos perdiam o controle das tripas. Eram sucos gástricos de estômagos abertos, intestinos retalhados, animais agonizantes escoiceando a terra e relinchando. Era sangue tão denso que se juntava em poças junto com a chuva. Era o cheiro mais doce do suor das mulheres, que continuavam intrépidas enquanto Logan permanecesse destemido.

Aonde quer que ele fosse, as linhas cenárias se juntavam. Não era somente sua presença. Eram aquelas mulheres magníficas, sujas de sangue e xingando feito marinheiros. A simples visão delas deixava os khalidori perplexos. Se não fosse a Ordem, Logan teria morrido no primeiro ataque. Elas lutavam com um frenesi quase suicida para ficarem sempre ao seu lado e tinham pagado um preço por isso. Das trinta mulheres que haviam partido com ele, restavam apenas dez. Com uma guarda pessoal tão pequena, Logan certamente seria dominado, caso mais de cem homens não tivessem se juntado a eles nos minutos seguintes: os Cães de Agon. Ele tinha lhes dado palavras, e agora eles lhe davam a vida.

Logan não poderia dizer quanto tempo durava a batalha quando um novo cheiro atravessou as fileiras. Era uma coisa rançosa, que não fazia sentido. Esta noite os exércitos deixariam carne suficiente no campo para apodrecer, mas nada deveria estar podre ainda. Ouviu e sentiu os cenários reagindo muito antes de ver a origem do medo. Montado em seu cavalo, viu o que parecia um touro, um touro do tamanho de um corcel de batalha, atravessando as linhas e saindo da luta, arrastando homens.

Uma criatura diferente retornou. Era um troll com quatro braços, quatro olhos, pele cinzenta encalombada e lâminas se projetando das costas. Logan soube que deveria sentir medo, e parte dele se maravilhava por não sentir. O medo simplesmente não se encontrava ali.

A batalha ficou simples, uma compreensão que levava a um fato: aquela criatura estava matando seu povo. Ele precisava impedi-la.

O general Agon comandou outra leva de homens. Seus soldados se chocaram contra a cavalaria. Agon se esforçava ao máximo para se livrar daquele maldito oficial de cavalaria com pele ladeshi e roupas e cavalos alitaeranos.

Logan partiu na direção da fera. Agora ela parecia ainda maior. Todo um braço era uma lâmina de foice e o troll a girava pelo campo, um metro acima do chão, fazendo uma colheita farta. Não havia como se desviar. Alguns homens saltavam, outros mergulhavam no chão, mas a maioria era cortada ao meio. O troll avançava, os braços levantando os mortos e os empalando nas lanças e espadas que eriçavam seu corpo.

Logan cavalgou para o espaço criado enquanto os cenários recuavam o máximo possível. Seu corcel branco dançava nervoso.

O troll parou e olhou para Logan. Solto um rugido indistinto que quase tirou o

cavalo do controle de Logan, depois se sacudiu. Uma cabeça humana se projetou da barriga do troll.

– Logan – disse a cabeça numa voz perfeitamente humana, com apenas um toque de sotaque khalidori. A cabeça se destacou mais ainda da barriga do troll, na direção de Logan.

– Ursuul – rosnou Logan.

– Há uma coisa sobre Jenine que você deveria saber.

Devido aos meses de privação, Logan não estava forte quando a batalha começou. Hoje sobrevivera devido à sorte e à ferocidade da Ordem da União e dos Cães de Agon, e não por sua força ou habilidade. Mas ao ouvir o nome de Jenine passar pela língua imunda da fera, sentiu o poder da fúria justa.

– Sua esposa linda, linda, está vi...

A espada de Logan saltou e ele decepou-lhe a cabeça. Ela se desfez no chão em pedaços de carne podre.

Por um momento a fera se imobilizou. Não moveu um único músculo, e à medida que o momento se estendia, os cenários comemoraram subitamente, achando que de algum modo Logan a havia matado.

Então o troll levantou os braços para o céu e soltou um rugido que sacudiu o próprio chão. Dois de seus olhos se voltaram para Logan, e a enorme foice de osso recuou.



Com dedos suaves, Vi tirou o cabelo de Kylar do rosto. Diante deles, o ferali tinha se transformado num troll e vadeava através das fileiras cenárias. Ela mal o via. Estava olhando para o rosto morto de Kylar. Pela primeira vez percebeu como ele era jovem. Kylar tinha uma expressão serena. Vi o havia assassinado. Tinha entregado a imortalidade ao Deus-rei.

Algo bateu molhado no rosto dele. Vi piscou. *Que diabo é isso?* A gota escorreu pela bochecha até a orelha. Ela piscou de novo, mais depressa, recusando-se a acreditar que estava chorando. O que a irmã Ariel tinha dito? Algo sobre ser uma aleijada emocional? Olhou para sua lágrima brilhando na orelha de Kylar e a enxugou. *Aquela vaca me chamou de idiota.*

E era mesmo. Seu dedo se imobilizou.

A percepção acertou Vi como um cavalo de batalha a pleno galope. Não tinha escapado da irmã Ariel, afinal.

De repente, não conseguiu mais respirar. Enxergou agora a armadilha de Ariel, colocada em cada palavra dita por ela. Enxergou a isca e as consequências. Não significava escapar, mas sim escapar do Deus-rei.

Só era necessário Vi fazer com Kylar algo pior do que tudo que Hu Gibbet havia feito com ela. Pôs a mão insegura num bolso e encontrou a caixa bem onde a havia posto. Abriu a caixa e viu as argolas nupciais de Waeddryn.

Se fizesse isso, seria como um estupro. Vi conhecia o estupro.

Mas era o único modo. A irmã Ariel tinha feito com que os Nile plantassem todas as informações de que Vi necessitava. Tinham dito que ela precisava mostrar “um sinal exterior de uma mudança interna” para romper a compulsão, uma transferência de lealdades. Falaram sobre a magia poderosa de algumas argolas antigas, como elas possuíam uma espécie de feitiço de compulsão. E a própria bruxa maldita balançara a cenoura à sua frente: avanço rápido, ensino particular, ser importante.

Vi não se importava. Não faria isso por si mesma. Faria isso porque, se não fizesse, o Deus-rei ficaria imortal. Vi iria se tornar sua assassina de estimação, uma peste que mataria qualquer um que o desafiasse. Faria isso pelos pobres coitados que estavam sendo comidos vivos no campo de batalha. Faria isso porque, se não fizesse, Kylar morreria, morreria de verdade.

Mas ele jamais iria perdoá-la.

Passou os dedos pelo cabelo de Kylar. O rosto dele parecia frio e imóvel, cheio de julgamento. Ela escaparia; mudaria, mas Kylar e Elene pagariam o preço.

O brinco furou sua orelha esquerda e a argola se fundiu sem emenda. A dor fez seus olhos marejarem. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, passou a outra argola pela orelha de Kylar.

Um jorro de calor a iluminou da cabeça aos pés. Ela sentiu a compulsão se encolher e se despedaçar. Isso não era nada em comparação com o desejo súbito que sentiu. Ofegou. Na própria pele, na barriga, na coluna, sentiu Kylar. Ele estava se curando, mas estava tão ferido que doía nela. Seus dedos pinicavam no ponto em que tocavam o rosto dele. Ele estava mais bonito do que nunca. Ela queria que ele a conhecesse. Queria confessar a verdade, ser perdoada e que ele a amasse em retribuição. Queria que ele a abraçasse, tocasse seu rosto, passasse os dedos por seus cabelos e...

Esse pensamento explodiu contra tudo que ela já soubera. Vi empurrou Kylar bruscamente do colo e ficou de pé. O jorro de emoção era demasiado, intenso demais, vasto demais para ser entendido, mas não parecia estranho. Não parecia inventado. Parecia que seu amor estava sendo purificado, o carvão soprado de modo a chamejar. Isso deixou Vi ofegante. Mal conseguia olhar para Kylar. Mas estava livre. A compulsão havia sumido.

Livre! Livre do Deus-rei. No chão, um cavaleiro solitário estava diante do troll enorme. Vi pegou a adaga e cambaleou na direção de seu pai. Agarrou o corpo dele e o fez se levantar. Sacudiu-o.



– Pai! *Pai!* – alguém estava gritando. Quem diabos gritava isso no campo de batalha? Um instante depois, Garoth percebeu o que devia ser e trouxe a consciência de volta para a sala do trono. Logan podia esperar alguns segundos. Para o diabo se ele não queria saber que Jenine estava viva.

– Pai – disse Vi –, pode me contar uma coisa?

Obviamente ela havia aceitado a compulsão, porque o estava tocando.

– “Pai”? Estou no meio de uma coisa, você se importa?

– Você me obrigou a matar Jarl? Foi compulsão?

Ele sorriu. A mentira chegou facilmente aos seus lábios.

– Não, *moulina*. Você mesma fez isso.

– Ah. – A sílaba única saltou dos lábios dela como uma pequena bolha.

Garoth riu e deslizou de volta para o ferali. Rugiu para o céu e recuou seu

braço-foice. Logan cavalgou direto para ele até que seu cavalo refugou. Logan chutou e sacudiu as rédeas, mas o cavalo se recusava a obedecer. Girou num círculo desesperado e tropeçou num cadáver. Garoth girava a foice enorme a fim de cortar Logan ao meio, enquanto um dos caçadores de bruxos montado irrompeu na clareira e saltou da sela, derrubando Logan. A foice passou pelo pescoço dos dois cavalos que despencaram no chão em meio a dois jorros de sangue.

Logan rolou para longe e se levantou. Ao seu lado, o arqueiro já estava pegando uma flecha. Ele disparou num dos olhos de Garoth, depois no outro. Garoth piscou e novos olhos brotaram dos antigos. Não importava. Logan estava de pé, desafiador mas indefeso. O próximo golpe de Garoth cortaria o homenzinho ao meio...

Algo quente entrou nas suas costas. Uma, duas, três vezes. De novo e de novo. Ele levou as mãos do ferali às costas, imaginando o que poderia furar sua pele grossa, imaginando por que seus outros olhos não tinham visto o ataque, mas não havia flechas ou lanças ali.

O ferali estava se esvaindo, e quando Logan o atacou para cravar a espada na barriga, Garoth percebeu que não era o monstro que sangrava.

Era ele.

OuvIU o som de choro e estava de volta na sala do trono.

Vi o apertava e o esfaqueava, de novo e de novo, como se desejasse que a adaga o atravessasse direto até chegar ao seu próprio coração. Garoth mandou os membros se moverem, mas eles não passavam de pedaços de carne vazios. Seu corpo estava morrendo, morrendo! E sua visão estava ficando preta, preta...

Disparou o feitiço da morte. Era um risco terrível, tentar lançar sua consciência em outro corpo. Se Khali concedesse isso, cobraria um preço tremendo, mas ele não tinha nada a perder. O vir saltou dos braços e engolfou Vi numa floresta de dedos pretos. Puxou-a mais para perto.

Ele estava perto! Estava funcionando! Dava para sentir!

E então cada dedo do vir foi cortado por uma lâmina iridescente que passava entre Garoth e Vi. O vir, separado de sua fonte, se imobilizou, rachou e evaporou em fumaça preta. Garoth se virou e viu o impossível.

Kylar estava vivo. Estava de pé, com o julgamento nítido em todo o rosto e uma lâmina de ka'kari preto no punho. A percepção varreu Garoth como um maremoto.

O Devorador devorava a própria vida. O Mantenedor mantinha a própria vida. Não era somente a vida estendida ou a cura. Era a verdadeira imortalidade. Garoth tivera uma chance de alcançar a verdadeira divindade e a deixara escapar por entre os dedos. A fúria impotente o dominou.

Então a lâmina de ka'kari de Kylar desceu mais uma vez para a sua cabeça.

Logan cravou a espada na barriga do troll e a criatura se sacudiu para trás. Tombou de joelhos como se de repente tivesse perdido toda a coordenação. Logan saltou para trás e por pouco não foi esmagado. Não sabia direito o que tinha acontecido. Logan o tinha visto receber ferimentos piores sem estremecer.

Os dois exércitos estavam fixados em Logan e na fera. Logan a golpeou de novo, pela terceira vez, mas os ferimentos se fechavam assim que a espada saía.

Como a criatura ainda estava de joelhos, as placas que cobriam a maior parte da sua barriga deslizaram para os lados. Nos espaços entre as placas algo se comprimia contra a pele, se avolumando e arfando. A forma se consolidou segundos depois. Empurrada para fora da barriga do troll, estava uma mulher. Seu rosto se mexeu e uma boca surgiu.

– Não posso lutar contra isso, Rei. É faminto demais. É como no Buraco. Não posso impedir, Rei. Olhe o que eles fizeram comigo. A coisa não deixa que eu me mate, rei. É faminta demais. Como com o pão. Faminta demais.

– Lilly? Achei que era Garoth – disse Logan.

– Ele se foi. Está morto. Diga o que fazer, Rei. Não posso me impedir. Estou com tanta fome que parece que estou me comendo.

Foi quando Logan percebeu. O troll havia encolhido. Estava devorando a si mesmo. Precisava fazer alguma coisa depressa. Eles não podiam matá-lo. A fera curava os ferimentos sem ao menos um pensamento consciente, e agora a forma de Lilly estava ficando indistinta.

– Lilly – disse Logan. – Lilly, escute.

Ela se esforçou e sua forma brotou de novo, mas desta vez sem boca.

– Lilly, coma os khalidori. Coma todos eles e suba as montanhas. Está bem?

Mas ela havia sumido. As placas estalaram voltando ao lugar e o troll se levantou pesadamente. Fixou o olhar em Logan e levantou a foice, todos os traços de Lilly haviam sumido.

Logan andou direto até o monstro.

– Você queria consertar as coisas, Lilly? Você se lembra, Lilly? – perguntou Logan, esperando conseguir atraí-la de volta com o som de seu nome. – Quer merecer o perdão, Lilly? Sou seu rei ou não? – O ferali piscou, parou. A voz de Logan soou com uma autoridade que ele jamais soubera que tinha, e apontando para os khalidori ele gritou: – VÁ! MATE-OS! EU ORDENO!

O ferali piscou, piscou. Então, num movimento mais rápido do que qualquer um que Garoth tivesse feito dentro dele, passou um braço através dos khalidori que estavam atrás. Logan se virou e viu milhares de pares de olhos voltados em sua direção, cheios de incredulidade.

Logan Gyre, o homem que ordenava atos para um ferali.

A batalha havia chegado a um impasse. Khalidori e cenários estavam ao alcance uns dos outros, mas não lutavam. O ferali, agora com 10 metros de altura, atraía toda a atenção. Ele não se virou. Ficou gelatinoso por um instante e se voltou para os khalidori.

Uma bola de fogo voou de um meister e ricocheteou em sua pele, sem causar dano. Mais dez vieram em seguida e não fizeram nada. Relâmpagos o acertaram um instante depois e mal deixaram uma marca na pele. O ferali se agachou e flexionou cada músculo do corpo. Todas as armas e armaduras que Garoth havia incorporado na fera explodiram de seu corpo voando em todas as direções, peitorais e cotas de malha, lanças, espadas e martelos de guerra, adagas e centenas de flechas caindo com estardalhaço no chão, formando um grande círculo.

Um reluzente homúnculo branco saiu das fileiras khalidori e se grudou no ferali. O ar pareceu se distorcer entre o vürdmeister e o homúnculo. A 10 passos do ferali, a distorção no ar ondulou com fogo vermelho. O verme do abismo atacou. Mas sua boca de lampreia se fechou em nada. O monstro era incrivelmente rápido. O verme do abismo se retorceu, com a pele preta e de um vermelho feroz penetrando mais na realidade, 12 metros, 15 metros, sem sinal de que o corpo se afinasse.

Logan ouviu armas caindo no chão, largadas de mãos amedrontadas enquanto os titãs lutavam.

Mas a batalha só durou mais um golpe. O verme do abismo errou de novo, e o ferali não. Um punho enorme esmagou a cabeça do verme e estalou seu corpo como um chicote contra as fileiras khalidori que estavam atrás. O verme se despedaçou em pedaços pretos e vermelhos, sem sangue, que chiavam como gotas d'água numa frigideira quente, transformando-se em fumaça verde e desaparecendo.

O ferali se virou contra as fileiras khalidori e uma dúzia de braços brotou de seu corpo, agarrando soldados como uma criança cobiçosa pegando doces.

Então os homens dos dois lados se lembraram da batalha. Os cenários se lembraram de suas armas e os khalidori se lembraram dos calcanhares. Jogaram fora as armas e os escudos para fugirem.

Um grito soou enquanto os khalidori em volta do ferali rompiam fileiras. Logan não conseguia acreditar.

– Quem o senhor quer que vá atrás deles? – perguntou o general Agon. Ele e o ensanguentado duque Wesseros estavam agora ao seu lado.

– Ninguém – respondeu Logan. – Ela não sabe diferenciar amigo de inimigo. Nossa luta terminou.

– Ela? – indagou o duque Wesseros.

– Não pergunte.

Agon partiu a cavalo, gritando ordens, e Logan se virou para o homem que o

havia derrubado. Não o reconheceu.

– Você salvou minha vida. Quem é você? – perguntou.

A mulher sethi que estivera ao seu lado durante toda a batalha, Kaldrosa Wyn, se aproximou.

– Senhor, este é meu marido, Tomman – disse com um orgulho feroz.

– Você é um homem corajoso, Tomman, e um bom arqueiro. Qual prêmio você pediria?

Tomman levantou os olhos.

– O senhor já me devolveu mais do que eu mereço. O senhor devolveu o meu amor. O que há de mais precioso do que isso?

Ele estendeu a mão, e Kaldrosa a segurou.

As fileiras cenárias se reorganizaram e simplesmente assistiram ao massacre dos khalidori. Não houve recuo. Foi uma debandada. Homens correndo em todas as direções. O ferali rasgava caminho através deles. Transformou-se numa cobra e rolou por cima de trechos inteiros da linha, com homens se grudando ao corpo, gritando. Depois virou um dragão. Sempre tinha dezenas de mãos. Sempre era rápido e terrível. Gritos dignos de pena soavam de todos os lados. Alguns se agachavam atrás dos muros baixos, alguns se encolhiam atrás de pedregulhos, alguns subiam em árvores nas bordas do campo, mas a criatura era meticulosa em sua selvageria. Pegava homens em toda parte – vivos, mortos, feridos, fingindo estar mortos, escondidos ou lutando – e os devorava.

Nem todos os khalidori fugiam. Alguns se viravam e lutavam. Alguns juntavam os companheiros e atacavam com mais coragem do que os cenários pensavam ser possível, talvez com mais coragem do que eles teriam mostrado a si próprios. A coragem era irrelevante diante daquele horror. Os corajosos e os covardes, os nobres e os plebeus, os bons e os maus, todos morriam do mesmo jeito. E os cenários olhavam boquiabertos, ninguém se esquecendo de que o massacre deveria ser o deles. Nas poucas vezes em que um cenário aqui ou ali gritava comemorando, ninguém o acompanhava. O ferali atacava para um lado e para outro, sem alcançar todos os grupos de khalidori, mas alcançando a maioria, e sempre, sempre se afastando cada vez mais das fileiras cenárias, como se temesse a tentação de chegar perto demais delas.

Por fim, tendo devorado o último grupo de tamanho suficiente para valer seu tempo, o ferali correu para as montanhas. Cenária era abençoada ou sortuda, ou então Lilly tinha mais controle do que Logan havia esperado, porque foi numa direção em que não havia povoados por mais de uma centena de quilômetros.

Alguém gritou de alegria. O grito pairou solitário no ar. Logan tinha recebido um novo cavalo e, montado, virou-se e de novo percebeu milhares de olhos voltados para ele. Por que todos o encaravam?

Então alguém gritou de novo e o pensamento penetrou na consciência de Logan: tinham vencido. De algum modo, contra todas as expectativas, tinham vencido.

Pela primeira vez em meses Logan sentiu a boca se curvar num riso. Isso liberou uma torrente e, de súbito, ninguém conseguia parar de sorrir, nem de gritar, nem de dar tapinhas nas costas uns dos outros. Não importava mais sob qual bandeira de nobre tinham lutado. Os Cães de Agon abraçavam os recrutas da cidade de Cenária: ex-ladrões e ex-guardas estavam juntos como amigos. Nobres lado a lado com camponeses. Os elos despedaçados que uniam o país pareciam se refazer enquanto Logan olhava o pequeno exército sobrevivente. Tinha vencido. As baixas foram tremendas, mas eles haviam suportado a força de um monstro e a magia de um deus, e tinham vencido.

Um grito começou a emergir acima do som das espadas que batiam com ritmo nos escudos.

– O que eles estão dizendo? – gritou Logan para Agon. Mas, ao mesmo tempo que perguntava, entendeu as palavras, no ritmo das espadas batendo nos escudos:

– REI GYRE! REI GYRE! REI GYRE!

Era uma coisa audaz; era traição; era lindo. Logan olhou através da multidão procurando Terah Graesin. Ela não estava em lugar nenhum. E então ele sorriu.



O deus morto parecia um saco de trigo. Vi estava tremendo, mas não parecia prejudicada pelo vir que havia se enrolado nela. Kylar olhou o cadáver de Garoth Ursuul, sem acreditar.

O destino de Kylar estava morto no chão e ele não tinha sido o responsável.

O Lobo havia cumprido com sua parte do trato: Kylar estava vivo. Mas algo parecia diferente. Vi o encarava, ainda trêmula de emoção, lágrimas ainda quentes nas bochechas. Ele levantou os olhos e leu choque e medo em cada linha do corpo dela – junto com uma leve esperança?

Que diabo é isso? Desde quando posso ver o que uma mulher sente?

Vi estava suja do sangue do Deus-rei. Era algo invisível contra sua roupa cinza de derramadora, mas havia algo terrível em ver manchas vermelhas espirradas em seu decote.

Enquanto Kylar a olhava, ela ficou tão perturbada que ele quis pegá-la nos braços. Ela precisava que ele a amasse, que a levasse para fora do vale da morte que era o caminho das sombras. Ele conhecia a saída agora. Era o amor. Iriam encontrar Uly e caminhariam por essa estrada juntos, Vi e ele...

Vi e ele?

Os olhos dela se arregalaram com medo e remorso. Ela estava chorando. Por uma fração de segundo, Kylar quis entender, mas então seus dedos subiram lentamente até a orelha. Havia um brinco ali, uma argola perfeita, sem abertura, e estava nadando com uma magia tão poderosa que ele podia senti-la nas pontas dos dedos.

– Desculpe – disse Vi, recuando. – Desculpe. Era o único modo.

Ela se virou e ele viu seu último presente para Elene, a promessa de amor, pela qual tinha vendido sua herança, brilhando na orelha de Vi.

– O que você fez?! – gritou ele, e pôde ver que sua fúria era amplificada pelo brinco.

Enquanto esse sentimento a golpeava, Kylar pôde sentir o remorso, o terror, a confusão, o desespero e o ódio por si mesmo e... o amor de Vi? Amor! Como ela ousava amá-lo?

Vi saiu correndo.

Ele não foi atrás. O que faria se a alcançasse? Ela passou pela porta principal

da sala do trono e os guardas ficaram olhando, atônitos. Viraram-se e viram Kylar parado junto ao corpo do Deus-rei.

Então começaram os apitos, os alarmes, os montanhesees atacando e os meisters entoando. Kylar ficou satisfeito pela batalha que afastava aqueles sentimentos confusos. Ela bloqueava um futuro que jamais incluiria Elene. Tomou toda a sua atenção. Com apenas uma das mãos, matar era de fato um desafio.



Lantano Garuwashi não conseguia parar de tocar a Espada do Céu, mas, claro, a manteve embainhada. Assim que um sa'ceurai desembainhava a espada, não a embainhava sem antes deixar que ela sentisse o gosto de sangue. À medida que a noite surgia, seus homens cobriram a entrada da caverna de modo que as fogueiras do acampamento não fossem vistas pelos cenários que comemoravam. Depois de conferenciar com o espião que tinha voltado do acampamento cenário, Garuwashi subiu numa laje de pedra.

À luz da fogueira, os olhos de seus homens reluziam com o destino. Tinham visto maravilhas negadas aos pais e aos avós. A Espada do Céu tinha retornado.

Garuwashi foi direto, como era de seu feitio:

– Os cenários não venceram esta batalha. A criatura a venceu por eles. Esta noite eles bebem. Amanhã começarão a caçar os khalidori espalhados. Querem saber o que vamos fazer enquanto aqueles palhaços espantam moscas?

Homens assentiram. Ele segurou a Espada do Céu. Seguiam o Garuwashi. Eram invencíveis.

– Esta noite vamos pegar os uniformes dos khalidori mortos. Ao amanhecer atacaremos e infligiremos perdas suficientes para enfurecer os cenários. Vamos atrair o exército deles para o leste, sempre escorregando por entre os dedos deles. Em três dias, o resto do nosso exército vai chegar aqui. Em cinco, vão tomar a cidade de Cenária indefesa. Em um mês, este país será nosso. Na primavera, retornaremos a Ceura e lhes daremos seu novo rei. O que acham?

Todos os homens comemoraram, menos um. Feir Cousat ficou sentado em silêncio, estoico. Seu rosto parecia esculpido em mármore.



Epílogo

Cascos de cavalo ressoavam atrás de Dorian enquanto ele via Khaliras. Ficou de lado e esperou com paciência, fascinado com a vista. A cidade ainda estava a dois dias de distância, mas, entre as montanhas, Faltier e o Monte Thrall eram lindos de se ver. A cidade e o castelo se erguiam junto com a montanha, um pico solitário num oceano de pastagens. Um dia aquele fora o seu lar.

O grupo começou a passar por Dorian, montado em cavalos magníficos. Dorian se ajoelhou e prestou obediência de camponês. Não era um grupo de batedores normal. E não eram soldados comuns, apesar de sua armadura dizer que eram. Suas armas e cavalos os denunciavam. Os seis soldados enormes eram membros da guarda do Deus-rei. E pelo seu cheiro, apesar das meias capas, os meisters que os acompanhavam eram de fato vürdmeisters. Só podiam estar vindo de Cenária, provavelmente trazendo grandes riquezas nos poucos baús que transportavam.

Dorian lançava olhares breves, disfarçando, quando viu o verdadeiro tesouro. Uma mulher cavalgava com os meisters, usando mantos grossos, o rosto coberto por um véu. Algo parecia estranhamente familiar no modo como ela se portava, e então ele viu seus olhos.

Era a mulher que ele tinha antevisto. Sua futura esposa. Um tremor atravessou todo o seu corpo e ele se lembrou de trechos de suas antigas profecias: algo no processo de calcinar seu dom havia bloqueado as lembranças delas.

Quando voltou a si, ainda estava ajoelhado. Seus músculos tinham câibras e o sol pairava baixo no céu. O grupo se encontrava a quilômetros à sua frente, na pastagem. Ele estivera inconsciente durante metade do dia.

Solon, onde você está? Preciso de você aqui.

Mas Dorian sabia a resposta. Se Solon tivesse sobrevivido nos Ventos Uivantes, provavelmente já estava navegando para Seth, para encontrar seu amor perdido. Aquela mulher, agora a imperatriz Kaede Wariyamo, estaria furiosa. Por causa das profecias de Dorian, Solon tinha abandonado sua pátria na hora de maior necessidade. Dorian só podia esperar que o caminho de Solon não fosse tão solitário quanto o seu.

Porque, mesmo sem profecia, Dorian sabia que, aonde quer que fosse, caminharia no escuro, sozinho, sofrendo tanto que abrir mão de suas visões pareceria boa ideia.

Com medo e tremendo, levantou-se. Olhou para o caminho, a estrada para Khaliras e sua futura esposa – Jenine, este era o nome dela! – ou a estrada de volta para seus amigos. Morte e amor ou vida e solidão? O Deus parecia tão distante quanto um verão no Gelo.

Rosto sério, costas eretas, Dorian continuou a longa caminhada em direção a Khaliras.



Ghorran estava sempre vigiando Elene, o rosto sombrio, intenso. No primeiro dia isso não tinha sido problema, porque ela não precisara se aliviar. No segundo tinha. Elene o acompanhou por uma curta distância dentro da floresta, depois foi para trás de um arbusto para ter alguma privacidade. Ele esperou até que ela estivesse agachada e levantando as saias, depois foi atrás, só para envergonhá-la. Claro, então ela não conseguiu.

Naquela noite, como faziam toda noite e toda manhã, os khalidori rezaram: *Khali vas, Khalivos ras en me, Khali mevirtu rapt, recu virtum defite*. Ghorran jogou Elene no chão e montou em cima dela. Enquanto rezava, cravou os dedos nos pontos de pressão atrás das orelhas. Ela gritou e sentiu uma umidade quente encharcar o vestido enquanto perdia o controle da bexiga.

Quando a oração terminou, Ghorran se levantou, deu um tapa no ouvido dela e disse:

– Você está fedendo, cadela imunda.

Não deixaram que ela se lavasse quando atravessaram um riacho de montanha. Quando Ghorran a levou naquela noite, Elene levantou a saia e se aliviou enquanto ele olhava. Ele não sentiu prazer especial em olhar, até que ela ruborizou e virou a cabeça.

– Amanhã vou fazer você passar merda no rosto – disse ele. – No seu ou no de outra pessoa. A escolha é sua.

– Por que você faz isso? – perguntou Elene. – Não há nada de decente em você?

Mas na manhã seguinte foram acordados cedo. Partiram imediatamente. Os prisioneiros viajavam em fila, amarrados juntos, andando atrás dos khalidori. Elene era a sexta numa fila de seis prisioneiros, com o garoto, Herrald, bem à frente. Demorou um tempo para descobrir o motivo de os khalidori estarem ansiosos porque eles batiam nos cativos caso estes falassem.

Nesta manhã eram apenas cinco soldados khalidori.

Naquela noite, Ghorran pareceu ter se esquecido da ameaça. Quando levou

Elene para que ela se aliviasse, manteve o acampamento à vista. Elene se agachou no meio dos arbustos que estavam soltando as folhas douradas no início do outono, e fingiu que a presença dele não a incomodava.

– Os meisters podem se encontrar conosco amanhã – disse Ghorran, mantendo os olhos voltados para o acampamento. – Vamos entregar todos vocês. Aquele desgraçado do Haavin provavelmente fugiu, covarde.

Elene se levantou e viu um homem encostado numa árvore a menos de 10 passos de Ghorran, que não percebeu nada. O estranho usava uma infinidade de capas, túnicas, camisas com bolsos e bolsas de todos os tamanhos, todos de couro de cavalo, todos do mesmo marrom profundo e amaciados pelo uso. Duas gurras curvadas para a frente estavam enfiadas na parte de trás do cinto, uma caixa de arco com marchetaria elaborada estava pendurada às costas, e cabos de armas de todos os tamanhos pendiam no meio das vestes. Ele tinha um rosto afável; olhos marotos, quase em forma de avelã; e cabelos pretos e lisos: era um furtivo guerreiro ymmuri. Ele levou um dedo aos lábios.

– Acabou? – perguntou Ghorran, olhando para ela.

– Acabei – respondeu Elene. Em seguida, olhou de volta para o estranho, mas ele havia sumido.

Eram apenas quatro soldados quando acamparam naquela noite na beira da floresta, para aproveitar o abrigo das árvores. Os khalidori discutiam sobre se deveriam continuar caminhando no escuro ou se Haavin e o outro homem desaparecido teriam fugido de fato. A noite foi curta, e Ghorran acordou Elene na escuridão da madrugada.

Ele a levou em silêncio para a floresta. Ela levantou a saia como se isso não a incomodasse.

– Como você machucou o peito? – perguntou Elene.

– Uma puta selvagem cravou um forçado em mim depois que eu matei o marido dela e estripei os moleques. – Ele deu de ombros, como se deixar que ela cravasse o forçado fosse um momento de descuido, embaraçoso, mas não importante.

Para Ghorran, estripar crianças não tinha nenhum significado especial. Ele havia machucado e envergonhado Elene; isso ela poderia perdoar. Mas aquele dar de ombros soprou a pequena fagulha de fúria em seu coração. Pela primeira vez na vida desde o Rato, Elene odiou.

Ghorran havia trazido um arco com ele.

– Hoje chegaremos ao acampamento – disse. – Neph Dada vai fazer coisas terríveis com você. – Ghorran lambeu os lábios secos. – Eu posso salvá-la.

– Me salvar?

– O que ele faz não deveria ser feito. É imundície lodricari. Se você fugir agora, eu cravo uma flecha nas suas costas e poupo você.

Sua misericórdia era tão bizarra que o ódio de Elene se dissolveu.

Um clarão de luz irrompeu no acampamento 50 passos atrás deles, lançando sombras contra as árvores. Um grito veio em seguida. Depois o som de cavalos galopando.

Elene se virou e viu uma dúzia de cavaleiros khalidori desconhecidos entrando no acampamento a partir do norte. Tinham vindo mais cedo pegar os escravos.

– Fuja! – gritou alguém, mais alto do que um homem deveria ser capaz de gritar.

Através das árvores, Elene viu o guerreiro ymmuri lutando contra os khalidori. Ele cortou dois num único movimento. Fogo saltou da mão de um dos cavaleiros, mas ele se desviou.

Ghorran pôs uma flecha na corda e retesou o arco, mas havia árvores de mais, além de soldados khalidori entre ele e o ymmuri. Então, a apenas alguns passos de distância, o garoto Herralld saiu correndo do mato, fugindo.

Ghorran se virou e mirou no novo alvo.

Não, pensou Elene.

Agarrou a adaga de Ghorran no cinto dele, levantou-a acima do braço do khalidori e a enterrou em sua garganta. Ele teve um espasmo e a flecha saltou do arco, assobiando inofensiva por cima da cabeça de Herralld.

O arco caiu dos dedos de Ghorran. Elene e ele se entreolharam, com o choque arregalando os olhos do khalidori. A adaga estava alojada no centro de sua garganta, a lâmina larga bloqueando a traqueia. Ele exalou, o peito fazendo força, e o ar assobiou. Pôs uma das mãos na garganta e sentiu a lâmina, ainda incrédulo.

Então tentou inalar. Seu diafragma bombeou como um fole, mas ele não conseguia receber o ar. Tossiu e o sangue espirrou em cima de Elene. Continuou tentando respirar enquanto seus pulmões se enchiam de sangue. Caiu no chão da floresta.

Apesar do sangue no rosto, no vestido e nas mãos, apesar da expressão digna de pena de Ghorran e do horror de ver um homem morrer, Elene não sentiu pena. Tinha odiado Ghorran apenas um minuto atrás, mas não o havia matado por ódio. Ele simplesmente precisava ser impedido. Se ela pudesse voltar no tempo, faria a mesma coisa. E assim, num instante, entendeu.

– Meu Deus, que idiota eu fui – disse em voz alta. – Perdão, Kylar.

Com magia explodindo na floresta atrás dela, incendiando as árvores, Elene correu.



No lado norte da Ilha de Vos, na penumbra de um dia chuvoso de outono, Kylar estava olhando o marco funerário que tinha feito. A sepultura de Durzo.

Estava sujo de sangue, com a roupa cinza de derramador chamuscada por magia. Havia lutado durante horas, matando cada soldado e meister khalidori em que punha os olhos. A partir da magia que ia diminuindo lentamente no piso da sala do trono, tinha visto Logan se levantar, tinha visto o ferali se virar e testemunhado a destruição do exército khalidori. Tinha visto como os homens olhavam para Logan. Ainda que as figuras fossem minúsculas, a verdade estava escrita em cada linha de seus corpos.

Logan marcharia com seu exército para casa e, em dois dias, quando chegassem, encontraria seu castelo varrido e limpo da presença khalidori – a não ser por Khali, mas esta era uma criatura da qual Kylar ficaria longe. Que o rei Gyre convidasse alguns magos para cuidar dela.

– Nós vencemos, acho – disse à sepultura de Durzo.

Kylar sabia que não adiantava se revoltar contra a própria vida. Ele era o Anjo da Noite e não recebia comemorações. Como Durzo tinha dito muito tempo atrás, sempre estaria separado, sozinho.

É simplesmente muito difícil ser imortal, disse o ka’kari.

Kylar estava exausto demais para se surpreender ou se ofender. O ka’kari havia falado antes, lembrou agora, tentando salvar sua vida.

– Então você fala.

O ka’kari empoçou em sua mão e formou um rosto estilizado. Sorriu e piscou para ele. Kylar suspirou e o sugou de volta para dentro da pele.

Kylar olhou o cotoco do braço. Perdera o braço por nada. Fizera um juramento ao Lobo por nada. Tudo que Kylar havia aprendido, tudo que já sofrera, tinha sido por uma coisa: matar Garoth Ursuul. Garoth era a fonte maligna de onde brotava seu sofrimento, o de Jarl e o de Elene. Era justo que o homem que tinha levado Kylar a se tornar derramador fosse sua última vítima. Sem Garoth, não teria havido Roth. Sem Roth, Elene não teria cicatrizes, Jarl estaria vivo e inteiro, e Kylar seria... o quê? Bem, não seria derramador.

Uma vez o conde Drake dissera a Kylar: “Há uma divindade que molda a beleza a partir de nossa vida deturpada.” Era mentira, assim como o destino de Kylar não passava de uma. Talvez por esse motivo isso fosse tão difícil: ele começara a acreditar na economia divina de Elene. Agora não tinha perdido somente Elene, que fizera parte dele desde o início, que fizera Kylar acreditar em coisas boas sobre si mesmo; também tinha perdido seu destino. Se ele tivesse um destino, teria um propósito. Se ele fora moldado com um propósito, talvez houvesse um Moldador. Se havia um Moldador, talvez o nome dele fosse o Um Deus. E talvez esse Um Deus fosse uma ponte por cima do abismo entre matador e santo que

separava Kylar de Elene. Mas não existia ponte, nem Deus, nem Moldador, nem propósito, nem destino, nem beleza. Não havia como voltar. Ele fora trapaceado na busca da justiça, da vingança, do amor e do propósito, tudo ao mesmo tempo.

Tinha pensado que poderia mudar, que poderia comprar a paz pelo preço de uma espada velha. Mas Retribuição era apenas um instrumento de justiça. Era Kylar que sentia sede de exercê-la. Matara muitos homens hoje e não conseguia se obrigar a sentir arrependimento. Isso era ser o Anjo da Noite. Talvez um homem melhor pudesse largar a espada. Kylar não podia, nem quando isso havia lhe custado Elene.

Toda vez que pensava em Elene o rosto dela se transformava no de Vi. Toda vez que pensava em Vi, suas fantasias se transformavam de exercer a punição para outros tipos de fantasia.

– Mestre – disse para o túmulo. – Não sei o que fazer.

Termine o serviço. Sabia exatamente que entonação Durzo daria às palavras, exasperado mas firme.

Era verdade. O Lobo tinha cumprido sua parte do trato: Kylar voltara da morte imediatamente. Foi um trato imundo, mas trato era trato, por isso Kylar roubaria Curoch, iria a Curva de Torras e ganharia seu braço de volta. Parecia bastante simples. Afinal de contas, roubar não era difícil quando você conseguia ficar invisível. E quanto antes conseguisse o braço de volta, melhor. O cotoco estava doendo e ele não imaginava que perder uma das mãos o deixasse desequilibrado.

Você não está aqui porque não sabe o que fazer, garoto. Você sempre soube o que fazer.

Era verdade, também. Kylar faria esse serviço e depois iria encontrar Vi e matá-la.

Você não vai matá-la, disse o ka'kari.

– Está falando de repente, não é? – perguntou Kylar.

O ka'kari não respondeu, mas estava certo. Kylar não viera em busca de orientação. De fato. Simplesmente sentia falta de seu mestre. Era a primeira vez que vinha à sepultura desde que Durzo havia morrido.

Lágrimas começaram a escorrer, e Kylar só sabia que eram lágrimas de perda. Tinha perdido seu mestre, a garota por quem havia traído o mestre e a filha do mestre. Tinha perdido a única chance de uma vida pacífica. Herbalista afável! Era uma doce ilusão, talvez, mas fora doce. Kylar estava sozinho e cansado de ficar sozinho.

Algum roedor tinha feito um buraco ao pé do túmulo de Durzo. Durzo ficaria puto da vida se tivesse que passar a eternidade com roedores patinando seu cadáver. Kylar olhou para o buraco, irritado. Era suficientemente fundo para que, aos olhos normais, parecesse simplesmente um buraco negro, mas Kylar viu um nítido brilho metálico no fundo.

Ajoelhou-se e se apoiou no cotoco, mudou a posição para se apoiar no cotovelo – melhor – e enfiou a mão. Levantou-se segurando uma pequena caixa de metal lacrado. Havia uma palavra gravada nela: “Azoth”. Isso lhe provocou um arrepio. Quantas pessoas conheciam esse nome? Kylar abriu-a desajeitadamente entre o cotoco e a mão. Havia um bilhete dentro.

Ei, eu também tinha achado que seria minha última. Ele disse que eu poderia ter mais uma, em nome dos velhos tempos...

Os olhos de Kylar ficaram turvos. Não podia acreditar. A carta continuava, mas seu olhar foi atraído para as últimas palavras: *NÃO FAÇA NENHUM TRATO COM O LOBO*. A carta era datada de um mês depois de Kylar ter matado seu mestre. Durzo estava vivo.



Sobre o autor

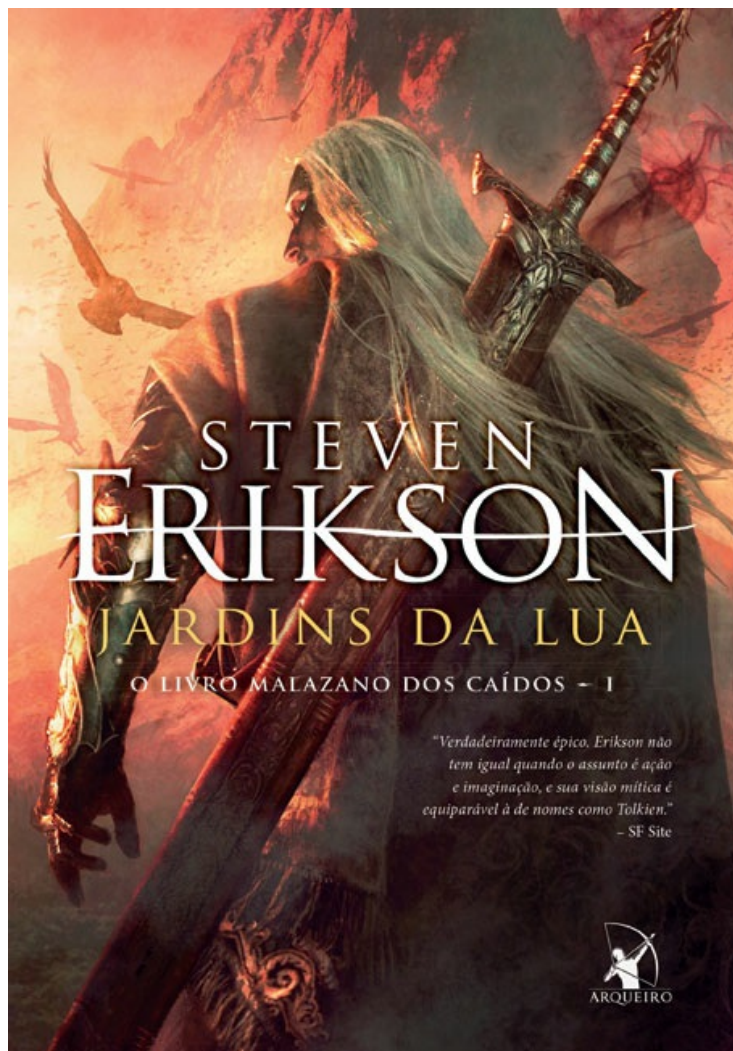


Nascido e criado em Montana, Brent Weeks escrevia suas ideias em guardanapos de bar e no seu caderno de professor. Muitos anos e milhares de páginas depois, embarcou na carreira de seus sonhos. Anjo da Noite é a sua primeira trilogia de fantasia.

Atualmente mora no Oregon com a esposa, Kristi, e a filha.

www.brentweeks.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



Jardins da lua
Steven Erikson

“Em termos de construção de universo e ambição narrativa, O Livro Malazano dos Caídos é talvez a série mais significativa da última década.”

- *Boston Globe*

Desde pequeno, Ganoes Paran decidiu trocar os privilégios da nobreza malazana por uma vida a serviço do exército imperial. O que o jovem capitão não sabia, porém, era que seu destino acabaria entrelaçado aos desígnios dos deuses, e que ele seria

praticamente arremessado ao centro de um dos maiores conflitos que o Império Malazano já tinha visto.

Paran é enviado a Darujhistan, a última entre as Cidades Livres de Genabackis, onde deve assumir o comando dos Queimadores de Pontes, um lendário esquadrão de elite. O local ainda resiste à ocupação malazana e é a joia cobiçada pela imperatriz Laseen, que não está disposta a estancar o derramamento de sangue enquanto não conquistá-lo.

Porém, em pouco tempo fica claro que essa não será uma campanha militar comum: na Cidade do Fogo Azul não está em jogo apenas o futuro do Império Malazano, mas estão envolvidos também deuses ancestrais, criaturas das sombras e uma magia de poder inimaginável.

Em *Jardins da lua*, Steven Erikson nos apresenta um universo complexo de cenários estonteantes e ações vertiginosas que mostram por que esta é considerada uma das maiores sagas épicas.



O nome do vento

Patrick Rothfuss

“Este é o típico primeiro romance que muitos autores sonham em escrever. O mundo da fantasia ganhou uma nova estrela.”

- *Publishers Weekly*

Ninguém sabe ao certo quem é o herói ou o vilão desse fascinante universo criado por Patrick Rothfuss. Na realidade, essas duas figuras se concentram em Kote, um homem enigmático que se esconde sob a identidade de proprietário da hospedaria Marco do Percurso.

Da infância numa trupe de artistas itinerantes, passando pelos anos vividos numa cidade hostil e pelo esforço para ingressar na escola de magia, *O nome do vento* acompanha a trajetória de Kote e as duas forças que movem sua vida: o desejo de aprender o mistério por trás da arte de nomear as coisas e a necessidade

de reunir informações sobre o Chandriano – os lendários demônios que assassinaram sua família.

Quando esses seres do mal reaparecem na cidade, um cronista suspeita de que o misterioso Kote seja o personagem principal de diversas histórias que rondam a região e decide aproximar-se dele para descobrir a verdade.

Pouco a pouco, a história de Kote vai sendo revelada, assim como sua multifacetada personalidade – notório mago, esmerado ladrão, amante viril, herói salvador, músico magistral, assassino infame.

Nesta provocante narrativa, o leitor é transportado para um mundo fantástico, repleto de mitos e seres fabulosos, heróis e vilões, ladrões e trovadores, amor e ódio, paixão e vingança.

Mais do que a trama bem construída e os personagens cativantes, o que torna *O nome do vento* uma obra tão especial – que levou Patrick Rothfuss ao topo da lista de mais vendidos do *The New York Times* – é sua capacidade de encantar leitores de todas as idades.



Mago: Aprendiz
Raymond E. Feist

“Um dos 100 melhores livros de todos os tempos.”
– *BBC*

“Uma fantasia épica repleta de ação eletrizante e
heróis inesquecíveis.”
– *The Washington Post*

Na fronteira do Reino das Ilhas existe uma vila tranquila chamada Crydee. É lá que vive Pug, um órfão franzino que sonha ser um guerreiro a serviço do rei. Mas a vida dá voltas e Pug acaba se tornando aprendiz do misterioso mago Kulgan. Nesse dia, o destino de dois mundos se altera para sempre.

Com sua coragem, Pug conquista um lugar na corte e no coração de uma

princesa, mas subitamente a paz do reino é desfeita por misteriosos inimigos que devastam cidade após cidade. Ele, então, é arrastado para o conflito e, sem saber, inicia uma odisseia pelo desconhecido: terá de dominar os poderes inimagináveis de uma nova e estranha forma de magia... ou morrer.

Dividida em quatro livros, A Saga do Mago é uma aventura sem igual, uma viagem por reinos distantes e ilhas misteriosas, onde conhecemos culturas exóticas, aprendemos a amar e descobrimos o verdadeiro valor da amizade. E, no fim, tudo será decidido na derradeira batalha entre as forças da Ordem e do Caos.



Meio rei
Joe Abercrombie

“Uma construção de mundo grandiosa, personagens maravilhosos e cenas de ação extraordinárias... *Meio rei* é o meu livro favorito de Abercrombie, e isso quer dizer muita coisa.”

– *Patrick Rothfuss*, autor de *O nome do vento*

“Assim como em todas as obras de Abercrombie, aqui a linha entre o bem e o mal é tênue e nada ocorre segundo as expectativas. *Meio rei* é definitivamente uma aventura com A maiúsculo.”

– *Rick Riordan*, autor da série *Percy Jackson e os Olimpianos*

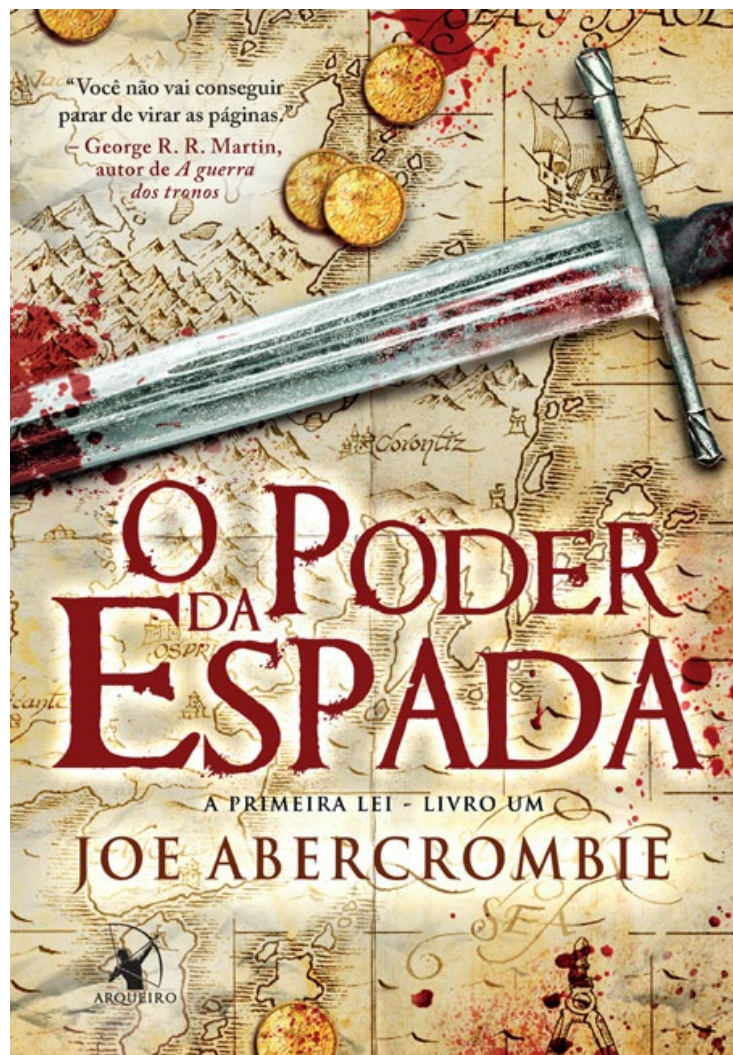
Filho caçula do rei Uthrik, Yarvi nasceu com a mão deformada e sempre foi considerado fraco pela família. Num mundo em que as leis são ditadas por pessoas de braço forte e coração frio, ser incapaz de brandir uma espada ou portar um escudo é o pior defeito de um homem.

Mas o que falta a Yarvi em força física lhe sobra em inteligência. Por isso ele estuda para ser ministro e, pelo resto da vida, curar e aconselhar. Ou pelo menos era o que ele pensava.

Certa noite, o jovem recebe a notícia de que o pai e o irmão mais velho foram assassinados e não lhe resta escolha a não ser assumir o trono. De uma hora para outra, ele precisa endurecer para vingar as duas mortes. E logo sua jornada o lança numa saga de crueldade e amargura, traição e cinismo, em que as decisões de Yarvi determinarão o destino do reino e de todo o povo.

Joe Abercrombie nos apresenta um protagonista surpreendente, numa história de percalços e amadurecimento que abre a trilogia Mar Despedaçado.

Ganhador do prêmio Locus, *Meio rei* foi considerado, em 2014, uma das 5 melhores obras de fantasia pelo *The Washington Post* e um dos 10 melhores livros para jovens pela *Time*.



O poder da espada
Joe Abercrombie

“Abercrombie escreveu a melhor trilogia de fantasia épica dos últimos tempos. É um escritor que ninguém deveria deixar de ler.”

– Junot Díaz, vencedor do Prêmio Pulitzer

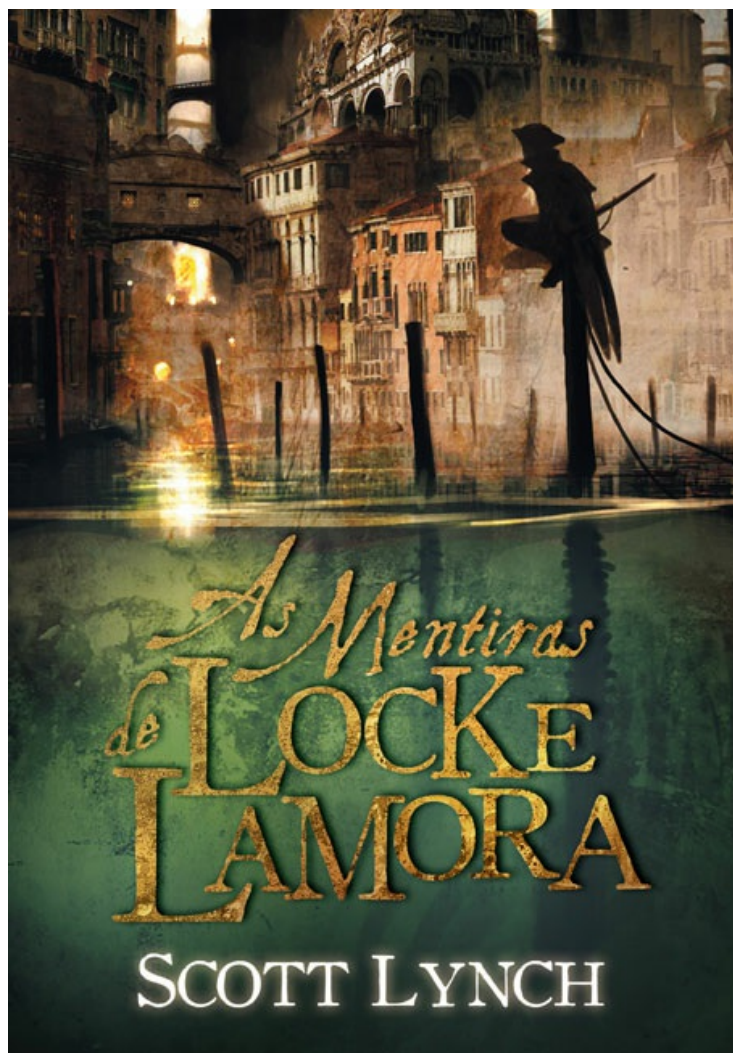
Uma guerra está prestes a eclodir. Assolada por conspirações internas, a União ainda precisa mobilizar seus exércitos para combater os inimigos externos. Nesse momento de incertezas, um homem se apresenta como o lendário Bayaz, o Primeiro dos Magos, retornando do exílio depois de séculos. Sua presença tornará a vida de Sand dan Glokta, Jezal dan Luthar e Logen Nove Dedos muito mais difícil.

Glokta é um ex-prisioneiro de guerra que passou anos sob tortura. Por ironia, agora é nas mãos dele que os supostos traidores da Coroa admitem crimes, apontam comparsas e assinam confissões – sejam culpados ou não. Já Nove Dedos é

conhecido por jamais deixar um inimigo viver tempo suficiente para falar uma palavra sequer.

Por sua vez, tudo o que o mulherengo Jezal deseja é obter fama e glória vencendo o campeonato de esgrima, para depois ser recompensado com um alto cargo no governo e jamais ter um dia de trabalho pesado na vida.

O destino desses quatro personagens está prestes a colidir – e, no impacto, a linha que separa o herói do vilão pode ficar tênue demais.



As mentiras de Locke Lamora
Scott Lynch

“Uma história original, vigorosa e arrebatadora de uma nova e brilhante voz da ficção fantástica.”

– *George R. R. Martin*

“Eu fiquei totalmente atordoado pela qualidade da obra: a linguagem e a construção de mundo e da trama, a perspicácia e a destreza de Scott Lynch. Provavelmente é um dos cinco melhores livros que li na vida.”

– *Patrick Rothfuss*, autor de *O nome do vento* e *O temor do sábio*

O Espinho é uma figura lendária: um espadachim imbatível, um especialista em roubos vultosos, um fantasma que atravessa paredes. Metade da excêntrica cidade de Camorr acredita que ele seja um defensor dos pobres, enquanto o restante o considera apenas uma invencionice ridícula.

Franzino, azarado no amor e sem nenhuma habilidade com a espada, Locke Lamora é o homem por trás do fabuloso Espinho, cujas façanhas alcançaram uma fama indesejada. Ele de fato rouba dos ricos (de quem mais valeria a pena roubar?), mas os pobres não veem nem a cor do dinheiro conquistado com os golpes, que vai todo para os bolsos de Locke e de seus comparsas: os Nobres Vigaristas.

O único lar do astuto grupo é o submundo da antiquíssima Camorr, que começa a ser assolado por um misterioso assassino com poder de superar até mesmo o Espinho. Matando líderes de gangues, ele instaura uma guerra clandestina e ameaça mergulhar a cidade em um banho de sangue. Preso em uma armadilha sinistra, Locke e seus amigos terão sua lealdade e inteligência testadas ao máximo e precisarão lutar para sobreviver.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35

[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)
[67](#)
[68](#)
[69](#)
[70](#)
[71](#)
[72](#)

[Epílogo](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)
[Informações sobre a Arqueiro](#)

Table of Contents

Créditos

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35

[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)
[67](#)
[68](#)
[69](#)
[70](#)
[71](#)
[72](#)

[Epílogo](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)
[Informações sobre a Arqueiro](#)